



“Uma trama de mestre, de ritmo
intenso e *timing* impecável.”

Washington Post

JOHN KATZENBACH O ANALISTA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JOHN KATZENBACH

O ANALISTA

2ª edição

Novo Século

Para meus companheiros de pesca: Ann, Peter, Phil e Leslie

PARTE 1

UMA CARTA INOPORTUNA

CAPÍTULO 1

No ano em que tinha quase certeza de que morreria, passou grande parte do aniversário de 53 anos como havia passado a maioria dos outros dias: ouvindo pessoas reclamarem das mães. Mães negligentes, mães cruéis e mães sexualmente provocativas. Mães já mortas, que continuavam vivas na mente dos seus filhos. Mães vivas, que os filhos queriam matar. O Sr. Bishop, em particular, mais a Srta. Levy e o autêntico azarado Roger Zimmerman, que dividia seu apartamento na Upper West Side e também, ao que parecia, a totalidade de sua vida consciente e de seus sonhos reais com uma mulher hipocondríaca, manipuladora e rabugenta, que não parecia dedicar-se a nada além de frustrar cada mínimo esforço de independência do filho único — todos eles haviam tirado o dia inteiro para descarregar a amargura sobre a mulher que os trouxera ao mundo.

Ele ouvia em silêncio os maiores surtos de ira assassina, interferindo apenas de vez em quando com o comentário mais inocente possível, nunca interrompendo a fúria vomitada do divã, e a todo tempo desejava que ao menos um dos seus pacientes pudesse respirar fundo, renunciar à raiva e encarar a situação como realmente era: ódio de si mesmo. Ele sabia por aprendizado e experiência que, finalmente, após anos de conversas amargas naquele universo do consultório, estranhamente afastado de tudo, todos eles, até mesmo o pobre, desesperado e desajeitado Roger Zimmerman, chegariam por si mesmos a essa conclusão.

Além disso, a ocasião de seu aniversário, que o fazia lembrar-se mais diretamente de sua própria mortalidade, levou-o a pensar se teria tempo suficiente para ver algum deles passar por aquele momento de aceitação que é o grande triunfo do analista. O próprio pai morreria pouco depois de chegar aos 53, o coração enfraquecido pelo fumo compulsivo e pelo estresse, um fato que, ele sabia, escondia-se malévola e sutilmente em seu subconsciente. Assim, enquanto o desagradável Roger Zimmerman lamentava-se e choramingava pelos minutos finais da última sessão do dia, ele estava um pouco distraído, sem prestar a atenção que devia, quando ouviu três toques fracos na campainha que havia instalado na sala de espera.

A campainha era o sinal combinado para anunciar a chegada de um outro paciente. Todo novo cliente era informado, antes da primeira sessão, que ao chegar deveria tocar duas vezes a campainha em uma rápida sequência, seguidos por um terceiro toque mais longo. Isso era para diferenciar a chegada dos pacientes da chegada de qualquer vendedor, leitor do relógio da água, vizinho ou entregador que chegasse à sua porta.

Sem mudar de posição, deu uma olhada na agenda próxima ao relógio que

ficava na pequena mesa por trás da cabeça dos pacientes, onde não poderiam vê-los. Ainda não eram seis horas. O relógio marcava doze minutos para as seis e Roger Zimmerman pareceu firmar-se no divã.

— Eu pensei que era o último todos os dias. Ele não respondeu.

— Ninguém jamais chegou depois de mim, pelo menos não que eu me lembre. Nem uma vez. Você mudou os horários sem me avisar?

Novamente ele não respondeu.

— Eu não gosto da ideia de alguém chegando depois de mim -disse Zimmerman decidido. — Eu quero ser o último.

— Por que acha que se sente assim? — finalmente perguntou.

— De uma certa forma, ser o último é o mesmo que ser o primeiro — Zimmerman respondeu, com um tom de voz que implicava que qualquer idiota teria pensado a mesma coisa.

Ele concordou com a cabeça. Zimmerman havia feito uma observação intrigante e precisa. Mas, como o pobre coitado sempre fazia, tinha dito aquilo no último momento da sessão. Não no começo, quando poderiam ter desenvolvido uma discussão produtiva pelos cinquenta minutos restantes.

— Tente trazer essa ideia na sessão de amanhã — disse ele. — Podemos começar por aí. Acho que terminamos por hoje.

Zimmerman hesitou antes de se levantar.

— Amanhã? Corrija-me se eu estiver errado, mas amanhã é o último dia antes de você sumir nas suas malditas férias de agosto, como faz todo maldito ano. De que me adiantaria?

Mais uma vez ele permaneceu em silêncio, deixando a pergunta no ar, voando sobre a cabeça do paciente. Zimmerman esbravejou:

— Quem quer que esteja aí fora é mais interessante do que eu, não é? — disse amargamente. Então Zimmerman girou os pés para fora do divã e olhou para o doutor. — Eu não gosto quando as coisas mudam — disse ríspidamente. — Eu não gosto nada disso. — Ele lançou um olhar rápido e penetrante para o doutor enquanto se levantava, sacudindo os ombros e retorcendo o rosto de forma repugnante. — Deveria ser sempre a mesma coisa. Eu venho, deito, começo a falar. O último paciente todos os dias. É assim que tem de ser. Ninguém gosta de mudanças. Ele suspirou, mas dessa vez com um pouco mais de raiva, sem resignação. — Tudo bem. Amanhã, então. A última sessão antes que você vá para Paris, Cape Cod, Marte ou para onde quer que seja, deixando-me completamente sozinho. — Zimmerman virou-se abruptamente e, decidido, atravessou o pequeno consultório saindo pela porta sem olhar para trás uma vez sequer.

Por um momento, permaneceu na poltrona escutando o som distante dos passos do homem furioso, ressoando no corredor externo. Então levantou-se,

sentindo o impacto da idade que lhe havia endurecido as juntas e os músculos durante a longa e sedentária tarde por trás do divã, e seguiu para a entrada, numa segunda porta que dava para sua modesta sala de espera. De certo modo, aquela sala de aparência estranha e improvável, onde havia instalado seu consultório há várias décadas, era algo singular, e havia sido a única razão pela qual tinha alugado o apartamento no ano seguinte após terminar sua residência e a razão pela qual estava ali havia mais de um quarto de século.

O consultório tinha três portas: uma que dava para o vestíbulo, que ele havia transformado em uma pequena sala de espera; uma segunda, que levava diretamente ao corredor do apartamento; e uma terceira, que dava acesso a uma modesta cozinha, à sala de estar, a um quarto e ao restante do apartamento. Seu consultório era um tipo de ilha particular, com saídas para esses outros mundos. Ele o via como uma passagem subterrânea, uma ponte entre diferentes realidades. Ele gostava disso por acreditar que a separação do consultório com o mundo externo ajudava a tornar seu trabalho mais fácil.

Ele não tinha ideia de qual dos seus pacientes havia chegado sem hora marcada. Não conseguia lembrar-se de nenhuma ocasião em que um paciente tivesse agido assim, em todos os anos de profissão.

Também não conseguia imaginar qual de seus pacientes poderia estar em tamanha crise a ponto de mudar tão inesperadamente a relação entre analista e analisando. Ele acreditava na rotina, rotina e paciência, onde o simples peso das palavras ditas na pureza artificial, porém absoluta, do consultório do analista um dia se transformariam em entendimento e auto-compreensão. Sobre isso Zimmerman tinha razão. Mudanças não eram uma coisa natural. Então, ele cruzou rapidamente a sala com certa expectativa, levemente perturbado com a ideia de que alguma coisa urgente viesse invadir uma vida que ele receava já se ter tornado completamente sem graça e tremendamente previsível.

Ele abriu a porta da sala de espera e olhou.

A sala estava vazia.

Por um momento, ficou confuso e achou que talvez se tivesse enganado com a campainha. Mas Zimmerman também havia escutado. E também havia reconhecido o toque combinado avisando que alguém conhecido estava na sala de espera.

— Olá? — disse ele, apesar de claramente não haver ninguém ali para ouvi-lo.

Ele podia sentir a testa franzir com a surpresa e ajeitou os óculos com aro de metal no nariz. — Estranho — disse alto. Então notou o envelope deixado sobre a única cadeira que havia para os pacientes esperarem a consulta. Ele respirou lentamente, balançou a cabeça e achou aquilo um pouco melodramático demais, mesmo para os componentes de sua atual lista de pacientes.

Foi em frente e pegou o envelope. Seu nome estava escrito do lado de fora.

— Que estranho — disse ele em voz alta. Ele hesitou um pouco antes de abrir a carta, segurando-a acima da testa como Johnny Carson costumava fazer em seu quadro "Carnac, o magnífico", tentando, naquele momento, adivinhar qual dos seus pacientes teria deixado aquela carta ali. Mas aquele ato não parecia característico de nenhum dos 12 que ele recebia regularmente. Todos eles gostavam de expor direta e frequentemente suas queixas sobre o que percebiam como inadequado e falho, o que, embora algumas vezes irritante, era parte integrante do processo.

Ele abriu o envelope e desdobrou duas folhas de papel preenchidas com letras datilografadas. Leu apenas a primeira linha:

Feliz aniversário de 53 anos, doutor. Bem-vindo ao primeiro dia de sua morte.

Respirou fundo num só fôlego. O ar de mofo do apartamento pareceu deixá-lo tonto. Apoiou-se rapidamente na parede para se recompor.

Dr. Frederick Starks, um homem que lidava profissionalmente com a introspecção, vivia sozinho, atormentado pelas memórias de outras pessoas.

Caminhou até sua pequena e antiga mesa de madeira. Um presente recebido da esposa quinze anos antes. Fazia três anos que ela morrera, e quando ele se sentava naquela mesa era como se ainda ouvisse a voz dela. Abriu as duas folhas da carta à sua frente sobre o mata-borrão. Pensou que já fazia uma década desde a última vez em que sentira medo de verdade. E o que o deixara com medo fora o diagnóstico do oncologista de sua esposa. Agora, este gosto ácido e seco na boca era tão indesejado quanto a aceleração de seu coração, que sentia galopar dentro do peito.

Levou alguns segundos para acalmar as batidas. Esperou pacientemente até sentir o ritmo diminuir lentamente. Estava profundamente consciente da sua solidão naquele momento, e odiava a vulnerabilidade que ela criava nele.

Ricky Starks — raramente permitia que alguém soubesse o quanto preferia o som infantil e fraternal dessa abreviação informal ao mais extenso Frederick — era um homem que necessitava de rotina e ordem. Dedicava-se a uma regularidade que certamente beirava a obsessão; acreditava que impor tamanha ordem na sua própria vida diária era a única forma segura de manter sentido na confusão e caos que seus pacientes traziam todos os dias para ele. Fisicamente, era esguio, com pouco mais de 1,80m de altura, um corpo ascético, magro, que ele mantinha graças a uma enérgica caminhada diária, na hora do almoço, e a uma firme recusa a ceder aos doces e sorvetes que ele secretamente adorava.

Usava óculos, o que era comum para um homem da sua idade, apesar de orgulhar-se de precisar do grau mínimo. Também se orgulhava de, apesar de escasso,

o cabelo ainda cobrir o topo da cabeça como o trigo nos campos. Não fumava mais e só raramente bebia um cálice de vinho, uma vez ou outra, para ajudar no sono. Era um homem que se acostumara com a solidão, aventurando-se a comer sozinho em um restaurante, assistir a um show da Broadway ou ir ao cinema sem companhia. Considerava seu corpo e sua mente em excelentes condições. Na maioria das vezes, sentia-se mais jovem do que era. Mas estava profundamente consciente de que a idade à qual chegava era a mesma com que o pai morrera, e apesar da comparação ilógica, não achava que viveria mais de 53 anos, como se isso fosse injusto ou, de alguma forma, inapropriado. Apesar disso, pensou contraditoriamente, enquanto olhava mais uma vez para as primeiras palavras da carta, ainda não estou pronto para morrer. Continuou lendo, lentamente, parando a cada frase, deixando que o terror e o pânico se enraizassem dentro dele.

Eu existo em algum lugar do seu passado.

Você arruinou a minha vida. Você pode não saber como, ou por quê, ou ainda quando, mas arruinou. Você trouxe desgraça e tristeza a cada minuto da minha existência. Você arruinou a minha vida. E agora eu pretendo arruinar completamente a sua.

Ricky Starks respirou fundo mais uma vez. Ele vivia em um mundo comumente habitado por falsas ameaças e promessas mentirosas, mas imediatamente percebeu que as palavras à sua frente eram muito diferentes daquele discurso cheio de rodeios que ele estava acostumado a ouvir todos os dias.

Primeiro, pensei simplesmente em matá-lo para ficarmos quites. Mas percebi que seria fácil demais. Você é um alvo pateticamente fácil, doutor. Você não fecha as portas durante o dia. Percorre o mesmo caminho todos os dias, de segunda à sexta. Nos finais de semana, você continua incrivelmente previsível, com sua saída para comprar o Times, um pão de alho, um café, com duas colheres de açúcar, sem leite, a dois quarteirões de sua casa.

Seria fácil demais. Persegui-lo e matá-lo não seria um grande desafio. E, dada a facilidade com que se pode assassiná-lo, acho que isso não me daria a satisfação necessária.

Decidi que prefiro que você se mate.

Rick Starks mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Ele podia sentir o calor subindo daquelas palavras diante dele, como se viesse de um fogão a lenha, aquecendo-lhe a testa e o rosto. Seus lábios estavam secos, e ele passou a língua inutilmente sobre eles.

Mate-se, doutor.

Salte de uma ponte. Estoure seus miolos com uma arma.

Atire-se embaixo de um ônibus. Pule na frente de um trem do metrô. Abra o gás do fogão e acenda a luz. Encontre uma viga adequada e se enforque. Você pode

escolher o método.

Mas é a sua melhor opção.

Seu suicídio será mais apropriado, dadas as atuais circunstâncias do nosso relacionamento. E, certamente, o meio mais satisfatório de pagar a dívida que tem comigo.

Então, este é o jogo que vamos jogar: você tem exatamente quinze dias, começando amanhã às seis horas da manhã, para descobrir quem eu sou. Se conseguir descobrir, compre um box de anúncio no fim da primeira página do New York Times e coloque ali o meu nome. Isso é tudo: é só colocar meu nome.

Se você não descobrir quem eu sou, então... bem, essa é a parte mais divertida. Você vai perceber que a segunda folha desta carta contém os nomes de cinquenta e dois parentes seus. Estão por ordem de idade, desde um recém-nascido, de quase Seis meses de idade, o filho de sua sobrinha-neta, até o seu primo, o investidor de Wall Street e notável capitalista, que é um ser tão sem graça quanto você. Se não conseguir colocar o anúncio como expliquei, então você só terá uma escolha: matar-se imediatamente ou destruirei uma dessas pessoas inocentes.

Destruir.

Que palavra intrigante! Pode significar a ruína financeira. Pode significar uma queda social. Pode significar violência psicológica.

Pode ainda significar assassinato. Pense nisso. Pode ser alguém jovem ou velho. Homem ou mulher. Rico ou pobre.

A única coisa que posso garantir é que será um acontecimento do qual eles — ou seus entes queridos — jamais se recuperarão, não importa quantos anos passem fazendo análise. E seja lá o que for, você vai viver até os últimos segundos dos últimos minutos de sua vida nesta Terra com a certeza de que foi você quem lhes causou isso.

A não ser, é claro, que você tome a decisão mais honrada e se mate antes, salvando de seu destino qualquer outro alvo que eu tenha escolhido.

Eis a sua escolha: meu nome ou sua nota de falecimento. No mesmo jornal, é claro.

Como prova da extensão do meu alcance e do meu plano, entrei em contato hoje com um dos nomes da lista por meio de uma pequena e modesta mensagem. Sugiro que você passe o restante desta noite procurando saber quem foi contatado e como. Assim, você pode começar a verdadeira tarefa que tem à sua frente, sem demora, amanhã de manhã.

É claro que não espero que você adivinhe minha identidade.

Portanto, para mostrar que tenho espírito esportivo, decidi que de vez em quando, no decorrer dos próximos quinze dias, darei a você uma ou outra pista. Só

para deixar as coisas mais interessantes, apesar de que um tipo intuitivo e esperto como você, deve deduzir que esta carta inteira está cheia de pistas. No entanto, aqui vai uma prévia, e é de graça.

*No passado, tudo era alegre e cheio de vida,
Mamãe, papai e uma pequena criança.*

Mas aquele tempo bom acabou

Quando papai para o mar viajou.

Poesia não é o meu forte.

O ódio, sim.

Você pode fazer três perguntas. Do tipo que se responde com Sim ou Não, por favor.

Use o mesmo método, a coluna de anúncios da 1ª. página do New York Times.

Eu responderei do meu jeito dentro de vinte e quatro horas.

Boa sorte. Você pode também aproveitar o tempo para organizar seu funeral. Uma cremação seria provavelmente melhor que um enterro elaborado. Eu sei o quanto você detesta igrejas. Não acho que seja uma boa ideia chamar a polícia. Eles certamente rirão de você, o que, eu acho, sua arrogância não suportará. E isso pode enfurecer-me ainda mais e, por enquanto, você ainda não tem ideia de como eu sou instável. Posso responder a esse ato de forma imprevisível, de várias maneiras terríveis. Mas de uma coisa esteja absolutamente certo:

Meu ódio não conhece limites.

A carta estava assinada em letras maiúsculas: RUMPLESTILTSKIN .

Rick Starcks recostou-se com força na cadeira, como se a fúria que emanava daquelas palavras à sua frente tivesse atingido seu rosto como um soco. Pôs-se de pé, caminhou para a janela e abriu-a, deixando que os sons da cidade invadissem a quietude da pequena sala, carregados por uma brisa tardia e inesperada de julho que prometia uma tempestade a caminho da cidade. Respirou fundo, buscando no ar algum tipo de alívio para o calor que tomara conta dele. Ouviu uma estridente sirene de polícia a alguns quarteirões de distância e a cacofonia das buzinas, que eram a música de fundo em Manhattan. Respirou fundo duas ou três vezes e depois fechou a janela, deixando para fora todos os sons da vida urbana normal. Voltou à carta.

Estou em apuros, pensou. Mas ainda não sabia o quanto.

Percebeu que estava sendo profundamente ameaçado, mas os limites daquela ameaça ainda não estavam claros. Uma parte significativa dele insistia para que ignorasse aquele documento sobre a mesa: que simplesmente se recusasse a entrar em algo que não se parecia muito com um jogo. Ele bufou com força, deixando que as ideias florescessem em sua mente. Todo seu aprendizado e experiência sugeriam

que não fazer nada era o mais razoável. Afinal de contas, muitas vezes o analista percebe que manter o silêncio e não responder nada diante do comportamento mais provocativo e ultrajante de um paciente é o meio mais fácil de se chegar à verdade psicológica dos atos. Ele se levantou e deu duas voltas ao redor da mesa, como um cão que fareja algo estranho.

Na segunda volta, parou e olhou mais uma vez para as palavras escritas naquelas páginas.

Ele sacudiu a cabeça. Não vai funcionar, percebeu. Por um momento chegou a admirar a sofisticação do autor da carta. Ricky compreendeu que teria recebido um "vou matar você" com desinteresse e quase aborrecimento. Afinal de contas, ele já havia vivido bastante, e relativamente bem, pensou. Portanto, ameaçar matar um homem de meia-idade não significaria muita coisa. Mas não era isso que ele estava enfrentando. A ameaça era mais indireta. Alguém mais estava fadado a sofrer, caso ele não fizesse nada a respeito. Alguém inocente e, certamente, alguém jovem, porque os jovens são mais vulneráveis.

Ricky engoliu seco. Eu me sentiria culpado e passaria o resto dos meus dias em verdadeira agonia.

Sobre isso, o autor da carta estava absolutamente correto.

Ou então deveria me matar. De repente sentiu um amargo na boca. Suicídio seria a antítese de tudo aquilo que defendeu durante toda a vida. Ele suspeitava que a pessoa que se assinava Rumpelstiltskin sabia disso.

Sentiu-se subitamente posto em julgamento.

Novamente começou a caminhar pelo escritório, avaliando a carta. Uma voz forte dentro dele dizia pra esquecer tudo, ignorar a mensagem, caracterizá-la como um exagero e uma fantasia sem fundamento, mas ele não conseguia fazer isso. Ricky recriminou-se: Só porque algo deixa você desconfortável, não significa que você deva ignorar isso.

Mas ele realmente não tinha uma boa ideia de como reagir àquilo. Parou de andar e voltou para sua cadeira. Loucura, pensou ele. Mas loucura com um toque diferenciado de sofisticação, já que vai me fazer entrar no jogo.

— Eu devia ligar para a polícia — disse em voz alta. Então parou. E dizer o quê? Ligar para a polícia e contar para algum sargento burocrático sem imaginação que tinha recebido uma carta com ameaças? E ouvir um E daí? Na melhor das hipóteses, seria informado de que nenhuma lei havia sido violada. A não ser que sugerir o suicídio a alguém fosse algum tipo de violação. Extorsão? Que tipo de homicídio seria aquele? — pensava. Ocorreu-lhe chamar um advogado, então compreendeu que o problema colocado pela carta de Rumpelstiltskin não era de ordem legal. Tinha sido abordado em um campo que conhecia bem. O jogo sugerido era sobre intuição e psicologia; dizia respeito a emoções e medos. Ele sacudiu a

cabeça e disse a si mesmo: posso jogar nesse campo.

— Que você já sabe? — perguntou à sua sombra na sala vazia.

Alguém conhece minha rotina. Sabe como permito que os pacientes entrem no meu consultório. Sabe quando paro para almoçar. Sabe o que eu faço nos finais de semana. Também é esperto o suficiente para fazer uma lista com os nomes dos meus parentes. Isso exigia um certo talento.

Sabe o dia do meu aniversário.

Ele respirou profundamente, de novo. Eu fui estudado.

Eu não percebi isso, mas alguém esteve de alguma forma me observando. Testando-me. Alguém dedicou tempo e esforço consideráveis para criar esse jogo sem me dar muito tempo para reagir.

Sua língua e seus lábios continuavam secos. Repentinamente ficou morto de sede, mas sem vontade de abandonar a reclusão do consultório para ir até a cozinha pegar um copo d'água.

— O que eu teria feito para que alguém me odiasse tanto? — perguntou ele.

A pergunta foi como um soco no estômago. Ricky sabia que apreciava a arrogância de muitos benfeitores que acreditavam ter feito algum benefício para seu mundinho particular por meio da compreensão e aceitação da existência de alguém. A ideia de ter criado uma horrível infecção de ódio em alguém, em algum lugar, era algo extremamente perturbador.

— Quem é você? — perguntou à carta. Imediatamente começou a examinar as pastas de pacientes, remexendo em coisas de décadas atrás, mas parou o que estava fazendo. Sabia que mais cedo ou mais tarde teria de fazer aquilo, mas de forma sistemática, disciplinada, persistente, coisa que ainda não estava preparado pra fazer.

Ricky não se considerava a pessoa mais qualificada para ser seu próprio policial. Mas sacudiu a cabeça, percebendo que, de certo modo, não era verdade. Ele tinha sido uma espécie de detetive por vários anos. A diferença, claro, era apenas a natureza dos crimes que investigava e as técnicas empregadas. Apoiado nesse raciocínio, Ricky Starks recostou-se na cadeira, alcançou a gaveta de cima do lado direito e tirou dela uma antiga agenda telefônica de capa de couro tão velha que estava amarrada com um elástico. Para começar, disse a si mesmo, poderia encontrar o parente contatado por essa pessoa. Deve ser algum paciente antigo, pensou, alguém que interrompeu de repente a análise e caiu em depressão. Alguém que desenvolveu uma fixação quase psicótica durante anos. Imaginou que com um pouquinho de sorte e talvez com uma ou duas dicas do parente contatado ele poderia identificar esse ex-paciente frustrado. Tentou dizer a si mesmo, confortadoramente, que o escritor da carta — Rumplestiltskin — estava, na verdade, pedindo ajuda. Então, rapidamente descartou esse pensamento tolo. Com a agenda na mão, Ricky

pensou sobre o personagem do conto de fadas cujo nome o autor da carta escolhera. Cruel, pensou consigo mesmo. Um gnomo mágico com um coração de pedra e que acaba derrotado por pura má sorte. Essa observação não fez com que ele se sentisse nem um pouco melhor.

A carta parecia brilhar em cima da mesa diante dele.

Balançou a cabeça lentamente. Isso diz muita coisa, insistiu. Misture as palavras na carta com aquilo que o escritor já fez e estará provavelmente a meio caminho de descobrir quem ele é.

Então, pôs a carta de lado e abriu a agenda, procurando o número da primeira das 52 pessoas da lista. Fez uma careta e começou a apertar as teclas do telefone. Na última década, tivera pouco contato com seus parentes e suspeitava que nenhum deles estaria muito interessado em falar com ele. Especialmente dada a natureza daquela ligação.

CAPÍTULO 2

Ricky Starks sentiu-se especialmente desconfortável ao tentar arrancar informações de parentes que se surpreendiam ao ouvir sua voz. Estava acostumado a interiorizar tudo aquilo que ouvia dos pacientes no consultório, mantendo o controle das observações e percepções. Mas conforme ia discando um número após outro, sentia-se em terreno desconfortável e pouco familiar. Ele não foi capaz de elaborar um roteiro verbal que pudesse seguir, alguma saudação padronizada seguida de uma breve explicação sobre por que motivo estava ligando. Em vez disso, tudo o que podia ouvir era a hesitação e a indecisão na própria voz, enquanto tropeçava em saudações banais, na tentativa clara de arrancar alguma resposta à pergunta mais idiota: Aconteceu alguma coisa estranha com você?

Consequentemente, teve uma tarde cheia com uma série de conversas telefônicas verdadeiramente irritantes. Seus parentes também ficavam bastante surpresos ao falar com ele — ocupados com atividades que ele estaria interrompendo ou, simplesmente, respondendo com aspereza —, tentando entender porque ele surgia do nada, telefonando inesperadamente. Havia uma característica brusca em cada contato, e mais de uma vez ele foi dispensado secamente. Muitos perguntaram "Que diabos está acontecendo?", e ele mentia dizendo que um antigo paciente havia de alguma forma conseguido uma lista com os nomes de seus parentes e ele estava com medo de que algum deles tivesse sido procurado. Ele deixou de lado a possibilidade de algum deles estar sendo ameaçado, pois imaginava que seria a maior mentira de todas.

Já eram quase dez horas da noite, perto de sua hora de dormir, e ainda havia mais de vinte nomes na lista. Até então, ele não tinha conseguido discernir nada de

substancialmente fora do comum na vida de nenhuma das pessoas contatadas que merecesse futuras investigações. Mas, ao mesmo tempo, ele duvidava de suas próprias habilidades investigativas. A estranha imprecisão na carta de Rumpelstiltskin fazia com que ele tivesse a impressão de estar perdendo alguma dica. Além disso, era igualmente possível que, em qualquer uma das breves conversas que tivera naquela noite, a pessoa contatada pelo autor da carta não tivesse contado a verdade para Ricky. E dos diversos telefonemas, só tinha conseguido respostas frustrantes. Por três vezes precisou deixar mensagens forçadas e enigmáticas em secretárias eletrônicas.

Recusava-se a acreditar que a carta deixada ali naquele dia fosse uma simples charada, apesar de que isso seria uma boa coisa. Suas costas estavam contraídas. Não havia comido e estava faminto. Tinha uma forte dor de cabeça. Passou a mão pelos cabelos e depois esfregou os olhos antes de discar para o próximo número, sentindo a tensão, quase uma exaustão latejar-lhe nas têmporas. Imaginou que o sofrimento provocado por aquela dor de cabeça era apenas um pequeno castigo diante do que acabava de perceber: estava isolado e afastado da maior parte da sua família.

Aquela era a recompensa por sua negligência, Ricky pensou enquanto discava novamente o número de telefone da vigésima primeira pessoa da lista de Rumpelstiltskin. Era pouco razoável esperar que algum dos parentes recebesse bem aquele contato depois de tantos anos de silêncio, especialmente os mais distantes, com quem havia compartilhado poucas coisas. Muitos fizeram uma pausa quando ele disse seu nome, como se estivessem tentando lembrar-se quem era ele. Nesses momentos, ele se sentia como um velho eremita descendo de uma montanha, ou como um urso nos primeiros minutos após uma longa hibernação de inverno.

O vigésimo primeiro nome parecia vagamente familiar. Ele concentrou-se com esforço, tentando associar um rosto e alguma característica ao nome à sua frente. Uma pequena imagem surgiu em sua mente. Sua irmã mais velha, que havia falecido há uns dez anos, tivera dois filhos, e aquele era o mais velho dos dois. Isso fazia de Ricky um tio de pouca importância. Ele não tivera nenhum contato com nenhum sobrinho ou sobrinha desde o funeral de sua irmã. Vasculhou o cérebro tentando lembrar-se de algo além da aparência, alguma coisa mais sobre aquele nome. Teria uma esposa? Teria uma família, uma carreira? Quem era ele?

Ricky sacudiu a cabeça. Sua mente estava vazia. A pessoa com quem ele deveria entrar em contato tinha apenas um pouco mais de personalidade do que qualquer nome que ele pegasse numa lista telefônica. Estava irritado consigo mesmo. Isso não está certo, insistiu ele, você deve lembrar de alguma coisa. Ele pensou na irmã, quinze anos mais velha que ele, um abismo de idade que os tornara membros de uma mesma família girando em órbitas bem diferentes. Ela era a mais

velha. Ele, uma criança que nascera por acidente, o eterno bebê da família. Ela fora poeta, formada por uma abastada universidade para mulheres durante os anos 50, havia trabalhado inicialmente como editora e depois havia-se casado muito bem — com um advogado de empresas de Boston. Seus dois filhos moravam em New England.

Ricky olhou para o nome escrito na folha diante dele. Havia um endereço em Deerfield, Massachusetts, DDD 413. Uma explosão de memória irrompeu em sua mente. O filho dela era professor de uma escola particular naquela cidade. Que ele ensinava, mesmo? — Ricky se perguntou. A resposta veio em alguns segundos: história. História dos Estados Unidos. Ele apertou seus olhos por um momento, e surgiu uma imagem mental: um homem baixo, magro e musculoso, com uma jaqueta de lã, óculos de aro de chifre e cabelos ralos cor de areia. Um homem com uma esposa que tinha bem uns cinco centímetros a mais do que ele.

Ele suspirou e, com pelo menos uma pequena parcela de informações, pegou o telefone.

Discou o número e esperou o telefone tocar umas seis vezes antes de ser atendido por uma voz que tinha o inconfundível tom da juventude. Profunda, mas ansiosa.

— Alô?

— Alô — disse Ricky. — Estou tentando falar com Timothy Graham. Quem fala é o tio Frederick. Doutor Frederick Starks...

— Eu sou Tim Júnior.

Ricky hesitou, e depois continuou:

— Olá, Tim Júnior. Acho que não nos conhecemos...

— Já nos conhecemos, sim. De verdade. Eu me lembro. No funeral da vovó. Você estava sentado logo atrás dos meus pais na segunda fileira dos bancos da igreja e você falou para o meu pai que foi bom que a vovó não tivesse durado muito. Eu me lembro disso porque, na época, não entendi.

— Você devia ter uns...

— Sete anos.

— E agora você está com...

— Quase dezessete.

— Você tem uma boa memória para se lembrar de um encontro como aquele.

O jovem refletiu um pouco e respondeu: — O funeral da minha avó me deixou muito impressionado. — Ele não se explicou e mudou de assunto: — Você quer falar com o meu pai?

— Sim, se for possível.

— Por quê?

Ricky achou que aquela era uma pergunta incomum para alguém tão jovem.

Não tanto por Timothy Júnior querer saber o porquê da ligação, visto que isso era uma característica natural dos jovens. Mas, naquele contexto, a pergunta tinha um leve ar protetor. Ricky pensou que a maioria dos adolescentes teria simplesmente entregado o telefone para o pai e voltado a fazer o que quer que estivessem fazendo, assistir TV ou fazer o dever de casa ou jogar videogame, porque uma ligação inesperada de um velho e distante parente não era algo que acrescentariam à sua lista de coisas relevantes.

— Bem, é sobre uma coisa um pouco estranha — disse ele.

— Este dia foi mesmo estranho — respondeu o adolescente.

Essa afirmação chamou a atenção de Ricky.

— Como assim? — perguntou ele.

Mas o adolescente não respondeu.

— Não sei se meu pai vai querer falar com você agora, a não ser que ele saiba do que se trata.

— Bem — disse cuidadosamente Ricky —, acho que ele estaria interessado no que tenho para falar com ele.

Timothy Júnior entendeu e respondeu:

— Ele está ocupado no momento. A polícia ainda está aqui.

A respiração de Ricky acelerou-se. — Polícia? Aconteceu alguma coisa?

O adolescente ignorou aquela pergunta e questionou, por sua vez: — Por que você ligou? Quero dizer, não temos notícias suas há...

— Vários anos. Dez, pelo menos. Desde o funeral da sua avó.

— Certo, foi isso o que pensei. Por que essa ligação repentina agora?

Ricky achou que o garoto tinha razão de estar desconfiado. Ele soltou seu discurso pronto: — Um antigo paciente meu — você lembra que sou médico, não é, Tim? — pode tentar entrar em contato com alguns dos meus parentes. E mesmo sem ter contato por todos esses anos, preciso alertá-los sobre isso. Esse é o motivo da minha ligação.

— Que tipo de paciente? Você é psiquiatra, certo?

— Psicanalista.

— E esse paciente, ele é perigoso? É um louco? Ou as duas coisas?

— Acho que é melhor eu conversar sobre isso com o seu pai.

— Eu já disse, ele está falando com a polícia nesse momento. Acho que eles já estão de saída.

— Por que ele está falando com a polícia?

— Por causa da minha irmã.

— Que aconteceu com a sua irmã? — Ricky tentou lembrar-se do nome da garota e formar uma imagem mental dela, mas a única coisa de que pôde recordar, foi de uma pequena criança de cabelos loiros, vários anos mais nova que o irmão.

Lembrava dos dois sentados, na recepção após o funeral de sua irmã, desconfortavelmente vestidos em roupas pretas, quietos, mas impacientes, ansiosos para que tudo acabasse logo e suas vidas voltassem ao normal.

— Alguém a seguiu... — o adolescente começou a falar, e depois parou. — Eu acho que vou passar para o meu pai — disse rapidamente. Ricky escutou o telefone bater na mesa e vozes abafadas ao fundo.

No momento em que pegaram o telefone, Ricky ouviu uma Voz que parecia ser a mesma do adolescente, só que mais cansada. Ao mesmo tempo, a voz parecia ter uma urgência preocupante, como se o seu dono estivesse sendo pressionado, ou tivesse sido pego por um momento de indecisão. Ricky gostava de se achar especialista em vozes, inflexões e tons, escolha de palavras e ritmo, características indicadoras ou janelas que mostravam o que estava escondido dentro das pessoas. O pai do adolescente falou sem se apresentar.

— Tio Frederick? Isso é muito inesperado e eu estou no meio de uma crise familiar no momento, então espero que seja realmente algo importante. Que posso fazer por você?

— Oi, Tim. Gostaria de me desculpar por me intrometer dessa forma...

— Tudo bem. Tim Júnior disse que o senhor nos queria alertar...

— De certa forma, sim. Eu recebi uma carta enigmática de alguém que pode ter sido meu paciente. A carta tem o que podemos chamar de tom ameaçador, primeiramente direcionado a mim. Mas diz ainda que o autor pode entrar em contato com um de meus parentes. Estou ligando para a família alertando a todos e tentando descobrir se alguém foi procurado.

Houve um silêncio frio e mortal no telefone que durou cerca de um minuto.

— Que tipo de paciente? — Tim perguntou bruscamente, como seu filho fizera antes. — Trata-se de alguém perigoso?

— Eu não sei quem é a pessoa. A carta não estava assinada. Estou apenas imaginando que seja um antigo paciente, mas realmente não sei ao certo. Na verdade, não estou certo a respeito de nada.

— Isso soa muito vago. Vago demais.

— Você tem razão. Sinto muito.

— Você acha que essa ameaça é algo real?

Ricky ouviu uma ponta de aspereza na voz do homem.

— Não sei. Obviamente isso me preocupou o suficiente para me fazer ligar para algumas pessoas.

— Você falou com a polícia?

— Não. O fato de alguém enviar uma carta não quer dizer que alguma lei tenha sido violada, não é?

— Foi exatamente isso que os imbecis acabaram de me dizer.

— Como? — disse Ricky.

— Os policiais. Eu chamei a polícia e eles vieram até aqui para dizer que não podiam fazer nada a respeito.

— Por que você chamou a polícia?

Timothy Graham não respondeu imediatamente. Respirou profundamente, mas, em vez de acalmá-lo, isso pareceu surtir o efeito oposto, como se liberasse um espasmo de raiva contida.

— Foi nojento! Um maldito doente! Algum nojento filho da puta! Vou matá-lo se botar as mãos nele. Vou matá-lo com as próprias mãos. O seu ex-paciente é um maldito depravado, tio Frederick?

A explosão repentina de grosseria surpreendeu Ricky. Aquilo parecia tremendamente anormal para um professor de história tranquilo, educado e discreto de uma escola particular e conservadora. Ricky parou de falar, um pouco inseguro sobre o que responder.

— Eu não sei — disse ele. — Conte-me o que o deixou assim tão aborrecido.

Tim hesitou novamente, respirando fundo, produzindo ao telefone um silvo semelhante ao de uma cobra.

— No aniversário dela, acredita? No aniversário de quatorze anos dela. Isso é simplesmente nojento...

Ricky contraiu-se na cadeira. Um flash explodiu-lhe diante dos olhos. Percebeu que tinha encontrado a conexão naquele exato momento. De todos os seus parentes, apenas um deles, por incrível coincidência, fazia aniversário no mesmo dia que ele. Era a garotinha cujo rosto tivera tanto problema em recordar e que só tinha visto uma vez, no funeral. Ele recriminou-se: Este deveria ter sido meu primeiro telefonema. Mas não deixou que isso aparecesse na sua voz.

— Que aconteceu? — perguntou ele abruptamente.

— Alguém deixou um cartão de aniversário para ela dentro do armário da escola. Sabe um desses cartões bonitos, grandes e bem sentimentais que se compram nos shoppings? Eu ainda não consigo imaginar como o bastardo entrou ali e abriu o cadeado sem ser visto por ninguém. Onde diabos estava a segurança naquela hora? Incrível! De qualquer forma, quando Mindy chegou à escola, encontrou o cartão, imaginando que fosse de algum amigo e abriu-o. Adivinha o que aconteceu? O cartão estava cheio de pornografia suja. Em cores, tudo explícito. Fotos de uma mulher amarrada com cordas, correntes e objetos de couro sendo penetrada de todas as formas e por todos os objetos imagináveis. Coisa muito obscena, muito pesada. "Isso é o que pretendo fazer com você assim que encontrar você sozinha..."

Ricky se mexeu na cadeira. Rumpelstiltskin, pensou ele.

Mas o que perguntou foi:

— E a polícia? Que eles disseram para você?

Timothy Graham bufou num tom que Ricky imaginou ter sido usado durante anos contra alunos preguiçosos e que deveria congelá-los de medo, mas que naquele momento parecia ter mais a ver com impotência e frustração.

— A polícia local — disse ele rapidamente — é formada por idiotas. Idiotas completos. Eles me disseram displicentemente que não há nada que possam fazer enquanto não existirem provas substanciais e concretas de que Mindy está sendo perseguida por alguém. Eles querem algo explícito. Em outras palavras, ela precisa realmente ser atacada antes. Idiotas. Acham que a carta e o material dentro dela são apenas uma brincadeira. Provavelmente alunos mais velhos da escola. Talvez alguém a quem eu tenha dado uma nota baixa no último ano. E claro que isso não é totalmente impossível, mas... — o professor de história parou. — Por que você não me conta algo sobre esse ex-paciente? Ele é um criminoso sexual?

Ricky hesitou, e disse: — Não. Não é. Isso não parece ser algo do feitio dele. Não mesmo. Ele é inofensivo. Só quer irritar.

Ele se perguntou se o sobrinho seria capaz de perceber a mentira na sua voz, mas duvidava disso. O homem estava furioso, perturbado, ultrajado. Provavelmente não teria capacidade de reconhecer qualquer desvio da verdade por enquanto.

Timothy Graham ficou em silêncio por um instante. — Vou matá-lo — disse friamente. — Mindy passou o dia chorando. Ela pensa que há alguém lá fora querendo violentá-la. Ela só tem quatorze anos e jamais feriu uma mosca sequer em toda a vida. É extremamente impressionável e jamais foi exposta a tal tipo de imundície. Até outro dia ela ainda brincava com ursinhos de pelúcia e bonecas. Duvido que ela consiga dormir esta noite, ou nos próximos dias. Eu só espero que o medo não a modifique.

Ricky não disse uma palavra sequer, e o professor de história continuou depois de uma pausa para respirar:

— É possível, tio Frederick? Você é o maldito especialista nisso. É possível que alguém tenha a vida modificada com essa rapidez?

Novamente ele não respondeu, mas a pergunta ecoou dentro dele.

— ... Isso é terrível. Terrível mesmo — Timothy Graham explodiu. — Você tenta proteger seus filhos da sujeira deste mundo e, de repente, basta um descuido de um segundo e pronto! Acontece isso. Talvez esse não seja o pior caso de inocência perdida que você já viu, tio Frederick, mas não é você que está ouvindo a sua filhinha querida, que nunca fez mal a ninguém em toda a vida, chorando desconsoladamente no aniversário de quatorze anos porque alguém, em algum lugar, quer machucá-la.

E depois de dizer isso, o professor de história bateu o telefone.

Ricky Starks recostou-se na cadeira. Soltou o ar por entre os dentes,

assobiando longamente. De certa forma, além de aborrecido, também estava intrigado com aquilo que Rumpelstiltskin havia feito. Pensou rapidamente sobre isso. Não havia nada de espontâneo na mensagem que ele havia mandado para a adolescente; era uma coisa calculada e clara. Tinha, obviamente, passado algum tempo estudando a garota. Mostrava ainda algumas particularidades que Ricky considerava dignas de nota. Rumpelstiltskin tinha conseguido despistar a segurança da escola e possuía a habilidade de abrir uma fechadura sem destruí-la. Ele conseguira, ainda, deixar a escola da mesma forma, sem ser notado, e depois disso seguir direto de Massachusetts até Nova York para deixar a sua segunda mensagem na sala de espera de Ricky. O tempo não era problema; a viagem não era demorada, talvez umas quatro horas. Mas isso denotava planejamento.

Mas não era exatamente isso o que aborrecia Ricky. Ele se remexeu na cadeira.

As palavras do sobrinho pareciam ecoar pelo consultório, ricocheteando nas paredes, enchendo o espaço à sua volta com uma espécie de calor: inocência perdida.

Ricky pensou nessas palavras. Às vezes, no decorrer de uma sessão, o paciente dizia alguma coisa que parecia uma faísca elétrica, porque eram momentos de entendimento, flashes de compreensão, insights de progresso. Momentos que qualquer analista buscava. Geralmente vinham acompanhados de uma sensação de aventura e satisfação, porque sinalizavam progressos no decorrer do tratamento.

Não desta vez.

Ricky sentiu um desespero descontrolado, do tipo que caminhava lado a lado com o medo.

Rumpelstiltskin havia atacado sua sobrinha-neta em um momento de vulnerabilidade infantil. Ele tornou um momento que deveria ser cheio de recordações de alegria e descobertas — o aniversário de quatorze anos — e tornou-o algo feio e atemorizante. Aquilo havia sido mais ameaçador do que podia imaginar e mais provocador do que poderia prever.

Ricky levou a mão à testa como se estivesse febril de repente. Ficou surpreso por não encontrar suor. Pensou: Achamos que uma ameaça seja algo que comprometa nossa segurança. Alguém com uma arma ou uma faca e uma obsessão sexual. Ou um motorista bêbado por trás do volante de um carro acelerando imprudentemente pela estrada. Ou alguma doença traiçoeira como a que havia matado minha esposa.

Ricky ergueu-se da cadeira e começou a andar, pensando nervosamente a respeito.

Tememos ser mortos. Mas, ser arruinado é muito pior.

Ele deu uma olhada na carta de Rumpelstiltskin. Arruinados. Ele havia usado

aquela palavra, juntamente com destruir.

Seu adversário era alguém que sabia que o que realmente nos ameaça e que é mais difícil de se combater é o que tem origem dentro de nós. O impacto e o sofrimento de um pesadelo pode ser muito maior do que ser atingido por um golpe. E da mesma forma, às vezes não é o impacto do golpe, mas a emoção por trás dele que cria a dor. Ele parou abruptamente e foi em direção à pequena estante de livros que ficava encostada em uma das paredes do consultório. Ali havia pilhas de textos arrumados — textos médicos em sua maioria, e artigos científicos. Naqueles livros estavam literalmente centenas de milhares de palavras que dissecavam a emoção humana clínica e friamente. Num instante, percebeu que todo aquele conhecimento era provavelmente inútil para ele.

O que mais desejava era puxar um daqueles livros de uma das prateleiras, procurar no índice, encontrar na letra R o verbete Rumpelstiltskin e abrir uma página que lhe desse uma descrição clara e direta do homem que havia escrito aquela carta para ele. Sentiu uma ponta de medo, sabendo que tal verbete não existia. Percebeu que estava afastando-se dos livros que haviam definido toda a sua carreira até aquele momento e lembrou-se de uma passagem em um livro que não lia desde os tempos da faculdade. Ratos, pensou Ricky. Colocaram Winston Smith em uma sala com ratos porque sabiam que essa era a única coisa na terra que ele temia. Não temia a morte. Não temia a tortura. Apenas os ratos.

Lançou um olhar pelo apartamento e escritório, um lugar que, achava, o definia muito bem, onde tinha sido feliz e sentir-se-ia confortável por muitos anos. Imaginou, naquele exato segundo, se tudo estava prestes a mudar e se tudo, de repente, se tornaria sua própria e fictícia Sala 101. O lugar onde mantinham a pior coisa do mundo.

CAPÍTULO 3

Já era meia-noite, e ele se sentia estúpido e completamente sozinho.

O consultório estava bagunçado com pastas e pilhas de papel, pilhas de cadernos de estenografia, folhas de papel ofício e um antigo gravador, que já estava ultrapassado há mais de uma década, pousado no topo de uma pequena pilha de fitas cassete. Cada montinho representava a mísera documentação que havia acumulado sobre os pacientes ao longo dos anos. Havia anotações sobre sonhos, listas de associações que os pacientes faziam ou que ocorriam a ele durante o tratamento — palavras reveladoras, frases, recordações. Se alguma escultura fosse projetada para expressar a crença de que a análise é uma arte como a medicina, não seria diferente daquela bagunça à sua volta. Não havia nada ordenado, listando altura, peso, raça, religião ou lugar de origem. Ele não havia organizado alfabeticamente documentos

que marcassem pressão sanguínea, temperatura, pulsações e frequência de urina. Ele sequer possuía fichas acessíveis e organizadas com os nomes, endereços, parentes e diagnósticos dos pacientes.

Ricky Starks não era um tipo de médico, cardiologista ou patologista, que se aproximasse de cada paciente buscando uma resposta clara e definitiva para uma dor, e que mantivesse copiosas e detalhadas notas sobre o tratamento e progresso. A especialidade por ele escolhida desafiava a ciência com que se preocupavam as outras formas de medicina. Era essa característica que fazia do analista um médico estranho, e esse era o motivo pelo qual a maioria dos homens e mulheres, que se sentiam atraídos pela profissão, tinham essa opinião.

Mas, naquele momento, Ricky estava sentado no meio daquela bagunça e sentia-se como um homem emergindo de um abrigo subterrâneo após um tornado ter-lhe passado sobre a cabeça. Considerou que estivera ignorando o caos em que a sua vida se tornara até que algo enorme e inesperado acontecera, destruindo todo o equilíbrio que havia cuidadosamente criado. Tentar encontrar a saída através de décadas de pacientes e centenas de terapias diárias seria, provavelmente, inútil.

Pois já suspeitava que Rumpelstiltskin não estava lá.

Pelo menos, não de forma prontamente identificável.

Ricky estava absolutamente certo de que, se a pessoa que havia escrito a carta tivesse alguma vez deitado em seu divã, poderia reconhecê-lo. Pelo tom. Pelo estilo das palavras escritas. Todos os comportamentos óbvios de raiva, de cólera e de fúria. Esses elementos lhe teriam sido tão claros e inconfundíveis quanto uma impressão digital para um detetive. Eram pistas reveladoras que ele teria observado.

Ele sabia que essa suposição continha uma certa dose de arrogância. E pensou que seria má ideia subestimar Rumpelstiltskin até que soubesse mais sobre esse homem. Mas tinha certeza de que nenhum paciente, que algum dia tivesse feito um tratamento regular de análise, retornaria mais amargurado e enfurecido anos depois, tão mudado a ponto de conseguir esconder dele sua identidade. Eles poderiam retornar ainda com as cicatrizes que os levaram a procurá-lo da primeira vez. Eles poderiam retornar frustrados e decepcionados porque a análise não é como um antibiótico para a alma: não erradica as infecções de desespero que atacam algumas pessoas. Eles poderiam estar furiosos, sentindo que desperdiçaram anos em conversas e que nada havia mudado para eles. Tudo isso era possível, apesar de que, após quase três décadas como analista, poucas vezes acontecera. Pelo menos não que ele soubesse. Mas não estava tão convencido a ponto de acreditar que todos os tratamentos, não importa quanto tivessem durado, haviam sempre sido bem-sucedidos. Algumas terapias eram menos vitoriosas do que outras.

Deveria haver pessoas que ele não conseguiu ajudar. Ou pessoas que ele teria ajudado pouco. Ou que escorregaram da compreensão que a análise

proporciona, de volta ao ponto de partida. Mais uma vez frustradas, mais uma vez em desespero.

Mas Rumpilestiltskin apresentava um perfil muito diferente disso. O tom da carta e a mensagem deixada para sua sobrinha-neta de quatorze anos mostravam uma pessoa calculista, agressiva e perversamente confiante. Um psicopata, Ricky pensou, aplicando um termo clínico para alguém ainda obscuro em sua mente. Isso não queria dizer que não achasse que uma vez ou outra, no decorrer de décadas de profissão, tivesse atendido pessoas com tendências psicopatas. Mas nenhuma que tivesse mostrado a profundidade de ódio e a fixação de Rumpilestiltskin. De qualquer forma, alguém que ele havia tratado com pouco sucesso estava ligado ao autor da carta.

Percebeu que o truque seria descobrir quem eram esses ex-pacientes e então rastreá-los até chegar a Rumpilestiltskin. Porque, agora que havia pensado nisso por um tempo, ficava claro onde estava a ligação. A pessoa que queria que ele se matasse era o filho, a esposa ou amante de alguém. A primeira tarefa, pensou Ricky decidido, seria descobrir que paciente havia abandonado o tratamento nas condições mais instáveis. Então poderia começar a rastreá-lo.

Ele desviou da bagunça que havia criado, voltou para a sua mesa e pegou a carta de Rumpilestiltskin. Eu existo em algum lugar do seu passado. Ricky encarou longamente as palavras e depois olhou para as pilhas de anotações esparramadas pelo seu consultório.

Tudo bem, disse a si mesmo. O primeiro passo será organizar meu histórico profissional. Encontrar as partes que podem ser descartadas.

Suspirou alto. Teria cometido algum erro como médico residente, há mais de vinte e cinco anos, que agora voltava para assombrá-lo? Conseguiria lembrar-se dos primeiros pacientes? Enquanto ele se especializava como analista, participou do estudo de esquizofrênicos paranoicos no departamento de psiquiatria do Bellevue Hospital. O estudo visava determinar fatores de previsibilidade para crimes violentos e não foi um sucesso clínico. Mas ele chegou a conhecer e participar do tratamento de homens que cometeram sérios crimes. Foi o mais próximo que esteve da psiquiatria forense e não havia gostado muito daquilo. Quando o estudo terminou, voltou imediatamente para o universo muito mais seguro e menos exigente de Freud e seus seguidores.

Ricky sentiu uma sede repentina, como se a garganta tivesse sido ressecada pelo calor.

Percebeu que não sabia quase nada sobre crimes e criminosos. Não tinha nenhuma habilidade especial com a violência. Na verdade, tinha pouco interesse nessa área. Ricky nem sequer acreditava que conhecesse algum psiquiatra forense. Nenhum deles havia sido incluído no seu círculo extremamente pequeno de amigos

ocasionais e conhecidos profissionais.

Ele deu uma olhadela para os livros nas suas prateleiras. Krafft-Ebing estava ali, com seu importante trabalho sobre psicopatologia sexual. Mas isso era tudo e ele duvidava que Rumpelstiltskin fosse um psicopata sexual, apesar da mensagem pornográfica que ele havia enviado para sua sobrinha-neta.

— Quem é você? — falou alto.

Então sacudiu a cabeça.

— Não — disse lentamente. — Primeiro devo perguntar o que é você? e depois — disse a si mesmo —, depois que encontrar esta resposta, vou descobrir quem você é.

Eu posso fazer isso, Ricky pensou, tentando estimular a autoconfiança. Amanhã vou me sentar e remexer na memória para escrever uma lista de ex-pacientes. Vou dividi-los em categorias que representam todas as fases da minha vida profissional. Depois, começarei a investigar. Encontrarei o fio que me levará até nosso amigo Rumpelstiltskin.

Exausto, não muito certo de que conseguiria algo, Ricky saiu do consultório e entrou no pequeno quarto. O quarto era simples, como o de um monge, com um criado-mudo, uma cômoda, um modesto armário e uma cama de solteiro. Antes, havia uma cama de casal com uma cabeceira ornada e quadros coloridos nas paredes, mas após a morte da esposa, desfez-se de tudo aquilo, escolhendo algo menor e mais simples. Os belos ornamentos e obras de arte com os quais a esposa havia decorado o quarto, em sua maioria, também já não existiam mais. Dera as roupas dela para obras de caridade, as joias e itens pessoais foram mandados para as três sobrinhas da esposa. Ele mantinha uma fotografia de duas delas na cômoda, tirada quinze anos antes, em sua casa de campo em Wellfleet, numa clara, azul e límpida manhã de verão. Mas desde que ela morreu, afastou-se sistematicamente da maioria das pessoas e apagou os sinais de sua existência. Uma morte lenta e dolorosa seguida por três anos de esquecimento.

Ricky se livrou de suas roupas, levando algum tempo para dobrar cuidadosamente as calças e pendurar o blazer azul. A camisa que estava usando foi para o cesto de roupa suja. Ele colocou a gravata em cima da cômoda e desejou ter mais energia. Na gaveta do criado-mudo tinha um frasco de remédios para dormir que raramente usava. Estavam vencidos há muito tempo, mas ele esperava que ainda fizessem efeito naquela noite. Engoliu um comprimido inteiro e um pedaço de outro, desejando que pudessem levá-lo rapidamente a um sono profundo e reconfortante.

Sentou-se por um momento passando a mão pelos ásperos lençóis de algodão e pensou como era hipócrita que um analista desejasse desesperadamente que sua noite não fosse afetada pelos sonhos. Sonhos eram importantes, enigmas inconscientes que revelavam o coração. Disso ele sabia, e geralmente também eram

bons caminhos para se percorrer. Mas, naquela noite, sentindo-se subjugado, deitou-se um pouco tonto, sentindo o pulso ainda acelerado e ansioso para que o remédio o levasse para baixo de um manto de escuridão. Completamente exausto pelo impacto de uma simples carta ameaçadora, sentiu como se tivesse muito mais do que os seus 53 anos.

O primeiro paciente, daquele último dia antes das planejadas férias de agosto, chegou exatamente às sete horas da manhã, anunciando-se com os três toques na campainha da sala de espera. A sessão correu bem, pensou. Nada de especial, nada de dramático. Tiveram algum progresso. A jovem mulher no divã era uma assistente social de psiquiatria que tentava conseguir o diploma de psicanalista sem passar pela escola médica. Essa não era nem a maneira mais eficiente nem a mais fácil de se tornar um analista, e era um caminho condenado por alguns dos colegas chatos por não incluir a graduação médica tradicional, mas era um método que ele sempre admirou, pois exigia paixão real pela profissão e uma devoção cega ao divã e àquilo que ele poderia proporcionar. Pensava com frequência que foram necessários muitos anos para que pudesse acrescentar o Dr. antes do nome. A terapia da jovem centrava-se nos pais excessivamente empreendedores que haviam criado, na infância dela, uma atmosfera carregada de realizações, mas pobre em afeição. Consequentemente, nas sessões com Ricky, ela ficava sempre impaciente e ansiosa por insights que se encaixassem em suas leituras e no trabalho de curso no Instituto de Psicanálise. Ricky estava sempre lhe puxando as rédeas, tentando fazer com que ela percebesse que conhecer fatos não é a mesma coisa que compreendê-los.

Quando ele tossiu levemente, movimentou-se na cadeira e disse "Bem, acho que o nosso tempo de hoje acabou", a jovem, que descrevia um novo namorado de qualidades questionáveis suspirou:

— Bem, veremos se ele ainda vai estar comigo daqui a um mês... — o que fez com que Ricky sorrisse.

A paciente levantou-se e disse:

— Tenha boas férias, doutor. Nos vemos depois do Dia do Trabalho — pegou a bolsa e saiu rapidamente da sala.

O dia todo pareceu correr em total normalidade. Um paciente após o outro entrava no consultório alterando pouca coisa no caminho da aventura emocional. Eram, na maioria, pacientes acostumados com o período de férias, e, por mais de uma vez, ele suspeitou que eles preferiam inconscientemente esconder certos sentimentos que teriam de esperar um mês para serem analisados. Logicamente, aquilo que era escondido era tão intrigante quanto aquilo que havia sido dito, e ele ficou alerta com cada um dos pacientes quanto a esses lapsos de narrativa. Ele tinha imensa confiança em sua habilidade de recordar precisamente palavras e frases ditas

diante dele que pudessem ser úteis daqui a um mês.

Nos minutos entre as sessões, começou a fazer uma lista de pacientes escrevendo os nomes em um caderno. Conforme o dia passava, a lista também crescia. Minha memória, pensou, é ainda precisa. Isso o encorajou. A única decisão que precisou tomar naquele dia foi na hora do almoço, quando normalmente fazia sua caminhada, como Rumpelstiltskin descrevera. Naquele dia parou para pensar. Parte dele queria quebrar a rotina que o autor da carta descrevera tão precisamente. Então percebeu que era muito mais desafiador manter a sua rotina, esperando que a pessoa que o observava visse que ele não estava com medo por causa da carta. Assim, saiu ao meio-dia, caminhando pelas mesmas calçadas de sempre, respirando o ar pesado da cidade com a mesma regularidade de todos os dias. Não estava certo se queria que Rumpelstiltskin o seguisse ou não. Mas observou que cada passo dado parecia ecoar, e mais de uma vez precisou lutar contra a vontade de se virar rapidamente para ver se estava sendo seguido. Quando voltou para o apartamento, respirou aliviado.

Os pacientes da tarde seguiram o mesmo padrão dos da manhã.

Alguns deles estavam amargurados diante das férias que chegavam; isso já era esperado. Alguns expressaram uma ponta de medo ou algo mais que uma pequena ansiedade. A rotina das sessões diárias de cinquenta minutos era poderosa, e alguns ficavam preocupados ao pensar que, mesmo por um breve período, ficariam sem aquela âncora particular. Além disso, eles sabiam que o tempo iria passar, e como ocorre com tudo em análise, o tempo passado fora do divã poderia trazer insights sobre o processo. Tudo, todos os momentos, qualquer coisa que acontecesse no dia-a-dia de suas vidas poderia estar associado com esses insights. Era isso que tornava o processo fascinante tanto para o paciente quanto para o médico.

Um minuto antes das cinco, deu uma olhadela pela janela. O dia de verão ainda dominava o mundo lá fora: sol brilhante, a temperatura ainda alta. O calor da cidade persistia, exigindo ser reconhecido. Ele ouviu o ruído do ar-condicionado e, de repente, lembrou-se do início de sua carreira, quando uma janela aberta e um velho ventilador eram o único alívio que ele podia ter na atmosfera nevoenta e abafada da cidade no mês de julho. As vezes, pensou, era como se não houvesse ar em parte alguma.

Ele desviou os olhos da janela quando ouviu os três toques da campainha. Levantou-se e caminhou até a porta, abrindo-a rapidamente para deixar que o Sr. Zimmerman e toda sua impaciência entrassem de uma vez. Zimmerman não gostava de aguardar na sala de espera. Ele chegava poucos segundos antes da sessão começar e queria ser atendido imediatamente. Uma vez Ricky olhou pela janela e viu o homem andando para cima e para baixo na calçada, em uma tarde de inverno, olhando furiosamente para o relógio a cada segundo, tentando apressar o tempo para

que ele não tivesse de esperar lá dentro. Mais de uma vez Ricky sentiu-se tentado a deixar o homem congelando os calcanhares por alguns minutos, para ver se ele conseguia estimular Zimmerman a refletir sobre porque era tão importante ser tão preciso. Mas nunca fizera isso. Em vez disso, Ricky abria a porta exatamente às cinco horas todos os dias, de forma que o homem irritado pudesse entrar na sala, deitar-se no divã e imediatamente atacar com sarcasmo e fúria todas as coisas erradas que lhe haviam acontecido naquele dia. Ricky respirou profundamente enquanto abria a porta e adotava uma expressão impassível. Independentemente de como Ricky se sentisse por dentro, Zimmerman recebia o mesmo olhar descomprometido todos os dias.

— Boa tarde — começou com sua saudação habitual.

Mas não era Roger Zimmerman que estava na sala de espera. Em vez disso, deu de cara com uma jovem extraordinária e escultural.

Ela vestia uma longa capa de chuva, preta e acinturada, que descia até os pés — completamente inadequada para o dia quente de verão — e óculos escuros, que ela tirou rapidamente revelando vibrantes olhos verdes. Ele arriscaria dizer que ela tinha trinta e poucos anos. Uma mulher cuja aparência considerável estava no auge e cuja compreensão do mundo se havia aguçado após a juventude.

— Lamento... — disse Ricky hesitante. — Mas...

— Oh — a jovem respondeu suavemente, sacudindo os cabelos loiros na altura dos ombros e gesticulando lentamente com as mãos —, Zimmerman não virá hoje. Eu vim no lugar dele.

— Mas ele...

— Ele não vai mais precisar dos seus serviços — continuou ela. — Ele decidiu concluir seu tratamento precisamente às duas horas e trinta e sete minutos desta tarde. Curiosamente, ele estava na estação de metro da rua 92 quando tomou essa decisão, depois de uma breve conversa com o Sr. R. Foi o Sr. R quem o convenceu de que não precisaria mais dos seus serviços. E, para nossa surpresa, também não foi assim tão difícil para o Sr. Zimmerman chegar a essa conclusão.

Então ela empurrou o surpreso doutor para entrar no consultório.

CAPÍTULO 4

— Então — disse rapidamente a mulher — é aqui que o mistério se revela.

Ricky a havia conduzido ao consultório sem dizer nada, enquanto a observava inspecionar a pequena sala. Seus olhos correram pelo divã, pela cadeira, pela mesa. Ela caminhou em volta e examinou os livros que ele tinha na estante, balançando a cabeça enquanto absorvia os pesados e indigestos títulos. Correu o dedo por um dos livros e notou a poeira recolhida na ponta dos dedos, fazendo com

que ela sacudisse a cabeça. — Pouco usado... — murmurou. Ergueu os olhos até os dele dizendo em tom reprovador — Quê? Nem um único livro de poesia ou ficção? — Então se aproximou da parede de cor creme onde ele pendurava os diplomas e várias outras pequenas peças de arte, além de um modesto porta-retratos de madeira com a foto do grande homem, ele mesmo. Na foto, ele estava segurando o eterno charuto, encarando maliciosamente com olhos profundos, uma barba branca cobrindo-lhe a mandíbula pré-cancerosa que se tornaria tão dolorosa em seus últimos dias. Ela tocou o vidro que havia na frente do porta-retrato com um dedo longo, cuja unha estava pintada de vermelho vivo.

— Não é interessante que toda profissão tenha um ícone pendurado na parede? Digo, se for procurar um padre, ele terá um Jesus em um crucifixo pendurado em algum lugar. Um rabino pode ter uma estrela-de-davi ou um menorá. Todos os políticos norte-americanos têm um quadro de Lincoln ou de Washington. Deveria realmente haver alguma lei contra isso. Médicos gostam de ter aqueles pequenos modelos plásticos de um coração, um joelho ou qualquer outro órgão. Pelo que soube, um programador de computação do Vale do Silício pôs um quadro de Bill Gates na parede do cubículo onde ele o adora todos os dias. Um psicanalista como você, Ricky, precisa do quadro do Santo Sigmund. Isso faz com que todos que entrem aqui saibam quem realmente criou todas as regras básicas. E isso dá a você um pouquinho mais de legitimidade que, de outra forma, poderia ser questionada, suponho.

Ricky Starks puxou silenciosamente uma poltrona para a frente da sua mesa. Depois, foi para o lado oposto e fez sinal para que a jovem se sentasse.

Ela perguntou rapidamente:

— Não vou usar o famoso divã?

— Seria muito precipitado — ele respondeu friamente.

Ele fez sinal pela segunda vez. A jovem passou novamente os vibrantes olhos verdes pela sala, como se estivesse tentando memorizar tudo que havia nela e sentou-se. Afundou-se lentamente na cadeira, alcançando simultaneamente um bolso da capa e tirando um maço de cigarros. Retirou um, colocou-o entre os lábios, acendeu um isqueiro, mas parou o fogo a alguns centímetros da ponta do cigarro.

— Ah — disse ela, esboçando um leve sorriso —, como sou indelicada. Quanto tempo faz que você parou? Quinze anos? Vinte? Na verdade, Ricky, eu acho que foi em 1977, se o Sr. R. me informou corretamente. Uma época difícil para se parar de fumar, Ricky. Uma época onde a maioria das pessoas fumava sem pensar, porque, apesar de as indústrias do fumo negarem, as pessoas já sabiam que fazia mal à saúde. Que isso matava. Então, as pessoas preferiam não pensar nisso. Era o método avestruz: enfie a cabeça em um buraco e ignore o óbvio. E, de qualquer forma, havia tantas coisas acontecendo em volta delas. Guerras, tumultos e

escândalos. Disseram-me que foi uma época extraordinária para se viver. Mas Ricky, o jovem médico recém-formado, decidiu parar de fumar quando isso ainda era um hábito muito popular e nem um pouco socialmente inaceitável como hoje. Isso me diz algo sobre você.

A jovem acendeu o cigarro, deu uma longa tragada e jogou languidamente a fumaça pela sala.

— Um cinzeiro? — pediu ela.

Ricky abriu uma gaveta da mesa e tirou de lá o único cinzeiro que mantinha guardado. Ele o colocou na ponta da mesa. A jovem imediatamente jogou fora o cigarro.

— Maravilha — disse ela. — Basta um pouco de fumaça penetrante para nos lembrar daquele tempo.

Ricky esperou por um momento, antes de perguntar:

— Por que é importante nos lembrar daquele tempo?

A jovem mulher virou os olhos, inclinou para trás a cabeça e soltou uma longa gargalhada. Aquilo pareceu completamente deslocado, como uma gargalhada dentro de uma igreja ou o som de um cravo num aeroporto. Quando a gargalhada acabou, a jovem cravou em Ricky um olhar penetrante e singular.

— É importante lembrar-se de tudo. Tudo relacionado a esta visita, Ricky. Isso não é uma regra para todos os pacientes? Você realmente não sabe o que eles dirão ou quando eles dirão aquilo que abrirá o mundo deles para você, sabe? Então, tem de estar alerta o tempo todo. Por que você nunca sabe precisamente quando a porta pode abrir-se para revelar os segredos escondidos. Assim, você tem de estar sempre aberto e receptivo. Atento. Sempre vigilante para a palavra ou para a história que deixam escapar e que lhe dirá muito, certo? Essa não é uma avaliação correta do processo?

Ele concordou com a cabeça.

— Bom! — disse ela bruscamente. — Que faz você pensar que a visita de hoje é diferente de qualquer outra visita? Apesar de obviamente ser.

Ele não respondeu. Novamente, permaneceu quieto por um segundo ou dois, apenas observando a mulher, esperando que isso pudesse perturbá-la. Mas ela continuava estranhamente fria e calma, e o silêncio, que ele sabia ser sempre o mais perturbador dos sons, parecia não afetá-la. Finalmente ele disse calmamente:

— Estou em desvantagem. Você parece conhecer muita coisa sobre mim e sobre o que acontece aqui nesta pequena sala, e eu nem mesmo sei o seu nome. Gostaria de saber o que você quer dizer quando afirma que o Sr. Zimmerman concluiu o tratamento, porque ele não me procurou, o que é extremamente incomum. E eu gostaria de saber qual a sua ligação com o indivíduo que você chama de Sr. R. e que, presumo, seja a mesma pessoa que me mandou uma carta ameaçadora

assinada com o nome de Rumpelstiltskin. Gostaria de obter essas respostas agora mesmo ou chamarei a polícia.

Ela sorriu novamente. Inabalada.

— Sua prática se manifestando?

— Quero respostas — respondeu ele.

— Não é isso o que todos procuramos, Ricky? Todos que entram pela porta dessa sala desejam a mesma coisa. Respostas.

Ele não retrucou. Em vez disso pegou o telefone.

— Você não imagina que, do seu próprio jeito, é isso mesmo que o Sr. R. deseja? Respostas para perguntas que o atormentam há anos? Que é isso, Ricky: você não concorda que até mesmo a mais cruel das vinganças começa com uma simples pergunta?

Aquilo era intrigante, pensou Ricky. Mas o interesse que poderia ter naquela observação foi superado pela irritação crescente com os modos da mulher. Ela não mostrava nada além de confiança e arrogância. Ele não sabia como agir.

— Por favor, responda imediatamente as minhas perguntas — disse ele. — Caso contrário contarei tudo à polícia e deixarei que ela investigue.

— Que falta de senso esportivo, Ricky. Você não quer entrar no jogo?

— Eu não consigo entender que tipo de jogo é esse que envia pornografia suja e ameaça uma garotinha inocente. Nem consigo ver sentido em um jogo que exige meu suicídio.

— Mas, Ricky — sorriu maliciosamente a mulher —, não seria esse o maior de todos os jogos? Vencer a morte?

Isso fez com que ele parasse, com a mão ainda no telefone. A mulher apontou para a mão dele.

— Você pode vencer esse jogo, Ricky. Mas não se pegar esse telefone e ligar para a polícia. Assim, alguém, em algum lugar, vai perder. Essa é a promessa, e, acredite, ela será cumprida. O Sr. R é, no mínimo, um homem de palavra. E quando esse alguém perder, você perde também. Este é só o Primeiro Dia, Ricky. Desistir de tudo agora seria como desistir logo após o chute inicial. Antes mesmo de jogar a primeira partida.

Ele abaixou a mão.

— Qual o seu nome? — perguntou.

— Por hoje e para os propósitos do jogo você pode me chamar de Virgílio. Todo poeta precisa de um guia.

— Virgílio é um nome masculino.

A mulher que se denominava Virgílio deu de ombros.

— Eu tenho uma namorada que se chama Rikki. Isso faz alguma diferença?

— Não. E sobre sua ligação com Rumpelstiltskin?

— Ele é meu patrão. É extremamente rico e pode contratar todos os tipos de auxiliares que quiser, para executar qualquer coisa que ele tenha em mente. Atualmente ele está ocupado com você.

— Então, presumo, como ele é o seu patrão, você deve saber seu nome, endereço e identidade, que você poderia simplesmente me contar, para terminar com essa tolice de uma vez por todas.

Virgílio sacudiu a cabeça.

— Infelizmente não, Ricky. O Sr. R não é tão ingênuo para revelar sua identidade a meros ajudantes, como eu. E mesmo que eu pudesse ajudá-lo, não o faria. Não seria esportivo. Imagine se o poeta e seu guia tivessem olhado para o aviso que dizia "Deixem aqui todas as esperanças!..." e Virgílio, dando de ombros, dissesse "Droga. Você não quer mesmo entrar lá...". Porque isso teria arruinado o poema. Não se pode escrever um épico sobre quem desiste nos portões dos infernos, não é, Ricky? Não mesmo. E preciso atravessar a porta.

— Então, por que você está aqui?

— Eu já lhe disse. Ele achou que você podia duvidar de sua sinceridade — embora a garota, com aquele pai chato e tremendamente previsível lá em Deerfield, que teve suas emoções de adolescente tão facilmente perturbadas, fossem mensagem suficiente para você. Mas a dúvida cria a hesitação e você só tem duas semanas para jogar, o que é um tempo bastante curto. Então, ele enviou um guia fiel para fazer você dar o seu salto inicial. Eu.

— Certo — disse Ricky. — Você continua falando sobre esse jogo. Bem, isso não é um jogo para o Sr. Zimmerman. Ele está em análise há pouco menos de um ano e o tratamento está num momento importante. Você e o seu patrão, o misterioso Sr. R., podem pressionar-me. Isso é uma coisa. Mas fica totalmente diferente quando envolvem meus pacientes. Isso passa dos limites...

A jovem chamada Virgílio ergueu a mão.

— Ricky, tente não parecer tão pomposo. Ricky parou e olhou duramente para a mulher.

Ela ignorou aquele olhar e, com um leve aceno de mão, completou:

— Zimmerman foi escolhido para fazer parte do jogo.

Ricky deve ter parecido ficar atônito, porque ela ainda disse:

— Não muito impetuoso no início, disseram-me, mas, depois de um tempo, com um tipo estranho de entusiasmo. Não participei da conversa, então não posso dar muitos detalhes. Minha função foi diferente. No entanto, vou contar quem se envolveu. Uma mulher de meia-idade e bastante desfavorecida que se chama LuAnne, um belo nome, realmente incomum e não muito adequado para sua precária posição na vida. Bem, Ricky, quando eu sair daqui, acho que seria bom você conversar com LuAnne. Quem sabe o que pode descobrir? E tenho certeza de que

vai procurar o Sr. Zimmerman para pedir uma explicação, mas estou quase certa de que ele não estará tão prontamente disponível. Como eu disse, o Sr. R é muito rico e está acostumado a conseguir o que quer.

Ricky estava quase exigindo uma explicação melhor, as palavras quase saíam dos seus lábios, quando Virgílio pôs-se de pé.

— Você se importaria — disse com a voz rouca — se eu tirasse a capa?

Ele fez sinal com a mão, concordando.

— Se você quiser — disse ele.

Ela sorriu novamente, começou a desabotoar a capa lentamente e abriu o cinto. Então, em um movimento único e abrupto, ela sacudiu a capa dos ombros e deixou-a cair no chão.

Ela não estava vestindo mais nada por baixo.

Virgílio colocou uma das mãos no quadril e empertigou o corpo na direção dele, provocativamente. Ela deu uma volta, ficando de costas momentaneamente, depois virou-se novamente, encarando-o. Ricky captou toda aquela imagem com uma única olhada, os olhos trabalhando como uma máquina fotográfica, capturando os seios, o sexo, as longas pernas e, então, finalmente voltando para os olhos dela, que brilhavam.

— Veja, Ricky — disse ela suavemente —, você não é tão velho. Não sente o sangue fluir dentro de você? Um leve tremor entre as pernas, não é? Sou estonteante, não sou? — Ela sorriu falsamente. — Você não precisa responder. Eu sei a resposta. Já vi isso antes, em outros homens.

Os olhos dela continuavam fixos nos dele, como se insistissem que poderiam controlar a direção do olhar dele.

— Sempre há esse momento maravilhoso, Ricky — disse Virgílio sorrindo maliciosamente —, quando um homem tem, pela primeira vez, a visão do corpo de uma mulher. Especialmente de um corpo que ele nunca viu antes. Uma visão que é pura aventura. Os olhos simplesmente descem como as águas de uma cascata, de cima para baixo. Então, exatamente como acontece agora, com você, que teria preferido continuar olhando para esse ponto entre minhas pernas, aparece essa pontinha de culpa no olhar. É como se o homem me tentasse dizer que ainda me vê como uma pessoa, olhando para o meu rosto, mas na verdade me olha como um animal, não importa a educação e a sofisticação que finja ter. Não é isso o que está acontecendo agora?

Ele não respondeu. Percebeu que já fazia muitos anos que não ficava diante de uma mulher nua, percepção essa que parecia fazer um ruído, ecoando profundamente dentro dele. Seus ouvidos latejavam com cada palavra dita por Virgílio e ele tinha consciência de que estava quente, como se o calor do dia lá fora invadissem indesejavelmente a sala.

Ela continuou sorrindo para ele. Deu uma segunda volta, exibindo sua imagem de novo. Manteve a pose, demorando-se primeiro em uma posição e depois em outra, como um modelo artístico tentando achar a postura correta. Cada volta do seu corpo parecia aumentar um pouco mais a temperatura do consultório. Então, ela se curvou lentamente e pegou a capa de chuva do chão. Ela a segurou na sua frente por alguns segundos, como se estivesse relutante em colocá-la de volta. Mas depois, em um movimento rápido, escorregou os braços para dentro das mangas da capa e apertou-a firmemente no corpo. Enquanto sua nudez desaparecia, Rick se sentiu quase como se estivesse saindo de um transe hipnótico ou, pelo menos, de como ele achava que devia ser quando um paciente acorda do efeito de uma anestesia. Ele começou a falar, mas Virgílio ergueu a mão e o deteve.

— Sinto muito, Ricky — ela disse secamente. — A sessão acabou por hoje. Já lhe dei várias informações, e agora cabe a você agir. Isso é uma coisa que você não faz bem, não é? Tudo o que você faz é ouvir. E mais nada. Bem, esse tempo acabou, Ricky. Agora você vai ter de sair do seu mundo e fazer alguma coisa. Senão... bem, não vamos pensar no senão. Quando o guia aponta o caminho, você deve segui-lo. Não fique aí parado. Cabeça vazia, oficina do... Quem fica parado perde a vez. Há uma sabedoria enorme nesses ditados. Tente aproveitá-la.

Ela dirigiu-se rapidamente à porta.

— Espere — disse ele impulsivamente. — Você vai voltar?

— Quem sabe? — respondeu Virgílio com um sorriso forçado. -Talvez de vez em quando. Veremos como você se sairá. — Depois, ela abriu a porta com força e foi embora.

Ele ouviu por um momento o barulho dos saltos no corredor, então levantou-se e correu até a porta. Ele a abriu, mas Virgílio já havia desaparecido do corredor. Ele parou por um momento e depois voltou para o consultório, em direção à janela. Esticou-se, olhando para fora, bem a tempo de ver a jovem mulher aparecer na frente do prédio. Enquanto ele a observava, uma limusine grande e negra apareceu, Virgílio atravessou a calçada e entrou nela. O carro desceu rua abaixo, movendo-se rápido demais para que Ricky pudesse observar a placa ou qualquer outra característica de identificação, ainda que ele tivesse sido esperto o suficiente para pensar nisso.

Às vezes lá em Cape Cod, Wellfleet, perto de sua casa de praia, formam-se fortes correntes no mar, que podem ser perigosas e ocasionalmente fatais. Elas são criadas pela força repetitiva do oceano batendo contra a costa, que acaba por cavar uma espécie de sulco abaixo das ondas nos bancos de areia que contornam a praia. Quando o espaço se abre, a água que vem repentinamente o encontra e volta em direção ao mar, penetrando nesse canal por baixo da água. A correnteza se estabelece na superfície. Quando alguém é pego na correnteza, há uma série de truques que se pode fazer, que tornam a experiência perturbadora, talvez apavorante,

certamente exaustiva, mas principalmente inconveniente. Ignore esses truques e pode acabar morrendo. Como a faixa da corrente é curta, a pessoa jamais deve lutar contra. O melhor é nadar paralelamente à praia, e dentro de segundos o repuxo da correnteza enfraquece, deixando a pessoa ser levada até a praia. Na verdade, as correntezas geralmente são curtas, graças a Deus, de modo que a pessoa pode aguentar firme e, quando o empuxo diminuir, ajustar a direção e nadar de volta para a praia. Ricky sabia que essas eram instruções simples e quando ditas em terra firme, em uma festa ou com os pés fincados na areia fofa e quente da praia, davam a impressão de que sair de uma correnteza era como espantar um pernilongo do braço.

A realidade, claro, era muito pior. Ser inexoravelmente arrastado para o oceano, para longe da segurança da praia cria um pânico imediato. Ser agarrado por uma força muito mais forte do que a de uma pessoa é algo apavorante. Medo e mar formam uma combinação letal. Terror e exaustão seguem-se rapidamente. Ricky sempre ficava sabendo de pelo menos um afogamento a cada verão, pelo Cape Cod Times, em que um desavisado banhista morrera a somente alguns metros da areia e da segurança.

Ricky tentou controlar as emoções, porque achava que tinha sido pego por uma correnteza.

Respirou profundamente e lutou contra a sensação de que estava sendo sugado para dentro de algo escuro e perigoso. Assim que a limusine que levou Virgílio saiu de seu raio de visão, ele pegou a agenda e encontrou o telefone de Zimmerman, onde havia anotado, na primeira folha, e depois se esquecera por nunca antes ter precisado ligar para o paciente. Ele discou rapidamente e ouviu apenas o toque vazio. Nada de Zimmerman. Nada da mãe super protetora de Zimmerman. Nada de secretária eletrônica ou coisa parecida. Apenas o toque firme e frustrante.

Ele havia, naquele momento de confusão, decidido que era melhor falar diretamente com Zimmerman. E mesmo que ele tivesse sido subornado de alguma forma por Rumpelstiltskin para encerrar a terapia, talvez, pensou Ricky, ele pudesse esclarecer alguma coisa sobre quem era seu torturador. Zimmerman era um homem amargo, mas não era alguém capaz de manter um segredo, independente do que lhe houvesse sido dito. Ricky largou o telefone no meio do toque e pegou o paletó. Num instante estava fora de casa.

As ruas da cidade ainda estavam cheias da luz do sol, embora já fosse hora do jantar. Os resquícios da hora do rush continuavam a entupir as ruas, apesar de o movimento nas calçadas haver diminuído um pouco. Nova York, como qualquer cidade grande, que se gaba de manter a atividade por vinte e quatro horas, ainda funcionava no mesmo ritmo de qualquer outro lugar: enérgica pela manhã, determinada ao meio-dia e faminta à noite. Ele ignorou os restaurantes lotados, mesmo sendo capturado pelo cheiro tentador de vários deles enquanto passava. Mas

naquela noite a fome de Ricky Starks era de um tipo bem diferente.

Ele fez algo que quase nunca fazia. Em vez de chamar um táxi, saiu e cruzou o Central Park a pé. Ele considerou que a hora e o esforço físico poderiam ajudá-lo a pôr em ordem as emoções, ajudando-o a controlar o que estava acontecendo. Mas, apesar da sua experiência e dos preciosos poderes de concentração de que tanto se orgulhava, ele teve dificuldade em se lembrar do que Virgílio lhe dissera, apesar de não ter nenhuma para se lembrar de cada nuance do corpo dela, desde o sorriso brincando no seu rosto e a curva dos seios, até o formato de seu sexo.

O calor do dia se estendeu para a noite que chegava. Depois de alguns metros, ele sentiu o suor escorrer pelo pescoço e pelos braços. Afrouxou a gravata e tirou o paletó, jogando-o em cima dos ombros, o que lhe dava uma aparência elegante contraditória ao que sentia. O parque ainda estava repleto de pessoas se exercitando; mais de uma vez ele se precisou desviar de um grupo de corredores. Ele viu pessoas caminhando metodicamente com seus cães nas áreas designadas para isso e passou por uma porção de jogos em andamento. Os campos de beisebol eram todos distribuídos de forma a se sobreporem. Ele percebeu que geralmente o jogador da direita de um time ficava mais ou menos próximo ao jogador da esquerda do outro, de um jogo diferente. Parecia haver uma estranha e definida etiqueta para a divisão daquele espaço público, cada pessoa tentando concentrar-se em seu próprio jogo sem atrapalhar o jogo do outro. De vez em quando uma bola invadia o campo de outro jogo, então os jogadores gentilmente abriam espaço para que os outros pudessem atravessar, antes de retomar seu jogo. Ricky pensou que a vida nem sempre era tão simples e tampouco parecida com aquela espécie de balé. Geralmente, pensou, invadimos o espaço alheio.

Ele ainda levou uns quinze minutos em passos rápidos para alcançar a rua do apartamento de Zimmerman. Naquele momento já estava todo suado e desejou estar usando tênis em vez daqueles sapatos de couro, apertados, e que ameaçavam fazer-lhe uma bolha. Ele podia sentir uma umidade viscosa molhando sua camiseta, manchando-lhe a camisa azul. Imaginou que o cabelo devia estar empapado e grudado na testa. Ricky olhou para a vitrine de uma loja de pratos, tentando ver seu reflexo; não viu o psicanalista metódico e tranquilo, que recebia seus pacientes com rosto inexpressivo, mas um homem desarrumado, ansioso e preso em uma rede de indecisão. Ele parecia perturbado, desgrenhado e provavelmente um pouco assustado, pensou, e ficou por alguns momentos tentando se recompor.

Nunca, no decorrer das quase três décadas de profissão, havia quebrado o relacionamento rígido e formal entre paciente e analista. Nem jamais havia pensado em ir até a casa de um paciente para procurar por ele. Não importava quão profundamente desesperado o paciente pudesse estar, eles levavam até ele sua depressão. Eles vinham a ele. Se estivessem perturbados e preocupados,

telefonavam e marcavam hora para vê-lo, no consultório. Isso era parte integrante do processo de melhora. Por mais difícil que fosse para algumas pessoas, por mais que estivessem incapacitados por suas emoções, o mero ato físico de ir vê-lo já era um passo importante. Sair da confinção do consultório do analista era uma raridade completa. As vezes parecia cruel manter as barreiras artificiais e a distância criadas no relacionamento entre paciente e médico, mas exatamente por conta dessa distância é que os insights ocorriam.

Ele hesitou na esquina, a meia quadra do apartamento de Zimmerman, um pouco espantado de se encontrar em tal situação. Ele não achou que sua hesitação fosse diferente da de Zimmerman, à porta de seu escritório. Deu dois ou três passos e parou.

Ele sacudiu a cabeça e disse entre dentes: "Eu não posso fazer isso".

Um jovem casal, passando a alguns passos dele, deve ter ouvido suas palavras, porque o homem disse: "Claro que pode, amigo. Não é tão difícil assim", como que em resposta. A moça, pendurada no braço dele, caiu na gargalhada ao mesmo tempo que lhe apertava o braço, como se lhe chamasse a atenção pela inconveniência. Eles passaram por ele, seguindo em frente, para sabe-se lá o que a noite reservava para eles, enquanto Ricky permanecia parado, fixo como um barco no cais, impossibilitado de se mover, apesar de fortemente atingido pelo vento e pela maré.

— Que foi mesmo que ela disse? — murmurou ele. Zimmerman decidiu terminar seu tratamento precisamente às 14h37 em uma estação de metrô próxima. Isso não fazia sentido.

Ele olhou para trás, por cima do ombro, e viu uma cabine telefônica na esquina. Ele caminhou decididamente para a cabine e discou o número de Zimmerman. Novamente o telefone tocou uma dúzia de vezes e não foi atendido.

Dessa vez, no entanto, Ricky sentiu um alívio. A ausência de resposta na casa de Zimmerman pareceu eximi-lo da necessidade de bater à sua porta, embora estivesse surpreso de a mãe de Zimmerman também não atender. Segundo o filho, ela ficava de cama a maior parte do dia, incapaz e doente, sem fazer nada senão descarregar continuamente uma quantidade inesgotável de reclamações furiosas e comentários depreciativos.

Ele colocou o telefone no gancho e voltou para a esquina. Deu uma longa olhada para a quadra onde ficava o apartamento de Zimmerman e sacudiu a cabeça. Disse a si mesmo: Você precisa controlar a situação. A carta ameaçadora, a criança agredida com a pornografia, o repentino aparecimento de uma mulher impressionante e nua em seu consultório, tudo isso perturbara-lhe o equilíbrio. Ele precisava, pensou, colocar ordem nos acontecimentos e, em seguida, determinar um rumo simples para o jogo no qual tinha sido colocado. O que ele não podia, disse a si

mesmo, era jogar fora quase um ano de análise com Roger Zimmerman, por estar amedrontado e agindo imprudentemente.

Dizer essas coisas a si mesmo fez com que se acalmasse. Virou-se, determinado a voltar para casa e começar a fazer as malas para as férias.

Seus olhos, no entanto, observaram a entrada da estação de metrô da Rua 92. Como várias outras estações, ela não era nada mais do que um vão de escadas que desciam pela terra, com um singelo letreiro amarelo. Ele seguiu naquela direção, parou por um momento no topo da escada e, então, desceu, repentinamente tomado por uma sensação de desconfiança e medo, como se alguma coisa tivesse acabado de emergir da neblina, tornando-se nítida. Seus passos ecoavam ruidosamente nos degraus. A luz artificial o atordoava e se refletia nos azulejos das paredes. Um trem distante rugiu pelo túnel. Um odor de mofo antigo, como o de um armário fechado há vários anos, chegou até ele, seguido da sensação de calor armazenado, como se a temperatura tivesse cozinhado a estação durante o dia todo e somente naquele momento começasse a refrescar. Havia poucas pessoas na estação naquele momento e ele viu apenas uma mulher negra trabalhando no guichê. Esperou por um momento, aguardando que ela não estivesse ocupada com passageiros comprando bilhetes e se aproximou. Inclinou-se para a frente, na direção do furo redondo e metálico para se falar.

— Com licença — disse ele.

— Você quer um bilhete? Informações? Os mapas estão nas paredes da estação.

— Não — disse ele, sacudindo a cabeça. — Estava pensando, desculpe-me se isso parece estranho...

— Que deseja?

— Bem, eu estava pensando, você sabe se aconteceu alguma coisa aqui hoje? Esta tarde...

— Você tem de perguntar para os guardas — disse rapidamente. -Aconteceu antes do meu turno.

— Mas, o que...

— Eu não estava aqui. Não vi nada.

— Mas o que aconteceu?

— Um cara pulou na frente de um trem. Ou caiu, não sei direito. Os policiais estiveram aqui e foram embora antes do meu horário. Eles limparam a sujeira e ouviram algumas testemunhas. Só isso.

— Que policiais?

— Trânsito. Da 96 com a Broadway. Fale com eles. Eu não sei de mais nada.

Ricky recuou com o estômago contraído, a cabeça rodando e quase vomitando. Precisava de ar e havia muito pouco na estação. Um trem se aproximou

enchendo o local com um guincho, como se o fato de diminuir a velocidade fosse algo torturante. O som chegou até ele, atingindo-o como um soco.

— O senhor está bem? — a mulher na cabine gritou pela janelinha. — Parece doente.

Ele balançou a cabeça e respondeu algo que ela certamente não pôde ouvir.

— Estou bem — disse ele, mas aquilo obviamente era mentira. Ele era como um bêbado tentando dirigir por estradas sinuosas. Ricky afastou-se em direção à saída.

CAPÍTULO 5

Tudo que se relacionava com o mundo em que Ricky entrara naquela tarde era completamente estranho para ele.

A aparência, os sons e cheiros da delegacia de polícia de trânsito, na 96 com a Broadway, pareciam representar uma janela para a cidade através da qual ele jamais havia olhado antes e cuja existência ele conhecia apenas vagamente. Havia um leve odor de urina e vômito lutando contra o cheiro mais forte de desinfetante dentro da delegacia, como se alguém tivesse passado mal e a limpeza tivesse sido malfeita. A pungência daquele odor fez com que ele hesitasse, só o tempo suficiente para ser atingido por um curioso ruído, mescla da rotina e do surreal. Um homem, em algum lugar, gritava palavras ininteligíveis que pareciam reverberar pela entrada, a parte de qualquer outro acontecimento. Havia uma mulher furiosa segurando um bebê que chorava, em frente à pequena mesa de recepção do sargento, cuspidando rapidamente imprecações em espanhol. Policiais passavam por ele se arrastando, com as camisas azuis molhadas de suor por causa do calor do dia, as cartucheiras de couro fazendo um estranho contraste com os sapatos extremamente polidos. Um telefone tocava em algum lugar, sem ser atendido. Idas e vindas, risadas e lágrimas, tudo pontuado com explosões de grosseria de policiais rudes ou visitantes eventuais, vários deles algemados, suando profusamente sob a inclemente luz fluorescente da área de recepção.

Ricky entrou vacilante pela porta, assaltado por tudo aquilo que tinha visto e ouvido, sem saber ao certo o que deveria fazer. Um oficial passou correndo por ele, dizendo "Por aqui, venha por aqui...", fazendo-o avançar abruptamente, como se tivesse sido puxado por uma corda.

A mulher na mesa do sargento ergueu o pulso e sacudiu-o diante do policial da recepção, despejando uma cascata de palavras junto com uma série de insultos e, sacudindo a criança, virou-se com uma expressão feia, empurrando Ricky como se ele fosse tão insignificante quanto uma barata. Ricky tropeçou para a frente e aproximou-se do policial que estava atrás da mesa. Alguém, que já estivera parado

ali onde Ricky se encontrava, havia riscado FOD na madeira da mesa, opinião que aparentemente não incomodara ninguém a ponto de ser apagada.

— Sinto muito incomodar — Ricky começou a falar antes de ser interrompido.

— Ninguém realmente sente muito, amigo. Isso é só o que dizem. Na verdade, não querem dizer isso. Mas eu ouço todo mundo. Então, sobre o que você sente muito?

— Não, você não me entendeu bem. O que eu quis dizer é que...

— As pessoas também nunca falam aquilo que realmente querem dizer. Essa é uma importante lição na vida. Seria bom se mais pessoas aprendessem isso.

O policial devia ter cerca de 40 anos e exibia um sorriso despreocupado que parecia indicar que ele já tinha visto de tudo até aquele momento de sua vida. Era um homem atarracado, com um pescoço grosso de fisiculturista e cabelos lisos e negros puxados para trás. A superfície da mesa era uma bagunça, cheia de formulários de papel e boletins de ocorrências, amontoados sem nenhum critério. De vez em quando, o policial pegava dois deles e os grampeava juntos dando uma pancada no velho grampeador de mesa, antes de colocá-los em um cesto de arame.

— Deixe-me começar de novo — disse finalmente Ricky. O policial sorriu novamente sacudindo a cabeça.

— Ninguém começa de novo, pelo menos não que eu saiba. Todos nós dizemos que queremos encontrar uma forma de recomeçar a vida de novo, mas as coisas não funcionam assim. Mas, vamos dar uma chance. Talvez você seja o primeiro. Então, como posso ajudá-lo, amigo?

— Hoje cedo houve um acidente na estação da 92. Um homem caiu...

— Pulou, segundo ouvi. Você é testemunha?

— Não, mas acho que conhecia o homem. Fui médico dele. Eu preciso de uma informação...

— Médico, hein? Que tipo de médico?

— Ele estava passando por tratamento psicanalítico comigo no último ano.

— Você é psiquiatra?

Ricky concordou.

— Trabalho interessante, esse — disse o oficial. — Você usa aqueles divãs?

— Isso mesmo.

— Sério? E as pessoas ainda têm coisas para falar? Bem, eu acho que tiraria uma soneca assim que colocasse a cabeça lá. Um bocejo e eu dormiria na hora. Mas as pessoas realmente falam com entusiasmo dos seus tormentos, não é?

— Às vezes.

— Legal. Bem, um não vai falar mais. E melhor você conversar com o detetive. Siga pelas portas duplas, desça pelo corredor, o escritório fica à esquerda.

Riggins é o responsável pelo caso. Ou o que restou dele depois que o trem da Oitava Avenida passou pela estação da 92 a quase cem quilômetros por hora. Se quiser saber detalhes, é lá que tem de ir, falar com o detetive.

O policial gesticulou em direção às portas que conduziam aos fundos da estação. Enquanto apontava, Ricky pôde ouvir um som vindo de alguma sala que parecia estar ao mesmo tempo embaixo e acima deles. O sargento sorriu.

— Esse garoto vai acabar com os meus nervos até o final da noite — disse ele, virando-se e pegando algumas folhas de papel para grampeá-las com um barulho que parecia um tiro. — Se ele não se calar, eu é que provavelmente vou precisar de um psicanalista. O que o senhor precisa, doutor, é de um divã portátil — sorriu ele, agitando os papéis no ar, mostrando a Ricky a direção correta.

Havia uma porta à esquerda com a placa "Sala de Investigação", que Ricky Starks empurrou, entrando em um pequeno escritório cheio de mesas de aço cinzentas e uma luz tão forte que chegava a enjoar. Ele piscou por um segundo, como se a claridade tivesse ferido seus olhos como água salgada. Um detetive, vestindo uma camisa branca e gravata vermelha, sentado na mesa mais próxima, olhou para cima e o avistou.

— Em que posso ajudá-lo?

— Detetive Riggins?

O detetive sacudiu a cabeça.

— Não, não sou eu. Ela está lá atrás, conversando com as últimas pessoas que viram o suicida de hoje.

Ricky olhou naquela direção e viu uma mulher quase de meia-idade, usando uma camisa azul masculina e uma gravata de seda com listras vermelhas, como um vendedor embora a gravata estivesse frouxamente pendurada no pescoço, mais parecendo um laço do que qualquer outra coisa, calças cinzas que pareciam combinar com a decoração e um contraditório par de tênis brancos, com a faixa laranja ao lado. O cabelo loiro-escuro estava puxado para trás em um rabo-de-cavalo, o que fazia com que ela aparentasse ser um pouco mais velha do que os trinta e poucos anos que Ricky achava que ela tinha. Havia rugas marcadas nos cantos dos olhos. A detetive estava falando com dois adolescentes negros, cada um deles vestindo calças jeans exageradamente largas e bonés de beisebol colocados de forma estranha, como se tivessem sido colados de qualquer jeito na cabeça deles. Se Ricky fosse um pouco mais consciente do mundo em que vivia, teria reconhecido que aquela era a moda do momento, mas apenas achou que a aparência deles era muito estranha e bastante perturbadora. Se encontrasse aquela dupla na calçada, com certeza ficaria com medo.

O detetive sentado à sua frente perguntou: Você está aqui por causa do cara que se jogou na frente do trem hoje?

Ricky fez que sim. O detetive tirou o telefone do gancho. Apontou na direção de algumas cadeiras duras de madeira, alinhadas contra a parede do escritório. Somente uma estava ocupada naquele momento, por uma mulher amarrotada e mal-arrumada, de idade indistinta, cujos cabelos prateados pareciam explodir da cabeça para todos os lados e que pareceu a Ricky estar falando sozinha. A mulher vestia um sobretudo roto, que mantinha incrivelmente apertado ao corpo, e chacoalhava-se na cadeira, como se acompanhasse o ritmo da eletricidade que saltava dentro dela. Sem-teto e esquizofrênica, diagnosticou Ricky imediatamente. Profissionalmente ele não via alguém naquela condição desde o tempo da faculdade, apesar de ter passado apressadamente por várias pessoas como ela, no decorrer dos anos, acelerando o passo como qualquer um em Nova York. Nos últimos anos, o número de desabrigados nas ruas parecia haver diminuído, mas Ricky presumia que eles tinham simplesmente sido afastados para algum outro lugar, por questões políticas, de modo que os turistas entusiasmados e as pessoas cheias da grana e em seus carrões não tivessem que cruzar com eles quando viessem ao centro.

— Sente-se ali perto de LuAnne — disse o detetive. — Vou avisar a Riggins que tem mais alguém com quem falar.

Ricky estremeceu quando ouviu o nome da mulher. Respirou fundo e caminhou em direção às cadeiras.

— Posso me sentar aqui? — perguntou, apontando para uma cadeira perto da mulher. Ela o olhou, levemente atordoada.

— Ele quer saber se pode sentar-se aqui. Eu sou o quê? A rainha das cadeiras? Que devo dizer? Sim? Não? Ele pode sentar onde quiser...

LuAnne tinha as unhas escuras, quebradas e cheias de sujeira. Suas mãos estavam cheias de cicatrizes e calombos e uma delas ostentava um corte que parecia infeccionado, a pele inchada de uma cor arroxeada e escura em volta da ferida marrom. Ricky achou que aquilo devia estar dolorido, mas não disse nada. LuAnne esfregava as mãos como se fosse um cozinheiro, colocando sal em um prato de comida.

Ricky sentou-se na cadeira ao lado dela. Ajeitou-se, tentando ficar confortável e perguntou:

— E então LuAnne, você estava na estação de metrô quando o homem caiu nos trilhos?

LuAnne olhou para cima, para a luz fluorescente, fixando o olhar naquela claridade brilhante e implacável. Ela deu uma leve sacudidela nos ombros e respondeu:

— Ele quer saber se eu estava lá quando o homem se jogou na frente do trem? Eu devia contar pra ele o que vi, todo aquele sangue e as pessoas gritando, foi horrível, e depois veio a polícia.

— Você mora na estação de metrô?

— Ele quer saber se eu moro na estação de metrô, bem, às vezes, devo dizer que às vezes moro lá.

LuAnne finalmente desviou o olhar das luzes, piscando rapidamente e movendo a cabeça para os lados como se estivesse reconhecendo fantasmas pela sala. Depois de um momento, finalmente virou-se para Ricky.

— Eu vi — disse ela. — Você também estava lá?

— Não — respondeu ele. — O homem que morreu era um conhecido meu.

— Oh, que triste — ela sacudiu a cabeça. — Que triste pra você. Eu conheci pessoas que morreram. Triste pra mim, também.

— É — respondeu ele. — É triste. — Deu um leve sorriso na direção de LuAnne. Ela sorriu de volta. — Diga-me, LuAnne, que você viu?

Ela tossiu uma ou duas vezes, como se tentasse limpar a garganta.

— Ele quer que eu conte o que vi — disse ela, encarando Ricky, mas não necessariamente se dirigindo a ele. — Ele quer que eu conte sobre o homem que morreu e sobre a mulher bonita.

— Que mulher bonita era essa? — Ricky perguntou, tentando manter a calma.

— Ele não sabe sobre aquela mulher muito bonita.

— Não, eu não sei. Mas agora quero saber — disse ele, cuidadosamente tentando fazê-la falar.

Os olhos de LuAnne fecharam-se um pouco, tentando focalizar alguma coisa ao longe, como uma miragem, então, ela falou de repente e de um jeito amistoso:

— Ele quer saber que a mulher bonita veio até mim, assim que o homem se jogou! E ela falou suavemente pra mim, você viu, LuAnne? Você viu como ele se jogou na frente do trem? Você viu como ele chegou bem na beirada, quando o trem estava vindo, era expresso, veja, ele não para, nunca para, só o local é que para para as pessoas subirem. Viu como ele se jogou! Horrível! Horrível! Ela me disse, LuAnne, você viu ele se matando? Ninguém o empurrou, LuAnne, ninguém. Você pode ter certeza, LuAnne, ninguém empurrou o homem e bum! Ele simplesmente se jogou, disse a mulher. Tão triste. Acho que ele queria morrer rápido, bum! E tem um homem bem perto dela, um homem muito perto da mulher bonita e ele diz, LuAnne, você deve dizer à polícia aquilo que você viu, conte-lhes que você viu o homem passar pelos outros homens e outras mulheres e depois pular, bum! Morreu. E então a mulher bonita me disse, ela disse, você vai contar isso pra polícia, LuAnne, esse é o seu dever de cidadã, contar a eles que você viu o homem se jogar. Então ela me deu dez dólares. Dez dólares só para mim. Mas ela me fez prometer. LuAnne, disse ela, você promete ir à polícia e contar a eles que você viu o homem se jogar? Sim, eu disse. Eu prometo. E eu vim contar para a polícia, assim como ela

disse e assim como eu prometi. Ela deu dez dólares pra você, também?

— Não — disse Ricky lentamente —, ela não me deu dez dólares.

— Oh, que pena! — LuAnne respondeu, sacudindo a cabeça. — Azar o seu. Ele levantou os olhos e viu a detetive cruzando a sala na direção deles.

Ela parecia ainda mais exausta devido aos acontecimentos do que quando Ricky a viu pela primeira vez na sala. A detetive Riggins caminhava lentamente e com cuidado, o que revelava músculos doloridos, fadiga e espírito solapado, ao menos em parte, pelo calor do dia e certamente por passar a tarde toda ajudando a recolher o que sobrou do pobre Sr. Zimmerman, além de investigar os fatos relativos aos seus últimos momentos antes de pular da plataforma do trem. Ele ficou surpreso que ela ainda conseguisse dar um sorrisinho magro a título de apresentação.

— Olá — disse ela. — Você está aqui por causa do Sr. Zimmerman? Mas antes que ele pudesse responder, a detetive Riggins virou-se para LuAnne e completou:

— LuAnne, mandei um policial deixá-la no abrigo da Rua 102. Obrigada por ter vindo até aqui. Você foi muito útil. Fique no abrigo, certo, LuAnne? Para o caso de eu precisar falar com você outra vez.

— Ela disse fique no abrigo, mas ela não sabe que nós odiamos o abrigo. Ele está cheio de caras malvados e loucos que roubam e apunham você se souberem que tem dez dólares ganhos de uma bonita mulher.

— Vou cuidar para que ninguém saiba, e você estará a salvo. Por favor.

LuAnne sacudiu a cabeça, mas, contraditoriamente, disse:

— Vou tentar, detetive.

A detetive Riggins apontou em direção à porta, onde dois policiais uniformizados estavam esperando.

— Esses rapazes levarão você, está bem? LuAnne levantou-se, balançando a cabeça.

— Vai ser divertido dar uma volta de carro, LuAnne. Se quiser eu peço para eles ligarem as luzes e a sirene.

Isso fez com que LuAnne sorrisse. Ela sacudiu a cabeça com um entusiasmo infantil. A detetive acenou para a dupla de guardas uniformizados e disse:

— Rapazes, ofereçam à nossa testemunha aqui um tratamento vip. Luzes e ação durante todo o caminho, certo?

Os dois deram de ombros, sorrindo. Aquela era uma tarefa fácil e eles não tinham do que reclamar, contanto que LuAnne entrasse e saísse do veículo rápido o suficiente para que aquele cheiro forte de suor, sujeira e infecção não ficasse ali impregnado.

Ricky ficou olhando enquanto a mulher perturbada, sacudindo a cabeça e falando consigo mesma, arrastava os pés em direção à saída seguindo os policiais.

Ele virou-se e viu que a detetive Riggins também estava observando a cena. A policial suspirou.

— Não é má pessoa — disse. — Ela está sempre por aí. Atrás do bar da 97, na estação onde estava hoje, ou na entrada do Riverside Park na 96. Quer dizer, ela é louca e tudo mais, mas não é desagradável como os outros. Eu fico aqui pensando quem realmente ela é. O senhor acha, doutor, que há alguém em algum lugar preocupado com ela? Em Cincinnati ou Minneapolis, por exemplo? Família, amigos, ou parentes imaginando o que pode ter acontecido com a excêntrica tia ou parente? Talvez ela seja a herdeira de alguma fortuna de petróleo ou tenha ganho na loteria. Seria legal, não é? Imagine o que deve ter acontecido com ela para acabar assim. Todas aquelas quimicazinhas dentro do cérebro dela simplesmente borbulhando fora de controle. Mas isso é mais da sua área do que da minha.

— Eu não sou tão entendido em remédios — disse Ricky. — Não como alguns dos meus colegas. Uma esquizofrenia tão profunda quanto a dela precisa de fato de medicação, mas o que eu faço provavelmente não ajudaria LuAnne tanto assim.

A detetive Riggins encaminhou-o para a mesa dela, que tinha uma cadeira ao lado. Eles caminharam juntos pela sala.

— Você está acostumado a conversar, não é? Os problemas articulados, não é? Falar, falar e falar, cedo ou tarde, tudo fica claro, não é?

— Você está simplificando bastante as coisas, detetive. Mas não está totalmente errada.

— Minha irmã fez terapia depois do divórcio. Isso realmente ajudou a melhorar a vida dela. Por outro lado, minha prima Mareie, uma daquelas pessoas que sempre tem uma nuvem escura sobre a cabeça, fez terapia por três anos e acabou muito pior do que estava antes.

— Sinto muito ouvir isso. Como em qualquer profissão há vários níveis de competência. — Ricky e a detetive sentaram-se. Mas...

A detetive Riggins cortou-o antes que ele fosse adiante com a pergunta.

— Você me disse que foi terapeuta do Sr. Zimmerman, certo? Ela pegou uma caderneta e uma caneta.

— Sim. Ele fez análise durante todo o ano passado. Mas...

— E o senhor detectou alguma tendência suicida nas duas últimas semanas?

— Não, absolutamente nenhuma — disse Ricky decididamente. A detetive levantou as sobrancelhas, com uma certa surpresa.

— Com certeza? Absolutamente nenhuma?

— Não. De jeito nenhum — disse Ricky. — Na verdade...

— Estava obtendo progresso na análise, então? Ricky hesitou.

— E então? — a detetive perguntou abruptamente. — Ele estava

melhorando? Adquirindo controle? Sentindo-se mais confiante? Mais preparado para encarar o mundo? Menos depressivo? Menos furioso?

Ricky fez outra pausa, antes de responder.

— Não diria que ele tivesse alcançado o que poderíamos chamar de um grande avanço. Ele ainda se esforçava para entender mais profundamente as questões que atormentavam sua vida.

A detetive Riggins sorriu, mas sem vontade. Suas palavras tinham um tom contundente.

— Então, depois de quase um ano de tratamento constante, cinquenta minutos por dia, cinco dias por semana — quarenta semanas por ano — podemos dizer que ele ainda estava depressivo e frustrado com a vida?

Ricky mordeu levemente o lábio e concordou. A detetive Riggins escreveu algumas palavras na caderneta. Ricky não pôde ver o que ela escreveu.

— Desespero seria uma palavra muito forte?

— Sim! — respondeu Ricky com irritação.

— Mesmo que essa tenha sido a primeira palavra usada pela mãe dele, com quem ele morava? E a mesma palavra que vários colegas também usaram?

— Sim! — Ricky insistiu.

— Então, você não acha que ele era um suicida?

— Eu já lhe disse, detetive. Ele não apresentava nenhum dos sintomas clássicos. Se tivesse apresentado, eu teria feito algo...

— Que você faria?

— Poderíamos ter tentado focar as sessões mais especificamente. Talvez tivesse receitado algum medicamento, se realmente achasse que a ameaça fosse real...

— Pensei que tivesse dito que não gostava de prescrever medicação.

— Eu não gosto, mas...

— Você não vai sair de férias? Em breve?

— Sim, amanhã, pelo menos estou agendado para isso, mas o que isso...

— Então, a partir de amanhã, o porto seguro dele sairia de férias?

— Sim, mas não consigo entender... A detetive sorriu.

— Palavras interessantes para um terapeuta.

— Que palavras? — Ricky perguntou, tomado por grande exasperação.

— Não consigo entender... — disse a detetive Riggins. — Isso não é bem próximo daquilo que vocês chamam de ato falho?

— Não.

— Então você simplesmente não acha que ele cometeu suicídio?

— Não, eu não acho. Eu só...

— Você já teve algum outro paciente que se suicidou?

— Sim. Infelizmente. Mas naquele caso os sinais eram claros. Meus esforços, no entanto, não foram adequados ao grau de depressão dele.

— Essa falha o aborrece um pouco, doutor?

— Sim — Ricky respondeu friamente.

— Não seria nada bom para os seus negócios e realmente ruim para a sua reputação se outro paciente antigo decidisse enfrentar o metrô da Oitava Avenida, cara a cara, não seria?

Ricky mexeu-se na cadeira, com raiva.

— Não gostei da insinuação na sua pergunta, detetive. Riggins sorriu, sacudindo levemente a cabeça.

— Então, vamos adiante. Se você acha que ele não se matou, a alternativa é que alguém o tenha empurrado na frente do trem. O Sr. Zimmerman falou alguma vez de alguém que o odiasse ou que guardasse rancor dele, ou que pudesse ter algum motivo para matá-lo? Ele conversava todos os dias com você, portanto, se estivesse sendo ameaçado por alguma espécie de assassino, teria mencionado, não é?

— Não, ele nunca disse nada sobre alguém que pudesse encaixar-se nas categorias que você sugere.

— Ele nunca disse "fulano ou beltrano quer-me matar"...?

— Não.

— E você se lembraria se ele tivesse dito isso?

— É claro.

— Certo, então ninguém, óbvio, estava tentando matá-lo. Nenhum sócio? Amante abandonada? Marido traído? Você acha que alguém poderia tê-lo empurrado na frente do trem por qual motivo? Por puro prazer? Ou por alguma outra razão misteriosa?

Ricky hesitou. Percebeu que aquela era a oportunidade de contar para a polícia sobre a carta que exigia que se matasse, da visita da garota nua chamada Virgílio, e do jogo no qual estava sendo forçado a entrar. Tudo o que tinha a fazer era contar que um crime havia sido cometido e que Zimmerman era vítima de um ato que não tinha nada a ver com ele, exceto por sua morte. Ricky quase abriu a boca para deixar sair todos esses detalhes, sem pensar, mas o que ele viu na sua frente foi apenas uma detetive entediada e pouco interessada, tentando encerrar um dia completamente desagradável com o preenchimento de um boletim de ocorrência, cujo formulário certamente não teria espaço para o tipo de informação que ele estava a ponto de prestar.

Ele decidiu, naquele segundo, seguir seu próprio conselho. Aquela era sua natureza de psicanalista. Ele não compartilhava especulações ou opiniões facilmente ou em público.

— Talvez — disse ele. — Que você sabe sobre aquela outra mulher? A

mulher que deu dez dólares para LuAnne?

A detetive franziu a testa, como se estivesse confusa com a pergunta.

— Bem, que tem ela?

— O comportamento dela não é um pouco suspeito? Não parece que ela quis colocar palavras na boca de LuAnne?

A detetive deu de ombros.

— Disso não sei. Uma mulher e um homem que ali estavam, percebem que uma das mais infelizes cidadãs de nossa grande cidade pode ser uma importante testemunha do ocorrido e certificam-se de que a pobre criatura tenha alguma compensação por ajudar a polícia. Isso parece ser menos suspeito, na verdade é espírito de cidadania, porque LuAnne veio até aqui e nos ajudou, ao menos em parte, por causa da intervenção dos dois.

Ricky deu um tempo e depois perguntou:

— Não lhe ocorreu saber quem era o casal, não é? A detetive sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. Eles apontaram LuAnne para um dos primeiros policiais que chegaram ao local e, então, partiram, depois de informar que eles próprios não estavam numa posição boa o suficiente para ver com clareza o que aconteceu. E os policiais também não perguntaram os nomes deles porque eles não eram testemunhas. Por quê?

Ricky não sabia se queria responder aquela pergunta. Uma parte dele gritava que ele devia se livrar de todo aquele peso. Mas ainda não tinha ideia de quão perigoso isso podia ser. Ele estava tentando calcular, adivinhar, entender e examinar os fatos, mas de repente parecia que todos os eventos que o cercavam eram confusos e impossíveis de se decifrar, obscuros e ilusórios. Ele sacudiu a cabeça como se isso pudesse ajudar a definir suas emoções.

— Tenho sinceras dúvidas de que o Sr. Zimmerman tenha se matado. O estado dele, definitivamente, não parecia assim tão grave — disse Ricky. Escreva isso, detetive, coloque no seu relatório.

A detetive Riggins sacudiu os ombros e deu um sorriso cansado, carregado de sarcasmo.

— Vou fazer isso, doutor. A sua opinião, tal como foi dada e sirva para o que for, será anotada nos registros.

— Havia outras testemunhas, alguém que talvez tivesse visto Zimmerman passar na frente das outras pessoas, na plataforma? Alguém que tenha visto ele se jogar sem ser empurrado?

— Apenas LuAnne, doutor. Todos os outros só viram uma parte do acontecimento. Ninguém viu, na verdade, que ele não foi empurrado. Mas, dois jovens viram que ele estava parado, afastado das outras pessoas que aguardavam no

local. O padrão dos testemunhos, aliás, é bastante típico nesse tipo de caso. As pessoas ficam olhando para a frente, para o lado do túnel de onde o trem virá. Tipicamente, os suicidas se posicionam atrás da multidão, não na frente dela. Estão preocupados em fazer aquilo que têm em mente, não importa quais sejam seus motivos, e não em oferecer um show para os outros passageiros da estação. Assim, em 99% dos casos eles se colocam longe da multidão, para trás. Ou, para ser bem precisa, lá onde o Sr. Zimmerman se posicionou.

A detetive sorriu.

— Aposto uns donuts que vou achar uma mensagem nas coisas dele em algum lugar. Ou talvez você receba uma carta no decorrer desta semana. Se receber faça uma cópia para anexar ao meu relatório, está bem, doutor? Bem, como você está saindo de férias, talvez não a receba antes de partir. Mesmo assim, pode ser útil mais tarde.

Ricky quis responder, mas controlou a própria ira.

— Posso ficar com seu cartão, detetive? Caso precise entrar em contato futuramente — ele perguntou o mais friamente possível.

— E claro. Ligue-me quando quiser — disse ela com um tom de voz que significava exatamente o contrário. Então ela pegou um cartão de dentro de uma caixa em sua mesa e entregou-o com um pequeno floreio. Sem olhar para ele, Ricky colocou-o no bolso e levantou-se para sair. Atravessou a sala rapidamente, olhando para trás somente quando passou pela porta, vendo de relance a detetive Riggins, curvada sobre uma velha máquina de escrever, catando as palavras para fazer seu relatório sobre a óbvia, comum e aparentemente inconsequente morte de Roger Zimmerman.

CAPÍTULO 6

Ricky Starks bateu a porta do seu apartamento atrás de si, o barulho ressoando-lhe nos ouvidos e ecoando pelo corredor vazio e fracamente iluminado. Ele sacudiu freneticamente os cadeados que quase nunca usava, trancando a porta de entrada. Remexeu a maçaneta para certificar-se de que ela funcionava perfeitamente. Então, achando que apenas os cadeados não seriam suficientes, pegou uma cadeira e encaixou-a embaixo da maçaneta como uma tranca adicional e antiquada. Foi necessário um certo esforço mental para impedi-lo de empilhar mesa, caixas, armários — qualquer coisa em que pudesse botar as mãos —, contra a porta, para ficar mais seguro ali dentro. O suor irritou-lhe os olhos, e apesar de o ar-condicionado estar resmungando do lado de fora da janela do escritório, ele ainda sentia repentinos golpes de calor como se diversas flechas em chamas atingissem seu corpo. Um soldado, um policial, um piloto, um alpinista, qualquer um habituado a uma atividade de risco, teria reconhecido facilmente o que estava acontecendo: ataques de pânico. Mas Ricky passara tantos anos longe de qualquer tipo de aventura que não era capaz de reconhecer os sinais mais óbvios.

Afastou-se da porta, e virou-se para examinar o apartamento. Uma única luz fraca acesa acima da porta de entrada quebrava debilmente a escuridão da noite, lançando estranhas sombras pelos cantos da sala de espera. Ele podia ouvir o ar-condicionado e, mais ao longe, os ruídos abafados da rua; mas fora isso, não ouvia nada além de um opressivo silêncio.

A porta do escritório estava aberta, bocejando escuridão. De repente, foi tomado pela sensação de que, quando deixara o santuário do seu lar, mais cedo, naquela noite e pouco depois da visita de Virgílio, havia trancado aquela porta, como era seu hábito. Uma forte sensação de apreensão tomou conta dele, enchendo-o de suspeitas. Ele ficou olhando para a porta aberta, tentando desesperadamente reconstituir seus passos na saída.

Podia se ver vestindo a gravata e o paletó, dando um nó duplo no cadarço, apalpando as calças para certificar-se de que estava levando a carteira, jogando a chave do apartamento no bolso da frente e, depois, chacoalhando para ver se estava lá mesmo. Lembrou-se de ter caminhado pelo apartamento, saindo pela porta da frente, esperando o elevador para descer do terceiro andar, saindo para a rua onde o ar ainda estava quente. Tudo isso estava muito claro. Aquela havia sido, pensou ele, uma saída igual a milhares de outras saídas no decorrer de milhares de dias. O retorno é que era diferente de todos os outros. Parecia diferente ou levemente modificado, como aquelas imagens num espelho de circo, que ficam distorcidas conforme a pessoa se movimenta. Gritou consigo mesmo internamente: Você fechou

esta porta?

Ele mordeu o lábio, frustrado, tentando recordar a sensação da maçaneta na sua mão, do barulho da madeira fechando-se por trás de suas costas. A memória o traía e ele ficou congelado naquela posição, travado pela incapacidade de se recordar de um mero e simples ato do dia-a-dia. Então, fez a si mesmo uma pergunta ainda pior, apesar de não ter percebido imediatamente: Por que você não consegue lembrar-se?

Respirou fundo e tentou tranquilizar-se: — você deve ter deixado a porta aberta. Por distração.

Mesmo assim, ele não se mexeu. Sentia-se subitamente fraco. Quase como se tivesse lutado com alguém ou, pelo menos, como imaginava que se sentiria se alguma vez tivesse lutado com alguém, pois naquele instante percebeu que jamais fizera tal coisa. Pelo menos não depois de adulto, e não levava em conta as poucas brigas de adolescente que pareciam terrivelmente distantes no passado.

A escuridão parecia zombar dele. Ele aguçou os ouvidos, tentando perceber qualquer coisa na sala escura.

Não há ninguém ali, disse a si mesmo.

Mas, como que para enfatizar a mentira, ele disse alto: "Olá!".

O som dessa simples palavra dita naquele pequeno espaço teve um forte efeito em Ricky, que se viu em uma situação ridícula. Estava agindo como uma criança com medo do escuro, disse a si mesmo, e não como um adulto. Principalmente um adulto como ele, que passara toda a vida lidando com segredos e medos escondidos.

Deu um passo à frente, tentando recuperar a compostura. Agora estava em casa, pensou; estava a salvo.

Mesmo assim, procurou rapidamente o interruptor de luz na parede, enquanto hesitava na porta, tateando até encontrar o botão do interruptor, que apertou com pressa.

Nada aconteceu. A escuridão do quarto permaneceu intacta.

Ricky respirou com dificuldade, inalando um pouco daquela escuridão. Apertou o interruptor repetidamente, recusando-se a acreditar que não havia luz na sala. Gritou alto: "Maldição...", mas não seguiu adiante. Em vez disso, deixou que os olhos se ajustassem à escuridão, ouvindo cuidadosamente, tentando captar algum barulho revelador que mostrasse a ele que não estava sozinho. Tranquilizou-se, dizendo: Quando se passa por uma experiência tão perturbadora quanto a daquela noite, a mente naturalmente prega todo tipo de peças. Quietamente, ele esperou mais alguns segundos de forma que a visão melhorasse um pouco naquela sala escura. Esfregou os olhos algumas vezes. Então, caminhou pelo pequeno espaço, dirigindo-se à mesa e ao abajur que ficavam em um dos cantos. Sentiu-se como um cego,

mantendo as mãos sempre na frente do corpo, tentando sentir o caminho por uma área onde não havia nada a ser tocado. Chocou-se com força contra a mesa. Calculando mal a distância, bateu o joelho, o que fez jorrar uma porção de palavrões de sua boca. Vários "merda", "diabos" e um único "vá-se danar" foram ouvidos, o que era muito incomum para Ricky, que até aquele dia, raramente havia dito uma obscenidade.

Contornou a mesa, finalmente alcançando o abajur com a mão e localizando o interruptor. Com um suspiro de alívio, apertou-o esperando que a luz acendesse.

O abajur também não funcionou.

Ricky agarrou a lateral da mesa, para se firmar. Ele tentou convencer-se de que estava acontecendo algum tipo de blecaute, causado pelo calor e pelo excesso de demanda da cidade por eletricidade, mas por trás de sua mesa, pôde ver pela janela que as luzes da cidade estavam acesas e que o ar-condicionado continuava a funcionar. Então disse a si mesmo que não era totalmente impossível as duas lâmpadas se terem queimado ao mesmo tempo. Estranho, mas não impossível.

Com uma mão na ponta da mesa, virou-se na direção da terceira lâmpada que havia no consultório. Era uma luminária preta, de ferro, que a esposa havia comprado uns anos atrás para a casa de Wellfleet, mas que ele havia colocado no canto do consultório, atrás de sua poltrona, na cabeceira do divã. Ele a usava para ler nos dias escuros ou chuvosos, para iluminar a escuridão de novembro na sala a fim de que os pacientes não se distraíssem com o clima lá fora. A luminária ficava a apenas uns quatro metros de onde ele estava, mas naquele momento aquela distância parecia muito maior. Pensou no consultório, lembrando que ela estava apenas alguns passos adiante e que não havia nada entre ele e a poltrona, e que, uma vez que a alcançasse, seria fácil achar luminária. Naquele momento, desejou que entrasse mais luz das ruas pela janela. Mas a pouca que existia, parecia parar no vidro da janela, impotente e incapaz de penetrar na pequena sala. Apenas quatro passos, disse a si mesmo. Não bata com o joelho na cadeira.

Deu um passo cuidadoso à frente, tateando o vazio com os braços esticados e o corpo um pouco inclinado para tentar alcançar o couro reconfortante da velha poltrona. Teve a impressão de precisar caminhar mais até o lugar onde julgava que ela estava, mas a poltrona continuava onde sempre ficara, e ele encontrou o braço, o encosto e afundou-se no assento ouvindo o agradável chiado do couro. Suas mãos localizaram a mesinha onde ele mantinha a agenda e o relógio, e então procuraram a luminária atrás dela. O interruptor ficava logo abaixo da lâmpada, e ele logo o achou. Sem hesitação, apertou-o.

A escuridão permaneceu intacta.

Ele moveu o interruptor para frente e para trás uma dúzia de vezes, enchendo a sala com o som dos cliques. Nada.

Ricky permaneceu sentado, congelado na poltrona, tentando encontrar alguma explicação óbvia para o fato de nenhuma das lâmpadas do consultório estarem funcionando. Ele estava muito confuso.

Respirando profundamente, ficou ouvindo o barulho da noite, tentando distinguir os sons da cidade. Suas terminações nervosas estavam tensas, sua audição aguçada e todos os seus outros sentidos reunidos em um esforço para descobrir se estava realmente sozinho. Uma parte dele queria correr para a porta da frente, escapar pelo corredor e encontrar alguém para acompanhá-lo de volta ao apartamento. Ricky lutou contra esse desejo, percebendo que era o pânico que o impelia e tentou forçar-se a permanecer calmo.

Ele não conseguiu ouvir nada, mas isso não garantia a ele que ninguém mais estava no apartamento. Tentou imaginar onde alguém poderia se esconder, em que armário, em que canto, embaixo de qual mesa. Procurou, então, concentrar-se nesses lugares, como se da poltrona atrás do divã de analista pudesse ver aqueles lugares escondidos. Mas esse esforço também não teve sucesso ou foi, a seu ver, insatisfatório. Tentou lembrar-se de onde poderia ter guardado uma lanterna ou velas, imaginando que se tivesse alguma, deveria estar em uma prateleira na cozinha, provavelmente perto das lâmpadas sobressalentes. Ricky permaneceu sentado por mais um minuto, relutando em deixar sua poltrona familiar. Só conseguiu sair dali quando se convenceu de que a única solução era encontrar qualquer tipo de luz.

Caminhou cuidadosamente para o centro da sala, mantendo as mãos diante do corpo, novamente como um cego. Quando estava na metade do caminho, o telefone na sua mesa tocou.

O som atingiu-o como um raio.

Tropeçou enquanto seguia em direção ao som, tentando alcançá-lo. Sua mão bateu em um portas-caneta que estava sobre a mesa, espalhando-as. Ricky pegou o telefone um pouco antes do sexto toque, o que teria acionado a secretária eletrônica.

— Alô, Alô!

Ninguém respondeu.

— Alô! Quem é?

O telefone ficou mudo de repente.

Ricky segurou o aparelho na mão, no escuro, amaldiçoando silenciosamente, e depois não tão silenciosamente: "Merda!", disse alto. "Maldito, maldito, maldito...".

Colocou o telefone no gancho e pôs as duas mãos sobre a mesa, como se estivesse exausto e precisando recuperar o fôlego novamente. Disse mais palavrões, embora de forma mais suave.

O telefone tocou de novo.

Ele deu um pulo com o susto, esticou a mão, tateando, e derrubou o telefone.

Depois, agarrou o fone e o colocou no ouvido.

— Isso não tem graça — disse.

— Doutor Ricky — murmurou Virgílio profunda com a voz, embora jocosa. — Ninguém disse que isso era uma brincadeira. Na verdade, o Sr. R é uma pessoa muito sem graça, pelo que me disseram.

Ricky engoliu a palavra muito furiosa que estava prestes a sair-lhe dos lábios. Em vez disso, deixou que o silêncio falasse por ele.

Depois de alguns segundos, Virgílio deu uma gargalhada. O som foi muito desagradável no telefone.

— Você ainda está no escuro, não é, Ricky?

— Sim — disse ele. — Você esteve aqui, não é? Você ou alguém como você veio até aqui quando eu estava fora e...

— Ricky — Virgílio murmurou mansamente, de forma quase sedutora —, você é o analista. Quando está nas trevas a respeito de alguma coisa, especialmente uma coisa simples, que você faz?

Ele não respondeu. Ela riu novamente.

— Vamos lá, Ricky. E você se acha o mestre do simbolismo e da interpretação de todos os tipos de mistérios? Como você acende uma luz onde só há escuridão? Por que esse é o seu trabalho, não é?

Ela não deixou que ele respondesse.

— Procure o caminho mais simples para a resposta.

— Quê? — perguntou ele.

— Ricky, vejo que vai precisar muito da minha ajuda nos próximos dias, se pretende fazer um esforço verdadeiro para salvar sua vida. Ou você prefere ficar sentado no escuro, esperando chegar o dia em que você tem de se matar?

Ele ficou confuso.

— Eu não entendi — disse ele.

— Você entenderá daqui a pouco — ela disse firmemente e desligou. Ele ficou segurando o telefone sem reação. Ele levou alguns segundos para colocá-lo no gancho de novo. A escuridão da noite parecia envolvê-lo, cobrindo-o com desespero. Ele recapitulou as palavras de Virgílio, que lhe pareciam vagas, misteriosas e impenetráveis. Teve vontade de gritar dizendo que não tinha ideia do que ela queria dizer, frustrado tanto pela escuridão que o assombrava quanto pela sensação de que seu espaço privado havia sido violado. Ricky cerrou seus dentes com raiva, agarrado à beirada da mesa, rosnando furioso. Queria pegar alguma coisa e jogar na escuridão.

— Um caminho simples — quase gritou. — Não existem caminhos simples na vida!

O som de suas próprias palavras desaparecendo na sala escura teve o efeito

imediatamente de acalmá-lo. Ele estava à beira da fúria.

— Simples, simples... — ele disse bem baixinho.

Então teve uma ideia. Surpreendeu-se com o fato de que ela tivesse conseguido surgir em meio de tanta raiva. "Não pode ser...", disse ele, enquanto alcançava, com a mão esquerda, o abajur da mesa. Ele sentiu a base e encontrou o fio elétrico vindo da lateral. Segurando-o entre os dedos, seguiu o fio para o ponto onde ele sabia que estava conectado a um fio de extensão que seguia pela parede até a tomada. Ricky ajoelhou-se no chão e em poucos segundos encontrou a tomada. Ela havia sido tirada da extensão. Levou mais alguns segundos para encontrar a extremidade da extensão, mas conseguiu e encaixou a tomada, e a sala à sua volta de repente brilhou com a luz. Levantou-se do chão e dirigiu-se até o abajur atrás do divã e viu imediatamente que ele também estava desligado. Ricky ergueu os olhos para a lâmpada de cima e adivinhou que ela havia sido simplesmente afrouxada.

Na mesa, o telefone tocou novamente.

Ele atendeu, exigindo uma resposta:

— Como você entrou aqui?

— Você não acha que o Sr. R pode pagar um bom chaveiro? — disse Virgílio modestamente. — Ou um arrombador profissional? Algum perito nas fechaduras antigas e obsoletas que você tem na sua porta de entrada, Ricky. Você nunca pensou em colocar algo mais moderno? Sistemas de travas elétricas com detectores infravermelhos e a laser? Tecnologia digital ou até mesmo um daqueles sistemas de reconhecimento de retina usados em agências do governo. Você sabe que é possível obter essas coisas por meios escusos, não é? Você nunca sentiu a necessidade de ser um pouco mais moderno com relação à sua segurança pessoal?

— Nunca precisei dessas bobagens — respondeu pomposamente.

— Nunca entraram na sua casa? Você nunca foi roubado? Em todos esses anos vivendo em Manhattan?

— Não.

— Bem — disse Virgílio presunçosamente — acho que ninguém jamais pensou que você tivesse algo que valesse a pena ser roubado. Mas esse não é o caso agora, não é, doutor? Meu patrão certamente acha, e parece estar disposto a aproveitar todas as oportunidades.

Ricky não respondeu. Olhou repentinamente para cima, para fora da janela do consultório.

— Você pode me ver — disse nervoso. Está me vendo agora mesmo, não é? Como poderia saber que eu consegui acender as luzes?

Virgílio explodiu numa gargalhada:

— Muito bom, Ricky. Está fazendo algum progresso quando consegue enxergar o óbvio.

— Onde você está? — perguntou Ricky. Virgílio fez uma pausa antes de responder:

— Bem perto. Eu estou sobre os seus ombros, Ricky. Estou na sua sombra. Qual a vantagem de ter um guia para o inferno se ele não estivesse por perto quando você precisasse?

Ele não respondeu.

— Bem — Virgílio continuou, com aquela entonação que Ricky estava começando a achar irritante —, deixe-me dar-lhe uma pequena dica, doutor. O Sr. R é do tipo esportista. Com todo o planejamento que fez no seu modesto exercício de vingança, você acha que ele gostaria de jogar este jogo com regras que você não pudesse perceber? Que você aprendeu esta noite, Ricky?

— Eu aprendi que você e o seu patrão são pessoas doentes e nojentas — explodiu Ricky. — E que eu não quero saber de vocês.

A gargalhada de Virgílio no telefone foi fria e seca.

— Foi isso que você aprendeu? E como chegou a essa conclusão importante? Olha, eu não estou negando o que você disse, pode acreditar. Mas estou interessada em saber por meio de qual teoria psicanalítica ou médica você chegou a esse diagnóstico, quando parece, para a minha mente pouco treinada, que você não nos conhece de jeito nenhum? Porque você e eu só tivemos uma sessão. E você ainda não tem ideia de quem é Rumpelstiltskin, não é? Mas você está disposto a tirar todos os tipos de conclusões. Bem, Ricky, eu acho que ficar tirando conclusões é algo muito perigoso para você, dada a precariedade de sua posição. Acho que devia tentar abrir sua mente.

— Zimmerman... — ele começou a falar com sua própria versão de frieza e fúria. — Que aconteceu com Zimmerman? Você estava lá. Você o empurrou da plataforma? Você o empurrou levemente, ou deu só um toque de modo que ele perdesse o equilíbrio? Você acha que pode se livrar de um assassinato?

Virgílio hesitou e depois respondeu com aspereza:

— Sim, Ricky, eu acho. Eu acho que as pessoas, hoje em dia, podem escapar de vários tipos de crimes e até mesmo de assassinatos. Isso acontece o tempo todo. Mas no caso do seu pobre paciente — ou deveria dizer ex-paciente? — há muitas evidências de que ele tenha se jogado. Você está completamente certo de que ele não fez isso? Não é segredo que ele estava profundamente perturbado. Que faz você pensar que ele não faria isso, usando uma técnica tremendamente barata e eficiente e não rara em Nova York? Um método que você mesmo, talvez em breve, tenha de considerar. Não é uma solução tão terrível quando você pensa realmente no assunto. Um sentimento momentâneo de medo e dúvida, uma decisão, um simples e corajoso passo adiante na plataforma, um guincho, um flash e, então, o abençoado esquecimento.

— Zimmerman não teria se matado. Ele não apresentava nenhuma das condições clássicas. Você, ou alguém da sua laia, o empurrou para a frente daquele trem.

— Admiro sua certeza, Ricky. A vida deve ser boa, quando se tem certeza de tudo.

— Vou voltar à polícia.

— Bem, você pode certamente dar a eles esta chance se acha que isso vai ser bom para você. Você acha que eles foram úteis de alguma forma? Estavam ansiosos para ouvir sua interpretação analítica de fatos que, na verdade, você nem presenciou?

Essa pergunta silenciou Ricky. Ele fez uma pausa antes de falar:

— Tudo bem. E, agora?

— Há um presente para você em cima do seu divã. Está vendo? Ricky virou-se e viu que havia um envelope de tamanho médio

em papel dourado no lugar onde seus pacientes geralmente colocavam a cabeça.

— Estou vendo — respondeu ele.

— Ok — disse Virgílio. — Vou esperar que você o abra. — Antes de pousar o fone, ele a ouviu cantarolar uma melodia que ele reconheceu vagamente, mas foi incapaz de identificar de imediato. Se Ricky fosse uma pessoa acostumada a assistir à televisão, ele teria imediatamente percebido que era o fundo musical do programa Leopardy. Em vez disso, levantou-se, cruzou rapidamente a sala e pegou o envelope. Era fino e ele o rasgou rapidamente, retirando dele uma simples folha de papel.

Era uma página de calendário. Um grande X vermelho havia sido desenhado na data daquele dia, o primeiro do mês de agosto. Os treze dias que seguiam estavam em branco. O décimo quinto dia estava circulado em vermelho. Os dias restantes do mês haviam sido riscados.

A boca de Ricky ficou seca. Ele olhou dentro do envelope, mas não havia mais nada ali.

Voltou lentamente para a mesa e pegou o fone.

— Ok — disse ele. — Isso não é difícil de se entender.

A voz de Virgílio ainda permanecia suave e quase doce.

— E só um lembrete, Ricky. Só isso. Algo para ajudá-lo a começar. Ricky, Ricky, eu já perguntei isso: que você aprendeu?

A pergunta o enfureceu e ele estava prestes a dizer-lhe um insulto. Mas engoliu a raiva e, mantendo o controle das emoções, respondeu:

— Aprendi que parece não haver limites.

— Bom, Ricky, muito bom! Isso é um progresso. Que mais?

— Aprendi a não subestimar o que está acontecendo.

— Excelente, Ricky! Algo mais?

— Não. E só isso por enquanto.

Virgílio fez tsk, tsk, em desaprovação como um típico professor.

— Não é verdade, Ricky. O que você aprendeu, Ricky, é que tudo neste jogo, incluindo os prováveis resultados, está sendo jogado em um campo criado exclusivamente para acomodá-lo. Acho que o meu patrão está sendo excepcionalmente generoso, considerando as alternativas dele. A você foi dada uma chance, uma pequena chance, de salvar a vida de alguém e de salvar a sua própria vida respondendo a uma simples pergunta: quem é ele? E, por não querer ser injusto, ele lhe dá uma solução alternativa, menos atraente para você, é claro, mas que dará à sua triste existência um significado nos seus dias finais. Nem todas as pessoas têm esse tipo de oportunidade, Ricky. Ir para o túmulo sabendo que o seu sacrifício salvou outra pessoa de algo desconhecido, mas absolutamente terrível. Por que isso beira a santidade, Ricky, e está sendo oferecido a você sem os três milagres normalmente exigidos pela Igreja Católica, embora eu acredite que ela abra mão de um ou dois no caso dos candidatos que valem a pena. Como alguém pode renunciar a um milagre, quando esse é o padrão para ser aceito no clube? Bem, essa é uma pergunta intrigante que podemos discutir em outro momento. Agora, Ricky, você deve voltar às pistas que já recebeu, e começar a agir. O tempo está passando e não lhe resta muito tempo. Você já fez alguma análise com prazo final, Ricky? Porque é disso que se trata. Eu estarei em contato. Lembre-se, Virgílio nunca está longe.

Ela respirou profundamente e acrescentou:

— Entendeu tudo, Ricky?

Ele permaneceu calado, e ela perguntou de novo, mais áspera.

— Entendeu tudo, Ricky?

— Sim — disse ele. Mas, logicamente, ele percebeu que não havia entendido nada, assim que desligaram o telefone.

CAPÍTULO 7

O fantasma de Zimmerman parecia estar rindo dele.

Aquela era a manhã após uma noite agitada. Ele não tinha dormido muito, mas quando conseguiu pegar no sono, sonhou claramente com a esposa morta sentada a seu lado em um carro esporte de dois lugares que ele não reconheceu, mas que sabia pertencer a ele. Estavam estacionados à beira do mar, na areia fofa de uma praia familiar, próxima à sua casa de verão em Cape Cod. Ricky teve a impressão, no sonho, de que as águas verde-acinzentadas do Atlântico, a cor que assumiam antes de uma tempestade, estavam chegando cada vez mais perto dele, ameaçando levar o carro com a subida da maré, e ele se esforçava loucamente para abrir a porta

do carro, mas quando pegou a maçaneta da porta, viu Zimmerman ensanguentado e sarcástico parado do lado de fora, segurando a porta, e ele preso lá dentro. O motor não pegava e de alguma forma ele sabia que os pneus estavam atolados na areia. No sonho, a esposa morta parecia calma, acenando para ele, como se o recebesse, e ele teve pouca dificuldade para interpretar tudo isso, enquanto permanecia nu debaixo do chuveiro, deixando a água tépida, nem quente nem fria, cair por sua cabeça, em uma cascata um tanto incômoda mas que combinava com seu sombrio estado de espírito.

Ricky vestiu as calças caqui desbotadas e gastas, desfiadas nas barras, com todos os sinais de muito uso pelos quais os adolescentes costumam pagar mais caro em lojas de shopping, mas que no caso dele eram resultado de anos de uso nas férias de verão, a única época em que as punha. Nos pés, colocou um par de botas igualmente velhas e no corpo, uma camisa velha, azul e muito gasta para ser usada em outra situação que não num final de semana. Passou um pente no cabelo. Olhou-se no espelho e achou que ostentava todos os sinais exteriores de um homem acostumado a tirar férias. Ricky pensou em quantas vezes havia acordado no primeiro dia de agosto e vestido com alegria aquelas roupas velhas e confortáveis que significavam que, pelo próximo mês, ele estaria deixando de lado o personagem meticulosamente construído de psicanalista da Upper East Side, em Manhattan, partindo para uma coisa diferente. Ricky entendia as férias como uma época para sujar as mãos no jardim de Wellfleet, sentir a areia entre os dedos dos pés durante as longas caminhadas pela praia, ler romances e livros de suspense e beber a nem sempre apreciada mistura chamada Cape Codder, um casamento infeliz de suco de amora com vodka. Aquelas férias não prometiam um retorno a essa rotina, embora, devido a algo que podia ser considerado teimosia ou talvez pensamento positivo, estava vestido para seu primeiro dia de férias.

Ele sacudiu a cabeça e arrastou-se para a pequena cozinha. Para o café, preparou uma única fatia de torrada com um pouco de café preto, que parecia cada vez mais amargo não importava quanto açúcar colocasse nele. Ricky comeu a torrada com uma indiferença que o surpreendeu. Não tinha apetite algum.

Levou o café, para o consultório, onde colocou a carta de Rumpelstiltskin na mesa, diante dele. De vez em quando, dava uma olhada pela janela, como se esperasse ver de relance Virgílio, nua, vigiando-o da calçada, ou na janela de um apartamento, do outro lado da rua estreita. Ricky sabia que ela estava em algum lugar bem perto ou, pelo menos, acreditava nisso baseado no que ela dissera.

Ricky estremeceu involuntariamente. Fixou o olhar nas palavras da pista.

Por um momento, sentiu uma vertigem misturada com uma onda de calor.

— Que estaria acontecendo? — perguntou alto a si mesmo.

Roger Zimmerman parecia ter entrado na sala naquele momento, tão irritante

e exigente morto quanto fora vivo. Como sempre, queria respostas para todas as perguntas erradas.

Discou o número de telefone dele novamente, esperando encontrar alguém. Ricky sabia que tinha a obrigação de falar com alguém sobre a morte de Zimmerman, mas precisamente com quem, ele não sabia. A mãe continuava inexplicavelmente inacessível, e Ricky lamentou não ter perguntado à detetive Riggins onde ela estaria. Ele imaginava que ela estivesse com algum vizinho ou em um hospital. Zimmerman tinha um irmão mais jovem, que vivia na Califórnia, com quem não mantinha muito contato. O irmão trabalhava na indústria do cinema em Los Angeles e nunca quis cuidar da mãe quase inválida e de temperamento difícil, e essa atitude fazia com que Zimmerman reclamasse bastante dele. Zimmerman havia sido um homem que tirava prazer do horror de sua vida, preferindo lamentar-se a modificar as coisas. Era essa característica que fazia dele um candidato pouco provável ao suicídio, pensou Ricky. O que a polícia e seus colegas tinham denominado de desespero, Ricky reconheceu como a verdadeira e única alegria de Zimmerman. Ele vivia para o próprio ódio. A tarefa de Ricky como analista era conferir-lhe a capacidade de mudar. Ele esperava que finalmente chegasse o momento em que Zimmerman percebesse o quão travado ele era, passando de forma impotente de uma raiva para outra. O momento da mudança seria perigoso, porque Zimmerman poderia provavelmente entrar em uma depressão significativa com a ideia de que não precisava levar a vida da forma como fazia. Poderia se tornar vulnerável quando se desse conta dos dias perdidos. Essa compreensão poderia criar um desespero possivelmente mortal. Mas aquele momento nunca chegara.

Zimmerman continuava vindo à sessão diária, ainda considerando a análise como nada. Mais do que uma válvula de escape de cinquenta minutos, como um apito de vapor na lateral de uma máquina esperando que o condutor o acionasse. O pouco que havia conseguido havia usado principalmente para pavimentar mais avenidas de raiva.

Reclamar era algo divertido para ele. Ele não estava preso nem cercado pelo desespero.

Ricky sacudiu a cabeça. Em vinte e cinco anos, ele tivera três pacientes que haviam cometido suicídio. Dois deles haviam sido encaminhados a ele como já portadores dos clássicos sinais de alerta e haviam estado em tratamento por um período curto antes de acabarem com a própria vida. Nessas ocasiões, ele havia-se sentido impotente, mas uma impotência sem culpa. A terceira morte, no entanto, era algo em que ele não gostava de pensar, porque a pessoa era um paciente antigo, cuja espiral descendente Ricky foi incapaz de interromper, mesmo receitando antidepressivos, opção que raramente adotava. Já fazia anos que ele não pensava nesse paciente e não tinha gostado de mencioná-lo à detetive Riggins, ainda que

tivesse ocultado da detetive, grosseira e inquisidora, os detalhes do caso.

Estremecendo levemente, como se de repente a sala tivesse sido invadida por uma corrente fria, pensou: Aquele era o perfil de um suicida. Zimmerman, não.

Mas a ideia de que ele tivesse sido empurrado na frente do trem para mandar a Ricky uma mensagem era ainda mais apavorante.

Era uma pancada em seu coração. Era como uma faísca numa poça de gasolina.

Era também impossível. Imaginou-se voltando ao escritório super iluminado e bastante sujo da detetive Riggins para dizer que algumas pessoas desconhecidas haviam deliberadamente assassinado alguém, que não conheciam e por quem não tinham o menor interesse, a fim de forçar Ricky a entrar numa espécie de jogo mortal.

Ele pensou: E verdade, mas ninguém vai acreditar, principalmente uma detetive com excesso de trabalho e salário baixo.

E, nesse mesmo instante, percebeu que eles sabiam disso. O homem que se autodenominava Rumpelstiltskin e a mulher que se chamava Virgílio compreendiam que não havia prova alguma sobre o que quer que pudesse ligá-los àquele crime isolado senão as vagas acusações de Ricky. Mesmo que a detetive Riggins não chutasse Ricky para fora do escritório — o que ela certamente faria —, que motivos teria para levar a sério a história maluca de um médico que, ela acreditava, insistia numa teoria de romance de suspense para explicar a morte do homem, em vez de aceitar o óbvio suicídio que pegava tão mal para ele?

Ele podia responder essa pergunta com uma única palavra: nenhum.

A morte de Zimmerman fora planejada para ajudar a matar Ricky. E ninguém poderia saber disso, a não ser Ricky. O pensamento deixou-o tonto.

Sentando-se com força na cadeira, Ricky percebeu que estava em um momento crítico. Desde a hora em que a carta aparecera em sua sala de espera, tinha sido pego em uma série de atos sobre os quais não tinha nenhuma perspectiva. A análise exige paciência e ele não tinha tido nenhuma. Exige tempo, e não havia muito. Seu olhar buscou o calendário que Virgílio lhe havia dado. Os quatorze dias restantes pareciam um tempo incrivelmente curto. Por um segundo, pensou num prisioneiro no corredor da morte, quando é informado de que o governo já assinou sua sentença de morte, com data, hora e local de execução. Aquela era uma imagem esmagadora e ele tentou tirá-la da cabeça, dizendo a si mesmo que, mesmo na prisão, um homem luta bravamente por sua vida. Ricky inspirou com força. Esse é, pensou, o maior luxo da nossa existência: seja qual for a situação, não sabemos quantos dias ainda temos para viver. O calendário na mesa parecia zombar dele.

— Isso não é um jogo — falou sozinho. — Isso nunca foi um jogo.

Ele pegou a carta de Rumpelstiltskin e reexaminou o pequeno verso. Isto é

uma pista, disse a si mesmo. Uma pista de um psicopata. Olhe para ela com atenção!

"... Mamãe, papai e uma pequena criança..."

Bem, pensou ele, é interessante que o autor da carta use a palavra criança, porque ela não especifica o sexo.

"... Quando papai para o mar viajou..."

O pai partiu. Viajar para o mar pode ser interpretado de forma literal ou simbólica, mas em ambos os casos o pai deixara a família. Qualquer que seja a causa do abandono, Rumpelstiltskin deve ter nutrido seu ressentimento por vários anos, o que também deve ter sido incentivado pela mãe, abandonada. Ele deve ter feito parte da origem de uma ira que levou anos para se tornar assassina. Mas, que parte? Era isso que Ricky precisava descobrir.

Rumpelstiltskin, ele acreditava agora, era o filho de um paciente. A pergunta era, que tipo de paciente?

Obviamente de um paciente infeliz e que não obtivera sucesso no tratamento. Possivelmente, alguém que interrompeu rapidamente o tratamento. Mas que posição o paciente ocupava: a da mãe cheia de ressentimentos e filhos, ou do pai, que havia abandonado a família? Teria ele falhado no tratamento de uma mulher que se sentia sem rumo ou teria ele dado motivos para que o homem abandonasse a família? Lembrou-se que aquilo se parecia um pouco com o filme japonês, Rashomon, onde o mesmo acontecimento é examinado de posições diferentes, com interpretações completamente diferentes. Em uma situação que iria gerar uma fúria assassina, ele teria exercido um papel, mas em que lado, Ricky não conseguia dizer. Além disso, Ricky imaginou que tudo deve ter ocorrido entre vinte e vinte e cinco anos atrás, já que Rumpelstiltskin teria de se tornar adulto para poder planejar os detalhes do jogo.

Quanto tempo leva, pensou Ricky, para se criar um assassino? Dez anos? Vinte anos? Um único instante?

Ele não sabia, mas desconfiava que poderia descobrir.

Essa constatação deu-lhe o primeiro sentimento de satisfação que teve desde que abriu aquela carta na sala de espera. Não exatamente um sentimento de confiança, mas de capacidade. O que não percebeu é que estivera à deriva no mundo concreto e desagradável da detetive Riggins, vencido e deslocado, e que, agora, agindo novamente dentro do mundo que conhecia, o mundo das ações e emoções definidas pela psicologia, estava à vontade.

Zimmerman, um homem infeliz que precisava muito da ajuda que demorou a chegar, sumiu-lhe do pensamento e, enquanto isso, Ricky não percebeu um segundo detalhe que o teria deixado gelado: ele havia começado a jogar um jogo num campo projetado especialmente para ele, exatamente como Rumpelstiltskin disse que ele faria.

Um analista não é como um cirurgião, que pode observar o monitor cardíaco

ligado ao paciente e reconhecer seu sucesso ou falhas pelos bips na tela. O controle é muito mais subjetivo. Cura, uma palavra que engloba muitas espécies de conceitos absolutos, não está ligada a um curso analítico de tratamento, ainda que a profissão utilize vários recursos médicos.

Ricky estava de volta à elaboração de uma lista. Concentra-se em um período de dez anos, de 1975, quando começava sua residência, até 1985, e escrevia o nome de todos aqueles que tinha atendido durante esse período de tempo. Descobriu que era relativamente fácil, conforme revia ano por ano, recordar o nome daqueles que haviam estado em tratamento por bastante tempo, os que se haviam envolvido em uma análise tradicional. Esses nomes saltavam, e ele ficou satisfeito em ver que se lembrava de rostos, vozes e muitos detalhes sobre eles. Em alguns casos, podia lembrar-se do nome de esposas, pais, filhos, onde haviam trabalhado e onde haviam crescido, além de diagnósticos clínicos e recordações sobre seus problemas. Aquilo tudo era muito útil, pensou, mas duvidava que alguém que tivesse tido um tratamento longo tivesse criado a pessoa que agora o ameaçava.

Rumplestiltskin deveria ser o filho de alguém cuja ligação tinha sido mais tênue. Alguém que tivesse abandonado o tratamento subitamente. Alguém que tivesse deixado de ir ao consultório após poucas sessões.

Lembrar desses pacientes era tarefa muito mais difícil.

Sentou-se à mesa com um bloco de papel à sua frente, em associação livre, mês a mês em seu passado, tentando se lembrar de pessoas de um quarto de século atrás. Psicologicamente, isso era equivalente a levantar peso; nomes, rostos e problemas voltavam lentamente. Lamentou não ter feito registros mais organizados, mas o pouco que foi capaz de encontrar, as poucas notas e documentos que tinha de pacientes daquele período, eram de pessoas que tinham permanecido no tratamento e que haviam, de sua própria maneira, ao longo de anos de divã e conversas, deixado marcas na memória dele.

Ele precisava encontrar a pessoa que tinha deixado uma cicatriz.

Ricky estava lidando com o problema da única forma que sabia. Ele reconhecia que não estava sendo muito eficaz, mas não tinha a menor ideia de como agir de outra forma.

O processo era lento, os minutos evaporavam no silêncio da manhã. A lista que estava fazendo crescia ao acaso. Se alguém o observasse, vê-lo-ia levemente inclinado na cadeira, com uma caneta na mão, como se fosse um poeta sem inspiração buscando uma rima impossível.

Ricky trabalhou bastante e sozinho.

Já era quase meio-dia quando a campainha tocou.

O som pareceu arrancá-lo de um devaneio. Ele se esticou rapidamente, sentindo os músculos das costas tensos e a garganta que começava a ficar ressecada.

A campanha soou pela segunda vez, certamente acionada por alguém que desconhecia o toque dos pacientes.

Ele se ergueu e atravessou o consultório, cruzando a sala de espera e, aproximando-se com cuidado da porta que raramente deixava trancada. Havia um olho mágico, mas ele nem se lembrava da última vez que o havia usado. Pôs o olho no círculo para ver através dele, enquanto a campanha tocava mais uma vez.

Do outro lado estava um jovem vestindo uma camisa dos correios, azul e molhada de suor, segurando um envelope e uma prancheta eletrônica. Ele parecia um pouco irritado e estava prestes a ir embora, quando Ricky destravou a porta. Soltou os trincos, deixando, porém, a corrente esticada.

— Sim! — disse Ricky.

— Eu tenho uma carta para o doutor Starks. É o senhor?

— Sim.

— Preciso que assine aqui. Ricky hesitou.

— Você tem uma identificação?

— Quê? — o jovem perguntou, fazendo uma careta. — O uniforme não é suficiente? — Ele suspirou e girou o corpo para mostrar um crachá que estava preso na camisa. — O senhor consegue ler isso? — perguntou. — Tudo o que quero é uma assinatura, e depois eu caio fora daqui.

Ricky abriu a porta com relutância:

— Onde eu assino?

O rapaz estendeu-lhe a prancheta e apontou para a linha vinte e dois.

— Bem aqui — disse ele. — Ricky assinou.

O entregador verificou a assinatura, e depois passou um fabulador eletrônico sobre o código de barras. A máquina apitou duas vezes. Ricky não tinha ideia do que estava acontecendo. Então o rapaz deu a ele o envelope-padrão da entrega expressa.

— Tenha um bom dia — disse com um tom que revelava que ele não se importava nem um pouco com o tipo de dia que Ricky teria, mas era o que tinha de dizer e ele estava apenas cumprindo ordens.

Ricky ficou parado na porta, olhando para o envelope. O remetente era a Sociedade de Psicanálise de Nova York, uma organização da qual era membro há muitos anos, mas com quem tinha pouco contato. A sociedade era uma espécie de órgão controlador dos psicanalistas de Nova York, mas Ricky havia sempre evitado a politicagem e as relações que acompanhavam qualquer tipo de associação. Ocasionalmente, ele assistia a alguma palestra patrocinada pela sociedade e folheava o jornal semestral para manter-se informado a respeito da opinião de seus colegas de profissão, mas evitava participar do painel de discussões que a sociedade mantinha, assim como das festas que ela oferecia.

Entrou, fechando as portas atrás de si, imaginando porque a sociedade lhe havia escrito naquele momento. Ricky suspeitava que quase cem por cento dos membros da sociedade estava partindo de férias para algum lugar. Como os demais aspectos do processo, no mundo da psicanálise, o mês das férias era sagrado.

Ricky abriu o envelope. Dentro dele havia um outro envelope, de tamanho normal, com o endereço da sociedade no canto. O nome dele estava escrito no envelope e, embaixo, uma única linha: CORREIO NOTURNO — URGENTE.

Ele abriu o envelope e retirou duas folhas de papel. A primeira tinha o timbre da sociedade. Ricky viu imediatamente que a carta era do presidente da sociedade, um médico cerca de dez anos mais velho que ele, e que ele conhecia vagamente. Não se lembrava de ter, alguma vez, conversado com aquele homem, além de cumprimentos formais e de um eventual aperto de mãos.

Ele leu rapidamente:

Caro Dr. Starks:

Infelizmente, é meu dever informá-lo que a Sociedade de Psicanálise recebeu uma queixa relevante referente a seu relacionamento com um antigo paciente. Anexei uma cópia da carta de reclamação.

Segundo os estatutos da sociedade e após discussão da questão com a diretoria desta organização, passei todo o assunto à comissão de investigação de ética médica do Estado. Você deverá ser convocado a comparecer a esse escritório em breve.

Aconselho-o a procurar um advogado para sua própria garantia. Espero que possamos manter esta queixa longe da mídia, uma vez que alegações como essas fazem nossa profissão cair no descrédito.

Ricky mal olhou para a assinatura, enquanto pegava a segunda folha de papel. Também era uma carta, mas endereçada ao presidente da sociedade, com cópias para o vice-presidente, para o encarregado da comissão de ética, a cada um dos seis médicos que compunham a comissão de ética, ao secretário da sociedade e ao tesoureiro. Na verdade, percebeu Ricky, qualquer um dos médicos cujo nome estivesse ligado de alguma forma à liderança da sociedade havia recebido uma cópia. Ela dizia:

Caro senhor ou senhora:

Há mais de seis anos, iniciei meu tratamento psicanalítico com o Dr. Frederick Starks, membro de sua associação. Depois de uns três meses de tratamento, quatro sessões por semana, ele começou a me fazer perguntas que poderiam ser consideradas inapropriadas. Elas sempre diziam respeito às minhas relações sexuais com os vários parceiros que eu havia tido, incluindo um casamento fracassado. Imaginei que tais perguntas fizessem parte do processo de análise. No entanto, conforme as sessões prosseguiram, ele continuava exigindo

detalhes cada vez mais explícitos da minha vida sexual. O tom dessas perguntas foi-se tornando progressivamente pornográfico. Sempre que eu tentava mudar de assunto, ele invariavelmente me forçava a retomá-lo, sempre aumentando a intensidade e a quantidade das minhas descrições. Eu reclamei, mas ele afirmou que a raiz da minha depressão residia na minha incapacidade de me doar completamente em meus encontros sexuais. Pouco tempo depois disso, me violentou pela primeira vez. Ele me disse que, se eu não me submetesse, jamais iria melhorar.

Manter relações sexuais durante a terapia se tornou uma exigência para a continuação do tratamento. Ele era insaciável. Após seis meses ele me disse que meu tratamento terminara, e que não havia mais nada que ele pudesse fazer por mim. Ele me disse que eu era tão reprimida que era necessário um tratamento com drogas e internação. Aconselhou-me a procurar um hospital psiquiátrico particular, em Vermont, mas não se dispôs nem ao menos afazer uma ligação para o diretor desse hospital. Ele me forçou a fazer sexo anal com ele no dia em que as sessões terminaram.

Levou vários anos para que eu me recuperasse do meu relacionamento com o Dr. Starks. Durante esse tempo, estive hospitalizada por três vezes, cada uma delas por mais de seis meses. Carrego cicatrizes de duas tentativas fracassadas de suicídio. Foi somente com a ajuda constante de um terapeuta dedicado que iniciei meu processo de cura. Esta carta para a sua associação é parte desse processo.

Por enquanto, sinto que devo permanecer no anonimato, apesar de o Dr. Starks saber quem sou eu. Se decidirem levar adiante esse assunto, por favor dirijam-se a meu advogado e/ou meu terapeuta.

A carta não estava assinada, mas continha o nome de um advogado com endereço no centro da cidade e de um psiquiatra com um endereço nos subúrbios de Boston.

As mãos de Ricky tremiam. Ele estava tonto e escorou-se na parede do apartamento para se firmar. Ricky sentia-se como um lutador que acaba de receber uma série de golpes — desorientado, cheio de dores e a ponto de cair na lona, quando o gongo soa e o deixa ali, completamente derrotado, mas ainda em pé.

Não havia uma só palavra de verdade na carta. Pelo menos, não que ele pudesse discernir.

Ele ficou pensando se isso faria qualquer diferença.

CAPÍTULO 8

Ele olhou para as mentiras daquela página e sentiu uma grande contradição dentro dele. Seu espírito estava abatido, o coração gelado com o próprio desespero,

como se a força lhe tivesse sido sugada e, ao mesmo tempo, sido substituída por uma fúria tão distante do seu caráter normal que era quase irreconhecível. Suas mãos começaram a tremer, o rosto ficou vermelho e um fio de suor brotou-lhe na testa. Ricky podia sentir o calor na nuca, nas axilas e na garganta. Ele desviou o olhar das cartas, procurando à sua volta algo que pudesse pegar e atirar longe, mas não havia nada por ali, o que o enfureceu ainda mais.

Ricky andou de um lado para o outro no consultório, por alguns momentos. Era como se todo seu corpo estivesse com tiques nervosos. Finalmente arremessou-se na velha poltrona de couro, por trás do divã, e deixou que os ruídos familiares do estofamento e a sensação do material polido na palma das mãos o tranquilizassem, ainda que só um pouco.

Ele não tinha nenhuma dúvida sobre quem teria forjado aquela queixa contra ele. O falso anonimato da pretensa vítima garantia aquilo. A questão mais importante era descobrir o porquê. Haveria um planejamento, pensou, cujos passos ele precisava isolar e identificar.

Ricky pegou o telefone que ficava no chão, perto da cadeira. Em segundos, conseguiu o número do escritório do presidente da Sociedade de Psicanálise, por intermédio do auxílio à lista. Recusando a oferta da companhia para discar o número para ele, esmurrou furiosamente os números no teclado e inclinou-se na cadeira esperando a resposta.

O telefone foi atendido por uma voz vagamente familiar de seu colega analista. Mas tinha a característica metálica, fria e desafinada de uma gravação.

"Alô. Você ligou para o consultório do Dr. Martin Roth. Estarei fora do consultório do dia primeiro ao dia 29 de agosto. Se for uma emergência, por favor, ligue para 555-1716, para me encontrar durante as férias. Pode também ligar para 555-2436 e falar com o Dr. Albert

Michaels no Hospital Presbiteriano de Columbia, que me substituirá neste mês. Se acha que é uma séria crise, por favor, ligue para os dois números e o Dr. Michael e eu entraremos em contato com você.

Ricky desligou e discou para o primeiro dos números de emergência. Ele sabia que o segundo número seria de um médico no segundo ou terceiro ano de residência. Os residentes substituíam os médicos contratados durante o período de férias, o que significava um período em que as receitas excediam as conversas, que representam o ponto fundamental do tratamento analítico.

O primeiro número, no entanto, era de um serviço de mensagens.

— Alô — atendeu a aborrecida voz de uma mulher. — Este é o serviço de mensagens do Dr. Roth.

— Eu quero mandar uma mensagem para o doutor — disse Ricky secamente.

— O doutor está de férias. Em caso de emergência você pode ligar para o

Dr. Albert Michaels no...

— Eu tenho esse número. — Ricky interrompeu —, mas não é esse tipo de emergência e não é esse tipo de mensagem.

A mulher fez uma pausa, mais surpresa do que confusa.

— Bem — disse ela —, eu não sei se posso ligar para ele durante as férias por causa de qualquer mensagem...

— Ele vai querer ouvir esta — disse Ricky. Era difícil dissimular a frieza da própria voz.

— Não sei — a mulher respondeu. — Temos um procedimento a seguir.

— Todo mundo tem um procedimento — disse Ricky asperamente. — Procedimentos existem para impedir o contato. Não para facilitar. Pessoas com mentes pequenas e sem imaginação preenchem-nas com programações e procedimentos. Pessoas com personalidade sabem quando ignorar o regulamento. Você é esse tipo de pessoa, senhorita?

A mulher hesitou: — Que tipo de mensagem? — ela perguntou abruptamente.

— Diga ao Dr. Roth que o Dr. Frederick Starks... é melhor você escrever isso porque eu quero que transmita precisamente o que eu...

— Estou escrevendo — a mulher respondeu secamente.

— ... que o Dr. Starks recebeu a carta, leu a queixa nela contida e gostaria de informá-lo de que não há uma única palavra verdadeira nela. Aquilo é uma total e completa fantasia.

— ... nem uma única palavra de verdade... certo. Fantasia. Entendi. Você quer que eu ligue para ele para transmitir essa mensagem? Ele está de férias.

— Todos nós estamos de férias — disse Ricky, no mesmo tom, — Só que algumas pessoas têm férias mais interessantes que outras. Essa mensagem vai certamente tornar a dele mais interessante. Faça com que ele a receba exatamente como ditei ou vou dar um maldito jeito para que você esteja procurando outro emprego em breve, entendeu?

— Entendi — respondeu a mulher. Ela parecia não se impressionar com a ameaça. — Mas eu já lhe disse: temos procedimentos muito claros e definidos. Eu não acredito que isso se encaixe em nada...

— Tente não ser tão certinha — disse Ricky. — Pode ser que assim você salve seu emprego.

Então ele desligou o telefone. Recostou-se novamente no assento. Não conseguia se lembrar de já ter, alguma vez, sido assim tão rude e exigente, para não dizer ameaçador, em anos. Aquilo também era algo que ia contra a sua natureza. Mas, então, reconheceu que provavelmente teria de agir contra sua natureza de várias formas nos próximos dias.

Ele voltou os olhos para a carta do Dr. Roth e leu a queixa anônima pela segunda vez. Ainda lutando contra a ira e a indignação por ser falsamente acusado, tentou medir o impacto das cartas e encontrar uma resposta para a pergunta: Por quê? Imaginou que Rumpelstiltskin teria em mente algum propósito específico, mas qual seria?

Algumas coisas ficavam mais claras, conforme pensava no assunto.

A própria queixa era muito mais sutil do que primeiramente se imaginaria, percebeu Ricky. A carta anônima bramava "estupro!", mas mencionava um período distante o suficiente para estar fora do alcance de qualquer lei. Nenhuma investigação policial era necessária. Em vez disso, provocaria uma enfadonha investigação do Conselho de Ética Médica do Estado. Isso poderia ser lento, ineficiente e, provavelmente, não iria nem começar antes que o jogo acabasse. Uma queixa que envolvesse a polícia teria uma reação imediata, e Rumpelstiltskin claramente não queria a polícia envolvida de forma alguma, a não ser de modo tangencial. Além disso, tornando a queixa provocativa, apesar de anônima, o autor da carta mantinha-se a distância. Ninguém da Sociedade de Psicanálise ligaria de volta. Eles se livrariam dela, como aparentemente haviam feito, mandando para um terceiro órgão, lavando as mãos o mais rapidamente possível para evitar aquilo que poderia ser um verdadeiro escândalo.

Ricky leu ambas as cartas pela terceira vez, e encontrou uma resposta.

— Ele quer que eu fique sozinho — gritou alto.

Por um momento Ricky se recostou, fitando o teto, como se a superfície branca acima dele refletisse algo. Ele falou sozinho, a voz parecendo ecoar pelo espaço do consultório, o som quase vazio.

— Ele não quer que eu tenha ajuda de ninguém. Ele quer que eu jogue sem a menor parcela de ajuda. Desse modo, ele tomou providências para que eu não pudesse conversar com ninguém mais da minha profissão.

Ele quase sorriu com a natureza simplesmente diabólica daquilo que Rumpelstiltskin havia feito. Sabia que Ricky estaria internamente atormentado com perguntas acerca da morte de Zimmerman. Ele sabia que Ricky estava indubitavelmente aterrorizado com o fato de sua casa e escritório terem sido invadidos enquanto ele estivera ausente, tentando descobrir a verdade a respeito de Zimmerman. Ele sabia que Ricky estaria inseguro e desconfortável, talvez em pânico e em choque devido à série de eventos que haviam sido disparados rapidamente. Rumpelstiltskin tinha antecipado tudo aquilo, e depois havia especulado qual seria o primeiro passo de Ricky: procurar ajuda. E aonde Ricky poderia procurar ajuda? Ele iria querer falar — não agir —, porque essa era a natureza da sua profissão, e ele iria procurar por um outro analista. Um amigo com quem pudesse conversar sobre cada detalhe e que o ajudasse com o sentido das coisas que haviam acontecido tão

rapidamente.

Mas, agora, isso não podia mais acontecer, percebeu Ricky rapidamente.

A queixa com as alegações de estupro, incluindo o último e grotesco detalhe da sessão final, havia sido enviada para todas as pessoas importantes na hierarquia da Sociedade de Psicanálise bem no momento em que se preparavam para as férias de agosto. Não havia tempo para negar veementemente a culpa, nem um espaço onde isso pudesse realmente ocorrer. A natureza indecente do problema poderia cair no universo da análise, em Nova York, como uma fofoca num grande evento hollywoodiano. Ricky era um homem com muitos colegas e poucos amigos de verdade, disso ele sabia. E esses colegas provavelmente não se comprometeriam entrando em contato com um médico que teria violado o maior dos tabus da profissão. A acusação de que teria usado sua condição de terapeuta e analista para obter os mais baixos e rudes favores sexuais e, depois, virado as costas para o desastre psicológico que havia criado, era o equivalente a uma peste, o que o transformava instantaneamente numa Mary Tifoide moderna. Com essa acusação pesando sobre sua cabeça, ninguém provavelmente estaria disposto a dar um passo para ajudá-lo, não importa o quanto pedisse, não importa o quanto negasse a acusação, até que tudo fosse resolvido. O que poderia levar meses.

Havia ainda mais um efeito secundário: ela havia criado uma situação na qual as pessoas que pensavam conhecê-lo agora iriam avaliar o que realmente sabiam a respeito dele. Aquela era uma mentira extraordinária, pensou, já que o simples fato de negá-la faria com que seus colegas de profissão pensassem que ele estava tentando encobri-la.

Estou completamente sozinho, pensou Ricky. Isolado. Ilhado.

Ricky inspirou bruscamente, como se o ar do seu consultório começasse a ficar frio. Ele percebeu que era isso que ele queria. Deixá-lo sozinho.

Olhou novamente para as duas cartas. Na falsa acusação, o autor anônimo da carta havia incluído os nomes de um advogado de Manhattan e de um terapeuta de Boston.

Ricky não pôde evitar um estremecimento. Aqueles nomes haviam sido indicados para ele. Aquela era a rota que deveria seguir.

Pensou na escuridão assustadora do consultório na noite anterior. Tudo o que precisou fazer foi seguir o caminho simples e ligar o que havia sido desconectado na sala. Suspeitava que, agora, teria de fazer mais ou menos a mesma coisa. Só não sabia aonde este caminho em particular o estaria levando.

Passou o resto daquele dia examinando cada detalhe da primeira carta de Rumpelstiltskin, tentando decifrar melhor a pista rimada, escrevendo pacientemente notas precisas a respeito de tudo o que lhe havia acontecido, prestando o máximo de atenção em cada palavra dita e em cada palavra escrita, recriando cada diálogo

como um repórter preparando o texto de uma notícia, buscando alguma coisa que lhe tivesse escapado. Ricky percebeu que tinha muita dificuldade para se lembrar exatamente do que a mulher Virgílio falara, o que era algo desconcertante. Ele não tinha nenhuma dificuldade para se recordar do formato do seu corpo ou da languidez da sua voz, mas descobriu que a beleza dela agia como uma proteção para encobrir as palavras. Isso o perturbou, porque era algo que ia contra o seu treinamento e seu hábito e, como todo bom analista, ficou pensando por que tinha sido tão incapaz de concentrar-se, quando a verdade era uma coisa tão óbvia que qualquer adolescente habitualmente excitado poderia ter-lhe explicado.

Ele acumulava notas e observações, buscando refúgio no mundo em que se sentia confortável. Mas, na manhã seguinte, após vestir terno e gravata e, em seguida, riscar um X em mais um dia do calendário, começou novamente a sentir a pressão do tempo pesando sobre a situação. Pensou que seria importante pelo menos elaborar uma primeira pergunta e ligar para o Times para colocar essa pergunta em um espaço de anúncio.

O calor da manhã parecia zombar dele, e ele imediatamente começou a suar dentro do terno. Ricky imaginou que estaria sendo seguido, mas mais uma vez recusou-se a virar e olhar para trás. De qualquer forma, percebeu que não saberia mesmo como reconhecer uma pessoa que o estivesse seguindo. Nos filmes, pensou, era sempre muito fácil para o herói detectar as forças do mal que se punham contra ele. Os malvados sempre usavam chapéus pretos e tinham um olhar furtivo. Na vida real, reconheceu, era bem diferente. Todos eram suspeitos. Todos pareciam preocupados. O homem na esquina, entregando produtos em uma mercearia, o homem de negócios caminhando rapidamente pela calçada, o mendigo no vão de um prédio, os rostos por trás das janelas do restaurante ou um carro que passava. Qualquer um poderia estar observando-o ou não. Era impossível dizer. Ele estava acostumado demais ao mundo hiperintenso do seu consultório de analista, onde os papéis eram muito mais claros. Na rua, era impossível dizer quem estaria no jogo, observando-o, e quem era apenas um dos outros oito milhões de seres que habitavam seu mundo.

Ricky deu de ombros e fez sinal para um táxi na esquina. O taxista tinha um nome estrangeiro impronunciável e estava ouvindo uma estação de rádio estranha, do Oriente Médio. Uma mulher cantava com uma voz aguda que ondulava conforme o andamento mudava. Quando uma melodia nova surgia, apenas o ritmo mudava, as modulações vocais continuavam iguais. Ele não conseguiu compreender nenhuma das palavras, mas o motorista estava batendo seus dedos no volante numa apreciação rítmica. O motorista grunhiu quando Ricky mostrou-lhe o endereço e mergulhou no tráfego rapidamente. Ricky imaginou por um momento quantas pessoas entravam naquele táxi todos os dias. Não havia como o homem por trás da

reparação de plástico saber se estava carregando passageiros para um acontecimento comum em suas vidas, ou algo mais importante. O motorista buzinou uma ou duas vezes em um cruzamento e entrou pelas ruas congestionadas sem fazer comentários.

Uma grande van branca bloqueava a maior parte do lado da rua onde se localizava o escritório do advogado, deixando espaço suficiente apenas para que os carros passassem apertados. Três ou quatro homens robustos entravam e saíam do prédio modesto e comum, carregando caixas de papelão marrons e um ou outro móvel, mesas, cadeiras, sofás e coisas do tipo, subindo com cuidado uma rampa de aço que levava ao caminhão. Um homem de blazer azul com um distintivo de segurança estava parado ao lado, observando o progresso do serviço, olhando para as pessoas que passavam com uma cautela que claramente denunciava uma pessoa cuja presença só tinha um propósito e com tal rigidez que certamente o faria alcançar esse propósito. Ricky saiu do táxi, que partiu rapidamente assim que ele bateu a porta, e aproximou-se do homem de blazer.

— Estou procurando o escritório do Sr. Merlin. Ele é advogado...

— Sexto andar, lá no alto — o homem de blazer disse sem tirar os olhos dos homens da mudança. — Você tem horário marcado? Estão muito ocupados lá em cima, com a mudança e tudo mais.

— Ele está se mudando?

O homem de blazer gesticulou.

— Como vê — disse ele. — Ele está num bom momento, ganhando muito dinheiro, pelo que ouvi falar. Você pode subir, mas não fique no caminho.

O elevador gemia, mas, felizmente, não havia música de fundo. Quando as portas se abriram no sexto andar, Ricky viu imediatamente o escritório do advogado. A porta estava completamente aberta e dois homens lutavam com uma mesa, erguendo-a e tentando passá-la pela porta, enquanto uma mulher de meia-idade, usando jeans, tênis e camiseta observava-os cuidadosamente.

— Essa é a minha mesa, droga, e eu conheço cada mancha e arranhão nela. Se colocarem algum risco novo aí terão de me comprar uma nova.

Os dois homens olharam com raiva. A mesa passou pela porta com uma folga de pouquíssimos milímetros. Ricky olhou por trás dos homens e viu caixas empilhadas no corredor interno, estantes vazias e mesas, todos os itens que uma pessoa normalmente associaria a um escritório movimentado, mas desmontado e pronto para mudança. De dentro do escritório, ouviam-se pancadas e palavrões. A mulher de jeans sacudiu a cabeça, remexendo a juba selvagem de cabelo acinzentado com evidente irritação. Parecia uma mulher que apreciava a organização e aquela desordem temporária era quase dolorosa para ela. Ricky entrou rapidamente.

— Estou procurando o Sr. Merlin. Ele está?

A mulher se virou rapidamente.

— Você é cliente dele? Nós não temos nenhuma hora marcada para hoje. Hoje é dia de mudança.

— De certa forma — respondeu Ricky.

— Bem — disse a mulher asperamente — e que forma seria essa?

— Meu nome é Dr. Frederick Starks, e creio que se possa dizer que o Sr. Merlin e eu temos algo a discutir. Ele está?

A mulher pareceu momentaneamente surpresa e, então, deu um sorriso desagradável, sacudindo a cabeça.

— Eu reconheço esse nome. Mas não acredito que o Sr. Merlin estivesse esperando sua visita tão cedo.

— Sério? — disse Ricky. — Neste caso, eu pensaria exatamente o contrário.

A mulher parou quando um outro carregador apareceu com um abajur numa das mãos e uma caixa de livros embaixo do outro braço. Ela virou-se para ele e disse:

— Uma viagem, um só objeto. Carregue coisas demais e vai acabar quebrando alguma coisa. Coloque um deles no chão e volte depois para pegar.

O carregador pareceu espantado, deu de ombros e colocou o abajur no chão sem muito cuidado. Ela virou-se para Ricky e disse:

— Como o senhor pode ver, doutor, chegou em péssima hora...

Ricky teve a impressão de que a mulher estava prestes a dispensá-lo, quando um homem mais jovem, com uns trinta anos, um pouco acima do peso e levemente calvo, usando calças caqui, bem passadas, uma camisa esporte, cara e de marca, e mocassins muito bem lustrados, apareceu na porta do escritório. Aquela aparência era bem curiosa, pois ele estava bem vestido demais para ajudar na mudança e não estava vestido adequadamente para tratar de negócios. As roupas que usava eram vistosas e mostravam que a aparência, mesmo em circunstâncias genuinamente informais, seguia regras rígidas. O que Ricky percebeu foi que não havia nada nas roupas do homem que sinalizasse que se podia relaxar.

— Sou Merlin — disse o homem, tirando do bolso um lenço de papel e limpando as mãos antes de oferecer uma a Ricky — Se me desculpar a bagunça das nossas instalações, talvez possamos conversar um pouco na sala de reuniões. A maior parte da mobília ainda está lá, embora não se saiba até quando.

O advogado gesticulou em direção à porta.

— Quer que eu tome notas, Sr. Merlin? — perguntou a mulher.

Merlin sacudiu a cabeça. — Não acho que seja necessário. Ricky foi conduzido a uma sala dominada por uma mesa grande e cadeiras de cerejeira. Havia uma mesinha no canto da sala com uma cafeteira e uma jarra com copos. O advogado apontou para uma cadeira e examinou a máquina de café. Dando de ombros, ele se virou para Ricky.

— Lamento, doutor — disse Merlin. — Não temos mais café, e a jarra de água parece vazia também. Não posso lhe oferecer nada.

— Tudo bem — respondeu Ricky. — Eu não vim aqui porque estava com sede.

Essa resposta fez com que o advogado sorrisse.

— Não, claro que não — disse ele. — Mas não tenho ideia de como ajudá-lo.

— Merlin é um nome incomum — interrompeu Ricky. — Alguém poderia pensar que você é um feiticeiro.

Novamente o advogado sorriu.

— Na minha profissão, Dr. Starks, um nome como o meu é uma vantagem. Nossos clientes sempre esperam que tiremos um coelho da cartola.

— E isso é possível? — Ricky perguntou.

— Na verdade, não — Merlin respondeu. — Eu não tenho varinha mágica. Mas, por outro lado, tenho sido especialmente bem-sucedido em forçar coelhos relutantes e recalcitrantes a saírem de dentro de todos os tipos de cartolas, contando, logicamente, com menos poderes mágicos e mais com uma porção de documentos e uma enxurrada de processos. Talvez, neste mundo, essas coisas aconteçam da mesma forma. Certas ações parecem funcionar da mesma maneira que as maldições e feitiços feitos pelo meu homônimo.

— E você está-se mudando?

O advogado aproximou-se e tirou um pequeno portas-cartão de couro do bolso. Pegou um cartão e entregou-o a Ricky.

— A nova toca — disse ele, expressando satisfação. — Sucesso exige expansão. Exige novos associados. É preciso mais espaço para se expandir.

Ricky olhou para o cartão, com um endereço no centro da cidade.

— E eu estou prestes a ser mais uma cabeça na sua parede? Merlin sacudiu a cabeça, sorrindo de modo não totalmente desagradável.

— Provavelmente — disse ele. — Na verdade, é possível que sim. Eu realmente não deveria estar conversando com o senhor, doutor, especialmente sem a presença do seu advogado. Por que o senhor não manda o seu advogado me telefonar, nós podemos examinar a sua apólice de seguro... o senhor tem seguro, não é, doutor? E então podemos definir as coisas de forma rápida e adequada para todos os envolvidos.

— Eu tenho seguro, mas duvido que ele cubra a queixa que sua cliente inventou. Não tenho motivos para ler a apólice há décadas.

— Não tem seguro? Isso é muito ruim... e inventado é uma palavra com a qual eu poderia me ofender.

— Quem é a sua cliente? — Ricky exigiu abruptamente. O advogado

sacudiu a cabeça.

— Ainda não estou autorizado a divulgar o nome dela. Ela está em processo de recuperação e...

— Nada disso jamais aconteceu — disse Ricky interrompendo as palavras do advogado. — É tudo invenção. Mentiras. Nem uma palavra de verdade. O seu verdadeiro cliente é outra pessoa, certo?

O advogado fez uma pausa.

— Posso assegurar que meu cliente é real — disse ele. — Assim como são reais suas queixas. A Srta. X é uma jovem mulher muito perturbada...

— Por que não chamá-la de Sr. R — perguntou Ricky. — R de Rumpelstiltskin. Isso não seria mais apropriado?

Merlin pareceu um pouco confuso.

— Eu não sei se entendo seu comentário doutor. X, R, tanto faz. Essa, realmente, não é a questão, é?

— Correto.

— A questão, doutor Starks, é que o senhor está bem encrencado. E, acredite, o senhor vai desejar que esse problema desapareça tão rápido quanto possível. Se eu tiver de entrar com uma ação, então o estrago estará feito. A caixa de Pandora, doutor. Todas as coisas ruins simplesmente sairão. Tudo se tornará parte de algum registro público. Alegações e negações, embora, conforme a minha experiência, a negação nunca pareça ter o mesmo impacto do que a alegação, não é? Não é a negação que fica na memória das pessoas, é? — O advogado sacudiu a cabeça.

— Eu jamais abusei da confiança de um paciente da maneira alegada. Eu sequer acredito que essa pessoa exista. Eu não tenho registro de tal paciente.

— Bem, doutor, isso é excelente. Espero que o senhor esteja cem por cento certo sobre isso. Porque — enquanto falava, a voz do advogado desceu uma oitava e a entonação de cada palavra ganhou uma característica cortante — quando eu tiver entrevistado cada paciente que você teve pelos últimos dez anos ou mais, e conversado com cada colega com o qual você tenha tido algum tipo de desilusão, e examinado cada faceta da sua vida, e esperamos que seja o lado mais santo dela, e, certamente, cada segundo que você passou atrás daquele divã, bem, se o meu cliente existe ou não será algo completamente relevante, porque você não terá mais vida nem reputação depois disso. Nenhuma, aconteça o que acontecer.

Ricky quis responder, mas não o fez.

Merlin continuou a olhar diretamente para Ricky, sem hesitar.

— O senhor tem inimigos, doutor? Colegas invejosos? O senhor acha que algum paciente, em todos esses anos, não ficou muito satisfeito com o tratamento? O senhor já chutou um cachorro na rua? Talvez não tenha conseguido frear quando um

esquilo pulou na frente do seu carro lá na sua casa de veraneio, em Cape Cod?

Merlin sorriu novamente, mas agora seu sorriso parecia maligno.

— Já sei sobre aquele local — disse ele. — Uma adorável casa de fazenda em um campo adorável, na ponta de uma floresta, com um jardim e só um pouquinho de vista do oceano. Doze acres. Comprado de uma mulher de meia-idade cujo marido havia acabado de morrer, em 1984. O senhor tirou uma certa vantagem do sofrimento dela, não foi, doutor? O senhor tem ideia de quanto o valor daquela propriedade aumentou? Eu estou certo de que sim. Deixe-me sugerir, doutor Starks, uma coisa, uma única coisa. Haja ou não a menor parcela de verdade na alegação da minha cliente, eu vou ganhar essa propriedade antes que isso tudo tenha acabado. Eu vou ganhar o seu apartamento e a sua conta no banco, e o seu plano de aposentadoria na Dean Witter, e o modesto saldo que você mantém na mesma firma de corretagem. Mas vou começar pela casa de veraneio. Doze acres. Acho que posso lotear e ficar rico. Que o senhor acha, doutor? Ricky ouviu o advogado, vacilando internamente.

— Como você sabe — começou a falar.

— O meu trabalho é saber — Merlin o cortou rapidamente. — Se você não tivesse alguma coisa que eu quisesse, nem o incomodaria. Mas você tem, e acredite, doutor, porque o seu advogado lhe dirá o mesmo, a luta não vale a pena.

— Minha integridade certamente vale a pena — respondeu Ricky. Merlin deu de ombros novamente.

— Você não está vendo claramente as coisas aqui, doutor. Eu estou tentando dizer lhe como o senhor pode deixar sua integridade mais ou menos intacta. Você ainda acredita tolamente que isso tem algo a ver com estar certo ou errado. Falar a verdade em vez de mentir. Acho isso intrigante, vindo de um psicanalista veterano como o senhor. É a verdade, de um modo que se ouve com frequência? Ou estão as verdades escondidas, ocultas e encobertas sob todo tipo de bagagem psicológica, ilusórias e escorregadias uma vez descobertas? Nunca exatamente preta ou branca. Mais como uma sombra em cinza, marrom ou até vermelho. Não é isso o que sua profissão prega?

Ricky sentiu-se idiota. As palavras do advogado o atingiam como se fossem socos de um boxeador. Ele respirou profundamente, pensando que tinha sido um idiota por ter vindo até aquele escritório, e a melhor coisa era sair dali rapidamente. Estava quase se levantando quando Merlin acrescentou:

— O inferno pode ter várias formas, Dr. Starks. Pense em mim como sendo apenas uma delas.

— De novo? — disse Ricky. Mas o que ele lembrou foi o que Virgílio disse no primeiro encontro, quando ela falou que seria seu guia no Inferno, e que era de lá que vinha seu nome.

O advogado sorriu.

— Nos tempos do rei Arthur — disse ele não sem prazer, com a confiança de alguém que avaliou o oponente e considerou-o inferior —, o inferno era algo bem real nas mentes de todas as pessoas, mesmo as mais instruídas e sofisticadas. Elas acreditavam piamente em demônios, diabos, possessões por maus espíritos etc. Elas podiam sentir o cheiro de fogo e enxofre que esperava pelos que não eram muito piedosos, achando que covas de jogo e torturas eternas não eram resultados injustos para vidas malconduzidas. Hoje em dia as coisas são mais complicadas, não é, doutor? Não imaginamos que teremos as línguas queimadas e a danação eterna em alguma cova de fogo. Então, que temos? Advogados. E acredite, doutor, posso facilmente transformar sua vida em algo que se pareça com uma pintura medieval feita por um daqueles artistas atormentados. O que o senhor quer é pegar o caminho mais fácil, doutor. O caminho mais fácil. E melhor verificar novamente a sua apólice.

A porta da sala de reuniões abriu-se e dois dos carregadores hesitaram antes de entrar.

— Precisamos levar essas coisas agora — disse um dos homens. — Só falta isso.

Merlin levantou-se.

— Não tem problema. Acho que o Dr. Starks já estava mesmo de saída.

Ricky também ficou de pé. Ele concordou.

— Sim. Estou. — Ele olhou para o cartão do advogado. — E aqui que meu advogado deve entrar em contato com você?

— Sim.

— Tudo bem — disse. — E você estará disponível...

— A seu dispor, doutor. Eu acho melhor acertar as coisas imediatamente. Creio que o senhor não gostaria de passar suas preciosas férias preocupado comigo, não é?

Ricky não respondeu, embora soubesse que não havia mencionado seus planos de férias para o advogado. Ele simplesmente concordou com a cabeça, virou-se e saiu do escritório, sem olhar para trás, nem por um segundo.

Ricky atirou-se dentro de um táxi e pediu que o motorista o levasse para o Hotel Plaza, a poucos quarteirões dali. Para o que Ricky tinha em mente, ele parecia ser a melhor escolha. O motorista seguiu adiante, dirigindo pelo centro da cidade daquele jeito típico dos taxistas, acelerando, correndo, freando, serpenteando, enfiando-se por entre os outros carros e levando o mesmo tempo para fazer o percurso, que um motorista que seguisse de modo firme, contido e direto. Ricky olhou para o crachá de identificação do motorista, que, como esperado, tinha também um nome estrangeiro incompreensível. Recostou-se pensando como

normalmente era difícil conseguir um táxi em Manhattan, e como era curioso que tivesse aparecido um tão prontamente assim que ele saiu, trêmulo, do escritório do advogado. Como se estivesse esperando por ele.

O motorista entrou pelo caminho que levava à entrada do hotel. Ricky passou algum dinheiro pela divisória de plástico e saiu do táxi. Ignorou o porteiro, subiu as escadas pilando os degraus e passou pela porta giratória do hotel. O lobby estava repleto de hóspedes e ele rapidamente abriu caminho entre as várias pessoas e grupos de turistas, pilhas de malas e mensageiros apressados. Dirigiu-se para o Palm Court. No lado mais distante do restaurante, ele parou, olhou para o cardápio por um instante e então se abaixou, curvando-se, e dirigiu-se ao corredor o mais rápido possível sem chamar a atenção, mais parecendo alguém que estivesse atrasado para pegar um trem. Foi diretamente para a saída do hotel que dava para o lado sul do Central Park, passando pelas portas novamente para a rua.

Havia um porteiro chamando táxis para os hóspedes conforme eles saíam. Ricky passou na frente de uma família na entrada.

— O senhor se importaria — disse ele para o pai de meia-idade, vestido com uma camisa de estampa havaiana, que tentava conter três crianças barulhentas, todas elas entre seis e dez anos. A mãe, nervosa e tímida, ficava de lado, olhando por todos. — E uma emergência. Não quero ser mal-educado, mas...

O pai olhou irritado para Ricky, como se nenhuma viagem de família de Idaho até Nova York pudesse estar completa sem que alguém aparecesse e lhes roubasse o táxi e, então, sem dizer nada, gesticulou para a porta. Ricky entrou e bateu a porta, enquanto ouvia a esposa dizer:

— Ralph, o que você fez? Aquele era o nosso...

Este motorista, pensou Ricky, ao menos, não era alguém contratado por Rumpelstiltskin. Ele deu ao motorista o endereço de Merlin.

Como suspeitava, a van de mudança não estava mais estacionada na frente do prédio. O guarda de blazer azul também havia desaparecido.

Ricky inclinou-se para frente e bateu no vidro do motorista.

— Mudei de ideia — disse ele. — Leve-me para este endereço, por favor — ele leu o novo endereço do cartão do advogado. — Mas, quando você chegar perto, pare um quarteirão antes, certo? Não quero descer em frente ao lugar.

O motorista concordou em silêncio, fazendo um movimento de cabeça.

Levou quinze minutos para fazer o percurso, enfrentando o trânsito. O endereço indicado no cartão de Merlin era próximo à Wall Street. Mostrava prestígio.

O motorista fez como pedido, parando o carro a um quarteirão do endereço.

— É aqui — disse o homem. — Quer que eu vá mais adiante?

— Não — respondeu Ricky. — Aqui está bem — ele pagou e lançou-se para

fora do aperto do banco traseiro.

Como tinha em parte imaginado, não havia sinal algum de caminhão de mudança do lado de fora do grande prédio comercial. Olhou para um lado e para outro na rua, mas não viu sinal algum do advogado, nem da companhia, nem da mobília do escritório. Verificou novamente o endereço no cartão, assegurando-se de que estava correto e, então, olhou para dentro do prédio e viu que havia um balcão de recepção logo depois da porta de entrada. Um único guarda uniformizado, lia um livro, sentado atrás de uma bancada de monitores de vídeo e de um painel eletrônico que mostrava o interior dos elevadores. Ricky entrou no prédio e se aproximou primeiramente do quadro indicativo dos ocupantes dos escritórios, na parede. Procurou rapidamente e não encontrou nenhuma indicação com o nome de Merlin. Ricky caminhou até o guarda, que olhou para cima enquanto ele se aproximava.

— Posso ajudá-lo? — disse ele.

— Sim — respondeu Ricky. — Estou um pouco confuso. Tenho este cartão de advogado, com este endereço, mas não consigo encontrar o nome dele no quadro. Ele devia estar-se mudando para cá hoje.

O guarda verificou o cartão, franziu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

— O endereço está correto — disse ele —, mas não temos ninguém aqui com esse nome.

— Não seria de um escritório ainda desocupado? Como eu disse, ele está-se mudando hoje.

— Ninguém avisou nada à segurança. E não há escritórios vagos. Há anos.

— Bem, isso é estranho — disse Ricky. — Deve ter sido erro de impressão.

O guarda devolveu o cartão.

— Pode ser — disse ele.

Ricky guardou o cartão, achando que tinha acabado de ganhar sua primeira escaramuça contra o homem que o caçava. Mas não tinha certeza do que ganhara com isso.

Ricky ainda estava um tanto satisfeito quando chegou ao seu prédio. Não tinha certeza de quem era a pessoa que havia conhecido no escritório do advogado e ficou imaginando se o homem chamado Merlin não seria realmente o próprio Rumpelstiltskin. Aquela era uma possibilidade, pensou, porque tinha certeza de que o homem que comandava a situação poderia querer ver Ricky cara a cara. Não sabia bem ao certo porque acreditava nisso, mas fazia sentido. Era difícil imaginar alguém tendo prazer em atormentá-lo, sem que essa pessoa quisesse ver pessoalmente os efeitos do próprio trabalho.

Mas essa observação sequer começava a formar o perfil que ele sabia que teria de traçar para chegar ao nome do homem.

"Que você sabe sobre psicopatas?", perguntou a si mesmo, enquanto subia as

escadas do prédio que abrigava seu consultório, sua casa e mais outros quatro apartamentos. Não o suficiente, respondeu a si mesmo, em silêncio. O que ele conhecia eram os problemas e as neuroses dos pouco ou muito perturbados. Conhecia também as mentiras que as pessoas diziam para si para justificar seus comportamentos. Não acreditava que soubesse muito sobre o tipo de pessoa capaz de criar um mundo inteiro de mentiras, com a finalidade de provocar a sua morte. Ricky compreendeu que aquele era um terreno desconhecido para ele.

Num único instante, a satisfação que Ricky sentiu por ter obtido uma vantagem sobre Rumpelstiltskin desapareceu. Lembrou-se friamente: pense no que está em jogo.

Viu que tinham entregado a correspondência e abriu sua caixa. Havia um envelope fino e comprido com o carimbo, no canto esquerdo, da Delegacia de Trânsito da Cidade de Nova York. Ele abriu.

Dentro dele havia um pequeno pedaço de papel preso por um clip a uma folha maior xerocada. Leu primeiro a carta menor.

Caro Dr. Starks:

Durante nossa investigação, encontramos uma nota entre os objetos pessoais do Sr. Zimmerman. Uma vez que ele menciona o senhor e parece comentar algo sobre seu tratamento, eu a envio em anexo. A propósito, a investigação sobre essa morte foi concluída.

Atenciosamente,

Detetive J. Riggins.

Ricky levantou a nota e leu o que havia na fotocópia. Era um texto curto, digitado e que encheu-o de uma ansiedade crescente.

A quem possa interessar:

Eu falo, falo, mas nada melhora. Ninguém me ajuda. Ninguém ouve meu eu verdadeiro. Eu tomei todas as providências em relação à minha mãe. Estas podem ser encontradas com o testamento, apólices de seguro e outros documentos em minha mesa, no trabalho. Peço desculpas a todos os envolvidos, exceto ao Dr. Starks.

Adeus aos demais.

Roger Zimmerman

Até a assinatura havia sido digitada. Ricky olhou o bilhete do suicida, sentindo as emoções se esvaziarem do seu corpo.

CAPÍTULO 9

O bilhete de Zimmerman, pensou Ricky, não podia ser verdadeiro. Internamente, ele permanecia irredutível: Zimmerman assemelhava-se tanto a um

suicida quanto o próprio Ricky. Ele não mostrava nenhum indício de tendência suicida, nenhuma inclinação à autodestruição e nenhuma propensão a autoviolência. Zimmerman era neurótico e teimoso e estava apenas começando a compreender como funcionava a análise; era um homem que precisava de alguém para incentivá-lo a fazer qualquer coisa, exatamente como Ricky imaginava que Zimmerman teve de ser empurrado na frente do trem. Mas Ricky estava agora começando a ter problemas para distinguir o real do irreal. Mesmo com a carta da detetive à sua frente, após a visita ao metrô e à delegacia, ele ainda tinha dificuldades em aceitar a realidade da morte de Zimmerman. Ela parecia fazer parte de um universo surreal. Ele olhou para a carta-suicida e percebeu que havia sido a única pessoa citada. Percebeu, ainda, que ela não havia sido assinada à mão. Em vez disso, a pessoa que escrevera a carta havia digitado o nome de Zimmerman. Ou, o próprio Zimmerman tinha digitado seu nome, se foi ele mesmo quem escreveu o bilhete. A cabeça de Ricky girava.

Qualquer euforia que tenha sentido ao enganar o advogado naquela manhã desaparecera, dando lugar a um enjoo que beirava a náusea e que parecia começar no estômago, mas que, achava, era algo psicossomático. Pegou o elevador até sua casa, arrastando os pés, com um peso nos ombros. Os primeiros traços de autopiedade surgiram no seu coração, a pergunta Por que eu? acompanhando seus passos lentos. Quando chegou ao consultório, sentia-se exausto.

Ricky jogou-se na poltrona atrás da mesa e pegou a carta da Sociedade de Psicanálise. Riscou mentalmente o nome do advogado, apesar de não ser tolo o suficiente para achar que havia se livrado de Merlin, quem quer que ele fosse. O nome do terapeuta de Boston, que estaria atendendo sua suposta vítima, estava na carta, e Ricky entendeu que aquele deveria ser seu próximo passo. Por um momento, desejou ignorar aquele nome, não fazer o que se esperava que ele fizesse, mas depois percebeu que o fato de não protestar vigorosamente sua inocência poderia ser considerado uma admissão de culpa e, portanto, mesmo que fosse previsto e inútil, ele teria de dar aquele telefonema.

Ainda sentindo-se mal do estômago, Ricky alcançou o telefone e discou o número do terapeuta. Chamou uma vez e, então, como suspeitava, foi atendido pela secretária eletrônica: "Aqui é o Dr. Martin Soloman. Não posso atendê-lo no momento. Por favor, deixe seu nome e telefone e uma pequena mensagem, e entrarei em contato assim que puder". Pelo menos, pensou Ricky, ele ainda não tinha saído de férias.

— Dr. Soloman — disse Ricky de modo firme, tentando demonstrar na voz fúria e indignação —, aqui é o Dr. Frederick Starks, de Manhattan. Estou sendo acusado de má conduta gravíssima, por uma paciente sua. Gostaria de informar que essas acusações são completamente falsas. Elas são pura invenção, sem nenhum

fundamento na realidade. Obrigado.

E desligou. A firmeza de sua mensagem restaurou um pouco o seu espírito. Ele olhou para o relógio. Cinco minutos, pensou ele. No máximo dez, até que respondesse.

Nisso ele acertou. Sete minutos depois, o telefone tocou.

Ele atendeu com um firme e profundo: — Aqui é Dr. Starks.

O homem do outro lado da linha pareceu respirar bruscamente antes de dizer:

— Doutor, aqui é Martin Soloman. Recebi sua mensagem e achei melhor retornar imediatamente a ligação.

Ricky esperou por um momento, deixando o silêncio pesar na linha, antes de continuar:

— Quem é a sua paciente, que está me acusando desse comportamento repreensível?

Houve também uma pausa, antes que Soloman dissesse:

— Não sei se tenho permissão para divulgar o nome dela. Ela me disse que quando a comissão de ética médica entrar em contato comigo, ela estará disponível. O simples fato de comunicar a queixa à Sociedade de Psicanálise de Nova York já foi um importante primeiro passo para sua recuperação. Ela precisa agir com cuidado. Mas isso me parece inacreditável, doutor. Certamente você sabe quem eram seus pacientes até pouco tempo atrás. E queixas como as dela, com os detalhes que ela me deu pelos últimos seis meses, certamente dão crédito ao que ela diz.

— Detalhes? — perguntou Ricky.

— Que tipo de detalhes?

O doutor hesitou.

— Não sei o quanto...

— Não seja ridículo. Não acredito nem por um segundo que essa pessoa exista — interrompeu Ricky com firmeza.

— Posso lhe garantir que ela é totalmente real. E o sofrimento dela é algo concreto — disse o terapeuta, imitando aquilo que Merlin, o advogado, dissera mais cedo naquele dia. — Francamente, doutor, acho suas negações pouco convincentes.

— E quais são os detalhes?

Soloman hesitou antes de falar:

— Ela descreveu o senhor física e intimamente. Descreveu seu consultório. Consegue imitar a sua voz, e, devo dizer, parece uma imitação muito precisa...

— Impossível — soltou Ricky.

O doutor Soloman fez outra pausa e depois perguntou:

— Diga-me, doutor, na parede do seu consultório, perto do retrato de Freud, há uma pequena gravura azul e amarela do pôr do sol em Cape Cod?

Ricky estremeceu. Aquela era uma das poucas peças de arte remanescentes

no universo monástico do seu escritório e apartamento. Havia sido presente da esposa no aniversário de quinze anos de casamento, e era um dos poucos itens que haviam sobrevivido à tentativa de expurgar sua presença, depois que ela morrera de câncer.

Soloman continuou:

— Está lá, não está? Minha paciente disse que se concentrava nessa peça em particular, como se pudesse entrar naquela paisagem, enquanto você abusava sexualmente dela. Como se fosse uma experiência extracorpórea. Conheço outras vítimas de crimes sexuais que fizeram o mesmo, tentando se imaginar em algum outro lugar fora da realidade. Não é um mecanismo de defesa incomum.

Ricky engoliu em seco.

— Nada disso jamais aconteceu.

— Bem — disse Soloman abruptamente —, não é a mim que precisa convencer, não é?

Ricky fez uma pausa antes de perguntar:

— Há quanto tempo ela é sua paciente?

— Seis meses. Nós ainda temos um longo caminho pela frente, também.

— Quem a indicou?

— Como?

— Quem a indicou para você?

— Não sei se me lembro...

— Você quer me dizer que uma mulher com esse tipo de trauma emocional simplesmente pegou seu número na lista telefônica?

— Eu precisaria verificar minhas anotações.

— Sua memória devia ser suficiente.

— Mesmo assim, quero rever minhas anotações. Ricky bufou.

— Você vai descobrir que ninguém a recomendou. Ela escolheu você por algum motivo óbvio. Então, eu pergunto novamente: por que o senhor, doutor?

Soloman fez uma pausa, pensando.

— Tenho uma boa reputação nesta cidade por tratar com sucesso de vítimas de abuso sexual.

— O que o senhor quer dizer com reputação?

— Escreveram alguns artigos sobre meu trabalho na imprensa local.

Ricky estava pensando rapidamente.

— Você sempre serve de testemunha em julgamentos?

— Não tão frequentemente. Mas estou familiarizado com o processo.

— Com que frequência, então?

— Duas ou três vezes. E eu sei onde o senhor quer chegar com isso. Sim, foram casos de grande destaque.

— O senhor já testemunhou como perito?

— Bem, sim. Em vários processos, incluindo um contra um psiquiatra acusado mais ou menos da mesma coisa que o senhor. Tenho uma cadeira no Centro Médico Universitário, em Massachusetts, onde leciono sobre recuperação de atos criminosos...

— Seu nome esteve em evidência pouco antes de essa paciente procurá-lo? Bem em destaque?

— Sim. Em um artigo publicado no Boston Globe. Mas eu não vejo por que...

— E você insiste que a paciente é digna de crédito?

— Insisto. Está em tratamento há seis meses. Duas sessões por semana. Ela tem-se mostrado extremamente coerente. Nada que tenha dito até agora poderia me causar a menor dúvida sobre suas palavras. Doutor, eu sei o quanto seria impossível alguém mentir com sucesso para um terapeuta, especialmente por um longo período.

Ricky certamente teria concordado com essa afirmação alguns dias antes. Agora não estava mais tão certo assim.

— E onde ela está agora?

— Ela estará de férias até a terceira semana de agosto.

— Ela lhe deu um telefone onde poderia encontrá-la durante o mês de agosto?

— Não. Creio que não. Nós simplesmente marcamos uma consulta para um pouco antes do Dia do Trabalho e deixamos por isso mesmo.

Ricky pensou bastante, depois fez outra pergunta:

— E ela tem olhos verdes, extraordinariamente penetrantes?

Soloman ficou calado. Quando ele falou, foi com uma fria reserva.

— Então o senhor a conhece?

— Não — disse Ricky. — Só estava supondo.

Depois, desligou o telefone. Virgílio, disse a si mesmo.

Ricky pegou-se olhando fixamente para o quadro na parede que havia tido um papel tão importante nas falsas recordações da pretensa paciente lá de Boston. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que o Dr. Soloman era real, e que ele havia sido escolhido com cuidado. Também não havia dúvida alguma, Ricky percebeu, de que aquela mulher tão bela e problemática que havia procurado pelo reputado Dr. Soloman jamais seria vista por ele novamente. Pelo menos, não no contexto que Soloman imaginava. Ricky sacudiu a cabeça. Havia muitos terapeutas tão orgulhosos e convencidos que adoravam a atenção da imprensa e a devoção dos pacientes. Eles se comportavam como se tivessem um entendimento único e mágico sobre o mundo e o funcionamento das pessoas, despejando opiniões e declarações com uma regularidade displicente. Ricky suspeitava que Soloman fazia parte desse

grupo de psiquiatras exibicionistas, que adotavam a imagem de conhecimento sem se dedicar ao trabalho duro para chegar ao insight. E muito mais fácil ouvir alguém falar brevemente e sem preparo, do que se sentar dia após dia, penetrando nas camadas do que é mundano e trivial, tentando chegar ao mais profundo. Ele não sentia nada além de desprezo pelos membros daquela profissão que emprestavam seus nomes para depoimentos em tribunais e artigos de jornais.

No entanto, pensou Ricky, o problema era que a reputação, a notoriedade e a imagem pública de Soloman concederiam crédito à acusação. Colocar o nome dele no final da carta fazia com que ela adquirisse um crédito que sobreviveria o suficiente para os propósitos da pessoa que a tivesse escrito.

Ricky perguntou-se: o que você aprendeu hoje?

Muitas coisas, respondeu. Mas, principalmente, que os fios da rede na qual estava preso haviam sido tramados meses antes.

Olhou novamente para o quadro que enfeitava a parede. Eles já haviam estado aqui, pensou, muito tempo atrás. Seus olhos passearam pelo consultório. Nada ali era seguro. Nada era privado. Eles estiveram aqui meses atrás, e eu não percebi.

Uma onda de raiva atingiu-o como um soco no estômago, assustando-o, e sua primeira reação foi levantar-se e cruzar o consultório em direção ao pequeno quadro, que o doutor de Boston mencionara, e arrancá-lo da parede. Ele pegou o quadro e lançou-o no cesto de lixo ao lado da mesa, quebrando a moldura e despedaçando o vidro. O som parecia o de uma bala ecoando no pequeno espaço do consultório. Palavrões saíram-lhe dos lábios, agressivos e inesperados, tornando a atmosfera pesada. Ele virou-se e agarrou-se às laterais da mesa, como que tentando se refazer.

Da mesma forma que surgiu, a raiva sumiu, sendo substituída por uma outra onda de náusea que tomou conta dele. Ficou tonto, a cabeça rodando, com a mesma sensação de alguém que se levanta de repente, no meio de uma gripe ou resfriado forte. Ricky estava emocionalmente abalado. Respirava com dificuldade, como se alguém tivesse amarrado uma corda em volta do seu peito.

Foram necessários vários minutos para que ele recobrasse o equilíbrio e, mesmo quando conseguiu, ainda se sentia fraco, quase exausto.

Continuou a olhar pelo consultório, mas agora parecia diferente. Era como se todos os objetos que decoravam sua vida tivessem se tornado sinistros. Ele pensou que não podia mais confiar em nada do que estava à vista. Imaginou o que mais Virgílio teria descrito ao doutor de Boston; que outros detalhes de sua vida estariam agora expostos na acusação enviada à junta de ética médica. Lembrou-se das vezes em que seus pacientes chegavam completamente perturbados depois de um roubo ou um assalto e falavam sobre a sensação de violação, e quanta perturbação isso causava em suas vidas. Ele ouvia com atenção as queixas, com imparcialidade

clínica, sem nunca entender completamente o quão primária era essa sensação. Agora ele tinha uma ideia melhor, disse a si mesmo.

Ele, também, sentia-se assaltado.

Olhou novamente pela sala. O que antes era seguro, agora estava perdendo rapidamente essa qualidade.

Fazer uma mentira parecer real é um trabalho difícil, pensou. Requer planejamento.

Ricky dirigiu-se para trás da mesa e viu que a luz vermelha da secretária eletrônica piscava insistentemente. O contador de mensagens estava acesso, também em vermelho, mostrando o número quatro. Ele a alcançou e apertou o botão para ouvir a primeira mensagem. Ricky imediatamente reconheceu a voz de um paciente, um jornalista de meia-idade do The New York Times, um homem preso a um emprego bem-remunerado, mas tedioso, editando matérias dos repórteres mais jovens e mais ativos na seção de ciências. Era um homem que desejava mais da vida, que queria encontrar criatividade e originalidade, mas tinha medo da ruptura que essa concessão poderia causar à sua vida tão cuidadosamente organizada. Mesmo assim, esse paciente era inteligente, sofisticado e estava conseguindo importantes progressos na terapia, começando a entender a ligação entre a sua rígida educação no interior do país, filho de acadêmicos dedicados, e o seu medo de aventura. Ricky gostava bastante do homem e achava que ele era um provável candidato a completar a terapia e ver a liberdade que isso lhe daria como uma oportunidade, que é a grande realização de qualquer terapeuta.

— Doutor Starks — o homem disse lentamente, quase relutante, enquanto se identificava. —, Eu gostaria de me desculpar por deixar esta mensagem em sua secretária eletrônica durante suas férias. Não queria perturbar seu descanso, mas esta manhã recebi uma carta muito perturbadora.

Ricky respirou profundamente. A voz do paciente continuou lenta.

— A carta era a cópia de uma acusação apresentada contra o senhor junto à comissão de ética médica e à Sociedade de Psicanálise de Nova York. Reconheço que a natureza anônima da acusação faz com que ela seja muito difícil de se contestar. A cópia da carta, aliás, foi enviada para a minha casa, não para o meu escritório e não tem nenhum endereço para resposta ou qualquer outra característica que a identifique.

Novamente o paciente hesitou.

— Estou numa posição conflitante. Tenho a sensação de que essa acusação poderia ser uma história interessante para o jornal, que devia ser encaminhada a um dos repórteres da nossa equipe, para investigação. Por outro lado, isso poderia obviamente comprometer em muito nosso relacionamento. Fiquei bastante perturbado pelas acusações, que, presumo, o senhor nega...

O paciente pareceu buscar fôlego e, então, continuou com um leve tom de irritação:

— Todos negam coisas erradas. 'Eu não faço isso, Eu não faço isso, Eu não faço isso...' Até que são de tal forma presos aos acontecimentos e pegos pelas circunstâncias que não podem mais mentir. Presidentes. Autoridades de governo. Homens de negócios. Médicos. Chefes de escoteiros e treinadores de times infantis. Por Deus! Então, finalmente são forçados a falar a verdade e esperam que todos compreendam que tiveram de mentir, como se não houvesse problema algum em manter a mentira até ser pego e não poder mais mentir...

O paciente fez nova pausa e, então, desligou o telefone. A mensagem parecia recortada, como se ele não quisesse que Ricky respondesse.

A mão de Ricky tremeu levemente quando apertou novamente o botão da secretária eletrônica. A próxima mensagem era simplesmente uma mulher chorando. Infelizmente, reconheceu o som, e percebeu que era uma outra paciente antiga. Ela também, ele poderia apostar, teria recebido uma cópia da carta. Avançou rapidamente a fita. As duas mensagens restantes também eram de pacientes. Um deles, um conhecido coreógrafo da Broadway, explodiu com uma raiva que ele não conseguia reprimir. A outra, uma fotógrafa de certo prestígio, parecia tão confusa quanto perturbada.

O desespero tomou conta dele. Talvez pela primeira vez em sua vida profissional, ele não sabia o que dizer para os próprios pacientes. Os que não haviam ainda ligado, suspeitou, talvez não tivessem ainda aberto suas correspondências.

Um dos elementos-chave da psicanálise é a curiosa relação entre o paciente e o terapeuta, na qual o paciente conta cada detalhe íntimo de sua vida a uma pessoa que não faz o mesmo e que muito raramente reage, mesmo diante da mais provocativa informação. Na brincadeira infantil, "jogo da verdade", é o risco compartilhado que garante a confiança. Você me conta, eu lhe conto. Você mostra o seu e eu mostro o meu. A psicanálise distorce essa relação, tornando-a completamente unilateral. Na verdade, Ricky sabia, a fascinação dos pacientes sobre quem ele era, o que ele pensava, o que sentia, como reagia, eram todas dinâmicas importantes e todas elas eram parte do grande processo de transferência que ocorria no consultório, onde ele, sentado em silêncio, por trás das cabeças dos pacientes deitados no divã, transformava-se simbolicamente em várias coisas, mas simbolizava, principalmente, para cada um deles, uma coisa diferente e perturbadora, e assim, assumindo esses diferentes papéis para cada paciente ele poderia conduzir cada um deles através de problemas. O silêncio dele poderia simbolizar psicologicamente o da mãe de um paciente, do pai de outro, do chefe de um terceiro. O silêncio dele poderia representar amor e ódio, fúria e tristeza. Poderia tornar-se

perda ou rejeição. Em alguns aspectos, conforme ele entendia, o analista é um camaleão, mudando de cor de acordo com a superfície de cada objeto que toca.

Ele não retornou nenhuma das ligações dos pacientes, e até o final do dia, todos já haviam ligado. O editor do Times tinha razão, pensou. Vivemos em uma sociedade que reformulou o conceito de negação. Hoje em dia, a negação carrega a presunção de ser apenas uma mentira por conveniência, que será retomada e adaptada, mais tarde, depois que uma verdade aceitável tiver sido negociada.

Horas diárias que se transformaram em semanas, que se transformaram em meses, que se transformaram em anos com cada um dos pacientes, haviam sido devastadas por uma única mentira bem construída. Ele não sabia como responder aos pacientes, nem mesmo se devia responder alguma coisa. O clínico dentro dele compreendia que examinar a reação de cada paciente às acusações poderia ser algo proveitoso, mas, ao mesmo tempo, parecia inútil.

Para o jantar daquela noite preparou uma sopa de galinha em lata.

Levando as colheradas da mistura escaldante à boca, ficou imaginando se algum dos famosos poderes medicinais e restauradores da mistura faria algum efeito no seu espírito.

Percebeu que ainda não tinha um plano de ação. Algum mapa que pudesse seguir. Um diagnóstico, seguido de um plano de tratamento. Até aquele ponto, para Ricky, Rumplestiltskin parecia ser um tipo de câncer insidioso, atacando diferentes pontos de sua personalidade. Ricky ainda precisava definir um modo de atacá-lo. O problema era que isso ia contra sua formação. Se fosse um oncologista, como o homem que inutilmente tratou de sua esposa, ou mesmo um dentista, capaz de ver um dente cariado e tratar, ele o faria. Mas a formação de Ricky era muito diferente. Um analista, apesar de reconhecer certas características e síndromes, no final das contas deixa que o paciente dirija o próprio tratamento, no simples contexto do processo. Ricky estava sendo incapaz de lidar com Rumplestiltskin e suas ameaças pela própria natureza que havia feito dele um profissional tão bom por todos aqueles anos. A passividade, que era marca de sua profissão, tornara-se de repente um perigo.

Teve medo pela primeira vez, mais tarde naquela noite, de que isso poderia matá-lo.

CAPÍTULO 10

De manhã, marcou mais um dia no calendário de Rumplestiltskin e compôs a seguinte pergunta:

*Buscando muito e rápido olhando,
Tudo dos passados vinte analisando.*

Estará o ano certo ou errado?
(Porque de tempo, não me resta muito.)
E apesar de poder estar incomodando,
É pela mãe de R. que estou procurando?

Ricky percebeu que não estava seguindo as regras de Rumplestiltskin, primeiramente por fazer duas perguntas, em vez de uma, e, depois, por não as formular de modo a admitirem respostas simples do tipo "sim" ou "não"; como fora instruído. Mas imaginou que usando o mesmo esquema infantil de rimas que o causador do seu tormento, Rumplestiltskin poderia estar disposto a ignorar a violação das regras e talvez respondesse com um pouco mais de detalhes. Ricky percebeu que, para deduzir quem o estava prendendo naquela armadilha, precisava de informações. Muito mais informações. Ele não tinha a menor ilusão de que Rumplestiltskin deixaria escapar algum tipo de detalhe que pudesse demonstrar a Ricky onde procurá-lo, ou que fornecesse instantaneamente uma pista sobre um nome que pudesse ser dado às autoridades — se Ricky conseguisse imaginar que autoridades deveria contatar. O homem havia planejado sua aventura de vingança muito precisamente para que tudo acontecesse de forma rápida, pensou Ricky. Mas um analista é considerado um cientista do que é indireto e oculto. Ele devia ser perito nas coisas veladas e ocultas, pensou, e, para descobrir o nome verdadeiro de Rumplestiltskin, a resposta viria de uma falha que esse homem, não importa o quão calculista fosse, não previra.

A moça, que recebia os pedidos de anúncio no Times, pareceu agradavelmente surpresa com os versos. — Isso não é comum — disse suavemente. — Geralmente essas colunas trazem apenas mensagens de felicitações pelas bodas de ouro de papai e mamãe, ou ofertas de algum novo produto — disse ela. — Isto parece um pouco diferente. De que se trata? — perguntou.

Ricky, tentando ser educado, respondeu com uma mentira eficiente:

— É parte de uma "caça ao tesouro". Apenas diversão de férias para um grupo que gosta de charadas e jogos de palavras.

— Oh — a mulher respondeu. — Parece divertido.

Ricky não respondeu, porque havia pouca diversão no que estava fazendo. A mulher do jornal leu os versos mais uma vez para ter certeza de que havia escrito corretamente, e deu as instruções para pagamento. Ela perguntou se ele queria pagar à vista ou com cartão de crédito. Ricky preferiu o cartão. Ele podia ouvi-la digitando no teclado do computador enquanto ele ditava o número do seu Visa.

— Bem — disse a moça dos anúncios —, está feito. O anúncio sai amanhã. Boa sorte com seu jogo — acrescentou. — Espero que ganhe.

— Eu também — disse ele. Agradeceu e desligou o telefone. E voltou para as pilhas de anotações e registros.

Limitar e eliminar, pensou. Ser sistemático e cuidadoso.

Descartar homens ou mulheres. Descartar os velhos, concentrar-se nos jovens. Encontrar a sequência de tempo correta, as relações corretas. Isso fornecerá um nome. Um nome conduzirá a outro nome.

Ricky respirou com dificuldade. Passara toda a sua vida tentando ajudar as pessoas a compreender as forças emocionais que faziam com que as coisas lhes acontecessem. O que um analista faz é isolar a culpa e tentar transformá-la em algo controlável, porque um analista considera a necessidade de vingança como sendo uma neurose muito incapacitante que qualquer um pode ter. O analista deseja que o paciente encontre uma forma de superar essa necessidade, indo além da fúria. Não é raro que um paciente comece a terapia mostrando uma ira que parece exigir uma reação externa. O tratamento é voltado a eliminar esse desejo, de forma que ele possa levar sua vida liberado da necessidade compulsiva de dar o troco.

A vingança, nesse mundo, é uma fraqueza. Talvez até uma doença.

Ricky sacudiu a cabeça.

Enquanto sua cabeça girava, tentando ordenar as coisas que sabia e como aplicá-las à situação atual, o telefone em sua mesa tocou. Isso o assustou e ele hesitou, alcançando o telefone, imaginando se seria Virgílio.

Não era. Era a moça do Times.

— Doutor Starks?

— Sim.

— Desculpe-me por estar ligando, mas temos um pequeno problema.

— Problema? Que tipo de problema?

A mulher hesitou, como se estivesse relutante em falar, depois continuou:

— O número do cartão que o senhor forneceu foi cancelado. O senhor tem certeza de que me deu o número correto?

Ricky corou, sozinho na sala.

— Cancelado? Impossível — disse com indignação.

— Bem, talvez eu tenha anotado o número errado...

Pegou a carteira e retirou dela o cartão, lendo novamente a sequência dos números, lentamente. A mulher fez uma pausa.

— Não, essa é a sequência de números que eu mandei para aprovação. Responderam que o cartão foi recentemente cancelado.

— Não entendo — Ricky disse com frustração. — Não cancelei nada. E eu pago o total das faturas todos os meses...

— As administradoras de cartão de crédito erram mais do que o senhor imagina — disse a mulher justificando-se. — O senhor tem outro cartão? Ou talvez o senhor prefira que eu mande um boleto para o senhor pagar com cheque?

Ricky começou a tirar um outro cartão da sua carteira e, então, parou

imediatamente. Ele engoliu em seco.

— Desculpe-me pelo transtorno — disse lentamente, tentando controlar-se ao máximo. — Vou entrar em contato com a administradora. Nesse meio tempo, por favor me mande o boleto como sugeriu.

A mulher disse qualquer coisa concordando, checkou novamente o endereço dele, e disse:

— Isso acontece com bastante frequência. O senhor perdeu sua carteira? Às vezes, os ladrões pegam os números de faturas antigas jogadas fora. Ou o senhor comprou algo e o vendedor passou o seu número para falsificadores. Há milhões de maneiras de fraudar os cartões. Mas é melhor que o senhor telefone para a administradora « para resolver tudo. Senão, o senhor vai acabar tendo de brigar para não pagar despesas que não fez. De qualquer forma, eles provavelmente providenciarão outro cartão de crédito até amanhã.

— Tenho certeza disso — disse Ricky. Ele desligou o telefone. Lentamente retirou cada cartão de crédito da carteira. São todos inúteis, disse a si mesmo. Foram todos cancelados. Ele não sabia como, mas sabia por quem.

Com calma, começou o tedioso processo de telefonar para descobrir o que já sabia ser verdade. Os encarregados do atendimento ao consumidor de cada administradora de cartão de crédito foram amigáveis, mas não muito úteis. Quando tentava explicar que não havia cancelado os cartões, era informado de que na verdade havia feito isso. Era o que os computadores diziam, e o que quer que eles mostrassem era o que estava certo. Ele perguntou a cada administradora como exatamente o cartão tinha sido cancelado e, de todas as vezes, foi informado que o pedido havia sido feito eletronicamente, pelos sites dos bancos. Transações simples desse tipo, explicavam os atendentes, podem ser feitas por meio de simples toques no teclado. Isso era, segundo eles, um serviço que o banco oferecia para tornar a vida financeira dos clientes mais simples, apesar de Ricky, em sua atual situação, discordar disso. Todos eles se ofereceram para abrir novas contas para ele.

Ricky disse a cada administradora que possivelmente ligaria de volta. Então pegou uma tesoura que mantinha na gaveta de cima e cortou ao meio cada uma das inúteis peças de plástico. Não pensou Ricky que esse ato era precisamente o que alguns pacientes eram forçados a fazer quando se permitiam gastar excessivamente com o cartão de crédito e contraíam grandes dívidas.

Ricky não sabia até onde em sua vida financeira Rumpelstiltskin tinha conseguido penetrar. Nem como. Dívida é um conceito bem próximo ao jogo que o homem havia criado, pensou. Ele acredita que eu lhe devo alguma coisa, e não do tipo que se paga com cartão de crédito ou cheque.

Seria bom fazer uma visita à agência do banco, pela manhã. Ele fez ainda uma ligação para o homem que cuidava de sua modesta carteira de investimentos,

deixando recado com a secretária, pedindo que o corretor ligasse de volta para ele imediatamente. Então, sentou-se por um momento, tentando imaginar como Rumpelstiltskin conseguira entrar naquela parte de sua vida.

Ricky era um ignorante em computadores. Seu conhecimento de Internet, AOL, Yahoo, eBay, websites, salas de bate-papo e ciberespaço era limitado a uma vaga familiaridade com as palavras, mas não com a realidade. Seus pacientes falavam com frequência de uma vida ligada ao teclado do computador e, dessa forma, ele tinha alguma ideia do que um computador podia fazer, mas, principalmente, do que o computador fazia por eles. Ele jamais sentira a necessidade de aprender nada disso. Sua escrita era feita a caneta em blocos de anotações.

Se tivesse de escrever uma carta, usava a antiga máquina de escrever elétrica que tinha mais de vinte anos e que ele mantinha no armário. De certa forma, possuía um computador. Sua esposa comprara um no primeiro ano de sua doença, e fez um upgrade nele, um ano antes de sua morte. Ricky estava certo de que ela usava a máquina para acessar grupos de apoio a vítimas de câncer e para falar com outras pessoas naquele mundo curiosamente à parte da Internet. Ele não se juntou a ela nesses momentos, achando que, não se intrometendo, estava respeitando sua privacidade, ao passo que outra pessoa poderia achar que ele simplesmente não estava mostrando interesse suficiente. Pouco depois da morte dela, ele retirou a máquina do canto do quarto, que ela ocupava quando conseguia juntar energia para sair da cama, colocou em uma caixa e levou para o porão do prédio. Pensou em jogar fora ou doar para alguma escola ou biblioteca, mas acabou esquecendo. Ocorreu-lhe que poderia precisar dele, agora.

Porque, ele suspeitava, Rumpelstiltskin sabia como usar um computador.

Ricky levantou-se da cadeira, decidindo naquele momento buscar no porão o computador de sua falecida esposa. Na gaveta superior direita de sua mesa havia a chave de um cadeado, que ele pegou.

Ele certificou-se de fechar a porta da frente e, então, pegou o elevador até o porão. Já fazia meses que ele não ia àquela área do prédio e franziu o nariz com o ar de mofo e mau cheiro do lugar. Tinha uma característica fétida e doentia, de coisa antiga e suja, torrada pelo calor diário. Assim que saiu do elevador, já teve a sensação asmática de aperto no peito. Ricky imaginou porque nunca limpavam aquele lugar. Havia um interruptor na parede, que ele apertou, trazendo um pouco de luz para o porão, de uma única lâmpada de 100 watts. Para onde quer que se movesse, carregava sombras consigo, que corriam estranhamente pela escuridão e umidade. Cada um dos seis apartamentos do prédio possuía uma área de depósito, delimitada por uma rede de arame emoldurada por madeira barata, com o número do apartamento marcado por fora. Era o lugar de cadeiras quebradas, caixas de papéis velhos, bicicletas quebradas e enferrujadas, esquis, baús e malas velhas. Poeira e

teias de aranha cobriam quase tudo, e quase tudo pertencia à categoria de coisas que tinham valor suficiente para não serem jogadas fora, mas não importantes o suficiente para serem usadas no dia-a-dia. Coisas que se juntam com o passar do tempo e que acabam-se tornando do tipo que é "melhor guardar porque nunca se sabe quando se vai precisar".

Ricky inclinou-se um pouco, apesar de haver altura suficiente. Era mais a atmosfera pesada que fazia com que ele se curvasse. Aproximou-se do seu próprio cubículo com a chave do cadeado nas mãos.

Mas o cadeado já estava aberto. Estava pendurado na fechadura como um enfeite esquecido em uma árvore de Natal.

Ele olhou mais de perto e viu que o cadeado tinha sido partido com uma ferramenta.

Ricky recuou um passo, chocado, como se um rato tivesse passado na sua frente.

Seu primeiro instinto foi dar meia-volta e correr, o segundo foi de ir em frente. Foi isso o que fez, caminhando lentamente para a porta de tela de arame e abrindo-a. O que percebeu imediatamente foi que exatamente aquilo que tinha ido procurar no porão, a caixa que continha o computador de sua esposa, não estava lá. Entrou mais no depósito. A luz superior estava parcialmente bloqueada por seu próprio corpo, de forma que apenas faixas de luz penetravam na área. Deu uma olhada e viu que outra caixa estava faltando. Era um grande arquivo de plástico, que continha cópias de todas as suas declarações de imposto de renda.

O restante dos seus trastes parecia intacto, como se isso importasse.

Quase nocauteado pela devastadora sensação de derrota, Ricky virou-se e se dirigiu para o elevador. Somente quando saiu do porão, de volta à luz do dia, ao ar fresco e longe da sujeira e poeira das memórias guardadas lá embaixo, permitiu-se pensar a respeito do impacto que poderia ter o desaparecimento do computador e declarações de impostos.

O que foi roubado? Ele se perguntava.

Estremeceu repentinamente. Respondeu à própria pergunta: talvez tudo.

O desaparecimento das declarações fez seu estômago revirar numa sensação de desconforto. Não admira que o advogado Merlin soubesse tanto a respeito de suas posses. Ele provavelmente sabia tudo sobre as modestas finanças de Ricky. Uma declaração de renda é como o mapa de uma estrada, do número da previdência até as doações para caridade. Mostra todas as bem traçadas rotas da existência de uma pessoa, sem a história. Como um mapa, mostra como ir de um lugar para outro na vida de alguém, onde estão as autoestradas e onde começam as estradas secundárias. Tudo que falta são as cores e as descrições.

O desaparecimento do computador igualmente apavorava Ricky. Ele não

tinha ideia do que ficara no disco rígido, mas sabia que havia algo. Tentou lembrar-se das horas que sua esposa passara na máquina antes que a doença lhe roubasse até a força para apertar as teclas. Quanto do seu sofrimento, de suas memórias, de suas percepções e de suas viagens eletrônicas estaria lá, ele não fazia ideia. Ele só sabia que técnicos de computador experientes poderiam recuperar tudo dos chips na memória do computador. Ricky presumiu que Rumpelstiltskin tinha a capacidade necessária para extrair da máquina tudo que quisesse.

Ricky subiu até o apartamento. O sentimento de violação que sentia era como se tivesse sido partido ao meio pela lâmina quente de uma navalha. Olhou em volta e compreendeu que tudo o que imaginava ser tão seguro e particular em sua vida estava agora vulnerável.

Nada mais era secreto.

Se ainda fosse criança, percebeu, naquele exato momento poderia irromper em lágrimas.

Seus sonhos naquela noite foram cheios de imagens escuras e violentas, como estar sendo cortado por facas. Em um dos sonhos, viu-se tentando caminhar por uma sala mal iluminada, sabendo o tempo todo que se tropeçasse e caísse, poderia cair, através da escuridão, em uma espécie de esquecimento, mas conforme atravessava a paisagem do sonho, sentia-se descoordenado e desajeitado, tentando agarrar-se a paredes vaporosas, com dedos vacilantes, seu esforço parecendo inútil. Ele acordou na escuridão do quarto tomado por aquele pânico momentâneo de alguém que oscila entre a inconsciência e a consciência, com o suor molhando-lhe a camiseta do pijama, a respiração curta e a garganta rouca, como se tivesse chorado por várias horas em um desespero prolongado. Por um momento, não teve a certeza de que havia deixado para trás e foi só quando apertou o interruptor do abajur e pôde ver à sua volta o espaço familiar do quarto, que seu coração começou a voltar ao ritmo normal. Ricky deixou a cabeça cair de volta no travesseiro, desesperado por um pouco de descanso, sabendo que isso não era possível. Ele não tinha dificuldade para interpretar seus sonhos. Eram tão terríveis quanto sua vida estava se tornando.

O anúncio saiu no Times daquela manhã, na primeira página, em baixo, como especificado por Rumpelstiltskin. Ele o leu várias vezes e pensou que, pelo menos, aquilo poderia dar àquele que o atormentava algo para pensar. Ricky não sabia quanto tempo levaria para que o homem respondesse, mas esperava um tipo de resposta rápida, talvez no jornal da manhã seguinte. Nesse ínterim, decidiu que seria melhor se se mantivesse trabalhando na charada.

Teve uma sensação de sucesso, momentânea e ilusória, ao ver o anúncio publicado, encorajado por ter dado um passo adiante e conquistado um sentido de determinação temporária. O desespero esmagador da descoberta do dia anterior

sobre o desaparecimento do computador e das declarações de renda foi, senão exatamente esquecido, pelo menos posto de lado. O anúncio deu a Ricky a sensação de que naquele dia, ao menos, ele não estava sendo uma vítima. Ricky percebeu-se mais centrado em um foco, mais capaz de se concentrar, sua memória mais aguçada e precisa. O dia passou rapidamente, tão rápido quanto qualquer outro dia comum com pacientes, enquanto Ricky sondava suas recordações e viajava firmemente por sua própria paisagem interior.

No final da manhã, já havia criado duas listas de trabalho diferentes. Ainda se restringindo ao período de dez anos que começava em 1975 e ia até 1985, na primeira lista identificou setenta e três pessoas de quem havia tratado. A duração dos tratamentos variava de um máximo de sete anos, para um homem profundamente perturbado, até três meses, para uma mulher passando por dificuldades conjugais. Em geral, a maioria dos pacientes ficava numa média de três a cinco anos. Alguns, um pouco menos. A maioria dos seus pacientes recebia uma análise tradicional freudiana, de quatro a cinco vezes por semana, usando o divã e todas as técnicas da profissão. Uns poucos, não; eram encontros face a face, sessões de conversas mais simples, onde ele agia menos como analista e mais como um terapeuta comum, com opiniões, declarações e conselhos que são, geralmente, as coisas que um analista mais se esforça para evitar. Ele percebeu que, pela metade dos anos 80, desligou-se da maior parte desse tipo de pacientes, e começou a concentrar-se somente na experiência profunda da psicanálise.

Havia ainda, ele sabia, um certo número de pacientes, talvez duas dúzias no decorrer desse período de dez anos, que haviam iniciado o tratamento e, depois, interrompido. As razões para a interrupção das terapias eram complexas: alguns não tinham dinheiro ou seguro de saúde para cobrir os gastos; outros haviam precisado mudar por causa do trabalho ou dos estudos. E uns poucos simplesmente concluíram, irritados, que não estavam sendo ajudados o suficiente, ou rápido o suficiente, ou estavam irritados demais, com o mundo e com aquilo que o mundo oferecia a eles, para continuar. Essas pessoas eram raras, mas existiam.

Elas formavam a sua segunda lista. Essa era uma lista muito mais difícil de compor.

Ela era, percebeu rapidamente, à primeira vista, a lista mais perigosa de todas. Aquelas eram as pessoas que poderiam ter transformado sua raiva em uma obsessão por Ricky e depois ter passado isso adiante.

Ele colocou as duas listas na mesa bem à sua frente e achou que devia começar o processo de rastreamento dos nomes. Uma vez que tivesse a resposta de Rumplestiltskin, pensou, poderia eliminar um grande número de pessoas de cada lista, e então seguir adiante.

Durante toda a manhã, ele esperou que o telefone tocasse, com uma resposta

do seu corretor de valores. Estava um pouco surpreso por não ter ainda conseguido falar com o homem, porque no passado ele sempre administrara o dinheiro de Ricky com um zelo e confiança religiosos. Ele discou novamente o número e, de novo, falou com a secretária.

Ela pareceu atrapalhada quando ouviu a voz dele.

— Oh, doutor Starks, o Sr. Williams estava prestes a retornar a sua ligação. Há uma certa confusão a respeito da sua conta — disse ela.

Ricky sentiu um aperto no estômago.

— Confusão? — perguntou ele. — Como o dinheiro pode ficar confuso? Pessoas ficam confusas, cães ficam confusos. Dinheiro, não.

— Vou passá-lo para o Sr. Williams — respondeu a secretária. Houve um silêncio momentâneo, e então a voz, não exatamente familiar, mas não irreconhecível, do seu corretor surgiu na linha. Todos os investimentos de Ricky eram conservadores: fundos mútuos e títulos. Nada de modismos ou coisas agressivamente modernas; apenas modestas e de crescimento constante. Também não eram particularmente substanciais. De todos os especialistas no mundo médico, os psicanalistas eram os mais limitados quanto ao que podiam cobrar e ao número de pacientes que podiam ter. Não eram como um radiologista que pode ter três pacientes marcados em três salas de exame diferentes para o mesmo horário, nem como o anestesista, que vai de sala em sala de cirurgia, numa linha de produção. Geralmente, os analistas não ficam ricos, e Ricky não era exceção à regra. Ele tinha a casa em Cape Cod e o apartamento, e era tudo. Nada de Mercedes. Nada de avião particular. Nenhum barco de 42 pés, atracado em Long Island. Apenas alguns investimentos prudentes planejados para garantir dinheiro suficiente para a aposentadoria, se algum dia decidisse reduzir o número de pacientes. Ricky falava com seu corretor talvez uma ou duas vezes ao ano, e só. Sempre se considerou um dos menores peixes no mar do corretor.

— Doutor Starks? — o Sr. Williams surgiu bruscamente na linha falando rapidamente. — Lamento por fazê-lo esperar, mas estávamos tentando entender um problema aqui...

O estômago de Ricky pareceu vazio, apertado.

— Que tipo de problema?

— Bem — disse o corretor —, você abriu uma conta pessoal com um dos novos corretores on-line? Por que...

— Não, não abri. Na verdade, eu mal sei do que você está falando. — Bem, essa é a parte confusa. Parece que tem havido um significativo day-trading na sua conta.

— O que é um day-trading? — perguntou Ricky.

— É uma comercialização rápida de títulos, tentando antecipar-se às

variações do mercado.

— Certo. Compreendo. Mas não fiz nada disso.

— Alguém mais tem acesso às suas contas? Talvez a sua esposa...

— Minha esposa faleceu há três anos — disse Ricky friamente.

— Claro — disse o corretor rapidamente. — Eu me lembro. Desculpe. Mas talvez uma outra pessoa. O senhor não tem filhos?

— Não. Nós não tivemos filhos. Onde está o meu dinheiro? — perguntou Ricky asperamente, exigindo uma resposta.

— Bem, nós estamos procurando. Isso pode se tornar um caso de polícia, doutor Starks. Na verdade, é nisso que estou começando a pensar. É como se alguém tivesse acesso ilegal à sua conta...

— Onde está o dinheiro? — Ricky perguntou pela segunda vez. O homem hesitou.

— Não posso dizer exatamente. Nossos auditores internos estão verificando a conta agora. Tudo o que posso dizer é que tem havido uma intensa atividade...

— O que você quer dizer com intensa atividade? O dinheiro simplesmente está parado...

— Bem, não exatamente. Há literalmente dúzias ou até mesmo centenas de comercializações, transferências, vendas, investimentos...

— Onde ele está agora?

O corretor continuou:

— Uma verdadeiramente extraordinária sequência de transações financeiras extremamente complicadas e agressivas...

— Você não está respondendo à minha pergunta — disse Ricky, com um tom cheio de exasperação. — Meus fundos. Minha conta de aposentadoria, minhas reservas em dinheiro...

— Nós estamos procurando. Coloquei meus melhores homens nisso. Nosso chefe de segurança entrará em contato com você assim que tiverem alguma novidade. Eu não posso acreditar que, com toda essa atividade ninguém aqui tenha percebido que havia algo errado...

— Mas todo o meu dinheiro...

— Neste exato momento — disse o corretor — não há dinheiro algum. Ao menos nada que possamos encontrar.

— Não é possível.

— Eu também gostaria que não fosse possível... — continuou o homem —, mas é. Não se preocupe, doutor Starks. Nossos investigadores rastrearão as transações. Chegaremos ao fundo disso. E suas contas estão seguradas, ao menos em parte. No final tudo ficará certo. Só vai levar algum tempo e, como eu disse, talvez precisemos envolver a polícia ou a comissão de valores mobiliários, porque

parece, pelo que você está dizendo, que está acontecendo algum tipo de roubo.

— Quanto tempo?

— Estamos no verão e uma parte da equipe está de férias. Eu diria que não mais que algumas semanas. No máximo.

Ricky desligou o telefone. Ele não tinha algumas semanas.

No, final do dia ele já havia descoberto que a única conta que possuía e que não havia sido invadida nem violada era uma pequena conta que mantinha no First Cape Bank, lá em Wellfleet. Era uma conta destinada exclusivamente a facilitar os assuntos de férias. Mal haveria dez mil dólares na conta, dinheiro que usava para fazer compras no mercado de peixes e mercearia locais, na loja de bebidas e de ferramentas. Ele pagava pelas ferramentas de jardinagem, pelas mudas e sementes com aquela conta. Era dinheiro suficiente para passar as férias tranquilamente. Uma conta para as despesas da casa de férias.

Ele estava um pouco surpreso por Rumpelstiltskin não ter assaltado aqueles fundos também. Sentia-se manipulado, quase como se o homem tivesse deixado aquele dinheiro apenas para provocar Ricky. De qualquer maneira, Ricky pensou que precisava encontrar uma forma de ter essa quantia em suas mãos antes que também fosse parar em algum limbo financeiro. Telefonou para o gerente do First Cape Bank e disse que precisaria encerrar sua conta e que precisava daquele saldo em dinheiro.

O gerente informou que Ricky precisava fazer isso pessoalmente, o que Ricky achou bom. Desejou que as outras instituições que lidavam com seu dinheiro tivessem adotado a mesma política. Ele explicou ao gerente que havia acontecido um problema com suas outras contas e que era importante que ninguém mais além dele mesmo tivesse acesso ao dinheiro. O gerente propôs disponibilizar os fundos em um cheque administrativo, que guardaria pessoalmente até sua chegada. Isso era aceitável.

O problema era como pegar o dinheiro.

Esquecida em sua mesa, havia uma passagem aérea em aberto de La Guardia para Hyannis. Perguntou-se se a reserva que havia feito ainda estaria válida. Abriu a carteira e contou cerca de trezentos dólares em dinheiro. Na gaveta de cima do armário do quarto tinha ainda outros mil e quinhentos dólares em traveler's checks. Aquilo era um anacronismo; nesta era de dinheiro instantâneo saindo de caixas eletrônicos encontrados em todos os cantos, a ideia de alguém manter um fundo de emergência em traveler's checks era obsoleta. Ricky sentiu um pouco de prazer ao pensar que suas ideias antiquadas estavam sendo úteis. Imaginou por um momento se aquele não seria um conceito que deveria adotar mais frequentemente.

Mas ele realmente não tinha tempo para isso.

Ele ia poder chegar a Cape Cod. E também voltar de lá, pensou. Isso levaria

pelo menos vinte e quatro horas. Mas, ao mesmo tempo, foi tomado por uma súbita sensação de letargia, quase como se não conseguisse mexer os músculos, como se as sinapses do cérebro, que enviam comandos para os músculos e tecidos do seu corpo tivessem sido repentinamente golpeadas. Uma exaustão sombria, zombando de suas idades fluiu por seu corpo. Sentiu-se tolo, estúpido e cansado.

Ricky mexeu-se de um lado para outro na cadeira, a cabeça inclinada para trás, fitando o teto. Ele reconheceu os sinais de alerta de uma depressão clínica tão rapidamente quanto uma mãe pode reconhecer a chegada de um resfriado quando o filho espirra. Ricky estendeu as mãos à frente, verificando se havia algum tremor ou paralisia. Elas ainda estavam firmes. Por quanto tempo mais? — ele se perguntou.

CAPÍTULO 11

Ricky recebeu uma resposta no Times da manhã seguinte, mas não da forma que esperava. O jornal foi entregue na porta do seu apartamento como todos os dias, exceto aos domingos, quando ele costumava caminhar até a banca da vizinhança e comprar o jornal volumoso antes de seguir para o café mais próximo, tal como Rumpelstiltskin havia tão cuidadosamente observado em sua ameaça inicial. Havia tido dificuldade para dormir na noite anterior, então, assim que ouviu o leve ruído do serviço de entrega jogando o jornal do lado de fora do seu apartamento, já estava alerta e, em segundos, pegou o jornal e escancarou-o em cima da mesa da cozinha. Seus olhos dirigiram-se imediatamente para os anúncios pequenos na parte inferior da primeira página do jornal, mas só o que viu foi um anúncio de feliz aniversário, uma apresentação de um novo serviço de namoro por computador e um terceiro pequeno anúncio de coluna única: OPORTUNIDADES ESPECIALIZADAS, VER PÁGINA B-16.

Frustrado, jogou o jornal do outro lado da pequena cozinha. Houve um som parecido com o de um pássaro tentando voar com uma asa quebrada quando o jornal bateu contra a parede. Ele estava enfurecido, quase asfixiado e cuspiendo raivosamente numa repentina explosão de ira. Ele estava esperando um outro verso, um outro enigma ou uma resposta provocadora na parte inferior da primeira página do jornal, da mesma forma como fora feita a sua pergunta. Nada de poema, nada de resposta, resmungou mentalmente. "Como você espera que eu respeite seu maldito prazo quando você não responde na hora certa?" Quase gritou, elevando a voz para alguém não fisicamente presente, mas que certamente ocupava um espaço significativo.

Ele percebeu que as mãos estavam tremendo um pouco enquanto fazia o café da manhã. O líquido quente pouco fez para acalmá-lo. Tentou relaxar com exercícios de respiração profunda, mas eles apenas reduziram por alguns momentos o ritmo do seu coração. Ele podia sentir a fúria crescer no seu corpo, como se ela fosse capaz de alcançar todos os órgãos abaixo da superfície de sua pele, apertando cada um deles. Sua cabeça já latejava, e ele sentiu como se estivesse preso dentro do apartamento que ele, antes, considerava seu lar. O suor brotava nas axilas, sua testa parecia febril e a garganta estava ressecada e ardendo.

Precisou sentar-se à mesa, imóvel por fora, internamente tremendo por horas, quase em transe, incapaz de imaginar qual seria seu próximo passo. Sabia que precisava fazer planos, tomar decisões, agir em certas direções, mas o fato de não receber uma resposta quando esperava por uma deixou-o simplesmente sem ação. Percebeu que mal conseguia se mover, como se repentinamente cada uma das juntas

dos braços e pernas tivesse sido imobilizada, incapazes de responder ao seu comando.

Ricky não tinha ideia de quanto tempo havia ficado sentado ali antes de erguer levemente os olhos e fixá-los no Times esparramado de qualquer jeito onde o havia arremessado. Também não sabia por quanto tempo havia ficado olhando para aquela desordem das páginas até que percebeu a pequena mancha em vermelho vivo aparecendo por baixo da pilha. Então, depois de perceber aquela anormalidade — afinal de contas, não era à toa que o Times era chamado de madame Cinza — foi que se deu conta. Fixou-se naquela pequena mancha vermelha e finalmente disse a si mesmo: não há tinta vermelha no Times. Ele era impresso geralmente em forte preto e branco, no formato sete colunas, duas seções, tão regular quanto um relógio. Até mesmo fotografias coloridas de presidentes ou modelos mostrando a última moda parisiense pareciam automaticamente cair no tom pardo e escuro do jornal.

Ricky pulou da cadeira e cruzou a sala, curvando-se sobre a bagunça da pilha de jornal. Ele pegou a parte da mancha colorida e a colocou na sua frente.

Era a página B-16. A página de obituários.

Mas, escrito em tinta vermelha fosforescente, ao lado de fotos, histórias e anúncios de mortes, estava o seguinte:

*Você está no caminho certo,
Enquanto viaja pelo passado.
Vinte certamente está por perto.
E escolheu minha mãe é acertado.
Mas seu nome difícil será de encontrar,
A menos que eu lhe dê uma pista para buscar,
Então eu lhe direi, e ouça,
Você deve pensar nela como uma moça.
E, conforme o tempo passou,
Sua alegria não mais se ouviu.
Você muito prometeu, mas nada cumpriu.
Então a vingança para o filho ficou.
O pai partiu, a mãe morreu:
Por isso eu quero a sua cabeça.
Aqui encerro o verso meu,
Seu tempo é curto, não se esqueça.*

Por trás do poema estava escrito um grande R vermelho e por trás dele, dessa vez em tinta preta, o homem desenhara um retângulo em volta de um obituário, com uma grande seta apontando para o rosto e a história do homem morto, e estas palavras: Você se encaixará perfeitamente aqui.

Ele observou o poema e a mensagem nele contida por um momento que virou

minutos e, depois, quase uma hora, digerindo cada palavra como faria um gourmet diante de um fino prato parisiense, apesar de Ricky considerar aquilo um pouco amargo e salgado. A manhã avançava, outro dia marcado com um X, quando percebeu o óbvio: Rumpelstiltskin tivera acesso ao seu jornal nos momentos entre a chegada, do lado de fora do prédio, e a entrega na porta. Seus dedos deslizaram para o telefone e em alguns minutos ele conseguiu o telefone do serviço de entregas. O telefone tocou duas vezes antes de ser atendido por uma central de atendimento automático:

— Novas assinaturas, por favor, tecle um. Queixas sobre a entrega ou caso não tenha recebido seu jornal, por favor tecle dois. Informações sobre sua conta, por favor tecle três.

Nenhuma daquelas opções parecia ser precisamente a desejada, mas ele suspeitava que o setor de queixas poderia oferecer uma resposta humana, então teclou dois. Houve um toque, seguido pela voz de uma mulher:

— Qual o endereço, por favor? — disse ela sem se apresentar. Ricky hesitou e depois deu o endereço de sua casa.

— Observamos que todas as entregas foram feitas hoje na sua região — disse ela.

— Sim — disse Ricky —, eu recebi o jornal, mas gostaria de saber quem fez a entrega...

— Qual é o problema, senhor? O senhor não precisa de uma segunda entrega?

— Não...

— Esta linha é para pessoas que não receberam seus jornais...

— Eu sei — ele disse, começando a ficar irritado. — Mas houve um problema com a entrega...

— Eles não entregaram na hora certa?

— Não. Quer dizer, sim, eles entregaram na hora certa...

— O serviço de entrega fez muito barulho?

— Não.

— Esta linha é para pessoas que têm queixas sobre a entrega.

— Sim. Você já disse isso. Ou, não exatamente isso, e eu compreendo...

— Qual é o seu problema, senhor?

Ricky parou, tentando encontrar um jeito para falar com a jovem na linha.

— Meu jornal foi violado — disse repentinamente.

— O senhor quer dizer que ele foi rasgado ou molhado ou que estava ilegível?

— Eu quero dizer que alguém mexeu nele.

— As vezes os jornais saem das impressoras com erros na paginação ou na

sua dobra, é esse tipo de problema?

— Não — disse Ricky, evitando o tom defensivo. — O que eu quero dizer é que alguém escreveu uma ofensa no meu jornal.

A mulher fez uma pausa. — Essa é nova — disse ela lentamente. Aquela resposta quase a tornava uma pessoa real, em vez de uma voz sem rosto. — Eu nunca ouvi falar disso. Que tipo de ofensa?

Ricky decidiu ser indireto. Falou rápida e agressivamente.

— A senhorita é judia? O que faria se recebesse um jornal com uma suástica? Ou é porto-riquenha? O que faria se alguém escrevesse "Volte pra San Juan!"? Você é afro-americana? Você conhece as palavras que desencadeiam o ódio, não é?

A atendente parou, como se estivesse tentando entender.

— Alguém colocou uma suástica no seu jornal? — perguntou.

— Algo do tipo — respondeu Ricky. — E por isso que preciso falar com o responsável pela entrega.

— Eu acho melhor o senhor falar com meu supervisor.

— Claro — disse Ricky. — Mas primeiro quero o nome e o telefone da pessoa responsável pela entrega no meu prédio.

A mulher hesitou novamente, e Ricky pôde ouvi-la remexendo alguns papéis e depois o som de teclas de computador. Quando ela voltou a falar, leu o nome de um supervisor de rota, de um motorista, o número de telefone e o endereço deles.

— Gostaria que o senhor falasse com o meu supervisor — disse ela, após passar a informação.

— Diga para ele me ligar — respondeu Ricky antes de desligar o telefone. Dentro de alguns segundos ele já havia ligado para o número que ela fornecera. Uma outra mulher atendeu.

Distribuidora de jornais "Superior".

— O Sr. Ortiz, por favor — disse ele educadamente.

— Ortiz não está. Qual seria o assunto?

— É sobre um problema de entrega.

— Você já telefonou para o setor de expedição...?

— Sim. Foi lá que consegui esse número. E o nome dele.

— Que tipo de problema?

— Gostaria de falar sobre isso com o Sr. Ortiz.

A mulher hesitou.

— Talvez ele já tenha ido para casa — disse ela.

— Talvez você pudesse dar uma olhada — disse Ricky friamente — e dessa forma todos nós poderemos evitar uma situação desagradável.

— Que tipo de situação desagradável? — perguntou a mulher, ainda com

reserva.

Ricky blefou.

— Talvez minha chegada com um ou dois policiais e talvez com meu advogado também. — Ele falou adotando um tom bem aristocrático, como se dissesse: "Eu sou um homem branco e rico e sou o dono do mundo".

A mulher fez uma pausa, e depois disse:

— Aguarde um momento. Vou chamar Ortiz.

Alguns segundos depois, um homem com um forte sotaque espanhol atendeu o telefone.

— Aqui é Ortiz. De que se trata? Ricky não hesitou.

— Aproximadamente às cinco e meia desta manhã você entregou um exemplar do Times na minha porta, como faz todos os dias da semana e também aos sábados. A única diferença é que hoje alguém colocou uma mensagem dentro desse jornal. E disso que eu estou falando.

— Não, eu não sei nada sobre isso...

— Sr. Ortiz, o senhor não quebrou nenhuma lei, e não é no senhor que estou interessado. Mas se não cooperar comigo, farei um grande barulho por isso. Em outras palavras, você ainda não tem um problema, mas eu farei com que tenha, a não ser que eu comece a ouvir algumas respostas agora mesmo.

O homem da entrega, digerindo a ameaça de Ricky, falou:

— Não achei que haveria problema — disse ele. — O cara me falou que não haveria problema.

— Acho que ele mentiu. Conte-me — disse Ricky calmamente.

Eu parei na rua, nós fazemos entregas em seis prédios naquele quarteirão, eu e Carlos, meu sobrinho, essa é a nossa rota. Tinha uma limusine preta, grande, parada no meio da rua, com o motor ligado, só esperando por nós. Um homem saiu do carro assim que viu o caminhão e perguntou quem ia entrar no seu prédio. Eu perguntei por que e ele disse que não era da minha conta, e aí deu uma risadinha, disse que não era nada importante, que só queria fazer uma pequena surpresa de aniversário para um velho amigo. Queria escrever alguma coisa no jornal para ele.

— Continue.

— Me disse em que apartamento. Em que porta. Então pegou um dos jornais e uma caneta e escreveu direto na página. Colocou o jornal no capo da limusine, mas não deu pra eu ver o que ele estava escrevendo...

— Havia mais alguém com ele? Ortiz pensou.

— Bem, devia haver um motorista no volante. Havia um, com certeza. Os vidros da limusine eram escuros, mas talvez tivesse mais alguém lá, também. O homem olhou para trás, como se estivesse checando com alguém se tinha feito tudo certo, e terminou. Me devolveu o jornal. Me deu uma nota de vinte..."

— Quanto?

Ortiz hesitou.

— Talvez fosse de cem...

— E depois?

— Eu fiz como o homem mandou. Atirei o jornal bem debaixo da porta certa.

— Ele estava esperando lá fora quando você saiu?

— Não. O homem, a limusine, tinha ido tudo embora.

— Você poderia descrever o homem que falou com você?

— Homem branco, vestindo terno escuro, talvez azul. Gravata. Roupas muito boas, parecia cheio da grana.

— E como ele era?

— Ele usava aqueles óculos coloridos, não era muito alto, cabelo muito engraçado, como se tivesse sido colocado de um jeito ridículo na cabeça...

— Como se fosse uma peruca?

— É. Isso mesmo. Podia ser uma peruca. E tinha um pouco de barba também. Talvez fosse falsa, também. Não era um cara muito grande. Com certeza, come bem. Talvez tivesse uns trinta anos...

Ortiz hesitou.

— O quê?

— Lembro de conseguir ver as luzes da rua refletidas nos sapatos dele. Eles eram realmente bem engraxados. Bem caros. Daqueles do tipo leve com pequenas franjas na parte da frente. Como é que chamam aquilo?

— Eu não sei. Você poderia reconhecê-lo novamente?

— Não sei. Talvez. Provavelmente não. Estava muito escuro na rua. Só as luzes da rua. E acho que eu olhei mais para aqueles cem do que pra ele.

Aquilo fazia sentido para Ricky. Ele tentou um caminho diferente.

— Por acaso você pegou o número da placa da limusine? O entregador esperou, antes de responder.

— Não, senhor, nem mesmo pensei nisso. Droga. Isso teria sido inteligente da minha parte, não é?

— Sim — disse Ricky. Mas ele sabia que aquilo não era necessário, porque já sabia quem era o homem que tinha estado na rua naquela manhã esperando pelo caminhão de entrega após Ricky ter colocado o anúncio no jornal. Ricky estava certo de que era o advogado que se autodenominara Merlin.

Ao meio-dia ele recebeu um telefonema do vice-presidente do First Cape Bank, o mesmo homem que estava guardando o dinheiro restante de Ricky em um cheque administrativo. O executivo do banco parecia muito aborrecido ao telefone. Enquanto ele falava, Ricky tentou recordar o rosto do homem, mas não conseguia, apesar de estar certo de que já o vira antes.

— Doutor Starks? Aqui é Michael Thompson do banco. Nos falamos outro dia...

— Sim — respondeu Ricky. — Você está guardando meu dinheiro...

— Sou eu mesmo. Ele está trancado na minha gaveta. Não é por isso que estou telefonando. Nós percebemos um certo movimento estranho na sua conta. Um acontecimento, por assim dizer.

— Que tipo de acontecimento estranho? — perguntou Ricky. O homem pareceu inquietar-se por um segundo ou dois antes de responder.

— Bem, não gosto de especular, mas parece que houve um certo esforço não autorizado para acessar sua conta.

— Que tipo de esforço não autorizado? Novamente o homem pareceu hesitar.

— Bem, como o senhor sabe, apenas recentemente disponibilizamos transações em caixas eletrônicos, como os outros bancos. Mas como somos uma instituição menor e mais localizada, bem, o senhor compreende que gostamos de nos considerar antiquados em algumas coisas...

Ricky sabia que esse era o slogan do banco. Ele sabia também que os sócios do banco aceitariam a primeira oferta por parte de um super banco que fosse suficientemente interessante.

— Sim — disse ele. — Essa sempre foi uma de suas estratégias de venda mais fortes...

— Bem, muito obrigado. Gostamos de saber que oferecemos serviço personalizado...

— Mas e o acesso não autorizado?

— Um pouco antes de fecharmos sua conta, como instruído pelo senhor, alguém tentou acessá-la, usando nossos serviços de banco eletrônico. Nós só identificamos essas tentativas porque uma pessoa telefonou após o acesso ter sido negado.

— Eles telefonaram?

— Alguém que se identificou como sendo o senhor.

— O que ele disse?

— Foi a título de reclamação. Mas assim que foi informado de que a conta havia sido fechada, desligou. Tudo isso foi muito misterioso e um pouco confuso, porque os nossos registros de computador mostram que ele conhecia sua senha. O senhor informou esse código a alguém?

— Não — disse Ricky. Mas sentiu-se momentaneamente idiota. A sua senha era 37383, o que traduzido de numerais para letras significa FREUD, e isso era tão óbvio que ele quase corou. Ter usado a data de nascimento podia ser um pouco pior, mas ele não tinha certeza.

— Bem, eu acho que o senhor agiu sabiamente fechando a sua conta.

Ricky pensou por um momento, antes de perguntar:

— Há alguma forma de seu sistema de segurança rastrear o telefone ou o computador que foi usado para tentar acessar o dinheiro?

O vice-presidente do banco pensou e disse:

— Bem, sim. Podemos fazer isso. Mas a maioria dos ladrões eletrônicos é capaz de escapar das investigações. Eles usam computadores roubados, códigos de telefone ilegais e todo o tipo de coisas para ocultar suas identidades. Às vezes o FBI se sai bem, mas eles têm os computadores de segurança mais sofisticados do mundo. Nosso sistema local de segurança é menos avançado, portanto, menos eficiente. E não houve, na verdade, nenhum roubo. A lei pede que reportemos as tentativas às agências de controle bancário, mas, infelizmente, tenho de admitir que isso só serve para fazer o arquivo engrossar. Mesmo assim, posso pedir que nossos funcionários executem o programa para o senhor. Embora duvide que isso dê em alguma coisa. Esses ladrões eletrônicos são realmente muito espertos. Normalmente acaba dando num beco sem saída.

— Tente, por favor, e me dê um retorno. Imediatamente. Estou com uma certa limitação de tempo, aqui — disse Ricky.

— Bem, tentaremos o possível e entraremos em contato com o senhor imediatamente — disse o homem, desligando o telefone.

Ricky sentou-se novamente em sua poltrona. Por um momento, permitiu-se fantasiar que a segurança do banco lhe daria um nome e um número de telefone e que esse simples detalhe poderia lhe abrir os caminhos para descobrir a identidade da pessoa que o atormentava. Então, sacudiu a cabeça, porque pensou que se Rumplestiltskin fora tão cuidadoso e cauteloso com tudo até aquele momento, ele não cometeria um erro tão simples. Era muito mais provável que o homem tivesse acessado aquela conta e depois feito a estranha ligação telefônica com a precisa intenção de fornecer a Ricky um caminho para despistá-lo. Esse pensamento o preocupou bastante.

Mesmo assim, Ricky percebeu, conforme o dia avançava rapidamente, que ele agora sabia muito mais sobre o homem que o estava caçando. As pistas no poema de Rumplestiltskin haviam sido curiosamente generosas, especialmente para alguém que primeiramente exigira perguntas que pudessem ser respondidas com sim ou não. A resposta estreitou consideravelmente a distância entre Ricky e a possível descoberta do nome do homem, pensou. Vinte anos, um pouco a mais ou a menos, colocavam-no numa faixa que variava de 1978 a 1983. E a paciente era uma mulher solteira, o que eliminava um significativo número de pessoas. Agora ele tinha parâmetros dentro dos quais podia trabalhar.

O que ele precisava fazer, Ricky disse a si mesmo, era reconstituir cinco

anos de terapia. Verificar cada paciente do sexo feminino daquele período. Em alguma parte, naquela mescla, haveria uma mulher exibindo a combinação correta de neuroses e perturbações que subsequentemente teriam sido direcionadas para o filho. Encontrar o suprasumo da psicose, pensou.

Como era seu hábito, Ricky sentou-se, tentando se concentrar, eliminando os sons do mundo à sua volta, tentando se lembrar. Quem era eu há vinte anos? — perguntou-se. E de quem estaria tratando? Há um dogma na psicanálise que ajuda a formar a base da terapia: todo mundo se lembra de tudo. A pessoa pode não se lembrar de algo com precisão jornalística, ou detalhes fervorosos, as percepções e reações podem estar obscurecidas ou coloridas por todo tipo de forças emocionais, acontecimentos recordados com clareza podem na verdade estar obscuros, mas quando são finalmente ordenados, todos se lembram de tudo. Mágoas e medos podem ocultar-se profundamente sob várias camadas de estresse, mas estão ali e podem ser encontrados, não importa quão poderosas sejam as forças de negação. Em sua profissão, ele era perito nesse processo de descascar, de descarnar as lembranças até chegar ao osso, para encontrar lá embaixo a camada mais resistente.

Assim, sozinho em seu consultório, começou a sondar a própria memória. De vez em quando, espiava os fragmentos das anotações e imagens importantes que constituíam seus registros, repreendendo-se por não ter sido mais preciso. Qualquer outro médico, confrontado com alguma questão de anos atrás, poderia meramente tirar o pó de algum antigo arquivo e retirar dele o nome e o diagnóstico certo. Sua tarefa era um pouco mais difícil, já que seus arquivos estavam guardados na memória. Ainda assim, Ricky sentiu uma onda de confiança de que poderia lidar com aquilo. Concentrou-se com esforço, com um bloco de anotações no colo, reconstruindo seu passado.

Uma após outra, as imagens das pessoas tomavam forma. Era um pouco como conversar com fantasmas.

Ele descartou os homens, mesmo os que insistiam em intrometer-se naquele esforço de recordação, deixando apenas as mulheres. Os nomes vinham lentamente. De um modo estranho, era mais fácil se lembrar das queixas do que dos nomes. Cada imagem de um paciente, cada detalhe sobre um tratamento, ele escrevia no bloco. As recordações ainda eram desconexas, confusas, ineficientes e desordenadas, mas pelo menos, pensou, representavam algum progresso.

Quando se deu conta, viu que o consultório estava cheio de sombras. O dia havia passado nesse devaneio. Nas folhas amarelas diante dele, havia chegado a doze diferentes registros do período de tempo em questão. Dezoito mulheres, no mínimo, haviam feito algum tipo de terapia com ele durante esse período. Este era um número considerável, mas ele tinha medo de que houvesse outras que ele estivesse bloqueando, de que não pudesse se recordar imediatamente. Do grupo de

que se lembrou, dera nomes somente à metade. E essas eram as pacientes de longo período. Tinha a perturbadora sensação de que a mãe de Rumpelstiltskin era alguém que ele tinha atendido brevemente.

Memórias e recordações eram como amantes para Ricky. Agora, pareciam fugidias e inconstantes.

Ele se levantou da poltrona, sentindo uma forte dor nos joelhos e nos ombros, aquela sensação que se tem quando se fica muito tempo na mesma posição. Esticou-se lentamente, curvou-se e esfregou o joelho dolorido como se pudesse aquecê-lo e revigorá-lo. Percebeu que não havia comido durante aquele dia, nada, e que se sentia repentinamente faminto. Sabia que havia pouca coisa para preparar em sua cozinha, e então virou-se e olhou pela janela, para a noite que fervilhava lá fora, percebendo que precisaria sair e comprar algo. O pensamento de precisar realmente sair do apartamento quase acabou com a fome dele e fez com que sua garganta ficasse seca.

Sua reação foi curiosa: tivera poucos medos e dúvidas na vida. Agora, o simples ato de sair de casa fazia com que parasse. Mas ele preparou-se para enfrentar quaisquer pensamentos que se intrometessem e decidiu caminhar dois quarteirões ao sul. Havia um pequeno bar onde poderia comer um sanduíche. Não sabia se estaria sendo observado — isso estava se tornando uma pergunta constante para ele, mas decidiu ignorar aquele sentimento e prosseguir. E, disse a si mesmo, havia feito progressos.

O calor da calçada parecia chegar-lhe até o rosto, como um forno aceso. Ele marchou pelos dois quarteirões como um soldado, olhando sempre em frente. O lugar que estava procurando ficava no meio do quarteirão, com meia dúzia de mesinhas colocadas do lado de fora no verão, e com o interior estreito e escuro, o bar perto de uma parede e outras dez mesas amontoadas naquele espaço. Havia uma mistura pouco comum na decoração das paredes, de condecorações esportivas a pôsteres da Broadway, fotos de atores e atrizes e alguns políticos. Era como se o lugar, assim como cada grupo de objetos, ainda não tivesse conseguido encontrar sua identidade, por isso, tentasse tornar aquela diversidade agradável, criando uma miscelânea. Mas a pequena cozinha, como tantos outros lugares semelhantes em Manhattan, fazia um hambúrguer ou um sanduíche Reuben mais que aceitável, e ocasionalmente colocava algum tipo de massa no cardápio, tudo com preços relativamente baratos, o que só ocorreu a Ricky quando ele já atravessava a porta do bar. Ele não tinha mais cartão de crédito e suas reservas em dinheiro eram limitadas. Resolveu começar a levar consigo os traveler's checks.

Lá dentro estava escuro e ele piscou uma ou duas vezes enquanto os olhos se ajustavam à penumbra. Havia poucas pessoas no bar, e uma ou duas mesas estavam vazias. Uma garçonete de meia-idade apareceu diante dele.

— Vai pedir algo para comer? — perguntou com uma familiaridade que não

combinava com um bar que encorajava o anonimato.

— Isso mesmo — disse ele.

— Sozinho? — perguntou ela. O tom de voz indicava que ela sabia que ele estava sozinho, e que já sabia que ele comia sozinho todas as noites, mas aquela cortesia de interior, fora de moda na cidade a impelira a perguntar.

— Como sempre.

— Você deseja ficar no balcão ou quer uma mesa?

— Uma mesa seria bom. De preferência, nos fundos.

A garçonete virou-se, localizou uma mesa vazia nos fundos e balançou a cabeça.

— Siga-me — disse ela. Ela fez sinal, apontando uma cadeira e abriu o menu na frente dele.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou.

— Uma taça de vinho. Tinto, por favor — disse ele.

— Eu já volto. O especial de hoje é massa e salmão. Não está nada mal.

Ricky observou a garçonete indo em direção ao bar. O cardápio era grande, com uma dessas capas plásticas para protegê-lo de manchas, muito maior do que o necessário para a modesta seleção oferecida. Ele o abriu e o colocou na sua frente, olhando a lista de hambúrgueres e entradas descritos com um floreado entusiasmo literário que parecia querer esconder a simplicidade de sua realidade. Após uns momentos ele abaixou o cardápio, esperando ver a garçonete com o seu vinho. Ela desaparecera, possivelmente na cozinha.

Em vez dela, Virgílio estava à sua frente.

Nas mãos dela havia duas taças, ambas cheias de vinho tinto. Ela vestia jeans desbotados e uma camisa esporte roxa. Tinha uma pasta cara de couro avermelhado embaixo do braço. Ela colocou as bebidas na mesa, puxou uma cadeira e sentou-se à frente dele. Esticou o braço e tirou o cardápio das mãos de Ricky.

— Já pedi o prato especial para nós dois — disse ela, com um pequeno e sedutor sorriso. — A garçonete está absolutamente certa: não está nada mal.

CAPÍTULO 12

Foi pego de surpresa, mas não demonstrou. Em vez disso, olhou firme para a jovem mulher do outro lado da mesa, ostentando aquela expressão neutra de jogador de pôquer, tão familiar à vários de seus pacientes. Quando ele falou, disse apenas: — Então você acha que é aqui que o salmão está fresco?

— Debatendo-se bastante e tentando respirar — replicou Virgílio despreocupadamente.

— Parece apropriado — disse Ricky suavemente.

A jovem tomou um pequeno gole da beirada de sua taça de vinho, apenas umedecendo a parte exterior dos lábios com o líquido escuro. Ricky empurrou sua taça para o lado e tomou um gole da água.

— Devíamos beber vinho branco com massa e peixe — disse Virgílio. — Mas não estamos no tipo de lugar que exija essas regras, não é? Não consigo imaginar um sommelier aparecendo aqui para discutir conosco o equívoco de nossa escolha.

— É, duvido — respondeu Ricky.

Virgílio continuou, falando depressa, mas sem o nervosismo que às vezes acompanha as palavras faladas rapidamente. Ela parecia muito mais uma criança excitada com o aniversário.

— Por outro lado, beber o tinto é uma atitude um pouco do tipo "dane-se", não acha, Ricky? Uma certa arrogância que sugere que realmente não ligamos para o que dizem as convenções — fazemos o que queremos. Você sente isso, doutor Starks? Uma pitada de aventura e ilegalidade, desrespeitando as regras. O que você acha?

— Eu acho que as regras estão mudando constantemente — respondeu ele.

— As de etiqueta?

— É disso que estamos falando? — respondeu ele com uma pergunta. Virgílio sacudiu a cabeça, fazendo com que sua cabeleira loira balançasse sedutoramente. Ela jogou a cabeça levemente para trás, rindo, revelando um pescoço longo e atraente.

— Não, é claro que não, Ricky. Você tem razão quanto a isso.

Naquele momento a garçonete trouxe um cesto de vime com pãezinhos e manteiga, impondo a ambos um silêncio sufocante, um breve momento de conspiração partilhada. Quando a garçonete se afastou, Virgílio pegou um pão.

— Estou faminta — disse ela.

— Então, arruinar a minha vida queima calorias? — disse Ricky. Novamente Virgílio riu.

— Parece que sim — disse ela. — Eu gosto disso, realmente gosto. Como podemos chamar isso, doutor? Que tal Dieta da Destruição — você gosta desse nome? Podemos fazer uma fortuna juntos, nos aposentar e irmos para alguma ilha paradisíaca e exótica.

— Não acho que isso possa acontecer — disse Ricky bruscamente.

— Eu também não — respondeu Virgílio, passando bastante manteiga em seu pãozinho e mordendo ruidosamente a pontinha dele.

— Por que você está aqui? — perguntou Ricky, com a voz calma e baixa, mas, mesmo assim, carregando toda a insistência que ele conseguiu reunir. — Você e o seu chefe parecem ter o projeto da minha destruição completamente planejado.

Passo a passo. Você está aqui para caçoar de mim? Talvez para adicionar um pouco mais de tormento a esse jogo?

— Ninguém jamais descreveu a minha companhia como sendo um tormento — disse Virgílio adotando uma falsa aparência de espanto. — Achei que você a consideraria, no mínimo, intrigante. E pense na sua própria situação, Ricky. Você veio até aqui sozinho, velho, nervoso, cheio de dúvidas e ansiedade. Qualquer um que olhasse para você poderia sentir uma pitada de pena, mas logo depois voltaria para sua própria vida, para sua comida e sua bebida, ignorando esse velho que você claramente se tornou. Mas tudo muda quando eu me sento à sua frente. De repente você não é mais aquele homem tão previsível, é? -sorriu Virgílio. — Não pode ser tão ruim assim, pode?

Ricky sacudiu a cabeça. Tinha uma bola no estômago, e o gosto que lhe chegou até a boca era ácido.

— Minha vida... — começou ele.

— Sua vida mudou. E continuará a mudar. Pelo menos por mais alguns dias. E, então, ... bem, esse é o problema, não é?

— Você está se divertindo com isso, não é? — perguntou Ricky de repente. — Em me ver sofrendo. E estranho, porque eu não teria classificado você instantaneamente como uma sádica tão dedicada. O seu Sr. R., talvez, mas não tenho muita certeza, porque ele ainda está um pouco distante. Se ele se aproximasse, eu saberia. Mas você, Srta. Virgílio, não a vejo como portadora de tal patologia. E claro que eu posso estar enganado. E é exatamente esse o problema, não é? Quando eu estou enganado a respeito de alguma coisa, certo?

Ricky tomou um gole de água, esperando ter impelido a jovem a revelar alguma coisa. Por um momento viu uma ponta de irritação nos olhos de Virgílio, um pequeno sinal de contrariedade no canto dos lábios. Mas logo ela se recuperou e agitou no ar o pãozinho mordido, como se estivesse apagando as palavras dele.

— Você interpreta mal o meu papel nisso tudo, Ricky.

— É melhor explicá-lo novamente.

— Todos precisam de um guia no caminho para o Inferno, Ricky. Eu já lhe disse isso antes.

Ricky concordou.

— Eu me lembro.

— Alguém para orientar você pelas costas rochosas e recifes escondidos do mundo inferior.

— E você é esse alguém, eu sei. Você já me disse.

— Bem, você já está no Inferno, Ricky?

Ele deu de ombros tentando irritá-la, sem sucesso. Ela sorriu maliciosamente.

— Talvez batendo na porta do Inferno, então?

Ele sacudiu a cabeça, mas ela ignorou sua negação.

— Você é um homem orgulhoso, Dr. Ricky. Dói em você perder o controle da sua vida, não é? Orgulhoso demais. E todos nós sabemos o que vem logo depois do orgulho. Sabe, o vinho não é de todo mau. Você devia beber um pouco.

Ele pegou a taça de vinho, ergueu-a até os lábios, mas em vez de beber, disse:

— Você está feliz, Virgílio? Feliz com sua criminalidade?

— O que faz você pensar que cometi um crime, doutor?

— Tudo o que você e o seu patrão estão fazendo é criminoso. Tudo o que planejaram é criminoso.

— Sério? Pensei que sua especialidade fossem as neuroses de alta classe e as ansiedades da classe média-alta. Mas parece que você desenvolveu uma tendência forense nos últimos dias.

Ricky hesitou. Não era um bom jogador. O papel do analista é colocar as cartas com cautela, buscando reações, tentando provocar viagens pelas avenidas da memória. Mas tinha tão pouco tempo, pensou ele, e enquanto observava a jovem do outro lado da mesa ajeitar-se na cadeira, ele não teve a certeza de que aquele encontro estivesse saindo exatamente da maneira que o ardiloso Sr. R. havia imaginado. Sentiu a pequena satisfação de pensar que estava atrapalhando o curso dos acontecimentos, mesmo que apenas levemente.

— Claro — disse ele com cuidado —, até onde sei, você cometeu um grande número de delitos, desde o provável assassinato do Sr. Zimmerman...

— A morte dele já foi declarada pela polícia como suicídio...

— Vocês fizeram com que parecesse suicídio. Disso já estou convencido.

— Bem, se está tão certo disso, não vou tentar mudar sua opinião. Mas achei que manter a mente aberta fosse uma característica da sua profissão.

Ricky ignorou o comentário e persistiu:

— ... até roubo e fraude...

— Duvido que haja qualquer prova, em algum lugar, de tais atos. E um pouco como a história da árvore caindo na floresta: se não houve ninguém lá para ver, será que faz algum barulho? Se não houver provas, o crime realmente aconteceu? E se houver alguma prova, ela só existe no ciberespaço, juntamente com o seu dinheiro...

— Sem falar de seu pequeno libelo com as cartas falsas para a Sociedade de Psicanálise. Foi você, não foi? Enganando aquele completo idiota em Boston com aquela ficção elaborada. Você tirou a roupa para ele também...?

Virgílio afastou novamente o cabelo do rosto, inclinando-se levemente para trás na cadeira.

— Não foi necessário. Ele é um daqueles homens que agem como um

cachorrinho quando é censurado. Rola no chão e deita de costas com os genitais para cima, dando aqueles latidinhos chorosos. Não é impressionante o quanto alguém acredita em algo quando quer acreditar?

— Vou recuperar minha reputação — disse Ricky impetuosamente. Virgílio sorriu.

— Pra isso vai precisar estar vivo, e disso, no momento, tenho minhas dúvidas.

Ricky não respondeu, porque ele também tinha suas dúvidas. Levantou os olhos e viu a garçonete aproximando-se com os pratos. Ela os colocou na mesa. Virgílio pediu uma segunda taça de vinho, mas Ricky sacudiu a cabeça.

— É bom — disse Virgílio quando a garçonete partiu. — Mantém a mente lúcida.

Ricky olhou por um instante para o prato de comida esfumaçando à sua frente.

— Por que — perguntou de repente — você está ajudando esse homem? O que ganha com isso? Por que você não larga toda essa história, para de agir como uma tola e vem comigo até a polícia? Nós podíamos pôr um ponto final imediatamente nesse jogo e eu daria um jeito para que você recuperasse uma vida normal. Sem nenhuma acusação criminal. Eu posso fazer isso.

Virgílio também manteve os olhos no prato, usando o garfo para brincar com um montinho de massa e uma fatia de salmão. Quando ergueu o olhar para encontrar o dele, mal podia esconder a irritação.

— Você fará com que eu volte a ter uma vida normal? Você é algum tipo de mágico? Aliás, o que o faz achar que há algo de maravilhoso em uma vida normal?

Ele insistiu, ignorando a pergunta:

— Se você não é uma criminoso, por que está ajudando um? Se não é uma sádica, por que trabalha para um? Se você não é uma psicopata, por que está se juntando a um? E se você não é uma assassina, por que está ajudando alguém a cometer um assassinato?

Virgílio continuou a olhar para ele. Toda aquela excentricidade e a vivacidade dos seus modos desapareceram substituídas por uma súbita grosseria que explodiu friamente do outro lado da mesa.

— Talvez porque eu seja bem paga — disse ela lentamente. — Nos dias de hoje as pessoas estão dispostas a fazer qualquer coisa por dinheiro. Você não acredita que seja o meu caso?

— Não exatamente — Ricky respondeu cuidadosamente, apesar de a verdade ser provavelmente o oposto daquilo que disse.

Virgílio sacudiu a cabeça.

— Então, você descarta o dinheiro como sendo a minha motivação, embora

eu não ache que devia fazer isso. Há outra motivação, talvez? Quais seriam? Você deve ser especialista nesse campo. O conceito de "procurar os motivos" não define muito bem aquilo que você faz? E essa mesma coisa não é parte integrante deste pequeno exercício que estamos fazendo? Então, vamos lá, Ricky. Já tivemos duas sessões. Se não é dinheiro, o que me motiva?

Ricky olhou firme para a jovem:

— Eu não conheço você o suficiente... — começou sem sucesso. Ela pousou a faca e o garfo com uma ponderação que mostravam desaprovação à resposta dele.

— Esforce-se mais, Ricky. Por mim. Afinal de contas, do meu próprio modo, estou aqui para guiá-lo. O problema é que a palavra guia tem conotações positivas que na verdade podem estar incorretas. Talvez eu tenha de conduzi-lo a lugares onde você não deseja ir. Mas uma coisa é certa. Sem mim você não chegaria nem perto de uma resposta, o que mataria você ou alguém próximo a você, que ignora completamente o que está acontecendo. E morrer na ignorância é algo estúpido, Ricky. De certa forma, é um crime muito pior. Então, agora responda a minha pergunta: que outros motivos eu teria?

— Você me odeia, me odeia tanto quanto o seu amigo, o Sr. R., só não sei por quê.

— O ódio é uma emoção imprecisa, Ricky. Você acha que o compreende?

— É algo que ouço todos os dias na minha profissão... Ela sacudiu a cabeça.

— Não, não, não. Você ouve histórias sobre raiva e frustração, que são elementos menores do ódio. Você ouve sobre abuso e crueldade, que são elementos mais importantes, mas, ainda assim, menores. Mas, na maior parte das vezes, você ouve falarem sobre perturbações. Perturbações chatas, tolas e antigas. E isso tem pouco a ver com ódio puro, é como comparar uma simples nuvem com uma tempestade. Essa nuvem tem de se juntar a outras para crescer rapidamente, antes de se precipitar.

— Mas você...

— Eu não odeio você, Ricky. Embora, talvez pudesse aprender. Tente outra coisa.

Ele não acreditou nisso nem por um segundo, mas no mesmo instante pegou-se procurando uma resposta. Respirou profundamente.

— Amor, então — disse Ricky de repente. Virgílio riu mais uma vez.

— Amor?

— Você faz isso porque ama esse homem, Rumpelstiltskin.

— Essa é uma ideia curiosa. Ainda mais porque já lhe disse que não o conheço. Nunca o vi.

— Sim, eu lembro que disse isso. Só que não acredito.

— Amor. Ódio. Dinheiro. São esses os únicos motivos em que consegue

pensar?

Ricky pensou.

— Talvez medo, também.

Virgílio concordou.

— Medo é um bom palpite, Ricky. Ele pode desencadear todos os tipos de comportamentos incomuns, não é?

— Sim.

— Sua interpretação desse relacionamento sugere que talvez o Sr. R. mantenha controle sobre mim usando algum tipo de ameaça? Como um sequestrador que força as vítimas a pagar o resgate na esperança de que terão de volta o cachorro, os filhos ou quem quer que tenha sido sequestrado. Eu me comporto como uma pessoa que está sendo forçada a agir contra a vontade?

— Não — respondeu Ricky.

— Bem, então tudo bem. Sabe, Ricky, acho que você é um homem que não aproveita as oportunidades quando elas aparecem. Veja bem, esta é a segunda vez que me sento à sua frente e, em vez de tentar aproveitar essa chance, você implora que eu o ajude, quando não fez nada para merecer minha assistência. Eu devia ter previsto isso, mas na verdade tinha esperanças em você. Realmente tinha. Embora, não muita...

Ela agitou a mão no ar, evitando uma resposta antes mesmo que ele desse uma.

— ... Aos negócios. Você recebeu a resposta no jornal desta manhã? Ricky hesitou, depois respondeu:

— Sim.

— Bom. É por isso que ele me mandou aqui esta noite. Para ter certeza. Ele achou que não seria justo se você não obtivesse as respostas que está procurando. Fiquei surpresa, é claro. O Sr. R. decidiu colocar você muito mais perto dele. Mais perto do que eu consideraria prudente. Escolha sabiamente suas próximas perguntas, Ricky, se quiser vencer. Me parece que ele está dando a você uma grande oportunidade. Mas a partir de amanhã de manhã, você terá apenas mais uma semana. Sete dias e duas perguntas a mais.

— Estou consciente do tempo.

— Está? Acho que não. Ainda não. Mas, como estamos falando sobre motivação, o Sr. R. mandou algo para ajudá-lo a melhorar o ritmo da investigação.

Virgílio inclinou-se e ergueu a pequena pasta de couro que trazia embaixo do braço quando chegou, e que depois tinha colocado no chão. Ela abriu vagarosamente a pasta e tirou dela um envelope de papel similar a muitos outros que Ricky já havia visto. Esticou o braço, por cima da mesa, entregando a ele.

— Abra — disse ela. — Está cheio de motivação.

Ele abriu o fecho e, depois, o envelope. Dentro dele havia meia dúzia de fotos em preto e branco, tamanho oito por dez. Ele as retirou e examinou. Havia três pessoas diferentes, e duas fotos para cada uma delas. As primeiras fotos eram de uma jovem, de uns dezesseis ou dezessete anos, usando jeans, uma camiseta manchada de suor, com um cinturão de couro, de carpinteiro, na cintura, empunhando um grande martelo. Parecia estar trabalhando em algum tipo de construção. As outras duas fotografias eram de uma outra criança, mais jovem, uma garota de uns doze anos de idade, sentada na proa de uma canoa, remando em um lago numa região de florestas. A primeira foto parecia levemente granulada, a segunda, aparentemente tirada a uma grande distância, com uma lente extremamente potente, era um close, próximo o suficiente para mostrar o aparelho nos dentes da garota, conforme ela fazia esforço para remar. Por último, havia mais um conjunto de fotos de outro adolescente, um garoto de cabelos longos e sorriso despreocupado, gesticulando para um vendedor ambulante no que parecia ser uma rua de Paris.

Todas as seis fotos pareciam ter sido tiradas sem o conhecimento das pessoas. Estava claro que o fotógrafo havia feito seu trabalho sem ser notado pelos três jovens.

Ricky examinou cuidadosamente as fotos, e depois olhou para Virgílio. Ela não estava mais sorrindo.

— Reconhece alguém? — perguntou friamente. Ele sacudiu a cabeça.

— Você vive em um isolamento tão esplêndido, Ricky. Isso torna tudo estupidamente simples. Olhe de novo. Você sabe quem são esses jovens?

— Não, eu não sei.

— Essas fotos são de alguns parentes distantes seus. Cada uma dessas crianças está na lista de nomes que o Sr. R. mandou para você no começo do jogo.

Ricky olhou novamente para as fotos.

— Paris, França, Morada da Humanidade, Honduras e Lake Winnepesaukee em New Hampshire. Três garotos em férias de verão. Assim como você.

Ele concordou.

— Você percebe como são vulneráveis? Você acha que foi difícil tirar essas fotos? Alguém poderia substituir a câmera por um rifle altamente potente ou por um revólver, talvez? Não seria muito fácil tirar uma dessas crianças do ambiente harmonioso em que estão? Você acha que algum deles tem a mínima ideia de quão próximo da morte podem estar? Você imagina que algum deles tenha sequer uma vaga noção de que a vida pode se interromper de um modo brusco e sangrento dentro de apenas sete dias?

Virgílio apontou para as fotografias.

— Dê mais uma boa olhada, Ricky — disse ela. Ela esperou enquanto ele absorvia as imagens. Então ela esticou o braço para tirar as fotos das mãos dele.

— Acho que devemos deixar com você apenas imagens mentais, Ricky. Coloque o sorriso dessas crianças em sua mente. Tente imaginar o sorriso que eles terão no futuro enquanto se tornam adultos. Que tipo de vida eles terão? Que tipo de pessoas se tornarão? Você roubaria o futuro de um deles, ou de alguém como eles, por se agarrar obstinadamente aos poucos anos patéticos de vida que lhe restam?

Virgílio fez uma pausa e, depois, com a velocidade de uma cobra, arrancou as fotos das mãos dele.

— Eu vou ficar com elas — disse, enquanto as recolocava na pasta. Ela se afastou da mesa, deixando, ao mesmo tempo, uma nota de cem dólares em cima do prato ainda pela metade.

— Você tirou meu apetite — disse ela. — Mas sei que sua situação financeira está péssima. Então, vou pagar o jantar.

Virou-se para a garçonete, parada perto da mesa.

— Você tem bolo de chocolate? — perguntou.

— Cheesecake de chocolate — respondeu a mulher. Virgílio aceitou.

— Traga um pedaço para o meu amigo aqui — disse ela. — A vida dele ficou amarga demais de repente e ele precisa de algo doce para ajudá-lo a enfrentar os próximos dias.

Então ela virou-se e saiu, deixando Ricky sozinho. Ele esticou a mão para alcançar um copo d'água e percebeu que sua mão estava tremendo levemente, fazendo chacoalhar os cubos de gelo no copo.

Ele caminhou de volta para casa na escuridão crescente da cidade, seu isolamento era quase completo.

O mundo à sua volta parecia cheio de conexões, uma provocação quase constante de pessoas se encontrando no comércio da existência. Ele sentiu-se quase invisível caminhando pelas ruas de volta para o apartamento. De um modo curioso, Ricky percebeu, ele era quase transparente. Ninguém que passasse por ele, a pé ou de carro, nem uma só pessoa, iria registrá-lo em sua visão de mundo. Seu rosto, sua aparência, seu próprio ser não significavam nada para ninguém a não ser para o homem que o perseguia. Sua morte, por outro lado, era algo de importância crítica para algum parente anônimo. Rumpelstiltskin e, por procuração, Virgílio e o advogado Merlin e, provavelmente, alguns outros personagens que ele ainda não tinha conhecido, eram as pontes entre a vida e a morte. Parecia que ele tinha entrado em uma dimensão ocupada por pessoas que tinham recebido o diagnóstico de uma doença fatal ou cuja data de execução tinha sido marcada pelo juiz: os poucos que conheciam a data da própria morte. Sentiu uma nuvem de desespero pairar sobre a cabeça. Lembrou-se de Joe Bflspk, famoso personagem de quadrinhos de sua juventude, grande criação de Al Capp, fadado a viver embaixo de uma nuvem de chuva pessoal, gotejando e soltando raios aonde quer que fosse.

Os rostos dos três jovens nas fotografias eram como fantasmas para ele — vaporosos, diáfanos. Ele sabia que precisaria dar substância a eles, para que se tornassem reais. Desejou saber seus nomes e tinha consciência também de que deveria tomar algumas providências para protegê-los. Enquanto fixava seus rostos na memória, seu passo se acelerou. Viu o aparelho naquele sorriso largo, o cabelo longo, o suor do esforço e, conforme enxergava cada fotografia, tão claramente como vira quando Virgílio as mostrou na mesa do restaurante, apertou o passo, seus músculos se contraíram e ele começou a se apressar. Ele conseguia ouvir seus sapatos batendo contra a calçada, quase como se o som estivesse vindo de algum lugar fora de sua própria vida, até que olhou para baixo e viu que estava quase correndo. Algo relaxou dentro dele e ele finalmente sucumbiu a uma sensação que não reconhecia, mas que, para alguém que se desviasse na calçada para deixá-lo passar, pareceria uma explosão de pânico.

Ricky correu, com a respiração pesada, bufando. Um quarteirão, e depois outro, não parando para atravessar as ruas, deixando um rastro de buzinas e palavrões de taxistas, não vendo nada, não ouvindo nada, a cabeça cheia apenas de imagens de morte. Ele não diminuiu a velocidade até que pôde ver a entrada da sua casa. Precisou dar uma parada, curvando-se, buscando ar, com o suor ardendo nos olhos. Ficou assim, recobrando as forças, por momentos que pareceram vários minutos, bloqueando tudo exceto o calor e a dor do exercício repentino, não ouvindo nada exceto sua própria respiração forçada.

Quando ergueu os olhos, pensou: não estou sozinho.

Não foi uma sensação diferente da que teve em outros momentos nos últimos dias quando havia sido atingido pela mesma conclusão. Aquilo era quase previsível, baseado em nada mais do que paranoia repentina. Tentou controlar-se, não ceder à sensação, quase como se não quisesse ceder a um vício secreto, um desejo de comer doce ou de fumar. Não conseguiu.

Virou-se rapidamente, tentando flagrar alguém que o observasse, embora soubesse que era inútil. Seus olhos iam de pessoas andando calmamente pela rua a janelas vazias nos prédios das redondezas. Ele girou, como se pudesse surpreender algum movimento revelador que lhe desse uma pista sobre a pessoa encarregada de vigiá-lo, mas qualquer possibilidade era ilusória, insignificante.

Ricky voltou-se e ficou olhando fixamente para seu prédio. Foi tomado pela ideia de que alguém estivera em seu apartamento enquanto estivera fora, desafiando Virgílio. Deu um passo à frente, depois parou. Com uma imensa força de vontade, forçou-se a assumir o controle sobre as emoções que pipocavam dentro dele, dizendo a si mesmo para manter a calma, para se concentrar e manter o bom senso. Respirou longa e profundamente e disse a si mesmo que havia uma grande probabilidade de que ao subir para o apartamento, independentemente da razão,

Rumplestiltskin ou um dos seus cúmplices entrasse atrás dele. Essa vulnerabilidade não podia ser resolvida com o trabalho de um chaveiro e isso fora provado no dia em que chegou e não havia luz em casa.

O estômago de Ricky estava apertado, como o de um atleta depois da corrida. Ele pensou que tudo o que havia acontecido com ele ocorria em dois níveis. Cada mensagem do homem era tanto simbólica quanto literal.

Sua casa, pensou, não era mais segura.

Parado na rua do lado de fora do apartamento onde havia passado a maior parte de sua vida adulta, Ricky estava quase subjugado pelo reconhecimento de que não havia um canto sequer de sua existência em que o homem que o perseguia não tivesse penetrado.

Pela primeira vez pensou: preciso de um lugar seguro.

Não tendo ideia de onde descobrir esse local, tanto interna como externamente, Ricky arrastou-se para casa.

Para seu espanto, não havia sinais óbvios de invasão. A porta não estava entreaberta. As luzes funcionavam perfeitamente. O ar-condicionado resmungava nos fundos. Nenhum sentimento esmagador de temor nem sexto sentido de que alguém estivera ali dentro. Fechou e trancou a porta sentindo um momentâneo alívio. Mesmo assim, o coração continuava a bater rapidamente e ainda sentia o tremor nas mãos que tivera no restaurante, quando Virgílio fora embora. Ele ergueu a mão à frente do rosto, procurando ver as contrações nervosas, mas elas estavam estranhamente firmes. Ele não acreditava mais naquilo; era quase como se pudesse sentir dentro dos músculos e tendões do corpo uma moleza que se instalava, e que, a qualquer momento, poderia perder o controle.

A exaustão atingiu-o, alcançando cada canto do seu corpo, com força. Ele respirava com dificuldade, mas não conseguia compreender por que, já que o esforço físico era mínimo.

— Você precisa de uma boa noite de sono — disse a si mesmo em voz alta, reconhecendo o tom de voz que costumava usar para os pacientes, dirigido a si mesmo. — Você precisa descansar, reunir seus pensamentos e fazer algum progresso. Pela primeira vez pensou em pegar o bloco de receitas e prescrever algo para si mesmo, alguma medicação para ajudá-lo a relaxar. Ele sabia que precisava se concentrar, e que isso estava se tornando cada vez mais difícil. Odiava comprimidos, mas pelo menos dessa vez eles poderiam ser necessários. Um antidepressivo, pensou ele. Um indutor de sono para permitir que ele descansasse. Depois, talvez, algum tipo de anfetamina para ajudá-lo a concentrar-se de manhã e durante a semana que restava antes do prazo final de Rumplestiltskin.

Ricky mantinha em sua mesa um guia de Referência Médica de medicamentos, raramente usado, e ele seguiu na direção dele, pensando que a

farmácia 24 horas que ficava a dois quarteirões dali poderia entregar-lhe qualquer coisa que pedisse. Nem sequer precisaria aventurar-se a sair.

Sentado em sua poltrona, examinou rapidamente o guia e não demorou muito para escolher o que precisava. Pegou o bloco de receitas e ligou para a farmácia, lendo seu número de licença médica pela primeira vez, ao que lhe parecia, em anos. Três remédios diferentes.

— O nome do paciente? — perguntou o farmacêutico.

— São para mim mesmo — disse Ricky.

O farmacêutico hesitou.

— Esses medicamentos não devem ser misturados, Dr. Starks -disse ele. — O senhor deve ser muito cuidadoso em relação a dosagens e combinações.

— Obrigado pela preocupação. Terei cuidado...

— Só queria que o senhor soubesse que uma overdose pode ser letal.

— Eu sei disso — disse Ricky. — Mas qualquer coisa em excesso pode matar.

O farmacêutico tomou aquilo como uma piada e riu:

— Bem, suponho que sim, mas com certas coisas, pelo menos, a gente morre com um sorriso nos lábios. O entregador estará aí em mais ou menos uma hora. O senhor quer que eu ponha na sua conta? Já faz algum tempo que o senhor não a usa.

Ricky pensou por um momento e disse:

— Sim. Claro. Sentiu uma repentina pontada de dor, como se o homem tivesse inadvertidamente cortado seu coração, com a mais inocente das perguntas. Ricky sabia que a última vez em que havia usado a conta da farmácia havia sido para sua esposa, quando ela estava morrendo, para comprar morfina, a fim de tentar aliviar-lhe a dor. Aquilo havia sido há pelo menos três anos.

Ele livrou-se daquela lembrança, tentando enterrá-la mentalmente. Respirou profundamente e disse:

— Peça ao entregador para tocar a campainha exatamente da seguinte forma, por favor: três toques breves, três longos e três breves. Dessa forma eu saberei que é ele e abrirei a porta.

O farmacêutico pareceu pensar por um instante, antes de perguntar:

— Isso não é o código Morse para SOS?

— Isso mesmo — respondeu Ricky.

Ele desligou o telefone e recostou-se pesadamente, com a cabeça cheia de visões da esposa em seus últimos dias. Isso era muito doloroso para ele, então, virou-se lentamente e deixou os olhos passearem pelo tampo da mesa. Percebeu que a lista de parentes que Rumpelstiltskin mandara estava explicitamente colocada no centro do mata-borrão e, aturdido pela dúvida, Ricky não se lembrava de tê-la deixado naquele lugar. Avançou o braço lentamente, puxando a folha de papel em

sua direção, repentinamente cheia das imagens dos jovens nas fotografias que Virgílio lhe mostrara na mesa de jantar. Começou a examinar os nomes na página, tentando conectar os rostos com as letras que tremulavam à sua frente como o calor que se evapora do asfalto. Tentou acalmar-se, sabendo que precisava estabelecer uma ligação, que aquilo era importante, que a vida de alguém que não sabia nada àquele respeito poderia estar em risco.

Enquanto tentava se concentrar, olhou para baixo.

Uma sensação de perplexidade tomou conta dele. Começou a olhar ao seu redor, com os olhos movendo-se rapidamente de um lado para outro, enquanto uma onda de inquietação percorreu-o por dentro. Sentiu a boca ficar seca e o estômago revolveu-se com uma náusea repentina.

Pegou anotações, blocos de papel e outras coisas da mesa, procurando.

Mas no mesmo instante, soube que o que estava procurando não estava mais lá.

A primeira carta de Rumpelstiltskin, descrevendo os parâmetros do jogo e contendo a primeira pista havia sido retirada de sua mesa. A evidência física da ameaça que Ricky recebera havia desaparecido. A única coisa que restava, percebeu imediatamente, era a realidade.

CAPÍTULO 13

Ele marcou mais um X no calendário e anotou dois números de telefone no bloco de papel que estava à sua frente. O primeiro número era da detetive Riggins, da Delegacia de Trânsito de Nova York. O segundo era um número que não usava havia anos, e que duvidava que ainda funcionasse, mas que ele decidira tentar, assim mesmo. Era o número do Dr. William Lewis. Vinte e cinco anos atrás, o Dr. Lewis fora seu analista orientador, o médico responsável pela análise do próprio Ricky, quando Ricky estava ainda na faculdade. E uma faceta curiosa da psicanálise que qualquer um que deseje exercê-la tenha de se submeter antes ao tratamento. Um cardiologista cirurgião não precisa, oferecer o próprio peito ao bisturi, como parte do treinamento, mas um analista, sim.

Os dois números, pensou, representavam dois tipos opostos de ajuda. Ele não tinha certeza de que algum deles poderia na verdade oferecer algum auxílio, mas, apesar das recomendações de Rumpelstiltskin de que ficasse calado sobre todos os acontecimentos, não estava mais tão certo de que poderia fazer isso. Precisava falar com alguém. Mas com quem, era uma pergunta vaga.

A detetive atendeu o telefone, no segundo toque, falando bruscamente o sobrenome:

— Riggins.

— Detetive, aqui é o Dr. Frederick Starks. Você deve se lembrar que conversamos na semana passada sobre a morte de um dos meus pacientes...

Houve uma hesitação momentânea, não pela dificuldade em reconhecer quem estava falando, mas causada pela surpresa.

— Claro, doutor. Eu lhe enviei uma cópia do bilhete suicida que descobrimos outro dia. Achei que aquilo tinha deixado as coisas bem claras. O que ainda o incomoda?

— Pensei se poderia falar com você a respeito de algumas circunstâncias que envolvem a morte do Sr. Zimmerman.

— Que tipo de circunstâncias, doutor?

— Prefiro não falar por telefone.

A detetive deu uma pequena risada, como se estivesse se divertindo.

— Isso soa terrivelmente melodramático, doutor. Mas, é claro. Quer vir até aqui?

— Acredito que haja um lugar onde possamos falar em particular.

— É claro. Temos uma desagradável salinha de interrogatório onde extraímos confissões de vários suspeitos de crimes. Mais ou menos a mesma coisa que você faz no seu consultório, só que de uma forma um pouco menos civilizada e mais rápida...

Ricky acenou para um táxi na esquina, que ele mandou ir na direção norte por uns dez quarteirões, deixando-o na esquina da Madison com a 96. Ele caminhou para a primeira loja que pôde ver, uma loja de sapatos femininos, e gastou exatamente noventa segundos examinando os sapatos, enquanto observava pela vitrine até que a luz do semáforo da esquina mudasse. Logo que isso aconteceu, ele saiu, atravessou a rua e acenou para outro táxi. Mandou o motorista seguir na direção sul até a Grand Central Station.

A Grand Central Station não ficava particularmente cheia de gente ao meio-dia, durante o verão. Um constante fluxo de pessoas se dispersava pelo interior cavernoso, dirigindo-se para os trens regionais ou conexões de metrô, evitando a cantoria ou o lamento ocasional dos mendigos que vagavam pelas entradas, ignorando as grandes e vibrantes propagandas que pareciam encher a estação com uma luz sobrenatural. Ricky juntou-se ao fluxo de pessoas que se esforçavam para perder o menor tempo possível no caminho para a estação. Aquele era um lugar onde as pessoas tentavam não mostrar indecisão, e ele juntou-se àquela procissão de camaradas determinados e diretos, todos exibindo aquela aparência de aço da cidade, era como uma armadura contra as outras pessoas, de forma que cada uma parecia uma pequena ilha emocional, internamente ancoradas, não à deriva, não flutuando, mas movendo-se constantemente num fluxo diferente e reconhecível. Ele, por outro lado, estava interiormente sem rumo, mas fingia ter um. Pegou o primeiro

trem que surgiu, indo para oeste, seguiu até a próxima parada e, então, saltou rapidamente do trem, saindo do sufocante piso subterrâneo para o ar superaquecido da rua, novamente acenando para o primeiro táxi que viu. Certificou-se de que o táxi estava virado para o sul, que era o oposto de onde ele queria ir. Quis que o taxista desse uma volta no quarteirão, pegando uma rua lateral, esquivando-se por entre os caminhões de entrega, e ficou o tempo todo observando atentamente pela janela traseira, vendo se alguém o estava seguindo.

Pensou que se Rumpelstiltskin, ou Virgílio, ou Merlin ou quem quer que estivesse trabalhando para o homem que o estava perseguindo, fosse capaz de seguir aquela trilha sem ser percebido, então ele estava perdido, de qualquer maneira. Ricky encolheu-se no assento e seguiu em silêncio para a Delegacia de Trânsito na 96 com a Broadway.

Riggins levantou-se quando ele passou pela porta da sala de investigação. Ela parecia muito menos exausta do que na primeira vez em que se viram, apesar de seus trajes não terem mudado muito: modernas calças escuras sobre tênis esportivos, uma camisa masculina azul-claro, com uma gravata vermelha folgadoamente colocada em torno do pescoço. A gravata pendia sobre o coldre de couro que ela usava, com a pequena pistola automática, do lado esquerdo do peito. Era uma aparência muito curiosa, pensou Ricky. A detetive combinava roupas masculinas com um toque feminino. Usava maquiagem e perfume para contradizer a masculinidade da aparência. O cabelo caía languidamente em ondas pelos ombros, mas os tênis esportivos falavam de urgência e imediatismo.

Ela ofereceu a mão num aperto firme.

— Doutor, é um prazer vê-lo, apesar de achar um tanto inesperado. Ela parecia examinar-lhe rapidamente a aparência, medindo de cima a baixo, como um alfaiate inspecionando um homem mal vestido que deseja encomendar um traje moderno e de estilo.

— Obrigado por concordar — começou ele, mas ela o cortou.

— O senhor parece péssimo, doutor. Talvez esteja preocupado demais com o pequeno choque de Zimmerman com o trem.

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo um pouco.

— Não tenho dormido muito — admitiu Ricky.

— Não brinque! — respondeu Riggins. Ela acenou na direção de uma sala lateral, a sala de interrogatório que mencionara antes.

A sala de interrogatório era fria e implacável, um espaço estreito sem qualquer decoração e uma única mesa de metal ao centro, com três cadeiras dobráveis de aço. Uma lâmpada fluorescente enchia a sala de luz. A mesa tinha uma cobertura impermeável, marcada com riscos e manchas de tinta. Ele pensou no próprio consultório e, em particular, no seu divã, e como cada item dentro do campo

de visão do paciente influenciava o processo de confissão. Pensou que aquela sala tão árida quanto a paisagem da Lua era um local terrível para iniciar-se uma explicação, mas, então, compreendeu que as explicações que surgiam naquele lugar em particular eram, no mínimo, terríveis.

Riggins deve ter percebido a maneira como ele estava avaliando a sala e disse:

— O orçamento para a decoração foi muito baixo neste ano. Tivemos de desistir de todos os Picasso e também dos móveis de Roche Bobois — ela apontou para uma das cadeiras de aço. — Pegue uma cadeira, doutor. Diga-me o que o incomoda — a detetive Riggins tentou dissimular o sorriso. — Não é mais ou menos isso o que o senhor diria?

— Mais ou menos — respondeu Ricky. — Apesar de não entender o que acha tão engraçado.

Riggins sacudiu a cabeça, perdendo um pouco, mas não todo, o humor afiado da voz: Peço desculpas — disse ela —, é só a inversão de papéis, doutor Starks. Nem sempre temos pessoas proeminentes e profissionais como você aqui. A polícia de trânsito lida com crimes bem rotineiros e feios. Assaltos em sua maioria. Coisas de gangues. Moradores de rua se envolvem em brigas e acabam matando alguém. O que o preocupa tanto? Prometo tentar levar isso a sério.

— Você acha engraçado me ver...

— Estressado. Sim, eu admito que sim.

— Você não gosta da psiquiatria?

— Não. Eu tive um irmão diagnosticado como clinicamente depressivo e esquizofrênico e que vivia entrando e saindo de todas as clínicas de terapia da cidade, e todos os médicos só tagarelavam e tagarelavam sem ajudá-lo em nada. Essa experiência me marcou um pouco. Vamos deixar isso para lá.

Ricky esperou um pouco, e depois disse:

— Bem, minha esposa morreu há alguns anos de câncer no ovário, mas não tive raiva dos oncologistas que foram incapazes de ajudá-la. Eu odiei a doença.

Riggins concordou novamente.

— Touché — disse ela.

Ricky não sabia por onde começar, mas decidiu que Zimmerman era um bom ponto.

— Li o bilhete suicida — disse ele. — Para ser franco, aquilo não soou muito como sendo o meu paciente. Imaginei se você poderia me dizer onde o descobriu.

Riggins deu de ombros levemente.

— Claro. Foi encontrado no travesseiro, na cama do próprio apartamento dele. Dobrado delicada e metodicamente, impossível de não ser notado.

— Quem encontrou?

— Na verdade, fui eu. Depois de conversar com as testemunhas e com você e terminar de preencher a papelada, voltei ao apartamento de Zimmerman no dia seguinte e vi o bilhete assim que entrei no quarto dele.

— A mãe de Zimmerman, ela é inválida...

— Ela ficou tão perturbada depois de receber o telefonema, que tive de mandar os paramédicos lá, para levá-la para um hospital por algumas noites. Fiquei sabendo que ela vai ser transferida para um centro de assistência em Rockland nos próximos dias. O irmão está tomando as providências. Por telefone, da Califórnia. Soube que ele não está tão abalado com tudo o que aconteceu e não parece se importar muito com o sofrimento humano, especialmente no que se refere à mãe.

— Deixe-me entender — disse Ricky. — A mãe foi levada para o hospital e no dia seguinte você encontrou a nota...

— Correto.

— Então você não tem como saber quando aquela nota foi colocada no quarto, certo? O apartamento ficou vazio por um bom tempo?

A detetive Riggins deu um pequeno sorriso:

— Bem, eu sei que Zimmerman não a colocou lá depois das três horas, porque foi nesse horário que ele pegou aquele trem bem antes de ele reduzir a velocidade, o que foi uma ideia completamente idiota.

— Alguém mais poderia tê-la colocado lá.

— Claro que sim. Se você for do tipo que vê conspirações em todos os cantos. O campo fértil para investigações. Doutor, ele estava infeliz e pulou na frente do trem. Isso acontece.

— Aquele bilhete — disse Ricky — foi digitado, certo? E não foi assinado à mão, a assinatura foi digitada.

— Sim, você está correto quanto a isso.

— Escrito num computador, suponho.

— Correto mais uma vez. Doutor, você está começando a falar como um detetive.

Ricky pensou por um momento.

— Ouvi dizer em algum lugar que as máquinas de escrever podem ser rastreadas, que cada letra batida contra o papel é diferente e reconhecível. Acontece o mesmo com impressoras de computador?

Riggins sacudiu sua cabeça.

— Não.

Ricky fez uma pausa.

— Não entendo muito de computadores — disse ele. — Nunca precisei realmente deles na minha linha de trabalho... — ele fitou a detetive que parecia cada

vez mais desconfortável com as perguntas dele -mas eles não guardam internamente um registro de tudo o que foi escrito neles?

— Você está certo sobre isso também. No disco rígido, na maioria das vezes. E estou percebendo aonde você quer chegar com isso. Não, não chequei o computador do Sr. Zimmerman para me assegurar de que ele realmente escreveu o bilhete no computador que tinha no quarto. Nem verifiquei o computador do trabalho dele. Um cara se joga na frente de um trem, e eu acho uma nota suicida sobre o travesseiro, na casa dele. Esse cenário desencoraja muito qualquer investigação adicional.

— Esse computador no trabalho dele, muitas pessoas têm acesso a ele, certo?

— Imagino que ele tivesse uma senha para proteger os arquivos dele. Mas uma resposta curta seria sim.

Ricky concordou e ficou sentado em silêncio por um momento. Riggins remexeu-se na cadeira, antes de continuar:

— Bem, você disse que havia "circunstâncias" a respeito da morte sobre as quais gostaria de falar. Quais seriam elas?

Ricky respirou profundamente antes de responder.

— Um parente de um antigo paciente está ameaçando a mim e aos membros da minha família com um tipo de perigo não especificado. Até agora, ele já tomou algumas providências para arruinar a minha vida. Essas providências incluem acusações falsas contra minha integridade profissional, assaltos eletrônicos às minhas contas, violações à minha casa, invasões em minha vida pessoal e a sugestão de que eu cometa suicídio. Tenho razões para acreditar que a morte de Zimmerman foi parte desse tormento no qual tenho vivido desde a semana passada. Não acredito que tenha sido suicídio.

As sobrancelhas de Riggins ergueram-se.

— Meus Deus, doutor Starks. Parece que está metido em problemas. É um antigo paciente?

— Não. O filho de um. Eu não sei ainda qual deles.

— E você acha que essa pessoa que está fazendo isso com você persuadiu Zimmerman a pular na frente do trem?

— Não persuadiu. Talvez o tenha empurrado.

— Estava cheio de gente lá e ninguém viu um empurrão. Ninguém mesmo.

— A falta de uma testemunha ocular não impede que tenha acontecido. Quando o trem se aproximou, todos na estação não estariam naturalmente olhando na direção do trem que estava chegando? Se Zimmerman estava por trás da multidão, o que é provável pela falta de um testemunho preciso, que dificuldade alguém teria para lhe dar uma cotovelada ou um empurrão?

— Bem, é claro, doutor, está correto. Não seria difícil. Não mesmo. E, certamente, a cena que você está descrevendo é bem familiar para nós. Tivemos alguns assassinatos que se assemelham a esse padrão no decorrer dos anos. E você também está certo quanto ao fato de as cabeças das pessoas virarem-se naturalmente para uma só direção quando o trem se aproxima, permitindo que qualquer coisa que ocorra para trás das pessoas passe mais ou menos despercebida. Mas nós temos LuAnne, que diz que ele pulou, e apesar de ela não ser uma pessoa muito confiável, ela é alguém. E nós temos um bilhete suicida e um homem deprimido e infeliz, com um relacionamento difícil com a mãe, levando uma vida que muitos considerariam desalentadora...

Ricky sacudiu a cabeça.

— Agora é você que parece estar dando desculpas. Mais ou menos o que me acusou de estar fazendo quando conversamos pela primeira vez.

Esse comentário silenciou a detetive Riggins. Ela olhou demoradamente para Ricky antes de continuar.

— Doutor, acho que deveria contar essa história para alguém que pudesse ajudá-lo.

— E quem seria esse alguém? — perguntou. — Você é uma detetive. Contei a você sobre crimes. Ou aquilo que podem ser crimes. Você não deveria fazer algum tipo de relatório?

— Você deseja fazer uma queixa formal? Ricky olhou firme para a policial.

— Eu deveria? O que acontecerá, então?

— Eu levo para o meu supervisor que vai considerar isso uma loucura e então a encaminhará para a burocracia da polícia e em alguns dias você vai receber uma ligação de algum outro detetive que será ainda mais cético do que eu. Com quem mais falou sobre esses outros acontecimentos?

— Bem, a gerência do banco e a Sociedade de Psicanálise...

— Se eles acharem que há atividade criminosa, não farão nenhum registro dos acontecimentos ao FBI ou à polícia estadual? Me parece que você deveria falar com alguém do setor de extorsões e fraudes da Polícia de Nova York. E, se fosse comigo, eu procuraria contratar um detetive particular. E um bom advogado, pois pode precisar.

— Como eu faço isso? Contatar a Polícia de Nova York...?

— Vou lhe dar um nome e um número de telefone.

— Você acha que devia dar uma olhada nessas coisas? Como continuação do caso de Zimmerman?

Isso fez com que a detetive Riggins silenciasse. Ela não tinha feito nenhuma anotação durante a conversa.

— Poderia — disse cuidadosamente. — Preciso pensar sobre isso. É difícil

reabrir um caso uma vez que tenha sido classificado como encerrado.

— Mas não impossível.

— Difícil. Mas não impossível.

— Você pode pedir autorização ao seu superior... — começou Ricky.

— Acho que ainda não quero abrir essa porta — disse a detetive. — Se eu falar ao meu chefe que há um problema oficial, todos os procedimentos burocráticos terão de ser feitos. Acho que vou dar uma olhada sozinha. Quem sabe? O que acha, doutor, de eu verificar algumas coisas e depois entrar em contato com o senhor? Pelo menos, posso checar aquele computador que Zimmerman tinha no quarto. Pode haver um registro de data no arquivo que contém o bilhete suicida. Farei isso hoje à noite ou amanhã. Que tal?

— Está bem — disse Ricky. — Hoje à noite seria melhor que amanhã. Estou com problemas de prazo. E você podia me dar o nome e o número da pessoa certa na Polícia de Nova York enquanto isso...

Parecia um acordo razoável. A detetive concordou. Ricky sentiu um certo prazer secreto ao observar que seu tom de voz moderadamente zombeteiro e sarcástico havia mudado, pouco depois que ele levantou a possibilidade de que ela tivesse cometido um erro. Mesmo que ela considerasse aquela possibilidade remota, em um mundo onde promoções e aumentos estavam diretamente relacionados a investigações bem-sucedidas, a ideia de que tivesse investigado superficialmente um assassinato e que o tivesse definido como suicídio era o tipo de erro que assustava qualquer burocrata.

— ... Vou aguardar sua ligação para logo que for possível — disse ele.

Então, Ricky levantou-se, sentindo-se como se tivesse marcado um ponto a seu favor. Não era uma sensação de vitória, mas pelo menos fazia com que ele se sentisse um pouco menos solitário no mundo.

Ricky pegou um táxi para o Lincoln Center, até a Metropolitan Opera House, que estava quase vazia com exceção de alguns turistas e guardas de segurança. Havia uma fileira de telefones públicos do lado de fora dos banheiros masculino e feminino, que ele conhecia bem. A vantagem daqueles telefones era que, daquele lugar, ele podia fazer uma ligação enquanto ficava de olho para ver se alguém o estava seguindo. Ele duvidava que alguém pudesse chegar perto dele o suficiente para saber com quem estava falando.

O número que tinha do Dr. Lewis havia mudado, como esperava. Mas deram-lhe um outro número com um código de área diferente. Usou a maior parte das moedas que tinha, para fazer aquela ligação. Enquanto o telefone tocava, ele pensou que o Dr. Lewis estaria agora, provavelmente, com uns oitenta anos, e ficou em dúvida se ele poderia ajudá-lo. Mas Ricky sabia que essa era a única forma de obter alguma perspectiva daquela situação, e ainda que parecesse uma atitude

desesperada, devia tentar.

O telefone tocou pelo menos oito vezes antes de ser atendido.

— Sim?

— Dr. Lewis, por favor.

— Aqui é o Dr. Lewis.

Era uma voz que Ricky não ouvia há vinte anos, e, mesmo assim, encheu-o com uma emoção que o surpreendeu. Foi como se uma torrente de ódios, medos, amores e frustrações repentinamente tivesse sido liberada dentro dele, e ele se forçou, com firmeza, a manter a compostura.

— Dr. Lewis, aqui é o Dr. Frederick Starks...

Os dois homens ficaram em silêncio por um momento, como se o mero encontro pelo telefone, após tantos anos, fosse algo impressionante.

O Dr. Lewis falou primeiro.

— Bem, eu não acredito! É bom ouvir você, Ricky, mesmo depois de tantos anos. Estou surpreso.

— Lamento, doutor, por ser tão direto. Mas não sabia mais a quem recorrer.

Novamente houve um breve silêncio.

— Você está com problemas, Ricky?

— Sim.

— E a autoanálise não está funcionando?

— Sim. Esperava que me concedesse algum tempo para conversar.

— Não atendo mais pacientes — disse Lewis. — Aposentadoria. Idade. Doença. Envelhecer é algo terrível. Todas as coisas simplesmente se esvaindo.

— O senhor pode me ver?

O velho homem silenciou.

— Seu tom de voz parece bastante urgente. E importante? Você está muito perturbado?

— Estou correndo um grande perigo e tenho pouco tempo.

— Bem, bem, bem — Ricky podia sentir um sorriso no rosto do velho analista. — Isso parece ser realmente interessante. Acha que posso ajudá-lo?

— Não sei. Mas podia tentar.

O velho analista digeriu isso por um instante, antes de responder.

— Você terá de vir até aqui, receio. Não tenho mais consultório no centro da cidade.

— Onde é "aqui"? — perguntou Ricky.

— Rhinebeck — disse o doutor Lewis, passando um endereço em River Road. — Um lugar maravilhoso para um aposentado, exceto pelo maldito frio no inverno. Mas delicioso, agora. Você pode pegar um trem na estação Pensilvânia.

— Que tal esta tarde?

— Pode vir a qualquer hora. Essa é uma das únicas vantagens da aposentadoria. Uma absoluta falta de compromissos. Pegue um táxi na estação, e eu estarei esperando você para o jantar.

Ele se encolheu num assento de canto, o mais longe possível da parte de trás do trem e passou a maior parte da tarde olhando pela janela. O trem viajou diretamente rumo ao norte seguindo o curso do Hudson, às vezes tão próximo à margem do rio que a água ficava a apenas alguns metros de distância. Ricky fitava aquela extensão, fascinado com os diferentes matizes de azul-esverdeado que o rio assumia, escuro, quase preto, perto das margens, e claro, vibrante, bem no meio. Veleiros cortavam a água, levantando lâminas de espuma com suas proas. Um navio de carga projetava-se para o canal mais profundo. Na distância, as Palisades erguiam-se grosseiramente, colunas de rocha cinza e marrom, coroadas por uma massa de árvores verde-escuras. Havia mansões com imensos gramados, casas tão grandiosas que a riqueza ali enclausurada parecia inimaginável. Em West Point viu de relance a academia militar no alto da colina, olhando o rio do alto; pensou que as construções austeras eram tão cinzentas e organizadas quanto as uniformes filas de cadetes. O rio era largo e cristalino, e ele achou fácil imaginar o explorador que quinhentos anos atrás dera nome ao rio. Observou por um tempo, a superfície da água não sabendo para onde a correnteza fluía, se de volta para a cidade e para o oceano atrás dela ou se subia para o norte, empurrada pelas marés e pelo movimento da terra. O fato de não saber perturbou-o um pouco, não ser capaz de dizer para que direção a água seguia, observando a superfície.

Apenas um pequeno grupo de pessoas desceu do trem em Rhinebeck, e Ricky demorou na plataforma inspecionando todos, ainda preocupado que, apesar dos seus esforços, alguém o tivesse seguido. Havia alguns jovens, garotos em idade escolar de shorts ou jeans, rindo entre si; uma mulher de meia-idade rebocando três crianças de uma vez, tentando mostrar paciência com um garoto loirinho que tentava escapar; uma dupla de homens de negócios, aflitos, já trabalhava com seus telefones celulares assim que chegaram à estação. Nenhuma das pessoas que saía do trem havia sequer olhado na direção de Ricky, exceto o pequeno garoto, que parou e fez uma careta para ele antes de subir correndo o lance de escadas, afastando-se dos trilhos. Ricky esperou até que o trem começasse a sair, fazendo ruídos metálicos, conforme ganhava impulso. Convencido de que ninguém mais ia descer, Ricky subiu para a estação. Era um prédio antigo, de tijolos, com um piso de ladrilhos, que fazia ecoar seus passos enquanto caminhava, o ar fresco desafiando o calor do final de tarde. Uma única placa com uma seta vermelha localizada em cima de uma porta dupla informava: TÁXIS. Ele saiu da estação e viu um único automóvel branco, enlameado, trazendo um emblema na lateral, um anúncio publicitário apagado no teto e um grande amassado na frente. O motorista parecia estar indo embora, mas viu

Ricky e voltou a encostar no meio-fio.

— Precisa de uma corrida, amigo? — perguntou o motorista.

— Sim, por favor — respondeu Ricky.

— Bem, sou o único que restou. Já estava quase indo embora quando o vi saindo pela porta. Entre.

Ricky entrou e deu ao homem o endereço do Dr. Lewis.

— Bela propriedade — disse o motorista, acelerando, os pneus reclamando enquanto se distanciavam da estação.

O caminho para a casa do velho analista era uma estradinha sinuosa e estreita, de pista dupla, que seguia pelo campo. Carvalhos majestosos formavam uma abóbada de sombra sobre o macadame, de forma que a luz fraca do entardecer de verão parecia lentamente fluir para a terra como farinha por uma peneira, lançando sombras à direita e à esquerda. O campo encrespava-se em suaves colinas, como ondas em um modesto oceano. Ele pôde ver grupos de cavalos pastando em alguns campos e, ao longe, imponentes mansões. As casas mais próximas da estrada eram antigas, geralmente de madeira, com pequenas placas quadradas expondo as datas, de modo que um passante poderia saber que tal casa havia sido construída em 1788, ou uma outra em 1802. Viu jardins estampados de cores e mais de um morador de camiseta, montado em um pequeno cortador de grama, cortando agressivamente faixas imaculadas de gramado verde. Aquela era uma área que falava de fuga, pensou. Supôs que a maioria dos moradores pensava que a vida primitiva era nas cavernas de Manhattan, as pessoas trabalhando com dinheiro, poder, prestígio ou, quase sempre, com tudo isso. Aquelas eram casas de finais de semana e abrigos de verão, fantasticamente caras, mas com genuínos sons de cigarra ao cair da noite. O motorista de táxi percebeu sua admiração e disse:

— Nada mau, não é? Alguns desses lugares custam um milhão ou dois.

— Mas não encontra uma mesa livre nos restaurantes no fim de semana, aposto — respondeu Ricky.

— Não no verão ou nos feriados, é verdade. Mas nem todos são da cidade. Há alguns que fincaram raízes aqui. O suficiente para impedir que se torne uma cidade fantasma. É um belo lugar — ele diminuiu a velocidade do carro e virou rapidamente à esquerda, na entrada de uma garagem. — O problema é que está um pouco perto demais da cidade. Bem, chegamos. É aqui — disse ele.

A casa do doutor Lewis era uma casa de fazenda antiga e restaurada, um projeto simples de dois andares, pintada com uma vibrante e luminosa cor branca e com uma placa marcando 1791 em um dos cantos. Não era de forma alguma a maior das casas pelas quais Ricky tinha passado. Havia uma treliça coberta com vinhas e flores plantadas no caminho de entrada e um pequeno lago de peixes no canto do jardim. Uma rede e algumas cadeiras, cuja tinta descascava, ficavam na lateral. Uma

perua Volvo, azul e espaçosa, com dez anos de uso, estava estacionada em frente ao que fora outrora um estábulo e que agora servia claramente como garagem.

O motorista afastou-se, e Ricky ficou parado na beira do passeio de cascalhos. De repente, percebeu que suas mãos estavam vazias. Não trazia consigo nenhuma sacola, nem um simples presente, sequer a indefectível garrafa de vinho branco. Respirou profundamente, sentindo uma onda de emoções conflitantes dentro de si. Não era de todo certo caracterizar o que estava sentindo como medo, mas era o que uma criança sente quando tem de contar alguma travessura para o pai. Ricky quis sorrir, reconhecendo que a explosão de sentimentos que havia tornado seus pés tão pesados e que acelerara seu coração era normal; o relacionamento entre analista e analisado é algo profundo e provocador, e funciona de diferentes maneiras, nenhuma delas nem de perto semelhante ao relacionamento de uma autoridade com uma criança. Isso, ele sabia, era parte fundamental do processo de transferência, no qual o analista envolvido no processo representa diferentes papéis, todos eles conduzindo finalmente à compreensão. Ricky pensou ainda que nem todos os médicos tinham tal impacto sobre seus pacientes. Um ortopedista provavelmente não se recordaria do joelho ou quadril que tivesse operado depois de alguns anos e tantas outras juntas. Mas o analista provavelmente se lembrará de muito, senão de tudo, sendo a mente mais sofisticada que um joelho, embora algumas vezes não seja tão eficiente.

Ele seguiu adiante lentamente, os olhos vasculhando o caminho de entrada, absorvendo tudo aquilo que podia ver. Lembrou-se de que isso era outra das bases da análise; o médico conhece virtualmente cada intimidade emocional e sexual do paciente, que, por sua vez, não sabe quase nada a respeito do terapeuta. O mistério imita os mistérios essenciais da vida e da família; e sempre há uma sensação de fascinação e tremor quando se penetra no desconhecido. Ele pensou: o Dr. Lewis sabe coisas a meu respeito, agora eu saberei algumas coisas sobre ele, e isso muda as coisas. A observação fez com que ele suasse nervosamente.

Ricky estava chegando aos degraus de entrada, quando a porta da frente se abriu. Ele ouviu a voz antes de ver o homem:

— Um pouco desconfortável, aposto.

Ricky respondeu:

— Você lê minha mente — o que era uma piada de analista.

Ele foi imediatamente conduzido a um escritório, logo na entrada da antiga casa. Seus olhos percorreram o lugar de um lado a outro, absorvendo, gravando os detalhes em sua imaginação. Livros em uma estante. Abajur da Tiffany. Tapete oriental. Como muitas outras casas mais antigas, o interior tinha uma tonalidade escura, contrastando com as vibrantes paredes brancas; parecia-lhe que lá dentro estava frio, não abafado, mas fresco, como se as janelas tivessem sido abertas na

noite anterior e a casa tivesse guardado a lembrança de temperaturas mais amenas. Ele pôde sentir um perfume suave de lilás e podiam-se ouvir os sons da cozinha, vindo da parte de trás da casa.

O Dr. Lewis era um homem esbelto, de ombros um pouco curvados, calvo e com agressivos tufo de pelos saindo de suas orelhas, o que lhe dava uma aparência bastante estranha. Ele usava óculos pendurados na ponta do nariz, de forma que raramente parecia olhar através deles. Tinha algumas manchas senis nas costas das mãos, e um leve tremor nos dedos. Andava devagar, mancando um pouco, e finalmente se acomodou em uma bergere grande e estofada, de couro vermelho, fazendo sinal para que Ricky se sentasse numa poltrona um pouco menor, que estava um pouco adiante. Ricky afundou-se nas almofadas.

— Estou feliz em vê-lo, Ricky, mesmo depois de tantos anos. Quanto tempo faz?

— Mais de uma década, certamente. Você parece estar bem, doutor. O Dr. Lewis sorriu e sacudiu a cabeça.

— Acho que não deveríamos começar as coisas com uma mentira tão óbvia, apesar de que, na minha idade, as pessoas apreciam mais as mentiras do que as verdades. As verdades são sempre inconvenientes demais. Eu preciso de um novo quadril, uma nova bexiga, uma nova próstata, olhos e ouvidos novos e alguns dentes novos. Novos pés também seriam úteis. Provavelmente precisaria também de um novo coração, mas não vou conseguir nada disso. Poderia ter um carro novo na garagem e a casa poderia ter um novo encanamento. Estou começando a pensar nisso. O telhado está bom, no entanto — ele bateu na testa —; o meu também. E depois falou novamente: — Mas estou certo de que não veio até aqui para saber de mim. Estou me esquecendo do meu treinamento e das boas maneiras. Você ficará logicamente para o jantar e mandei arrumar o quarto de hóspedes para você. E agora, devo manter a boca fechada, que é o que nós, em nossa profissão, acreditamos fazer melhor, e deixarei você me dizer por que está aqui.

Ricky ficou em silêncio, sem saber precisamente por onde começar. Olhou fixamente para o velho homem, engolido pela poltrona, e sentiu como se algo dentro dele tivesse repentinamente se rompido. Podia sentir seu controle escapando e, quando falou, as palavras saíram violentamente, por entre os lábios que tremiam:

— Acho que só tenho uma semana de vida — disse ele. As sobrancelhas do Dr. Lewis arquearam-se.

— Você está doente, Ricky? Ricky sacudiu sua cabeça.

— Acho que tenho de me matar — disse ele.

O velho analista inclinou-se para a frente.

— Isso é um problema — disse ele.

CAPÍTULO 14

Ricky deve ter falado sem parar por mais de uma hora, não sendo interrompido pelo menor comentário ou pergunta do Dr. Lewis, que ficou sentado quase imóvel em sua cadeira, equilibrando o queixo com a palma da mão. Por uma ou duas vezes Ricky levantou-se, caminhando rapidamente em volta do perímetro da sala como se o movimento dos pés pudesse impulsionar seu relato, depois voltava para a poltrona e continuava sua narrativa. Em mais de uma ocasião pôde sentir o suor descendo-lhe pelas axilas, apesar de a sala estar agradavelmente fresca, com as janelas abertas para o começo de noite em Hudson Valley.

Ele ouviu alguns trovões distantes vindos de Catskills, a alguns quilômetros de distância, do outro lado do rio, um ribombar explosivo e profundo, como os sons de artilharia. Ricky lembrou-se da lenda local que atribuía aquele barulho a gnomos e elfos, jogando boliche nos vales verdes. Contou ao Dr. Lewis sobre a primeira carta, o poema e as ameaças, as regras do jogo. Ricky descreveu Virgílio, Merlin e o escritório do advogado que não existia. Tentou não deixar escapar nada, desde os assaltos eletrônicos à sua conta bancária e à de aplicações, até a mensagem pornográfica enviada para sua parente distante no aniversário dela. Ricky prosseguiu falando sobre Zimmerman, seu tratamento, sua morte e sobre as duas visitas à detetive Riggins. Falou a respeito da falsa acusação de abuso sexual apresentada contra ele perante a junta de medicina, seu rosto corando levemente enquanto falava sobre isso. Às vezes, divagava, como quando falou sobre as invasões de seu consultório e da estranha sensação de violação que sentiu, ou quando descreveu sua primeira tentativa no Times e sobre a resposta de Rumpelstiltskin. Terminou, sem seguir a ordem cronológica dos fatos, falando a respeito do impacto das fotografias dos três jovens mostradas por Virgílio. Então recostou-se na poltrona, calou-se e, pela primeira vez, olhou através da sala para o velho analista, que naquele momento colocara as duas mãos no queixo, amparando a cabeça, pensando, como se estivesse tentando compreender a totalidade do mal que havia se abatido sobre Ricky.

— Que intrigante — disse finalmente Dr. Lewis, reclinando-se, e emitindo um grande suspiro. — Fico imaginando se o seu camarada Rumpelstiltskin não é um filósofo. Não era Carnus quem dizia que a única escolha verdadeira de qualquer homem na vida é se deve ou não cometer o suicídio? Essa é a questão existencial definitiva.

— Acho que era Sartre — respondeu Ricky. Ele deu de ombros.

— Eu suponho que essa é a questão central aqui, Ricky, a primeira e a mais importante pergunta que Rumpelstiltskin propôs.

— Perdoe-me, o que...

— Você se mataria para salvar outra pessoa, Ricky?

Ricky ficou surpreso com a pergunta.

— Não sei ao certo — gaguejou. — Acho que não pensei realmente nessa alternativa.

O Dr. Lewis ajeitou-se na cadeira.

— Essa não é uma pergunta completamente absurda — disse ele. -Eu estou certo de que o seu torturador deve ter passado horas imaginando qual seria a sua resposta. Que tipo de homem é você, Ricky? Que tipo de médico? Porque, no final das contas, esta é a essência deste jogo: Você se mataria? Ele parece ter provado a sinceridade de suas ameaças ou, pelo menos, fez com que você acreditasse que ele já cometeu um assassinato, de forma que cometer outro não seria problema. E esses são, se você me permite, Ricky, falando friamente, assassinatos muitos fáceis de se cometer. As pessoas não significam nada para ele. Elas são simples canais que o ajudam a chegar até você. E eles têm a vantagem adicional de ser homicídios que provavelmente nenhum agente do FBI ou detetive de polícia neste mundo poderá de fato solucionar, nem mesmo um Maigret ou um Hercule Poirot ou Miss Marple ou qualquer uma das criações de Mickey Spillane e Robert Parkes. Pense nisso, Ricky, porque é realmente diabólico e maravilhosamente existencial: um assassinato ocorre em Paris, Guatemala ou em Bar Harbor, Maine. E um ato repentino, espontâneo, e a pessoa que está sendo morta não tem nada a ver com o que está acontecendo. E simplesmente executada em um segundo. E como ser atingido por um raio. E a pessoa que supostamente deveria sofrer com esse assassinato está a centenas, milhares de quilômetros de distância. Um pesadelo para qualquer autoridade policial, que teria de achar você, encontrar o assassino criado no seu passado, conectá-los então a esse fato acontecido em algum país distante, com toda a burocracia e as discussões diplomáticas envolvidas. E, isso, admitindo-se que pudessem encontrar o assassino. Provavelmente tão protegido por identidades falsificadas e pistas falsas que seria impossível encontrá-lo. A polícia já tem problemas suficientes para obter condenações quando tem confissões, evidências de DNA e testemunhas oculares. Não, Ricky, minha hipótese é de que esse pode ser um crime que está muito além da capacidade deles.

— Então, o que você está dizendo é que...

— Sua escolha, ao que me parece, é relativamente simples: você pode vencer? Você pode descobrir a identidade do homem chamado Rumpelstiltskin nos poucos dias que lhe restam? Caso contrário, você se mataria para salvar a vida de outra pessoa? Essa é a pergunta mais interessante para ser feita a um médico. Nós estamos, afinal de contas, no ramo de salvar vidas. Mas os nossos recursos para salvação são os medicamentos, o conhecimento, as habilidades com um bisturi. Neste caso, a sua vida talvez seja a cura de alguém. Você conseguiria fazer esse sacrifício? E, caso não esteja disposto a fazê-lo, seria capaz de conviver com isso,

depois? Superficialmente, pelo menos, as coisas não são assim tão complicadas. A parte complicada é, bem, interna.

— Você está sugerindo... — Ricky começou a falar, tremendo levemente. Ele olhou através da sala e viu que o velho analista havia se recostado na cadeira, de forma que uma sombra causada pela luz de abajur parecia seccionar seu rosto. Dr. Lewis fez um gesto com a mão que se assemelhava a uma garra, comprida, com dedos alongados e afinados pela idade.

— Eu não estou sugerindo nada. Estou simplesmente mostrando a você que fazer exatamente o que esse senhor está pedindo é uma alternativa viável. Sempre há pessoas que se sacrificam para que outras pessoas possam viver. Soldados em combate. Bombeiros em um prédio em chamas. Policiais nas ruas. A sua vida é tão adorável e produtiva e tão importante que possamos automaticamente admitir que ela seja mais valiosa do que a vida que ela poderia salvar?

Ricky ajeitou-se na poltrona, como se o macio estofamento tivesse se transformado em madeira.

— Não posso acreditar que... — começou ele e depois silenciou. O Dr. Lewis olhou para ele e ergueu os ombros.

— Eu lamento. Logicamente você não considerou isso conscientemente. Mas fico pensando se você não se fez essas mesmas perguntas inconscientemente, que foi o que o impulsionou a me procurar.

— Eu vim porque preciso de ajuda — disse Ricky, talvez muito rapidamente. — Preciso de ajuda para jogar este jogo.

— E mesmo? Talvez em um nível. Talvez, em outro, você tenha vindo por causa de algo mais. Permissão? Bênção?

— Preciso investigar a época, em meu passado, em que a mãe de Rumpelstiltskin era minha paciente. Preciso que me ajude a fazer isso, porque bloqueei essa parte da minha vida. E como se estivesse fora do meu alcance, de qualquer possibilidade de contato. Preciso que você me ajude, guiando-me. Sei que posso identificar a paciente que está ligada a Rumpelstiltskin, mas preciso de ajuda, e acredito que a paciente que me liga a esse homem era alguém que eu estava atendendo no mesmo período em que estava em tratamento com você, quando foi meu orientador. Devo tê-la mencionado durante nossas sessões. Então, o que preciso é de alguém para me ouvir. Alguém para liberar aquelas velhas recordações. Estou certo de que posso puxar esse nome do meu inconsciente.

O Dr. Lewis sacudiu a cabeça novamente. — E um pedido bem razoável e um enfoque claramente inteligente. Um enfoque de analista. O falar, e não a ação, é a cura. Pareço cruel, Ricky? Acho que me tornei irascível e cruel com a idade. E claro que ajudarei. Mas acho melhor, conforme analisamos, olhar para o presente também, porque, no final, você pode precisar de respostas tanto do passado quanto

do presente. Talvez, até, do futuro. Você pode fazer isso?

— Não sei.

Agora foi o Dr. Lewis que sorriu desagradavelmente.

— Essa é uma resposta clássica de analista. Um jogador de futebol, um advogado ou um empresário moderno diria "Que se dane, eu posso fazer isso!". Mas nós, analistas, sempre deixamos uma porta aberta, não é? A certeza não nos deixa confortáveis, não é? — ele respirou profundamente e se mexeu por um momento. — O problema é que esse camarada, que deseja sua cabeça numa bandeja, não parece tão indeciso ou incerto sobre as coisas, não é?

Ricky respondeu rapidamente:

— Não. Ele parece ter tudo muito bem planejado e premeditado. Tenho a sensação de que ele antecipou cada movimento que tenho feito, quase como se ele os tivesse traçado de antemão.

— Estou certo disso.

Ricky concordou com a verdade daquela observação. O Dr. Lewis continuou com suas perguntas.

— Ele é o que você consideraria um sujeito psicologicamente astuto?

— E a minha impressão.

O Dr. Lewis concordou.

— Em alguns jogos, essa é a essência. No futebol, talvez. No xadrez com certeza.

— Você está sugerindo...

— Para ganhar um jogo de xadrez você precisa planejar à frente do seu oponente. É aquele simples movimento para lá, daquilo que ele imaginou, que cria o xeque-mate e define a vitória. Acho que você devia fazer o mesmo.

— Como eu...

O Dr. Lewis se levantou. — E sobre isso que podemos pensar durante um jantar simples e pelo resto da noite — ele sorriu novamente, com o canto da boca levemente retorcido.

— Logicamente, você está admitindo um fator importante.

— Qual? — perguntou Ricky.

— Bem, parece quase óbvio que esse camarada Rumpelstiltskin passou meses, talvez anos planejando tudo o que está acontecendo a você. Essa é uma vingança que engloba vários itens, e, como você precisamente apontou, ele antecipou virtualmente cada movimento que você fez.

— Sim. Isso é verdade.

— Eu me pergunto, então — disse lentamente o Dr. Lewis — por que você presume e por que você acredita que ele já não tenha me envolvido, seja por meio de ameaças, seja por qualquer tipo de pressão, a fim de ajudá-lo a conseguir o que

ele deseja? Talvez ele tenha pago para eu ajudá-lo. Por que Ricky, você deduz que eu esteja do seu lado em tudo isso?

Então, com um gesto muito rápido para que Ricky o acompanhasse em vez de responder à pergunta, o velho analista dirigiu-se à cozinha, mancando levemente enquanto caminhava.

Dois lugares haviam sido postos em uma antiga mesa de madeira no centro da cozinha. Uma jarra de água gelada e algumas fatias de pão em uma cesta de vime adornavam o centro da mesa. O Dr. Lewis cruzou a cozinha, tirou uma caçarola do forno, apoiou-a num descanso de mesa, então tirou uma modesta salada da geladeira. Ele cantarolou enquanto terminava de colocar a mesa. Ricky reconheceu algumas notas de Mozart.

— Sente-se, Ricky. O prato que está diante de nós é frango. Por favor, sirva-se.

Ricky hesitou. Ele pegou a jarra e encheu um copo alto com água, e engoliu-a como um homem que acabara de cruzar um deserto. A água mal aliviou sua repentina sede.

— Ele fez isso? — perguntou repentinamente. Ricky quase não conseguiu reconhecer sua própria voz. Ela parecia aguda e estridente.

— Ele fez o quê?

— Rumpelstiltskin se aproximou de você? Você é parte disso?

O Dr. Lewis sentou-se, colocando cuidadosamente um guardanapo no colo e servindo-se de uma generosa porção da caçarola e da salada antes de responder.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Ricky — disse lentamente. — Que diferença isso faria?

Ricky balbuciou a resposta:

— Toda a diferença do mundo. Preciso saber se posso confiar em você.

O Dr. Lewis concordou.

— E mesmo? Confiança, acredito eu, é uma palavra supervalorizada. Independentemente disso, até agora fiz alguma coisa para desfazer a confiança que você tem em mim e que o trouxe até aqui?

— Nada.

— Então, você devia comer. A comida foi feita pela minha empregada e eu posso assegurar que ela está muito boa, apesar de não tão boa quanto a que a minha mulher costumava fazer antes de morrer. E você parece pálido, Ricky, como se não estivesse se cuidando.

— Preciso saber. Rumpelstiltskin procurou você?

Dr. Lewis sacudiu a cabeça, mas aquela não era uma resposta negativa à pergunta de Ricky, era mais um comentário sobre a situação.

— Ricky, me parece que o que você precisa é de conhecimento. Informação.

Compreensão. Nada do que descreveu até agora sobre o que esse homem fez parece destinado a enganá-lo. Quando ele mentiu? Bem, talvez o advogado cujo escritório não estava onde supostamente deveria estar, mas isso me parece mais um despiste simples e necessário. Na verdade, tudo que ele fez até agora foi projetado para guiar você até ele. Pelo menos é assim que pode ser interpretado. Ele lhe dá dicas. Envia uma mulher jovem e atraente para lhe dar assistência. Você acha que ele realmente deseja que você não descubra quem ele é?

— Você o está ajudando?

— Estou tentando ajudar você, Ricky. Ajudar você pode significar ajudar a ele. Essa é uma possibilidade. Agora, sente-se e coma. Esse é obviamente um bom conselho.

Ricky puxou uma cadeira, mas seu estômago apertou-se com o pensamento de comer.

— Preciso saber que você está do meu lado. O velho analista deu de ombros.

— A resposta para essa pergunta não virá no final do jogo? — ele mexeu na caçarola e enfiou uma garfada na boca.

— Eu vim procurá-lo como amigo. Como antigo paciente. Você foi o homem que ajudou a me treinar, pelo amor de Deus. E agora...

O Dr. Lewis agitou seu garfo no ar, como um maestro faz com a batuta diante da orquestra.

— As pessoas que você atende, você as considera seus amigos? Ricky parou e sacudiu a cabeça.

— Não. Claro que não. Mas o papel de um analista orientador é diferente.

— É mesmo? Você não tem um ou dois pacientes mais ou menos na mesma situação?

Os dois homens silenciaram enquanto a pergunta ficou pairando no ar. Ricky sabia que a resposta àquela pergunta era sim, mas não a pronunciaria. Após um momento, o Dr. Lewis agitou a mão, desfazendo a pergunta.

— Eu preciso saber — Ricky exigiu rispidamente.

O Dr. Lewis exibia uma expressão irritantemente vaga no rosto, apropriada para uma mesa de pôquer. Por dentro, Ricky estava irritado, reconhecendo muito bem aquela aparência: o mesmo olhar descomprometido que não falava nem de aprovação nem de desaprovação, nem de choque, nem de surpresa, nem de medo, nem de raiva, que ele usava com seus próprios pacientes. Era a característica típica do analista, parte essencial de sua armadura. Lembrava do seu próprio tratamento há um quarto de século e enfureceu-se em ver novamente aquele olhar.

O velho homem sacudiu levemente a cabeça.

— Não, você não precisa, Ricky. Você só precisa saber que estou disposto a

ajudar você. Meus motivos são irrelevantes. Talvez Rumpelstiltskin tenha alguma coisa comigo. Talvez não. Se ele segura uma espada sobre a minha cabeça, ou sobre a de algum dos meus familiares, é irrelevante na sua situação. A pergunta ainda existe em nosso mundo, não é? Alguém está a salvo? Há algum relacionamento seguro? Não somos frequentemente mais magoados por aqueles que amamos e respeitamos do que por aqueles que odiamos e tememos? Ricky não respondeu, mas o Dr. Lewis respondeu por ele.

— A resposta que no momento você está impossibilitado de articular é: sim. Agora, jante. Temos uma longa noite diante de nós.

Os dois médicos comeram em relativo silêncio. A comida estava excelente e foi seguida por uma torta caseira de maçã com canela. Havia também café preto, servido quente, aparentemente antevendo as horas que se seguiriam e exigiriam energia. Ricky pensou que jamais tivera uma refeição tão normal, apesar de tão estranha. Estava tanto faminto quanto enfurecido. A comida parecia deliciosa num momento e, no instante seguinte, tornava-se fria e insípida em sua boca. Pela primeira vez em anos, lembrou-se das vezes em que comera sozinho, minutos em que saía da beirada da cama, quando a medicação levava sua esposa para algum tipo de transe, nos últimos dias, antes de sua morte. O sabor daquele jantar, pensou, era o mesmo.

O Dr. Lewis colocou os pratos na pia, deixando-os empilhados e sujos. Encheu novamente sua xícara de café e fez um gesto para voltarem para o estúdio. Sentaram-se novamente nos lugares que haviam ocupado antes, um de frente para o outro.

Ricky lutou contra a raiva que sentia do caráter indireto e ardiloso do velho médico. Disse a si mesmo para usar a frustração em benefício próprio. Isso era mais fácil de se dizer do que de fazer. Ricky ajeitou-se na cadeira, sentindo-se como uma criança que está sendo reprimida sem direito de protestar.

O Dr. Lewis encarou-o e Ricky sabia que o velho homem estava perfeitamente ciente de cada sentimento dentro dele, como num espetáculo mediúnico.

— Então, Ricky, por onde quer começar?

— Pelo passado. Vinte e três anos atrás. Quando procurei você pela primeira vez.

— Lembro que você estava cheio de teorias e entusiasmo.

— Eu acreditava ter habilidade para salvar o mundo do desespero e da loucura. Sozinho.

— E as coisas aconteceram dessa forma?

— Não. Você sabe disso. Nunca acontecem.

— Mas você salvou alguém?

Espero que sim. Acredito que sim.

O Dr. Lewis sorriu, como um gato.

— Novamente a resposta de um analista. Não comprometida e evasiva. A idade, logicamente, traz outras interpretações. Nossas veias se endurecem, assim como nossas opiniões. Deixe-me perguntar algo mais específico: quem você salvou?

Ricky hesitou, como se estivesse mastigando a resposta. Quis segurar a primeira resposta, mas foi incapaz de fazê-lo, as palavras escorregando-lhe da boca como se estivessem envolvidas em óleo.

— Não pude salvar a pessoa que mais me importava. Dr. Lewis concordou.

— Por favor, continue.

— Não, ela não tem nada a ver com isso.

As sobrancelhas do velho analista arquearam-se levemente.

— Mesmo? Presumo que estejamos falando de sua esposa.

— Sim. Nós nos conhecemos. Nos apaixonamos. Casamos. Fomos inseparáveis por anos. Ela adoeceu. Nós não tivemos filhos por causa da doença. Ela morreu. Eu continuei sozinho. Fim da história. Ela não está ligada a isso.

— Claro que não — disse o Dr. Lewis. — Mas quando se conheceram?

— Um pouco antes de começarmos o tratamento. Nos conhecemos em uma festa. Nós éramos dois recém-formados; ela era advogada e eu, médico. Nosso namoro aconteceu enquanto eu estava em análise com você. Você deve se lembrar disso.

— Eu me lembro. E qual era a profissão dela?

— Era advogada, acabei de dizer. Deve se lembrar disso também.

— Sim, me lembro. Mas que tipo de advogada? Especificamente?

— Bem, quando nos conhecemos ela havia acabado de se empregar na Defensoria Pública de Manhattan como advogada de defesa. Fez carreira na área criminalística, mas depois ficou cansada de ver todos os seus clientes irem para a prisão, ou pior, não irem para a prisão. Então, voltou-se para a prática particular, mais modesta. Na maioria das vezes litígios de direito civil e trabalhos para a União de Direitos Civis dos EUA. Processando donos de cortiços e iniciando apelações para prisioneiros condenados injustamente. Era uma liberal, fazia apenas o bem. Gostava de dizer que era uma das poucas pessoas formadas em Yale que não ficou rica — Ricky sorriu, ouvindo em sua mente as palavras da esposa. Aquela era uma piada que compartilharam alegremente durante muitos anos, pensou.

— Entendo. Na época em que você começou o tratamento, que foi o mesmo período em que conheceu e namorou sua esposa, ela estava envolvida na defesa de criminosos. Ela lidava com marginais furiosos que, sem dúvida, ela irritou mais ainda impondo ações legais contra eles. E agora, você parece estar envolvido com um tipo que se encaixa na categoria de criminoso, embora aparentemente seja muito

mais sofisticado do que aqueles que ela conheceu. Mas você acha que não existe ligação alguma.

Ricky parou, com a boca aberta para responder. Aquele pensamento o aterrorizou.

— Rumplestiltskin não mencionou...

— Estou apenas imaginando — disse o Dr. Lewis, agitando uma mão no ar.

— Alimento para o pensamento.

Ricky fez uma pausa, a memória trabalhando fortemente. O silêncio aumentou em volta deles. Ricky começou a se imaginar como um jovem. Foi como se repentinamente se abrisse uma brecha em um muro de granito, dentro dele. Podia se ver: muito mais jovem, cheio de energia. Num momento em que o mundo se abria para ele. Era uma vida que tinha pouca semelhança, e pouca conexão com sua atual existência. Aquela discrepância, tão negada e tão ignorada, repentinamente o aterrorizou.

Dr. Lewis deve ter visto isso no rosto dele, pois disse:

— Vamos falar sobre quem você era há vinte e tantos anos. Não o Ricky Starks olhando ansioso para sua vida, sua carreira e seu casamento. Mas o Ricky Starks que era cheio de dúvidas.

Ele quis responder prontamente, desfazer aquela ideia com um simples movimento das mãos, mas deteve-se severamente. Mergulhou na memória profunda, rememorando indecisão e ansiedade, recordando o primeiro dia em que entrou pela porta do consultório do Dr. Lewis, em Upper East Side. Deu uma olhada no velho homem sentado diante dele, que parecia estudar cada contração ou trejeito na expressão de Ricky e pensou o quanto ele envelhecera e, depois, imaginou se o mesmo valia para si próprio. Tentar recordar os sofrimentos psicológicos que levaram alguém a procurar um psicanalista tantos anos antes assemelha-se à dor fantasma que sente um amputado; a perna não está lá, mas a dor permanece, emanando de um vazio cirúrgico, real e irreal ao mesmo tempo. Ricky pensou: "Quem era eu, então?"

Mas ele respondeu cuidadosamente:

— Me parece que havia duas classes de dúvidas, duas classes de ansiedade, duas classes de medos, cada uma das quais ameaçava me atingir. O primeiro grupo de cada categoria era sobre a minha própria pessoa e se originava de uma mãe excessivamente encantadora, um pai exigente e frio que morrera jovem e uma infância cheia de realizações, em vez de afeição. Eu era, de longe, o mais jovem da minha família, mas em vez de ser tratado como um bebê, era obrigado a seguir padrões impossíveis de serem atingidos. É isso, de modo bem simples. Esse foi o grupo que você e eu examinamos no curso do tratamento. Mas a superação dessas neuroses causou impacto nos relacionamentos que tive com meus pacientes. Durante

o período do meu tratamento, atendi pacientes em três locais: os pacientes de clínica externa no Hospital Presbiteriano de Columbia; um breve período de tempo com pacientes severamente comprometidos em Bellevue...

— Sim — Dr. Lewis concordou. — Um estudo clínico. Lembro-me de que você não gostava muito de tratar dos doentes mentais de verdade...

— Sim. Correto. Receitando medicações psicotrópicas e tentando evitar que as pessoas pusessem em perigo a si mesmas e aos outros -Ricky achou que a afirmação do Dr. Lewis tinha um aspecto provocador, uma isca que ele não quis pegar. — ... E então, no decorrer desses anos, talvez de doze a dezoito pessoas em terapia, que se tornaram meus primeiros pacientes. Foram os casos sobre os quais você ouviu enquanto eu estava em terapia com você.

— Sim. Sim. São imagens com as quais devo concordar. Você não teve um analista supervisor, uma pessoa que acompanhou seu progresso com esses pacientes?

— Sim. O Dr. Martin Kaplan. Mas ele...

— Ele morreu — interrompeu o velho analista. — Eu o conheci. Ataque cardíaco. Muito triste.

Ricky tentou prosseguir, mas pensou que havia um tom estranhamente impaciente na voz do Dr. Lewis. Observou isso e depois continuou.

— Estou tendo problemas para ligar nomes a rostos.

— Estão bloqueados?

— Sim. Eu deveria recordar prontamente, mas percebo que não consigo ligar os nomes às pessoas. Consigo me lembrar de um rosto e de um problema, mas não me lembro do nome. Ou vice-versa.

— Por que acha que isso acontece?

Ricky fez uma pausa e então respondeu:

— Estresse. É simples. Sob o tipo de tensão a que estou sendo submetido, coisas simples se tornam impossíveis de ser recordadas. A memória fica toda torcida e revirada.

O velho analista concordou novamente.

— Você acha que Rumpelstiltskin sabe disso? Você acha que ele é um tipo de especialista em psicologia do estresse? Talvez, a seu modo, muito mais sofisticado que você, o médico. E isso não lhe diz muito sobre quem ele possa ser?

Um homem que sabe como as pessoas reagem à pressão e à ansiedade?

— Sim, claro. Um soldado? Um policial? Um advogado? Um homem de negócios?

— Ou um psicanalista.

— Sim. Alguém da nossa profissão.

— Mas um médico jamais...

— Nunca diga nunca.

Ricky se reclinou para trás, atingido.

— Não estou sendo específico o suficiente — disse. — Descartemos as pessoas que atendi em Bellevue, por que eles eram problemáticos demais para produzir alguém tão mau. Isso nos deixa minha prática particular e as pessoas que atendi na clínica.

— Então, primeiro a clínica.

Ricky fechou os olhos por um momento como se isso pudesse ajudá-lo a imaginar o passado. A clínica de pacientes externos do Hospital Presbiteriano de Columbia era um grupo de pequenos consultórios no andar térreo do imenso hospital, não muito distante da entrada de emergência. A maioria da clientela vinha do Harlem ou do sul do Bronx. Eram, em sua maioria, pessoas pobres e sofridas da classe trabalhadora, uma grande variedade de cores, matizes e tipos, e todos eles encaravam a doença mental e a neurose como coisas estranhamente exóticas e distantes. Ocupavam a "terra de ninguém" da saúde mental, situada entre a classe média e os moradores de rua. Seus problemas eram reais: abuso de drogas, abuso sexual e agressões físicas. Ricky viu mais de uma mãe abandonada pelo marido, com filhos pouco amistosos e traumatizados, cujos objetivos de vida pareciam se limitar a entrarem para uma gangue da rua. Nessa multidão de desesperados e desfavorecidos, Ricky sabia, muitos haviam entrado para a criminalidade de alto nível. Traficantes de drogas, cafetões, ladrões e assassinos. Lembrou-se de que alguns clientes que vinham à clínica exalavam um sentimento de crueldade ao redor de si, como um odor distante. Eram os pais e mães que diligentemente ajudavam a criar a próxima geração de psicopatas criminosos da cidade. Mas ele sabia, também, que aquelas eram pessoas sem coração que iriam direcionar sua fúria contra si mesmos. Se atacassem alguém de uma outra classe social, seria por acaso, não por planejamento. O executivo em sua Mercedes que quebra na Cross Bronx Expressway a caminho de casa, depois de trabalhar até tarde no seu escritório no centro, o extravagante turista sueco que pega o metrô errado, na hora errada e no sentido errado.

Pensou: vi muita maldade. Mas me afastei dela.

— Não poderia dizer — Ricky falou, finalmente, em resposta. — As pessoas que atendi na clínica eram todas pobres. Pessoas que estavam à margem da sociedade. Eu diria que quem estou procurando está entre meus primeiros pacientes em análise. Não esses outros. E Rumpelstiltskin já me disse que era a mãe dele. Mas com o nome de solteira. "Uma senhorita", disse ele.

— Interessante — disse o Dr. Lewis. Seus olhos pareciam tremer de interesse por aquilo que Ricky havia falado. — Posso entender porque pensa dessa forma. E acredito que é importante limitar o alcance da investigação. Então, de todos

esses pacientes, quantos deles eram mulheres solteiras?

Ricky pensou com afinco, imaginando um punhado de faces.

— Sete — disse ele.

O Dr. Lewis fez uma pausa.

— Sete. Bom. Agora é o momento de dar um salto no escuro, não é Ricky?

O primeiro momento em que realmente precisa tomar uma decisão.

— Não sei se estou entendendo.

O Dr. Lewis sorriu levemente.

— Até este momento, Ricky, me parece que você esteve simplesmente reagindo à situação horrenda na qual foi colocado. Tantos focos de incêndio que precisam ser detidos e apagados. Suas finanças. Sua reputação profissional. Seus pacientes habituais. Sua carreira. Seus parentes. Com toda essa bagunça, você conseguiu apresentar uma única pergunta ao seu atormentador e ele lhe forneceu uma direção: uma mulher que criou a criança que se tornou um psicopata que deseja que você se mate. Mas o salto que você deve dar é este: será que lhe disseram a verdade?

Ricky engoliu em seco.

— Preciso assumir que sim.

— E essa não é uma hipótese muito perigosa?

— Claro que sim — disse Ricky levemente irritado. — Mas que outra opção eu tenho? Se eu achar que Rumplestiltskin está me dirigindo para um rumo totalmente errado, não terei chance nenhuma não é?

— Já lhe ocorreu que talvez não seja para você ter uma chance?

Aquela foi uma afirmação tão brusca e terrível que ele sentiu o suor brotar-lhe na nuca.

— Se for assim, eu devo apenas me matar.

— Acho que sim. Ou não faça nada, viva e veja o que acontece com outra pessoa. Talvez tudo seja um blefe. Talvez nada vá acontecer. Talvez o seu paciente, Zimmerman, tenha mesmo se jogado na frente do trem num momento péssimo para você e perfeito para Rumplestiltskin. Talvez, talvez, talvez. Talvez o jogo seja: você não tem nenhuma chance. Eu só estou pensando alto, Ricky.

— Eu não consigo abrir a porta para essa possibilidade — disse Ricky.

— Uma resposta interessante para um psicanalista — disse rapidamente o Dr. Lewis. — Uma porta que não pode ser aberta. Isso vai contra a natureza de tudo aquilo que sustentamos.

— Estou querendo dizer que não tenho tempo para isso, tenho?

— O tempo é elástico. Talvez você tenha. Talvez não.

Ricky desconfortável, mudou de posição. Seu rosto estava ruborizado e ele sentiu-se um pouco como um adolescente, com pensamentos adultos e sentimentos

adultos, mas que ainda é considerado uma criança.

O Dr. Lewis roçou a mão no queixo, ainda pensando.

— Realmente acho que o seu atormentador é um tipo de psicanalista — soltou ele, como se estivesse fazendo uma observação sobre o clima. — Ou tem uma profissão parecida.

— Acho que concordo — disse Ricky. — Mas o seu raciocínio...

— O jogo, conforme definido por Rumpelstiltskin, é um tipo de sessão em um divã. Só que dura um pouco mais do que cinquenta minutos. Em qualquer hora psicanalítica, você deve achar o caminho em meio a uma série estonteante de verdades e mentiras.

— Preciso trabalhar com o que eu tenho.

— Não é sempre essa a questão? Mas o nosso trabalho frequentemente é enxergar aquilo que o paciente não está dizendo.

— Isso é verdade.

— Então...

— Talvez seja tudo mentira. Saberei em uma semana. Um pouco antes de me matar ou comprar mais um anúncio no Times. Uma coisa ou outra.

— Essa é uma ideia interessante — o velho médico parecia estar refletindo. — Ele podia atingir o mesmo objetivo e impedir que um policial ou uma outra autoridade chegasse até ele apenas mentindo. Ninguém poderia encontrá-lo, não é? E você estaria morto ou arruinado. Isso é diabólico. E engenhoso também, a seu modo.

— Não acho que essa especulação esteja me ajudando — disse Ricky. — Sete mulheres em tratamento, uma das quais gerou um monstro. Qual delas?

— Tente lembrar-se delas para mim — disse o Dr. Lewis, fazendo um leve gesto com a mão, em direção ao lado de fora e à noite que parecia envolvê-los, como se estivesse tentando trazer a memória de Ricky das trevas para a sala bem iluminada.

CAPÍTULO 15

Sete mulheres.

Das sete mulheres que o haviam procurado naquele tempo em busca de tratamento, duas eram casadas, três outras eram noivas ou mantinham relacionamentos estáveis, e duas estavam sexualmente sem rumo. Tinham entre vinte e trinta anos. Todas eram o que se podia chamar de "mulheres independentes". Eram investidoras, secretárias executivas, advogadas e empresárias. Havia ainda nessa mescla uma editora e uma professora. Conforme Ricky concentrava-se, começou a se lembrar do conjunto de neuroses que havia trazido cada uma delas até ele. Conforme as enfermidades começavam a tomar forma na sua memória, assim

também ocorria com o tratamento que elas receberam.

Lentamente, as vozes e palavras ditas em seu consultório retornavam-lhe à mente. Momentos específicos, rupturas, compreensões, todos de volta à seu consciente, estimulados pelo simples e direto questionamento do velho médico empoleirado como um corvo na beirada da sua cadeira. A noite espalhou-se ao redor dos dois médicos, deixando de fora tudo exceto a pequena sala e as recordações de Ricky Starks. Ele não estava certo de quanto tempo havia se passado durante aquele processo, mas sabia que já era tarde. Ricky calou-se, no meio das recordações, repentinamente fitando o homem que estava diante dele. Os olhos do Dr. Lewis ainda brilhavam com uma energia inacreditável, estimulados, pensou Ricky, em parte pelo café preto, mas principalmente pela série de recordações ou talvez por algo mais, uma outra fonte oculta de ansiedade.

Ricky sentiu um suor viscoso no pescoço. Ele o atribuiu ao ar úmido que entrava pelas janelas abertas, prometendo uma chuva refrescante.

— Ela não está aí, está Ricky? — perguntou repentinamente o Dr. Lewis.

— Essas eram as mulheres que estavam em tratamento — respondeu ele.

— E todas elas foram tratadas mais ou menos com sucesso, pelo que você fala e pelo que me lembro de você ter dito em nossas sessões. E, aposto, todas elas ainda têm vidas relativamente produtivas. Um detalhe, devo dizer, que um trabalhinho de detetive revelaria.

— Mas qual...

— E você se lembra de cada uma. Com precisão e detalhes. E esse é o problema, não é? Porque a mulher que você procura na memória é alguém que não se destaca. Alguém que não pode ser alcançada pelo seu poder de recordação e está perdida.

Ricky começou a gaguejar uma resposta e, então, parou, porque a verdade dessa afirmação também era evidente para ele.

— Você consegue se recordar de algum fracasso, Ricky? Porque é aí que você achará a sua ligação com Rumpelstiltskin. Não no sucesso.

— Acho que ajudei todas essas mulheres a superar os vários problemas que estavam enfrentando. Não consigo me lembrar de nenhuma delas que tenha permanecido perturbada.

— Há um toque de excesso de confiança aqui, Ricky. Tente mais. O que o Sr. R. lhe disse em suas dicas?

Ricky ficou levemente assustado quando o velho analista empregou a mesma abreviação que Virgílio gostava de usar. Ele rapidamente tentou lembrar se havia usado a expressão Senhor R. durante a noite, mas não conseguia recordar-se de uma única vez. Mas, agora, não tinha certeza. Pensou que poderia ter dito. Indecisão, incapacidade de precisão, perda de convicção, tudo se agitava dentro dele. Sentiu-se

abatido e tonto, tentando descobrir em que momento desaparecera a sua habilidade de lembrar-se de um simples detalhe. Ele movimentou-se um pouco na cadeira, desejando que o alarme disparado dentro dele não fosse visível em seu rosto ou em sua atitude.

— Ele me disse — falou friamente — que a mulher por quem eu estava procurando estava morta. E que eu havia prometido a ela algo que não tinha cumprido.

— Bem, concentre-se na segunda parte. Houve alguma mulher que veio procurá-lo nesse período de tempo e que você se recusou a tratar? Talvez tenha atendido por pouco tempo, uma dúzia de sessões ou mais, e depois desapareceu? Você continua a querer examinar as mulheres que faziam parte do começo de sua prática particular. Talvez alguém na clínica onde trabalhou?

— Estou certo de que isso é possível, mas como eu...

— Esse outro grupo de pacientes, elas eram de alguma forma menos importantes na sua mente, não é? Menos ricas? Menos realizadas? Menos instruídas? E talvez elas não estejam tão firmemente registradas na tela de radar do jovem Dr. Starks.

Ricky engoliu qualquer resposta, pois pôde ver tanto verdade quanto preconceito naquilo que o velho médico dissera.

— Não é mais ou menos a essência de uma promessa quando um paciente entra por nossa porta e começa a falar? Para se livrar de uma carga, você, como analista, não está simultaneamente fazendo uma afirmação? E, em seguida, uma promessa? Você mantém a esperança de melhora, de ajustamento, de alívio para um tormento, assim como qualquer outro médico.

— Logicamente, mas...

— Quem veio procurá-lo, mas interrompeu o tratamento?

— Não sei...

— Quem você atendeu por umas quinze sessões, Ricky? — a voz do velho analista tornou-se exigente e insistente.

— Por quinze sessões? Por que quinze?

— Quantos dias Rumpelstiltskin lhe deu para descobrir a identidade dele?

— Quinze.

— Duas semanas mais um dia. Uma rara e antiga construção de tempo. Acho que você deveria ter sido um pouco mais sensível ao número, porque é aí que está a conexão. E o que ele quer que você faça?

— Que eu me mate.

— Então, Ricky, quem esteve em tratamento por quinze sessões e depois se matou?

Ricky vacilou, movimentando-se na cadeira, a cabeça repentinamente

doendo. Eu devia ter percebido isso, pensou. Eu devia ter percebido isso porque é muito óbvio.

— Eu não sei — afirmou ele novamente.

— Você sabe — disse o velho analista, com um pouco de irritação na voz.

— Você apenas não quer saber. Há uma diferença bem grande nisso.

Então, o doutor Lewis se levantou.

— Já é tarde e estou desapontado. O quarto de hóspedes foi preparado para você. Suba as escadas e vire à direita. Tenho alguns assuntos remanescentes, de natureza secundária, dos quais preciso tratar ainda esta noite. Talvez pela manhã, depois que você fizer algumas reflexões, possamos fazer algum progresso verdadeiro.

— Acho que preciso de mais ajuda — disse Ricky fracamente.

— Você foi ajudado — respondeu o Dr. Lewis. Ele apontou em direção à escada.

O quarto era arrumado, bem mobiliado, com um jeito de quarto de hotel, o que fez Ricky pensar imediatamente que era usado com pouca frequência. Havia um banheiro do lado de fora, no corredor, com aspecto similar. Nenhum dos dois ambientes fornecia pista alguma sobre o Dr. Lewis ou sua vida. Não havia frascos de medicamentos no gabinete do banheiro, nem revistas empilhadas perto da cama, não havia livros arrumados em uma estante, não havia fotos de família nas paredes. Ricky tirou a roupa, ficando só de cueca, e atirou-se na cama, depois de dar uma única olhadela para o relógio que marcava mais de meia-noite. Estava exausto e precisava dormir, mas não se sentia seguro, a mente estava agitada, e, por isso, o sono lhe escapava. Os ruídos do campo — os grilos e uma ou outra mariposa ou um besouro batendo contra a vidraça — eram duas vezes mais fortes que a algazarra da cidade. Deitado na cama, na escuridão, filtrou lentamente o barulho exterior e pôde perceber o som distante da voz do Dr. Lewis. Ricky tentou concentrar-se, percebendo depois de um momento que o velho analista estava aborrecido com alguma coisa, que o tom de voz dele, tão constante e modulado durante as horas que havia passado com Ricky, tinha subido de tom. Ricky tentou filtrar os outros ruídos para compreender as palavras dele, mas não conseguiu. Foi então que ouviu o inconfundível barulho de um telefone sendo desligado com força. Poucos segundos depois, ouviu os passos do velho médico pelas escadas, e depois uma porta abrindo e fechando rapidamente. Seus olhos lutavam para manter-se abertos na escuridão. Quinze sessões e depois a morte, pensou ele. Quem seria?

Ele não percebeu quando caiu no sono, mas acordou com os raios de sol penetrando pela janela e atingindo-lhe o rosto. A manhã de verão devia parecer perfeita, mas Ricky arrastou-se com o peso das recordações e da decepção. Havia esperado que o velho médico fosse capaz de dirigi-lo diretamente para um nome e,

em vez disso, sentia-se mais à deriva no furioso mar das recordações do que nunca. Esse sentimento de derrota era como uma ressaca latejando em suas têmporas. Ele vestiu as calças, os sapatos, a camisa, agarrou a jaqueta e, depois de jogar um pouco de água no rosto e passar os dedos pelos cabelos para ficar ao menos um pouco apresentável, desceu as escadas. Ricky caminhou com um único intuito em mente, pensando que a única coisa em que deveria se concentrar era o nome da mãe de Rumpelstiltskin. Tinha a sensação de que a observação do Dr. Lewis, relacionando os dias com as sessões, era precisa. O que permanecia oculto, percebeu Ricky, era o contexto no qual a mulher existira. Ricky disse a si mesmo que havia descartado muito rapidamente e com bastante arrogância as mulheres menos prósperas que vira na clínica psiquiátrica, preferindo concentrar-se nas mulheres que se tornaram suas primeiras pacientes particulares. Pensou que havia atendido essa mulher bem no momento em que precisava tomar decisões: sobre sua carreira, sobre tornar-se analista, sobre apaixonar-se e casar-se. Aquele era um momento em que estava olhando diretamente para um determinado ponto, e seu fracasso ocorrera em um universo que queria descartar.

Era por isso que estava bloqueado, pensou. Desceu a escada entusiasmado com a ideia de que poderia promover contra essas recordações um ataque como os da Segunda Guerra; simplesmente lançar uma bomba grande o suficiente contra o concreto da história reprimida e tudo seria detonado. Estava confiante de que com a ajuda do Dr. Lewis conseguiria fazer esse ataque.

O sol e o calor do campo infiltrando-se na casa pareciam dispersar todas as dúvidas e perguntas que ele poderia ter sobre o velho analista. Os aspectos preocupantes da conversa da noite anterior se dissipavam com a claridade da manhã. Ricky enfiou a cabeça no estúdio, procurando por seu anfitrião, mas viu que a sala estava vazia. Caminhou pelo corredor central da antiga casa de fazenda em direção à cozinha, onde pôde sentir o aroma de café.

O Dr. Lewis não estava lá.

Ricky tentou um "Olá?" sonoro, mas não teve resposta. Olhou para a cafeteira e viu que um bule de café fresco mantinha-se aquecido na chapa quente e que uma xícara havia sido posta para ele. Apoiada nela, havia uma folha de papel dobrada, com seu nome escrito a lápis, na parte externa. Ricky serviu-se de uma xícara de café e abriu a carta, enquanto sorvia um gole do líquido quente e amargo. Ela dizia:

Ricky:

Tive de partir inesperadamente e não espero voltar a tempo de ajudá-lo. Acredito que você deve examinar o cenário que abandonou para achar a pessoa em questão, não o cenário no qual entrou. Fico imaginando, também, se, ganhando esse jogo, você não vai perder ou, ao contrário, se perdendo, não vai ganhar.

Pense muito bem nas alternativas de que dispõe.

Por favor, nunca mais me procure novamente, por nenhuma razão e nenhum propósito.

S/Dr. M. Lewis.

Ele cambaleou fortemente, como se tivesse sido atingido no rosto.

O café pareceu queimar-lhe a língua e a garganta. Ele corou, instantaneamente cheio de confusão e raiva. Leu as palavras escritas na carta por três vezes, mas a cada uma elas pareciam mais vagas e obscuras. Ricky finalmente dobrou a folha de papel e colocou-a no bolso. Caminhou deliberadamente até a pia e viu que a pilha de pratos da noite anterior havia sido lavada e colocada ordenadamente no balcão. Ricky jogou o café na pia de porcelana branca, abriu a torneira liberando água e observou a sujeira marrom escorrer pelo ralo. Lavou a xícara e colocou-a na lateral. Por um segundo, segurou-se na beirada do balcão, tentando se afirmar. Nesse momento, ouviu o som de um carro vindo pelo caminho de cascalho.

Seu primeiro pensamento foi que era o Dr. Lewis, retornando para lhe dar uma explicação, então correu até a porta. Mas o que viu o surpreendeu.

Na direção, estava o mesmo taxista que o trouxera um dia antes da estação Rhinebeck. O taxista deu um pequeno aceno e abaixou o vidro da janela enquanto o táxi parava.

— Ei, doutor, como vai? E melhor nos apressarmos se quiser pegar seu trem.

Ricky hesitou. Quase se virou em direção à casa, imaginando que precisava fazer alguma coisa, deixar um bilhete, falar com alguém, mas até onde sabia a casa estava vazia. Uma olhadela no estábulo reformado disse-lhe que o carro do Dr. Lewis também não estava mais lá.

— Estou falando sério, doutor, não temos tanto tempo assim, e o próximo trem só chega no final da tarde. Vai ter de ficar sentado em algum lugar o dia todo se perder este. Entre, vamos voar.

— Como você sabia que precisava me buscar? — perguntou Ricky. — Eu não liguei para você...

— Bem, alguém fez isso. Provavelmente a pessoa que mora aqui. Recebi uma mensagem no meu bipe dizendo pra vir para cá, pegar o Dr. Starks e garantir que você não perca o trem das nove e quinze. Então cantei os pneus e aqui estou, mas se não entrar logo aqui atrás não conseguirá pegar o trem e, acredite, doutor, não há muita coisa aqui para mantê-lo ocupado o dia todo.

Ricky silenciou por um momento, agarrou a maçaneta da porta e atirou-se no banco de trás. Teve um breve sentimento de culpa por deixar a casa totalmente aberta, mas dissipou-o secretamente com um "Dane-se!"

— Ok — disse ele. — Vamos então.

O motorista acelerou rapidamente, levantando um pouco de pedras, cascalho e poeira.

Em poucos minutos, o táxi chegou ao cruzamento da estrada que dá acesso para a ponte Kingston-Rhinecliff sobre Hudson com a River Road. Um patrulheiro do estado de Nova York estava parado no meio da estrada, bloqueando a passagem na sinuosa estrada. O patrulheiro, um homem jovem com um chapéu característico e uniforme cinza, mostrava no rosto do tipo "eu já vi tudo", que não combinava com sua juventude, e começou imediatamente a gesticular para que o táxi fosse para a esquerda. O taxista baixou o vidro e gritou para o patrulheiro do outro lado da estrada:

— Ei, policial! Posso passar? Precisamos pegar o trem! O patrulheiro sacudiu sua cabeça.

— De jeito nenhum. A estrada está bloqueada acerca de dois quilômetros adiante até que o resgate e o guincho terminem o trabalho. Você precisa pegar outro caminho. Se você se apressar vai conseguir.

— O que houve? — perguntou Ricky do banco de trás. O taxista deu de ombros.

— Ei, patrulheiro! — gritou o taxista. — O que houve? O patrulheiro sacudiu a cabeça.

— Um senhor idoso em alta velocidade perdeu o controle em uma das curvas. Arrebentou-se contra uma árvore. Talvez tenha tido um ataque cardíaco e tenha apagado.

— Morreu? — perguntou o taxista.

O patrulheiro sacudiu a cabeça como se não tivesse certeza. — O resgate está lá agora. Eles pediram uma ferramenta para cortar as ferragens.

Ricky endireitou-se rapidamente. — Que tipo de carro? — perguntou. Inclinou-se para a frente e gritou pela janela do motorista: — Que tipo de carro?

— Um Volvo azul antigo — disse o patrulheiro, enquanto acenava para que o taxista se dirigisse para a esquerda.

O motorista acelerou. — Droga — disse ele. — Temos de fazer um desvio. Vai ser duro pegar esse trem.

Ricky contorceu-se no assento. — Eu preciso ir ver! — disse ele. — O carro...

— Se pararmos para ver, vamos perder o trem.

— Mas o carro, o Dr. Lewis...

— Você acha que era seu amigo? — perguntou o taxista, continuando a afastar-se do local do acidente, desesperadamente fora da visão de Ricky.

— Ele dirigia um antigo Volvo azul...

— Diabos, tem uma porção de carros assim por aqui.

— Não, não pode...

— Os guardas não deixariam você ir até lá. E ainda que deixassem, o que você faria?

Ricky não respondeu. Jogou-se para trás no banco, como se tivesse sido esbofeteado. O taxista concordou, acelerando o carro de forma que o carro chacoalhou e o motor rugiu.

— Você volta para a cidade, telefona para o quartel dos patrulheiros de Rhinebeck State. Eles darão os detalhes. Ligue para a emergência no hospital, eles informarão. A não ser que queira ir até lá agora, mas eu não o aconselho. Você só ficaria sentado observando o trabalho dos médicos do pronto-socorro, talvez do agente funerário ou do policial encarregado da investigação e que provavelmente não saberá mais do que você sabe no momento. Você não tem de ir a um lugar importante?

— Sim — disse Ricky, apesar de não estar certo disso.

— O cara do carro, ele é realmente um bom amigo?

— Não — respondeu Ricky. — Não um amigo de verdade. Só uma pessoa que conheci. Que achava que conhecia.

— Bem — disse o motorista —, aí está. Acho que vamos chegar à estação a tempo. Ele acelerou novamente, passando o sinal amarelo, quase no momento em que ficava vermelho, sorrindo um pouco enquanto avançavam. Ricky encostou-se no banco, olhando apenas uma vez de relance sobre os ombros, pela janela traseira, onde o acidente e quem quer que nele estivesse envolvido permaneciam ocultos, torturantemente fora de alcance. Ele esforçou-se para ver as luzes brilhantes e tentou ouvir as sirenes, mas tudo escapava dele.

Chegou à estação com um ou dois minutos de antecedência. A necessidade de se apressar pareceu obscurecer qualquer tentativa de compreender o que havia acontecido com ele na visita ao velho analista. Correu freneticamente pela estação vazia, os sapatos fazendo um eco estrondoso, enquanto o trem aproximava-se da plataforma com o violento som dos freios. Assim como na vinda, havia poucas pessoas esperando para fazer aquela viagem de meio de semana no meio do dia para Nova York. Dois homens de negócios falando em telefones celulares, três mulheres aparentemente em viagem de compras, alguns adolescentes de jeans. Era tudo. O crescente calor do verão parecia exigir uma atitude calma que lhe era estranha. Pensou que havia naquele dia uma urgência despropositada, que não pareceria normal até que tivesse retornado para a cidade.

O vagão do trem estava quase vazio com poucas pessoas espalhadas pelas filas de assentos. Ele foi para a parte de trás e encolheu-se em um canto, imediatamente virando a cabeça e apertando o rosto contra a janela, observando a vista do campo, novamente se sentando no lado onde poderia observar o Rio

Hudson.

Ricky sentiu-se como uma boia que se soltou das amarras, o que antes fora um importante sinalizador de bancos de areia e correntes perigosas estava agora à deriva e vulnerável. Não soube precisamente como avaliar a viagem para ver o Dr. Lewis. Acreditava que havia feito algum progresso, mas não estava certo sobre que progresso era esse. Não se sentia mais capaz de resolver tudo e descobriu a ligação com o homem que o estava perseguindo do que antes de ter viajado rio acima. Então, pensando novamente naquilo, percebeu que não era verdade. O problema, compreendeu ele, é que havia um bloqueio mental entre ele e a recordação exata. O paciente certo e o relacionamento certo pareciam simplesmente estar fora do seu alcance, não importa o quanto ele se esforçasse.

De uma coisa ele estava certo: tudo aquilo que ele se tornara na vida era irrelevante.

O erro que ele havia cometido e que estava no âmago do ódio de Rumpelstiltskin vinha de suas investidas iniciais no mundo da psiquiatria e psicanálise. Vinha exatamente do momento em que ele tinha dado as costas para a difícil e frustrante tarefa de tratar os desfavorecidos e abraçado a tarefa intelectualmente estimulante de tratar os inteligentes e abastados. Os ricos neuróticos, como um médico que ele conhecia, definia a clientela. Os perturbados "de bem".

Aquela observação o enfureceu. Jovens cometem erros. Isso é inevitável em qualquer profissão. Agora ele não era mais jovem, e não teria cometido o mesmo erro, qualquer que fosse. Estava furioso com a ideia de que estaria sendo punido por algo que fizera há mais de vinte anos e por uma escolha que não era diferente das escolhas feitas por dezenas de outros médicos nas mesmas circunstâncias. Aquilo parecia injusto e irracional. Se Ricky não estivesse tão abatido por tudo o que estava acontecendo, poderia ter visto que toda sua profissão se baseava mais ou menos no conceito de que o tempo apenas exacerba os danos causados na psique. Recanaliza esses danos. Nunca os cura.

Do lado de fora do trem, o rio fluía. Não tinha ideia de qual deveria ser seu próximo passo, mas de uma coisa estava certo: queria voltar para seu apartamento. Queria ir para algum lugar seguro, mesmo que por pouco tempo.

Ricky continuou a observar pela janela, durante toda a viagem, quase como em transe. Nas várias paradas, raramente erguia os olhos e dificilmente se mexia no banco. A última parada antes da cidade era em Croton-on-Hudson, uns cinquenta minutos antes da estação Pensilvânia. O vagão do trem ainda estava noventa por cento vazio, com dúzias de lugares vagos, de modo que Ricky se assustou quando um passageiro veio por trás e deixou-se cair pesadamente no lugar ao lado dele.

Ricky virou-se rapidamente, surpreso.

— Olá, doutor — disse animadamente Merlin, o advogado. — Este lugar está ocupado?

CAPÍTULO 16

A respiração de Merlin parecia um pouco forçada e seu rosto mostrava um leve rubor, como um homem que tivesse corrido os últimos cinquenta metros para pegar o trem. Uma fina linha de suor marcava sua testa e ele enfiou a mão no bolso do paletó, retirando um lenço branco de linho com o qual enxugou o rosto.

— Quase perdi o trem — disse ele, dando uma explicação sem que ninguém tivesse pedido. — Preciso fazer mais exercícios.

Ricky respirou fundo, antes de perguntar porque ele se encontrava ali, apesar de saber que aquela era uma pergunta muito idiota, dadas as circunstâncias.

O advogado acabou de enxugar o rosto com o lenço, esticou-o lentamente no colo, alisando-o, antes de dobrá-lo e colocá-lo novamente no bolso. Então, acomodou sua pasta de couro e uma bolsa de viagem impermeável junto aos pés. Limpou a garganta e respondeu:

— Por quê? Para encorajá-lo, Dr. Starks. Para encorajá-lo.

Ricky descobriu que sua surpresa inicial devido ao aparecimento do advogado se esvaíra. Ajeitou-se no lugar, tentando ter uma visão melhor do homem sentado ao seu lado.

— Você mentiu para mim. Fui até seu novo endereço... O advogado pareceu um pouco espantado.

— Você foi até o novo escritório?

— Logo depois que conversamos. Eles não sabiam nada a seu respeito. Ninguém no prédio sabia nada. E, logicamente, não havia nenhum escritório sendo alugado para alguém chamado Merlin. Então, quem é você, Sr. Merlin?

— Eu sou quem eu sou — disse ele. — Isso é bastante estranho.

— Sim — disse Ricky rapidamente. — Muito estranho.

— E um pouco confuso. Por que você foi até meu novo escritório logo depois de termos conversado? Qual era o propósito dessa visita, Dr. Starks? — o trem atingiu uma certa velocidade, enquanto Merlin falava, avançando levemente, de forma que os ombros dos dois homens roçaram um no outro, numa desconfortável intimidade.

— Porque não acreditei que você fosse quem disse que era, nem acreditei em nada do que disse. Uma suspeita que logo descobri ser verdade, porque quando cheguei ao endereço impresso no seu cartão de visitas...

— Eu lhe dei um cartão? — Merlin sacudiu a cabeça e abriu um leve sorriso. — No dia da mudança? Isso explica tudo.

— Sim — disse Ricky com irritação. — Você me deu. Tenho certeza de que se lembra disso...

— Aquele foi um dia difícil. Desorientador. Como é que dizem mesmo? Morte, divórcio e mudança são os três acontecimentos mais estressantes para o coração. E para a psique também, aposto.

— E o que dizem.

— Bem, o primeiro lote de cartões que encomendei veio com o endereço errado. O novo escritório fica um quarteirão adiante. A pessoa na gráfica escreveu um número errado e, infelizmente, não percebemos isso imediatamente. Devo ter entregado uma dúzia deles ou mais antes de perceber o erro. Essas coisas acontecem. Acho que o pobre empregado foi despedido, porque a gráfica teve de engolir todo o lote e fazer novos cartões — Merlin pôs a mão no bolso e retirou um pequeno porta-cartão de couro. — Aqui está — disse ele. — Este é o correto. Ofereceu um a Ricky, que olhou sem interesse e, depois, fez um largo gesto de recusa.

— Não acredito em você — disse Ricky. — Não vou acreditar em nada do que você disser. Nem agora nem nunca. Também foi você que esteve lá, em frente ao meu apartamento, com a mensagem no Times, alguns dias depois. Eu sei que era você.

— Em frente ao seu apartamento? Que estranho. Quando foi isso?

— Às cinco da manhã.

— Extraordinário! Como você pode estar tão certo de que era eu?

— O entregador descreveu perfeitamente seus sapatos. E todo o resto bem adequadamente.

Merlin sacudiu novamente a cabeça. Sorriu de uma forma maliciosa que Ricky lembrava ter visto no primeiro encontro entre eles. Era o sentimento de confiança que o advogado tinha na própria habilidade de manter-se escorregadio o bastante para não ser apanhado. Uma importante capacidade para qualquer advogado.

— Bem, embora eu goste de achar que a minha aparência e meu modo de vestir são únicos, Dr. Starks, imagino que a verdade seja um pouco mais trivial. Meus sapatos, por mais bonitos que sejam, encontram-se em qualquer loja de sapatos e são muito comuns no centro de Manhattan. Meus ternos azuis risca de giz são comprados prontos, no estilo comercial da cidade. São bons, mas acessíveis a qualquer pessoa com quinhentos dólares no bolso. Talvez num futuro próximo eu entre no grupo dos "feito sob medida". Tenho aspirações quanto a isso. Mas, ao menos por enquanto, ainda estou no quarto andar, segmento de roupas masculinas populares. Esse entregador foi capaz de descrever meu rosto? E quanto a meu cabelo lamentavelmente ralo? Não? Posso ver em sua expressão qual é a resposta. Então, tenho minhas dúvidas sobre qualquer identificação que imagine que alguém tenha feito sem nenhuma minúcia mais apurada. Certamente uma identificação que o

convenceu completamente. Acho que é mais um subproduto da sua profissão, doutor. Você pega o que as pessoas dizem e leva isso muito em consideração. Você considera as palavras ditas como um meio de chegar à verdade. Eu as vejo como um método para obscurecer a verdade.

O advogado olhou para Ricky com um meio-sorriso. E acrescentou:

— Você parece estar sob muita pressão, doutor.

— Você deveria saber disso, Sr. Merlin. Porque foram você e seu patrão que criaram tudo isso.

— Fui contratado por uma jovem mulher de quem você abusou, como lhe disse antes, doutor. Na verdade, foi isso que me fez entrar em contato com você.

— Com certeza. Quer saber, Mr. Merlin? — disse Ricky com os primeiros indícios de raiva aparecendo na voz. — Quer saber de uma coisa? Encontre outro lugar. Este está ocupado. Por mim. Eu não quero mais falar com você. Não gosto que mintam para mim da forma como mente e não quero ouvir mais nada. O trem está cheio de lugares desocupados... — Ricky gesticulou, mostrando o vagão quase vazio — ... sente-se em algum deles e deixe-me em paz. Ou pelo menos pare de mentir para mim.

Merlin não se moveu.

— Isso pode não ser muito sensato — disse lentamente.

— Talvez eu esteja cansado de ser — sensato — disse Ricky. Talvez eu deva agir precipitadamente. Agora me deixe em paz — ele não achava que o advogado agiria de acordo com sua exigência.

— E assim que tem se comportado? — respondeu Merlin. — Com sensatez? Você procurou um advogado como recomendei? Tomou as providências para proteger suas posses de ações judiciais e dívidas? Você tem sido racional e inteligente em suas decisões?

— Tomei algumas providências — respondeu Ricky. Ele não estava certo de que aquilo era verdade.

O advogado obviamente não acreditou nele. Ele sorriu.

— Bem, é bom ouvir isso. Talvez então possamos discutir um acordo. Você, seu advogado e eu.

Ricky abaixou o tom de voz.

— Você sabe quais são as exigências do acordo, não é, Sr. Merlin, ou seja lá qual for seu nome verdadeiro. Então, por favor, poderíamos acabar com essa charada que insiste em utilizar e ir direto ao motivo pelo qual você está neste trem e sentado ao meu lado?

— Ah, Dr. Starks. Percebo um pouco de desespero em sua voz.

— Bem, Sr. Merlin, quanto tempo você acha que tenho?

— Tempo, Dr. Starks? Tempo? Todo o tempo de que você precisa...

— Faça-me um favor, Sr. Merlin, saia da minha frente ou pare de mentir. Você sabe do que estou falando.

Merlin olhou Ricky de perto, com aquele mesmo sorriso felino aparecendo no canto da boca. Mas, apesar do ar de autossuficiência, perdeu um pouco daquela pretensão.

— Bem, doutor, tic-tac, tic-tac. A resposta para a sua última pergunta é essa: acho que tem menos de uma semana.

Ricky inspirou profundamente.

— Uma afirmação verdadeira. Finalmente. Agora, diga-me, quem é você?

— Isso não é importante. Só mais um jogador. Alguém contratado para fazer um serviço. E certamente não a pessoa que acha que sou.

— Então, por que está aqui?

— Já disse: para encorajá-lo.

— Muito bem, então — disse Ricky firmemente —, encoraje-me. Merlin pareceu pensar por um momento e então respondeu:

— Há uma citação na abertura do livro Meu Filho, Meu Tesouro, do Dr. Spock, que considero apropriada para este momento...

— Nunca tive a oportunidade de ler esse livro — disse Ricky.

— A citação é a seguinte: "Você sabe mais do que imagina saber". Ricky fez uma pausa, pensando antes de responder sarcasticamente:

— Maravilha! Esplêndido! Vou tentar manter isso em mente.

— Seria bom.

Ricky não replicou. Em vez disso disse:

— Por que você não entrega sua mensagem? É isso que você é afinal de contas, não é? Um garoto de recados. Então, vá em frente. O que é que você quer me fazer entender?

— Urgência, doutor. Ritmo. Velocidade.

— Como assim?

— Saca aí, doutor — disse Merlin sorrindo maliciosamente, escorregando para um linguajar não muito familiar. — Você precisa fazer sua segunda pergunta no jornal de amanhã. Precisa ir em frente, doutor. Seu tempo, se não está sendo desperdiçado, está no mínimo voando.

— Ainda não consegui formular a segunda pergunta — disse Ricky.

O advogado fez uma cara de repulsa, como se estivesse desconfortável no lugar, ou como se tivesse sentido uma pontada de dor de dente. — Era isso que tínhamos. Daí a decisão de dar-lhe mais um empurrãozinho.

Merlin abaixou-se e puxou a pasta de couro que estava junto a seus pés para o colo. Abriu-a. Ricky viu que ela continha um laptop, várias pastas de arquivo e um telefone celular. Continha também um estojo de couro com uma pequena pistola

de aço azul-acinzentado, semiautomática. O advogado puxou a pistola para o lado, sorrindo quando notou que Ricky olhava para ela e pegou o telefone. Ele levantou a tampinha do celular e ele brilhou com aquele verde eletrônico singular, tão comum no mundo moderno. Ele virou-se para Ricky.

— Não há uma pergunta em sua mente sobre a manhã de hoje? Ricky continuou a fitar a pistola antes de falar.

— Como assim?

— O que você viu esta manhã quando estava a caminho da estação de trem?

Ricky ponderou. Não sabia que Merlin, Virgílio ou Rumpelstiltskin sabiam de sua visita ao Dr. Lewis, então, de repente, percebeu que deveriam saber, pois de outra forma eles não teriam sido capazes de colocar Merlin no trem para encontrá-lo.

— O que você viu? — perguntou Merlin novamente.

A expressão de Ricky estava imóvel, sua voz, inflexível.

— Um acidente — respondeu ele.

O advogado sacudiu a cabeça.

— Você tem certeza disso, doutor?

— Sim.

— A certeza é um conceito impressionante — disse Merlin. — A vantagem de ser um advogado em relação a ser um psicanalista é que advogados trabalham em um mundo desprovido de certezas. Em vez disso, vivemos em um mundo de persuasão. Mas, agora que estou pensando nisso, talvez não seja muito diferente para você, doutor. Afinal de contas, você não foi persuadido sobre algumas coisas?

— Seja mais direto.

O advogado sorriu novamente.

— Aposto que essa é uma frase que você nunca usou com os seus pacientes, não?

— Você não é meu paciente.

— Verdade. Então, acredita que viu um acidente. Envolvendo...? Ricky não estava certo de quanto o homem sabia sobre o doutor

Lewis. Era possível que ele soubesse de tudo. Também era possível que não soubesse de nada. Ricky permaneceu em silêncio. O advogado finalmente respondeu a pergunta:

— ... envolvendo alguém que você conhecia e em quem confiava e que veio visitar com a esperança relativamente otimista de que ele pudesse ajudar você em sua atual situação. Aqui está... — ele discou uma série de números no teclado do telefone e passou o aparelho para Ricky. — Faça a sua pergunta. Aperte send para completar a chamada.

Ricky hesitou, depois pegou o telefone e fez o que fora sugerido. O telefone tocou uma vez e então alguém falou:

— Polícia Estadual de Rhinebeck. Patrulheiro Johnson falando. Em que posso ser útil?

Ricky silenciou apenas o suficiente para que a voz do patrulheiro repetisse:

— Polícia Estadual. Alô?

Então ele falou:

— Alô, patrulheiro, aqui é o Dr. Frederick Starks. Estava indo para a estação de trem esta manhã, em River Road, e aparentemente houve um acidente. Estou preocupado que tenha envolvido alguém que conheço. Você pode me informar o que aconteceu?

A resposta do patrulheiro foi curiosa, mas rápida:

— Em River Road? Esta manhã?

— Sim — disse Ricky. — Havia um patrulheiro acenando para desviar o trânsito...

— Você quer dizer hoje?

— Sim. Umas duas horas atrás.

— Lamento, doutor, mas não temos registro de nenhum acidente nesta manhã.

Ricky encostou-se com força no banco.

— Mas eu vi... envolvendo um Volvo azul. O nome da vítima é Dr. William Lewis. Ele mora em River Road...

— Hoje, não. Na verdade não temos nenhum relato de acidente nesse lugar há semanas, o que não é muito comum, devido ao verão. Estou em serviço desde as seis da manhã e não atendi nenhuma ligação para a polícia ou chamados de resgate. Você tem certeza do que viu?

Ricky respirou profundamente.

— Devo ter me enganado. Obrigado patrulheiro.

— Sem problemas — disse o homem, desligando o telefone.

A cabeça de Ricky girava vertiginosamente.

— Mas eu vi... — começou a falar.

Merlin sacudiu a cabeça.

— O que você viu? De verdade? Pense, Dr. Starks. Pense com cuidado.

— Vi um patrulheiro...

— Você viu o carro de patrulha dele?

— Não. Ele estava de pé, desviando o tráfego e disse...

— "Ele disse"... que grande frase! Então, "ele disse..." alguma coisa e você tomou isso como verdade. Você viu um homem vestido mais ou menos como um patrulheiro do estado e assumiu que fosse um. Você o viu desviar outros veículos no momento em que você estava no cruzamento?

Ricky foi forçado a sacudir sua cabeça.

— Não.

— Então, na verdade, poderia ser qualquer pessoa usando um chapéu daquele tipo. Você olhou o uniforme dele de perto?

Ricky pensou na imagem do rapaz e tudo que conseguiu lembrar foi do olhar penetrante por baixo do chapéu. Ele tentou recordar outros detalhes, mas não foi capaz de fazê-lo.

— Parecia ser um patrulheiro do estado — disse Ricky.

— Aparências significam muito pouco. Tanto no seu ramo quanto no meu, doutor — disse Merlin. — Agora, como pode ter certeza de que houve um acidente? Você viu uma ambulância? Um caminhão de bombeiros? Outros policiais ou membros do grupo de resgate? Ouviu sirenes? Talvez o barulho característico das hélices de um helicóptero?

— Não.

— Então, você simplesmente confiou nas palavras de um homem de que havia acontecido um acidente e que possivelmente envolvia alguém com quem você havia estado no dia anterior, mas não achou necessário verificar? Simplesmente correu para pegar o trem, porque acreditava que precisava voltar para a cidade, certo? Mas qual era a urgência real?

Ricky não respondeu.

— E, pelo que sabe agora, na realidade não houve acidente algum na estrada.

— Eu não sei. Talvez não. Não posso ter certeza.

— Não, você não pode ter certeza — disse Merlin. — Mas podemos estar certos de uma coisa: você achou que o que tinha para fazer era mais importante do que certificar-se de que alguém precisava de ajuda. Você deve ter isso em mente, doutor.

Ricky tentou virar-se para olhar Merlin nos olhos. Era difícil. Merlin continuava a sorrir com a irritante aparência de alguém com controle absoluto.

— Talvez você devesse tentar telefonar para a pessoa que foi visitar — disse, apontando para o celular. — Só para ter certeza de que ela está bem.

Ricky discou rapidamente o telefone do Dr. Lewis. O telefone chamou repetidamente, mas ninguém respondeu.

A surpresa anuviou seu rosto, o que Merlin percebeu. Antes que Ricky pudesse dizer alguma coisa, o advogado estava novamente falando.

— O que faz com que você esteja tão certo de que aquela casa era realmente a residência do Dr. Lewis? — perguntou Merlin com uma formalidade levemente forçada. — O que havia lá que pudesse ligar o bom médico diretamente àquele lugar? Havia fotos da família nas paredes? Algum sinal de outras pessoas? Objetos de decoração ou badulaques, alguma coisa que possamos chamar de mobília pessoal -o que havia lá para persuadi-lo de que estava realmente na casa do bom médico? Quer dizer, qualquer coisa além da presença dele.

Ricky concentrou-se, mas não viu nada em sua memória. O estúdio onde passaram a maior parte da noite era um típico estúdio. Livros nas prateleiras. Cadeiras. Luminárias. Tapetes. Alguns papéis sobre a mesa, mas nada que tenha examinado. Nada que fosse especial e que ficasse na sua lembrança. A cozinha era simplesmente uma cozinha. O corredor ligava os quartos. O quarto de hóspedes onde havia ficado à noite era incrivelmente clean.

Novamente permaneceu calado, mas sabia que esse silêncio era a resposta de que o advogado precisava.

Merlin respirou profundamente, suas sobrancelhas ergueram-se esperando por uma resposta e, então, abaixaram-se, relaxadas, tornando-se parte do conhecido sorriso que ele exibia. Ricky teve uma breve recordação de quando estava na faculdade, encarando um outro estudante do outro lado de uma mesa de pôquer, sabendo que não importa que cartas tivesse, não seriam suficientes para derrotar seu oponente.

— Deixe-me resumir, doutor — disse Merlin. — Acho que é sempre sensato fazer periodicamente uma pausa para avaliar, somar os pontos e depois continuar. Este pode ser um desses momentos. A única coisa de que pode estar certo é que você passou algumas horas na presença de um médico que conheceu anos atrás. No momento, você não tem mais certeza se aquela era mesmo a casa dele ou se ele, de fato, sofreu um acidente. Você nem mesmo sabe se o seu antigo analista está vivo, ou não, sabe?

Ricky ia replicar, mas calou-se.

Merlin continuou, abaixando bem a voz, de forma que parecesse conspiradora:

— Onde estava a primeira mentira? Onde estava a mentira definitiva? O que você viu? Todas essas perguntas...

Ele repentinamente ergueu a mão. Então sacudiu a cabeça, como quando se corrige uma criança teimosa.

— — Ricky, Ricky, Ricky, deixe-me perguntar isto: houve um acidente de carro nesta manhã?

— Não.

— Tem certeza?

— Acabei de falar com o policial. O cara disse que...

— Como sabe que falou mesmo com a polícia estadual?

Ricky hesitou. Merlin sorriu maliciosamente.

— Eu disquei o número e lhe passei o telefone. Você apertou send, certo? Bom, eu poderia ter discado qualquer número, para qualquer lugar onde uma pessoa estaria esperando pela ligação. Talvez essa seja a mentira, Ricky. Talvez o seu amigo, Dr. Lewis, esteja agora mesmo em uma mesa no Necrotério de Dutchess

esperando que algum parente venha identificá-lo.

— Mas...

— Você não entendeu o que é importante, Ricky.

— Muito bem — disse Ricky, respondendo bruscamente — o que é importante?

Os olhos do advogado apertaram-se levemente, como se tivesse se irritado com a resposta brusca de Ricky. Apontou a sacola impermeável aos seus pés.

— Talvez ele não tenha na verdade sofrido um acidente, doutor, mas em vez disso, talvez eu traga nesta mesma sacola a cabeça dele decepada. Isso seria possível, Ricky?

Ricky recuou repentinamente espantado.

— Isso é possível, Ricky? — sondou o advogado, agora com a voz sibilando.

Os olhos de Ricky desceram até a sacola. Era esportiva, sem nenhuma característica externa que pudesse indicar o que ela continha. Era grande o suficiente para conter a cabeça de uma pessoa e era impermeável, por isso poderia estar sem manchas e sem vazamentos. Mas, enquanto analisava esses elementos, Ricky sentiu a garganta seca e ficou em dúvida sobre o que o aterrorizava mais, se a ideia de que havia a cabeça de um homem conhecido a seus pés ou a ideia de não saber ao certo.

Ele ergueu o olhar na direção de Merlin.

— É possível — murmurou ele.

— É importante que compreenda que qualquer coisa é possível, Ricky. Um acidente de carro pode ser simulado. Uma queixa de assédio sexual dirigida à Sociedade de Psicanálise. Suas contas bancárias podem ser revisadas e esvaziadas. Seus parentes ou amigos, ou até mesmo os seus conhecidos podem ser assassinados. Você precisa agir, Ricky. Agir!

Havia um tremor na voz de Ricky quando ele fez a próxima pergunta.

— Vocês não têm limites? Merlin sacudiu a cabeça.

— Nenhum, na verdade. É isso que torna as coisas tão intrigantes para nós, os participantes. O sistema do jogo estabelecido pelo meu patrão é tal que qualquer coisa pode ser parte do jogo. O mesmo vale para sua profissão, eu ousaria dizer, Dr. Starks, não é?

Ricky ajeitou-se no banco.

— Suponha — disse suavemente com a voz rouca — que eu saísse daqui agora mesmo e deixasse você sentado com o que quer que tenha nessa sacola...

Novamente Merlin sorriu. Ele pegou a sacola e virou-a, mostrando a parte de cima, onde estavam gravadas as letras F.A.S. Ricky ficou olhando para as iniciais.

— Você não acha que há algo nesta sacola, além da cabeça, que a liga a você, Ricky? Você não acha que a sacola foi comprada com um dos seus cartões de crédito, antes de eles terem sido cancelados? E você não acha que o taxista, que

pegou você esta manhã e o levou para a estação, vai se lembrar que a única coisa que você carregava era uma sacola esporte azul de tamanho médio? E que ele contaria isso para qualquer detetive de homicídios que se desse ao trabalho de perguntar?

Ricky tentou passar a língua nos lábios, para encontrar um pouco de umidade em seu mundo.

— É claro — continuou Merlin — que posso levar a sacola comigo. E você pode agir como se nunca a tivesse visto antes.

— Como...

— Faça sua segunda pergunta, Ricky. Ligue para o Times agora mesmo.

— Eu não sei se eu...

— Agora, Ricky. Estamos nos aproximando da Estação Pensilvânia e quando entrarmos na parte subterrânea o telefone não vai mais funcionar e essa conversa vai terminar. Faça sua escolha, agora! — para enfatizar suas palavras, Merlin começou a discar um número em seu telefone celular. — Aqui está — disse ele, com brusca eficiência. — Liguei para os classificados do Times. Faça a pergunta, Ricky!

Ricky pegou o telefone e apertou o botão send. Logo estava falando com a mesma mulher que atendera sua ligação na semana anterior.

— Aqui é o Dr. Starks — disse lentamente —, gostaria de colocar um outro anúncio na primeira página dos classificados — enquanto falava, sua mente fervilhava rapidamente, tentando formular as palavras.

— Claro, doutor. Como está indo seu jogo? — perguntou a mulher.

— Estou perdendo — respondeu Ricky. Então disse: — Eis o que quero que seja publicado no anúncio...

Fez uma pausa, respirou profundamente e disse:

Há vinte anos, e não é brincadeira,

No hospital tratei de pessoas sem eira nem beira.

Por um emprego melhor eu as deixei de lado.

É esse o motivo de você estar desolado?

Porque fui tratar de pessoas de outra sorte,

Terá isso causado de sua mãe a morte?

A moça do anúncio repetiu as palavras para Ricky e disse: — Esta parece ser uma pista um pouco estranha para um jogo.

Ricky respondeu: — Este é um jogo estranho — depois passou o endereço para cobrança e desligou.

Merlin balançava a cabeça, concordando: — Muito bem, muito bem — disse ele. — Bastante hábil, considerando-se o estresse em que se encontra. Você deve ser bem frio, Dr. Starks. Provavelmente mais do que imagina.

— Por que simplesmente não liga para o seu patrão e o informa a respeito...

— Ricky começou a falar, mas Merlin estava sacudindo a cabeça.

— Não passa pela sua cabeça que estamos tão apartados dele quanto você? Você acha que um homem com a capacidade dele não construiria camadas e muros para isolá-lo das pessoas que executam seus mandos?

Ricky supôs que aquilo provavelmente era verdade.

O trem foi diminuindo a velocidade e abruptamente desceu para baixo da superfície da terra, deixando a claridade para trás, chacoalhando para a estação. As luzes no vagão brilharam, dando a tudo e a todos um aspecto empalidecido e amarelado. Do lado de fora, formas escuras de trilhos, trens e pilares de concreto passavam rapidamente. Ricky pensou que aquilo era como estar sendo enterrado.

Merlin levantou-se quando o trem começou a parar.

— Você nunca lê o New York Daily News, Ricky? Não, suspeito que você não seja do tipo que lê tabloides. O mais refinado, socialmente superior e mal-humorado Times é mais indicado para você. Minhas origens são muito mais humildes. Gosto do Post e do Daily News. Às vezes eles trazem coisas nas quais o Times está pouco interessado. Sabe como é, o Times cobre acontecimentos no Curdistão, o News e o Post cobrem acontecimentos no Bronx. Mas hoje, acho eu, você agiria melhor se comprasse esses jornais em vez do Times. Estou sendo absolutamente claro, Ricky? Leia o Post e o News hoje, porque há neles um relato que vai achar bastante interessante. Eu diria que é absolutamente essencial.

Merlin acenou levemente com a mão.

— Esta foi uma viagem mais que interessante, não acha, doutor? Nem deu para sentir o tempo passar — disse ele, apontando para a sacola. — Isto é para você, doutor. Um presente. Para servir de encorajamento, como eu disse.

Então Merlin virou-se, deixando Ricky sozinho no trem. — Espere! gritou Ricky. Pare!

Merlin continuou andando. Algumas pessoas viraram a cabeça na direção dele. Um outro grito estava a meio caminho na garganta de Ricky mas ele o abafou. Não queria que ninguém olhasse para ele. Não queria chamar a atenção de ninguém. Desejava mergulhar novamente na escuridão da estação e sumir no meio das sombras. A sacola esporte com suas iniciais bloqueava sua saída, como um repentino e maciço iceberg no meio do caminho.

Ele não se sentia capaz nem de pegar a sacola nem de deixá-la ali.

O coração e as mãos de Ricky pareciam tremer. Ele abaixou-se e ergueu a sacola do chão. Algo dentro dela mudou de posição e Ricky sentiu-se tonto. Por um momento ergueu o olhar, tentando encontrar algo em que pudesse amparar-se, algo normal, comum e simples que pudesse ancorá-lo a algum tipo de realidade.

Não encontrou nada.

Em vez disso, segurou o zíper na parte de cima da sacola, hesitou respirando

fundo e puxou lentamente. Abriu e olhou dentro dela.

No centro da sacola havia um grande melão. Redondo e do tamanho de uma cabeça.

Ricky explodiu em uma gargalhada. O alívio o invadiu irrompendo em gargalhadas e risos. O suor frio e o nervosismo dissiparam-se. O mundo à sua volta, que havia estado fora de controle, parou e pareceu voltar ao normal.

Ele fechou o zíper da sacola e levantou-se. O trem estava vazio, assim como a plataforma externa, exceto por dois carregadores e dois condutores com jaquetas azuis.

Jogando a sacola nos ombros, Ricky seguiu pela plataforma. Começou a pensar em seus próximos passos. Estava certo de que Rumpelstiltskin confirmaria o local e a situação em que sua mãe estivera em tratamento com ele. Ricky permitiu-se nutrir a calorosa esperança de que a clínica mantivesse os registros dos pacientes de décadas atrás. O nome que permanecia tão oculto em sua memória estaria em uma lista no hospital.

Ricky marchou em frente, com seus sapatos estalando na plataforma, ecoando na escuridão à sua volta. O centro da Estação Pensilvânia estava adiante, e ele moveu-se firme e rapidamente em direção ao brilho das luzes da estação. Enquanto marchava com determinação militar em direção à multidão iluminada, seu olhar captou um carregador, sentado em um carrinho de bagagens, lendo o Daily News enquanto esperava a chegada do próximo trem. Nesse exato momento, o homem abriu o jornal de forma que Ricky pôde ver a manchete da primeira página, escrita em letras de fôrma, que pareciam gritar por atenção. Ele leu: POLICIAL DE TRÂNSITO EM COMA POR ATROPELAMENTO.

E, abaixo disso, o subtítulo: PROCURA-SE EX-MARIDO POR AGRESSÃO...

CAPÍTULO 17

Ricky sentou-se em um banco duro de madeira no meio da Estação Pensilvânia com exemplares do News e do Post no colo, sem tomar consciência do fluxo de pessoas em volta dele, curvado como uma única árvore em um campo, inclinada pela força de um vento forte. Cada palavra que lia parecia acelerar e correr por sua imaginação como um carro descontrolado, com as rodas travadas e berrando impotentemente, incapaz de parar, seguindo inevitavelmente para uma colisão.

Os dois relatos tinham fundamentalmente os mesmos detalhes: Joanne Riggins, uma detetive de trinta e quatro anos da Delegacia de Trânsito havia sido vítima de um atropelamento na noite anterior, a menos de uma quadra de casa, enquanto atravessava a rua. A detetive permanecia em coma, ligada a aparelhos, no

Centro Médico do Brooklin, após uma cirurgia de emergência. Os prognósticos eram controversos. Testemunhas disseram aos dois jornais que um Pontiac Firebird vermelho fora visto fugindo do local do acidente. Aquele era um veículo parecido com o carro do ex-marido da detetive. Apesar de o veículo ainda não ter sido localizado, o ex-marido estava sendo interrogado pela polícia. Segundo o Post, ele afirmava que o carro tinha sido roubado na noite anterior ao atropelamento. O News revelou que uma medida cautelar havia sido expedida contra o homem pela detetive Riggins durante o processo de divórcio e uma segunda, por uma outra policial, de nome não revelado, que disseram ter corrido em direção à detetive Riggins alguns segundos após a jovem mulher ter sido atropelada pelo carro em velocidade. O jornal relatava ainda que o ex-marido havia ameaçado publicamente a vida da ex-esposa no último ano do casamento deles.

Aquela era uma história delirante de tabloides, cheia de insinuações de mau gosto sobre um estranho triângulo amoroso, sobre uma infidelidade tempestuosa e sobre paixões descontroladas que ao final haviam terminado em violência.

Ricky também sabia que tudo aquilo era basicamente uma mentira.

Não, é claro, a história toda; somente um pequeno detalhe: o motorista do carro não era o homem que a polícia estava interrogando, apesar de ele ser um suspeito bastante óbvio e conveniente. Ricky sabia que levariam um certo tempo para acreditar nas alegações de inocência do ex-marido e mais tempo ainda para verificar qualquer álibi que ele apresentasse. Ricky imaginou que o homem poderia ser considerado culpado por cada pensamento e desejo que levasse ao próprio ato e ele apostava que o homem que havia providenciado aquele acidente também sabia disso.

Ricky apertou e amassou com raiva o News, deformando as páginas e jogando-as de lado, espalhando as folhas pelo banco de madeira, quase como se estivesse torcendo o pescoço de um pequeno animal. Pensou em telefonar para os detetives encarregados do caso. Pensou em ligar para o chefe de Riggins na Delegacia de Trânsito. Tentou imaginar um dos colegas de trabalho de Riggins ouvindo a história. Sacudiu a cabeça completamente desesperado. Não havia absolutamente nenhuma chance pensou, de alguém ouvir aquilo que tinha para falar. Nem uma palavra.

Ergueu lentamente a cabeça, mais uma vez tomado pela sensação de que estava sendo observado. Investigado. De que suas reações estavam sendo avaliadas como se ele fosse o objeto de um bizarro estudo clínico. A sensação fez sua pele ficar fria e pegajosa. Seus braços arrepiaram-se. Ele olhou em volta, para a enorme e cavernosa estação. Em questão de segundos, dúzias, centenas ou talvez milhares de pessoas passaram por ele. Mas Ricky sentia-se completamente só.

Ele levantou-se, como um homem ferido, começou a caminhar para fora da

estação, dirigindo-se para o ponto de táxis. Havia um mendigo na entrada da estação pedindo esmolas, o que surpreendeu Ricky, pois a maioria dos pobres era obrigada pela polícia a ir para outros locais. Ricky parou e deixou cair um trocado qualquer no copo de isopor vazio que o homem tinha na mão.

— Pegue — disse Ricky. — Eu não preciso dela.

— Obrigado, senhor, obrigado — disse o homem. — Deus o abençoe — Ricky olhou o homem por um momento, observando as feridas em suas mãos, as lesões parcialmente escondidas pela barba desalinhada que lhe cobria o rosto. Sujo, encardido e em farrapos. Destruído pelas ruas e pela doença mental. O homem poderia ter qualquer coisa entre quarenta e sessenta anos de idade.

— Você está bem? — perguntou Ricky.

— Sim, senhor, sim, senhor. Obrigado. Deus o abençoe, o senhor é generoso. Deus o abençoe. Um trocado? — a cabeça do mendigo virou para outra pessoa que estava saindo da estação. — Não tem um trocado? — ficou repetindo monotonamente o refrão, agora ignorando Ricky que continuava parado na frente dele.

— De onde você é? — Ricky perguntou repentinamente.

O mendigo o encarou, mostrando uma súbita desconfiança.

— Daqui — disse ele cuidadosamente, apontando a calçada. — De lá — continuou, apontando para a rua. — De toda parte — concluiu, movendo os braços em um círculo em volta da cabeça.

— Onde é sua casa? — perguntou Ricky.

O homem apontou para a própria testa. Aquilo fez sentido para Ricky.

— Muito bem — disse Ricky —, tenha um bom dia.

— Sim, senhor, sim, senhor, Deus o abençoe, senhor — o homem continuou melodicamente. — Trocados?

Ricky afastou-se, pensando se o fato de ter falado com o mendigo custaria a vida dele. Ele caminhou em direção ao ponto de táxis, imaginando se cada pessoa com quem tivesse contato poderia se transformar num alvo, como havia acontecido com a detetive e como poderia ter acontecido com o Dr. Lewis. E com Zimmerman. Um ferido, um desaparecido, um morto. Ele percebeu: se eu tivesse um amigo, não poderia telefonar para ele. Se tivesse uma amante, não poderia me encontrar com ela. Se tivesse um advogado, não poderia marcar uma consulta. Se tivesse uma dor de dente, sequer poderia fazer uma restauração no dente sem colocar o dentista em perigo. Quem quer que eu toque torna-se vulnerável.

Ricky parou na calçada e observou suas mãos. Veneno, pensou ele.

Eu me tornei um veneno.

Perturbado pelo pensamento, Ricky passou pela fila de táxis. Ele continuou a caminhar, dirigindo-se para Park Avenue, o barulho e o fluxo da cidade, o incessante

movimento e som para trás, seguindo em frente de um modo que lhe parecia ser em completo silêncio, alheio ao mundo que estava à sua volta, o seu próprio mundo estreitando-se, ao que parecia, a cada passo que dava. Eram quase sessenta quarteirões até seu apartamento e ele percorreu todos eles, mal percebendo que nem parou para respirar pelo caminho.

Ricky trancou-se em seu apartamento e jogou-se na poltrona do seu escritório. Foi ali que passou o resto daquele dia e toda a noite, com medo de sair, medo de ficar quieto, medo de se lembrar, medo de deixar sua mente vazia, medo de ficar acordado, medo de dormir.

Ele deve ter adormecido perto do amanhecer, porque quando despertou o dia já estava brilhando forte do lado de fora da janela. Seu pescoço estava rijo e cada junta do corpo reclamava pela noite passada na poltrona. Levantou-se cuidadosamente e foi até o banheiro onde escovou os dentes e jogou água no rosto, parando para se olhar no espelho e observando que a tensão havia feito marcas em cada linha e ângulo de sua fisionomia. Pensou que desde os últimos dias de vida de sua esposa ele não parecia tão desesperado, o que, admitiu com melancolia, era o mais próximo da morte que alguém poderia chegar.

O calendário, com os dias marcados com "x", em cima da mesa, estava agora mais de dois terços preenchido.

Ele tentou ligar novamente para o número do Dr. Lewis, mas ouviu a mesma gravação. Ele buscou o serviço de auxílio telefônico para obter informações sobre aquela região, imaginando que talvez houvesse um novo número, mas não conseguiu nada. Pensou em ligar para o hospital ou para o necrotério a fim de descobrir o que era verdade e o que era invenção, mas se deteve. Não tinha certeza de que queria realmente saber a resposta.

A única coisa a que se agarrava era uma observação que o Dr. Lewis fizera durante a conversa deles. Tudo que Rumpelstiltskin estava fazendo parecia levar Ricky cada vez mais para perto dele.

Mas com que propósito, além da morte, Ricky não sabia.

O Times estava do lado de fora da sua porta, ele o pegou e viu que sua pergunta estava na parte superior da primeira página, junto de um anúncio procurando homens para uma pesquisa sobre impotência. O corredor do lado de fora do apartamento estava silencioso e vazio. O hall estava escuro e empoeirado. O único elevador rangia quando passava. As outras portas, todas pintadas de um preto uniforme com um número dourado no centro permaneciam fechadas. Supôs que a maioria dos outros moradores estaria de férias.

Ricky folheou rapidamente as páginas do jornal, desejando que a resposta estivesse ali em alguma parte porque, afinal de contas, Merlin ouvira sua pergunta e presumivelmente a teria transmitido ao chefe. Mas Ricky não conseguia encontrar

nenhuma evidência de que Rumpelstiltskin tivesse brincado com seu jornal. Isso não o surpreendeu. Ele não achava provável que o homem empregasse a mesma técnica duas vezes, porque isso poderia torná-lo vulnerável, talvez mais reconhecível.

A ideia de que teria de esperar vinte e quatro horas por uma resposta era impossível. Ricky sabia que precisava progredir mesmo sem ajuda. A única possibilidade que considerava viável era tentar encontrar os registros das pessoas que frequentaram a clínica onde havia trabalhado, por tão pouco tempo, vinte anos antes. Achava que era um tiro no escuro, mas pelo menos poderia dar-lhe a sensação de que estava fazendo alguma coisa além de esperar que o seu prazo final expirasse. Vestiu-se rapidamente e dirigiu-se para a porta da frente do apartamento. Mas, assim que ficou diante dela, com a mão na maçaneta, pronto para sair, parou. Sentiu uma repentina onda de ansiedade percorrendo-lhe o corpo, o batimento cardíaco acelerando-se e as têmporas começando a latejar. Era como se um calor imenso brotasse no centro do corpo e viu que sua mão tremia. Uma parte dele gritava internamente, um grande aviso, insistindo para que não saísse e dizendo que estaria desprotegido do lado de fora das portas do apartamento. E por um só instante, prestou atenção, dando um passo atrás.

Ricky inspirou profundamente, tentando controlar seu pânico desenfreado.

Reconheceu o que estava acontecendo. Havia tratado vários pacientes com ataques de ansiedade similares. Xanax, Prozac e antidepressivos de todos os tipos eram usados nessas situações e, apesar de sua relutância em prescrevê-los, ele havia sido forçado a fazer isso em mais de uma ocasião.

Mordeu os lábios compreendendo que uma coisa é tratar e outra coisa é sentir. Ricky deu mais um passo para trás, afastando-se da porta, observando a madeira grossa e imaginando que um pouco adiante, talvez no corredor, certamente do lado de fora na rua, todos os tipos de terror o aguardavam. Demônios esperando na calçada, como uma turba furiosa. Um vento maléfico pareceu envolvê-lo e pensou que se fosse para fora, certamente morreria.

Nesse exato momento parecia que cada músculo do seu corpo gritava dentro dele para que recuasse, para que entrasse no escritório, que se escondesse.

Clinicamente, compreendeu a natureza do seu pânico.

A realidade, no entanto, era bem mais dura.

Lutou contra o ímpeto de voltar, sentindo os músculos se contraírem, tensos, lamentando-se, como ocorre com uma pessoa que precisa erguer um peso e faz uma rápida avaliação, considerando a própria força, o peso e a necessidade, tudo formando uma equação que resulta na decisão de erguer e carregar, ou desistir e deixar para trás. Esse era um daqueles momentos para Ricky, e foi necessário juntar cada partícula de força que restava dentro dele para superar a sensação de medo completo e absoluto.

Como um paraquedista saltando para a escuridão inimiga e desconhecida, Ricky forçou-se a abrir a porta e sair. Foi quase doloroso ter de dar um passo adiante.

No momento em que alcançou a rua, já estava manchado de suor e tonto pelo esforço. Devia estar com os olhos arregalados, pálido e descomposto, porque um homem que passou por ele girou a cabeça e o encarou por um segundo, antes de recobrar o passo e continuar andando rapidamente. Ricky lançou-se pela calçada, movendo-se como um bêbado em direção à esquina onde poderia mais facilmente pegar um táxi que passasse em uma das avenidas.

Chegou à esquina, parou para enxugar um pouco de suor do rosto, e ficou na beira da calçada com uma mão erguida. Nesse exato momento, um táxi amarelo milagrosamente parou bem na sua frente, para desembarcar um passageiro. Ricky segurou a maçaneta para abrir a porta para quem quer que estivesse lá dentro e para, com modos urbanos, pegar para si mesmo aquele táxi.

Foi Virgílio quem saiu de lá.

— Obrigada, Ricky — disse a mulher quase indiferente. Ela ajustou os óculos escuros no rosto, sorrindo maliciosamente com a consternação que ele mostrava no olhar. — Deixei o jornal para você ler — acrescentou ela.

Sem dizer nenhuma outra palavra ela virou-se, caminhando rapidamente pela rua. Em poucos segundos ela virou a esquina e desapareceu.

— Vamos, amigo, você vai querer uma corrida? — disse abruptamente o taxista. Ricky percebeu que estava segurando a porta, parado na beira da calçada. Ele olhou para dentro do carro e viu um exemplar do Times daquele dia dobrado no assento e, sem mais pensar, entrou no carro.

— Para onde? — perguntou o homem. Ricky começou a falar e se deteve.

— A mulher que acabou de sair — disse ele — onde você a pegou?

— Ela é meio-estranha — respondeu o taxista. — Você a conhece?

— Sim. Pode-se dizer que sim.

— Bem, ela acenou para mim acerca de duas quadras, me disse para simplesmente seguir pela rua, esperar com o taxímetro rodando enquanto ela ficava sentada aí atrás sem fazer nada, exceto olhar pela janela e manter o telefone celular pendurado no ouvido, mas sem falar com ninguém, só ouvindo. De repente ela disse "Pare ali!", e apontou para onde você estava. Ela esticou uma nota de vinte pelo vidro e disse: "Esse homem é sua próxima corrida. Entendeu?". Eu disse "Como a senhorita quiser", e fiz o que ela disse. Então agora você está aqui. Ela era muito bonita, aquela moça. E então, para onde vamos?

Ricky fez uma pausa e perguntou:

— Ela não lhe deu um endereço?

O motorista sorriu.

— Na verdade, sim. Droga. Mas ela me disse que eu devia perguntar a você de qualquer jeito, ver se você conseguiria adivinhar.

Ricky sacudiu a cabeça.

— Para o Hospital Presbiteriano de Columbia. Para a clínica de pacientes externos na 125 com a West End.

— Bingo! — disse o taxista, baixando a bandeira do taxímetro e acelerando no tráfego do meio da manhã.

Ricky pegou o jornal que estava no banco de trás do táxi. Enquanto fazia isso, uma pergunta lhe ocorreu, e ele inclinou-se em direção à divisória de plástico entre o taxista e o passageiro.

— Ei — disse ele — aquela mulher, ela disse o que você deveria fazer se eu lhe desse um outro endereço? Quer dizer, de um outro lugar e não do hospital?

O taxista sorriu.

— O que é isso, um tipo de jogo?

— Pode-se dizer que sim — respondeu Ricky. — Mas não do tipo que você gostaria de jogar.

— Eu não me importaria de participar de um jogo ou dois com uma daquelas, se é que você me entende.

— Sim, você se importaria — disse Ricky. — Você pode pensar que não, mas acredite-me, você se importaria.

O homem concordou.

— Eu sei — disse ele. — Algumas mulheres, parecidas com aquela, dão mais trabalho do que deveriam. Não valem o trabalho que dão, pode-se dizer...

— E isso mesmo — disse Ricky.

— De qualquer forma, eu deveria levar você até o hospital independentemente do que você me dissesse. Ela me disse que você compreenderia quando chegássemos lá. Ela me deu uma nota de cinquenta para levar você.

— Ela tem bastante dinheiro — disse Ricky, recostando-se. Ele respirava pesadamente e o suor ainda nublava o canto de seus olhos e manchava sua camisa. Ele pegou o jornal.

Encontrou aquilo que estava procurando na página A-13, escrito com a mesma caneta vermelha, em letras de forma, por cima de um anúncio de lingerie da loja de departamentos Lord & Taylors, de forma que as palavras passavam por cima da fotografia delgada da modelo e escondiam a calcinha biquíni que ela estava exibindo.

Ricky examina suas pistas,

Chega perto, olha para trás.

Ambição e mudança nublaram suas vistas,

Ignorou a mulher, deixou-a para trás.

*Deixou-a à deriva, em um mar de aflição,
E tal abandono custou-lhe a vida, então.
Agora o filho, que viu sua culpa,
Busca vingança por sua mãe oculta,
Quem antes foi pobre, mas é rico agora,
Pode satisfazer seus desejos sem demora.
Você pode encontrá-la nos registros dos doentes,
Mas será que isso basta?
Porque, pobre Ricky, no final do dia,
Setenta e duas horas são tudo que lhe resta.*

O poema simples, como antes, parecia zombar dele, cínico no seu padrão infantil. Ele se lembrou das maravilhosas brincadeiras do jardim de infância, onde as crianças cantavam cantigas com refrões cheios de zombarias e insultos. No entanto, não havia nada de infantil nos resultados que Rumpelstiltskin tinha em mente. Ricky rasgou a página do Times, dobrou-a e colocou no bolso da calça. O resto do jornal ele jogou no chão do táxi. O motorista reclamava baixinho por causa do tráfego, desenvolvendo uma conversa contínua com cada caminhão, carro ou com os ocasionais ciclistas ou pedestres que cruzavam seu caminho e que obstruíam sua rota. O aspecto interessante sobre essas conversas do motorista é que ninguém podia escutá-la. Ele não baixava o vidro da janela para gritar obscenidades, nem buzina como alguns outros motoristas fazem por causa do trânsito. Ao contrário, aquele homem simplesmente falava, dava indicações, instruía, escolhendo as palavras enquanto dirigia seu táxi, como se, dessa forma estranha, ele se sentisse conectado ou, pelo menos, interagisse com tudo aquilo que se passava ao seu redor. Era uma coisa estranha, pensou Ricky, passar cada dia da vida tendo dúzias de conversas que não podiam ser ouvidas. E então ele ficou pensando se não era assim com todo mundo.

O taxista deixou-o na calçada em frente ao enorme complexo hospitalar. Ele viu uma entrada de emergência no final do quarteirão, com uma grande placa escrita em letras vermelhas e uma ambulância parada na porta. Ricky sentiu um arrepio passar pelas costas apesar do opressivo calor de pleno verão. Era por causa da última vez em que estivera no hospital, acompanhando a esposa, enquanto ela ainda estava lutando contra a doença que a mataria, ainda fazendo radioterapia e quimioterapia e todos os outros ataques contra os inimigos que estavam dentro do seu corpo. Os consultórios dos oncologistas ficavam em outra parte do complexo, mas isso não diminuía a sensação de impotência e medo que reaparecia nele, muito semelhante à que sentia da última vez em que estivera ali. Ele ergueu o olhar para a imponente construção. Ricky pensou que vira o hospital por três vezes em sua vida: a primeira, quando trabalhou na clínica de pacientes externos por seis meses, antes

de dedicar-se à prática particular; a segunda, quando ele fez parte da desanimadora lista de hospitais pelos quais sua esposa se arrastou em sua inútil batalha contra a morte; e esta terceira vez, quando estava voltando para encontrar o nome da paciente que ele haveria ignorado ou negligenciado, e que agora ameaçava a sua própria vida.

Ricky caminhou penosamente em frente, dirigindo-se para a entrada, curiosamente odiando o fato de saber onde eram guardados os registros médicos.

Um atendente gorducho, de meia-idade, vestindo uma berrante camisa esporte de motivo havaiano e calças caqui manchadas com alguma coisa que poderia ser tinta ou restos do almoço, parado em frente ao balcão de registros, olhou para ele com um espanto desconcertante, assim que Ricky explicou o que queria.

— Você quer exatamente o quê, de vinte anos atrás? — disse ele com incredulidade aparente.

— Todos os registros dos pacientes externos da psiquiatria pelo período de seis meses em que trabalhei aqui — disse Ricky. — Todos os pacientes que eram atendidos recebiam um número e abria-se uma ficha, mesmo que eles viessem apenas uma vez. Esses arquivos contêm todas as anotações do trabalho.

— Estou certo de que esses registros foram transferidos para o computador — disse o atendente relutantemente.

— Aposto que sim — disse Ricky. — Então, vamos verificar.

— Isso vai levar algum tempo, doutor — disse o atendente. — E tenho vários outros pedidos...

Ricky parou e pensou por um momento como era fácil para Virgílio e Merlin fazerem com que as pessoas executassem pequenos serviços para eles, simplesmente abanando dinheiro na direção delas. Ele tinha 250 dólares na carteira. Tirou 200 e os colocou no balcão.

— Isso talvez ajude a me colocar no primeiro lugar da fila.

O funcionário olhou à sua volta, viu que ninguém mais estava olhando e abiscoitou o dinheiro do balcão.

— Doutor — disse ele com um pequeno gracejo —, estou ao seu dispor — ele guardou o dinheiro e sacudiu os dedos no ar. — Vamos ver o que podemos descobrir — disse, começando a bater no teclado do computador.

Levou o resto da manhã para que os dois homens selecionassem uma lista viável de números de casos. Quando conseguiram isolar o ano crítico, não havia como determinar por computador se os números das fichas representavam homens ou mulheres, e, do mesmo jeito, não havia um código para identificar qual médico havia atendido qual paciente. Os seis meses de Ricky na clínica haviam começado em março e iam até o início de setembro. O funcionário conseguiu eliminar as fichas que se iniciavam antes ou depois. Direcionando mais a busca, Ricky supôs que a mãe de Rumpelstiltskin havia sido atendida no período de três meses, durante o

verão, vinte anos antes. Naquele período de tempo, foram abertas duzentas e setenta e nove fichas para novos pacientes.

— Se você deseja encontrar uma pessoa — disse o atendente — vai ter de pegar todas as fichas e examiná-las você mesmo. Posso pegá-las para você, mas depois é por sua conta. Não vai ser nada fácil.

— Tudo bem — disse Ricky. — Não achei que seria.

O homem mostrou a Ricky uma pequena mesa metálica na lateral da sala de registros. Havia uma cadeira de madeira dura onde

Ricky sentou-se enquanto o funcionário começou a trazer as fichas importantes para ele. Levou pelo menos dez minutos para recolher todas as 279 diferentes fichas, colocando-as no chão, perto de Ricky. O atendente forneceu-lhe um bloco de folhas amarelas e uma antiga caneta esferográfica, e deu de ombros.

— Tente mantê-las em ordem — disse ele —, de modo que eu não precise arquivá-las de volta, uma por uma. E seja cuidadoso com todas os componentes, por favor, não troque documentos e anotações de uma ficha para outra. Logicamente, não estou supondo que alguém mais vá querer vê-las, e não sei porque ainda as mantemos. Mas, não sou eu quem faz as regras por aqui.

O atendente olhou para Ricky.

— Você sabe quem faz as regras? — perguntou ele.

— Não — respondeu Ricky, enquanto pegava a primeira ficha. — Eu não. A administração do hospital, mais provavelmente.

O funcionário deu uma gargalhada.

— Ei — disse ele, enquanto voltava para o computador —, você é psiquiatra, doutor. Achei que o seu trabalho fosse ajudar as pessoas a fazerem as próprias regras.

Ricky não respondeu, mas considerou a afirmação do homem uma sábia avaliação daquilo que ele fazia. O problema, pensou, é que todos os tipos de pessoas jogavam de acordo com suas próprias regras. Especialmente Rumpelstiltskin. Ele pegou a primeira ficha do topo da primeira pilha e abriu. Aquilo era, pensou repentinamente, como abrir um arquivo da sua memória.

As horas voaram. Ler os registros era um pouco semelhante a ficar parado diante de uma cachoeira de desespero. Cada um deles continha o nome do paciente, o endereço, parente próximo e informações do seguro, caso a pessoa tivesse. Poderia ainda conter algumas anotações datilografadas em uma folha de diagnóstico, que delineavam o caso do paciente. Havia ainda sugestões de formas de tratamento. De uma forma resumida e rápida, cada nome era reduzido à sua essência psicológica. As escassas palavras nas fichas não eram capazes de esconder as verdades amargas que jaziam por trás da chegada de cada pessoa na clínica: abuso sexual, ira, espancamentos, uso de drogas, esquizofrenia, desilusões; uma caixa de Pandora de

doenças mentais. A clínica de pacientes externos do hospital era um vestígio do ativismo dos anos 60, um plano de caridade para ajudar os desafortunados, abrindo as portas do hospital para a comunidade. Devolver à sociedade era a frase de ordem daquela época. A realidade fora significativamente mais dura e substancialmente menos utópica. Os pobres da cidade sofriam de uma vasta quantidade de doenças e a clínica descobriu rapidamente que era apenas um dedo em um dique com centenas de vazamentos. Ricky chegou lá quando estava completando os estágios finais de seu treinamento psicanalítico. Pelo menos, aquela havia sido sua razão oficial. Mas quando ingressou pela primeira vez na equipe da clínica estava cheio do idealismo e da determinação da juventude. Lembrou-se de caminhar pelos corredores exibindo seu desagrado pelo elitismo da profissão na qual estava ingressando, determinado a trazer as técnicas psicanalíticas para a grande parcela de desesperados. Aquele sentimento liberal de altruísmo durara uma única semana.

Nos cinco primeiros dias, Ricky teve sua mesa roubada por um paciente buscando amostras de remédios; fora agredido por um homem irado que ouvia vozes e desferia socos; viu quando uma sessão com uma jovem foi interrompida por um cafetão, armado com uma navalha afiada, que conseguiu cortar tanto o rosto da garota que ameaçava deixá-lo quanto o braço do guarda de segurança, antes de ser rendido; e teve de levar uma pré-adolescente para a emergência para tratar das queimaduras de cigarros nos seus braços e pernas e que, mesmo assim, não contou a Ricky quem as havia feito. Ele se lembrava bastante dela; era porto-riquenha e tinha suaves e belos olhos negros, da mesma cor dos seus cabelos, e procurara a clínica sabendo que alguém estava doente e que em breve ela também estaria, sabendo-se que abuso gera abuso num nível muito mais profundo do que qualquer estudo clínico jamais poderia compreender. Ela não tinha seguro, não tinha recursos e, assim, Ricky a viu por cinco vezes, que era o que o estado permitia, tentando extrair dela informações, enquanto ela sabia que falar a respeito da pessoa que a estaria torturando poderia provavelmente lhe custar a vida. Ele lembrava que não havia esperança. E ele sabia que ainda que ela sobrevivesse, estaria condenada.

Ricky pegou outra ficha e imaginou rapidamente como conseguira permanecer seis meses na clínica. Pensou que durante todo aquele tempo ele se sentira completa e absolutamente desesperançado. Então reconheceu que o desamparo que sentia nas mãos de Rumpelstiltskin não era de todo diferente daquilo.

Com esses pensamentos agitando-lhe as emoções, concentrou-se nas 279 fichas das pessoas que atendera tantos anos atrás. Cerca de dois terços dessas pessoas eram mulheres. Como tantas outras casadas com a miséria, elas mostravam os farrapos da doença mental tão obviamente quanto os cortes e cicatrizes dos abusos que sofriam diariamente. Ele viu de tudo, desde vícios até esquizofrenias, e

se lembrava de quanto aquele trabalho fazia com que ele se sentisse impotente. Ele voltara rapidamente para a classe média-alta de onde vinha, onde se cuidava de baixa autoestima e dos problemas dela decorrentes, que, se não eram curados, poderiam ser, pelo menos, mais bem aceitos. Sentia-se idiota por tentar conversar com alguns dos seus pacientes clínicos, como se discutir pudesse resolver a angústia mental deles, quando a realidade poderia ser melhor resolvida por um revólver e algumas balas, uma escolha, lembrou ele, que alguns faziam, após reconhecer que uma prisão era preferível à outra.

Nesse momento, Ricky abriu uma outra ficha, e deparou-se com suas notas escritas à mão. Separou-as e tentou ligar o nome na ficha com as palavras que escrevera. Mas os rostos pareciam vaporosos, instáveis, como o calor ao longe, acima do leito da estrada, em um dia muito quente de verão. Quem é você? — perguntou-se. Então emendou uma segunda pergunta: o que aconteceu com você?

A poucos passos dali o atendente de registros derrubou uma caneta da mesa e abaixou-se para pegá-la, soltando um palavrão.

Ricky olhou por um momento para o homem, que se inclinava de volta para a tela do computador brilhando à sua frente. E, nesse instante, Ricky percebeu algo. Era como se a forma como as costas do homem se curvavam levemente, o tique nervoso com que batia a caneta na mesa, o modo acanhado como se abaixara, tudo falasse de uma linguagem que Ricky deveria ter entendido desde o primeiro minuto ou, pelo menos, a forma pela qual a mão do homem agarrara o dinheiro que Ricky havia oferecido. Mas Ricky era apenas um turista naquele território particular, e aquilo, pensou, explicava porque ele levava algum tempo até perceber. Saiu silenciosamente de onde estava e dirigiu-se para onde ficava o homem.

— Onde está ela? — Ricky exigiu com um tom de voz baixo. Enquanto falava, avançou e agarrou com força o colarinho do homem.

— O... o quê? — O atendente foi pego de surpresa. Ele tentou se mexer, mas a pressão dos dedos de Ricky enfiados em sua carne e seus ossos limitaram-lhe o movimento. — Que diabos!

— Onde está? — repetiu Ricky, mais agressivo.

— De que você está falando? Diabos! Me largue!

— Não até que você me diga onde ela está — disse Ricky. Nesse momento ele ergueu sua mão esquerda e agarrou a garganta do homem, que começava a se debater. — Eles não lhe contaram que estou desesperado? Eles não lhe contaram sob quanta pressão estou? Eles não lhe contaram que posso ser instável? Que posso fazer qualquer coisa?

— Não! Por favor! Pare! Droga, eles não disseram isso! Me largue!

— Onde está?

— Eles levaram!

— Eu não acredito em você.

— Mas eles levaram!

— Tudo bem. Quem exatamente a levou?

— Um homem e uma mulher. Há cerca de duas semanas. Eles vieram aqui.

— O homem estava bem vestido, era meio gorducho, disse que era advogado? A mulher era realmente linda?

— Sim! Eles mesmos. Que diabos está acontecendo?

Ricky soltou o atendente, que instantaneamente afastou-se dele.

— Meu Deus! — disse o homem arrumando seu colarinho. — Qual é o problema?

— Quanto eles lhe pagaram?

— Mais do que você. Muito mais. Eu não sabia que era tão importante, sabe. Era apenas uma ficha de muito tempo atrás que ninguém sequer olhou por duas décadas. Qual é o problema?

— Para que disseram que a queriam?

— O cara falou que era uma prova de um caso judicial, envolvendo uma herança. Eu não achei que fosse, sabe. As pessoas que vêm a esta clínica não têm muito a ver com herança, genericamente falando. Mas o homem me deu seu cartão e disse que devolveria a ficha quando não precisassem mais dela. Eu achei que não haveria problema.

— Especialmente quando ele lhe deu dinheiro.

O funcionário pareceu um pouco relutante e, então, deu de ombros.

— Mil e quinhentos. Em notas novas. Tiradas de um bolo, como uma espécie de gângster antigo. Sabe, tenho de trabalhar duas semanas para ganhar tanto dinheiro.

A coincidência da quantidade não passou despercebida a Ricky. Quinze dias que correspondiam às quinze centenas. Deu uma olhada para a pilha de fichas e pensou nas horas do dia que já havia desperdiçado. Então olhou novamente para o funcionário, encarando-o.

— Então, a ficha que necessito não está aqui?

— Lamento, doutor, não percebi que era tão importante. Você quer o cartão do cara?

— Eu já tenho um — ele continuou a encarar o homem que se movimentava em seu assento pouco confortável.

— Então eles levaram o arquivo e lhe pagaram, mas você não é assim tão estúpido, é?

O funcionário agitou-se levemente.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que você não é assim tão estúpido. E você não trabalhou na sessão de registros por todos esses anos sem ter aprendido qualquer coisa sobre

como se garantir, não é? Sendo assim, uma única ficha está faltando nessas pilhas, mas não sem que você tomasse algumas providências, certo?

— Do que você está falando?

— Você não entregou essa ficha sem antes copiá-la, certo? Não importa quanto o cara tenha pago, você desconfiou que talvez, só talvez, outra pessoa que pudesse vir procurá-la poderia ter mais dinheiro que o advogado e a mulher, certo? Na verdade, eles mesmos podem ter dito que mais outra pessoa poderia vir até aqui para procurar por ela, certo?

— Eles podem ter falado isso.

— E talvez, só talvez, você tenha imaginado que poderia ganhar mais mil e quinhentos dólares ou até mais se tivesse uma cópia dela, correto?

O homem concordou.

— Você vai me pagar também? Ricky sacudiu a cabeça.

— Considere um pagamento o fato de eu não chamar o seu chefe. O homem pareceu ponderar, avaliando a afirmação, finalmente

vendo no rosto de Ricky raiva e estresse suficientes para acreditar em sua ameaça.

— Não havia muita coisa na ficha — disse ele lentamente. — Um formulário de entrada e algumas páginas de anotações e instruções juntamente com um formulário de diagnóstico. Foi isso o que copiei.

— Passe pra cá — disse Ricky.

O funcionário fez uma pausa.

— Eu não quero mais problemas — disse ele. — Suponha que mais alguém venha procurar por isso...

— Eu sou a única outra pessoa — disse Ricky.

O homem abaixou-se e abriu uma gaveta. Tirou dela um envelope, que entregou a Ricky.

— Aqui está — disse ele. — Agora, deixe-me em paz.

Ricky deu uma olhada e viu que continha os documentos necessários. Resistiu ao impulso de abri-los ali mesmo, dizendo a si mesmo que precisaria estar sozinho quando devassasse seu passado. Ficou em pé e enfiou o envelope dentro da jaqueta.

— Isto é tudo? — perguntou ele.

O homem suspirou e então pegou um outro envelope menor na gaveta da mesa.

— Aqui está — disse ele. — Isto vai junto. Mas estava anexado do lado de fora do envelope, grampeado. Não dei para o cara. Não sei porquê. Imaginei que ele já tivesse, porque ele parecia saber tudo a respeito do caso.

— O que é isso?

— Um relatório policial e uma certidão de óbito.

Ricky inspirou bruscamente, enchendo os pulmões com o ar pesado do setor de registros do hospital.

— O que há de tão importante sobre uma mulher pobre que foi atendida no hospital vinte anos atrás? — perguntou repentinamente o atendente.

— Alguém cometeu um erro — respondeu Ricky. O homem pareceu aceitar a explicação.

— E agora alguém tem de pagar por isso? — perguntou ele.

— Parece que sim — respondeu Ricky, enquanto se preparava para sair.

CAPÍTULO 18

Ricky caminhou para fora do hospital, sentindo ainda um formigamento nas mãos, especialmente nas pontas dos dedos que havia enterrado profundamente no pescoço do atendente. Ele não conseguia se lembrar de qualquer outro momento em sua vida em que tivesse precisado usar a força para conseguir algo. Ricky acreditava viver em um mundo de persuasão e de conversas e a ideia de que houvesse usado força física para ameaçar o funcionário, mesmo que não muita, mostrou-lhe que ele estava atravessando um tipo estranho de barreira ou ultrapassando uma linha de demarcação não declarada. Ricky era um homem de palavras ou, pelo menos, era assim que se considerava até receber a carta de Rumpelstiltskin. No seu bolso estava o nome da mulher que atendera em um momento de transição em sua própria vida. Ele imaginou se estaria passando por outro daqueles momentos. E, ao mesmo tempo, imaginou se estaria parado no começo de uma estrada que o levaria a ser uma nova pessoa.

Caminhou em direção ao Rio Hudson, seguindo pelo imenso complexo hospitalar. Havia um pequeno pátio próximo da entrada do Harkness Pavilion, uma extensão da clínica, que servia aos particularmente ricos e particularmente doentes. Eram prédios enormes, de vários andares, de tijolo e concreto, que falavam de solidez e força, mantendo-se desafiadoramente de pé, diante das diversas faces dos minúsculos e frágeis organismos doentes. Ele se lembrava que o pátio era um lugar tranquilo, onde qualquer um poderia sentar-se em um banco e deixar os barulhos da cidade para trás, sozinho, remoendo seus problemas.

Pela primeira vez em quase duas semanas percebeu que a sensação de estar sendo seguido e observado havia desaparecido. Ricky estava certo de que estava sozinho. No entanto não esperava que isso durasse muito.

Não demorou para ver o banco e logo estava sentado, com a ficha e o envelope fornecidos pelo funcionário da sessão de registros no colo. Para um passante, pareceria ser simplesmente um médico ou parente de algum doente

passando alguns momentos fora do hospital para pensar sobre alguma coisa ou para fazer um lanche. Ricky hesitou, um pouco incerto sobre o que encontraria ao abrir o envelope, depois pegar a ficha.

O nome da paciente do sexo feminino que atendera vinte anos antes era Claire Tyson.

Ele olhou bem para o nome dela. Não significava nada para ele.

Nenhum rosto brotou da sua memória. Nenhuma voz ecoou nos seus ouvidos vindo de vinte anos antes. Nenhum gesto, nenhuma expressão, nenhum tom de voz cruzou a barreira dos anos. A corda da memória permaneceu em silêncio, intocável. Aquele era apenas um nome entre muitos outros daquele tempo.

A inabilidade de recordar sequer um único detalhe deixou-o gelado.

Ricky leu rapidamente o formulário de entrada. A mulher chegara à clínica num estado próximo da depressão aguda acompanhada de crises de pânico. Ela havia sido encaminhada para a clínica pela emergência, onde havia ido para se tratar de contusões e lacerações. Havia evidências de um relacionamento abusivo com um homem, que não era o pai de seus três filhos pequenos. As idades deles eram dez, oito e cinco anos, mas não havia nomes. Ela tinha apenas vinte e nove anos de idade e fornecera o endereço de um apartamento próximo ao hospital, que Ricky reconheceu logo como uma parte muito pobre da cidade. Ela não tinha seguro de assistência médica e trabalhava em meio período como vendedora em uma mercearia. Não era de Nova York mas tinha família, mencionada no campo destinado a parentes, em uma pequena cidade da Flórida. Seu número de seguro social e o telefone para contato eram os únicos outros itens no formulário de entrada.

Ele pegou a segunda página, o formulário de diagnóstico, e viu que fora escrito com a letra dele. As palavras encheram-no de medo. Elas eram resumidas, curtas e objetivas. Não havia um pinga de sentimento nem de simpatia.

A Sra. Tyson apresenta-se como uma mulher de vinte e nove anos de idade, mãe de três filhos pequenos, possivelmente num relacionamento difícil com um homem que não é o pai das crianças. Ela afirma que o pai dos seus filhos a abandonou há vários anos para aceitar um emprego nos oleodutos, no sudeste. Ela atualmente não tem assistência médica e trabalha apenas meio período, uma vez que não tem condições financeiras para pagar alguém para cuidar dos filhos. Ela recebe assistência estadual e federal, tíquetes alimentação e auxílio-moradia. Afirma ainda que não pode voltar para seu lugar de origem, Flórida, estando afastada da mãe e do pai por causa do relacionamento com o pai das crianças. Afirma também que não tem fundos disponíveis para essa mudança.

Clinicamente a Sra. Tyson parece ser uma mulher com inteligência acima da média, que se importa muito com suas crianças e com o bem-estar delas. Ela tem diploma de ensino médio e dois anos de faculdade, havendo interrompido os

estudos quando ficou grávida. Ela parece bastante subnutrida e desenvolveu um persistente tique na pálpebra direita. Ela evita contato visual quando fala sobre a sua situação, somente erguendo a cabeça quando perguntada sobre os filhos, aos quais afirma ser muito apegada. Ela nega ouvir vozes, mas admite ter súbitas explosões de lágrimas de desespero as quais é incapaz de conter. Ela afirma que só permanece viva por causa dos filhos, mas nega qualquer outra intenção suicida. Ela nega dependência ou vício em drogas e não apresenta sinais de uso de narcóticos, mas recomenda-se um exame toxicológico.

Diagnóstico Inicial: depressão aguda e persistente causada por pobreza. Distúrbio de personalidade. Possível uso de drogas.

Recomendação Médica: Tratamento como paciente externo com duração limitada pelo Estado de cinco sessões.

Sua assinatura estava na parte de baixo da página. Ele imaginou, observando sua assinatura, se naquele momento teria assinado sua própria sentença de morte.

Havia uma outra informação, na segunda página, mostrando que Claire Tyson havia voltado para vê-lo na clínica quatro vezes, e que faltara à quinta e última sessão autorizada. Assim, Ricky pensou, ao menos seu velho mentor, Dr. Lewis, estava errado sobre aquilo. Mas então ocorreu-lhe um outro pensamento e ele abriu a cópia da certidão de óbito, autenticada, e comparou aquela data com a data do início do tratamento, no seu próprio formulário clínico.

Quinze dias.

Jogou-se pesadamente para trás, no banco. A mulher havia ido até o hospital, havia sido atendida por ele e, quinze dias depois, estava morta.

A certidão de óbito parecia brilhar em sua mão e Ricky rapidamente examinou o formulário. Claire Tyson havia se enforcado no banheiro do seu apartamento, usando um cinto masculino de couro, pendurado em um cano exposto. A autópsia revelou que ela havia sido espancada pouco tempo antes de sua morte e que estava grávida de três meses. O relatório policial anexado à certidão de óbito dizia que um homem denominado Rafael Johnson havia sido interrogado a respeito do espancamento, mas não havia sido preso. As três crianças foram encaminhadas para o Juizado de Menores conforme os procedimentos habituais.

E foi isso que aconteceu, pensou Ricky.

Nenhuma das palavras impressas nos formulários diante dele chegavam nem perto de transmitir o horror da vida e morte de Claire Tyson, pensou ele. A palavra pobreza não chega nem perto de descrever o mundo de ratos, sujeira e desespero. A palavra depressão mal sugere o terrível peso que havia sobre os ombros dela. Na vida miserável em que ficou presa a jovem Claire Tyson havia apenas uma coisa que tinha significado: os três filhos.

O mais velho deles, pensou Ricky. Ela deve ter contado ao mais velho que

estava indo ao hospital para ver-me em busca de ajuda. Será que ela tinha dito que eu era sua única esperança? Que eu teria prometido a ela algo diferente? O que eu teria dito, para lhe dar alguma esperança, que ela poderia ter contado aos três filhos?

O que quer que fosse, havia sido inadequado, porque a mulher se matou.

O suicídio de Claire Tyson deve ter sido um momento decisivo nas vidas daquelas três crianças e, em particular, na vida do filho mais velho, pensou Ricky. E sequer foi levemente registrado em sua própria vida. Quando a mulher faltou à sessão final, Ricky não fez nada. Não conseguia sequer lembrar-se de ter feito uma ligação. Em vez disso, arquivou tudo numa pasta e esqueceu-se da mulher. E dos filhos dela também.

E, agora, um deles queria pegá-lo.

Encontre essas crianças e encontrará Rumpelstiltskin, pensou.

Ele levantou-se do banco, pensando que tinha muita coisa a fazer, agradecido, de uma estranha maneira, pelo fato de a pressão de tempo e prazo ser tão urgente, porque assim ele não seria forçado a considerar o que fez — ou deixou de fazer — vinte anos antes.

Ricky passou o resto do dia no inferno burocrático de Nova York. Armado apenas com um nome e um endereço de vinte anos atrás, ele vagou por salas e funcionários do Juizado de Menores no centro de Manhattan, tentando descobrir o que havia acontecido com os três filhos de Claire Tyson. A coisa frustrante a respeito da sua incursão pelo universo do funcionalismo era que ele e todas as pessoas em todos os escritórios pelos quais passou sabiam que havia algum registro sobre as crianças em algum lugar. Encontrá-lo em meio a registros inadequados em computadores e salas cheias de arquivos parecia algo impossível, ao menos inicialmente. Era claro que aquilo requeria uma busca persistente e muitas horas. Ricky desejou ser um repórter investigativo ou um detetive particular, o tipo de personalidade que tinha paciência para gastar incontáveis horas entre registros mofados. Ele não tinha. Nem tinha tempo para aquilo.

Existem três pessoas nesse mundo que estão ligadas a mim por esse delicado fio e isso pode custar a minha vida, disse a si mesmo enquanto dirigia-se para outro atendente em um outro escritório. O pensamento fez com que ele sentisse uma urgência.

Estava diante de uma mulher alta e agradável, de origem hispânica, na divisão de registros da corte juvenil. Ela tinha uma massa volumosa de cabelo negro, que puxava vigorosamente para trás, permitindo que os óculos estranhamente modernos de armação prateada dominassem sua aparência.

— Doutor — disse ela —, isso não é o bastante.

— E tudo que tenho — respondeu ele.

— Se essas três crianças foram adotadas, os registros devem estar lacrados.

Eles não podem ser abertos a não ser com ordem judicial. Isso não é algo impossível de se obter, mas é difícil, o senhor compreende? Na maioria das vezes, fazemos isso quando aparecem crianças já crescidas que procuram os pais naturais. Há um procedimento que seguimos nesses casos. Mas o que o senhor está procurando, é diferente.

— Compreendo. E eu tenho muita urgência...

— Todos temos. Todos estamos sempre apressados. O que é tão urgente depois de vinte anos?

— Uma emergência médica.

— Bem, um juiz provavelmente levaria isso em conta, você preenche alguns papéis. Pede uma ordem judicial. Então, talvez possamos fazer uma busca.

— Uma ordem judicial pode levar dias para ser concedida.

— Isso mesmo. As coisas não acontecem assim tão rápido aqui. A não ser que conheça pessoalmente um juiz. Procure alguém, traga alguma coisa assinada rapidamente.

— Tempo é importante para mim.

— E é assim para a maioria das pessoas. Lamento. Mas sabe o que pode fazer?

— O quê?

— Consiga um pouco mais de informações a respeito dessas pessoas, procure num desses programas de busca no seu computador. Talvez descubra alguma coisa. Conheço alguns órfãos que procuraram pelo próprio passado dessa forma. Funciona muito bem. Se você contrata um detetive particular, isso é a primeira coisa que ele vai fazer depois de colocar seu dinheiro no bolso.

— Eu não uso muito computadores.

— Não? Doutor, esse é o mundo moderno. Meu garoto de treze anos pode encontrar coisas que você não acreditaria. Ele até encontrou minha prima, Violetta, que eu não via nem sabia nada a respeito dela havia mais de dez anos. Ela estava trabalhando em um hospital em Los Angeles, e ele a encontrou. Não levou mais do que uns dias. Você deveria tentar.

— Vou pensar nisso — respondeu Ricky.

— Ajudaria muito se tivesse o número do seguro social ou algo do tipo, também — disse a atendente. O sotaque da sua voz era melódico, e estava claro que conversar com Ricky estava sendo uma interrupção interessante na sua rotina diária. Era quase como se, apesar de ela estar falando que o que ele queria era algo além do seu alcance, ela estivesse relutante em deixá-lo ir embora. Já estava entardecendo e provavelmente, pensou ele, ela poderia ir embora depois de atendê-lo, e assim desejou segurá-lo até a hora certa. Ele achou que precisava ir embora, mas não tinha certeza de qual deveria ser seu próximo passo.

— Que tipo de médico o senhor é? — perguntou ela repentinamente.

— Psicanalista — respondeu Ricky, observando que a resposta fez com que a atendente revirasse os olhos.

— O senhor consegue ler a mente das pessoas, doutor?

— Não é assim que funciona — disse ele.

— É, acho que não. Isso faria de você um tipo de médico-bruxo, não é? — sorriu a atendente. — Mas aposto que você é bom em adivinhar o que as pessoas farão em seguida, certo?

— Um pouco. Provavelmente não tanto quanto imagina. A mulher sorriu.

— Bem, neste mundo, se você consegue uma pequena informação e sabe usar as teclas certas, pode fazer algumas boas suposições. É assim que tudo funciona — ela gesticulou para o teclado do computador e para a tela diante dela.

— Suponho que sim — Ricky parou e olhou para as folhas de papel que havia recebido na sessão de registros do hospital. Pegou o relatório policial e viu algo que poderia ajudar. Os policiais que haviam interrogado Rafael Johnson, o namorado violento da mulher morta, haviam anotado o número do seguro social dele.

— Ei — disse Ricky repentinamente —, se eu lhe der um nome e um número de seguro social esse seu computador encontraria alguém para mim?

— Essa pessoa ainda mora aqui? Vota aqui? Foi presa, talvez?

— A resposta provavelmente é sim para as três perguntas. Ou pelo menos para duas delas. Não sei se vota.

— É provável que sim. Qual é o nome?

Ricky mostrou o nome e o número para a mulher. Ela olhou rapidamente em volta para ver se ninguém mais no escritório a observava.

— Eu não devia fazer isso — sussurrou ela —, mas você sendo médico e tudo, bem, bem... vamos ver.

Ela bateu nas teclas com as unhas vermelhas.

O computador zuniu e fez ruídos de bips eletrônicos. Ricky viu algo aparecer na tela do computador e simultaneamente as sobrancelhas finas da mulher ergueram-se com surpresa.

— Essa é uma cara muito mal, doutor. Tem certeza de que quer saber dele?

— O que diz?

— Bem, ele praticou um roubo, depois outro, uma agressão, suspeita de pertencer a uma quadrilha de ladrões de carro, cumpriu seis anos em Sing Sing por lesão corporal qualificada. Coisa pesada. Cara, é uma ficha bem suja.

A mulher leu um pouco mais e disse repentinamente:

— Oh!

— O que foi?

— Ele não terá mais nenhuma serventia, doutor.

— Por que não?

— Alguém deve ter acabado com ele.

— E?

— Morreu. Há seis meses.

— Morto?

— Isso mesmo. Diz falecido bem aqui, e tem uma data. Seis meses. Por mim, já vai tarde. Há um relatório com a informação. Tem o nome de um detetive da 41a no Bronx. O caso ainda está aberto. Parece que alguém espancou Rafael Johnson até a morte. Cruel. Realmente cruel.

— O que diz aí?

— Parece que depois de baterem nele, alguém o enforcou em um cano usando o próprio cinto dele. Isso é horrível. Horrível mesmo — a mulher sacudiu a cabeça, mas tinha um leve sorriso no rosto. Nenhuma simpatia por Rafael Johnson, um tipo que deveria ter passado com frequência por sua porta.

Ricky vacilou. Não era tão difícil para ele adivinhar quem dera cabo de Rafael Johnson. E por quê.

Do mesmo telefone público do lobby ele conseguiu localizar o detetive que preencheria o relatório de investigação criminal sobre a morte de Rafael Johnson. Ele não sabia se a ligação ajudaria muito, mas tinha de ligar, independente disso. O detetive falava de forma rápida, mas enérgica, no telefone e depois de Ricky se identificar, ele pareceu curioso sobre o motivo da ligação.

— Não recebo muitas ligações de médicos do centro da cidade. Eles geralmente não andam nos mesmos círculos que o falecido e nada saudosos Rafael Johnson. Qual o seu interesse no caso, Dr. Starks?

— Esse homem, Johnson, estava ligado a uma antiga paciente minha de vinte anos atrás. Estou tentando entrar em contato com os parentes dela e tinha a esperança de que Johnson pudesse me colocar no rumo certo.

— Duvido, doutor, a não ser que o senhor estivesse disposto a pagar. Rafi não fazia nada para ninguém a não ser que houvesse dinheiro envolvido.

— Você conheceu Johnson antes de ele ser assassinado?

— Bem, vamos dizer que ele estava nas telas de radar de um grande número de policiais daqui. Ele era um tipo perverso. Acho que você estaria em apuros se precisasse encontrar alguém por aqui que pudesse dizer alguma coisa boa sobre ele. Tráfico de drogas, invasões de domicílio, assaltos, um ou dois estupros. O pacote completo de um nojento inútil. E ele acabou bem da forma como se esperava, e para ser franco, doutor, não acredito que houve muitas lágrimas derramadas no funeral desse homem.

— Você sabe quem o matou?

— Doutor, essa é a questão. Mas a resposta é: temos uma boa ideia de quem

foi.

O coração de Ricky deu um salto com essa afirmação.

— Vocês sabem? — perguntou ele agitado. — Vocês prenderam alguém?

— Não. E provavelmente não vamos. Pelo menos não tão facilmente. Tão rápido quanto ele se encheu de esperança, ela caiu por terra.

— Por quê?

— Bem, em casos como esse, falando de modo geral, não há muitas evidências legais. Talvez alguma amostra de sangue, em caso de luta corporal, mas não achamos nada, porque parece que o velho Rafi estava muito bem amarrado quando foi espancado e quem quer que estivesse batendo nele estava usando luvas. Assim, o que realmente estamos tentando fazer é apertar um dos companheiros dele, descobrir um nome, construir assim um caso, um cara delatando o outro, até chegarmos ao assassino.

— Entendo.

— Mas ninguém quer delatar o cara que achamos ter dado cabo de Rafael Johnson.

— Por que não?

— Lealdade de presidiários. Um código de honra de Sing Sing. Estamos procurando por um cara com quem Rafael teve alguns problemas quando estavam partilhando as mesmas acomodações fornecidas pelo Estado. Parece que tiveram um grande problema na cadeia. Provavelmente resolvendo participação no mercado de drogas. Tentaram matar-se um ao outro enquanto estavam lá. Facas domésticas. Canivetes, como eles chamam. Uma forma muito desagradável de morrer, pelo que me contaram. Parece que os dois caras trouxeram a rixa para as ruas. Essa é talvez uma das histórias mais antigas do mundo. Pegaremos o cara que matou o velho Rafi quando fizemos algum progresso com os seus companheiros imbecis. Precisamos apertar um pouco, sabe.

— Então, você acredita que o assassino é alguém que Johnson conheceu na cadeia?

— Com certeza. Um cara chamado Rogers. Nunca conheceu alguém com esse nome? Cara mau. Certamente tão perverso quanto Rafael Johnson e talvez ainda um pouco pior que ele, porque o cara ainda está andando por aí, enquanto Johnson está fertilizando alguma planta em Staten Island.

— Como tem tanta certeza sobre isto?

— Não devia estar falando sobre isto com você...

— Tudo bem, compreendo se não quiser me dar mais detalhes -disse Ricky.

— Bem, não é muito comum — continuou o policial —, mas não acho que haverá problemas se você ficar sabendo, contanto que guarde para si mesmo o que vai ouvir. Esse cara, Rogers, deixou um cartão dele. Parece que queria que todos os

companheiros de Johnson soubessem quem o deixou todo quebrado, ensanguentado e espancado. Era uma pequena mensagem para os caras escondidos, eu acho. A velha mentalidade da prisão. De qualquer forma, depois de espancar Johnson por um bom tempo, acabar com o rosto dele, quebrar suas duas pernas e seis dos seus dedos, deixe-me dizer que, um pouco antes de pendurá-lo pelo pescoço, o cara teve tempo de gravar a inicial do seu nome no meio do peito de Johnson. Um grande e sangrento maldito R cortado na carne. Muito desagradável, mas deixou um recado, sem dúvida nenhuma.

— A letra R?

— Exatamente. Um belo cartão de visitas, não acha?

Sem dúvidas, pensou Ricky. E a pessoa a quem era destinado acabara de recebê-lo.

Ricky tentou não imaginar os momentos finais de Rafael Johnson. Ficou pensando se o ex-presidiário e assassino tinha alguma ideia de quem o estaria levando para a morte. Cada soco que Johnson dera na desafortunada Claire Tyson haviam sido pagos vinte anos depois, com juro. Ricky disse a si mesmo para não se fixar muito naquilo que havia aprendido, mas uma coisa era óbvia: o homem que se denominava Rumpelstiltskin havia projetado sua vingança com considerável precisão e cuidado. E os respingos dessa vingança se espalhavam ainda mais do que Ricky havia imaginado.

Pela terceira vez, Ricky telefonou para o departamento de anúncios do New York Times, para fazer sua pergunta final. Ele ainda estava parado no telefone público no lobby no prédio, com um dedo no ouvido, tentando abafar o barulho das pessoas que saíam dos escritórios. O atendente do jornal parecia irritado com Ricky, por ele ligar em cima da hora, às seis horas da tarde, para colocar o anúncio. O tom de voz do atendente era seco e direto.

— Muito bem, doutor. O que você quer que saia no anúncio? Ricky pensou e disse:

O homem por quem procuro é uma das três crianças?

Órfão quando pequeno, mas agora não é bobo,

E busca aqueles que foram tão cruéis a fim de obter vingança?

O atendente repetiu os versos para ele, sem fazer um único comentário, como se fosse imune à curiosidade. Pediu rapidamente as informações para pagamento e da mesma forma desligou o telefone. Ricky não conseguia imaginar o que haveria de tão importante na casa do atendente de forma que a pergunta que Ricky fez não tenha sequer despertado o menor dos comentários, mas estava grato por isso.

Saiu para a rua e começou a erguer a mão para chamar um táxi e então pensou, estranhamente, que era melhor ir de metrô. As ruas estavam congestionadas com o trânsito da hora do rush e um fluxo constante de pessoas descia das entranhas

de Manhattan para pegar os trens para casa. Ele juntou-se a elas, encontrando um inusitado refúgio na multidão de pessoas. O metrô estava lotado e, como não conseguia encontrar um lugar, ficou segurando na barra de metal, empurrado e sacudido pelo ritmo do trem e pela massa humana. Era quase um luxo estar protegido por tal anonimato.

Tentou não pensar que de manhã teria apenas mais quarenta e oito horas. Ele decidiu que apesar de haver colocado a pergunta no jornal, deveria admitir que já sabia a resposta, o que lhe dava dois dias para descobrir os nomes dos filhos órfãos de Claire Tyson. Ele não sabia se conseguiria fazer isso, mas pelo menos era alguma coisa em que se concentrar, uma informação concreta que poderia descobrir ou não, um feito difícil e complicado que existia em algum lugar no mundo dos documentos e da corte. Aquele não era um mundo ao qual estava acostumado, como amplamente demonstrara naquela tarde. Mas, pelo menos, era um mundo reconhecível, e isso lhe deu alguma esperança. Forçou a mente sabendo que sua esposa havia sido amiga de vários juízes e imaginando se algum deles poderia assinar uma ordem para que penetrasse nos registros de adoção. Ele sorriu imaginando que poderia fazer isso e que aquela era uma manobra que Rumplestiltskin não teria previsto.

O trem chacoalhou e sacudiu, então desacelerou, fazendo com que ele segurasse mais forte na barra de metal. Era difícil equilibrar-se e ele caiu por cima de um jovem usando mochila e cabelo comprido, que ignorou o contato físico repentino.

A parada do metrô ficava a duas quadras da casa de Ricky e ele saiu da estação agradecido por estar novamente ao ar livre. Parou um pouco, respirando o calor da calçada e então seguiu rapidamente rua abaixo. Ele não estava precisamente confiante, mas com uma sensação de propósito. Decidiu que poderia procurar a antiga agenda da esposa falecida, no depósito do porão, e começaria a ligar, naquela noite, para os juízes que ela conhecera. Um deles estaria disposto a ajudar. Aquilo não era bem um plano, mas pelo menos era alguma coisa. Enquanto caminhava rapidamente, ficou tentando descobrir se teria chegado àquele ponto no jogo porque Rumplestiltskin queria ou porque ele mesmo estava sendo esperto. E, de um modo estranho, sentiu-se repentinamente confortado pelo fato de Rumplestiltskin ter executado tão terrível vingança contra Rafael Johnson, o homem que costumava espancar a sua mãe. Ricky ficou pensando que deveria haver uma diferença significativa entre uma modesta negligência que cometera, fruto de deficiências burocráticas, e o abuso físico que Johnson praticara. Ele permitiu-se o pensamento otimista de que talvez tudo o que estava acontecendo com ele, com sua carreira, suas contas bancárias, seus pacientes, toda a desorganização e desconforto que havia sido criado em sua vida poderiam simplesmente acabar ali, com um nome e uma desculpa, e depois ele poderia empreender a tarefa de reconstruir sua vida.

Não se permitiu nem por um segundo ficar pensando na verdadeira natureza da vingança, porque era algo com o que ele não estava nem um pouco familiarizado. Nem se concentrou na ameaça que continuava pairando sobre um dos seus parentes.

Repleto de pensamentos que, se não eram exatamente positivos, guardavam pelo menos alguma semelhança com a normalidade, e com a crença de que podia ter uma chance de jogar aquele jogo com êxito, Ricky parou repentinamente assim que virou a esquina de seu quarto.

Na frente do seu prédio havia três carros de polícia, luzes piscando, um grande caminhão de bombeiros e dois veículos de serviço público. As luzes giratórias de emergência se misturavam com a obscura atmosfera da noite.

Ricky cambaleou para trás, como um bêbado ou como se tivesse levado um soco no rosto. Viu vários policiais parados diante da entrada, tagarelando com os bombeiros, que usavam capacetes e capas manchadas de suor. Um ou dois bombeiros estavam terminando a conversa e, enquanto ele caminhava naquela direção, eles se distanciaram do grupo e entraram no caminhão dos bombeiros. O ronco do motor misturou-se à sirene e o caminhão dos bombeiros desceu a rua.

Ricky se apressou, apenas subliminarmente ciente de que os homens parados na sua frente não aparentavam urgência. Quando chegou na frente da casa, estava quase sem fôlego. Um dos policiais virou-se e o deteve.

— Ei, calma aí, amigo — disse o policial.

— Essa é a minha casa — respondeu Ricky ansiosamente. — O que houve?

— Você mora aqui? — perguntou o policial, apesar de a pergunta já ter sido respondida.

— Sim — repetiu Ricky. — O que está acontecendo?

O policial não respondeu diretamente.

— Puxa vida, cara. É melhor conversar com aquele grupo de pessoas — disse ele.

Ricky olhou na direção de um outro grupo de homens. Viu um de seus vizinhos, um homem que morava dois andares acima dele, um corretor, discutindo e gesticulando com um homem do Departamento de Obras Públicas, que usava um capacete amarelo. Dois outros homens estavam por perto. Ricky viu que um deles era o síndico do prédio e o outro era o encarregado da manutenção.

O homem do DOP estava falando alto e, conforme Ricky se aproximava do grupo, ouviu o homem dizer:

— Não dou a mínima sobre o que você está dizendo sobre incomodar as pessoas. Sou eu quem decide sobre condições de habitabilidade e eu estou dizendo que de jeito nenhum!

O corretor virou-se frustrado, indo na direção de Ricky, deixando os outros homens discutindo.

— Doutor Starks — disse ele, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Pensei que o senhor já tivesse saído de férias.

— O que está acontecendo? — perguntou Ricky rapidamente.

— Uma confusão — continuou o corretor. — Uma grande confusão.

— O que é?

— O policial não lhe contou?

— Não. O que houve?

O corretor suspirou e deu de ombros.

— Bem, aparentemente houve um tipo de falha no encanamento no terceiro andar. Vários canos parecem ter explodido simultaneamente por causa de algum tipo de pressão interna. Explodiram como bombas. Litros e litros de água inundaram os dois primeiros andares, e as pessoas do terceiro e do quarto andar não têm serviço nenhum. Energia, gás, água, telefone — nada funciona.

O corretor deve ter visto a aparência de horror no rosto de Ricky, porque continuou a falar com cuidado.

— Eu sinto muito. Soube que seu apartamento foi um dos mais atingidos. Eu não vi ainda, mas...

— Meu apartamento...

— Sim. E agora esse idiota do DOP quer que todo o prédio seja evacuado até que os engenheiros entrem e verifiquem todo o lugar...

— Mas, as minhas coisas...

— Um dos caras do DOP vai acompanhá-lo para que pegue o que precisa. Estão dizendo que o lugar está perigosamente comprometido. Você tem alguém para quem ligar? Um lugar para ficar? Eu pensei que ia ficar todo o mês de agosto em Cape Cod. Achei que estivesse lá...

— Como isso aconteceu?

— Eles não sabem. Aparentemente o apartamento onde o problema começou é o que fica exatamente em cima do seu. E os Wolfsons estão em Adirondacks passando o verão. Droga, tenho de ligar para eles. Espero que tenham um número de telefone, lá em cima, onde possam ser encontrados. Você conhece um bom empreiteiro? Alguém que possa consertar o teto, o piso e tudo mais? E é melhor ligar para o seu agente de seguros, mas não acho que ele vá ficar contente com o que vai ouvir. Você precisa que ele venha imediatamente até aqui para liberar o pagamento, mas já tem alguns caras lá dentro tirando fotografias.

— Ainda não entendo...

— O cara disse que foi como se um cano simplesmente tivesse explodido. Um entupimento, talvez. Vai levar semanas para nós sabermos. Pode ter sido uma sobrecarga de gás. O que quer que tenha sido, foi o suficiente para criar a explosão. Como uma bomba.

Ricky deu um passo para trás, observando aquilo que havia sido o seu lar por um quarto de século. Era mais ou menos como receber a notícia da morte de alguém velho e familiar, importante e querido. Teve a sensação de que precisava ver o que aconteceu, de examinar, de tocar para poder acreditar. Como daquela vez em que tocou o rosto de sua esposa e sentiu um frio de porcelana na pele dela, compreendendo completamente naquele momento o que havia finalmente acontecido. Ele fez sinal para o encarregado da manutenção.

— Me leve até lá — pediu. — Me mostre.

O homem concordou insatisfeito.

— Você não vai gostar — disse ele. — Não mesmo, e seus sapatos vão ficar estragados, eu acho — o homem relutantemente lhe deu um capacete prateado. O capacete estava cheio de arranhões e marcas.

Ainda havia água pingando do teto e vazando pelas paredes do hall quando Ricky entrou no prédio, fazendo com que a tinta formasse bolhas e descascasse. A umidade era palpável, a atmosfera lá dentro estava repentinamente molhada, úmida e mofada, como em uma selva. Havia um leve odor de objetos humanos no ar e poças haviam se formado no mármore do piso, deixando a entrada escorregadia, um pouco como andar na superfície congelada de um lago, no inverno. O homem da manutenção estava caminhando poucos passos à frente de Ricky, olhando cuidadosamente onde punha os pés.

— Sente esse cheiro? Você não vai querer pegar algum tipo de infecção não é? — disse o homem por cima dos ombros.

Subiram lentamente as escadas, evitando a água parada o máximo possível, embora os sapatos de Ricky já tivessem começado a fazer barulho a cada passo, e ele pudesse sentir a umidade através do couro. No segundo andar, dois jovens, vestindo capas, botas de borracha, luvas cirúrgicas e máscaras seguravam grandes esfregões, tentando começar com as grandes poças de água de esgoto. Os esfregões faziam um barulho parecido com um tapa, quando mergulhavam na sujeira. Os homens trabalhavam lenta e deliberadamente. Um terceiro homem, também usando botas de borracha e máscara, mas vestindo um terno marrom barato, com a gravata afrouxada no pescoço, estava de pé ao lado. Ele tinha uma câmera Polaroid nas mãos e estava tirando uma foto após a outra da destruição. A luz do flash espocou e Ricky viu uma grande saliência no teto, como uma bolha gigante prestes a se romper, onde a água havia se acumulado e ameaçava encharcar o homem que estava tirando as fotografias.

A porta do apartamento de Ricky estava escancarada. O homem da manutenção disse:

— Desculpe, mas tivemos de arrombar. Estávamos tentando encontrar o ponto onde tudo começou... então ele parou de falar como se nenhuma outra

explicação fosse mais necessária, mas completou com uma única palavra — ... Merda!... — que também não precisou de nenhum complemento.

Ricky deu um único passo para dentro do apartamento e parou ali mesmo.

Era como se um furacão tivesse passado por sua casa. Havia uma camada de uns dois centímetros de água no chão. As lâmpadas estavam em curto e havia um cheiro de queimado no ar. Toda a mobília e o carpete estavam encharcados, e a maior parte deles estava claramente destruída. O teto estava arqueado e entortado em alguns pontos, em outros havia estourado, espalhando partículas de reboco, brancas como neve, por toda parte. Tiras de gesso haviam se soltado e caído em pedaços que lembravam papel machê. Muitos pontos ainda gotejavam uma água escura, tingida de marrom. Quando avançou pelo apartamento, o cheiro de esgoto que havia se insinuado no hall aumentou insistentemente, e ele quase não suportou.

A ruína estava por todo lado. Suas coisas estavam molhadas ou destruídas. Era como se uma gigantesca onda tivesse atingido o apartamento. Ele entrou cuidadosamente no consultório, parando na porta. Uma grande parte do teto havia caído em cima do divã. Sua mesa estava coberta por pedaços de gesso. Havia pelo menos três buracos diferentes no teto, todos eles gotejando, todos eles com canos expostos e estourados, pendurados como estalactites em uma caverna. A água cobria o chão. Alguns enfeites, seus diplomas e o retrato de Freud tinham caído e havia pedaços de vidro despedaçado em mais de um lugar.

— Quase como um ataque terrorista, não é? — disse o homem da manutenção. Quando Ricky deu um passo adiante, ele o alcançou e agarrou pelo braço.

— Não entre aí — disse ele.

— Minhas coisas... — Ricky começou a falar.

— Acho que o piso não é seguro — disse o homem. — E qualquer um desses canos pendurados pode se soltar a qualquer momento. O que quer que você queira provavelmente também estará destruído. É melhor sair daqui. Esse lugar é muito mais perigoso do que possa imaginar. Dê uma cheirada, doutor. Sente? Não é só o cheiro de esgoto e outras coisas. Acho que sinto cheiro de gás, também.

Ricky hesitou e então concordou.

— E o quarto? — perguntou ele.

— Está igual ao resto. Todas as roupas, também. E a cama foi atingida por um grande pedaço de teto.

— Mesmo assim, eu preciso ver — disse Ricky.

— Não, não precisa — respondeu o homem. — Não há nenhum pesadelo que se iguale a isto, então é melhor sair daqui e deixar pra lá. O seguro vai pagar por tudo.

— Minhas coisas...

— Coisas são apenas coisas, doutor. Um par de sapatos, algumas roupas, tudo pode ser substituído logo. Não vale a pena se machucar ou pegar uma doença por causa delas. Precisamos sair daqui e deixar os especialistas trabalharem. Não posso confiar no que sobrou do teto. E não posso garantir nada quanto ao piso, também. Eles vão destruir esse lugar, de cima abaixo.

Era assim que Ricky se sentia naquele exato momento. Destruído de cima abaixo. Ele virou-se e seguiu o homem. Um pequeno pedaço do teto caiu atrás deles, como se para provar aquilo que o homem dissera.

De volta à calçada, o zelador, o corretor e o homem do DOP, todos se aproximaram dele.

— Está mal? — disse o investidor. — Muito mal? Ricky sacudiu a cabeça.

— Os caras do seguro já estão vindo — continuou o investidor. Ele deu um cartão para Ricky. — Ouça, me telefone em alguns dias. Enquanto isso, você tem algum lugar para ir?

Ricky fez que sim, colocando o cartão do homem no bolso. Só tinha sobrado um lugar intocado na vida dele. Mas não tinha muita esperança de que fosse continuar assim.

CAPÍTULO 19

O resto da noite envolveu-o como uma roupa malfeita, apertada e desconfortável. Ele pressionou o rosto contra o vidro da janela, sentindo o frescor da madrugada através do vidro, quase como se diretamente para dentro dele, a escuridão de fora se juntando à desolação que ele sentia por dentro. Ricky ansiava pelo amanhecer, esperando a luz do sol clarear as suas perspectivas, mas sabendo que aquela era uma vã esperança. Ele inspirou lentamente, sentindo o ar viciado em sua língua, tentando livrar-se do peso do desespero que tomava conta dele. Não conseguiu.

Ricky estava há seis horas no ônibus leito que vai de Port Authority para Provincetown. Ele ouvia o zumbido do motor a diesel do ônibus, um constante sobe e desce, conforme o motorista mudava as marchas. Depois de uma parada em Providence, o ônibus finalmente havia chegado à Rota 6 de Cape Cod e havia começado seu lento e determinado trajeto estrada acima, desembarcando passageiros em Bourne, Falmouth, Hyannis, Eastham e, finalmente, fazendo a parada em Wellfleet, antes de seguir para P-Town nos altos do Cabo.

O ônibus estava agora um terço ocupado. No decorrer da viagem, todos os outros passageiros haviam sido rapazes ou moças, adolescentes em idade de ir para a universidade ou começar a trabalhar, dando uma escapada para passar um final de semana em Cape Cod. A previsão do tempo deve ser boa, pensou ele. Céu azul, temperatura alta. Inicialmente os jovens tinham estado barulhentos, agitados nas primeiras horas de viagem, rindo, tagarelando, comunicando-se daquela forma tão automática para os jovens, ignorando Ricky que estava sentado sozinho lá atrás, separado por barreiras muito maiores do que a simples idade. Mas o barulho monótono do motor tinha surtido efeito em quase todos os passageiros, exceto nele, e eles se esparramavam agora em várias posições, dormindo, enquanto Ricky observava os quilômetros deslizando sob as rodas, os pensamentos passando por sua cabeça tão rapidamente quanto a estrada.

Ele tinha certeza de que não havia sido um acidente com o encanamento que destruíra seu apartamento. Ele esperava que o mesmo não tivesse ocorrido com sua casa de férias.

Ela era, percebeu ele, tudo o que lhe restava.

Mentalmente avaliou o que lhe restava, um simples inventário que contribuiu mais para deprimir do que para encorajar: uma casa empoeirada de recordações. Uma Honda Accord, com dez anos de uso, levemente amassada e arranhada que ele mantinha no celeiro atrás da casa para usar apenas nas férias de verão, uma vez que nunca precisou de carro em Manhattan. Algumas roupas velhas, calças caqui,

camisas polo e suéteres com golas esgarçadas e furos de traças. Um cheque de 10.000 dólares (aproximadamente) esperando por ele no banco. Uma carreira aos frangalhos. Uma vida em completa desordem.

E cerca de trinta e seis horas para acabar o prazo de Rumpelstiltskin.

Pela primeira vez em dias, fixou-se na escolha que estava diante dele: um nome ou o anúncio de sua morte. Ou algum inocente sofreria uma punição que Ricky podia apenas imaginar. Todas aquelas terríveis variações entre a ruína e a morte. Ele não tinha mais dúvidas sobre a sinceridade do homem. Nem do seu poder de alcance e sua determinação.

Ricky pensou: apesar de ter andado de um lado para outro, tentando fazer investigações para decifrar as charadas que me apresentavam, nada mudou. Estou no mesmo ponto em que estava quando a primeira carta chegou ao meu consultório.

Depois, sacudiu a cabeça, pois não era bem assim: sua situação havia piorado significativamente. O Dr. Frederick Starks que abrira a carta no consultório bem mobiliado, no centro da cidade, cercado por uma vida cuidadosamente organizada, controlando cada minuto de cada dia, mantendo tudo na palma da mão, não mais existia. Ele havia sido um homem bem vestido, sereno e sempre bem penteado. Olhou por um momento na janela do ônibus, buscando ver seu reflexo no vidro escuro. O homem que olhou de volta para ele dificilmente se assemelhava ao homem que pensava ser antes. Rumpelstiltskin quis fazer um jogo. Mas não havia nada de esportivo no que estava acontecendo com ele.

O ônibus deu um leve solavanco e o motor desacelerou, indicando a chegada de uma outra parada. Ricky olhou para o relógio e viu que chegaria a Wellfleet perto do amanhecer.

Talvez a coisa mais maravilhosa de tirar férias, ano após ano, fosse a bênção da rotina. O ritual de chegada era o mesmo a cada ano, e o mesmo aconteceu com pequenos atos que adquiriam total familiaridade, como encontrar um velho e querido amigo depois de longa ausência. Quando a esposa morreu, Ricky decidiu firmemente manter o mesmo método para chegar à casa de férias. Todos os anos, no dia primeiro de agosto, ele pegava o mesmo voo em La Guardia para o pequeno aeroporto de Provincetown, onde a mesma companhia de táxi o levava, pelas velhas e familiares estradas, por algumas dezenas de quilômetros, até a sua casa. O processo de abrir a casa permanecia o mesmo, começando por escancarar as janelas para entrar o ar limpo do local, dobrar os lençóis velhos e puídos que cobriam a mobília de vime e de algodão e espanar a poeira que havia se acumulado sobre os móveis e prateleiras durante os meses de inverno. Antes, ele dividia todas essas tarefas. Nos últimos anos ele as executara sozinho, sempre se lembrando, enquanto atacava a modesta pilha de cartas que — na maioria, mostras de galerias e convites para festas que ele ignorava — de que fazer sozinho, as coisas que outrora compartilhara com a esposa

conferia a ela uma presença fantasma em sua vida, mas ele sentia-se confortável assim. Isso, curiosamente, fazia com que ele se sentisse menos solitário.

Neste ano, tudo estava diferente. Ele não carregava nada nas mãos, mas a bagagem que trazia era mais pesada do que qualquer outra coisa de que poderia se lembrar, mesmo considerando o primeiro verão depois da morte da esposa.

O ônibus, sem nenhuma cerimônia, deixou-o no piso negro de asfalto do estacionamento do restaurante Lobster Shanty. Ele nunca comera ali em todos aqueles anos que vinha para Cape — provavelmente desestimulado pela lagosta sorridente, usando uma babador e segurando um garfo e uma faca nas garras, que enfeitava a placa que ficava em cima da entrada do restaurante. Havia dois carros esperando ali por outros passageiros e ambos saíram com pressa, após pegar alguns dos companheiros de viagem de Ricky. Havia um leve frescor úmido na manhã e um pouco de neblina sobre as colinas. A luz do amanhecer estava deixando o mundo à sua volta cinza e vaporoso, como uma fotografia levemente fora de foco. Ricky estremeceu, parado na beira da calçada, quando sentiu o frio da manhã por baixo da camisa. Ele sabia precisamente onde estava, a cerca de cinco quilômetros de sua casa, um lugar por onde havia passado centenas de vezes. Mas ver aquele lugar naquela hora e sob aquelas circunstâncias fez com que tudo parecesse estranho, um pouco fora de harmonia, como um instrumento tocando as notas certas mas no tom errado. Por um momento, pensou em chamar um táxi, mas, depois, caminhou pesadamente pela estrada, marchando com o passo hesitante de um soldado cansado da batalha.

Levou menos de uma hora para Ricky alcançar a estrada de terra que levava até sua casa. Àquela altura, o calor inevitável e a luz do sol que a manhã de agosto anunciara haviam se reunido, um pouco da névoa que envolvia as encostas. De onde estava, perto da entrada da casa, viu três corvos negros acerca de 18 metros de distância estrada abaixo, bicando agressivamente a carcaça de um guaxinim morto. O animal havia escolhido o momento errado, na escuridão, para atravessar a estrada na noite anterior e, naquele momento, transformara-se no café da manhã de outros animais. Os corvos tinham uma maneira de comer que momentaneamente chamou a atenção de Ricky: ficavam parados diante do animal morto, mexendo as cabeças para frente e para trás, girando para a direita e para a esquerda como se estivessem inspecionando o mundo à procura de ameaças, como se compreendessem o perigo de ficar parados na estrada, e fome alguma, não importa quão severa fosse, os impediria de manter a atenção, nem mesmo por um segundo. Então, convencidos de estar seguros, seus grandes e cruéis bicos podiam descarnar a carcaça. Também bicavam um no outro, como se estivessem relutantes em dividir a abundância deixada por uma BMW ou por qualquer carro esporte em velocidade. Aquela era uma visão comum, e Ricky dificilmente teria prestado atenção nela. Mas naquela manhã, aquilo

o enfureceu, como se a cena dos corvos lhe dissesse respeito. Carniceiros, pensou Ricky furiosamente. Degustando o morto. Começou de repente a agitar os braços e a gesticular desordenadamente na direção deles. Mas os pássaros o ignoraram até que ele deu uns passos na direção deles. Então, com um coro de gritos roucos, eles voaram, fazendo círculos acima das árvores por um momento e depois retornaram, segundos depois que Ricky retomou seu caminho. Eles são mais determinados que eu, pensou Ricky, quase dominado pela frustração, e virou as costas para a cena, caminhando sem parar mas trôpego pelo túnel de árvores, com os pés levantando pequenas nuvens de poeira da superfície da estrada.

Sua casa ficava a cerca de 400 metros da estrada, mas não se via dali.

A maioria das novas construções em Cape ostentava a arrogância do dinheiro tanto em design quanto em localização. Grandes casas salpicadas em cada encosta e promontório, em qualquer lugar de onde se pudesse ter uma vista do mar. E, quando isso não era possível as casas se inclinavam, de forma a ver as clareiras ou as faixas de vegetação cerrada, cheias de árvores deformadas pelo vento que dominavam a paisagem. As novas casas eram projetadas para olhar para alguma coisa. A casa de Ricky era diferente. Construída quase cem anos atrás, tinha sido uma pequena fazenda, portanto, estava situada na beirada dos campos. Os campos, onde outrora se plantara milho, eram agora área de preservação, assim, havia um isolamento automático do local. A casa tinha paz e tranquilidade não tanto pela vista de que desfrutava, mas principalmente pela antiga ligação que possuía com a terra sob seus alicerces. Agora ela era mais como um velho grisalho e aposentado, de roupas um pouco esfarrapadas e surradas, puídas nas beiradas, que exibia suas medalhas nos feriados, mas preferia passar as horas cochilando sob a luz do sol. A casa havia feito sua tarefa por décadas e agora descansava. Ela não tinha a energia das casas modernas, onde relaxar era quase uma exigência e um requisito indispensável.

Ricky caminhou sob a sombra das árvores até que a estrada emergiu da pequena floresta e ele viu a casa no canto de um campo aberto. O fato de a casa ainda estar de pé quase o surpreendeu.

Ele parou nos degraus da frente, aliviado por ter encontrado a chave reserva embaixo do ladrilho cinza, solto, conforme esperava. Ele parou por um momento, depois destrancou a porta e entrou. O cheiro mofado de ar pesado era quase um alívio. Seus olhos absorveram rapidamente aquele mundo interior. Empoeirado e quieto.

Enquanto Ricky reconhecia as tarefas que o esperavam — limpar, espanar, deixar a casa pronta para as férias — uma exaustão quase vertiginosa tomou conta dele. Ele subiu a escada estreita, em direção ao quarto. As tábuas de madeira, empenadas e gastas pelo tempo, reclamavam sob seus passos. No quarto, ele abriu a janela, de forma que o ar quente se espalhasse sobre ele. Ele mantinha uma

fotografia da esposa falecida em uma gaveta da cômoda, um lugar curioso para guardar a foto e a lembrança dela. Tirou-a de lá e, agarrando-a com força como uma criança faria com seu ursinho de pelúcia, atirou-se na cama de casal onde dormira sozinho pelos últimos três verões, caindo quase que imediatamente em um sono profundo, mas perturbado.

Ele sentiu que o sol já havia avançado, quando abriu os olhos para o começo da tarde. Por um momento, ficou desorientado, mas depois, quando despertou um pouco mais, o mundo à sua volta entrou em foco. O mundo exterior era familiar e muito amado, mas vê-lo parecia estranho, quase como se a paisagem que outrora fora reconfortante se tornasse estranhamente inatingível. Ele não teve nenhum prazer em ver o mundo à sua volta. Como a foto da esposa, que ele ainda apertava nas mãos, ele parecia distante e de alguma forma perdido.

Ricky foi até o banheiro e jogou água fria no rosto, na pia. Seu rosto no espelho parecia ter envelhecido. Apoiou as mãos na beirada da pia e encarou-se, pensando que tinha muita coisa a fazer e não muito tempo para isso.

Começou rapidamente as tarefas rotineiras do verão. Foi até o celeiro para retirar a capa do velho Honda e ligar o carregador elétrico da bateria que mantinha ali precisamente para aquele momento a cada verão. Então, enquanto a bateria do carro estava sendo recarregada, ele voltou para casa e começou a tirar as capas da mobília e deu rapidamente vassouradas pelo chão. Havia também um antigo espanador de pó no armário, com o qual ele transformou imediatamente o interior da casa em um mundo de partículas de poeira, rodopiando nos fachos de luz do sol.

Como era costume em Cape Cod, deixou a porta da frente aberta quando saiu. Se estivesse sendo seguido, o que era possível, não queria forçar Virgílio, Merlin ou qualquer outro ligado a Rumplestiltskin a arrombar a porta. Era como se isso pudesse de alguma forma minimizar a sensação de violação. Ele não sabia se conseguiria tolerar a destruição de qualquer outra coisa em sua vida. Sua casa em Nova York, sua carreira, sua reputação, tudo que estava associado com o que Ricky imaginava ser e tudo aquilo que havia construído no decorrer da vida havia sistematicamente sido destruído. Sentiu uma fragilidade imensa tomando conta de seu coração, como se uma simples rachadura na vidraça, um arranhão na madeira, uma xícara quebrada ou uma colher entortada pudessem ser mais do que ele podia aguentar.

Deu um longo suspiro de alívio quando o Honda começou a funcionar. Testou os freios e eles pareciam estar funcionando bem. Deu marcha à ré no carro pensando o tempo todo: deve ser assim que nos sentimos quando estamos perto da morte.

Uma simpática recepcionista indicou para Ricky o cubículo envidraçado do gerente do banco que ficava ali perto. O First Cape Bank era um prédio pequeno, de

madeira, como muitas das casas mais antigas da região. Mas a parte interior era bastante moderna, de forma que os escritórios combinavam o antigo com o contemporâneo. Alguns arquitetos consideravam isso uma boa ideia, mas o resultado, pensou Ricky, era a criação de um ambiente que não pertencia a nenhuma época definida. Ainda assim, ele estava satisfeito por ainda estar ali e por ainda estar aberto.

O gerente era um homem pequeno, simpático, gorducho e com um começo de calvície, que havia sido obviamente muito bronzeada naquele verão. Ele sacudiu vigorosamente a mão de Ricky. Então recuou, olhando para Ricky com um olhar avaliador.

— O senhor está bem, doutor? Esteve doente? Ricky hesitou e, depois, respondeu:

— Estou bem. Por que pergunta?

O gerente pareceu embaraçado, abanando a mão no ar disfarçadamente, como se pudesse apagar a pergunta que havia feito.

— Desculpe-me. Não quis me intrometer.

Ricky imaginou que sua aparência devia mostrar o estresse dos dias anteriores.

— Tive um desses resfriados de verão. Realmente me derrubou... mentiu.

O gerente concordou.

— Eles podem persistir. Espero que tenha feito o teste para saber se tem a doença de Lyme. Por aqui, se uma pessoa fica um pouco mais indisposta, é a primeira coisa em que pensamos.

— Estou bem — mentiu mais uma vez.

— Bem, estávamos esperando pelo senhor, Dr. Starks. Acredito que vai encontrar tudo em ordem, mas devo dizer que este é o encerramento de conta mais incomum que já vi.

— Como assim?

— Bem, primeiro houve a tentativa não autorizada de acessar sua conta. Isso já é estranho o suficiente para um lugar como este. Então, hoje, um mensageiro entregou um pacote endereçado ao senhor, sob os cuidados do banco.

— Um pacote?

O gerente entregou um pacote do correio. Tinha o nome Ricky e o nome do gerente do banco. Havia sido enviado de Nova York. No endereço do remetente havia o número de uma caixa postal e o nome R. S. Skin. Ricky pegou o pacote, mas não abriu.

— Obrigado — disse ele.

— Desculpe pelo abuso.

O gerente do banco pegou um envelope menor da gaveta da mesa.

— Cheque nominal — disse ele.

— No total de dez mil setecentos e setenta e dois dólares. Lamentamos perder sua conta, doutor. Espero que não a estejamos perdendo para os nossos concorrentes.

— Não — Ricky olhou para o cheque.

— O senhor está vendendo a casa, doutor? Podemos fazer a intermediação na transação...

— Não. Não estou vendendo.

O gerente pareceu surpreso. — Então, por que está encerrando sua conta? Na maioria das vezes, quando contas antigas são encerradas é porque alguma grande mudança ocorreu na vida da pessoa. Uma morte, um divórcio. Às vezes, uma falência. Alguma coisa trágica ou muito complicada que faz com que as pessoas mudem completamente. Para recomeçar em algum lugar novo. Mas neste caso...

O gerente estava sondando.

Ricky foi incapaz de erguer o olhar e responder. Olhava fixamente para o cheque.

— Estava pensando, se não fosse muito inconveniente, se poderia receber a quantia em dinheiro.

O gerente revirou um pouco os olhos.

— Pode ser perigoso carregar tanto dinheiro por aí, doutor. Talvez em traveler's checks?

— Não, obrigado, você é muito gentil por se preocupar, mas dinheiro é melhor.

O gerente concordou.

— Vou pegar e já volto. Em notas de cem?

— Isso mesmo.

Ricky ficou sozinho por alguns momentos. Morte, divórcio, falência. Doença, desespero, depressão, chantagem, extorsão. Pensou que qualquer uma, ou mesmo todas essas palavras poderiam se aplicar a ele.

O gerente voltou e entregou a Ricky um outro envelope com o dinheiro.

— O senhor gostaria de contar? — perguntou.

— Não, confio em você — disse Ricky guardando o dinheiro no bolso.

— Por favor, Dr. Starks, se algum dia pudermos servi-lo novamente, aqui está o meu cartão...

Ricky também o recebeu, murmurando um agradecimento. Ele virou-se para sair e, então de repente parou, olhando novamente para o gerente.

— Por quais motivos mesmo você disse que geralmente as pessoas encerram suas contas?

— Bem, geralmente quando alguma coisa difícil acontece com elas. Quando

precisam se mudar para um novo lugar, começar uma nova carreira. Criar uma nova vida para elas mesmas e suas famílias. Temos muitos encerramentos, a grande maioria, como disse, porque clientes idosos falecem e seus bens, dos quais tomamos conta, são vendidos e jogados nos mercados mais agressivos de Wall Street pelos filhos que os herdam. Diria que quase noventa por cento dos nossos encerramentos de contas estão relacionados com morte. Talvez seja uma porcentagem até maior. E por que fiquei imaginando qual seria o seu motivo, doutor. É que isso não se encaixa no padrão ao qual estamos acostumados.

— Que interessante — disse Ricky. — Bem, por favor — fique certo de que se precisar de um banco no futuro, escolherei o seu.

Isso, de uma certa forma contentou o gerente.

— Estaremos ao seu dispor — disse ele, enquanto Ricky, digerindo o que o gerente do banco lhe dissera, virou-se e saiu para o que restava do seu penúltimo dia.

A leve escuridão do começo da noite já havia caído quando Ricky voltou para a casa da fazenda. No verão, pensou, a noite verdadeiramente pesada e espessa só chega à meia-noite ou mais. Nos campos em volta da casa, grilos chiavam, e sobre ele as primeiras estrelas da noite pintavam no céu. Aquilo tudo parecia tão calmo, pensou. Uma noite para não ter medo nem preocupações.

Ele quase esperava encontrar Merlin ou Virgílio dentro da casa, mas o interior estava silencioso e vazio. Ele acendeu as luzes e foi até a cozinha fazer uma xícara de café. Em seguida, sentou-se à mesa de madeira onde havia feito tantas refeições com a esposa, ao longo dos anos, e abriu o pacote que recebera no banco. Dentro do pacote havia simplesmente um envelope com seu nome impresso na parte de fora.

Ricky rasgou o envelope e tirou uma única folha de papel dobrada. Havia um cabeçalho no alto da página, o que conferia à carta uma aparência de uma transação de negócios rotineira. Estava escrito:

R. S. Skin

Investigações Particulares

"Todas as investigações são estritamente confidenciais". P.O. Box 66-66

Church Street Station, N.Y. 10008

Embaixo do cabeçalho estava a seguinte mensagem direta, escrita num tom profissional:

Caro Doutor Starks:

A respeito de seu recente questionamento a este escritório, temos o prazer de informar que nossos funcionários confirmam que suas suposições estão corretas. No entanto não somos capazes, neste momento, de fornecer quaisquer detalhes adicionais a respeito dos indivíduos em questão. Compreendemos que

you are working with a lot of time restriction. Consequently, rejecting any future requests, we will not be prepared to provide any additional information. If your circumstances change, please contact our office with additional questions.

The account for our services follows in twenty-four hours.

Respectfully,

R. S. Skin, President

R. S. Skin Investigative Particulars.

Ricky leu a carta três vezes antes de colocá-la na mesa.

Aquele era, pensou ele, um documento realmente extraordinário. Sacudiu a cabeça, quase com admiração, certamente com desespero. O endereço e a firma de investigação particular eram certamente fictícios. Entretanto, não era isso que era genial na carta. A genialidade estava no fato de como ela pareceria insignificante para qualquer outra pessoa, com exceção de Ricky. Qualquer outra conexão com Rumpelstiltskin havia sido apagada da vida de Ricky. Os pequenos poemas, a primeira carta, as dicas e ajudas, tudo havia sido ou destruído ou roubado. E aquela carta confirmava aquilo que Ricky precisava saber, mas de tal modo que se alguém mais a lesse, ela não chamaria nenhuma atenção. E, ainda, ela levaria qualquer pessoa que estivesse curiosa a uma imediata e impenetrável muralha de tijolos. Uma trilha que não levava a lugar algum.

Aquilo, pensou Ricky, era algo muito inteligente.

Ele sabia quem estava querendo que ele se matasse, só não sabia o nome. Sabia porque essa pessoa queria que ele se suicidasse. E ele sabia que se falhasse nessa exigência, tal pessoa tinha a capacidade de fazer precisamente aquilo que havia prometido fazer desde o primeiro dia. A conta pelos serviços.

Ele sabia que a devastação que havia sido produzida nas últimas duas semanas se evaporaria quando Ricky chegasse ao prazo final. A mentira a respeito do abuso sexual que havia destruído sua carreira, o dinheiro, o apartamento, tudo aquilo que havia caído sobre sua cabeça no decorrer de quatorze dias se desmancharia instantaneamente assim que ele estivesse morto.

Mas, além disso, pensou, o pior de tudo é que ninguém se importaria.

Ele havia se isolado, profissional e socialmente ao longo dos últimos anos. Ele estava, se não afastado, certamente desligado e distante de seus parentes. Ele não tinha uma família verdadeira, nem amigos verdadeiros. Imaginou que seu funeral estaria repleto de pessoas em roupas escuras, os rostos mostrando sentimentos e pesar falsos. Esses seriam seus colegas. Haveria algumas pessoas nos bancos da igreja que seriam antigos pacientes a quem havia ajudado, pensou. Eles mostrariam apropriadamente suas emoções. Mas era a pedra fundamental da psicanálise que um tratamento bem-sucedido colocaria todos esses pacientes em um lugar onde estariam

livres da ansiedade e da depressão. Era aquilo que ele havia projetado para eles, em anos de sessões diárias. Assim, seria pouco razoável pedir-lhes que realmente vertessem uma lágrima por causa dele.

A única pessoa a se contorcer no banco duro da igreja com uma emoção genuína seria provavelmente o homem que havia projetado a sua morte.

Estou, pensou Ricky, completamente sozinho.

Que benefício teria se pegasse a carta, circulasse o nome de R. S. Skin de vermelho e a deixasse acessível para algum detetive com um bilhete: este é o homem que fez com que eu me matasse?

Aquele homem não existia. Não pelo menos no plano onde algum policial local em Wellfleet, Massachusetts, no auge da agitada estação do verão — onde os principais crimes eram pessoas de meia-idade dirigindo embriagadas, na volta de festas, brigas domésticas, entre os ricos, e viciados tentando comprar qualquer tipo de substância ilegal — seria capaz de encontrá-lo.

E o que é pior, quem acreditaria nisso? Ao contrário, o que qualquer pessoa investigando a vida de Ricky descobriria quase que instantaneamente é que sua esposa havia falecido, que sua carreira estava em frangalhos devido a acusações de má conduta sexual, que suas finanças estavam uma bagunça e que sua casa havia acidentalmente sido destruída. Um pano de fundo fértil para uma depressão suicida.

Sua morte faria sentido para qualquer pessoa. Incluindo cada colega que tivera em Manhattan. No fundo, a morte trazida por suas próprias mãos seria um caso absolutamente típico. Ninguém pararia para pensar nem consideraria isso estranho, nem por um segundo.

Por um momento, Ricky sentiu raiva de si mesmo: você se transformou num alvo tão fácil. Ele fechou as mãos bem apertadas e bateu no tampo da mesa diante dele.

Ricky respirou profundamente e falou em voz alta:

— Você quer mesmo viver?

A sala à sua volta estava em silêncio. Ele tentou ouvir, como se esperasse por algum tipo de resposta fantasma.

— O que há de bom em sua vida, que a torne digna de continuar a ser vivida? — perguntou ele.

Novamente, a única resposta foi o murmúrio distante da noite de verão.

— Você conseguiria viver, se isso custasse a vida de alguém?

Ele respirou novamente e respondeu à própria pergunta sacudindo a cabeça.

— Você tem alguma outra escolha? O silêncio foi a resposta.

Ricky compreendeu uma coisa com uma profunda e cristalina clareza: dentro de vinte e quatro horas o Dr. Frederick Starks tinha de morrer.

CAPÍTULO 20

O último dia da vida de Ricky foi gasto em preparativos febris.

Na loja Harbor Marine Supply, comprou dois tanques de combustível para motor de popa, de vinte litros, do tipo que fica no fundo do bote ligado ao motor. Ele escolheu os tanques mais baratos, depois de pedir ajuda grosseiramente a um adolescente que trabalhava na loja. O garoto tentou convencê-lo a comprar uns tanques um pouquinho mais caros, que eram equipados com medidores de combustível e válvulas de segurança de liberação de pressão, mas Ricky os rejeitou com desdém. O garoto perguntou ainda porque ele precisava de dois tanques, e Ricky fez questão de dizer que somente um não seria apropriado para aquilo que tinha em mente. Ele demonstrava irritação e insistência e foi tão insistente e desagradável quanto pôde, até o momento em que pagou pelos tanques, em dinheiro.

Assim que acabou de pagar, Ricky parou como se estivesse lembrando de alguma coisa e, repentinamente, pediu ao garoto que mostrasse algumas pistolas náuticas de sinalização. O garoto fez o que ele pediu e trouxe meia dúzia delas. Ricky escolheu a mais barata, novamente, apesar de o adolescente adverti-lo de que aquela pistola tinha um alcance muito modesto e que o sinal chegaria apenas 15 metros de altura. Ele sugeriu outros modelos, apenas um pouco mais caros, que poderiam atirar muito mais alto, fornecendo assim uma margem extra de segurança. De novo Ricky foi grosseiro, dizendo que esperava usar a pistola apenas uma única vez e, como antes, pagou em dinheiro, após reclamar do preço.

O garoto, imaginou Ricky, estava aliviado por vê-lo sair.

Sua próxima parada foi numa farmácia de uma grande rede. Ele caminhou até a parte de trás da loja e pediu para falar com o farmacêutico responsável. O homem, vestindo um jaleco branco e com um ar levemente oficial, surgiu dos fundos. Ricky apresentou-se.

— Preciso aviar uma receita — disse ele, ele deu ao farmacêutico seu número de registro no Conselho de Medicina. — Elavil. Um frasco para trinta dias com cápsulas de trinta miligramas. Nove mil miligramas, no total.

O homem sacudiu a cabeça, mostrando mais surpresa do que discordância.

— Eu não avio uma receita assim há muito tempo, doutor. E há novas drogas no mercado que são mais eficazes, que têm efeitos colaterais mais moderados e que não são tão perigosas quanto o Elavil. Ele é quase uma antiguidade. Quase nunca é usado hoje em dia. Quero dizer, tenho um pouco no estoque que ainda está dentro do prazo de validade, mas o senhor tem certeza de que é disso que precisa?

— Absolutamente — respondeu Ricky.

O farmacêutico deu de ombros, como se dissesse que ele tinha feito todo o possível para dissuadir Ricky e para aconselhá-lo a levar um outro antidepressivo que fosse mais eficiente.

— Que nome devo colocar no rótulo? — perguntou ele.

— O meu — respondeu Ricky.

Da farmácia, Ricky foi a uma pequena papelaria. Ignorando as fileiras de cartões e mais cartões de melhoras, condolências, nascimentos, aniversários e felicitações, Ricky escolheu um bloco de papel de cartas barato e pautado, uma dúzia de envelopes e duas canetas esferográficas. No balcão onde pagou pelas compras, também comprou selos para os envelopes. Precisava de onze selos. A jovem no caixa nem olhou para ele enquanto registrava o pedido.

Ele jogou os objetos no banco de trás do Honda e seguiu rapidamente para a Route 6, em direção a Provincetown. Essa cidade, no fim do cabo, era um pouco diferente dos outros locais de veraneio vizinhos. Ali se concentrava uma grande quantidade de pessoas mais jovens e mais fashion, quase sempre gays e lésbicas, que pareciam o oposto dos médicos, advogados, escritores e acadêmicos, mais conservadores, atraídos por Wellfleet e Truro. Tudo nessas duas cidades dizia respeito a relaxar, tomar uns drinques e discutir sobre literatura e política e quem estava se divorciando ou tendo um caso, o que, portanto, sugeria um certo tédio e uma constante previsibilidade. Provincetown no verão tinha batida musical e energia sexual. Não se tratava de relaxar e descobrir ritmos, mas principalmente de ir a festas e conhecer pessoas. Era um lugar onde as exigências de energia e juventude eram exacerbadas. Havia poucas chances de que pudesse ser visto por alguém que o conhecesse, mesmo que superficialmente. Portanto, aquele era o lugar ideal para Ricky fazer suas próximas compras.

Em uma loja de artigos esportivos, comprou uma pequena mochila preta do tipo preferido pelos estudantes para carregar seus livros. Comprou ainda a carteira de documentos mais barata que havia na loja e um par de tênis. Essas compras foram feitas sem conversar com os vendedores, evitando contato visual, não se comportando furtivamente porque isso poderia chamar a atenção, mas tomando decisões de forma eficiente, de modo que a sua presença na loja fosse a mais rotineira e despercebida possível.

Dessa loja, foi para uma outra grande farmácia onde adquiriu tinta para cabelos preta, um par de óculos escuros baratos e um par de muletas de alumínio ajustáveis, não do tipo que se encaixa na axila, usadas por atletas machucados, mas aquelas usadas por um longo período, por pessoas incapacitadas por alguma doença nas quais a mão e o antebraço se encaixam num tipo de manga, formada pelas partes em que você segura e se apoia.

Deu uma outra parada em Provincetown, no terminal de ônibus Bonanza, um

pequeno escritório de beira de estrada, contendo apenas um único balcão, três cadeiras de espera e uma área de estacionamento asfaltada com capacidade para dois ou três ônibus. Ele esperou do lado de fora, usando os óculos de sol, até que um ônibus chegasse, desembarcando um bando de visitantes de final de semana, antes de entrar e fazer rapidamente sua compra.

No Honda, a caminho de casa, pensou que quase não lhe restava mais tempo naquele dia. A luz do sol batia de cheio no para-brisa do carro e o calor penetrava pelas janelas laterais abertas. Aquele era o momento, nas tardes de verão, em que as pessoas juntavam tudo para deixar a praia, chamavam as crianças para saírem da água, recolhiam suas toalhas e caixas térmicas, os baldinhos plásticos vivamente coloridos e as pazinhas, e começavam a tarefa ligeiramente desagradável de voltar para seus carros — um momento de transição, antes da rotina noturna de jantar e ver um filme, ou ir a uma festa, ou apenas ficar descansando, lendo algum romance de páginas cheias de orelhas. Era nessa hora que Ricky costumava, no passado, se deliciar com um banho morno e, depois, ficar com a mulher, conversando sobre as coisas simples da vida. Algum estágio particularmente difícil com um paciente, da parte dele, um cliente que não obtivera sucesso, da parte dela. Pequenos momentos que preenchiam os dias e que se mostravam simples, embora fascinantes, no decorrer de uma tranquila vida a dois. Ele lembrou-se daqueles momentos, perguntando-se porque não havia pensado neles desde que a esposa morrera. Essas recordações não o entristeceram, como acontece tão frequentemente quando as pessoas se lembram de companheiros que se foram, mas, na verdade, serviram de consolo. Ele sorriu porque percebeu que, pela primeira vez em vários meses, pôde lembrar-se do som da voz dela. Por um momento imaginou se ela haveria pensado a respeito dessas mesmas coisas, não os grandes e extraordinários momentos da vida, mas os corriqueiros e pequenos, que beiram a rotina, e que são tão facilmente esquecidos, quando ela mesma estava se preparando para a morte. Sacudiu a cabeça. E possível que ela tenha tentado, mas a dor causada pelo câncer era tão grande que, mesmo quando mascarada pela morfina, essas lembranças deviam sumir, o que ele lamentou profundamente.

Minha morte parece diferente, ponderou ele.

Muito diferente.

Ele rumou para um posto Texaco e parou ao lado das bombas. Saiu do Honda, tirou os tanques do porta-malas e começou a enchê-los até a borda com gasolina comum. Um adolescente que trabalhava no posto o viu fazendo aquilo e gritou.

— Ei, senhor, deve deixar espaço suficiente para o óleo se isso vai ser usado num motor de polpa. Alguns deles levam uma mistura de cinquenta para um, de cem para um, mas é preciso colocar certo no tanque...

Ricky sacudiu a cabeça.

— Não é para um motor de polpa, obrigado.

O adolescente insistiu.

— Mas esses são tanques para motor de polpa.

— Sim — disse Ricky. — Mas eu não tenho um barco.

O garoto deu de ombros. Era provavelmente temporário, pensou Ricky, um estudante local que não conseguia imaginar outra utilidade para os tanques além daquele para a qual haviam sido projetados e que colocou imediatamente Ricky na categoria que os moradores do local costumavam atribuir às pessoas que ali passavam o verão. Tratava-se de um leve desprezo e de absoluta certeza de que ninguém, de Nova York a Boston, jamais tinha a menor ideia do que estava fazendo, a qualquer momento e em qualquer situação. Ricky pagou e recolocou os tanques cheios no porta-malas do carro, um ato que até ele sabia ser algo muito perigoso e rumou para casa.

Instalou temporariamente os dois recipientes de gasolina na sala de estar e voltou para a cozinha. Repentinamente sentiu muita sede, como se houvesse gastado uma grande quantidade de energia, e encontrou uma garrafa de água mineral na geladeira, que engoliu rapidamente. As batidas de seu coração pareciam ter acelerado, conforme as horas do seu último dia se reduziam e ele disse a si mesmo para se manter calmo.

Espalhando os envelopes e o bloco de papel na mesa da cozinha, Ricky sentou-se, pegou uma das canetas esferográficas e escreveu o seguinte bilhete:

Para a Sociedade de Preservação da Natureza:

Por favor, aceitem a doação inclusa. Não peçam por mais, porque não tenho mais nada a doar e depois desta noite não estarei mais aqui. Cordialmente,
Doutor Frederick Starks

Ele tirou uma nota de cem dólares da sua reserva e colocou-a juntamente com o bilhete em um dos envelopes selados.

Em seguida, Ricky escreveu cartas similares, incluindo uma quantia similar em todos os outros envelopes selados, com exceção de um. Ele fez doações para a Sociedade Americana de Câncer, para o Sierra Club, para a Associação de Preservação Costeira, para o CARE e para o Comitê Democrático Nacional. Em todas elas, escreveu somente o nome da organização no envelope.

Quando terminou, olhou para o relógio e viu que já estava quase chegando a hora em que não recebiam mais anúncios para o Times. Ele foi até o telefone e ligou para o departamento de anúncios como fizera em outras três ocasiões.

Desta vez, no entanto, o texto do anúncio que ditou para o atendente foi diferente. Não havia rimas, nem poemas, nem perguntas. Apenas uma simples afirmação:

Senhor R.: O senhor venceu. Leia o Cape Cod Times.

Depois de fazer isso, Ricky voltou para sua cadeira na mesa da cozinha e pegou o bloco de papel. Mastigou a extremidade da caneta por um momento, enquanto compunha a carta final. Então, escreveu rapidamente:

A quem possa interessar:

Fiz o que fiz porque estava sozinho e odiava o vazio que havia em minha vida. Simplesmente não poderia suportar causar nenhum dano adicional a nenhuma outra pessoa.

Fui acusado de coisas das quais sou inocente. Mas sou culpado pelos erros que cometi com as pessoas que amei e foi isso que me levou a tomar essa decisão. Se alguém puder enviar as cartas com as várias contribuições que estou deixando, agradeceria bastante. Todas as propriedades e fundos que me pertencem devem ser vendidos e o dinheiro deve ser enviado para essas mesmas instituições de caridade. O que restar da minha propriedade aqui em Wellfleet deve tornar-se área de preservação.

Quanto aos meus amigos, se é que tenho algum, espero que me perdoem. Os meus pacientes, espero que compreendam.

E, Senhor R., que me ajudou a chegar a esta situação, espero que encontre o mais rápido possível seu próprio caminho para o inferno, porque estarei lá esperando pelo senhor.

Ele assinou a carta com capricho, colocou-a no último envelope e a endereçou para o Departamento de Polícia de Wellfleet.

Pegando a tinta de cabelos e a mochila, foi para o banheiro superior. Ricky seguiu as instruções do fabricante e, em alguns momentos, estava com o cabelo preto brilhante. Ele deu uma rápida olhada no espelho e achou a sua aparência um pouco ridícula e depois se enxugou. Na cômoda, escolheu algumas de suas roupas antigas e gastas de verão que guardava ali e as enfiou juntamente com uma jaqueta velha dentro da mochila. Deixou de fora uma muda de roupas, dobrada cuidadosamente e colocada em cima da mochila. Depois vestiu novamente as roupas que havia usado durante aquele dia. Num bolso externo da mochila colocou a fotografia da esposa falecida. Em outro bolso, colocou a última mensagem de Rumpelstiltskin e os poucos documentos restantes que detalhavam aquilo que lhe havia acontecido. Eram os papéis sobre a morte daquela mulher.

Levou a mochila e a muda de roupas, as muletas de alumínio e as cartas para o carro, deixando-as no banco do passageiro perto dos óculos baratos e do par de tênis. Então voltou para dentro da casa e sentou-se calmamente na cozinha, esperando que as horas restantes da noite passassem. Estava ansioso, um pouco intrigado e às vezes tomado por uma onda de medo. Fez bastante força para não pensar em nada, cantarolando entredentes, esvaziando a mente, o que logicamente,

não funcionou.

Ricky sabia que não poderia causar a morte de uma outra pessoa, mesmo de alguém que não conhecia, que estivesse relacionado a ele apenas por laços acidentais de sangue ou casamento.

Quanto a isso, Rumpelstiltskin estava correto desde o primeiro dia. Nada em sua vida, em seu passado, em todos os pequenos momentos que o fizeram ser quem ele era, a pessoa em que se transformara, a pessoa que ele poderia vir a ser, significava algo diante daquela ameaça. Ele sacudiu a cabeça, pensando, o Sr. R. me conhece melhor do que eu mesmo. Ele me pegou desde o início.

Ricky não sabia quem ele estava salvando, mas sabia que era alguém.

Pense nisso, disse a si mesmo.

Um pouco depois da meia-noite ele se levantou. Permitiu-se uma caminhada final pela casa, lembrando como amava cada canto, cada curva e cada rangido no piso de madeira.

Suas mãos tremeram levemente quando levou o primeiro tanque para o segundo andar, cujo conteúdo espalhou generosamente pelo chão. Encharcou a roupa de cama.

O segundo tanque foi usado da mesma forma, derramado pelo piso térreo.

Na cozinha, Ricky abriu cada uma das bocas do fogão a gás, de forma que o ambiente ficou cheio do cheiro característico de ovo estragado, com o fogão assobiando em alarme. Aquele cheiro se misturou com o da gasolina que já havia molhado suas roupas.

Pegando a pistola de sinalização, Ricky caminhou para fora da casa. Foi até o velho Honda, deu partida e levou-o para longe da casa, virado para a estrada, com o motor ligado.

Depois foi para um ponto em frente às janelas da sala. O cheiro de gasolina que vinha da casa misturava-se com o cheiro de suas mãos e roupas. Ele pensou como eram estranhos aqueles odores agressivos, misturando-se com o calor do verão e o aroma das flores silvestres, com um leve toque de sal marinho, que permeava a brisa que passava inocentemente entre as árvores. Ricky respirou fundo, tentou não pensar muito no que estava fazendo, mirou cuidadosamente com a pistola, engatilhou e, então, atirou uma única vez no centro da janela. O clarão formou um arco na noite, deixando um raio de luz branca no ar escuro entre o lugar onde ele estava e a casa. O tiro atravessou a janela com um ruído de vidro estilhaçado. Ele esperou de certa forma por uma explosão, mas em vez disso ouviu um baque abafado, seguido de um estalido e um brilho imediato. Em poucos segundos, viu as primeiras línguas de fogo dançando sobre o chão e começando a espalhar-se pela sala.

Ricky virou-se e correu para o Honda. No momento em que o carro atingiu velocidade, todo o andar térreo estava em chamas. Quando chegou à estrada, ouviu

uma explosão, conforme as chamas atingiram o gás da cozinha.

Decidiu não olhar para trás e acelerou o carro em direção à noite profunda.

Ricky dirigiu cuidadosamente até um ponto que conhecia há muito tempo chamado Hawthorne Beach. Ficava a vários quilômetros de distância, indo por uma estrada asfaltada, estreita e deserta, longe de qualquer ponto de desenvolvimento, exceto de umas poucas antigas e escuras casas de fazenda não diferentes da sua própria casa. Ele desligava os faróis quando passava por qualquer casa que pudesse estar ocupada. Havia várias praias na área de Wellfleet que poderiam servir seus propósitos, pensou ele, mas aquela era a mais isolada e era pouco provável que estivesse acontecendo alguma festa noturna de adolescentes. Havia uma pequena área de estacionamento na entrada da praia, geralmente explorada pela Trustees of Reservations, uma associação de Massachusetts dedicada à preservação das áreas mais remotas do estado. O estacionamento não comportava mais do que duas dúzias de carros e geralmente já estava lotado às nove e meia da manhã, porque aquela era uma praia espetacular, uma vasta extensão de areia plana pousada na base de um penhasco de quinze metros de areia dourada incrustada com mato, com a melhor arrebenção da região. Era um local preferido tanto por famílias atraídas pelo cenário quanto pelos surfistas que apreciavam as ondas e as marés, de modo que o esporte adquiria sempre uma pitada de perigo. No final da área de estacionamento havia uma placa que dizia: ONDAS FORTES E CORRENTES SUBMARINAS PERIGOSAS. NÃO ENTRE NA ÁGUA SEM A PRESENÇA DE SALVA-VIDAS. FIQUE ATENTO PARA SITUAÇÕES DE PERIGO.

Ricky estacionou próximo à placa. Deixou as chaves no carro, colocou os envelopes com as contribuições no painel e o envelope com a carta endereçada à Polícia de Wellfleet bem no centro do volante.

Depois, pegou as muletas, a mochila, os tênis e a muda de roupas e se afastou do carro. Colocou esses objetos no alto do penhasco, perto de uma cerca de madeira que marcava a estreita trilha para baixo, até a areia, depois de tirar a fotografia da esposa do bolso externo da mochila, ele a colocou no bolso da calça. Ouviu o barulho constante e rítmico das ondas quebrando e sentiu uma leve brisa sudeste no rosto. Ficou feliz com o barulho, porque significava que a arrebenção havia aumentado depois do pôr do sol e golpeavam a costa como um lutador frustrado.

A lua cheia espalhava uma luz pálida sobre a praia. Ela facilitou bastante sua descida difícil e instável para a beira da água.

À sua frente, como havia previsto, as ondas rosnavam como um homem embriagado, explodindo quando batiam na praia e esparramando lençóis brancos pela areia.

Uma pequena brisa gelada trazida pelo vento atingiu-o no peito, fazendo-o

hesitar e respirar profundamente.

Então Ricky tirou todas as peças de roupa que estava usando, inclusive as roupas de baixo e as juntou em uma pequena pilha, que colocou cuidadosamente na areia bem acima da marca de água que a maré noturna havia deixado, onde a primeira pessoa que olhasse na manhã seguinte certamente poderia vê-las. Ele pegou o frasco de pílulas que havia adquirido de manhã na farmácia e o esvaziou na mão, colocando o recipiente plástico junto com as roupas. Nove mil miligramas de Elavil, pensou ele. Tomadas todas de uma vez fariam uma pessoa ficar inconsciente, no máximo em cinco minutos. A última coisa que fez foi colocar a fotografia da esposa no alto da pilha, presa com a ponta do sapato. Pensou consigo mesmo: você fez muito por mim enquanto estava viva. Ajude-me mais essa vez.

Ele ergueu a cabeça e olhou para a imensidão do oceano negro diante dele. As estrelas pontilhavam o céu, como se fosse responsabilidade delas demarcar a linha entre as ondas e o céu.

E, uma bela noite para se morrer, pensou ele.

Então, despido como a manhã que nasceria dali a poucas horas, caminhou lentamente em direção à fúria das ondas.

PARTE 2

O HOMEM QUE NUNCA EXISTIU

CAPÍTULO 21

Duas semanas após a noite em que morreu, Ricky estava sentado à beira de uma cama desconfortável, que rangia cada vez que ele mudava de posição, ouvindo o ruído do tráfego distante, filtrado pelas finas paredes do quarto de motel. Aquele barulho misturava-se facilmente com o de uma televisão que, no quarto vizinho, transmitia, num volume muito alto, um jogo de beisebol. Ricky concentrou-se no som por um momento e imaginou que os Red Sox deveriam estar em Fenway, o que significava que campeonato devia estar acabando. Por um momento, pensou em ligar o aparelho que ficava num canto da sala, mas decidiu não fazê-lo. Eles vão perder, disse a si mesmo, e ele não queria experimentar mais nenhuma perda, nem mesmo uma sem importância provocada pelo sempre derrotado time de beisebol. Em vez disso, virou-se para a janela, observando a noite lá fora. Não havia abaixado a persiana e podia ver os faróis cortando a estrada interestadual próxima. Havia uma placa de néon vermelha na entrada do hotel anunciando aos motoristas tarifas de pernoite único, semanal e mensal, e também para quitinetes como a que Ricky ocupava, embora ele não conseguisse entender porque alguém ficaria naquele local mais de uma noite. Ninguém além dele, pensou com tristeza.

Levantou-se da cadeira e entrou no pequeno banheiro. Observou sua aparência no espelho acima da pia. A tinta escura que cobria seus cabelos claros estava saindo rapidamente e Ricky estava começando a recuperar sua aparência normal. Ele achava isso levemente irônico porque sabia que mesmo que algum dia voltasse a se parecer com o homem que um dia fora, jamais seria aquela mesma pessoa.

Por duas semanas ele pouco saiu do confinamento do quarto do motel. De início, passou por um tipo de choque autoinduzido, como um viciado durante uma abstinência forçada, tremendo, suando e contorcendo-se de dor. Depois, quando essa fase inicial passou, foi substituída por uma violência esmagadora, uma fúria cega e que fez com que Ricky caminhasse furiosamente pelo espaço exíguo do quarto, rangendo os dentes e com o corpo se contorcendo de raiva. Mais de uma vez ele esmurrou as paredes de tanta frustração. Uma vez, pegou um vidro no banheiro e o reduziu a pedaços com as próprias mãos, cortando-se. Inclinou-se sobre a pia, observando o sangue pingar, desejando de certa forma que cada gota de dentro dele se esvaísse simplesmente. Mas a dor que sentiu na palma da mão e nos dedos machucados fizeram que ele se lembrasse de que estava vivo e o conduziram a um novo estágio, em que todo o medo e toda a fúria finalmente cederam, como o vento acalmando depois de uma tempestade. Esse novo estágio pareceu frio para Ricky,

como o toque do metal polido em uma manhã de inverno. Nesse estágio, ele começou a fazer planos.

O motel era um lugar pobre e decrépito frequentado por caminhoneiros em longas viagens, caixeiros-viajantes e adolescentes locais buscando algumas horas de privacidade longe dos olhos controladores dos adultos. Ficava nos subúrbios de Durham, New Hampshire, um lugar que Ricky havia escolhido aleatoriamente, por ser uma cidade universitária, abrigando uma população rebelde, graças à universidade do estado. Imaginou que a atmosfera acadêmica lhe daria acesso aos jornais regionais de que poderia precisar e lhe proporcionaria um mundo transitório que o ajudaria a manter-se escondido. Essa suposição, até agora, mostrava-se correta.

No final da segunda semana de sua morte, ele começou a fazer pequenos passeios pelo mundo. Nas primeiras ocasiões, limitou-se à distância à qual seus pés poderiam conduzi-lo. Ele não falava com ninguém, evitava o contato visual, limitando-se a ruas abandonadas e vizinhanças tranquilas, quase como se esperasse ser reconhecido, ou pior, como se fosse a qualquer momento ouvir o tom de voz zombeteiro de Virgílio ou Merlin por cima de seus ombros. Mas seu anonimato permaneceu intacto e a confiança cresceu dentro dele. Ele rapidamente expandiu seus horizontes, tomando um ônibus que fazia um giro pela pequena cidade, descendo em qualquer lugar, explorando o mundo desconhecido em que havia acabado de entrar.

Em um desses passeios, descobriu uma loja de roupas usadas onde comprou um paletó azul, inesperadamente bem cortado e barato e umas calças e umas camisas. Ele encontrou uma pasta de couro usada em uma loja próxima. Trocou os óculos por lentes de contato compradas em uma ótica. Esses poucos itens, juntos com uma gravata deram-lhe a aparência de alguém do meio acadêmico, respeitável, mas não importante. Achou que não chamaria a atenção e comemorou sua invisibilidade.

Na mesa da quitinete, em seu pequeno quarto, havia exemplares do Cape Cod Times e do New York Times dos dias seguintes à sua morte. O jornal de Cape havia colocado a história no final da primeira página com o título: MÉDICO IMPORTANTE E APARENTE SUICIDA, CASA DE FAZENDA DESTRUÍDA EM INCÊNDIO. O repórter tivera acesso à maioria dos detalhes que Ricky havia plantado, desde a gasolina comprada naquela manhã e colocada nos galões recém-adquiridos, que depois havia sido espalhada pela casa, até a carta suicida e as contribuições em dinheiro para as instituições. Ele havia ainda conseguido descobrir que algumas "alegações de conduta inapropriada" haviam sido atribuídas a Ricky, apesar de o repórter não ter mencionado nada a respeito do jogo inventado por Rumpelstiltskin e executado dramaticamente por Virgílio. O artigo mencionava ainda

a morte de sua esposa três anos antes e sugeria que Ricky estivera recentemente passando por problemas financeiros que poderiam ter contribuído para a decisão de suicídio. Aquele era, pensou Ricky, um excelente trabalho escrito, bem pesquisado e cheio de detalhes persuasivos, exatamente como esperava. O obituário do New York Times, que apareceu um dia depois, havia sido resumido demais, com apenas uma ou duas sugestões de possíveis justificativas para sua morte. Ele ficou olhando para a reportagem com um sentimento de irritação: com um pouco de raiva e aborrecimento por constatar que todas as realizações de sua vida pareciam caber em quatro parágrafos de um jornalismo resumido e limitado. Ele achava que tinha dado muito mais ao mundo, mas depois compreendeu que talvez isso não tivesse importância, e isso o fez refletir por um momento. O obituário também informava que nenhum serviço memorial fora planejado, e Ricky percebeu que esse era um dado muito mais importante. Ele suspeitou que a falta de um serviço em sua homenagem refletia o trabalho que Rumpelstiltskin e Virgílio haviam feito com as alegações de má conduta sexual. Nenhum de seus colegas em Manhattan ia querer se comprometer indo a um evento que homenageasse o trabalho e a pessoa de Ricky, quando tantas coisas relacionadas a ele estavam sendo questionadas. Imaginou que vários dos seus colegas analistas na cidade teriam lido no jornal as notícias sobre sua morte e pensado que aquela era uma excelente prova das invenções de Rumpelstiltskin e ao mesmo tempo uma verdadeira sorte, pois a profissão fora poupada de um momento desagradável, caso as acusações viessem à tona no The New York Times, como inevitavelmente teriam vindo. Esse pensamento criou em Ricky uma certa raiva para com os membros da própria profissão, e, por um momento, disse a si mesmo que era melhor ter saído daquele meio.

Ficou pensando se, até o primeiro dia de suas férias, havia sido igualmente cego.

As duas histórias dos jornais afirmavam que sua morte aparentemente havia sido causada por afogamento e que as unidades da Guarda Costeira estavam procurando pelo corpo de Ricky nas águas do Cabo. No entanto, o Cape Cod Times, para alívio de Ricky, dizia que o comandante local afirmara que a recuperação do corpo de Ricky era algo extremamente improvável, considerando as fortes marés na área de Hawthorne Beach.

Quando refletiu sobre isso, Ricky imaginou que aquela havia sido a melhor morte que poderia ter criado, em tão pouco tempo.

Esperava que todas as pistas do próprio suicídio tivessem sido descobertas, desde a receita para a overdose que ele aparentemente teria tomado antes de entrar nas ondas, até sua inesquecível e pouco característica grosseria com o garoto na loja de produtos náuticos. Seria suficiente, disse a si mesmo, para satisfazer à polícia local, mesmo sem um corpo para autópsia. Seria suficiente também, esperava ele,

para convencer Rumpelstiltskin de que seu plano para Ricky havia se concretizado com sucesso.

A estranheza de ler sobre o próprio suicídio gerou nele uma agitação interna que ele estava tendo problemas para superar. O estresse de seus últimos quinze dias de vida, desde que Rumpelstiltskin entrou em sua vida até o momento em que caminhou para a beirada da água, cuidadosamente deixando pegadas na areia molhada, havia colocado Ricky em algo que ele achava que nenhum texto psiquiatra jamais considerava.

Medo, exaltação, confusão, alívio — todos os tipos de emoções contraditórias — o inundaram, quase no momento do seu primeiro passo, quando, sentindo a água entre seus dedos, jogou o punhado, de pílulas no mar e depois se virou e caminhou pela beira da água, por uma centena de metros, distante o suficiente para que as novas pegadas, quando saiu da água gelada, não fossem percebidas pela polícia nem por ninguém mais que examinasse o local do seu desaparecimento.

As horas que se seguiram pareciam-lhe, sozinho naquela quitinete, lembranças de um pesadelo, como os detalhes de um sonho que permanecem na memória depois que se acorda, dando a sensação de apreensão e desconforto a cada minuto daquele dia. Ricky lembrava de se vestir no alto do penhasco, com as roupas extras, de colocar o tênis com muita pressa para escapar da praia sem ser visto. Prendeu as muletas na mochila e jogou-a nos ombros. Era uma corrida de uns dez quilômetros até o estacionamento do Lobster Shanty e ele sabia que precisava chegar lá antes do amanhecer e antes que qualquer outra pessoa, que fosse pegar o ônibus das seis para Boston, chegasse.

Ricky ainda podia lembrar a sensação do ar queimando os seus pulmões enquanto corria. Ainda era noite e o mundo à sua volta ainda estava escuro, e enquanto seus pés batiam no chão da estrada, ele pensou que aquilo era como correr numa mina de carvão, conforme ele a imaginava. Um único par de olhos que tomasse conhecimento da sua presença poderia ter destruído a parca chance de vida a que ele estava se agarrando e ele correu com toda aquela urgência impressa em cada passo dado na escura estrada asfaltada.

O estacionamento estava vazio quando chegou e ele escondeu-se nas sombras de um canto do restaurante. Foi lá que desamarrou as muletas da mochila e encaixou-as nos braços. Pouco depois, ouviu um distante som de sirenes. Ficou um pouco contente ao perceber quanto tempo levou para que alguém percebesse que sua casa estava pegando fogo. Poucos momentos depois, alguns carros começaram a deixar pessoas no estacionamento, para esperar pelo ônibus. Era um grupo bem misto, formado na maioria por pessoas jovens voltando ao trabalho em Boston e alguns homens de negócios de meia-idade, que pareciam irritados por terem de pegar

o ônibus, apesar de ele ser bem confortável. Ricky recuou para o fundo, pensando que seria a única entre aquelas pessoas esperando naquela úmida e fria manhã do Cabo, banhado em suor devido ao medo e ao esforço. Quando o ônibus chegou dois minutos atrasado, Ricky foi mancando para a fila de embarque. Dois jovens lhe deram passagem, ele subiu com dificuldade os degraus e deu ao motorista o bilhete comprado um dia antes. Então, sentou-se nos fundos do ônibus, imaginando que, mesmo se Virgílio ou Merlin ou qualquer um destacado por Rumpelstiltskin para investigar seu suicídio ou que tivesse duvidado da veracidade de sua morte pensasse em perguntar qualquer coisa ao motorista ou passageiro daquela viagem matinal, tudo que lembrariam seria um homem de cabelos escuros e muletas, sem saber que ele tinha corrido até a área de embarque.

Ele tinha de esperar uma hora antes de pegar o ônibus para Durham. Nesse espaço de tempo, ele afastou-se duas quadras do terminal de ônibus da South Street, até que encontrou uma caçamba de lixo em frente a um prédio de escritórios. Ele jogou as muletas na caçamba, voltou para a estação e embarcou no outro ônibus.

Durham, pensou ele, oferecia uma outra vantagem: jamais estivera lá antes, não conhecia ninguém que já tivesse morado lá e não tinha absolutamente nenhuma ligação com a cidade. O que ele gostou, mesmo, foi das placas de New Hampshire, com o lema: Viva em liberdade, ou morra. Aquele, pensou ele, era um ditado realmente apropriado para ele.

Ficou pensando: será que eu consegui escapar?

Imaginava que sim, mas ainda não tinha certeza.

Ricky foi até a janela e novamente olhando para uma escuridão que lhe era desconhecida. Há muita coisa a ser feita, disse a si mesmo. Ainda observando a noite do lado de fora do quarto do motel, Ricky pôde ver seu próprio reflexo no vidro. Dr. Frederick Starks não existe mais, disse a si mesmo. Esta é uma outra pessoa. Ele inspirou profundamente e compreendeu que sua primeira prioridade era criar uma nova identidade para si mesmo. Uma vez que isso fosse feito, ele poderia procurar um lar mais permanente para o inverno que se aproximava. Sabia que precisaria de um emprego para complementar o dinheiro que ainda tinha. Precisava sedimentar seu anonimato e reforçar seu desaparecimento.

Ricky olhou para a mesa. Ele tinha guardado o atestado de óbito da mãe de Rumpelstiltskin, o relatório policial do assassinato do seu amante de uma "única vez" e a cópia do arquivo dos meses em que trabalhou na clínica no Hospital Presbiteriano de Columbia, aonde ela fora em busca de ajuda, e ele não fora capaz de ajudá-la. Pensou consigo mesmo que pagara um preço muito alto por um simples ato de negligência.

Aquele pagamento já havia sido feito e ele não podia voltar atrás.

No entanto, pensou Ricky com o coração endurecido como ferro frio, eu

agora também tenho um débito a cobrar.

Eu o encontrarei, insistiu consigo mesmo. E farei com ele aquilo que ele fez comigo.

Ricky se levantou e andou até a parede, onde apertou o interruptor para apagar a luz, deixando o quarto na escuridão. A luz de faróis, vindo ocasionalmente do lado de fora, cortavam as paredes. Ele deitou na cama, que rangia de forma pouco amigável embaixo dele.

Uma vez, lembrou-se, estudei muito para aprender a salvar vidas.

Agora, devo me instruir em como acabar com uma.

Ricky surpreendeu-se com o senso de organização que era capaz de impor aos seus pensamentos e sentimentos. A psicanálise, profissão que ele acabara de abandonar, talvez seja a mais criativa de todas as áreas da medicina, precisamente por causa da natureza mutável da personalidade humana. Mesmo havendo doenças reconhecíveis e formas de tratamentos estabelecidas dentro do domínio da terapia, no final todos são individualizados, pois não existem duas tristezas exatamente iguais. Ricky passara vários anos aprendendo e aperfeiçoando a flexibilidade do terapeuta, compreendendo que qualquer paciente poderia ir ao seu consultório um dia qualquer com alguma coisa absolutamente igual ou completamente diferente, e que ele precisava estar sempre preparado para as mais violentas alterações de humor e de razão. O problema, pensou, era como encontrar as forças de habilidades que havia desenvolvido por trás do divã e traduzi-las para a particularidade específica do propósito que iria fazer com que ele recuperasse sua vida.

Ele não se permitia fantasiar que poderia, alguma vez, voltar a ser o que era. Não se permitia nenhuma esperança de voltar para sua casa em Nova York e retomar novamente sua rotina de vida. Aquela não era a questão, compreendeu. A questão era fazer com que o homem que havia arruinado a sua vida pagasse por isso.

Uma vez que essa dívida estivesse paga, percebeu Ricky, ele estaria livre para se tornar o que bem entendesse. Até que o fantasma de Rumplestiltskin fosse definitivamente removido de sua vida, Ricky jamais teria um momento de paz, ou um segundo de liberdade.

Disso ele estava absolutamente certo.

Além disso, ainda não tinha certeza de que Rumplestiltskin convenceria-se de que Ricky tinha se matado. Havia a possibilidade, pensou Ricky, de que ele só tivesse conseguido ganhar um pouco mais de tempo para si e para algum parente inocente que tivesse sido escolhido como alvo. Aquela era uma das situações mais intrigantes, ele sabia. Rumplestiltskin era um assassino. Agora Ricky precisava ser capaz de superar o homem em seu próprio jogo.

A única coisa que sabia era que precisava tornar-se uma pessoa, uma pessoa nova, completamente diferente do homem que um dia ele fora.

Precisaria inventar essa nova pessoa sem criar nenhum indício de que o homem uma vez conhecido como Dr. Frederick Starks ainda existia. Seu próprio passado, agora, era inatingível. Ele não sabia onde Rumpelstiltskin poderia ter colocado uma armadilha, mas sabia que havia uma, esperando pelo mais leve sinal de que ele não estava flutuando em algum ponto nas águas de Cape Cod.

Sabia que precisava de um novo nome, de uma história inventada e de uma vida verossímil.

Neste país, percebeu Ricky, o que nós somos em primeiro lugar e principalmente são números. Números de seguro social. Números de contas bancárias e de cartões de crédito. Número de identificação de impostos. Números de carteiras de motorista. Números de telefone e endereços. Criá-los era a primeira coisa a fazer, pensou Ricky. Depois, precisava encontrar um emprego, um lar, precisava criar um mundo à sua volta que fosse verossímil, ainda que totalmente anônimo. Precisava ser o menor e mais insignificante dos seres, depois, poderia começar a aprender tudo de que precisava para buscar até encontrar e executar o homem que o forçara a suicidar-se.

Criar a história e personalidade do seu novo eu não o preocupava. Afinal de contas ele era um especialista na ligação entre os acontecimentos reais e as impressões que eles exerciam no ego. A grande preocupação era precisamente como criar os números que tornariam o novo Ricky verossímil.

Sua primeira tentativa nesta tarefa havia sido um fracasso. Ele foi até a biblioteca da Universidade de New Hampshire e descobriu que precisaria de um cartão de identificação escolar para passar pelo sistema de segurança da porta. Por um momento, olhou ansioso para os estudantes caminhando por entre as estantes de livros. Havia, no entanto, uma segunda biblioteca, bem menor, localizada na rua Jones. Era parte de um sistema de bibliotecas do condado, e apesar de não ter a mesma quantidade de livros nem o silêncio cavernoso da universidade, ainda tinha aquilo que Ricky achava que precisava, que eram livros e informação. Também tinha uma vantagem secundária: a entrada era livre. Qualquer um poderia entrar, ler qualquer jornal, revista ou livro em qualquer uma das grandes cadeiras de couro espalhadas pelo prédio de tijolos, de dois andares. No entanto, para levar um livro emprestado seria necessário ter um cartão. A biblioteca tinha ainda uma outra vantagem: encostada a uma parede havia uma mesa com quatro computadores diferentes. Havia uma lista impressa com regras para se usar os computadores, que começava determinando que o primeiro a chegar era o primeiro a usar. Depois havia instruções de operação.

Ricky observou os computadores e imaginou que talvez fossem úteis. Não sabendo por onde começar, ostentando uma atitude antiquada quanto aos aparelhos modernos, Ricky, que fora um homem de conversas, vagava pelas estantes de livros,

buscando por uma sessão sobre computadores. Não foi necessário mais que alguns minutos para encontrar. Ele inclinou um pouco a cabeça para ler os títulos dos livros nas lombadas e logo encontrou um com o nome de Iniciação à Informática Doméstica — guia para leigos.

Afundou-se em uma cadeira de couro e começou a ler. A linguagem do livro era irritante e enjoativa, direcionada a perfeitos idiotas, pensou ele. Mas estava cheio de informações, e se Ricky fosse um pouco mais perspicaz, teria compreendido que as palavras em estilo infantil destinavam-se exatamente a pessoas como ele, porque a maioria dos americanos com onze anos de idade já sabia tudo o que estava escrito naquelas páginas.

Depois de ler por uma hora, Ricky aproximou-se da fileira de computadores. Era a metade da manhã do meio de uma semana no fim do verão e a biblioteca estava quase vazia. O lugar era todo seu. Ligou uma das máquinas e sentou-se em frente a ela. Na parede, conforme reparou, havia instruções e ele pulou para a parte que explicava como acessar a internet. Ele seguiu as instruções e a tela do computador iluminou-se à sua frente. Ele continuou a apertar botões e a digitar as instruções e, em poucos minutos, ele havia penetrado no universo eletrônico. Ele abriu uma ferramenta de busca, conforme o guia lhe instruíra e digitou a seguinte frase: Identidade Falsa.

Menos de dez segundos depois, o computador exibiu mais de 100.000 entradas naquela categoria, e Ricky começou a lê-las do começo.

No final do dia, Ricky aprendera que o ramo de criação de novas identidades era bastante próspero. Havia dúzias de companhias espalhadas pelo mundo que poderiam fornecer a ele, virtualmente, qualquer tipo de documentação falsa, todos eles vendidos sob o anúncio SOMENTE PARA PROPÓSITOS DE IMITAÇÃO E BRINCADEIRA. Pensou que havia algo claramente criminoso em um anúncio francês que oferecia uma carteira de habilitação de motorista da Califórnia. Mas, apesar de evidente, também não era contra a lei.

Ele fez listas de lugares e documentos, criando um portfólio fictício. Sabia do que precisava, mas o problema era como obtê-lo.

Ele percebeu rapidamente que as pessoas que procuravam identidades falsas eram na verdade pessoas reais.

Ele, não.

Ele tinha o bolso cheio de dinheiro e locais onde poderia gastá-lo. O problema era que eles só existiam no mundo eletrônico. O dinheiro que ele tinha era inútil. Eles queriam números de cartões de crédito. Ele não tinha nenhum. Eles queriam endereços eletrônicos. Ele não tinha nenhum. Eles queriam um endereço pessoal para entrega do material. Ele não tinha um.

Ricky delimitou a busca no computador e começou a ler sobre roubo de

identidade. Descobriu que esse era um empreendimento criminoso próspero nos Estados Unidos. Leu uma história de terror após outra, sobre pessoas que acordavam um dia e descobriam que suas vidas haviam se transformado numa tremenda confusão, porque alguém sem consciência, em algum lugar, estava contraindo dívidas em seus nomes.

Não foi difícil para Ricky lembrar-se de como suas contas de banco e de investimento haviam sido evisceradas e ele suspeitava que Rumpelstiltskin havia feito tudo aquilo com grande facilidade, simplesmente conseguindo alguns números de Ricky. Isso ajudava a explicar porque a caixa contendo velhas declarações de impostos havia sumido quando ele a procurou. Não era particularmente difícil ser outra pessoa no mundo eletrônico. Prometeu a si mesmo, que quem quer que se tornasse, jamais jogaria novamente no lixo de forma negligente uma proposta de cartão de crédito pré-aprovada recebida sem ser solicitada.

Ricky afastou-se do computador e caminhou para fora da biblioteca. O sol estava brilhando e o ar ainda estava repleto do calor do verão. Continuou caminhando quase que sem rumo, até que se achou numa área residencial repleta de modestos sobradinhos de madeira e pequenos jardins geralmente cheios de brinquedos infantis de plástico. Ele pôde ouvir algumas vozes vindas do quintal, fora da sua vista. Um cachorro de raça indeterminada ergueu o olhar de onde estava em um pequeno gramado, preso por uma corda amarrada de um lado à sua coleira e do outro a um tronco de carvalho. O cão sacudiu vigorosamente o rabo com a aparição de Ricky, como se o estivesse convidando a se aproximar e coçar-lhe as orelhas. Ricky olhou em volta, as ruas alinhadas com árvores, onde as sombras dos galhos cheios de folhas criavam pontos escuros na calçada. Uma leve brisa ondulou, a cúpula verde, fazendo com que os riscos e manchas escuros na calçada mudassem de posição e de forma, antes de voltar a ficar parados. Ele caminhou alguns passos rua abaixo e, na janela da frente de uma das casas, viu uma pequena placa com palavras escritas a mão: ALUGUEL. PEÇA INFORMAÇÕES AQUI.

Ricky começou a dar um passo adiante. É disso que preciso, disse a si mesmo.

Então, tão repentinamente quanto avançara, ele parou.

Eu não tenho nome. Não tenho uma história. Não tenho referências.

Fez uma anotação mental da localização da casa e continuou a caminhar, pensando consigo mesmo: preciso ser alguém. E preciso ser alguém que não possa ser rastreado. Alguém sozinho, mas alguém bem real.

Uma pessoa morta pode voltar à vida. Mas isso cria uma interrogação, uma pequena abertura na trama que pode ser descoberta. Uma pessoa inventada pode repentinamente surgir da imaginação, mas isso também cria algumas interrogações.

O problema de Ricky era diferente do problema dos criminosos, de homens

procurando fugir de pagamentos de pensão, de ex-membros de cultos com medo de serem perseguidos, de mulheres fugindo de maridos violentos.

Precisava tornar-se alguém que estivesse tanto vivo quanto morto.

Ricky pensou nessa contradição e depois sorriu. Jogou a cabeça para trás, encarando o sol brilhante.

Ele sabia exatamente o que fazer.

Não demorou para que Ricky encontrasse uma loja de roupas do Exército da Salvação. Ficava localizada numa pequena galeria comum, na rota principal dos ônibus, uma rua asfaltada, de prédios quadrados, com fachadas brancas e descascadas, não exatamente decrépita nem em ruínas, mas um lugar que denunciava negligência nas latas de lixo cheias até a boca e nas rachaduras no asfalto do estacionamento. A loja do Exército da Salvação era pintada com um branco muito claro que refletia a claridade e brilhava na tarde de verão. Por dentro, era semelhante a um pequeno armazém, com eletrodomésticos, como torradeiras e máquinas de waffle à venda em uma parede, e fileiras de roupas doadas penduradas em araras no centro da loja. Havia alguns adolescentes passando a mão pelos cabides, procurando por calças largas de camuflagem e outros artigos sem graça e Ricky esgueirou-se atrás deles, examinando as mesmas pilhas de roupas. Após uma primeira olhada, pareceu-lhe que ninguém doava nada ao Exército da Salvação que não fosse de cor marrom ou preta, o que se encaixou em seus planos.

Ele encontrou rapidamente o que estava procurando. Um sobretudo de lã, longo e rasgado, que descia até os tornozelos, um suéter puído e calças dois números acima do seu tamanho. Tudo era barato, ele escolheu as coisas mais baratas em oferta. As roupas eram ainda as mais gastas e mais inapropriadas para o clima de final de verão ainda muito quente que pesava sobre New England.

O caixa era um voluntário idoso que usava óculos grossos e uma camisa esporte vermelha e incongruente que se destacava com o universo frio e marrom das roupas doadas. O homem levou o sobretudo até o nariz e cheirou.

— Você tem certeza de que quer levar isso, amigo?

— Esse mesmo — respondeu Ricky.

— Cheira como se vindo de um lugar nojento — o homem continuou. — Às vezes recebemos coisas aqui, colocamos nos cabides, mas elas realmente não deveriam estar à venda. Há coisa muito melhor, dê mais uma olhada. Isso aqui está fedendo e alguém devia ter consertado esse rasgo no lado antes disso ter sido colocado à venda.

Ricky sacudiu a cabeça.

— E exatamente o que preciso — disse ele.

O homem deu de ombros, ajeitando os óculos, olhando a etiqueta.

— Bem, eu nem vou cobrar os dez dólares que querem por ela. Olha, que tal três? Parece mais justo. Está bem?

— Você é muito generoso — disse Ricky.

— Para que é que você quer este lixo? — perguntou o homem, não chegando a ser grosseiro com sua curiosidade.

— É para uma peça de teatro — mentiu Ricky.

O caixa balançou a cabeça.

— Bem, espero que não seja para a estrela do show, porque se ela der umas cheiradas nesse casaco, vão precisar procurar um novo astro principal — o homem deu uma risada asmática da própria piada, fazendo pequenos sons nasais que denotavam mais esforço do que humor. Ricky juntou-se a ele com sua própria risada falsa.

— Bem, o diretor disse para escolher alguma coisa bem vagabunda, então acho que isso vai servir — disse ele. — Sou apenas um ajudante. Teatro comunitário, sabe como é, orçamento baixo...

— Quer uma sacola?

Ricky concordou e saiu da loja do Exército da Salvação com as compras debaixo do braço. Ele viu um ônibus chegando no ponto, na esquina da galeria e correu para pegá-lo. O esforço fez com que suasse e logo que se acomodou no assento traseiro do ônibus, tirou o velho suéter da sacola e esfregou-o na umidade da testa e debaixo dos braços, secando-se com a roupa.

Antes de voltar ao seu quarto de motel, naquela tarde, Ricky levou todas as compras para um pequeno parque, onde ficou algum tempo esfregando cada peça na terra, perto de um grupo de árvores.

De manhã, empacotou suas novas roupas velhas em uma sacola marrom de papel. Todo o resto, os poucos documentos que tinha sobre Rumpelstiltskin, os jornais, as outras peças de roupa que adquirira foram colocados na mochila. Ele acertou sua conta com o recepcionista do motel, dizendo ao homem que provavelmente estaria de volta em alguns dias, informação essa que não fez com que o motel sequer desviasse o olhar da seção de esportes do jornal, que parecia ocupá-lo com muita intensidade.

Havia um ônibus para Boston no meio da manhã, com o qual Ricky sentia agora uma certa familiaridade. Como sempre, sentou-se encolhido nos fundos do ônibus, evitando contato visual com o pequeno grupo de passageiros, mantendo sua solidão e anonimato a cada passo dado. Ele assegurou-se de ser a última pessoa a sair do ônibus em Boston. Ele tossiu quando inalou a mistura do calor com o que saía dos canos de escapamento, que parecia pairar sobre a calçada. Mas o terminal de ônibus tinha ar-condicionado, apesar de o ar lá dentro parecer estranhamente sujo. Havia filas de cadeiras plásticas coloridas, laranja e amarelas, presas ao piso de

linóleo, muitas das quais exibiam arranhões e marcas feitas por pessoas entediadas que precisavam matar o tempo enquanto esperavam a chegada ou partida de seus ônibus. Havia um nítido cheiro de comida frita e de um lado do terminal havia uma lanchonete ao lado de uma loja de donuts. Uma banca vendia pilhas de jornais do dia e revistas, junto com a mais comum pseudopornografia disponível. Ricky ficou pensando quantas pessoas, na estação de ônibus, provavelmente comprariam ao mesmo tempo o U.S. News & World Report e a Hustler.

Ricky escolheu o lugar mais próximo possível em frente ao banheiro dos homens, esperando que o movimento de pessoas entrando lá diminuísse. Em vinte minutos ficou convencido de que o banheiro estava vazio, especialmente depois que um policial de Boston, usando uma camisa azul manchada de suor, entrou e saiu cinco minutos depois, reclamando alto para o parceiro, que estava visivelmente se divertindo com a situação, sobre o terrível efeito de um sanduíche de linguiça recentemente ingerido. Ricky entrou no banheiro assim que os dois policiais se afastaram, com os sapatos pretos batendo no piso sujo da estação.

Movimentado-se rapidamente, Ricky trancou-se em um dos boxes e tirou as roupas razoáveis que estava vestindo, substituindo-as por aquelas compradas no Exército da Salvação. Ele torceu o nariz para a desagradável combinação de suor e almíscar que lhe subiu até o nariz quando ele vestiu o sobretudo. Embalou as roupas na mochila, juntamente com tudo mais que possuía, incluindo todo seu dinheiro, com exceção de cem dólares em notas de vinte, que escondeu em um rasgo do sobretudo, por dentro do forro, de forma que se não estavam totalmente a salvo, ao menos estavam em um lugar seguro. Ele tinha alguns trocados, que enfiou nos bolsos das calças. Saindo do box, olhou-se no espelho acima da pia. Não tinha se barbeado nos últimos dias, e isso ajudava bastante, pensou ele.

Havia uma fileira de armários azuis de metal em uma parede do terminal. Ele enfiou a mochila num deles, mantendo consigo a sacola de papel que havia usado para carregar as roupas velhas. Colocou duas moedas de 25 centavos no cofre e girou a chave. Trancar ali os poucos objetos que possuía fez com que ele hesitasse. Por um momento, pensou que, finalmente, naquele exato minuto, ele estava mais à deriva do que jamais estivera. Agora, exceto pela pequena chave que segurava na mão, a chave do armário número 569, não havia nada que o ligasse a nada. Ele não tinha identidade. Nenhuma ligação com ninguém.

Ricky respirou pesadamente e guardou a chave.

Saiu rapidamente da estação de ônibus, parando apenas uma vez, quando achou que ninguém estaria observando, para pegar um pouco de sujeira da calçada e esfregá-la no rosto e no cabelo.

Quando tinha caminhado duas quadras, o suor começou a surgir em suas axilas e na testa e ele enxugou com a manga do sobretudo.

Antes de chegar à terceira quadra, ele pensou: agora estou parecendo o que realmente sou. Um mendigo.

CAPÍTULO 22

Por dois dias Ricky caminhou pelas ruas, um estrangeiro no mundo. Sua aparência exterior era a de um mendigo, alguém claramente alcoolizado, viciado ou esquizofrênico, ou ainda as três coisas juntas, apesar de que, se alguém o olhasse cuidadosamente nos olhos, veria um claro propósito, o que é uma característica incomum nos excluídos. Internamente, Ricky percebeu-se observando as pessoas na rua, tentando descobrir quem seriam elas e o que faziam, quase invejando o prazer que uma simples identidade confere a uma pessoa. Uma mulher apressada, cabelos grisalhos, carregando algumas sacolas das butikues da Newbury Street, contava uma história para Ricky, enquanto um adolescente, usando jeans rasgados, com uma mochila nas costas e um boné dos Red Sox enfiado ao contrário na cabeça, lhe contava outra. Ele viu executivos, motoristas de táxi, entregadores e técnicos de computação. Havia ainda corretores, médicos e mecânicos, um homem vendendo jornais em uma banca na esquina. Todos, da louca mais destituída, abandonada, chorosa e delirante até os empresários de Armani, sentados no banco de trás das limusines, todos tinham uma identidade definida por aquilo que eram. Ricky não tinha.

Havia prazer e medo naquilo que se tornara, percebeu ele. Não pertencer a lugar algum, era quase como ser invisível. Apesar de sentir um alívio momentâneo em saber que estava escondido do homem que havia, de forma tão bem-sucedida, destruído aquilo que ele fora um dia, ele compreendia que isso era ilusório. Ele estava sendo inexoravelmente preso ao homem que conhecia apenas pelo nome de Rumpelstiltskin, mas que um dia fora o filho de uma mulher chamada Claire Tyson, que ele não fora capaz de ajudar quando ela precisou e, agora, ele estava sozinho por causa daquela falha.

Sua primeira noite foi passada solitariamente embaixo de uma ponte do Rio Charles. Enrolou-se no sobretudo, ainda suando profusamente por causa dos resquícios do calor do dia e encostou-se contra a parede, esforçando-se para dormir algumas poucas horas da noite, despertando pouco tempo depois do amanhecer com um torcicolo, cada músculo das costas e das suas pernas gritando de dor. Ele se levantou, esticando-se cuidadosamente, tentando se lembrar da última vez em que havia dormido ao ar livre, achando que devia ter sido na infância. A rigidez de suas juntas dizia que aquilo era pouco recomendável. Ele imaginou qual seria sua aparência e pensou que nem mesmo o mais dedicado dos atores adotaria a sua

técnica.

Havia uma neblina subindo do Rio Charles, formas acinzentadas de névoa vaporosa na beirada da água. Ricky saiu de seu abrigo e caminhou até a ciclovía que ficava na margem do rio. Ele permaneceu ali, pensando que a água lembrava uma antiga fita preta de máquina de escrever, acetinada, serpenteando através da cidade. Ficou observando, dizendo a si mesmo que o Sol precisaria erguer-se muito mais alto para que a água pudesse ficar azulada e refletir os prédios imponentes que se aproximavam de suas laterais. Naquelas primeiras horas da manhã, o rio exercia um efeito quase hipnótico sobre ele e, por alguns momentos, ficou simplesmente quieto, examinando a vista diante dele.

Seu devaneio foi interrompido pelo som rítmico de pés batendo contra o piso da ciclovía. Ricky virou-se e viu dois homens correndo lado a lado, aproximando-se rapidamente. Eles usavam calções esportivos de cores brilhantes e a última moda em tênis de corrida. Ricky considerou que os dois deveriam ter mais ou menos a mesma idade que ele.

Um dos homens gesticulou furiosamente com os braços em direção a Ricky.

— Saia da frente! — gritou o homem.

Ricky recuou rapidamente e os dois homens passaram por ele.

— Saia do caminho, cara — disse um deles rapidamente, esquivando-se, de modo a não encostar em Ricky.

— Saia daí — disse o outro homem. — Cristo!

Ricky ainda ouviu um deles dizer: — Maldito fracassado. Procure um emprego!

Eles riram e disseram mais alguma coisa, mas Ricky não pode compreender as palavras. Ele deu um ou dois passos na direção deles, tomado por uma repentina raiva.

— Ei! — gritou ele. — Parem!

Eles não pararam. Um dos homens olhou para trás, por cima do ombro, e então aceleraram. Ricky deu um ou dois passos na direção deles.

— Eu não sou... — começou a falar. — Eu não sou o que vocês pensam...

Mas, então, percebeu que podia muito bem ter sido.

Ricky voltou-se novamente para o rio. Naquele segundo, compreendeu que estava muito mais próximo de ser o que aparentava do que o que fora. Ele respirou profundamente e reconheceu que estava na mais precária das condições psicológicas. Havia matado quem ele era para escapar do homem que planejava destruí-lo. Se continuasse a ser ninguém, poderia ser engolido exatamente por esse anonimato.

Considerando que corria tanto perigo naqueles minutos quanto havia corrido quando Rumpelstiltskin estivera em seu encalço, a cada passo que dava, Ricky

afastou-se dali, determinado a responder a primeira e primordial pergunta.

Passou o dia todo, indo de abrigo em abrigo, por toda a cidade.

Foi uma jornada pelo mundo dos miseráveis: um café da manhã de ovos moles e torradas frias, servido em uma cozinha nos fundos de uma Igreja Católica em Dorchester, uma hora gasta em frente ao balcão de uma agência de trabalhos temporários em uma rua da vizinhança, espremido entre homens procurando por um dia de trabalho, apanhando folhas ou esvaziando latas de lixo. De lá ele foi para o abrigo estadual em Charlestown, onde um homem por trás do balcão insistiu que ele não poderia entrar sem uma carta de uma instituição, o que Ricky considerou uma exigência tão insana quanto os delírios dos verdadeiros doentes mentais. Ele saiu pisando duro e voltou para a rua, onde um par de prostitutas trabalhando na hora do almoço riu dele quando ele pediu informações. Ele continuou a caminhar pesadamente pela calçada, passando por becos e prédios escuros e abandonados, ocasionalmente falando sozinho, cada vez que alguém se aproximava dele, a linguagem sendo a ponta aguçada da loucura e juntamente com seu crescente fedor, formavam uma armadura muito eficaz contra o contato com qualquer outra pessoa que não fosse um dos miseráveis. Seus músculos enrijeceram e seus pés começaram a ficar com feridas, mas ele continuou procurando. Uma vez um policial observou-o cuidadosamente, de uma esquina, deu um passo em sua direção, depois pensou melhor e deu meia-volta.

Foi à tardinha, com o Sol ainda se pondo, fazendo com que linhas ondulantes de calor subissem das ruas da cidade, que Ricky vislumbrou uma possibilidade.

O homem estava revolvendo uma lata de lixo, no final do parque, não muito distante do rio. Ele tinha mais ou menos a mesma altura e o mesmo peso de Ricky, e o cabelo castanho era sujo e ralo. Usava um gorro de lã, calções em farrapos e um longo sobretudo de lã, até os tornozelos, que quase encostava nos sapatos, um marrom e outro preto, o primeiro, um sapato leve e o outro, uma bota de trabalhador. O homem estava murmurando consigo mesmo sobre o conteúdo da lata de lixo. Ricky chegou perto o suficiente para ver as lesões no rosto do homem e nas costas de suas mãos. Enquanto o homem trabalhava, ele tossia repetidamente, sem perceber a presença de Ricky. Havia um banco dez metros adiante e Ricky sentou-se nele. Alguém havia deixado uma parte do jornal do dia no banco e Ricky pegou-o e fingiu estar lendo, enquanto se dedicava a observar o homem. Depois de alguns segundos, ele viu o homem pegar uma lata de refrigerante do lixo e jogá-la em um velho carrinho de compras de ferro, não do tipo que se empurra, mas do tipo que se arrasta. O carrinho estava quase cheio de latas vazias.

Ricky observou o homem o mais perto que pôde, dizendo a si mesmo: você era médico até poucas semanas atrás. Faça o seu diagnóstico.

O homem pareceu repentinamente enfurecido quando pegou uma lata do lixo que tinha algum problema, abruptamente jogando-a no chão e chutando-a para o arbusto mais próximo.

Bipolar, pensou Ricky. E esquizofrênico. Ouve vozes, não está tomando nenhuma medicação ou, pelo menos, não por sua própria vontade. Predisposto a repentinos ataques de energia maníaca. Violento, também, muito provavelmente, mas é uma ameaça mais para si mesmo do que para os outros. As lesões podem ser feridas abertas por viver nas ruas, mas também podem ser um sarcoma de Kaposi. AIDS era uma outra possibilidade. Assim como tuberculose ou câncer pulmonar, dada a tosse insistente do homem. Podia ser também pneumonia, pensou Ricky, apesar de a estação ser imprópria para isso. Ricky imaginou que o homem usava um vestuário tanto de vida como de morte.

Depois de alguns minutos, o homem se convenceu de que já havia retirado tudo de valor da lata e dirigiu-se para a outra lixeira. Ricky continuou sentado, mantendo o homem em vista. Depois de alguns momentos dedicados a vasculhar aquele lixo, o homem saiu dali, arrastando seu carrinho atrás de si. Ricky o seguiu.

Não levou muito tempo até que alcançasse uma rua em Charlestown que era repleta de lojas baratas e sujas. Era um lugar que agradava aos miseráveis de todos os tipos. Uma loja de móveis baratos que anunciava liquidações e crédito fácil em letras garrafais escritas na vitrine. Havia ainda dois bazares, uma loja de eletrônicos, uma loja de roupas com manequins nas vitrines, todos eles sem um braço ou uma perna, como se tivessem sido mutilados por algum acidente. Ricky observou enquanto o homem que estava seguindo rumou bem para o meio do quarteirão, para um prédio quadrado amarelo-claro com uma placa vistosa na frente: COMPRA DE LATAS E GARRAFAS. Abaixo havia uma segunda placa, no mesmo tipo de impressão, quase tão grande quanto a outra: CENTRO DE RECUPERAÇÃO. A placa tinha uma seta apontando para os fundos.

O homem arrastando o carro cheio de latas marchou diretamente, contornando o prédio. Ricky o seguiu.

Nos fundos da loja havia uma meia-porta, com uma placa semelhante à de fora: ENTREGUE AQUI. Havia uma campainha na lateral, que o homem pressionou. Ricky encostou-se contra a parede, escondendo-se.

Logo um adolescente apareceu na porta. A transação em si levou apenas alguns minutos. O homem entregou a coleta de latas, o adolescente as contou e, deu então ao homem algumas cédulas que tirou de um bolinho do seu bolso. O homem pegou o dinheiro, colocou a mão dentro de um dos grandes bolsos do sobretudo e retirou de lá uma velha carteira de couro, estufada de papéis. Ele colocou uma parte das cédulas na carteira e devolveu uma delas para o adolescente. O garoto desapareceu e logo retornou depois com uma garrafa, que entregou ao homem.

Ricky esgueirou-se, sentando-se no chão do beco, esperando enquanto o homem passava por ele. A garrafa, que Ricky deduziu ser algum vinho barato, já havia desaparecido nas dobras da capa. O homem deu uma única olhadela em sua direção, mas seus olhos não se cruzaram, pois Ricky abaixou a cabeça. Respirou profundamente por alguns segundos e então levantou-se e continuou a seguir o homem.

Em Manhattan, Ricky havia feito o papel de rato para os gatos Virgílio, Merlin e Rumpelstiltskin. Agora, estava do lado oposto da mesma equação. Ele esperava, depois acelerava o passo, tentando manter o homem sempre à vista, perto o suficiente para poder segui-lo, distante o suficiente para manter-se oculto. Armado agora com a garrafa escondida no sobretudo, o homem seguia adiante com um propósito, como se estivesse em uma rápida marcha militar com um destino em mente. Sua cabeça girava frequentemente, olhando em todas as direções, claramente temeroso de estar sendo seguido. Ricky pensou que o comportamento paranoico do homem era bem justificável.

Ele percorreu dúzias de quarteirões pela cidade, serpenteando por entre os carros. A vizinhança por onde passava ia tornando-se pior a cada passo dado. O sol poente projetava sombras pelas ruas e as fachadas decrépitas das casas cuja pintura descascava imitavam a aparência de Ricky e seu alvo.

Ele viu o homem hesitar no meio de um quarteirão e depois virar-se na direção de Ricky, que se encostou com força na parede do prédio, escondendo-se. Com o canto dos olhos, ele viu o homem enfiar-se de repente em um beco, uma estreita fenda entre dois prédios de tijolos. Ricky respirou profundamente e o seguiu.

Ele o seguiu até a entrada do beco e examinou cuidadosamente dali. Aquele era um lugar que parecia abrigar a noite bem antes. Já estava escuro e abafado, o tipo de espaço confinado que jamais ficava quente no inverno, nem fresco no verão. Ricky só conseguiu ver uma coleção de caixas de papelão e uma caçamba verde de aço nos fundos. O beco dava para os fundos de um outro prédio e Ricky achou que não tinha saída.

Um quarteirão antes, ele havia passado por uma loja de conveniências e por uma loja de bebidas baratas. Deu meia-volta, deixando sua presa para trás e seguiu naquela direção. Retirou uma de suas preciosas notas de vinte dólares do forro do sobretudo, segurando-a com força na palma da mão, onde ficou imediatamente encharcada de suor.

Ele foi primeiro até a loja de bebidas. Aquele era um lugar apertado com ofertas escritas em tinta vermelha na vitrine. Deu um passo adiante e colocou a mão na porta, mas ela estava fechada. Ergueu o olhar e viu o vendedor sentado atrás do caixa. Ele tentou novamente abrir a porta e ela emperrou. O vendedor olhou fixamente para ele e repentinamente inclinou-se para falar num microfone. Uma voz

metálica veio do alto-falante próximo à porta.

— Dê o fora daqui, seu velho idiota, a não ser que tenha algum dinheiro.

Ricky fez que sim com a cabeça. — Eu tenho dinheiro — respondeu ele.

O vendedor era um homem barrigudo, maduro, provavelmente com idade semelhante à dele. Quando o homem mudou de posição, Ricky percebeu que ele tinha uma pistola grande no cinto.

— Você tem dinheiro? Certo. Vamos ver.

Ricky ergueu a nota de vinte dólares. O homem observou-a do seu lugar, atrás da registradora.

— Como conseguiu isso? — disse ele.

— Eu achei na rua — respondeu Ricky.

Ouviu-se um zumbido na porta, Ricky empurrou-a e entrou na loja.

— Aposto que sim — disse o vendedor. — Muito bem, você tem dois minutos. O que você quer?

— Uma garrafa de vinho — disse Ricky.

O vendedor esticou o braço para uma prateleira atrás dele e pegou uma garrafa. Não se parecia com nenhuma garrafa de vinho que Ricky já tivesse bebido. Tinha uma tampa de rosca, um rótulo onde se lia Silver Satin e custava dois dólares. Ricky concordou e entregou a nota de vinte. O homem colocou a garrafa em um saco de papel, abriu a registradora, tirou uma nota de dez e duas de um e as entregou a Ricky.

— Ei! — disse Ricky. — Está faltando!

Sorrindo de forma asquerosa e colocando uma das mãos na coronha do revólver, o vendedor respondeu:

— Eu acho que outro dia eu lhe vendi fiado, meu velho. Só estou pegando o que você me deve pela minha generosidade.

— Você está mentindo — disse Ricky com raiva — Eu nunca estive aqui antes.

— Você acha que é melhor a gente brigar, seu vagabundo de merda?

— o homem fechou o punho e aproximou-se do rosto de Ricky. Ricky recuou. Ele olhou firme para o vendedor, que estava rindo dele. — Eu lhe dei algum troco. E mais do que você merece. Agora dê o fora. Se manda antes que eu chute você pra fora daqui. E se me fizer sair de trás desse balcão, então vou pegar a minha garrafa e o meu troco de volta e depois vou chutar sua bunda. Então, o que vai ser?

Ricky se moveu lentamente em direção à porta e virou-se, tentando pensar em uma resposta apropriada, mas então o vendedor disse:

— Como é? Como é que é? Algum problema?

Ricky sacudiu a cabeça negativamente e saiu, segurando a garrafa e ouvindo o vendedor gargalhar nas suas costas.

Ele caminhou rua abaixo até a loja de conveniências e foi recebido com a mesma pergunta: "Você tem dinheiro?". Ele mostrou a cédula de dez dólares. Lá dentro comprou um pacote dos cigarros dos mais baratos que pôde encontrar, um pacote de bolinhos, um chocolate e uma pequena lanterna. O vendedor naquela loja era um adolescente, que colocou as compras em uma sacola de plástico e disse sarcasticamente: — Tenha um bom jantar.

Ricky voltou para a calçada. A noite havia coberto tudo. As luzes pálidas das lojas que permaneciam abertas escavavam pequenos quadrados de luz dentro das trevas. Ricky voltou para a entrada do beco. Entrou o mais silenciosamente que pôde, encostando as costas na parede de tijolos e deslizando para baixo até se sentar para esperar, sempre pensando que, antes daquela noite, ele não tinha nenhuma ideia de como era fácil ser odiado neste mundo.

Parecia que a escuridão o envolvia lentamente da mesma forma que o calor fizera naquele dia de verão. Era densa, melada, chegando até dentro dele. Ricky deixou passar um par de horas. Estava numa semissonolência, com a imaginação repleta de imagens de quem ele fora um dia, das pessoas que haviam entrado em sua vida para destruí-la e do plano que havia criado para recuperá-la. Ele podia ter se confortado, sentado com as costas contra a parede de tijolos, naquele beco escuro em uma parte da cidade com a qual ele não estava familiarizado, se conseguisse pensar na esposa falecida, ou talvez num amigo esquecido, ou talvez até numa recordação da própria infância, alguma imagem mental de um momento feliz, de uma manhã de Natal ou de um dia de formatura, ou talvez de quando usou seu primeiro smoking em um baile de formatura, ou ainda no jantar de ensaio na véspera do casamento. Mas todos aqueles momentos pareciam pertencer a alguma outra existência e a alguma outra pessoa. Não acreditava muito em reencarnação, mas sentia-se quase como se tivesse voltado à Terra no corpo de uma outra pessoa. Podia sentir o fedor crescente de umidade vindo de seu sobretudo vagabundo e ergueu a mão na escuridão imaginando que suas unhas deviam estar entupidas de sujeira. Dias felizes aqueles em que suas unhas ficavam sujas, porque isso significava que ele tinha passado várias horas trabalhando no jardim logo atrás de sua casa, no Cabo. Seu estômago contorceu-se e ele pôde ouvir o som da gasolina espalhada pela casa pegando fogo. Essa era uma recordação em seus ouvidos que parecia vir de alguma outra era, retirada de algum passado distante por um arqueólogo.

Ele ergueu o olhar e imaginou Virgílio e Merlin sentados à sua frente no beco. Ele podia ver seus rostos, imaginar cada nuance e maneirismo do corpulento advogado e daquela escultural e jovem mulher. Uma guia para o inferno. Foi isso o que ela lhe disse, pensou ele. Ela estava certa a esse respeito, provavelmente mais

certa do que imaginava. Ele sentiu a presença do terceiro membro do triunvirato, mas Rumpelstiltskin ainda era um conjunto de sombras misturando-se à noite que inundava o beco, como uma maré constantemente subindo.

Suas pernas tinha endurecido. Ele não sabia quantos quilômetros caminhara desde que chegara a Boston. Seu estômago estava vazio e ele abriu o pacote de bolinhos e os comeu em dois ou três bocados. O chocolate atingiu-o como uma anfetamina de baixa ação, dando-lhe alguma energia. Ricky pôs-se de pé e virou em direção ao final do beco.

Ele ouviu um som fraco e esticou o pescoço naquela direção, antes de reconhecer exatamente o que era: uma voz cantando suavemente e fora de tom.

Ricky moveu-se cuidadosamente em direção ao som. Ao seu lado ouviu o ruído de algum animal, um rato talvez, produzindo um barulho arranhado, conforme fugia. Segurou a pequena lanterna na mão, mas tentou deixar que seus olhos se ajustassem à escuridão do beco. Isso era difícil e ele tropeçou uma ou duas vezes, os pés esbarrando em fragmentos de coisas irreconhecíveis. Em um determinado momento quase caiu, mas conseguiu equilibrar-se e seguiu adiante.

Sentiu que estava quase sobre o homem quando a cantoria parou. Houve um ou dois segundos de profundo silêncio e então ele ouviu uma pergunta:

— Quem está aí?

— Eu — respondeu Ricky.

— Não chegue mais perto — foi a resposta. — Posso ferir você. Talvez até matar. Tenho uma faca.

As palavras foram mal pronunciadas, com a frouxidão produzida pela bebida. Ricky tivera a esperança de que o homem estivesse inconsciente, mas ao contrário, ele ainda estava razoavelmente alerta. Mas não tão ágil, notou Ricky, pois não se ouviam sons de fuga ou de tentativa de se esconder. Ele não acreditava que o homem realmente tivesse uma arma, mas não tinha certeza absoluta. Ele continuou parado.

— Esse beco é meu — continuou o homem. — Dê o fora.

— Agora é meu também — disse Ricky. Ele respirou profundamente e transportou-se para o universo onde sabia que precisava estar para se comunicar com o homem. Era como mergulhar numa piscina de água escura, sem saber ao certo o que haveria por baixo da superfície.

Seja bem-vinda, loucura, disse Ricky, tentando reunir toda a instrução que havia recebido durante sua vida anterior. Crie ilusão. Estabeleça a dúvida. Alimente a paranoia. — Ele me disse que nós deveríamos conversar. Foi isto que ele me disse: 'Encontre o homem no beco e pergunte o nome dele'.

O homem hesitou.

— Quem lhe disse isso?

— Quem você acha? — respondeu Ricky. — Ele. Ele fala comigo e me diz a quem devo procurar, e é isso que devo fazer porque ele mandou, foi isso que fiz, aqui estou — ele soltou essa tagarelice bem rápido.

— Quem fala com você? — a pergunta saiu da escuridão com uma intensidade que contrastava com bebida que anuviava a mente já confusa do homem.

— Não tenho permissão para dizer o nome dele alto, onde alguém possa me ouvir, shhhh! Mas ele me disse que você saberia o porquê de minha vinda se fosse a pessoa certa, e que eu não precisaria explicar mais nada.

O homem pareceu hesitar, tentando entender aquela mensagem estranha.

— Eu? — perguntou ele.

Ricky concordou, escondido na escuridão.

— Se você for a pessoa certa. Você é?

— Não sei — foi a resposta. Então, depois de uma pausa momentânea, veio o complemento: — Acho que sim.

Ricky mudou rapidamente de lugar para reforçar a ilusão.

— Ele me dá os nomes, entende, e eu devo procurar por eles e fazer as perguntas, porque preciso encontrar o escolhido. É isso que eu faço constantemente e é isso que devo fazer, você é o escolhido? Eu preciso saber, entende? Caso contrário estará tudo perdido.

O homem parecia tentar absorver tudo aquilo.

— Como eu posso saber se devo confiar em você? — balbuciou o homem.

Ricky imediatamente acendeu a pequena lanterna e a posicionou embaixo do seu queixo, como faz uma criança quando está tentando amedrontar os amigos em volta de uma fogueira. Ricky posicionou a lanterna para cima, iluminando o seu rosto e imediatamente a sacudiu na direção do homem, aproveitando os segundos para vistoriar as adjacências. Ele viu que o homem estava deitado, as costas contra o muro de tijolos, a garrafa de vinho nas mãos. Havia algumas coisas perto dele e uma caixa de papelão ao lado dele, o que Ricky supôs ser sua casa. Ele desligou a lanterna.

— Pronto — disse Ricky o mais vigorosamente que pôde. — Você precisa de mais provas?

O homem se mexeu.

— Não consigo pensar direito — resmungou ele. — Minha cabeça está doendo.

Por um momento Ricky ficou tentado a simplesmente avançar e tomar aquilo que queria. Suas mãos tremeram com a sedução da violência. Ele estava sozinho em um beco deserto com o homem, e imaginou que as pessoas que o haviam colocado naquela situação não teriam hesitado nem por um segundo em usar a força. Foi necessário usar o máximo de autocontrole para que conseguisse combater aquele

impulso. Ele sabia muito bem o que queria, mas queria que o homem lhe entregasse.

— Me diga quem é você! — Ricky perguntou, meio sussurrando, meio gritando.

— Eu quero ficar sozinho — suplicou o homem. — Não fiz nada. Não quero mais ficar aqui.

— Você não é o escolhido — disse Ricky. — Está na cara. Mas preciso ter certeza. Diga-me quem é você.

O homem soluçou.

— O que você quer?

— O seu nome. Eu preciso saber o seu nome.

Ricky pôde ouvir lágrimas formando-se por trás de cada palavra que o homem dizia.

— Eu não quero falar — disse ele. — Estou assustado. Você vai me matar?

— Não — disse Ricky. — Não vou machucá-lo se me provar quem é. O homem se aquietou como se estivesse pensando na pergunta.

— Eu tenho uma carteira — disse lentamente.

— Me dê aqui ! — Ricky exigiu rapidamente. — E a única forma de ter certeza!

O homem se arrastou, coçou-se, procurou dentro do sobretudo. Na escuridão, com os olhos pouco adaptados, Ricky pôde ver o homem segurando alguma coisa diante dele. Ricky a agarrou e colocou dentro de seu próprio bolso.

Então o homem começou a chorar. Ricky suavizou o tom de voz.

— Você não precisa mais se preocupar — disse Ricky. — Agora vou deixar você em paz.

— Por favor — disse o homem. — Saia daqui.

Ricky abaixou-se e pegou a garrafa de vinho barato que havia comprado na loja de bebidas. Também pegou uma nota de vinte dólares que estava escondida no casaco. Ele os entregou para o homem.

— Pegue isso — disse ele. — Vou lhe dar umas coisas apesar de você não ser o escolhido. Mas isso não é culpa sua e ele quer que eu recompense você por tê-lo aborrecido. Está certo?

O homem agarrou a garrafa. Por um momento ele não respondeu, mas pareceu sacudir a cabeça, concordando.

— Quem é você? — ele perguntou novamente para Ricky, com um misto de medo e confusão ainda dominando cada palavra.

Ricky sorriu por dentro e pensou que havia alguma vantagem em ter tido uma educação clássica.

— Meu nome é Ninguém — disse ele.

— Neném?

— Não. Ninguém. Então, se alguém lhe perguntar quem veio visitar você esta noite, você pode dizer que foi o Ninguém — Ricky presumiu que um policial comum, fazendo a sua ronda, daria a essa história a mesma atenção que deram outrora os ciclopes, irmãos de Poliremos, na ficção criada séculos antes por um outro homem perdido em um mundo estranho e perigoso. — Beba um pouco e depois vá dormir. Quando você acordar, tudo será como antes.

O homem choramingou e depois deu um longo gole na garrafa de vinho.

Ricky levantou-se e seguiu seu caminho para fora do beco, pensando que não tinha exatamente roubado e nem comprado aquilo de que mais precisava. Havia feito o que era necessário, disse a si mesmo, e aquilo se enquadrava perfeitamente nas regras do jogo. Rumpelstiltskin, logicamente, não sabia que ele ainda estava jogando. Mas saberia em breve. Ricky caminhou firmemente através da escuridão em direção à luz fraca das ruas da cidade em frente.

CAPÍTULO 23

Ricky só abriu a carteira do homem depois de chegar à estação de ônibus, uma viagem pela cidade que exigiu que mudasse de metrô duas vezes e depois de pegar as roupas no armário onde as havia guardado. No banheiro, conseguiu se limpar parcialmente, removendo um pouco da sujeira e do pó do rosto e das mãos e passando uma toalha de papel umedecida com água morna e um pouco de sabão antibactericida nas axilas e pelo pescoço. Havia pouco a fazer quanto à aparência ensebada do cabelo desgrehado ou com o desagradável cheiro de mofo que exalava de seu corpo todo e no qual apenas um longo banho poderia dar um jeito. Jogou as roupas de mendigo na primeira lixeira que viu e enfiou-se na calça caqui e na camisa esporte que havia guardado na mochila. Examinou sua aparência no espelho e pensou que era como se tivesse cruzado de volta de alguma linha invisível, onde agora, mais uma vez, aparentava a todos ser um participante da vida, em vez de um ser do outro mundo. Um pente barato de plástico ajudou a melhorar sua aparência, mas Ricky sentia que ainda estava num ponto extremo, ou perto dele, e muito do homem que um dia fora.

Saiu do banheiro, comprou uma passagem de volta a Durham e, como teria de esperar por quase uma hora, comprou um sanduíche e um refrigerante e ficou num canto da estação que estava vazio. Depois de inspecionar à sua volta para assegurar-se de que ninguém o estaria observando, Ricky desembulhou o sanduíche no colo. Depois, abriu a carteira, escondendo-a com o lanche.

A primeira coisa que viu trouxe um sorriso para seu rosto e uma sensação de alívio inundou-o: um cartão de seguro social, roto e apagado, mas ainda legível.

O nome: Richard S. Lively .

Ricky gostou daquilo. Vivo. Pela primeira vez em várias semanas, era assim que se sentia. Havia ainda uma vantagem adicional; não precisaria acostumar-se com o novo nome, pois o apelido comum para Richard e para o seu verdadeiro nome, Frederick, era o mesmo.

Inclinou a cabeça para trás, observando as luzes fluorescentes do teto. Renascido em uma estação de ônibus, pensou. Imaginou que existiam lugares bem piores para se voltar à vida.

A carteira cheirava a suor e Ricky rapidamente vasculhou seu conteúdo. Não havia muitas coisas, mas o pouco que tinha, percebeu ele, era uma mina de ouro. Além do cartão de seguro social, havia uma carteira de motorista vencida de Illinois, o cartão de uma biblioteca nos subúrbios de St. Louis, Missouri e o cartão de um socorro automotivo do mesmo estado. Nenhum desses documentos tinha foto, exceto a carteira de motorista que, Ricky observou, dava alguns detalhes como cor do cabelo, dos olhos, altura e peso, junto a uma fotografia desfocada de Richard Lively. Havia ainda o cartão de clínica hospitalar de Chicago, marcado com um asterisco vermelho num dos cantos. AIDS, pensou Ricky. HIV positivo. Ele estava certo a respeito das feridas no rosto do homem. Todos os documentos de identificação tinham endereços diferentes. Ricky colocou-os no bolso. Havia ainda dois recortes de jornal amarelados, que Ricky desdobrou cuidadosamente e leu. O primeiro deles era o obituário de uma mulher de setenta e três anos, o outro era um artigo sobre dispensa de operários em uma fábrica de peças de automóveis. O primeiro, ele supôs, seria da mãe de Richard Lively e o segundo, sobre o emprego que o homem tivera antes de entrar no mundo do álcool que o havia jogado nas ruas, onde Ricky o encontrou. Ricky não fazia ideia do motivo pelo qual o homem teria viajado do meio-oeste para a costa leste, mas reconheceu que havia sido uma mudança propícia para seus propósitos. As chances de alguém ter alguma conexão com o homem diminuía vertiginosamente.

Ricky leu rapidamente os dois recortes de jornal tentando guardar os detalhes na memória. Ele observou que citavam apenas mais uma pessoa entre os parentes da mulher, aparentemente uma dona de casa de Albuquerque, Novo México. Uma irmã, pensou Ricky, que deveria ter desistido do irmão alguns anos atrás. A mãe dele fora bibliotecária e diretora de escola, era o que dizia a modesta homenagem no obituário. Dizia ainda que seu marido havia morrido alguns anos antes. A fábrica que um dia tinha empregado Richard Lively produzia pastilhas de freio e foi vítima de uma decisão corporativista de mudarem-se para a Guatemala, o que diminuía muito o custo do produto. Ricky imaginou que isso teria criado uma grande amargura naquele homem, e que era razão mais que suficiente para alguém deixar que a bebida dominasse sua vida.

Como o homem teria adquirido a doença, ele não saberia dizer. Agulhas, suspeitava. Ele enfiou os recortes de volta na carteira e a jogou na cesta de lixo mais próxima. Pensou no cartão de identificação hospitalar com a denunciante marca vermelha, enfiou a mão no bolso e o retirou dali. Torceu-o até que se partisse ao meio. Misturou-o com os papéis que embrulhavam seu lanche e enfiou tudo no fundo de uma lixeira.

Já sei o suficiente, pensou ele.

O anúncio de chegada do seu ônibus veio por um alto-falante, com uma voz quase ininteligível de algum atendente sentado atrás de uma barreira de vidro. Ricky levantou-se, jogou a mochila nos ombros, colocou o Dr. Starks num canto bem escondido dentro de si e deu seu primeiro passo como Richard Lively.

Sua vida começou a tomar forma rapidamente.

Em uma semana conseguiu dois empregos temporários, o primeiro como caixa em um mercado local, cinco horas no período noturno, e o segundo como repositor em uma loja de conveniência por outras cinco horas, de manhã, o que lhe deixava cinco horas livres durante as tardes para cuidar de outras necessidades. Nenhum dos lugares havia feito muitas perguntas, apesar de o gerente do mercado haver claramente perguntado se Ricky estava participando de algum programa de recuperação, ao que ele respondeu afirmativamente. Acontece que o gerente também estava e, depois de dar a Ricky uma lista de igrejas e centros cívicos com toda sua programação, entregou a Ricky o inconfundível avental verde e o pôs para trabalhar.

Ele usou o número do seguro social de Richard Lively para abrir uma conta bancária, depositando nela o restante do seu dinheiro. Feito isso, Ricky descobriu que investidas no mundo da burocracia eram relativamente fáceis. Ele solicitou a substituição de seu cartão de seguro social preenchendo um formulário, o qual ele mesmo assinou. Um funcionário do Departamento de Trânsito sequer olhou a fotografia da carteira de Illinois quando Ricky a entregou, e ele obteve uma nova carteira de motorista de New Hampshire, desta vez com sua própria fotografia e assinatura, com a cor dos seus olhos e cabelos, seu peso e altura. Alugou ainda uma caixa postal no correio local, o que lhe forneceu um endereço viável para sua correspondência bancária e qualquer outra que precisasse receber. Recebia catálogos de bom grado. Associou-se a uma locadora de filmes e à ACM. Qualquer coisa que lhe fornecesse outros cartões com seu novo nome. Com um outro formulário e um cheque de cinco dólares conseguiu uma cópia da certidão de nascimento de Richard Lively, enviada pelo correio, por um atencioso funcionário de um município fora de Chicago.

Ele tentava não pensar muito a respeito do verdadeiro Richard Lively. Não tinha sido uma tarefa particularmente difícil convencer um homem bêbado, doente e

perturbado, a entregar sua carteira e seus documentos. Apesar de dizer a si mesmo que o que havia feito era melhor do que tomar os documentos à força, na verdade não era.

Ricky sacudia o sentimento de culpa conforme expandia seus horizontes. Prometeu a si mesmo devolver a identidade de Richard Lively quando tivesse acabado com Rumpelstiltskin. Só não sabia quanto tempo isso levaria.

Ricky sabia que precisava mudar-se da quitinete do motel, então foi novamente até a área não muito distante da biblioteca pública, procurando pela casa que vira com a placa de aluguel. Para seu alívio, a placa ainda estava na janela da modesta casa de madeira.

A casa tinha um pequeno jardim lateral, assombrado por um grande carvalho. O jardim estava repleto de brinquedos infantis de plástico vivamente coloridos. Um garoto de quatro anos de idade, cheio de energia, brincava na grama com um caminhão de areia e uma coleção de soldadinhos, enquanto uma mulher mais velha estava sentada em uma cadeira, a alguns metros dali, ocupada na maior parte do tempo com o jornal do dia, de vez em quando dando uma olhadela na criança que imitava o barulho de motor e de batalha enquanto brincava. Ricky viu que a criança usava um aparelho de audição em um dos ouvidos.

A mulher olhou para cima e viu Ricky parado na calçada.

— Olá — disse ele. — Esta casa é sua?

Ela concordou, dobrando o jornal no colo e olhando na direção em que a criança estava brincando.

— É minha, sim — disse ela.

— Eu vi a placa. Sobre o aluguel — disse ele. Ela o observou cuidadosamente.

— Normalmente alugamos para estudantes — respondeu ela.

— Eu sou uma espécie de estudante — disse ele. — E que pretendo fazer uma pós-graduação, mas estou indo um pouco devagar porque preciso trabalhar para viver. Mas estou no caminho — disse ele, sorrindo.

A mulher se levantou.

— Que tipo de pós-graduação? — perguntou ela.

— Criminologia — respondeu Ricky de improviso. — Devo me apresentar. Meu nome é Richard Lively. Meus amigos me chamam de Ricky. Eu não sou daqui. Na verdade, faz pouco tempo que cheguei aqui. Mas realmente preciso de um lugar para morar.

Ela continuou a observá-lo cuidadosamente.

— Não tem família, raízes?

Ele sacudiu a cabeça.

— Esteve preso? — perguntou ela.

Ricky considerou que a resposta verdadeira para aquela pergunta seria sim. Uma prisão projetada por um homem que nunca conheci, mas que me odiava mesmo assim.

— Não — disse ele. — Mas essa não é uma pergunta despropositada. Eu estive morando fora.

— Onde?

— México — mentiu ele.

— O que o senhor estava fazendo no México?

Ele inventou as coisas rapidamente. — Eu tinha um primo que foi para Los Angeles e se envolveu com tráfico de drogas e desapareceu por lá. Eu fui para lá para tentar encontrá-lo. Seis meses de portas fechadas e mentiras, infelizmente. Mas foi isso o que me despertou o interesse em criminologia.

Ela sacudiu a cabeça. Seu tom de voz mostrava que ela tinha muitas dúvidas a respeito daquela história bizarra:

— Certo — disse ela. — E o que trouxe você a Durham?

— Eu só queria ficar o mais longe possível daquele mundo — disse Ricky. — Não arrumei muitos amigos fazendo perguntas sobre meu primo. Imaginei que devia ir para algum lugar bem longe daquele mundo e o mapa sugeriu que esse lugar seria New Hampshire ou Maine, e, assim, acabei vindo para cá.

— Não sei se acredito em você — respondeu a mulher. — Isso parece uma bela invenção. Como posso saber se você é confiável? Você tem referências?

— Qualquer um pode arrumar uma referência — Ricky respondeu. — Eu acho que seria muito mais sensato se você ouvisse a minha voz, observasse meu rosto e tirasse suas próprias conclusões depois de uma conversa.

Essa afirmação fez a mulher sorrir.

— Essa é uma atitude ao estilo de New Hampshire — disse ela. — Vou lhe mostrar o quarto, mas ainda não estou muito segura.

— É justo — disse Ricky.

O quarto era um sótão reformado, com seu próprio banheiro simples, com espaço suficiente apenas para uma cama, uma mesa e uma antiga poltrona. Uma estante vazia e uma cômoda com gavetas estavam encostadas em uma parede. Havia uma janela agradável enfeitada com uma cortina rosa, feminina e cheia de babados com uma meia-lua no alto que dava para o jardim e para a rua sossegada. As paredes eram decoradas com pôsteres de propaganda de viagens de Flórida Keys e Vail, no Colorado. Uma mergulhadora de biquíni e um esquiador levantando uma camada de neve pura. Havia um nicho fora do quarto com um pequeno refrigerador e uma mesa com um fogãozinho. Uma estante escavada na parede continha algumas peças de louça branca. Ricky observou o espaço bem aproveitado e achou que tinha muitas características de uma cela de monge, que era mais ou menos como ele se via

atualmente.

— Você não pode cozinhar de verdade — disse a mulher. — Só uns lanches, pizza, essas coisas. Não permitimos o uso da cozinha...

— Eu geralmente como fora — disse Ricky. — Não sou muito de comer, mesmo.

A proprietária continuava a observá-lo.

— Quanto tempo pretende ficar? Geralmente alugamos por um ano escolar...

— Isso seria bom — disse ele. — Você quer um contrato?

— Não, um aperto de mãos é geralmente tudo que pedimos. Nós pagamos todas as despesas, exceto telefone. Há uma linha separada aqui, E com você. A companhia telefônica pode ligar quando você quiser. Nada de convidados. Nada de festas. Nada de música alta. Nada de luzes acesas até tarde.

Ele sorriu e interrompeu-a:

— E você geralmente aluga para estudantes? Ela percebeu a contradição.

— Bem, estudantes sérios, quando conseguimos encontrar um.

— Você mora aqui sozinha com seu filho?

— Ela sacudiu a cabeça com um sorriso.

— Essa é uma pergunta lisonjeira. Ele é meu neto. Minha filha está na escola. Divorciada e tentando conseguir um diploma de contadora.

Fico com o menino enquanto ela trabalha ou estuda, o que é praticamente o tempo todo.

Ricky fez que sim com a cabeça.

— Sou um homem muito reservado — disse ele — e sou também muito tranquilo. Trabalho em dois empregos, o que consome grande parte do meu tempo. E, no meu tempo livre, estudo.

— Você já é velho para ser estudante. Talvez velho demais.

— Nunca estamos velhos demais para aprender, não é?

A mulher sorriu novamente. Ela continuou a observá-lo atentamente.

— Você é perigoso, Sr. Lively? Ou está fugindo de alguma coisa? Ricky considerou a sua resposta, antes de falar.

— Já parei de fugir, senhora...

— Williams. Janet. O garoto é Evan e minha filha, que você ainda não conhece, chama-se Andréa.

— Bem, eu paro por aqui, Sra. Williams. Não estou fugindo de um crime ou de uma ex-mulher e seu advogado, ou de um culto cristão de direita, embora você possa permitir que seria imaginação voar em qualquer uma dessas direções. E, quanto a ser perigoso, bem, se eu fosse, por que estaria fugindo?

— Essa é uma boa pergunta — disse a Sra. Williams. — Sabe como é, é a minha casa. E nós somos duas mulheres solteiras com uma criança...

— Suas preocupações são bem fundadas. Não a culpo por perguntar.

— Não sei o quanto acredito naquilo que me disse — respondeu ela.

— Acreditar é algo tão importante assim, Sra. Williams? Faria alguma diferença se lhe dissesse que eu era algum alienígena vindo de um planeta diferente, mandado aqui para investigar o estilo de vida dos habitantes de Durham, New Hampshire, antes de invadirmos a Terra? Ou se dissesse que sou um espião russo, ou um terrorista árabe, um passo à frente do FBI e que seria bom se pudesse usar seu banheiro para fazer bombas? Há muitos tipos de histórias que alguém pode inventar, mas todas elas são irrelevantes. O que você precisa saber de verdade é se vou ficar quieto, se vou ser reservado, se vou pagar meu aluguel em dia e, falando claramente, se não vou perturbar você, sua filha e seu neto. Não é isso que realmente importa aqui?

A Sra. Williams sorriu.

— Acho que gosto de você, Sr. Lively. Não sei ainda se confio, e certamente não acredito no que você disse. Mas gosto da forma como você coloca as coisas, o que significa que passou no primeiro teste. Mas que tal você me dar agora um mês de garantia e o primeiro mês de aluguel, e depois manteremos as coisas em termos mensais, de modo que, se um de nós sentir-se desconfortável, poderemos resolver tudo rapidamente?

Ricky sorriu e apertou a mão da senhora.

— Segundo minha experiência — disse ele —, conclusões rápidas são ilusórias. E como a senhora definiria desconfortável?

O sorriso no rosto da mulher mais velha alargou-se um pouco e ela manteve o aperto na mão de Ricky.

— Eu definiria desconfortável com os números 9, 1, 1, discados no telefone e uma série subsequentes de perguntas desagradáveis feitas por homens mal-humorados vestindo uniformes azuis. Fui clara?

— Completamente, Sra. William — disse Ricky. — Acho que estamos de acordo.

— Também acho — respondeu ela.

A rotina entrou tão rapidamente na vida de Ricky quanto o outono em New Hampshire.

Na loja, recebeu rapidamente um aumento e novas responsabilidades. O gerente perguntou porque não o via nas reuniões, e, assim, Ricky foi a várias delas, levantando-se uma ou duas vezes no porão de uma igreja para falar a uma sala cheia de alcoólatras, inventando uma típica história de vida arruinada pela bebida que provocava murmúrios de compreensão dos diversos homens e mulheres e vários abraços sinceros, que Ricky sentia-se hipócrita por aceitar. Ele gostava do seu

emprego na loja e se dava bem com os outros empregados, se não expansivamente, pelo menos compartilhando o intervalo para almoço, e mantendo uma amabilidade que mascarava com sucesso sua solidão. Estoque era algo para o qual ele parecia ter inclinação, o que fez com que imaginasse que abastecer as prateleiras com alimentos não era diferente daquilo que fazia com seus pacientes. Eles, também, precisavam ter as prateleiras restauradas e reabastecidas.

O golpe mais importante aconteceu em meados de outubro, quando viu um anúncio para auxiliar de meio-período na equipe de manutenção da universidade. Largou o emprego de caixa no mercado e começou a varrer e limpar os laboratórios de ciências, quatro horas por dia. Aceitou essa tarefa com um propósito tão determinado que impressionou seu supervisor. No entanto, mais importante, esse emprego proporcionou a Ricky um uniforme, um armário onde poderia trocar de roupas e um crachá da universidade, que por sua vez dava acesso ao sistema de informática. Entre a biblioteca local e os bancos de dados dos computadores, Ricky empreendeu a tarefa de criar um novo mundo para si mesmo.

Atribuiu-se um nome eletrônico: Ulisses.

Isso permitiu que ele obtivesse um endereço eletrônico e acesso a tudo aquilo que a Internet podia oferecer. Ele abriu várias contas, usando sua caixa postal como endereço.

Depois, deu um passo adicional para criar uma pessoa inteiramente nova. Alguém que jamais havia existido, mas que tinha seu lugar no mundo, em forma de um pequeno saldo, algumas licenças e um tipo de passado que é facilmente documentado. Algumas dessas coisas eram simples, como obter uma identidade falsa com um novo nome. Mais uma vez ele ficou maravilhado com o número de empresas virtuais que podiam fornecer identidades falsas, "apenas para propósitos de imitação e brincadeira". Ele começou pedindo carteiras de motorista e identidades escolares falsas. Conseguiu ainda obter um diploma da Universidade de Iowa, turma de 1970, e uma certidão de nascimento de um hospital inexistente em Des Moines. Conseguiu também ser incluído na lista de ex-alunos da extinta Escola Católica daquela cidade. Inventou um número falso de seguro social para si mesmo. Armado com essa pilha de material novo, foi até um banco, rival daquele onde já havia aberto uma conta em nome de Richard Lively, e abriu uma conta usando um segundo nome. Esse nome ele escolheu com algum cuidado: Frederick Lazarus. Seu próprio nome ligado ao nome do homem que se ergueu dos mortos.

Foi na pessoa de Frederick Lazarus que Ricky começou a sua busca.

Teve a mais simples das ideias: Richard Lively seria alguém real e viveria são e salvo. Ele seria a segurança. Frederick Lazarus era uma ficção. Não deveria haver nenhuma ligação entre os dois personagens. Um deles era o homem que poderia respirar o anonimato da normalidade. O outro era uma criação, e se alguém,

algum dia, perguntasse algo sobre Frederick Lazarus, descobriria que ele não tinha nenhuma substância, apenas números falsos e identidade imaginária. Ele podia ser perigoso. Ele podia ser um criminoso. Ele podia ser um homem que corresse riscos. Mas ele seria uma ficção criada exclusivamente com um único propósito.

Descobrir o homem que havia arruinado a vida de Ricky e fazê-lo pagar na mesma moeda.

CAPÍTULO 24

Ricky deixou as semanas se transformarem em meses e o inverno de New Hampshire desaparecendo no frio e na escuridão que o ocultavam de tudo que havia acontecido. Ele permitiu que a vida de Richard Lively crescesse diariamente, enquanto ao mesmo tempo continuava adicionando detalhes à sua outra persona, Frederick Lazarus. Richard Lively ia aos jogos de basquete da universidade, quando tinha uma noite de folga, de vez em quando cuidava do bebê para as donas do imóvel, que rapidamente passaram a confiar nele. Nunca faltava ao trabalho e conquistou o respeito dos colegas tanto na loja de conveniências como no departamento de manutenção da universidade, adotando uma personalidade brincalhona, bem-humorada, quase irresponsável, que parecia não levar nada muito a sério, a não ser trabalhar de forma diligente e responsável. Quando perguntavam sobre seu passado, inventava alguma história simples, nada muito exagerado, que pudessem não acreditar ou disfarçava fazendo uma pergunta. Ricky, o expsicanalista, descobriu-se especialista nisso, criando uma situação em que as pessoas geralmente achavam que ele estava falando sobre si mesmo, mas na realidade falava sobre elas. Ficava um pouco surpreso com a facilidade com que mentia.

No início, fez um trabalho voluntário em um abrigo e depois transformou isso em outro emprego. Duas noites por semana trabalhava como voluntário num serviço telefônico de prevenção ao suicídio das dez da noite às duas da madrugada, que era de longe o mais interessante. Era muito comum ficar falando suavemente com estudantes acometidos por vários graus de estresse, curiosamente estimulado por aquela ligação com indivíduos anônimos, mas problemáticos. Aquela era, pensou, uma excelente maneira de manter aguçadas suas habilidades de analista. Quando desligava o telefone, tendo persuadido algum jovem a não agir impulsivamente, mas a ir até a clínica da universidade e pedir ajuda, ele pensava humildemente que estava fazendo penitência por sua falta de atenção, vinte anos atrás, quando Claire

Tyson havia ido ao seu consultório na clínica que ele tanto odiava, com queixas que ele não foi capaz de ouvir e em um estado de perigo que ele não

conseguiu ver.

Frederick Lazarus era alguém bem diferente. Ricky construiu esse personagem com uma frieza emocional que o surpreendeu.

Frederick Lazarus frequentava uma academia, onde corria quilômetros, sozinho em uma esteira, levantava pesos, ganhando forma e força a cada dia, construindo o corpo outrora magro, mas essencialmente mole do analista de Nova York. Sua cintura diminuiu. Os ombros alargaram-se. Ele trabalhava sozinho e em silêncio, exceto por algum gemido ocasional e o impacto dos pés contra a esteira mecânica. Ele começou a pentear o cabelo claro para trás, agressivamente. Deixou crescer uma barba. Sentia prazer no esforço que fazia, especialmente quando percebeu que não respirava mais com dificuldade quando acelerava o passo. A academia oferecia aulas de autodefesa, na maioria das vezes para mulheres, mas ele deu um jeito em seus horários para poder frequentá-las, aprendendo os fundamentos rápidos e eficazes dos socos na garganta, rosto ou virilha. No início, as mulheres pareceram um pouco desconfortáveis com a presença dele na aula, um certo tipo de aceitação. Ao menos elas estavam dispostas a golpeá-lo sem culpa quando ele usava roupas protetoras. Ele considerou isso como uma forma de se fortalecer ainda mais.

Numa tarde de sábado, no final de janeiro, Ricky caminhou por calçadas escorregadias, cobertas de neve e gelo até a loja de materiais esportivos R e R, localizada fora da área da universidade, em um pequeno shopping do tipo que amontoa lojas de pneus, lubrificação rápida e serviços para autos. A R e R — não havia nenhuma indicação visível do que essas letras significavam — era um modesto espaço quadrado, repleto de alvos plásticos com estampas de animais, roupas de caça de um laranja berrante, prateleiras de apetrechos de pesca, arcos e flechas. Em uma parede havia uma fileira de rifles, armas de caça, e armas militares que não tinham a beleza singela das coronhas de madeira e dos canos polidos de suas companheiras esportivas. Os AR-15 e AK-47 tinham uma aparência fria e militar, uma clareza de propósito. Por baixo do tampo de vidro do balcão havia filas e filas de várias armas de mão. Aço azul. Cromo polido. Metal negro.

Passou uma hora agradável discutindo os méritos de várias armas com o vendedor, um homem barbudo e calvo/de meia-idade, usando uma camisa vermelha xadrez e uma pistola calibre 38, de cano curto, na cartucheira, em sua avantajada cintura. O vendedor e Ricky discutiram sobre as vantagens dos revólveres em comparação às armas automáticas, tamanho contra impacto, precisão comparada com poder de fogo. A loja tinha um estande de tiro no porão, duas pistas estreitas, lado a lado, separadas por uma pequena divisória, como se fosse uma pequena, escura e abandonada pista de boliche. Um sistema elétrico de polias carregava silhuetas de figuras humanas até uma parede localizada a uns 15 metros de distância que era reforçada por sacos marrons cheios de serragem. O vendedor mostrou

ansiosamente a Ricky, que jamais usara uma arma de fogo na vida, como mirar e como ficar de pé, com as duas mãos na arma, segurando-a de tal maneira que o mundo se estreitasse e a única coisa que importasse fosse apenas sua visão, a pressão do dedo no gatilho e o alvo que estivesse mirando. Ricky disparou dezenas de tiros, variando da pequena automática .22 para a Magnum .357 e a 9mm, que são as preferidas pelas forças policiais até uma .45 que ficara popular durante a Segunda Guerra Mundial e que lhe deu um coice, partindo da mão, passando pelo ombro e chegando até o peito, quando atirou com ela.

Decidiu-se por uma intermediária, uma Ruger .380 semiautomática, com pente para quinze balas. Ela ficava num nível entre as armas pesadas preferidas pela polícia e as pequenas assassinas que as mulheres e os matadores profissionais gostavam. Ricky escolheu a mesma arma que tinha visto na mala de Merlin, no trem para Manhattan, o que agora parecia ter acontecido em um outro mundo. Achou que era uma boa ideia equiparar-se a ele, ainda que fosse apenas em termos de armas.

Preencheu os formulários com o nome de Frederick Lazarus, usando o número de seguro social falso que havia criado precisamente para esse propósito.

— Leva alguns dias — disse o vendedor gorducho. — Apesar de aqui ser muito mais fácil do que em Massachusetts. Como pretende pagar?

— Em dinheiro — disse Ricky.

— Costume antiquado — sorriu o vendedor. — Nada de plástico?

— Plástico só complica nossa vida.

— Uma Ruger .380 simplifica.

— Ricky concordou.

— E mais ou menos isso, não é?

O vendedor concordou e acabou de preencher a papelada.

— Há alguém em particular que o senhor queira simplificar, Sr. Lazarus?

— Bem, essa é uma pergunta pouco usual — respondeu Ricky. — Será que eu tenho cara de quem odeia o patrão? Ou um vizinho que vive deixando seu viralata no meu gramado? Ou a minha mulher, que enche o meu saco?

— Não — disse o vendedor, sorrindo. — É que nós não vendemos muitas armas portáteis para novatos por aqui. A maioria dos nossos clientes são bastante regulares, nós os conhecemos, pelo menos, de rosto, alguns até pelo nome. Ele olhou para o formulário. — Posso encaminhá-lo, Sr. Lazarus?

— Certamente. — Por que não?

— Bem, é mais ou menos isso o que estou perguntando. Odeio essa maldita burocracia.

— Regras são regras — respondeu Ricky. O homem concordou.

— É a pura verdade.

— E quanto à prática? — perguntou Ricky. — Quero dizer, de que adianta ter uma arma boa como esta se não souber usar direito?

O vendedor concordou.

— O senhor está cem por cento certo quanto a isso, Sr. Lazarus. As pessoas acham que basta comprar uma arma para se proteger. Que diabos, acho que é aí que a coisa começa. A pessoa precisa saber como usar essa arma, especialmente quando as coisas ficam, como podemos dizer, tensas, como quando um ladrão está em sua cozinha e você está de pijamas no quarto...

— Exatamente — interrompeu Ricky. — Você não quer ficar tão apavorado...

O vendedor acabou a frase por ele:

— ... que acabe atirando na própria mulher, no gato ou no cachorro — e em seguida ele sorriu. — Se bem que talvez isso não fosse o pior. Você levaria o ladrão para tomar uma cerveja depois, se fosse casado com a minha mulher. E seu maldito gato fofinho, que me faz espirrar o tempo todo.

— Bem, e o estande de tiro?

— O senhor pode usar sempre que a loja estiver aberta e ninguém estiver usando. Os alvos custam apenas cinquenta centavos. A única coisa que exigimos é que compre sua munição aqui. E que não entre pela porta da frente com a arma carregada. Traga no estojo. Com os pentes vazios. Carregue-os aqui, onde alguém pode ver o que está fazendo. Então pode atirar quantas vezes quiser. Quando chegar a primavera, faremos um curso de combate na selva. Talvez queira participar.

— Claro — disse Ricky.

— Quer que eu telefone quando a autorização chegar, Sr. Lazarus?

— Em quarenta e oito horas? Eu dou uma passada por aqui. Ou telefone.

— Qualquer um dos dois está bom — o vendedor olhou cuidadosamente para Ricky. — Às vezes — disse ele — essas permissões de uso são negadas por causa de algum probleminha idiota. Sabe como é, pode ser que haja algum problema com os dados que o senhor me deu. Pode aparecer alguma coisa no computador de alguém, o senhor entende...

— Erros acontecem, não é? — disse Ricky.

— O senhor parece um bom sujeito, Sr. Lazarus. Eu detestaria que fosse rejeitado por causa de alguma burocracia besta. Não seria justo -o vendedor falou lentamente, bem cuidadoso. Ricky percebeu o tom com que o homem estava falando. — Tudo depende do tipo de funcionário que analisa a solicitação. Alguns deles, na polícia federal, apenas digitam os números, sem nem prestar atenção neles. Outros caras levam seus empregos realmente a sério...

— Parece que você realmente deseja que essa solicitação seja colocada nas mãos do cara certo.

O vendedor balançou a cabeça.

— Nós supostamente não deveríamos saber quem faz essas verificações, mas tenho alguns amigos trabalhando lá...

Ricky tirou a carteira do bolso e colocou uma nota de cem dólares no balcão. O homem sorriu novamente.

— Isso não é necessário — disse ele. Mas sua mão se fechou em cima do dinheiro. — Vou garantir que caia nas mãos do cara certo. O tipo de cara que faz as coisas com rapidez e eficiência...

— Bem — disse Ricky —, isso ajudaria muito. Realmente ajudaria muito. Eu ficaria lhe devendo um favor.

— Nada disso. Tentamos deixar nossos clientes satisfeitos, só isso -e enfiou o dinheiro de Ricky no bolso. — Escute, você não estaria interessado em um rifle? Temos aqui um rifle realmente especial. Calibre .30 com mira. Espingardas também...

Ricky concordou. — Talvez — disse ele. — Preciso verificar quais são as minhas necessidades. Quero dizer, quando tiver certeza de que não terei problemas com as permissões de porte, vou verificar minhas necessidades. Aqueles parecem bastante interessantes — Ele apontou para uma coleção de armas de assalto.

— Uma Uzi, uma pistola Ingram calibre .45 ou um AK-47 com um belo pente banana podem resolver muito bem qualquer problema que você esteja enfrentando — disse o vendedor. — Elas costumam desencorajar desentendimentos e apressar compromissos.

— Essa é uma boa coisa para se manter em mente — respondeu Ricky.

Ricky tornou-se um grande adepto dos computadores.

Usando seu nome virtual, fez duas pesquisas eletrônicas de sua própria árvore genealógica, descobrindo com uma velocidade assustadora como havia sido fácil para Rumpelstiltskin adquirir a lista de seus parentes, que havia sido a base da ameaça inicial. Os cinquenta e tantos membros da família do Dr. Frederick Starks surgiram pela Internet em algumas horas de busca. Ricky percebeu que munido dos nomes, não levava muito tempo para se descobrir os endereços. Os endereços levavam às profissões. Não foi difícil deduzir como Rumpelstiltskin, que tinha todo o tempo e energia necessários — pôde descobrir quem eram essas pessoas e encontrar alguns membros vulneráveis no extenso grupo.

Ricky estava sentado diante do computador, levemente atordoado.

Quando seu próprio nome surgiu, e o programa de árvores genealógicas que estava usando citou-o como recentemente falecido, ele enrijeceu-se na cadeira, surpreso, embora não devesse ter ficado; era o mesmo tipo de choque que alguém sente quando um animal passa correndo na frente do carro à noite, e depois some nos

arbustos ao lado da estrada. Um instante de medo que passa na mesma hora.

Ele havia trabalhado durante décadas em um mundo de privacidade, onde os segredos ficavam escondidos por trás de névoas emocionais e camadas de dúvidas, atolados na memória, ocultos por anos oprimidos de negação e depressão. Se a análise é, na melhor das hipóteses, o lento desnudar de frustrações para expor as verdades, o computador parecia ter-lhe a equivalência clínica de um bisturi. Detalhes e fatos simplesmente pulavam da tela, expostos crua e instantaneamente com alguns toques no teclado. Ele odiava aquilo ao mesmo tempo em que ficava fascinado.

Ricky percebeu ainda como sua profissão parecia antiquada.

E entendeu rapidamente como haviam sido mínimas as suas chances de sair ganhando do jogo de Rumpelstiltskin. Quando recordou os quinze dias entre a carta e sua pseudomorte, percebeu como havia sido fácil para aquele homem antecipar cada movimento seu. A previsibilidade de sua reação a cada movimento era completamente óbvia.

Ricky pensou profundamente sobre um outro aspecto do jogo. Cada momento havia sido projetado com antecipação, cada momento o lançara em direções claramente esperadas. Rumpelstiltskin o conhecia muito bem, tão bem quanto a si mesmo. Virgílio e Merlin, juntos, haviam sido os meios usados para impedi-lo de obter qualquer perspectiva. Eles haviam criado o ritmo perigoso, haviam enchido seus últimos dias com exigências e tornaram cada ameaça real e palpável.

Cada passo do jogo havia sido previsto. Da morte de Zimmerman no metrô até sua ida à casa do Dr. Lewis, em Rhinebeck, e o seu encontro com o funcionário do escritório do hospital onde ele atendera Claire Tyson. O que um analista faz? — Ricky perguntou-se. Ele estabelece a mais simples e inviolável das regras. Uma vez por dia, cinco dias por semana, seus pacientes apareciam em sua porta, tocando a campainha de modo característico. Fora desse regime, o resto do caos de suas vidas ganhava forma. E com isso, sua habilidade de manter o controle.

A lição era simples, pensou Ricky: ele não podia mais ser previsível.

Isso não era totalmente correto, disse a si mesmo. Ricky Liverly podia ser normal quanto fosse necessário, tão normal quanto quisesse. Um homem comum. Mas Frederick Lazarus deveria ser alguém bem diferente.

Um homem sem passado, pensou ele, pode escrever qualquer futuro.

Frederick Lazarus obteve um cartão da biblioteca e mergulhou na cultura da vingança. Violência gotejava de cada página que lia. Leu histórias, peças, poesia e casos reais, todos na categoria dos crimes verdadeiros. Devorou romances, desde suspenses escritos no último ano até os góticos do século XIX. Seguiu pelo mundo

do teatro, quase decorando Otelo e então, mais profundamente ainda, Oresteia. Puxou trechos da memória e releu passagens de seus tempos de escola, dedicando mais tempo ao homem que lhe deu seu nome virtual e emprestou-lhe o nome que usou com o coitado cuja carteira roubou. Ele absorveu a sequência em que Ulisses tranca as portas e mata todos os pretendentes que acreditavam que ele estava morto.

Ricky sabia pouca coisa sobre crimes e criminosos, mas rapidamente tornou-se um especialista, pelo menos aquilo que as palavras impressas podem ensinar. Thomas Harris e Robert Parker ensinaram a ele, assim como Norman Mailer e Truman Capote. Edgar Allan Poe e Sir Arthur Conan Doyle misturaram-se de forma liberal com os manuais de treinamento do FBI, que ele comprava pela Internet. Ele leu *The Mask of Sanity* de Hervey Cleckley e passou a ter um conhecimento muito mais apurado da natureza dos psicopatas. Leu livros intitulados como *Por que eles Matam* e a *Enciclopédia de A a Z dos Serial Killers*. Leu sobre assassinatos em série e assassinatos que usavam explosivos, crimes passionais e assassinatos que eram quase perfeitos. Nomes e crimes preenchiam sua imaginação, desde Jack, o Estripador e Billy the Kid até John Wayne Gacy e o Assassino do Zodíaco. Do passado até o presente. Leu sobre crimes de guerra e atiradores de elite, sobre ferir pessoas e rituais satânicos, gângsteres e adolescentes confusos que levavam armas para a escola, atirando em colegas que haviam caçado deles mais do que deviam.

Para sua surpresa, descobriu que era capaz de separar num compartimento tudo aquilo que lia. Quando fechava a capa de um outro livro detalhando algum dos atos mais terríveis que um homem pode cometer contra outro, punha Frederick Lazarus de lado e voltava para Richard Lively. Um homem estudava como estrangular uma vítima e porque uma faca não era uma boa escolha comparada a uma arma de fogo, o outro lia histórias de ninar para o neto de quatro anos da dona do imóvel e memorizava *Green Eggs and Ham*, que a criança nunca se cansava de ouvir a qualquer momento do dia ou da noite. Além disso, enquanto um homem estudava o impacto de amostras de DNA nas análises da cena de um crime, o outro passava a noite conversando com um aluno doidão devido às drogas.

Jekyll e Hyde, pensou ele.

De uma maneira perversa, descobriu que gostava da companhia desses dois homens.

Talvez, o que era bastante curioso, mais do que do homem que era antes de Rumpelstiltskin entrar em sua vida.

Numa noite de primavera, bem tarde, nove meses depois de sua morte, Ricky passou três horas no telefone com uma jovem perturbada e profundamente depressiva que ligou para o número de prevenção ao suicídio em desespero, com um tubo de pílulas para dormir na mesa à sua frente. Ele falou com ela sobre aquilo em

que a vida dela havia se tornado e o que poderia se tornar. Ele pintou com palavras um futuro livre das tristezas e dúvidas que a haviam levado até aquele estado. Ele colocou esperança em cada linha do que estava dizendo e quando os dois perceberam os primeiros raios de luz do dia, ela já havia desistido de tomar as pílulas e marcado uma consulta com um psicólogo.

Quando ele saiu de lá naquela manhã, mais energizado do que exausto, decidiu que havia chegado o momento de fazer sua primeira exploração.

Mais tarde, naquele mesmo dia, quando havia terminado seu turno no departamento de manutenção da universidade, usou seu crachá eletrônico para entrar no departamento de computadores de ciências na sala dos estudantes. Era um espaço quadrado, cortado por mesas de estudo, cada uma delas com um computador ligado ao sistema principal da universidade. Ele ligou um deles, entrou com sua senha e penetrou no sistema. Em uma pasta na mão esquerda, tinha a pequena quantidade de informações que havia obtido em sua vida anterior sobre aquela mulher que havia ignorado. Hesitou por um momento, antes de fazer sua primeira busca eletrônica. Ricky compreendeu que provavelmente poderia encontrar liberdade e uma vida simples e tranquila, vivendo o resto de sua vida como Richard Lively. A vida de um zelador não era assim tão má, tinha de admitir. Ele imaginou por um instante se não saber não seria melhor do que saber, porque tinha consciência de que assim que começasse o processo de descobrir as identidades de Rumplestiltskin e seus parceiros, Merlin e Virgílio, ele não poderia mais parar. Duas coisas poderiam acontecer, disse a si mesmo. Todos os anos vividos como Dr. Starks, dedicados à convicção de que arrancar a verdade das profundezas era uma tarefa valiosa, iriam tomar conta dele. Ou Frederick Lazarus poderia exigir seus próprios direitos como veículo de seu ataque.

Ricky lutou consigo mesmo por alguns momentos. Não sabia por quanto tempo. Pode ter sido por segundos, ou ele pode ter ficado encarando a tela do computador por horas, com os dedos posicionados, congelados sobre o teclado.

Disse a si mesmo que não seria covarde.

O problema era, pensou, onde estava a covardia? Em se esconder ou em agir?

Uma frieza desceu sobre ele quando tomou sua decisão. Quem era você, Claire Tyson?

E onde estão seus filhos hoje?

Há vários tipos de liberdade, pensou Ricky. Rumplestiltskin o havia matado para adquirir uma delas. Agora ele iria encontrar a sua.

CAPÍTULO 25

TUDO o que Ricky sabia era que vinte anos atrás UMA MULHER MORRERA na cidade de Nova YORK e que seus três filhos haviam SIDO ENTREGUES ao estado para adoção. Por esse motivo ele havia sido forçado a se MATAR.

As primeiras buscas de Ricky no computador, rastreando o nome de Claire Tyson curiosamente resultaram em nada. Era como se a morte dela a tivesse apagado dos arquivos que ele conseguia acessar, da mesma forma que a apagara do mundo. Mesmo com a cópia do atestado de óbito de vinte anos atrás, ele não conseguia nada. Os programas de buscas de árvores genealógicas, que haviam exposto seus próprios parentes tão rapidamente, mostraram-se significativamente menos eficazes quando ele procurou pelo nome dela. Ela parecia vir de uma família com muito menos status e essa falta de identidade parecia reduzir a presença dela no mundo. Ele ficou um pouco surpreso com essa falta de informação. Os programas do tipo "Encontre seus parentes desaparecidos!" prometiam ser capazes de rastrear virtualmente qualquer pessoa, e a aparente ausência dela em todos os registros procurados era frustrante.

Mas seus primeiros esforços não foram completamente perdidos. Uma das coisas que havia aprendido desde suas últimas férias foi pensar mais tangencialmente. Como psicanalista, ele aprendera a arte de seguir símbolos para chegar à realidade. Agora, estava usando habilidades similares, mas de uma maneira bem mais concreta. Quando o nome de Claire Tyson não deu nenhum resultado, ele começou a fazer buscas por outros meios. Uma busca nos registros estaduais de Manhattan forneceu-lhe o nome do proprietário atual do prédio onde ela morava. Uma outra busca levou-o a nomes e endereços, no setor burocrático da cidade, onde ela podia ter se cadastrado em busca de benefícios, tíquetes de alimentação e auxílio para famílias com crianças dependentes. O truque, pensou Ricky, era tentar imaginar como seria a vida de Claire Tyson vinte anos atrás, ir afunilando até chegar ao que era importante. Em algum lugar desse cenário poderia estar a ligação com o homem que o havia perseguido.

Procurou ainda, pelo computador, nas listas telefônicas do norte da Flórida. Era de lá que ela tinha vindo, e Ricky suspeitava que, se ela tivesse algum parente vivo — além de Rumpelstiltskin — era lá que estaria morando. O atestado de óbito registrava o endereço de um parente próximo, mas quando ele cruzou o endereço e o nome, percebeu que uma outra pessoa estava morando naquele endereço. Havia vários Tysons vivendo ao redor de Pensacola e parecia uma tarefa gigantesca determinar quem era quem, até que Ricky lembrou-se de suas próprias anotações

pessoais tomadas durante as sessões com a mulher. Ela tinha o ensino médio, lembrou, e havia feito dois anos de faculdade antes de abandonar os estudos para seguir um marinheiro que servia na base naval, o pai de seus três filhos.

Ricky imprimiu os nomes dos possíveis parentes e os endereços de todas as escolas de ensino médio da área.

Ele tinha a sensação, conforme observava atentamente as palavras impressas nas folhas de papel do computador, que o que estava fazendo era exatamente o que deveria ter feito muitos anos antes: tentar conhecer e compreender uma jovem mulher.

Ele considerou que aqueles dois mundos não podiam ser mais diferentes. Pensacola, na Flórida, fica no Cinturão Religioso. Adorações a Jesus, vozes elevadas, orações ao Senhor e Igreja aos domingos e em qualquer outro dia em que a presença Dele fosse necessária. Nova York, no entanto, pensou Ricky, representava tudo aquilo que alguém criado em Pensacola considerava errado e mau. Era uma combinação improvável, pensou. Mas ele estava relativamente certo a respeito de uma coisa: era mais provável que ele encontrasse Rumpelstiltskin na cidade do que na área rural da Flórida. Mas não achava que o homem não tivesse influências do sul.

Ricky decidiu começar por lá.

Usando as habilidades que já havia dominado, encomendou uma carteira de motorista da Flórida e um cartão de aposentadoria militar, ambos falsos, de um dos sites de vendas de objetos de imitação na Internet. Os documentos deviam ser enviados para a caixa postal de Frederick Lazarus, mas o nome que constaria nesses documentos era Rick Tyson.

Ele achava que era mais provável que as pessoas se prontificassem a ajudar um parente distante, que inocentemente apareceria tentando encontrar suas raízes. Como informação adicional, inventou um centro de tratamento de câncer e, em um papel com timbre falso, escreveu uma carta que começava com "a quem possa interessar", que dizia que o filho do Sr. Tyson era vítima do mal de Hodgkins e necessitava de um transplante de medula óssea, e que qualquer ajuda para rastrear os vários membros familiares cujo DNA fosse compatível, seria imprescindível e talvez vital.

Aquela carta era completamente cínica, pensou Ricky, mas provavelmente abriria algumas portas que ele precisava abrir.

Reservou uma passagem aérea, tomou algumas providências em relação às donas do imóvel alugado e ao chefe no setor de manutenção da universidade, trocando alguns dias e horas de trabalho para ter um período de tempo livre, e depois foi até uma loja de roupas usadas e comprou um terno preto de verão, simples e extremamente barato. Aquilo seria mais ou menos, pensou ele, o que um

agente funerário usaria, o que acreditava ser adequado para as circunstâncias. Mais tarde, na noite anterior à sua partida, vestindo seu uniforme de trabalho, ele entrou no departamento de teatro da universidade. Uma de suas chaves-mestras abriu o depósito onde as fantasias para as várias produções do colégio eram guardadas. Não demorou muito para encontrar o que queria.

Havia uma umidade pesada, oculta como uma ameaça velada, no calor da Costa do Golfo. Conforme chegou do lado de fora do aeroporto, na área de espera dos carros alugados, vindo do ambiente gelado pelo ar-condicionado, teve a impressão de respirar um ar carregado de um calor oleoso, opressivo e grudento, muito pior que os dias mais quentes de Cape Cod ou do que o auge do calor de Nova York. Era quase como se o ar tivesse substância, como se carregasse algo invisível e indefinido. Doença, pensou ele inicialmente. Mas, depois, achou que estava exagerando.

Seu plano era simples: iria procurar um motel barato e depois iria para o endereço escrito no atestado de óbito de Claire Tyson. Bateria em algumas portas, faria perguntas, verificaria se alguém atualmente morando naquele local sabia algo a respeito de seus familiares. Então percorreria as escolas de ensino médio mais próximas daquele endereço. Não era um grande plano, pensou, mas tinha uma certa persistência jornalística: bater de porta em porta e ver se alguém tinha algo a dizer.

Ricky encontrou um motel localizado numa larga avenida, que parecia abrigar apenas lanchonetes de todas as cadeias, galerias de lojas e outlets. Aquela era uma rua de concreto, banhada pelo sol, brilhando ao sol do Golfo. De vez em quando, um jardim de palmeiras ou arbustos aparecia entre os prédios de comércio barato, como destroços trazidos pelo mar após uma tempestade. Ele podia sentir o gosto do mar por perto, o cheiro estava no ar, mas o que se via era um lugar em desenvolvimento, uma repetição quase infinita de prédios de dois andares e placas chamativas.

Registrou-se com o nome de Frederick Lazarus e pagou em dinheiro por três diárias. Disse ao recepcionista que era vendedor, apesar de o homem não estar prestando muita atenção na conversa. Após examinar o modesto quarto, Ricky deixou a bagagem e caminhou pela área de estacionamento até uma loja de conveniência do posto de gasolina. Lá, comprou um mapa detalhado de toda a área de Pensacola.

O conjunto residencial perto da ampla área da base naval tinha uma uniformidade que fez Ricky considerá-lo semelhante a um dos primeiros círculos do inferno. Fileiras de casas de blocos cinzentos de concreto, entremeadas por pequenas manchas verdes de grama, com seus característicos regadores automáticos, borrifando cores pelo ar. As coisas ali eram muito delimitadas, considerou ele, enquanto dirigia pela área. Cada quarteirão trazia uma característica que parecia

definir as aspirações de seus habitantes; os quarteirões que eram bem cuidados e modestamente limpos, com as casas recém-pintadas que brilhavam de maneira sobrenatural sob o sol do Golfo, pareciam falar de esperança e oportunidades. Os carros, nas garagens, eram limpos, polidos, brilhantes e novos. Havia balanços e brinquedos de plástico em alguns jardins, e apesar do calor da manhã, algumas crianças brincavam sob o olhar atento dos pais. Mas as linhas de demarcação eram claras: seguindo poucos quarteirões em direção oposta, as casas ganhavam uma aparência gasta e mais velha. Pinturas descascadas e calhas manchadas pelo uso. Cercas marrons, fechadas por correntes, um ou dois carros sobre blocos de concreto, sem as rodas, enferrujando. Ouviam-se poucas vozes de crianças brincando, as latas de lixo eram abarrotadas de garrafas. Lugar de sonhos limitados, pensou ele.

Ele percebeu que o Golfo, um pouco adiante, com sua vastidão de águas azuis, e a base, com seus grandes navios cinzentos alinhados, eram o eixo sobre o qual tudo girava. Mas conforme se afastava do oceano, penetrando numa área mais pobre, o mundo no qual entrava parecia limitado, sem objetivos e sem esperanças.

Quando encontrou a rua onde a família de Claire Tyson vivera, estremeceu. Não era nem melhor nem pior do que qualquer outra casa dos outros quarteirões, mas naquela mediocridade, dizia muita coisa: um lugar de onde se devia fugir.

Ricky estava procurando pelo número treze, que ficava no meio do quarteirão. Ele aproximou-se e estacionou do lado de fora.

A casa em si era bem parecida com todas as outras do quarteirão. Térrea, um ou dois quartos, aparelhos de ar-condicionado pendurados em algumas janelas. Uma laje de concreto servia como varanda da frente e um portão negro e enferrujado estava encostado na lateral. A casa era pintada de rosa pálido e tinha um incongruente número treze escrito à mão em tinta preta perto da porta. O um era muito maior do que o três, o que dava a impressão de que a pessoa que havia pintado o número na parede tinha mudado de ideia no meio do caminho. Havia uma cesta de basquete na frente de uma cobertura para carros, que parecia, a seu olhar inexperiente, de quinze a trinta centímetros abaixo da altura regulamentar. Além disso, o aro estava torto. Não havia rede. Uma bola laranja, desbotada e velha, estava encostada em um pilar. O jardim da frente tinha uma aparência de desleixo, com faixas de sujeira no meio da grama repleta de ervas daninhas. Um cachorro, grande e amarelo, acorrentado a uma parede, confinado por uma cerca de arame ao minúsculo quintal, começou a latir furiosamente quando ele caminhou, em direção à casa. O jornal daquele dia havia sido deixado perto da rua e ele o pegou e levou até a porta da frente. Apertou a campainha e ouviu-a tocar lá dentro. Um bebê estava chorando, mas silenciou quase instantaneamente quando uma voz respondeu:

— Estou indo, estou indo...

A porta se abriu e uma jovem mulher negra, com uma criança pequena no

colo, apareceu diante dele. Ela não abriu a porta de tela.

— O que você quer? — perguntou irritada e a contragosto. — Você veio aqui pra levar a TV? A lavadora? Talvez a mobília? A mamadeira do bebê? O que você vai levar desta vez? — ela olhou por trás dele em direção à rua, os olhos procurando por um caminhão e carregadores.

— Eu não estou aqui para levar nada — disse ele.

— Você é da companhia elétrica?

— Não, não sou coletor de impostos e nem cobrador.

— Que você é, então? — perguntou ela com a voz ainda agressiva, desafiante.

— Sou apenas um homem com algumas perguntas — disse ele. Ricky sorriu. — E se você tiver algumas respostas, talvez eu tenha algum dinheiro.

A mulher continuou a olhar para ele com desconfiança, mas agora também com um pouco de curiosidade.

— Que tipo de perguntas? — perguntou ela.

— Perguntas sobre alguém que já morou aqui. Há algum tempo.

— Não sei muita coisa — disse a mulher.

— O nome da família é Tyson — disse Ricky. A mulher concordou com a cabeça.

— Ele é o homem que foi despejado antes de nos mudarmos. Ricky pegou a carteira e tirou uma cédula de vinte dólares. Ele a mostrou e a mulher abriu a porta de tela.

— Você é policial? — perguntou ela — Algum tipo de detetive?

— Eu não sou policial — disse Ricky. — Mas talvez seja um tipo de detetive.

Ele entrou na casa e seus olhos levaram alguns segundos para se ajustar à escuridão. Estava sufocante no pequeno hall de entrada e ele seguiu a mulher e a criança até a sala. As janelas estavam abertas naquele cômodo, mas o calor acumulado ainda fazia a pequena sala parecer uma cela de prisão. Havia uma cadeira, um sofá, uma televisão e um cercadinho vermelho e azul, onde a criança foi colocada. As paredes eram nuas, exceto por uma fotografia do bebê e uma simples fotografia de casamento da mulher com um jovem negro usando uniforme naval. Ele diria que o casal tinha dezenove anos. Talvez vinte. Ele deu uma olhada na jovem e pensou: dezenove anos, mas envelhecendo rapidamente. Ricky olhou novamente para a fotografia e fez uma pergunta óbvia:

— E o seu marido? Onde ele está agora?

— Está viajando — disse a mulher. A voz dela, sem o tom de raiva, tinha uma certa doçura melodiosa. Seu sotaque era indubitavelmente dos negros do sul e Ricky achou que era bem do sul. Alabama ou Geórgia, talvez Mississippi. Ele

suspeitava que alistar-se havia sido o meio de escapar da vida rural, e ela o havia seguido, não sabendo que estava simplesmente trocando um tipo de pobreza por outro. — Ele está no Golfo, uma tal de Arábia, no USS Essex. É um destróier. Vai demorar mais dois meses até voltar para casa.

— Qual o seu nome?

— Charlene — respondeu ela. — E então, quais são as perguntas que vão me render um dinheirinho extra?

— As coisas estão apertadas?

Ela sorriu como se isso fosse uma piada.

— Pode acreditar que sim. O pagamento da marinha não é dos melhores enquanto você não sobe um pouco. Já perdemos o carro e estamos dois meses atrasados no aluguel. A mobília, nós estamos devendo também. E a mesma história pra todo mundo nesta parte da cidade.

— O proprietário está ameaçando você? — perguntou Ricky. A mulher surpreendentemente negou com a cabeça.

— O proprietário é um cara muito legal, eu não sei. Quando tenho dinheiro eu mando para uma conta bancária. Mas um homem do banco, ou talvez um advogado, me ligou e disse para não me preocupar, para pagar quando pudesse, disse que entendia que às vezes as coisas ficavam difíceis para os militares. O meu marido, Reggie, é só um marinheiro. Vai ter de subir um pouco antes de ganhar dinheiro mesmo. Mas o proprietário é legal, os outros não. A companhia elétrica diz que vai desligar, e é por isso que não posso usar o ar-condicionado nem o resto.

Ricky adiantou-se e sentou-se na única cadeira e Charlene acomodou-se no sofá.

— Diga-me o que você sabe sobre a família Tyson. Eles moravam aqui antes de vocês se mudarem?

— Isso mesmo — disse ela. — Não sei muito sobre essas pessoas. Tudo o que sei é sobre o velho. Ele estava aqui sozinho. Por que está interessado naquele velho?

Ricky pegou a carteira e mostrou à jovem a carteira de motorista falsa com o nome de Ricky Tyson.

— Ele é um parente distante e tem um pouco de dinheiro para receber de um testamento — mentiu Ricky. — Eu fui enviado pela família para tentar localizá-lo.

— Não sei se ele vai precisar de dinheiro onde ele está — disse Charlene.

— Onde?

— Em um asilo, em Midway Road. Se é que ainda está vivo.

— E a esposa dele?

— Ela morreu. Faz um tempão. Falaram que ela tinha um coração fraco.

— Você a conheceu?

Charlene sacudi a cabeça.

— A única história que sei é a que foi contada pelos vizinhos.

— Então me conte essa história.

— Os velhos viviam aqui sozinhos...

— Me disseram que eles tinham uma filha...

— Também me disseram, mas que ela morreu, há muito tempo.

— Certo. Continue.

— Eles viviam com o dinheiro do seguro social. Talvez tivessem alguma pensão, eu não sei. Mas não devia ser muita coisa. A velha ficou doente do coração. Ela não tinha seguro-saúde. Ficaram cheios de dúvidas. Acabaram contraindo dívidas. A velha ficou mal e morreu, deixando o velho com mais contas ainda para pagar. Ele não tinha seguro. Era só um velho, nojento, sem vizinhos como ele, sem amigos, sem família que se conheça. A única coisa que ele tinha era o mesmo que eu, contas para pagar. Pessoas querendo o dinheiro dele. Um dia, atrasou o pagamento da hipoteca da casa e descobriu que não era mais o banco que ele pensava que possuía a nota, alguém tinha comprado a hipoteca do banco. Ele não pagou e foi despejado. Jogaram o velho na rua. Depois disso, ouvi dizer que ele estava no asilo. Acho que ele não vai mais sair de lá, a não ser que seja morto.

Ricky considerou o que havia acabado de ouvir e perguntou:

— Você veio para cá depois do despejo?

— E — Charlene suspirou e sacudi a cabeça, — Todo esse quarteirão era um pouco melhor há dois anos. Não tinha tanto lixo nem tanta gente bebendo e brigando. Achei que era um bom lugar pra começar, mas agora não tenho pra onde ir e nem dinheiro pra sair daqui. De qualquer forma, ouvi a história do velho dos vizinhos em frente. Eles foram embora. Provavelmente todas as pessoas que sabiam alguma coisa sobre o velho, foram embora. Mas parece que ele não tinha muitos amigos. O velho tinha um pit bull preso lá nos fundos onde deixamos agora o nosso cachorro. O nosso cachorro, ele só late, faz barulho, como quando você estava vindo. Se eu soltar, é mais capaz que venha beijar seu rosto do que morder você. O pit bull de Tyson era diferente. Quando era mais novo, gostava de apostar com o cachorro, sabe, aquelas lutas de aposta. Nesses lugares tem um monte de homens brancos, suando, apostando o dinheiro que não têm, bebendo e brigando. Essa é uma parte da Flórida que não é para os turistas nem para os caras da marinha. É coisa do Alabama ou Mississippi. A Flórida caipira. Caipiras e pit bulls.

— Ele não devia ser muito popular — disse Ricky.

— Havia muitas crianças na vizinhança. Um cachorro assim é uma ameaça para as crianças. Talvez por algumas outras razões, as pessoas daqui não gostavam muito dele.

— Que outras razões?

— Me contaram algumas histórias.

— Que histórias?

— Histórias muito ruins, senhor. Feias, nojentas, todas, histórias horríveis. Não sei se é verdade, e minha mãe e meu pai me disseram para não ficar repetindo as coisas se eu não tenho certeza, mas talvez se perguntar por aí, alguém que não seja temente a Deus como eu pode dizer alguma coisa. Mas não sei quem. Não sobrou ninguém daquela época.

Ricky pensou por um momento e perguntou:

— Você tem o nome ou talvez o endereço do cara para quem paga o aluguel?

Charlene pareceu um pouco surpresa, mas fez que sim com a cabeça.

— Tenho. Faço o cheque para um advogado da cidade e ele manda para um outro cara no banco. Quando eu tenho dinheiro — ela pegou um pedaço de lápis do chão e escreveu o nome e o endereço nas costas do envelope de uma loja de móveis. No envelope, estava impressa em vermelho a seguinte frase: SEGUNDO AVISO.

— Espero que isso ajude você.

Ricky tirou mais duas notas de vinte dólares da carteira e as entregou à mulher. Ela agradeceu balançando a cabeça. Ele hesitou e então retirou uma terceira nota.

— Esta é para o bebê — disse ele.

— E muita bondade sua, senhor.

Ele protegeu os olhos do sol quando voltou para a rua. O céu era uma grande extensão de azul e o calor havia aumentado. Por um momento ele se lembrou dos dias de alto verão em Nova York e como corria para o clima mais fresco de Cape. Aquilo tudo não existia mais, pensou ele. Olhou para a direção onde seu carro alugado estava estacionado e tentou imaginar um velho, sentado na calçada com seus minguados pertences. Sem amigos e despejado da casa onde havia tido uma vida difícil, mas menos sua própria vida, por tantos anos. Descartado rapidamente e sem pensar duas vezes. Abandonado à velhice, à doença e à solidão. Ricky enfiou o papel com o nome e o endereço do advogado no bolso. Ele sabia quem havia despejado o velho. No entanto, ficou pensando, se o velho, sentado no calor e no desespero daquele momento, saberia que o homem que o havia jogado nas ruas era o filho da sua filha, para quem há tantos anos ele havia virado as costas.

Havia uma escola enorme a menos de sete quadras de distância da casa de onde Claire Tyson havia fugido. Ricky entrou na área de estacionamento e observou atentamente o prédio, tentando imaginar como qualquer criança poderia encontrar individualidade, muito menos educação, dentro daqueles muros. Era um prédio enorme cor de areia, com um campo de futebol e uma pista circular em volta por trás de uma cerca de três metros de altura. Ricky teve a impressão de que quem quer que tenha projetado a estrutura, desenhou simplesmente um imenso retângulo e

depois adicionou um segundo retângulo, para criar um bloco em forma de T e então parou, considerando o projeto concluído. Havia um enorme mural, com o perfil de um antigo capacete grego pintado nos tijolos do prédio, e o slogan, LAR DOS ESPARTANOS DO SUL!, ao lado, escrito em letra cursiva, vermelha e desbotada. Aquele lugar parecia um bolo inglês assando ao forno, sob um céu sem nuvens e um sol impiedoso.

Havia balcão de recepção na entrada principal, onde um guarda da escola, usando camisa azul e cinto e sapatos pretos de couro, que se não lhe conferiam o mesmo status de um policial, ao menos lhe davam a mesma aparência, controlava um detector de metais. O guarda deu a Ricky informações sobre onde ficava o departamento administrativo e fez com que ele passasse entre os dois polos da máquina antes de deixá-lo entrar. Seus pés batiam contra o piso de linóleo polido do corredor da escola. Aquele era o horário de intervalo entre as aulas, de modo que ele caminhava mais ou menos sozinho por entre as filas de armários cinzentos. Apenas um ou outro estudante passou por ele correndo.

Havia uma secretária sentada à mesa que ficava por trás da porta onde estava escrito ADMINISTRAÇÃO. Ela o encaminhou ao escritório da diretora depois que ele explicou a razão pela qual estava na escola. Ele esperou do lado de fora, enquanto a secretária teve uma rápida conversa e depois mandou-o entrar. Ele entrou e viu uma mulher, passando da meia-idade, usando uma camisa branca abotoada até o queixo, que desviou o olhar da tela do computador e olhou por cima dos óculos de uma forma quase ranzinza e repressora, para ele. Ela parecia ligeiramente confusa com a presença dele. Apontou uma cadeira, enquanto girava e se sentava atrás de uma mesa abarrotada de papéis. Ele sentou-se pesadamente imaginando estar ocupando um lugar que devia ser bem conhecido por alunos aflitos, pegos fazendo alguma coisa errada ou por pais aborrecidos sendo informados sobre esses mesmos atos.

De que modo, exatamente, eu poderia ajudar o senhor? — disse rapidamente a diretora.

— Estou procurando algumas informações — disse ele. — Preciso fazer algumas perguntas a respeito de uma jovem que estudou nesta escola nos anos sessenta. O nome dela é Claire Tyson.

— Os registros escolares são confidenciais — interrompeu a diretora. — Mas eu me lembro dessa jovem.

— A senhora está aqui há bastante tempo...

— Toda a minha vida profissional — disse a mulher. — Mas, além de deixar o senhor ver o livro anual da classe de 1967, não sei se posso ajudar muito. Como disse, os registros são confidenciais.

— Bem, eu não preciso exatamente dos registros escolares dela -disse Ricky,

tirando a carta falsa do centro de tratamento de câncer do bolso e entregando-a à mulher. — Estou procurando na verdade por qualquer pessoa que possa conhecer algum parente dela...

— A mulher leu rapidamente a carta. A expressão em seu rosto suavizou-se. — Oh — disse ela desculpando-se. — Lamento, eu não sabia...

— Tudo bem — disse Ricky. — Isso é um tipo de tiro no escuro, mas quando se tem uma sobrinha doente desse jeito, a gente arrisca qualquer coisa.

— E claro — disse rapidamente a mulher — Mas não acho que exista algum Tyson ligado a ela por aqui. Ao menos, não que me lembre, e eu me lembro de qualquer um que passe por essas portas.

— Estou surpreso que se lembre de Claire... — disse Ricky.

— Ela era marcante, de muitas formas. Na época eu era orientadora dela. Foi quando comecei.

— Certo — disse Ricky. — Mas recordar-se dela, especialmente depois de todos esses anos...

A mulher fez um gesto ligeiro, como se quisesse cortar a pergunta. Ela se levantou e foi até uma estante que ficava na parede de trás e retornou com um antigo livro de classe, cuja encadernação imitava couro, de 1967. Ela o passou para Ricky.

Era o mais típico dos livros escolares. Página após página, havia fotografias dos estudantes em várias atividades ou jogos, reforçadas por algum texto entusiasmado. A parte principal do livro era constituída pelos retratos formais dos alunos do último ano. Eram fotos posadas das pessoas jovens tentando parecer mais velhas e mais sérias do que realmente eram. Ricky passou pelas fileiras até chegar a Claire Tyson. Teve um pouco de dificuldade para associar a mulher que vira uma década antes, com o rosto jovem, limpo e quase adulto no livro. O cabelo era mais longo e virado para cima na altura do ombro. Ela tinha um leve sorriso nos lábios, um pouco menos formal que o da maioria de suas colegas de classe, ar de quem conhece um segredo. Ele leu a inscrição ao lado da foto. Listava os grêmios dos quais ela participava — francês, ciências, economia doméstica e teatro — e os esportes que praticava, que eram times de: softbol e voleibol. Estavam listadas ainda as distinções escolares, que incluíam oito semestres no livro de honra e uma recomendação do Mérito Nacional Estudantil. Havia uma frase, dita por brincadeira, mas que para Ricky tinha um tom agourento, "Faça aos outros, antes que eles tenham a chance de fazer a você..." Uma previsão: "Quer viver à toda velocidade..." e uma olhada na bola de cristal dos adolescentes: "Em dez anos ela estará na Broadway ou embaixo da terra..."

A diretora estava olhando sobre seus ombros.

— Ela não tinha chance — disse ela.

— Como? — respondeu Ricky, as palavras formando uma pergunta.

— Ela era filha única de um... de um casal complicado. Vivendo à beira da pobreza. O pai dela era um tirano. Talvez pior que isso...

— A senhora quer dizer...

— Ela apresentava vários dos sinais clássicos de abuso sexual. Conversei com ela várias vezes quando ela tinha aquelas incontrolláveis crises de depressão. Choro. Histeria. E depois calma, fria, quase distante, como se estivesse em algum outro lugar, apesar de estar sentada na sala, na minha frente. Eu teria chamado a polícia se tivesse a mínima evidência mais concreta, mas ela nunca deixou escapar o suficiente para que eu tomasse uma providência. Uma pessoa na minha posição precisar ser cuidadosa. E nós não sabíamos tanto sobre essas coisas como sabemos agora.

— Certamente.

— Assim eu sabia que ela fugiria na primeira oportunidade. Aquele rapaz...

— Um namorado?

— Sim. Tenho quase certeza de que ela estava grávida e com a gravidez bem adiantada quando se formou naquela primavera.

— Qual era o nome dele? Preciso saber se algum dos filhos dela ainda estaria... seria vital, entende, com a genética e tudo mais, não entendo essas coisas que os médicos me dizem, mas...

— Havia um bebê, mas não sei o que aconteceu. Eles não criaram raízes por aqui, disso tenho certeza. O rapaz estava indo para a marinha, apesar de eu não estar certa de que tenha chegado lá, e ela foi para a faculdade da comunidade local. Não acredito que tenham realmente se casado. Eu a vi uma vez na rua. Ela parou para me cumprimentar, mas isso foi tudo. Era como se ela não pudesse mais falar sobre nada. Claire passou de um motivo de vergonha diretamente para outro. O problema é que ela era brilhante. Era maravilhosa no palco. Podia fazer qualquer papel, de Shakespeare a *Guys and Dolls*, e fazer isso maravilhosamente. Ela tinha um verdadeiro talento para representar. A realidade é que era um problema para ela.

— Entendo...

— Ela era uma dessas pessoas que você tem vontade de ajudar, mas não consegue. Ela estava sempre procurando por alguém que pudesse tomar conta dela, mas encontrava sempre as pessoas erradas. Sempre.

— E o rapaz?

— Daniel Collins? — a diretora pegou o livro estudantil, virou algumas páginas e o entregou para Ricky.

— Bonito, hein? O queridinho das meninas. Futebol e beisebol, mas nunca foi uma estrela. Muito esperto, mas não se aplicava na sala de aula. Era o tipo de garoto que sempre sabia onde seria a festa, onde conseguir bebida, ou maconha ou o que quer que fosse, e nunca era pego. Um desses garotos que vão simplesmente

deslizando pela vida. Teve todas as garotas que quis, mas especialmente Claire, na coleira. Um daqueles relacionamentos que você sabe que não vai trazer nada além de decepção, mas não pode fazer nada a respeito.

— A senhora não gostava muito dele, não é?

— E por que deveria? Ele era um pouco parecido com um predador. Mais do que um pouco, na verdade. E certamente só estava interessado em si próprio e naquilo que fazia com que se sentisse bem.

— A senhora tem o endereço local da família dele?

A diretora se levantou, foi até o computador e digitou um nome. Então, pegou um lápis e escreveu algo num pedaço de papel que entregou a Ricky. Ele agradeceu com um movimento de cabeça.

— Então a senhora acha que ele a abandonou...

— Certamente. Depois de usá-la bastante. Era nisso que ele era bom: usar as pessoas e depois descartá-las. Se demorou um ano ou dez, eu não sei. Se você estivesse no meu lugar, conseguiria prever muito bem o que acontecerá com todos esses garotos. Alguns podem surpreendê-lo, de uma forma ou de outra. Mas não muitos — ela apontou para a previsão do livro estudantil. Na Broadway ou embaixo da terra. Ricky sabia qual das duas alternativas havia-se tornado realidade. — Os garotos sempre fazem piada com essas previsões. Mas a vida dificilmente é assim tão divertida, não é?

Antes de seguir para o asilo, Ricky parou no motel e colocou o terno preto. Também pegou aquilo que havia tomado emprestado do depósito do departamento de teatro da universidade de New Hampshire, ajustou-o em volta do pescoço e admirou-se no espelho.

O prédio do asilo tinha a mesma aparência desalmada da escola. Eram dois andares, de tijolos pintados de branco jogado em um espaço aberto entre, pelas contas de Ricky, pelo menos seis igrejas diferentes. Pentecostal, Batista, Católica, Congregacional, Unitariana e AME, todas elas com placas em seus gramados, ostentando mensagens esperançosas proclamando a chegada de Jesus ou, pelo menos, conforto nas palavras da Bíblia, repetidas fervorosamente nas sessões diárias e duas vezes aos domingos. Ricky, que havia adquirido um desrespeito saudável pela religião em sua prática psicanalista, quase apreciou a justaposição do hospital e as igrejas: Era como se a dura realidade dos abandonados representada pelo asilo, fosse uma tentativa de equilibrar todo o otimismo mostrado nas igrejas. Ele imaginava se Claire Tyson teria sido frequentadora de alguma igreja. Ele suspeitava que sim, dado o mundo no qual ela havia crescido. Todos iam à Igreja. O problema era que isso não fazia com que os caras parassem de bater nas esposas ou de abusar dos filhos nos outros dias da semana, pensou Ricky, o que ele tinha quase certeza de que Jesus desaprovava, se, por acaso, tivesse uma opinião a respeito.

O asilo tinha dois mastros, ostentando a bandeira dos Estados Unidos e a do estado da Flórida lado a lado, ambas pendendo flacidamente, no inesperado calor de primavera. Havia alguns arbustos verdes plantados de qualquer jeito na entrada e Ricky viu alguns homens idosos em roupões rasgados e cadeiras de rodas numa pequena varanda lateral, sentados sob o sol da tarde. Os homens não estavam em grupos ou mesmo em pares. Cada um deles parecia viver em uma órbita própria, definida pela idade e pela doença, que existia somente para eles mesmos. Ele caminhou pela entrada. O interior era escuro, escancarado como uma boca aberta. Ele tremeu enquanto caminhava. Os hospitais onde havia levado sua esposa antes da morte dela eram iluminados, modernos e projetados para refletir todos os avanços da medicina. Eram lugares que pareciam estar sempre tomados pela energia da determinação de sobreviver. Ou, no caso dela, pela necessidade de batalhar contra o inevitável. Para roubar dias da doença, como um jogador de futebol americano, esforçando-se para ultrapassar cada jarda, não importa quantos homens da defesa se colem nele. Este lugar era exatamente o oposto. Era um prédio que se localizava no final da escala médica, onde os planos de tratamento eram tão leves e pouco criativos quanto o menu diário que serviam. A morte tão regular e simples quanto o arroz branco e puro. Ricky sentiu um calafrio por dentro ao pensar que aquele era um lugar muito triste aonde os homens iam para morrer.

Ele viu a recepcionista atrás da mesa e aproximou-se dela.

— Bom dia, Padre — disse ela radiante — Em que posso ajudá-lo?

— Bom dia, minha filha — respondeu Ricky, passando os dedos pelo colarinho clerical que havia pegado emprestado no teatro da universidade. — Este é um dia bem quente para usar o figurino escolhido pelo Senhor — disse ele, brincando. — Às vezes me pergunto porque Deus não escolheu aquelas camisas havaianas bem coloridas em vez disso -disse Ricky. — Seria muito mais confortável em dias como este.

A recepcionista sorriu alto.

— Em que será que Ele estava pensando? — disse ela, entrando na brincadeira.

— Bem, estou aqui para ver um homem que é seu paciente. O nome dele é Tyson.

— O senhor é parente dele, padre?

— Na verdade não, minha filha, mas a filha dele me pediu para visitá-lo se, por acaso, viesse para estes lados.

Aquela resposta pareceu ser satisfatória, que era o que Ricky esperava. Ele não acreditava que alguém, em toda a Flórida fosse capaz de virar as costas a um membro do clero. A mulher verificou os registros no computador. Ela sorriu levemente quando o nome apareceu na tela.

— Estranho — disse ela. — Os registros mostram que ele não tem parentes vivos. Nem parentes distantes. Tem certeza, que ela era filha dele?

— Eles têm estado muito afastados, ela o abandonou há algum tempo. Agora, talvez, com a minha ajuda e com a bênção de Deus, haja uma chance de reconciliação na velhice.

— Isso seria muito bom, padre. Espero que sim. Mesmo assim, o nome dela deveria estar registrado.

— Direi isso a ela — disse ele.

— Ele provavelmente precisa...

— Deus a abençoe, minha filha — disse Ricky. Ele estava de fato apreciando a hipocrisia de suas palavras e sua história inventada, da mesma forma que um ator aprecia seu desempenho. Momentos repletos de uma leve tensão e de alguma dúvida, mas energizados pela plateia. Depois de tantos anos passados por trás do divã, calando-se a respeito da maioria das coisas, Ricky na verdade mostrava-se ansioso para expor-se ao mundo e mentir.

— Parece não haver muito tempo para uma reconciliação, padre. Infelizmente o Sr. Tyson está na UTI — disse ela. — Lamento muito, padre.

— Ele está...

— Em estado terminal.

— Então, talvez minha chegada seja mais oportuna do que imaginei. Talvez eu possa oferecer algum conforto em seus últimos dias...

A recepcionista concordou. Ela apontou uma planta esquemática do hospital.

— É aqui que você quer ir. A enfermeira de plantão de lá vai ajudá-lo.

Ricky caminhou por uma infinidade de corredores, parecendo estar descendo para mundos que se tornavam cada vez mais frios e sem vida. Era como se, aos seus olhos, tudo no hospital estivesse caindo aos pedaços. Isso fez com que ele se lembrasse das diferenças entre sofisticadas e caras lojas de roupas de Manhattan, que conhecia de sua época de psicanalista, e o mundo das lojas de segunda mão do Exército da Salvação, que conhecera como trabalhador de New Hampshire. No asilo, nada era novo, nada era moderno, nada parecia funcionar da maneira adequada, tudo parecia ter sido usado demais. Até a tinta branca das paredes de cimento era desbotada e amarelada. Era muito curioso, pensou ele, andar por um lugar que deveria ser dedicado à limpeza e à ciência e ter a sensação de que, saindo dali, precisaria tomar um banho. Aquela era a classe mais baixa da medicina, pensou ele. Quando passou pelas unidades de terapia intensiva para cardíacos e doentes pulmonares, as coisas pareceram ficar cada vez mais decrepitas e gastas, até que alcançou o estágio final, duas portas com as palavras TERAPIA INTENSIVA. As placas haviam sido colocadas ligeiramente tortas, de forma que não se alinhavam adequadamente.

O colarinho clerical e o terno cumpriram impecavelmente seu papel, observou ele. Ninguém lhe pediu identificação, ninguém pareceu imaginar, nem de leve, que ele estaria encenando uma farsa. Quando entrou na unidade, viu o posto de enfermaria e aproximou-se da mesa. A enfermeira de plantão, uma mulher negra, alta, olhou para cima e disse:

— Me avisaram que o senhor estava vindo. O Sr. Tyson está no quarto 300. Primeira cama perto da porta...

— Obrigado — disse Ricky. — Você poderia me dizer o que ele tem? A enfermeira prontamente entregou a Ricky o prontuário médico.

Câncer de pulmão. Pouco tempo de vida e com bastante dor. Não sentiu muita pena.

Sob a aparência de ajudar, pensou Ricky, os hospitais contribuem muito para degradar as pessoas. Aquele certamente era o caso de Calvin Tyson, que estava ligado a várias máquinas, deitado desconfortavelmente na cama, olhando para uma televisão antiga pendurada entre sua cama e a do seu vizinho. A televisão mostrava uma novela, mas não tinha som. A imagem também não era boa.

Tyson estava magro, quase esquelético. Tinha uma máscara de oxigênio pendurada no pescoço, que de vez em quando levantava para ajudá-lo a respirar. Seu nariz possuía o inconfundível tom azul de enfisema e suas esqueléticas pernas nuas esticavam-se na cama como galhos de uma árvore arrancados por um temporal e espalhados na pista. O homem na cama ao seu lado estava em iguais condições, e os dois homens ofegavam em um dueto de agonia. Tyson virou-se quando Ricky entrou, apenas movendo a cabeça.

— Não quero falar com padre nenhum — disse ele.

Ricky sorriu, não de forma agradável. — Mas este padre deseja falar com você.

— Eu quero ficar sozinho — disse Tyson. Ricky observou o homem deitado na cama.

— Ao que parece — disse rapidamente — muito em breve você poderá ficar sozinho por toda a eternidade.

Tyson tentou sacudir a cabeça.

— Não preciso mais de nenhuma religião.

— Não vou falar sobre isso — respondeu Ricky. — Pelo menos, não como você pensa.

Ricky parou de falar por um momento, para assegurar-se de que a porta estava fechada. Ricky viu que havia um par de fones de ouvido na beira da cama, para os pacientes escutarem a televisão. Ele deu volta na cama e olhou fixamente para o companheiro de quarto de Tyson. O homem parecia estar péssimo, mas olhou para Ricky com uma ligeira expectativa. Ricky apontou para os fones de ouvido na

cama dele:

— Você poderia colocá-los para que eu fale com seu vizinho em particular? — ele pediu, na verdade, exigindo. O homem deu de ombros e colocou os fones com certa dificuldade.

— Muito bem — disse Ricky voltando a Tyson. — Você sabe quem me mandou aqui? — perguntou ele.

— Não tenho nem ideia — falou Tyson. — Não tem mais ninguém vivo que se preocupe comigo.

— Você está errado a respeito disso — respondeu Ricky. — Mortalmente errado.

Ricky se aproximou, curvando-se sobre o moribundo e sussurrou friamente:

— Então, velho, me diga a verdade. Quantas vezes fodeu sua filha antes que ela fugisse?

CAPÍTULO 26

Os olhos do velho arregalaram-se com espanto e ele se remexeu na cama. Levantou a mão ossuda, sacudindo-a no pequeno espaço que havia entre Ricky e seu peito fundo, como se pudesse mandar a pergunta embora, mas estava fraco demais para isso. Ele tossiu, engasgou e engoliu com dificuldade, antes de responder?

— Que tipo de padre é você?

— Um padre com boa memória — respondeu Ricky.

— O que você quer dizer com isso? — suas palavras saíram apressadas e em pânico. Seus olhos vagaram pelo quarto como se estivessem procurando alguém para ajudá-lo.

Ricky fez uma pausa antes de responder. Ele olhou para Calvin Tyson, repentinamente aterrorizado, contorcendo-se na cama, e tentou imaginar se Tyson estaria apavorado por sua causa ou por causa da história que Ricky parecia conhecer. Suspeitava que o homem teria passado muitos anos como a única pessoa que sabia o que ele havia feito e mesmo que tivesse havido suspeitas por parte das autoridades da escola, dos vizinhos e da própria esposa, ele provavelmente ainda se iludira imaginando que aquele era um segredo que somente ele e a filha já morta compartilhavam.

Ricky, com sua pergunta provocadora, devia ter-lhe parecido uma aparição aterradora. Ele viu a mão do homem tentar alcançar um botão em um fio pendurado na cabeceira e que era o botão para chamar a enfermeira. Ele inclinou-se sobre Tyson e empurrou o dispositivo para fora do seu alcance.

— Nós não vamos precisar disso — disse ele. — Esta vai ser uma conversa particular. A mão do velho desceu pela cama e ele alcançou a máscara de oxigênio,

inspirando profundamente o ar oxigenado, com os olhos ainda arregalados de medo. A máscara era antiquada, verde e cobria o nariz e a boca com um plástico opaco. Em uma unidade hospitalar mais moderna, Tyson estaria usando uma coisa menor que se encaixaria nas narinas. Mas aquele ali era o tipo de lugar para onde os equipamentos mais antigos eram enviados a fim de ser reaproveitados antes de ser descartados, mais ou menos como a maioria dos homens que ocupavam as camas. Ricky tirou a máscara de oxigênio do rosto de Tyson.

— Quem você é? — exigiu o homem, temeroso. Sua voz tinha um forte sotaque do sul. Ricky achou que havia algo de infantil no terror que enchia os olhos dele.

— Eu sou um homem com algumas perguntas — disse Ricky. — Sou um homem que busca algumas respostas. Agora, isso pode ser da maneira mais fácil ou da maneira mais difícil, só depende de você, velho.

Para sua surpresa, ele considerou muito fácil ameaçar um homem velho e decrépito que havia molestado a única filha e depois virado as costas aos filhos dela, órfãos.

— Você não é um pregador — disse o homem. — Você não trabalha para Deus.

— E aí que se engana — disse Ricky. — E considerando que vai encontrá-lo em breve, talvez fosse melhor se acreditasse nisso.

Aquele argumento pareceu fazer algum sentido para o velho, que se remexeu na cama e concordou com a cabeça.

— Sua filha — começou Ricky, mas foi interrompido.

— Minha filha está morta. Ela não era boa. Nunca foi.

— Você acha que talvez tenha alguma coisa a ver com isso? Calvin Tyson sacudiu a cabeça.

— Você não sabe de nada. Ninguém sabe. Já era. História antiga.

Ricky ficou calado, olhando bem dentro dos olhos do homem. Ele os viu se endurecendo, como concreto consolidando-se rapidamente sob o sol forte. Ele calculou rapidamente, em termos de psicologia. Tyson era um pedófilo sem remorsos, pensou Ricky. Sem arrependimento e incapaz de compreender o mal que havia feito à filha. Ele estava mentindo no seu leito de morte e provavelmente estava mais apavorado com aquilo que o esperava do que com o que havia feito no passado. Ele achou que poderia apertar essa corda e ver onde o homem seria atingido.

— Posso perdoar você... — disse Ricky.

O velho bufou e riu com desprezo:

— Não há nenhum padre que tenha esse poder. Eu vou arriscar. Ricky fez uma pausa e depois disse:

— Sua filha Claire teve três filhos...

— Ela era uma prostituta, fugiu com aquele brutamontes, depois foi para Nova York. Foi isso o que a matou. Não eu.

— Quando ela morreu — continuou Ricky, — você foi contatado. Você era o parente vivo mais próximo dela. Alguém de Nova York telefonou querendo saber se você poderia ficar com as crianças...

— E o que eu iria querer com aqueles bastardos? Ela nunca se casou. Eu não quis ficar com eles.

Ricky olhou para Calvin Tyson e considerou que aquela deveria ter sido uma difícil decisão para ele. Por um lado, ele não queria encargos financeiros de criar os três órfãos da filha. Mas, por outro lado, isso lhe teria fornecido várias e novas fontes de satisfação para seus impulsos sexuais pervertidos. Ricky imaginou que deve ter sido uma sedução atraente, quase irresistível. Um pedófilo no auge do desejo tem uma força quase incontrolável. O que teria feito com que ele abrisse mão de uma nova e pronta fonte de prazeres? Ricky continuou a encarar o velho e, então, de repente, entendeu. Calvin Tyson tinha outras fontes. Seriam os filhos dos vizinhos? Na própria rua? Virando a esquina? Em um parque? Ricky não sabia ao certo, mas entendeu que a resposta era bem próxima disso.

— Então você assinou alguns documentos, desistindo deles e entregando-os para adoção, certo?

— Sim. Mas por que você quer saber disso?

— Porque preciso encontrá-los.

— Por quê?

Ricky olhou em volta. Fez um pequeno gesto abrangendo o quarto de hospital.

— Você sabe quem colocou você na rua? Você sabe quem comprou sua casa e jogou você na rua para que acabasse aqui, morrendo sozinho?

Tyson sacudiu a cabeça.

— Alguém comprou a hipoteca da casa. Não me deram nem uma chance de quitar quando estava só um mês atrasado. Me jogaram na rua.

— O que aconteceu depois?

Os olhos do homem ficaram remelentos, repentinamente cheios de lágrimas. Patético, pensou Ricky. No entanto ele expulsou qualquer sentimento nascente de piedade. O que Calvin Tyson havia recebido era pouco perto do que ele merecia.

— Eu fui jogado nas ruas. Fiquei doente. Fui espancado. Agora estou só esperando a morte, como acabou de dizer.

— Bem — disse Ricky —, o homem que jogou você sozinho nesta cama é um dos filhos da sua filha.

Os olhos de Calvin arregalaram-se e ele sacudiu a cabeça.

— Como pode ser isso?

— Ele comprou a hipoteca, despejou você e, provavelmente, também arranjou alguém para espancar você. Você foi violentado?

Tyson sacudiu a cabeça. Ricky pensou: existe uma coisa que Rumpelstiltskin não sabe. Claire Tyson deve ter escondido isso dos filhos. Sorte do velho que Rumpelstiltskin jamais se deu ao trabalho de conversar com os vizinhos ou alguém na escola.

— Ele fez tudo isso comigo? Por quê?

— Porque você virou as costas para ele e para a mãe dele. Então ele fez você pagar, na mesma moeda.

O homem soluçou uma vez.

— Todo o mal que me aconteceu... Ricky terminou por ele:

— ... vem de um único homem. E esse homem que estou tentando encontrar. Então, vou perguntar novamente: você assinou algum documento abrindo mão das crianças para adoção, não é?

Tyson concordou.

— Você recebeu algum dinheiro por isso, também? Novamente o velho concordou.

— Uns dois mil.

— Qual o nome das pessoas que adotaram as três crianças?

— Eu tenho um papel.

— Onde?

— Numa caixa com as minhas coisas, no armário — ele apontou para um armário arranhado de metal cinza.

Ricky abriu a porta e viu algumas roupas surradas penduradas nos cabides. No chão do armário estava um cofre barato. A fechadura havia sido quebrada. Ricky o abriu e rapidamente remexeu alguns velhos documentos até que encontrou alguns dobrados juntos, com um elástico em volta. Ele viu o selo do Estado de Nova York e colocou os papéis no bolso do paletó.

— Você não vai mais precisar deles — disse ao velho. Ele olhou novamente para o homem esticado nos lençóis encardidos da cama do hospital, o roupão mal cobrindo sua nudez. Tyson inalou mais oxigênio e pareceu pálido. — Sabe de uma coisa — disse Ricky lentamente, surpreendendo-se a sua própria crueldade — velho, agora você só precisa se preocupar em morrer. Acho que seria mais esperto de sua parte fazer isso o mais rápido possível, porque acredito que há muito mais dor esperando por você.

Muito mais dor. Tanta dor quanto a que você causou neste mundo multiplicada por cem ou mais. Então, vá em frente, morra.

— O que você vai fazer? — perguntou Tyson. Sua voz era um murmúrio

chocado, repleta de ofegantes e ruidosas respirações e restringida pela doença que devorava seu peito.

— Vou encontrar aquelas crianças.

— Por que você quer fazer isso?

— Porque um deles me matou, também — disse Ricky enquanto se virava para sair.

Era pouco antes da hora do jantar, quando Ricky bateu à porta de uma casa de dois quartos, ajeitadinha, em uma rua tranquila, com uma fileira de palmeiras. Ainda estava vestido de padre, o que lhe dava um pouco a mais de confiança, como se o colarinho clerical em volta do seu pescoço lhe conferisse uma certa invisibilidade para enfrentar qualquer pessoa que lhe fizesse perguntas. Esperou enquanto ouvia o barulho de pés se arrastando, então a porta se abriu só um pouco e ele viu uma senhora olhando pela brecha. A porta abriu-se um pouco mais quando ela viu o traje clerical, mas ela continuou atrás da porta de tela.

— Sim? — perguntou ela.

— Olá! — respondeu Ricky alegremente. — Gostaria de saber se a senhora poderia me ajudar. Estou tentando encontrar um jovem chamado Daniel Collins...

A mulher engasgou-se e ergueu uma mão até a boca para esconder a surpresa. Ricky permaneceu em silêncio enquanto observava o esforço da mulher para recompor-se. Ele tentou ler as alterações que aconteceram no rosto dela, do choque a uma aspereza que pareceu tão gelada que o atingiu mesmo através da porta de tela. Seu rosto finalmente se endureceu e a voz, quando ela conseguiu falar, parecia usar palavras esculpidas em gelo.

— Ele está perdido para nós — disse ela. Havia algumas lágrimas que batalhavam para sair dos cantos dos seus olhos, contradizendo a dureza de sua voz.

— Lamento — disse Ricky ainda mantendo a alegria que parecia mascarar sua repentina curiosidade. — Não entendo o que a senhora quer dizer com "perdido".

A mulher sacudiu a cabeça, não respondendo diretamente. Ela avaliou a aparência do padre e depois perguntou:

— Padre, por que o senhor está procurando por meu filho?

Ele mostrou a falsa carta falando sobre o câncer, desejando que a mulher não a lesse com cuidado suficiente para despertar perguntas.

Enquanto ela olhava o documento, ele começou a falar, imaginando que ela não seria capaz de concentrar-se no que estava escrito enquanto ele falava. Distrair a mulher para que ela não fizesse perguntas não parecia uma tarefa difícil.

— Sabe, Senhora... Collins, correto? A paróquia realmente está tentando encontrar qualquer pessoa que possa ser doador de medula para essa criança que tem um parentesco distante com a senhora. Entende o nosso problema? Eu poderia

pedir-lhe para fazer um teste, mas suspeito que a senhora já passou da idade para doação de medula. A senhora tem mais de sessenta, certo?

Ricky não tinha ideia se a doação de medula óssea deixava de ser viável a partir de certa idade. Então, inventou uma pergunta falsa onde a resposta era óbvia. A mulher levantou o olhar da carta para responder, e Ricky tirou a carta das mãos dela antes que ela tivesse a oportunidade de digerir aquilo tudo. Ele disse:

— Tem uma porção de informação médica nessa carta. Eu posso explicar, se preferir. Talvez possamos entrar e sentar?

A mulher concordou relutante e abriu a porta para que ele entrasse. A casa parecia tão frágil quanto a senhora que ali vivia. Estava cheia de pequenos objetos e bibelôs de porcelana, vasos vazios e quinquilharias, e tinha um cheiro de mofo antigo que superava o ar parado do ar-condicionado que funcionava com um barulho que fez com que ele pensasse que teria alguma coisa solta dentro. Tanto os tapetes como o sofá estavam cobertos, com plásticos, como se a mulher tivesse medo de que qualquer sujeira pudesse ser deixada para trás. Teve a impressão de que tudo tinha uma posição certa na casa, e que a mulher que ali vivia era capaz de perceber instantaneamente qualquer item que tivesse sido mudado de posição, mesmo que por uma fração de centímetros.

O sofá fez um rangido quando ele se sentou.

— O seu filho, ele está? Sabe, ele pode ser um doador... — Ricky continuou, mentindo com facilidade.

— Ele está morto — disse a mulher friamente.

— Morto? Mas como?

A Sra. Collins sacudiu a cabeça.

— Morto para todos nós. Morto para mim, agora. Morto e inútil, nada há além de dor, padre. Sinto muito.

— Como ele...?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não ainda. Mas em breve. Eu acho.

Ricky reclinou-se, fazendo o mesmo rangido.

— Receio não estar entendendo exatamente — disse ele.

A mulher esticou-se e retirou um livro de recortes de uma prateleira embaixo de uma mesa de centro. Ela abriu-o e começou a folhear páginas. Ricky viu recortes sobre esportes e jogos, e lembrou-se de que Daniel Collins era um atleta conhecido na escola. Havia uma foto de formatura e, depois dela, uma página em branco. Ela parou ali, e o entregou a ele.

— Vire a página — disse ela secamente.

Centralizado em uma folha do livro de recortes estava uma única matéria do Tampa Tribune. O título dizia: HOMEM PRESO APÓS MORTE. Não dizia muito,

além de que Daniel Collins havia sido preso pouco mais de um ano antes, e que havia sido acusado de homicídio após briga em um bar. Na página ao lado, um outro título: ESTADO CONSIDERA ASSASSINATO A MORTE NA BRIGA DE BAR. Essa matéria, recortada e colada no meio de uma outra página, tinha uma fotografia de Daniel Collins, já com meia-idade, sendo levado ao tribunal, algemado. Ricky analisou o recorte de jornal. Os fatos do caso eram bem simples. Havia ocorrido uma briga entre dois homens bêbados. Um deles saía e ficara esperando que o outro saísse também. Com um punhal na mão, segundo os promotores do Estado. O assassino, Daniel Collins, havia sido preso em flagrante, inconsciente, bêbado, com o punhal ensanguentado perto de suas mãos e a vítima de braços e pernas abertos a alguns metros de distância. A vítima havia sido estripada de maneira particularmente cruel, segundo a matéria, antes de ser roubada. Parece que depois que Daniel Collins matou o homem e pegou o dinheiro dele, ele parou para tomar mais uma garrafa de bebida barata, ficou desorientado e desmaiou antes de escapar da cena do crime. Caso encerrado.

Ele leu relatos escassos sobre um julgamento e uma condenação. Collins alegava não se lembrar de nenhum assassinato de tão embriagado que estava naquela noite. Não foi uma boa justificativa e não funcionou com o júri. Eles deliberaram apenas por noventa minutos. Levou mais duas horas para recomendarem a pena de morte, que foi contestada sem sucesso com os mesmos argumentos. Morte oficial, limpa e crua, a ser cumprida com o mínimo de alarde.

Ricky olhou para cima. A mulher estava sacudindo a cabeça.

— Meu querido garoto — disse ela. — Primeiro o perdi para aquela vadia, depois para a bebida e, agora, para o corredor da morte.

— Eles marcaram a data? — perguntou Ricky.

— Não — respondeu a mulher. — O advogado dele disse que apelaram. Que vão tentar esse ou aquele tribunal. Não entendo muito bem dessas coisas. Tudo o que sei é que meu filho disse que não fez aquilo, mas isso não fez a menor diferença — ela olhou fixamente para o colarinho clerical no pescoço de Ricky. — Neste estado, todos amamos Jesus, e a maioria das pessoas vai aos cultos aos domingos. Mas quando o Livro Sagrado diz "Não matarás", isso não parece valer para nenhum tribunal. Aqui, na Geórgia e no Texas, são péssimos lugares para se cometer um crime em que alguém morre, padre. Eu gostaria que o meu garoto tivesse pensado nisso antes de pegar aquela faca e entrar naquela briga.

— Ele se diz inocente?

— Isso mesmo. Disse que não tem lembrança alguma da briga. Disse que acordou banhado de sangue quando os policiais o cutucaram com seus cassetetes e com a faca ao seu lado. Acho que não se lembrar de nada não é uma grande defesa.

Ricky virou a página, mas o livro de recortes estava em branco.

— Tenho de guardar uma página, acho eu — disse a mulher. — Para a última história. Espero estar morta antes desse dia chegar, para não ver o que vai acontecer — ela sacudiu a cabeça. — Sabe de uma coisa, padre?

— O quê?

— Isso me deixa furiosa. Sabe, quando ele fez aqueles pontos contra o South Side High, no campeonato da cidade, eles puseram a foto dele bem na primeira página. Mas todas essas reportagens, lá em Tampa, onde ninguém sabia nada a respeito do meu garoto, bem, foram histórias sem importância, enfiadas no meio do jornal, onde ninguém lê. Eu acho que se alguém resolver, num tribunal, tirar a vida de um homem, isso tem de virar uma coisa grande. Tem de ser especial e sair na primeira página. Mas não sai. E só mais uma história sem importância, entre as notícias de esgoto rompido e a coluna de jardinagem. É como se a vida não fosse mais tão importante.

Ela levantou-se e Ricky levantou-se com ela.

— Falar disso deixa meu coração cheio de dor, padre. E não há conforto em nenhuma palavra, mesmo nas do Livro Sagrado, que leve embora essa dor.

— Eu acho, minha filha, que você deve abrir seu coração para a bondade de Deus, e assim será confortada — Ricky pensou que ao tentar soar como um padre, ele havia tornado suas palavras banais e ineficazes, o que era mais ou menos o que queria. Aquela mulher havia criado um garoto que era, para todos os efeitos, um grande filho da puta, pensou ele, que começara sua triste carreira seduzindo uma colega de classe, arrastando-a com ele por alguns anos e abandonando-a com os filhos quando se tornaram inconvenientes; e terminou assassinando um homem provavelmente sem nenhuma razão a não ser aquela criada pela bebida. Se havia algo de bom na tola e inútil existência de Daniel Collins, ele ainda não tinha identificado. Esse cinismo fervendo dentro dele foi mais ou menos confirmado pelas palavras que a senhora disse em seguida.

— A bondade dele parou naquela garota. Quando ela engravidou pela primeira vez, bem, se o meu garoto tinha alguma chance, ela foi embora nessa ocasião. Ela o seduziu, usou todos os artifícios femininos, prendeu-o numa armadilha e depois o usou para fugir daqui. Todos os problemas que ele teve na vida, bem, eu culpo somente ela.

A voz da mulher não deixava nenhuma dúvida. Ela era fria, cortante e profundamente comprometida com a ideia de que seu filho adorado não havia criado nenhum dos problemas que lhe haviam acontecido. E Ricky, ex-psicanalista, sabia que havia poucas possibilidades de que ela pudesse enxergar sua própria cumplicidade. Nós criamos, pensou ele, e então, quando essa criação não dá certo, queremos culpar os outros, mas na verdade somos os únicos culpados.

— Mas você acha que ele é inocente? — perguntou Ricky. Ele sabia a

resposta. E ele não havia dito "pelo crime", porque a senhora acreditava que o filho era inocente de tudo que havia feito de errado.

— Acredito, é lógico! Se ele diz que é inocente, eu acredito nisso -ela pegou no livro de recortes o cartão de um advogado e entregou a Ricky. Um defensor público de Tampa. Ele anotou o nome e o número e ela o acompanhou até a porta.

— Você sabe o que aconteceu com as três crianças? Seus netos? -Ricky perguntou, apontando para a falsa carta médica.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Ouvi dizer que ele desistiu delas. Danny assinou alguns documentos quando estava na cadeia, no Texas. Ele foi preso por um roubo, mas não acreditei em nada daquilo. Pegou alguns anos de prisão. Nunca mais ouvimos falar deles. Agora acho que estão crescidos, mas nunca vi nenhum deles, nem uma vez, de modo que eu nem penso neles. Danny, ele fez a coisa certa desistindo deles depois da morte daquela mulher, porque não poderia criar três filhos que ele nem conhecia. E eu não podia ajudá-lo, vivendo assim sozinha, sendo doente e tudo mais. Então eles se tornaram problema de outra pessoa e filhos de outras pessoas. Como eu disse, jamais ouvimos falar deles.

Ricky sabia que aquela última frase era mentirosa.

— Você nem sequer sabe os nomes deles? — perguntou ele.

A mulher balançou a cabeça. A crueldade daquele gesto quase o atingiu como um soco, e ele compreendeu onde o jovem Daniel Collins havia encontrado seu próprio egoísmo.

Enquanto os últimos raios de sol tocavam sua cabeça, ele ficou parado por um momento, na calçada, atordoado, imaginando se o alcance de Rumpelstiltskin teria ido tão longe a ponto de colocar Daniel Collins no corredor da morte. Ele achava que sim, só não estava bem certo de como ele teria feito isso.

CAPÍTULO 27

Ricky voltou para New Hampshire e para a sua vida como Richard Lively. Tudo que havia descoberto na viagem para a Flórida o perturbava.

Duas pessoas haviam entrado na vida de Claire Tyson em momentos críticos. Uma delas abandonara-a com os filhos e agora ocupava uma cela no corredor da morte, alegando inocência em um estado que notoriamente faria ouvidos moucos para tais protestos. A outra, tinha virado as costas à filha de quem havia abusado e aos netos que precisavam de amparo e, anos depois, fora jogada nas ruas com igual crueldade, e agora estava condenada a passar seus últimos dias respirando com dificuldade num tipo diferente, mas similarmente implacável de corredor da morte.

Ricky adicionou à equação que começava a se formar na sua cabeça: o

namorado que batia em Claire Tyson, em Nova York, fora espancado até a morte, por sua vez, com um sangrento R escavado no peito. O preguiçoso Dr. Starks, que por causa da própria indecisão não fora capaz de ajudar a perturbada Claire Tyson quando ela precisou dele, havia sido conduzido ao suicídio depois que todas as chances de encontrar ajuda foram sistematicamente destruídas.

Deveria haver outros. Essa constatação congelou seu coração. Parecia que Rumplestiltskin havia, projetado uma série de atos de vingança de acordo com um simples princípio: a cada um conforme o que eles eram. Crimes de omissão estavam sendo julgados e as sentenças executadas alguns anos depois. O namorado, que não era nada mais que um rufião e criminoso, fora tratado de uma forma. O avô que não atendera as súplicas de seus descendentes havia sido punido de maneira diferente. Aquele era, pensou Ricky um método singular de distribuir o mal. Seu próprio jogo havia sido projetado levando em conta a educação e a personalidade de Ricky. Os outros haviam sido tratados com mais brutalidade, porque vinham de mundos onde a brutalidade era dominante. Uma outra coisa também começava a ficar muito clara: a imaginação de Rumplestiltskin parecia não ter limites.

Porém, os resultados finais eram os mesmos. Uma trilha consistente de morte e destruição. E qualquer pessoa que ficasse em seu caminho, como o desafortunado Sr. Zimmerman ou a detetive Riggins, era vista como um empecilho a ser sumariamente eliminado com a mesma compaixão que alguém teria por uma mosca que pousasse em seu braço.

Ricky estremeceu quando entendeu como Rumplestiltskin realmente era paciente, dedicado e frio.

Ele começou a fazer uma lista de pessoas que também poderiam ter deixado de ajudar Claire Tyson e os três filhos quando precisaram: haveria um proprietário de imóvel em Nova York que exigira o aluguel da pobre mulher? Se havia, ele estaria provavelmente nas ruas, em algum lugar, imaginando o que teria acontecido com seu imóvel. Um assistente social que deixou de colocá-la em um programa assistencial? Teria ele sido arruinado financeiramente e, agora, forçado a entrar no mesmo programa? Um padre que teria ouvido as súplicas dela e sugerido que a oração encheria um estômago vazio? Ele estaria provavelmente rezando por si mesmo, agora. Ele só podia imaginar até onde iria a vingança de Rumplestiltskin: Que teria acontecido com o funcionário da companhia de eletricidade que teria cortado a energia da casa dela quando ela não pôde pagar as contas? Ele não sabia as respostas para essas perguntas, nem sabia precisamente onde Rumplestiltskin teria traçado a linha divisória que separava as pessoas que ele julgava culpadas das demais. Ricky sabia de uma coisa: um certo número de pessoas, há muito tempo, não fora capaz de cruzar essa linha e, agora, elas estavam pagando por isso.

Ou, mais provavelmente, já teriam pago por suas dívidas. Todas as pessoas

que haviam deixado de ajudar Claire Tyson fazendo com que ela, desesperada, acabasse com a própria vida.

Aquele era o mais assustador conceito de justiça que Ricky jamais poderia imaginar. Assassínatos tanto do corpo como da alma. Ricky notou que esteve sempre assustado desde que Rumpelstiltskin havia entrado em sua vida. Ele costumava ser um homem de rotina e percepção. Agora, nada era sólido, tudo estava alterado. O medo que ricocheteava dentro dele agora era um pouco diferente. Algo que tinha dificuldade em catalogar, mas que sabia que deixava sua boca seca e um gosto amargo na língua. Como analista, tinha vivido no mundo próspero de seus pacientes cheios de ansiedades confusas e frustrações debilitantes, mas todas essas coisas agora pareciam uniformemente insignificantes e de um egocentrismo patético.

O escopo da fúria de Rumpelstiltskin o atordoava. E, ao mesmo tempo, fazia muito sentido.

A psicanálise ensina uma coisa, pensou ele: nada acontece isoladamente. Um único ato de maldade pode ter muitos tipos de repercussão. Ele se lembrou do brinquedo de motocontínuo, que alguns colegas tinham em suas mesas, no qual uma série de bolinhas são penduradas em fios, enfileiradas, e quando se levanta um pouco a primeira e solta-se de modo que se choque contra as outras, a força faz com que a última da fila se levante e bata de volta nas outras, fazendo um barulhinho e iniciando um ciclo que só será detido quando alguém tocar no brinquedo com a mão. A vingança de Rumpelstiltskin, da qual ele era apenas uma pequena parte, era semelhante a esse brinquedo.

Havia outros mortos. Outros destruídos. Só ele, provavelmente, via a totalidade do que estava acontecendo. Moto perpétuo.

Ricky sentiu calafrios percorrer seu corpo.

Eram todos crimes cometidos em um plano definido pela imunidade. Que detetive ou policial seria capaz de ligar todos eles? A única coisa que as vítimas tinham em comum era o relacionamento com uma mulher morta há vinte anos.

Crimes em série, pensou Ricky, com uma ligação tão invisível que desafiava a imaginação. Como fizera a policial que jovialmente contava a ele sobre o R escavado no peito de Rafael Johnson, havia sempre alguém mais provável para se jogar a culpa do que o nebuloso Mr. R. As razões por trás de sua própria morte eram incrivelmente óbvias. Carreira em frangalhos, lar destruído, esposa morta, finanças arruinadas, relativamente sem amigos e introspectivo, por que não se mataria?

Uma outra coisa estava bastante clara para ele: se Rumpelstiltskin soubesse que ele havia escapado, se ele apenas suspeitasse que Ricky ainda respirava neste planeta, ele sairia instantaneamente atrás de Ricky com a pior das intenções. Ricky duvidava que teria a oportunidade de qualquer jogo pela segunda vez. Percebeu também como seria fácil dar um fim em sua nova identidade: Richard Lively era uma

não entidade no mundo. Seu próprio anonimato tornava sua morte rápida e brutal uma coisa relativamente certa. Richard Lively poderia ser executado à luz do dia e nenhum policial, em lugar algum, seria capaz de fazer as ligações necessárias com Ricky Starks e com alguém chamado Rumpelstiltskin. O que eles poderiam descobrir é que Richard Lively não era mesmo Richard Lively e ele se tornaria imediatamente um João-ninguém, enterrado com pouca cerimônia, sem lápide, numa vala comum. Talvez um detetive pudesse ficar pensando quem ele de fato seria, mas atolado em outros casos, a morte de Richard Lively simplesmente seria deixada de lado. Para sempre.

Aquilo que protegia Ricky, também o deixava completamente vulnerável.

Assim, voltando a New Hampshire, retomou a rotina simples de sua vida em Durham com bastante entusiasmo. Era como se desejasse perder-se imediatamente na monotonia de se levantar todas as manhãs e ir trabalhar com o resto da equipe de manutenção da universidade, esfregando o chão, limpando banheiros, encerando corredores e trocando lâmpadas, partilhando uma ou duas piadas com seus colegas, conversando sobre as chances dos Red Sox no próximo campeonato. Existir em um universo gritantemente normal e mundano. Uma vez, passando o aspirador no chão do hall da faculdade, ele descobriu que a sensação da máquina zunindo, vibrando em suas mãos, e a faixa de tapete limpo que criava era quase como um prazer hipnótico. Era como se pudesse desaparecer, daquilo que havia sido, na simplicidade desse mundo. Aquela era uma situação estranhamente agradável; sozinho, com um emprego que esbanjava rotina e regularidade, uma ou outra noite passada ao telefone do serviço de prevenção a suicídios, onde praticava suas habilidades de terapeuta, aconselhando e incentivando pessoas de forma simples e controlada. Descobriu que não tinha tanta saudade do depósito diário de angústia, frustração e ódio que caracterizava sua vida como analista. Ficou pensando se as pessoas que havia conhecido, ou até mesmo a falecida esposa, poderiam reconhecê-lo. De uma forma curiosa, Ricky considerou que Richard Lively estava mais próximo da pessoa que ele sempre quisera ser, mais próximo da pessoa que ele encontrava quando passava os verões no Cabo, do que do Dr. Starks, tratando pessoas ricas, poderosas e neuróticas.

O anonimato, pensou ele, é algo sedutor.

Mas ilusório. Para cada segundo em que se forçava a sentir-se mais confortável com aquilo que era, a personagem vingativa de Frederick Lazarus gritava ordens contraditórias. Ele retomou os exercícios físicos e passou suas horas praticando tiro no estande de treinamento. Conforme o tempo melhorava, trazendo o calor e explodindo em cores, ele decidiu que precisava acrescentar atividades ao ar livre a seu repertório, então, matriculou-se num curso de trilha e camping com o nome de Frederick Lazarus.

De certa forma, ele estava fazendo uma triangulação, mais ou menos como as pessoas fazem para se localizar, quando estão perdidas no meio de uma floresta. Três pilares: quem ele fora, quem se tornara e quem precisava ser.

Perguntou-se, tarde da noite, sentado sozinho na escuridão do quarto alugado, um único abajur aceso, fazendo sombras, se poderia dar as costas a tudo que havia acontecido. Simplesmente abandonar qualquer ligação emocional com seu passado e com o que havia acontecido com ele, e tornar-se um homem de total simplicidade. Viver de salário a salário. Sentir prazer na rotina diária. Redefinir-se. Começar a pescar, caçar ou simplesmente ler. Relacionar-se com o menor número de pessoas possível. Levar a vida com o estilo de um monge e a solidão de um eremita. Dar as costas a cinquenta e três anos de vida e dizer que tudo recomeçava a partir do dia em que colocara fogo em sua casa no Cabo e ir em frente a partir dali. Era quase zen e tentador. Ricky poderia evaporar do mundo como uma poça d'água em um dia quente de verão, elevando-se até a atmosfera.

Essa habilidade era quase tão assustadora quanto a alternativa.

Ele sentia que tinha chegado o momento em que precisava fazer uma escolha. Como Ulisses, seu nome virtual, a rota estava entre Cila e Caribdes. Havia custos e riscos em ambas as escolhas.

Tarde da noite, em seu modesto quarto alugado em New Hampshire, ele espalhou na cama todas as anotações e ligações que tinha com o homem que o havia forçado a apagar a própria vida. Informações e pistas que poderia seguir. Ou não. Ou ele ia perseguir o homem que lhe fizera tudo aquilo, com o risco de se expor, ou ia jogar aquilo tudo fora e levar a vida que pudesse, com aquilo que já havia conseguido. Sentiu-se um pouco como um explorador espanhol do século XV, de pé, instável, no convés de um pequeno navio, observando atentamente a imensidão verde do oceano e, talvez, um novo e desconhecido mundo para além do horizonte.

No meio daquele material estavam os documentos que ele havia tomado do velho Tyson, em seu leito de morte, no asilo, em Pensacola. Nos papéis havia os nomes das pessoas que adotaram as três crianças, vinte anos atrás. Aquele, ele sabia, devia ser o próximo passo.

A questão era: dar ou não esse passo decisivo.

Uma parte dele insistia que ele poderia ser feliz como Richard Lively, o cara da manutenção. Durham era uma cidade agradável. Suas locatárias eram pessoas muito boas.

Mas uma outra parte dele dizia coisas diferentes.

O Dr. Frederick Starks não merecia morrer. Não por aquilo que ele havia feito, mesmo que fosse errado, em um momento de indecisão e dúvida. Ele não negava que poderia ter agido melhor com Claire Tyson. Ele poderia ter-se esforçado e talvez tivesse sido a mão que a ajudaria a encontrar uma vida que valesse a pena

viver. Ele não discutia que tinha tido aquela chance e a deixara passar. Rumpelstiltskin estava certo sobre isso. Mas a punição excedeu em muito a sua culpa. E esse pensamento enfureceu Ricky.

— Eu não a matei — disse alto, mas sem gritar.

O quarto à sua volta era tanto um caixão como uma boia de salvação, acreditava.

Imaginava se poderia, algum dia, respirar um pouco de ar sem que ele tivesse o gosto da dúvida. Que tipo de segurança havia em ficar escondido para sempre? Sempre suspeitando que cada pessoa, atrás de cada janela, seja o homem que o levou àquela situação. Era um pensamento terrível: o jogo de Rumpelstiltskin jamais terminaria para ele, ainda que já tivesse acabado para o misterioso Sr. R., Ricky não saberia, jamais teria certeza, jamais teria um momento de paz, livre de questionamentos.

Ele precisava encontrar uma resposta.

Sozinho no quarto, Ricky pegou os papéis na cama. Ele tirou o elástico, que os prendia em um maço, tão depressa que ele quebrou.

— Muito bem — disse baixinho, falando consigo mesmo e com qualquer fantasma que pudesse estar escutando — o jogo começou novamente.

O que Ricky rapidamente descobriu foi que os serviços sociais de Nova York haviam colocado as três crianças em uma série de lares adotivos nos primeiros seis meses depois que a mãe havia morrido, até que foram adotados por um casal que vivia em Nova Jersey. Havia um único relatório do serviço social afirmando que as crianças tinham sido difíceis de ser colocadas; que exceto pelo último e não identificado lar adotivo, elas haviam-se mostrado rebeldes, raivosas e agressivas em cada tentativa de adoção. O assistente social havia recomendado terapia, especialmente para o mais velho. O relatório estava escrito em uma linguagem neutra e burocrática, sem o tipo de detalhe que forneceria alguma informação para Ricky a respeito da criança que se tornara o homem que atormentou sua vida. Descobriu, ainda, que a adoção fora tratada pela Diocese Episcopal de Nova York, pelo setor de caridade. Não havia nenhum relato sobre envolvimento de dinheiro, mas Ricky suspeitava que isso tinha acontecido. Havia cópias dos documentos legais abrindo mão de todos os direitos sobre as crianças, assinado por Tyson. Havia um outro documento, de Daniel Collins, assinado enquanto ele estava na cadeia, no Texas. Ricky observou a simetria desses elementos: Daniel Collins rejeitara os três filhos enquanto estava na prisão. Anos depois, ele voltou à prisão por meio de Rumpelstiltskin. Ricky pensou que independentemente de como o homem que havia sido rejeitado quando criança tivesse conseguido essa proeza, isso deve ter-lhe dado uma terrível satisfação.

As pessoas que adotaram as três crianças abandonadas eram Howard e

Martha Jackson. Um endereço em West Windsor, uma área semirrural e quase subúrbio, a alguns quilômetros de Princeton, foi fornecido, mas não havia mais informações detalhadas sobre os pais. Eles haviam adotado as três crianças, fato que interessava a Ricky. Era muito curioso o fato de elas terem conseguido ficar juntas. As crianças eram citadas: Luke, do sexo masculino, doze anos; Matthew, sexo masculino, onze anos, e Joana, sexo feminino, nove anos. Nomes bíblicos, pensou Ricky. Ele duvidava que aqueles nomes tivessem sido mantidos com as crianças.

Fez várias buscas no computador, que resultaram infrutíferas. Isso o surpreendeu. Ele achava que deveria haver algumas informações disponíveis na Internet. Verificou nas páginas amarelas on-line e encontrou vários Jackson no centro de Nova Jersey, mas nenhum que se encaixasse com os que tinha no pequeno maço de papéis.

Tudo o que ele tinha era um velho endereço. O que significava que havia uma porta onde ele podia bater. Essa parecia ser sua única alternativa.

Ricky considerou usar a roupa de padre e a carta falsa da leucemia, mas decidiu que elas já haviam servido a seu propósito uma vez, e era melhor guardá-las para uma outra ocasião. Ele parou de barbear-se e deixou crescer irregular uma barba. Encomendou, pela internet, um cartão de identidade falso de uma agência de detetives inexistente. Uma outra busca noturna no guarda-roupa do departamento de teatro forneceu-lhe uma barriga postiça, um dispositivo parecido com um travesseiro que ele podia colocar por baixo da camiseta e fazia com que ele parecesse cerca de vinte quilos mais pesado do que realmente era. Para seu alívio, encontrou ainda um terno marrom que acomodava a cintura aumentada. Nos estojos de maquiagem, também encontrou uma pequena ajuda. Enfiou todas essas coisas num saco de lixo verde e levou para casa. Quando chegou no quarto, acrescentou sua pistola semiautomática e dois cartuchos cheios de balas ao saco.

Ricky alugou um carro, com quatro anos de uso, que já tinha visto dias melhores na locadora Rent-a-Wreck, que geralmente fornecia carros para estudantes, e que parecia mais que disposta a pegar o dinheiro sem muitas perguntas, cujo funcionário pegou cuidadosamente todas as informações da carteira de motorista falsa da Califórnia que ele forneceu. Na sexta-feira à noite, quando terminou seu turno no departamento de manutenção, saiu dirigindo para o sul em direção a Nova Jersey. Ele deixou que a noite o envolvesse, e que os quilômetros zunissem sob os pneus do carro alugado, e dirigiu rápida, mas constantemente, 8 quilômetros por hora acima do limite de velocidade permitida. Num determinado momento ele abaixou o vidro da janela, deixando que um sopro de ar quente invadisse o carro, e pensou que, mais uma vez, o verão se aproximava. Se ele estivesse na cidade, estaria começando a fazer seus pacientes entenderem que eles podiam aguentar sem ele quando chegassem as suas inevitáveis férias de agosto. Algumas vezes conseguia fazer isso,

outras não. Lembrou-se de como caminhava pela cidade no finzinho da primavera e começo do verão e de como as flores no parque e a explosão do verde desafiavam a paisagem de concreto de Manhattan. Aquela era a melhor época, pensou ele, mas era ilusória, pois era rapidamente substituída pelo calor e pela umidade opressiva. Durava apenas o suficiente para iludir.

Passava da meia-noite quando ele chegou à cidade, lançando um olhar por cima dos ombros à medida que atravessava a ponte George Washington. Mesmo no meio da noite a cidade parecia brilhar. O Upper West Side estendia-se ao longe e ele sabia que logo depois estava o Hospital Presbiteriano de Columbia e a clínica onde ele havia trabalhado por tão pouco tempo há tantos anos, ignorando o impacto do que ele estava fazendo. Uma curiosa mistura de emoções atingiu-o quando passou pelos pedágios e chegou a Nova Jersey. Foi como se ele tivesse mergulhando em um sonho, em uma daquelas tensas e desconfortáveis séries de imagens e eventos que ocupam o inconsciente, que beiram o pesadelo, recuando a partir desse ponto. A cidade parecia-lhe ser tudo que ele era, o carro que chacoalhava enquanto ele o conduzia pela estrada representava o que ele havia-se tornado, e a escuridão adiante, o que ele deveria ser.

Uma placa anunciando vagas num motel barato de beira de estrada atraiu-o e ele parou. Na recepção havia um homem de olhos tristes, indiano ou paquistanês, usando um crachá que o identificava como Omar, e que pareceu bastante aborrecido por seu sono ter sido interrompido pela chegada de Ricky. Ele deu a Ricky um mapa da cidade antes de retornar para sua cadeira, uns livros de química e uma garrafa térmica que segurava no colo.

De manhã, Ricky passou algum tempo com o kit de maquiagem no banheiro, fazendo uma falsa contusão e uma cicatriz ao lado do olho esquerdo. Acrescentou um colorido vermelho-arroxeadado destinado a chamar a atenção de qualquer pessoa com quem conversasse. Aquilo era psicologia completamente elementar, pensou. Assim como em Pensacola as pessoas se lembrariam não de quem ele era, mas do que ele era, aqui, os olhos delas seriam inexoravelmente atraídos por aquele ferimento e não registrariam os verdadeiros detalhes do rosto dele. A barba descuidada também ajudava a esconder seus traços. A falsa barriga presa por baixo da camiseta completava o quadro. Ele gostaria de ter encontrado saltos para os sapatos, mas pensou que poderia fazer isso no futuro. Depois de vestir o terno barato, colocou a pistola no bolso, junto com um pente adicional de balas.

O endereço para onde estava indo, acreditava, era um passo significativo para chegar mais perto do homem que o quisera morto. Ao menos, esperava que fosse.

A área por onde passava parecia curiosamente contrastante. Era plana, verde, recortada por estradas que provavelmente haviam sido um dia rurais, quieta e

abandonada, mas agora parecia carregar a responsabilidade do desenvolvimento em larga escala. Ele passou por numerosos conjuntos residenciais, indo das casas térreas de dois ou três quartos, decididamente de classe média, às mansões mais luxuosas, cheias de estilo, com pórticos e colunas, adornadas com piscinas e garagens para três carros, os inevitáveis BMW, Range Rover e Mercedes. Casas de executivos, pensou. Lugares sem alma para homens e mulheres que ganham e gastam dinheiro tão rapidamente quanto possível e pensam que isso, de alguma forma, faz sentido. A mistura do antigo com o novo era desconcertante; era como se aquela parte do estado não conseguisse decidir o que era ou o que desejava ser. Suspeitou que os proprietários das antigas fazendas e os modernos homens de negócios e corretores não se davam muito bem.

A luz do sol confundiu sua visão e ele levantou o vidro da janela. Aquele era um dia perfeito, pensou ele, quente e cheio de promessas de primavera. No entanto, sentiu o peso da pistola no bolso do paletó e pensou que talvez fosse melhor se ele se enchesse de pensamentos de inverno.

Encontrou uma caixa de correio à beira de uma estradinha secundária, bem no meio do que fora outrora uma fazenda que correspondia ao endereço que tinha. Ricky hesitou sem saber ao certo o que o esperava. Havia uma única placa na entrada:

CANIL "SEGURANÇA EM PRIMEIRO LUGAR": MÉTODO, TRATAMENTO, TREINAMENTO. REPRODUTORES DE SISTEMAS DE SEGURANÇA "COMPLETA-MENTE NATURAIS".

Junto às palavras havia a foto de um rottweiler, e Ricky viu um pouco de senso de humor naquilo. Ele passou pela entrada de carros, por baixo de algumas árvores que formavam uma abóbada acima dele.

Quando saiu do túnel de árvores, parou em frente a uma casa, estilo anos 50, com fachada de tijolos. A casa tinha sido reformada diversas vezes, com acréscimos em madeira branca, que se ligavam a um labirinto de compartimentos. Assim que parou e saiu do carro, foi imediatamente recebido por uma cacofonia de latidos.

O cheiro mofado de cocô de cachorro estava em toda parte, piorando ainda mais com o calor e com o sol do final da manhã. Quando se adiantou, a algazarra aumentou. Ele viu uma placa num dos anexos, onde se lia a palavra ESCRITÓRIO. Uma segunda placa, semelhante à da entrada adornava a parede. No canil mais próximo dele, um grande rottweiler negro, de peito largo e pesando mais de 45 quilos se levantou nas patas de trás, de boca aberta, expondo seus dentes. De todos os cães no canil, e Ricky podia ver dúzias deles girando, correndo, medindo a extensão do seu confinamento, aquele parecia o único que estava quieto. O cão o observou cuidadosamente, quase como se o estivesse medindo, e Ricky desconfiou que ele estava, mesmo.

Ele entrou no escritório e viu um homem de meia-idade, sentado atrás de uma antiga mesa de aço. O ar era viciado, com cheiro de urina. O homem era esguio, calvo, magro com antebraços fortes, que Ricky imaginou serem musculosos por lidar com os grandes animais.

— Atendo você em um segundo — disse o homem. Ele estava digitando números em uma calculadora.

— Não tem pressa — respondeu Ricky. Ele observou o homem digitar mais alguns números e o viu fazer uma careta quando chegou ao cálculo final. O homem levantou-se e veio na direção dele.

— Em que posso ser útil — disse ele. — Credo, amigo, parece que se meteu em alguma briga.

Ricky balançou a cabeça afirmativamente.

— Eu deveria dizer "Você tem de ver como ficou o outro cara..." O criador sorriu.

— E eu deveria acreditar. Então, em que posso ajudar? Mas devo dizer que se tivesse o Brutus ao seu lado, essa briga não teria acontecido. De jeito nenhum.

— Brutus é o cão no cercado perto da porta?

— Adivinhou. Ele desencoraja discussões por lealdade. E é pai de uma ninhada que estará pronta para treinamento em mais algumas semanas.

— Eu agradeço, mas não quero.

O criador pareceu confuso.

Ricky retirou do bolso o cartão falso de investigador particular que havia adquirido em uma loja de imitações pela Internet. O homem olhou o cartão por um minuto e disse:

— Então, Sr. Lazarus, parece que o senhor não veio aqui para comprar um filhote...

— Não.

— Bem, em que posso ajudar?

— Há alguns anos um casal morou aqui. Howard e Martha Jackson... Quando ele falou os nomes, o homem se enrijeceu. A aparência

receptiva desapareceu instantaneamente, substituída por uma repentina suspeita, enfatizada pela forma como o homem deu um passo atrás, quase como se os nomes ditos daquela maneira tivessem empurrado o peito dele. A voz dele assumiu um tom desafinado e neutro.

— Qual o seu interesse neles?

— Eles são parentes seus?

— Comprei a propriedade do espólio deles. Isso foi há muito tempo.

— Espólio deles?

— Eles morreram.

— Morreram?

— Isso mesmo. Por que está interessado neles?

— Estou interessado nos três filhos deles...

Novamente o homem hesitou, como se estivesse pensando no que Ricky havia falado.

— Eles não tiveram filhos. Morreram sem filhos. Só tinham um irmão que morava fora. Foi ele quem me vendeu esse lugar. Eu dei uma boa arrumada aqui. Fiz o negócio deles virar uma coisa melhor. Mas não tiveram filhos. Nunca.

— Não, você está enganado — disse Ricky. — Eles tiveram, sim. Adotaram três órfãos de Nova York por meio da Diocese Episcopal de lá.

— Não sei onde o senhor obteve essa informação, mas está enganado. Totalmente enganado — disse o criador, com a voz repentinamente se enchendo de uma raiva mal disfarçada. — Os Jackson não tinham nenhum parente próximo, exceto aquele irmão que me vendeu este lugar. Era só o casal de velhos e eles morreram juntos. Não sei do que está falando, e acho que talvez você nem saiba do que está falando.

— Morreram juntos? Como?

— Isso não é da minha conta. E eu não acho que seja da sua conta também.

— Mas você sabe a resposta, não é?

— Todo mundo que morou por essas imediações sabe a resposta. Você pode verificar o jornal. Ou talvez ir até o cemitério. Eles foram enterrados estrada acima.

— Mas você não vai me ajudar?

— Você acertou. Que tipo de detetive particular é você?

— Eu já lhe disse — respondeu Ricky rapidamente. — Estou interessado nas três crianças que os Jackson adotaram em maio de 1980.

— E eu já lhe disse que não havia criança nenhuma. Adotadas ou não. Qual o seu real interesse?

— Eu tenho um cliente que tem algumas perguntas. O resto é confidencial — disse Ricky.

Os olhos do homem estreitaram-se e os ombros se endireitaram, como se o choque inicial tivesse diminuído, sendo substituído por uma agressividade que falava alto.

— Um cliente? Alguém pagou a você para vir até aqui fazer essas perguntas? Muito bem, e você tem um cartão? Um número de telefone onde possa encontrá-lo, caso me lembre de alguma coisa?

— Não sou da cidade — mentiu Ricky rapidamente.

O criador continuou a encarar Ricky. — Existem ligações interurbanas, amigo. Como posso encontrar você? Onde posso achar você, se precisar?

Naquele momento, foi a vez de Ricky recuar. — O que você lembraria mais

tarde que não consegue lembrar agora? — perguntou ele.

A voz do homem tinha esfriado completamente. Agora ele estava avaliando a situação, examinando, como se estivesse tentando gravar na memória cada detalhe do rosto e do físico de Ricky. — Deixe-me ver de novo seu cartão de identificação — disse ele. — Você tem um distintivo?

Tudo nessa repentina mudança do homem gritava para que Ricky tomasse cuidado. Ele percebeu, naquele exato momento, que estava perto de algo muito perigoso, como caminhar no escuro e repentinamente perceber que estava à beira de um barranco.

Ricky deu um passo para trás, em direção à porta.

— O que acha se eu lhe der algumas horas para pensar a respeito, e depois telefone? Se quiser falar ou se lembrar de alguma coisa, podemos nos encontrar de novo.

Ricky saiu rapidamente do escritório e deu vários passos largos até chegar ao carro alugado. O criador saiu logo atrás dele, mas mudou de direção e num segundo alcançou o canil onde estava Brutus. O homem abriu o portão e o cão, com a boca escancarada, mas ainda em silêncio, saltou imediatamente para o seu lado. O criador deu um pequeno sinal com a palma da mão aberta e o cão congelou instantaneamente, com os olhos voltados diretamente para Ricky, esperando o comando seguinte.

Ricky virou-se para encarar o cão e o seu dono e deu os últimos passos até o carro, lentamente, de costas. Ele enfiou a mão no bolso das calças e pegou as chaves do carro. O cão finalmente emitiu um único e baixo rosnado, tão ameaçador quanto os músculos rijos do peito, as orelhas em pé, esperando a permissão do criador.

— Não creio que vá vê-lo de novo, senhor — disse o criador. — E acho que ficar andando por aí fazendo mais perguntas não é uma boa ideia.

Ricky passou as chaves para a mão esquerda e abriu a porta. Ao mesmo tempo, a mão direita mergulhou no bolso do casaco, segurando a pistola semiautomática. Ele manteve os olhos no cão e concentrou-se naquilo que poderia precisar fazer. Soltar a trava de segurança. Tirar a pistola do bolso. Engatilhar a arma. Assumir uma posição de tiro e fazer pontaria. Quando fazia isso no estande, não estava com pressa nem sendo atacado e, ainda assim, demorava vários segundos. Ele não sabia se conseguiria atirar a tempo e se conseguiria atingir o cão. Ocorreu-lhe ainda que talvez fosse necessário dar vários tiros para deter o animal.

O rottweiler provavelmente cruzaria o espaço entre eles em dois ou três segundos, no máximo. Ele fez um movimento em frente, ansioso, aproximando-se um pouco mais. Não, pensou Ricky, menos que isso. Ele só precisaria de um segundo.

O criador olhou para Ricky e viu sua mão se movendo dentro do bolso. Ele sorriu.

— Senhor detetive particular, mesmo que haja uma arma no seu bolso, acredite-me, ela não vai chegar a funcionar. Não com este cão aqui. Você não teria chance alguma.

Ricky fechou a mão no cabo da pistola, deslizando seu dedo indicador para o gatilho. Seus olhos estavam apertados e ele quase não reconheceu o tom da própria voz.

— Talvez — disse ele devagar e com cuidado —, talvez eu já saiba disso. E nem me preocupe em tentar dar um tiro nesse cão. Em vez disso, talvez eu apenas coloque uma bala bem no meio do seu peito. Você é um bom e grande alvo e, acredite-me, eu não teria nenhum problema em acertar você. Você estaria morto antes de atingir o chão e não teria nem a satisfação de ver esse seu vira-lata me mastigando.

Essa resposta fez com que o criador hesitasse. Ele colocou a mão na coleira do cão, segurando-o.

— Placa de New Hampshire — disse ele depois de um momento. — Com o lema "Viver livre ou morrer". Fácil de lembrar. Agora dê o fora daqui.

Ricky não hesitou em pular para dentro do carro e bater a porta. Ele tirou a pistola do casaco e deu partida no carro. Em alguns segundos, estava saindo dali, mas viu o criador pelo espelho retrovisor, com o cão ainda a seu lado, observando sua partida.

Ele estava respirando pesadamente. Era como se o calor de fora tivesse superado o ar-condicionado do carro, e assim que conseguiu chegar ao asfalto lisinho da estrada, abaixou o vidro da janela e respirou fundo o ar que entrava com o movimento do carro. Também era quente.

Ricky parou no acostamento da estrada para recompor-se e nesse momento viu a entrada do cemitério. Ricky acalmou os nervos e tentou compreender o que havia acontecido pouco antes na casa do criador. Era óbvio que a menção aos três órfãos havia desencadeado uma reação. Ele acreditava que fora algo muito profundo, como uma mensagem subliminar. O homem não devia pensar naquelas três crianças há vários anos até Ricky chegar com uma simples pergunta, e aquilo havia provocado uma reação vinda das profundezas dele.

Houve alguma coisa muito perigosa naquele encontro que ia muito além do cão que estava ao lado. Ricky imaginou que era quase como se o homem estivesse esperando por ele há vários anos, ou alguém como Ricky, fazendo algumas perguntas e, passada a surpresa inicial pelo momento que havia esperado por anos, ele sabia exatamente o que fazer.

Ricky sentiu um pequeno enjoo no estômago quando esse pensamento ocorreu a ele.

Na entrada do cemitério havia uma pequena construção branca, de madeira,

um pouco escondida da estrada, dividindo ao meio as fileiras de sepulturas. Ricky suspeitou que aquilo era algo mais que um galpão e dirigiu-se para lá. Enquanto isso, um homem grisalho, usando um uniforme azul não totalmente diferente daquele que o próprio Ricky usava no departamento de manutenção da universidade, saiu da construção, dando um ou dois passos em direção a um cortador de grama motorizado, que estava estacionado na lateral, mas parou quando viu Ricky sair do carro alugado.

— Posso ajudar? — perguntou o homem.

— Estou procurando por duas sepulturas — disse Ricky.

— Tem muita gente sepultada aqui, quem em particular está procurando?

— Um casal de sobrenome Jackson.

O velho sorriu.

— Ninguém os visita há muito tempo. Provavelmente as pessoas pensam que dá azar. Quanto a mim, eu acho que as pessoas que moram aqui não dão sorte nem azar, portanto não me preocupo com isso. As sepulturas dos Jackson ficam lá nos fundos, última fileira, seguindo pela direita. Siga a rua até o fim, saia do carro e vá nessa direção. Vai encontrar logo.

— Você os conhecia?

— Não. Você é parente deles?

— Não — disse Ricky. — Sou detetive. Estou interessado nos filhos adotivos deles.

— Eles não tinham família. Eu não sei nada sobre filhos adotivos. Isso teria saído nos jornais quando eles morreram, mas não me lembro de nada disso, e os Jacksons estiveram na primeira página por um ou dois dias.

— Como eles morreram?

O homem olhou para Ricky um pouco surpreso. — Achei que soubesse, já que veio para ver as covas e tudo...

— Como?

— Foi o que os policiais chamam de assassinato-suicídio. O velho atirou na mulher depois de uma de suas brigas e depois virou a arma para si mesmo. Os corpos ficaram vários dias na casa até que o carteiro percebeu que ninguém recolhia a correspondência, suspeitou de alguma coisa e chamou a polícia. Aparentemente os cães atacaram os corpos também, então não sobrou muita coisa, só uns restos muito desagradáveis. Havia muito ódio naquela casa, pode crer.

— O cara que comprou a casa...

— Não sei nada sobre ele, mas dizem que ele é uma figura. Tão mau quanto os cachorros. Ele também assumiu o negócio de criação que os Jacksons tinham, mas pelo menos matou todos os animais que haviam comido os antigos donos. Eu fico aqui pensando que ele também pode acabar desse jeito. Ele também deve

pensar nisso. Vai ver que é isso que faz com que ele seja tão asqueroso.

O velho deu uma risada medonha e apontou para o declive.

— Por ali — disse ele. — Na verdade até que é um belo local para descansar pela eternidade.

Ricky pensou por um momento e depois perguntou:

— Você não sabe quem pagou pelo terreno da sepultura, sabe? E quem paga a manutenção?

O homem deu de ombros.

— Os cheques simplesmente chegam, não sei quem paga.

Ricky encontrou o lugar das sepulturas sem nenhuma dificuldade. Ficou parado por alguns segundos sob o brilhante sol do meio-dia imaginando por um momento se alguém teria pensado numa lápide para ele após seu suicídio. Disso ele duvidava. Ele tinha sido uma pessoa tão isolada quanto os Jacksons. Também ficou pensando por que jamais mandara construir um túmulo para a falecida esposa. Ele havia ajudado a levantar fundos para livros, em nome dela, na Escola de Direito que ela frequentara e anualmente fazia uma contribuição, também em nome dela, para a Sociedade de Preservação da Natureza, sempre dizendo a si mesmo que esses atos eram melhores do que um pedaço frio de pedra posto como sentinela sobre uma estreita faixa de terra. Mas ali, parado, não estava muito certo disso. Viu-se preso em um tipo de devaneio sobre a morte, refletindo sobre a permanência e o impacto naqueles seres deixados para trás. Ele pensou que aprendemos mais sobre a vida quando alguém morre, do que sobre a pessoa que morreu.

Não tinha certeza de quanto tempo ficou ali, em frente aos túmulos, antes de finalmente examiná-los. Era uma lápide dupla e informava apenas os nomes deles e as datas de seus nascimentos e mortes.

Alguma coisa o incomodou e ele fitou com atenção a pequena quantidade de informação, tentando discernir o que seria. Demorou alguns segundos para ele estabelecer uma ligação.

A data do assassinato-suicídio ocorreu no mesmo mês em que os papéis para adoção haviam sido assinados. Ricky recuou e viu algo mais.

Os Jackson haviam nascido ambos na década de 20. Eles teriam um sessenta e poucos anos quando morreram.

Sentiu calor novamente e afrouxou o nó da gravata. A barriga postiça parecia puxá-lo, fazendo peso, e a falsa cicatriz repentinamente começou a coçar no seu rosto.

Ninguém pode adotar uma criança, muito menos três crianças, com aquela idade, pensou ele. O regulamento das agências de adoção rejeitariam um casal sem filhos naquela idade quase que imediatamente em favor de um casal mais jovem e mais vigoroso.

Ricky ficou parado diante das sepulturas pensando que estava olhando para uma mentira. Não uma mentira sobre a morte deles, aquilo era tudo verdade. Mas uma mentira que aconteceu em algum ponto da vida deles.

Está tudo errado, pensou ele. Tudo está diferente daquilo que deveria ser. Ricky estava quase tomado pela sensação de que estava pisando em algo muito maior do que aquilo que esperava. Uma vingança sem limites.

Ele disse a si mesmo que o que precisava fazer era voltar para a segurança de New Hampshire e examinar o que havia descoberto, e planejar um próximo passo racional e inteligente. Parou o carro alugado em frente à recepção do motel, entrou e viu um funcionário diferente. Omar havia sido substituído por James, que usava uma daquelas gravatas que se prendem com clips e que, mesmo assim, estava torta no colarinho.

— Vou fechar a conta — disse Ricky. — Senhor Lazaras, quarto 232. O recepcionista puxou a conta na tela do computador e disse:

— Pronto. Eram duas mensagens telefônicas para você.

Ricky hesitou e então perguntou:

— Mensagens telefônicas?

James, o recepcionista, concordou.

— Um sujeito de um canil ligou perguntando se você estava aqui. Ele quis deixar uma mensagem no telefone do seu quarto. Então, pouco antes de você chegar, recebemos mais uma mensagem.

— Do mesmo cara?

— Não sei. Eu apenas aperto os botões. Não falei com a pessoa. Só tenho aqui um número na minha folha de ligações. Quarto 232, duas mensagens. Se quiser, pegue aquele telefone ali e tecle o número do seu quarto, assim pode ouvir as mensagens.

Ricky fez conforme foi instruído. A primeira mensagem era do dono do canil.

— Imaginei que estivesse em um local próximo e barato. Não foi tão difícil descobrir onde estaria. Estive pensando a respeito das suas perguntas. Me ligue. Acho que talvez eu tenha algumas informações que possam ajudá-lo. Mas é bom preparar seu talão de cheques, pois isso vai lhe custar alguma coisa.

Ricky teclou o número três para apagar a mensagem. A mensagem seguinte tocou automaticamente. A voz era entrecortada, fria e surpreendente, quase como encontrar um cubo de gelo numa calçada quente, no meio de um dia de verão.

— Senhor Lazarus, acabei de ser informada a respeito da sua curiosidade a respeito dos falecidos Jackson e acredito ter algumas informações a respeito do assunto que podem ajudá-lo em sua investigação. Por favor, telefone para 212-555-1717 o mais breve possível e podemos marcar um encontro.

A pessoa não forneceu um nome, mas não era necessário. Ricky reconheceu

a voz. Era Virgílio.

PARTE 3

ATÉ OS MAUS POETAS AMAM A MORTE

CAPÍTULO 28

Ricky foi embora.

Mala rapidamente arrumada, pneus gritando no asfalto, acelerando estrada abaixo, ele fugiu do motel em Nova Jersey e da voz familiar ao telefone. Mal teve tempo de lavar a cicatriz falsa do rosto. No espaço de uma manhã, fazendo algumas perguntas nos lugares errados, ele tinha transformado o tempo de aliado em inimigo. Ele tinha imaginado que iria lentamente desencavar a identidade de Rumplestiltskin e, então, quando tivesse conseguido descobrir tudo aquilo que precisava descobrir, faria uma aproximação lenta e decidida, para executar sua própria vingança. Assegurar-se de que tudo estaria no lugar certo, armadilhas a postos, e então aparecer em pé de igualdade. Agora, compreendia que esse luxo havia desaparecido.

Ele não sabia qual era a ligação entre o homem do canil e Rumplestiltskin, mas ela certamente existia, pois logo depois de sua partida, enquanto Ricky estava com toda a calma inspecionando o local onde ficavam as sepulturas do casal morto, o dono do canil havia feito algumas ligações. A facilidade com a qual o homem encontrou o hotel onde Ricky se hospedara era assombrosa. Ele disse a si mesmo que precisaria ser muito mais cuidadoso em cobrir seus próprios rastros.

Ele dirigiu rapidamente de volta a New Hampshire, tentando compreender o quão realmente comprometida estaria sua existência. Um medo despropositado e pensamentos desagradáveis reverberavam dentro dele.

Mas uma ideia predominava: Ricky não poderia retornar à passividade própria de um psicanalista. Aquele era um mundo onde uma pessoa esperava que algo acontecesse e, depois, antes de agir novamente, tentava interpretar e compreender todas as forças envolvidas. Aquele era um mundo de reação, de espera. De calma e raciocínio.

Se caísse nessa armadilha, isso poderia custar-lhe a própria vida. Ele sabia que precisava agir.

Precisava criar, no mínimo, a ilusão de que era tão perigoso quanto Rumplestiltskin.

Ele havia acabado de passar pela placa de BEM-VINDO A MASSACHUSETTS, quando lhe ocorreu uma ideia. Ele viu uma saída próxima e, um pouco adiante, avistou um típico marco da paisagem norte-americana: um shopping center. Saiu da estrada e entrou na área de estacionamento. Em poucos minutos, estava ombro a ombro com todas as outras pessoas, entrando em todas as lojas, todas vendendo mais ou menos as mesmas coisas, por mais ou menos os mesmos preços, mas embrulhadas de formas diferentes, o que dava aos compradores a impressão de que estavam encontrando algo único no meio de tanta similaridade.

Ricky, com um certo humor negro, considerou aquele um lugar extremamente apropriado para o que estava prestes a fazer.

Não demorou muito para encontrar uma fileira de telefones públicos, próxima à praça de alimentação. Lembrou-se do primeiro número facilmente. Atrás dele havia o barulho abafado de pessoas nas mesas comendo e conversando, e ele cobriu o fone com a mão enquanto discava o número.

— Classificados do New York Times.

— Por favor — disse Ricky agradavelmente. — Gostaria de comprar um daqueles anúncios pequenos de uma coluna, na primeira página.

Rapidamente leu o número do cartão de crédito. O atendente recebeu a informação e depois perguntou:

— O.K. Sr. Lazarus, qual é a mensagem? Ricky hesitou e, depois, disse:

Senhor R. o jogo começou. Uma nova Voz.

O atendente leu novamente.

— E isso? — perguntou ele.

— Isso mesmo — respondeu Ricky. — Não se esqueça de escrever a palavra Voz com maiúscula, o.k.?

O atendente anotou o pedido, e Ricky desligou o telefone. Depois, ele caminhou até uma lanchonete, pegou um café e encheu a mão de guardanapos. Encontrou uma mesa um pouco afastada da multidão e sentou-se, com uma caneta na mão, sorvendo o líquido quente. Ele desligou-se do barulho e da movimentação à sua volta e concentrou-se naquilo que estava prestes a escrever, batucando ocasionalmente a caneta nos dentes, tomando um gole de café, acalmando-se, planejando. Ele usou os guardanapos como rascunho e, finalmente, depois de algumas tentativas, escreveu o seguinte:

Você sabe quem eu fui, não quem me tornei.

Por isso está em um aperto que eu tramei.

Ricky se foi, bem morto ele está.

E eu aqui estou, vivo em seu lugar.

Lazarus se ergueu dos mortos, e eu também,

E agora chegou o momento de matar mais alguém.

Um novo jogo vamos ter em um antigo lugar,

Que, no final, vai cara a cara nos confrontar.

Então veremos quem o último suspiro vai dar por sorte,

Porque, Sr. R., até os maus poetas amam a morte.

Ricky admirou seu trabalho por um momento e então voltou para a área dos telefones. Em alguns momentos, estava falando com o departamento de anúncios classificados do jornal Voz do Village.

— Gostaria de colocar um anúncio na seção pessoal — disse ele.

— Tudo bem. Posso receber o anúncio — disse o novo atendente. Ricky achou um pouco engraçado que a pessoa dos classificados do Voz parecesse bem menos formal do que seus companheiros do Times, o que, afinal, era mais ou menos de se esperar.

— Que tipo de título você quer colocar na mensagem?

— Título? — perguntou Ricky.

— Ah — disse o atendente. — E a primeira vez. Você sabe, abreviações como HB para homem branco, SM para sadomasoquismo..."

— Entendi — respondeu Ricky. Ele pensou por um momento e disse:

— No título deve-se ler: HB, 50, busca Sr. R. para divertimentos e jogos especiais...

O atendente repetiu o anúncio para Ricky. — O.K. — disse ele. — Algo mais?

— Na verdade, sim — disse Ricky. Então, leu o poema para o atendente, fazendo com que o homem repetisse duas vezes a mensagem para certificar-se de que havia compreendido corretamente. Quando acabou a leitura, o atendente calou-se.

— Bem — disse ele —, isso é algo diferente. Bem diferente. Provavelmente vai tirar todos do armário. Os curiosos, pelo menos. E talvez alguns loucos. Você deseja um serviço de recebimento de respostas para as mensagens? Nós fornecemos um número e você pode receber as respostas por telefone. Assim enquanto estiver pagando pelo serviço, você pode receber suas mensagens.

— Tudo bem — disse Ricky. Ele ouviu o atendente digitar rapidamente no teclado do computador.

— Tudo certo então — disse ele. — O número do seu serviço de mensagens é 1313. Espero que não seja supersticioso.

— Nem um pouco — disse Ricky. Ele anotou o número em um guardanapo e desligou o telefone.

Por um momento considerou a ideia de ligar para o número fornecido por Virgílio, mas resistiu à tentação. Ainda precisava providenciar algumas coisas antes disso.

Em A Arte da Guerra, Sun-Tzu fala a respeito da importância de o general escolher seu campo de batalha. Ocupar uma posição oculta e escolher um local superior. Ocupar as terras mais altas, ser capaz de esconder sua própria força e tirar vantagens da familiaridade com a topografia. Ricky imaginou que essas lições também se aplicavam a ele. O poema no Voz do Village seria como um aviso para seu adversário, um tiro de advertência, para chamar-lhe a atenção.

Ricky percebeu que não demoraria muito para que alguém chegasse a Durhan à sua procura. O número da placa do carro anotado pelo dono do canil claramente garantia isso. Ele achou que não seria difícil descobrir à qual locadora o

carro pertencia, e em breve alguém poderia aparecer perguntando pelo nome do homem que alugara o carro. O problema que enfrentava, pensou ele, era complexo, mas começava por uma única questão: onde lutaria sua próxima batalha? Ele precisava escolher sua arena.

Ricky devolveu o carro alugado, passou rapidamente por seu quarto alugado e seguiu diretamente para seu emprego noturno, no serviço de prevenção a suicídios, a cabeça cheia de perguntas, pensando que não sabia quanto tempo teria concedido a si mesmo com os anúncios publicados no Times e no Voz, mas sabendo que era algum. O do Times sairia na amanhã seguinte, o do Voz, no final de semana. Havia uma razoável probabilidade de que Rumpelstiltskin não agisse antes de ler ambos. Tudo que o homem sabia até aquele momento era que um investigador particular um pouco acima do peso e com uma cicatriz no rosto fora até um canil, em Nova Jersey, fazendo perguntas desconexas sobre um casal que os registros afirmavam ter adotado ele e os irmãos alguns anos atrás. Um homem caçando uma mentira. Ricky não tinha a ilusão de que Rumpelstiltskin não veria a ligação e encontraria rapidamente outros sinais da existência de Ricky. Frederick Lazarus, o padre, fez algumas perguntas na Flórida. Frederick Lazarus, o detetive particular, havia chegado a Nova Jersey. A vantagem que Ricky tinha, ele sabia, era que não havia uma ligação clara entre Frederick Lazarus e Frederick Starks ou mesmo com Richard Lively. Um deles estava presumidamente morto e o outro ainda estava preso ao anonimato. Quando sentou-se à mesa, na penumbra do escritório, atrás do telefone, sentiu-se feliz pelo fato de o semestre estar acabando na universidade. Era provável que as pessoas ligassem devido ao estresse e ao desânimo por causa dos exames finais, coisas com as quais ele lidava confortavelmente. Ele não acreditava que alguém fosse capaz de se suicidar por causa de um exame final de química, apesar de ter ouvido casos bem mais fúteis. E, no meio da noite, ele achava que poderia concentrar-se melhor. Perguntou-se: Que quero fazer?

Queria matar o homem que o havia levado a simular a própria morte? Que havia ameaçado sua família distante e destruído tudo o que fizera dele quem ele era? Ricky pensou que, em muitas das histórias de suspense que havia devorado nos últimos meses, a resposta seria um simples sim. Alguém lhe havia causado um grande mal, e ele devia dar o troco. Matá-lo. Olho por olho, a essência de todas as vinganças.

Ricky apertou os lábios e disse a si mesmo: Há várias maneiras de se matar alguém. Na verdade, ele havia experimentado uma delas. Haveria outras formas, da bala de um assassino até a destruição de uma doença.

Achar o assassinato certo era algo vital e para fazer isso, ele precisava conhecer seu adversário. Não simplesmente quem ele era, mas o que ele era.

E ele precisava emergir dessa morte com sua própria vida intacta. Ele não

era um piloto camicase, que bebia saque numa espécie de ritual e depois seguia para a própria morte sem qualquer outra preocupação no mundo. Ricky queria sobreviver.

Ricky não cultivava nenhuma ilusão de que voltaria a ser o Dr. Frederick Starks de antes, nem de voltar à antiga prática de ouvir diariamente as lamúrias dos ricos e frustrados, quarenta e oito semanas por ano. Aquilo acabava e ele sabia disso.

Ele olhou à sua volta no pequeno escritório onde o serviço de prevenção a suicídios estava localizado. Era uma sala longe do corredor principal, no prédio de serviços de saúde para estudantes. Aquele era um lugar estreito, não particularmente confortável, com uma única mesa, três telefones e alguns pôsteres com as programações dos times de futebol americano, com fotos dos atletas. Havia também um grande mapa do campus e uma lista impressa de serviços de emergência e de números de segurança. Em um papel impresso, um pouco maior, havia um protocolo a ser seguido quando a pessoa que estivesse trabalhando na linha de prevenção ao suicídio estivesse convencida de que alguém de fato tentara matar-se. O protocolo explicava as providências a serem tomadas, para que chamar a polícia e ajudar o atendente do serviço de emergência rastreasse para descobrir de onde a ligação havia sido feita. Esse protocolo só deveria ser utilizado na mais terrível das emergências, quando uma vida estivesse realmente em perigo e quando os serviços de resgate fossem necessários. Ricky jamais havia utilizado aquele expediente. Nas semanas em que havia trabalhado naquele turno, sempre fora capaz de conservar e acalmar até as pessoas mais nervosas. Ficava pensando se algum dos jovens que havia ajudado ficaria surpreso em saber que aquela voz calma que lhes falava pertencia a um zelador do departamento de química.

Ricky disse a si mesmo: Isto merece ser preservado.

Essa conclusão, reconheceu ele, conduziu-o a uma decisão. Ele precisaria levar Rumpelstiltskin para longe de Durham. Se conseguisse sobreviver ao confronto que iria acontecer, Richard Lively precisaria estar a salvo e permanecer anônimo.

Ele murmurou para si mesmo: "De volta para Nova York".

Enquanto chegava a essa conclusão, o telefone em sua mesa tocou. Ele pressionou a tecla da linha certa e pegou o fone.

— Crise — disse ele. — Em que posso ajudar?

Houve uma pausa momentânea e depois ele ouviu um soluço abafado, seguido por um fluxo de palavras desconexas, que ditas separadamente significavam pouca coisa, mas juntas diziam muito.

— Eu não vou conseguir, não vou, isso é demais para mim, eu não quero, oh, eu não sei se...

Era uma jovem, pensou Ricky. A voz, por trás dos soluços emocionados, não estava enrolada, então imaginou que não haveria drogas ou álcool envolvidos. Era

apenas solidão de meio de noite e desespero moderado.

— Acalme-se um pouco — disse ele gentilmente — e tente me contar o que está acontecendo. Você não precisa contar tudo. Apenas o que está acontecendo agora, neste exato momento. Onde você está?

Ouviu-se uma pausa e depois uma resposta:

— No meu quarto, no alojamento.

— Muito bem — disse Ricky suavemente, começando a sondar a situação.
— Você está sozinha?

— Sim.

— Não há nenhum colega de quarto com você? Um amigo?

— Não. Estou sozinha.

— Você fica sozinha o tempo todo? Ou está se sentindo só apenas neste momento?

Essa pergunta pareceu fazer com que a jovem refletisse.

— Bem, eu e o meu namorado terminamos e minhas aulas estão terríveis, e quando eu chegar em casa meus velhos vão me matar, porque minhas notas estão péssimas. Na verdade, posso até ser reprovada em literatura e tudo parece que chegou a um ponto...

— Então, algo fez com que você ligasse para este número, não é?

— Eu só queria conversar. Não pretendo fazer nenhum mal a mim mesma...

— Essa atitude faz muito sentido. Parece que esse não foi o melhor dos semestres.

A jovem riu, de modo um pouco amargo.

— Com certeza.

— É.

— E o seu namorado? O que ele disse quando terminou?

— Ele disse que não queria ficar preso a ninguém por enquanto...

— E essa resposta deixou você, como? Deprimida?

— Sim. Foi como uma bofetada no meu rosto. Senti como se ele estivesse apenas me usando, você sabe, para sexo e agora com o verão chegando, bem, ele achou que eu não era mais importante. Me senti como se fosse um papel de bala. Use e jogue fora...

— Isso foi bem colocado — disse Ricky. — Então ele a insultou. Foi um golpe para sua percepção daquilo que você é.

Novamente a jovem fez uma pausa.

— Acho que sim, mas não tinha percebido isso dessa maneira.

— Então — Ricky continuou, falando com voz firme, mas com delicadeza —, na verdade, em vez de ficar deprimida, achando que há algo errado com você, você deveria estar chateada com o filho da mãe, porque claramente o problema está

com ele. E o problema dele é o egoísmo, certo?

Ele podia ouvir a jovem concordar. Aquela era a mais típica das ligações, pensou ele. Ela havia ligado em estado de desespero por causa do namorado e da escola, mas não estava realmente nem perto desse estado quando se olhava um pouco mais de perto.

— Acho que é isso mesmo — disse ela. -Aquele desgraçado.

— Então, talvez você fique melhor sem ele. Há muitos peixes no mar — disse Ricky.

— Eu achava que o amava — disse a jovem.

— E isso dói um pouco, não é? Mas a dor não é porque você esteja com o coração partido. Essa dor é mais porque você sente que se envolveu em uma mentira. E agora está com o sentimento de confiança abalado.

— Isso faz sentido — disse ela.

Ricky podia sentir que algumas lágrimas estavam caindo do outro lado da linha. Depois de um momento, ela completou:

— Você deve receber uma porção de ligações como esta. Tudo parecia tão importante e tão horrível agora há pouco. Eu estava chorando e soluçando e agora...

— Ainda há o problema da escola. O que vai acontecer quando chegar em casa?

— Eles vai ficar loucos. Meu pai vai dizer: "Não vou gastar meu dinheiro suado com um monte de notas baixas...".

A jovem bufou e fez uma voz profunda, imitando o pai. Ricky riu e ela também.

— Ele vai superar isso — disse ele. — Apenas seja sincera. Conte a ele sobre seu estresse e sobre seu namorado, e diga que vai tentar melhorar as coisas. Ele vai entender.

— Você está certo.

— Então, eis a receita para esta noite. Tenha uma boa noite de sono. Largue os livros. Acorde de manhã e compre um daqueles cafés bem espumantes e doces, com todas as calorias possíveis. Leve seu café para uma das praças, sente-se em um banco, beba seu café lentamente e admire o tempo. E, caso veja o garoto em questão, bem, ignore-o. E se ele quiser conversar, vá embora. Procure outro banco. Pense um pouco no que o verão traz. Sempre há alguma esperança de que as coisas possam melhorar. Você só precisa encontrá-la.

— Certo — disse ela. — Obrigada por conversar comigo.

— Se você se sentir estressada, achando que não é capaz de lidar com essas coisas, você deve marcar hora com um terapeuta do serviço de saúde. Ele vai ajudá-la a enfrentar os problemas.

— Você sabe bastante sobre depressão — disse ela.

— Sim — respondeu Ricky — sei mesmo. Normalmente ela é transitória. As vezes, não. A primeira opção é uma situação de vida normal. A segunda é uma doença real e terrível. Me parece que você se encaixa na primeira opção.

— Me sinto melhor — disse ela. — Talvez eu peça uma rosquinha doce com essa xícara de café. Que se danem as calorias.

— É isso aí — disse Ricky. Ele estava prestes a desligar o telefone, mas parou. — Ei — disse ele —, você me ajudaria com uma coisa?

A jovem pareceu um pouco surpresa, mas respondeu:

— Hã? Com o quê? Você precisa de ajuda?

— Este é um serviço de atendimento de emergências — disse Ricky - deixando que certo humor penetrasse na sua voz —, o que faz você pensar que as pessoas do outro lado da linha não enfrentam suas próprias crises?

A jovem fez uma pausa, como se estivesse digerindo o óbvio daquela afirmação.

— O.K. — disse ela. — Em que posso ajudar você?

— Quando você era pequena — disse Ricky —, de que jogos você brincava?

— Jogos? Jogos de tabuleiro?

— Não. Jogos ao ar livre.

— Como amarelinha ou estátua?

— Sim, mas se quisesse brincar com outras crianças, um jogo onde uma pessoa precisa caçar a outra, enquanto ela mesma está sendo caçada, que jogo seria?

— Não é esconde-esconde, é? Parece que você quer uma coisa um pouco pior.

— É. Isso mesmo.

A jovem hesitou e, então, começou a pensar em voz alta:

— Bem, tinha o pique-esconde, mas esse jogo tinha mais desafios físicos. Havia a caça ao tesouro, mas esse era um jogo de busca de objetos. Mamãe eu posso, siga o líder...

— Não. Estou procurando por algo um pouco mais desafiador...

— O melhor que posso pensar é Cães e Raposas — disse ela abruptamente. — Esse era o jogo mais difícil de ganhar.

— Como se brincava? — perguntou Ricky.

— No verão, no campo. Havia dois times, cães e raposas, obviamente. As raposas partiam quinze minutos antes. Elas carregavam sacolas de papel cheias de jornais picados. A cada dez metros, tinham de jogar fora um punhado de jornal. Os cães seguiam a trilha. O segredo do jogo era deixar trilhas falsas, voltar atrás, levar os cães para o pântano, qualquer coisa. As raposas ganhavam se voltassem ao ponto de partida depois de um tempo predeterminado, umas duas ou três horas depois. Os

cães ganhavam se capturassem as raposas.

Se eles vissem as raposas no campo, poderiam agir como cães e ir atrás delas. E as raposas tinham de se esconder. Assim, às vezes as raposas precisavam garantir onde estariam os cães, você sabe, espionando...

— É esse o jogo que estou procurando! — disse Ricky calmamente.

— Que time normalmente ganha?

— É aí que está a graça — disse a jovem. — Depende da engenhosidade das raposas e da determinação dos cães. Assim, qualquer um dos lados pode ganhar a qualquer momento.

— Muito obrigado — disse Ricky. Sua mente estava fervilhando de ideias.

— Boa sorte — disse a jovem enquanto desligava o telefone. Ricky pensou que era exatamente daquilo que iria precisar, um pouco de boa sorte.

Começou a fazer os preparativos na manhã seguinte. Pagou o aluguel do mês seguinte, mas disse às suas proprietárias que provavelmente ficaria fora da cidade por um tempo resolvendo negócios familiares. Ele havia colocado uma planta no quarto, e assegurou-se de que elas a regariam com regularidade. Aquela era, pensou ele, a forma mais simples de usar a psicologia com as mulheres; um homem que deseja que sua planta seja regada vai voltar com certeza. Ele conversou com o supervisor da equipe de manutenção da universidade e recebeu permissão para tirar uns dias de folga. Seu chefe foi igualmente compreensivo e, por causa do fim do semestre que se aproximava, mostrou-se disposto a afastá-lo sem pôr em risco seu emprego.

No banco local onde Frederick Lazarus havia aberto sua conta, Ricky fez uma transferência para uma conta que ele havia aberto eletronicamente em um banco de Manhattan.

Fez também uma série de reservas em hotéis pela cidade para dias sucessivos. Eram hotéis não muito recomendáveis, o tipo de lugar que não aparecia em nenhum guia turístico de Nova York. Ele garantiu cada reserva com os cartões de crédito de Frederick Lazarus, exceto o último. Os dois últimos hotéis que escolheu localizavam-se na West 22, mais ou menos um de frente para o outro. Em um deles, reservou apenas uma estada de duas noites para Frederick Lazarus. O outro tinha a vantagem de oferecer apartamentos com estada semanal. Ele reservou um período de duas semanas, mas para esse segundo hotel usou o cartão de Richard Lively.

Ele fechou a caixa postal de Frederick Lazarus deixando um endereço de contato do penúltimo hotel.

A última coisa que fez foi embalar a arma, munição extra e várias mudas de roupa em uma mala e voltou à locadora de carros. Como antes, pediu um carro modesto e velho, mas nessa ocasião teve o cuidado de deixar mais do que uma pista.

— Esse carro tem limite de quilometragem? — perguntou ao atendente. — Porque preciso dirigir até Nova York e não quero pagar uma multa de dez por cento.

O atendente era um garoto em idade escolar, obviamente em um emprego de verão, e, apesar de estar há poucos dias no emprego, já profundamente entediado com o trabalho.

— Certo, milhagem ilimitada. Se depender de nós, você pode ir até à Califórnia e voltar.

— Não vou para a Califórnia, tenho negócios em Manhattan — repetiu Ricky deliberadamente. — Vou colocar meu endereço comercial da cidade no contrato de locação. — Ricky escreveu o nome e o número de telefone do primeiro hotel onde havia feito uma reserva em nome de Frederick Lazarus.

O rapaz observou o jeans e a camiseta esporte de Ricky.

— Certamente. Endereço comercial. Deixa pra lá.

— E se precisar prolongar minha estada...

— Há um número no contrato de locação. Telefone. Debitaremos no seu cartão de crédito pelo período extra, mas precisamos ser avisados, porque, senão, depois de quarenta e oito horas, chamamos a polícia e denunciamos como roubo de carro.

— Não quero que isso aconteça.

— Quem quer? — respondeu o rapaz.

— Só mais uma coisa — disse Ricky, lentamente, escolhendo as palavras com cuidado.

— O quê? — respondeu o funcionário.

— Eu deixei recado para um amigo para alugar carro aqui também, sabe como é, vocês têm bom preço, veículos bons e resistentes, e não exigem tanto quanto as grandes empresas de locação de veículos..."

— Claro — disse o garoto, como se estivesse surpreso que alguém pudesse desperdiçar seu tempo dando alguma opinião, qualquer que fosse, sobre locação de veículos.

— Mas não tenho certeza de que ele pegou o recado direito...

— Quem?

— O meu amigo. Ele viaja muito a trabalho, como eu, então está sempre procurando um bom negócio.

— E daí?

— E daí que — disse Ricky cuidadosamente — se ele vier aqui nos próximos dias, checar se foi aqui que eu aluguei meu carro, por favor informe-o direito e faça um bom preço, está bem?

O rapaz concordou.

— Se for no meu horário de trabalho...

— Você fica aqui durante o dia, certo?

O rapaz concordou novamente, fazendo um movimento que parecia indicar que ficar preso atrás do balcão durante os primeiros dias de calor do verão era algo parecido com estar na prisão, e Ricky achou que devia ser mesmo.

— Então há muitas chances de você ser o cara que ele vai encontrar aqui.

— É.

— Então, se ele perguntar sobre mim, por favor diga que estou fora a negócios. Em Nova York. Ele saberá minha programação.

O funcionário deu de ombros.

— Tudo bem, se perguntar algo. Caso contrário...

— Claro. Se alguém fizer perguntas, você saberá que é o meu amigo.

— Ele tem nome? — o rapaz perguntou.

Ricky sorriu.

— Lógico que sim. O nome é R. S. Skin. Fácil de lembrar. Sr. R. Skin.

Na estrada, pela Rota 95, seguindo para Nova York, Ricky parou em três diferentes shoppings, todos localizados à beira da estrada. Um deles ficava pouco abaixo de Boston, os outros dois em Connecticut perto de Bridgeport e New Haven. Em cada um deles, caminhou vagarosamente pelos corredores centrais, por entre as fileiras de lojas de roupas e biscoitos de chocolate até encontrar um local que vendia telefones celulares. Quando acabou de fazer as compras, Ricky havia adquirido cinco telefones celulares diferentes, todos em nome de Frederick Lazarus, todos eles prometendo centenas de minutos grátis e tarifas baratas para longa distância. Os telefones eram habilitados por quatro empresas diferentes e apesar de cada vendedor, ao preencher o contrato de compra e de uso por um ano, perguntar a Ricky se ele possuía alguma outra conta de telefone celular, nenhum deles preocupou-se em verificar se o que ele disse era verdade. Ricky pediu todos os extras em cada um dos telefones, como identificador de chamadas, chamada em espera e muitos outros serviços que poderia escolher, o que deixava os vendedores ávidos para concretizar os pedidos.

Parou ainda em um shopping aberto onde encontrou uma grande loja de equipamentos de escritório. Lá, comprou um laptop relativamente barato e o hardware necessário para acompanhá-lo. Comprou também uma pasta para guardá-lo.

No começo da noite, chegou ao primeiro dos hotéis. Ele deixou o carro alugado em uma área próxima ao rio Hudson, na West 50, e pegou o metrô até o hotel localizado em Chinatown. Foi atendido na recepção por um funcionário chamado Ralph que deve ter sofrido de acne quando criança e exibia as cicatrizes no rosto, o que dava a ele uma aparência encovada e desagradável. Ralph falava pouco, no máximo mostrou-se levemente surpreso quando o cartão de Frederick Lazarus

funcionou. A palavra reserva também o surpreendeu. Ricky pensou que aquele não era o tipo de lugar onde se faziam muitas reservas. Uma prostituta trabalhando no fim do corredor sorriu para Ricky, sugerindo e convidando com o mesmo olhar, mas ele balançou a cabeça e abriu a porta do quarto. Aquele era um lugar tão despropositado quanto Ricky imaginava que seria. Era ainda o tipo de lugar onde o mero fato de Ricky não trazer bagagem e depois sair novamente, quinze minutos depois, não chamaria a atenção.

Ele pegou um outro metrô para o último dos hotéis da lista, onde tinha reserva para uma semana. Lá, tornou-se Richard Lively, apesar de mostrar-se tranquilo e monossilábico com o homem por trás do balcão. Ele atraiu o mínimo de atenção possível quando foi para o quarto.

Saiu uma vez naquela noite para comprar alguns sanduíches e refrigerantes. O resto da noite ele ficou quieto, planejando, exceto por uma única saída à meia-noite.

Uma chuva passageira havia deixado a rua brilhando. Lâmpadas amarelas formavam arcos de luz pálida no asfalto negro. Havia um leve calor no ar noturno, que sugeria a vinda do verão. Ele ficou parado na calçada e pensou que nunca se havia dado conta de quantas sombras havia em Manhattan, à meia-noite. Então imaginou que ele também era uma delas.

Atravessou a cidade, caminhando rapidamente pelos quarteirões até que encontrou um telefone público afastado. Já era hora, pensou ele, de verificar suas mensagens.

CAPÍTULO 29

Uma sirene começou a soar através da noite, talvez a um quarteirão de distância do telefone público onde Ricky estava. Ele não sabia se era a polícia ou uma ambulância. Os caminhões de bombeiros, ele sabia, tinham um som mais profundo e gritante, inconfundível. Mas a polícia e as ambulâncias pareciam ter o mesmo som. Por um momento, pensou que havia poucos ruídos no mundo que anunciavam problemas como o som das sirenes. Algo desconfortável e veemente, como se compromisso e esperança tivessem sido reduzidos pela severidade do som. Ele esperou até que o barulho sumisse na escuridão e que a quietude de Manhattan retornasse: apenas o ruído constante dos carros e ônibus passando pelas ruas e o ocasional ronco do metrô abaixo da superfície propagando-se pelos túneis subterrâneos que cortavam a cidade.

Ele discou o número do Voz do Village e acessou as respostas a seu anúncio pessoal na caixa postal 1313. Havia quase três dúzias.

A maioria era de convites e promessas de aventuras sexuais. A maioria dos

que responderam mencionou os "divertimentos e jogos especiais" do anúncio de Ricky, que pareciam direcionar-se, como ele suspeitava, para uma particular direção. Um grande número de pessoas havia elaborado rimas para acompanhar as dele, mas, também essas prometiam sexo e agitação. Ele podia ouvir uma ansiedade desenfreada nas vozes deles.

O trigésimo, como suspeitava, era bem diferente. A voz era fria, quase apática, cheia de ameaças. Tinha ainda um som metálico, fininho, quase mecânico. Ricky imaginou que a pessoa estivesse usando um dispositivo de disfarce de voz, mas não havia nada que escondesse o ataque psicológico da resposta.

Ricky é esperto, Ricky é sagaz...

E, de entender estes versos, ele deve ser capaz;

Ele pensa que salvo está e deseja jogar,

Mas onde se esconde é onde deve ficar.

Uma vez escapou, sem dúvida nos impressionou.

Mas desse sucesso não se deve gabar.

Uma segunda chance, um outro jogo a começar,

Provavelmente o mesmo desfecho terá.

Só que desta vez a dívida que minha seria

Será totalmente paga por minha garantia.

Ricky ouviu a resposta três vezes até que ela estivesse bem gravada na memória. Havia qualquer coisa naquela voz que o perturbou, como se as palavras ditas não fossem suficientes, até o tom era repleto de ódio. No entanto, por trás disso tudo, pareceu-lhe haver algo reconhecível naquela voz, quase familiar, que passava através da inexpressividade do disfarce de voz. Esse pensamento o atingiu como uma punhalada, especialmente quando percebeu que aquela era a primeira vez que ouvia Rumpelstiltskin falar. Qualquer outro contato havia sido indireto, pelo jornal ou repetido por Merlin ou Virgílio. Ouvir a voz daquele homem produziu visões apavorantes em seu interior e Ricky estremeceu ligeiramente. Disse a si mesmo para não subestimar a dimensão do desafio que havia criado.

Ele ouviu as outras mensagens, sabendo que poderia haver uma outra voz, talvez bem mais familiar. Não se surpreendeu ao ouvi-la. Imediatamente após o silêncio que acompanhou o breve poema, Ricky ouviu a voz de Virgílio na gravação. Ele escutou cuidadosamente a mensagem procurando por nuances que pudessem denunciar algo.

— Ricky, Ricky, Ricky, que bom ter notícias de você. É realmente algo especial. E genuinamente inusitado, eu deveria acrescentar...

— Com certeza — murmurou Ricky. — Aposto que sim. — Ele continuou ouvindo com atenção enquanto a jovem falava. O tom de voz dela era o mesmo de antes; áspero em um momento, lisonjeiro ou provocante e, depois, rude e

descomprometido. Virgílio, pensou Ricky, jogava aquele jogo com tanto empenho quanto seu chefe. O perigo dela estava nas características camaleônicas que adotava; num minuto tentando ser útil, no próximo mostrando-se furiosa e direta. Se Rumpelstiltskin tinha um propósito bem definido, era frio e concentrado, Virgílio era inconstante como o mercúrio. E Merlin, que ainda não tinha dado notícias, era como um contador, todo desprovido de paixão, com todo o perigo que isso pode implicar.

— ... Como você escapou, bem, eu diria que certamente há algumas pessoas de círculos importantes revendo a análise que haviam feito dos fatos. Uma reavaliação completa daquilo que haviam pensado. Isso mostra o quão ilusória a verdade pode ser, não é, Ricky? Eu os adverti a esse respeito. Com certeza. Eu disse: "Ricky é um tipo muito esperto. Intuitivo e de raciocínio rápido...", mas eles não quiseram acreditar em mim. Pensaram que você era tão estúpido e descuidado quanto os outros. E agora veja aonde isso nos levou. Porque você é o alfa e o ômega das pontas que ficaram soltas, Ricky. A pièce de résistance. Alguém muito perigoso para todos os envolvidos, eu suspeito.

Ela suspirou profundamente, como se suas próprias palavras tivessem algum significado para ela e continuou:

— Bem, pessoalmente, eu não consigo imaginar por que você deseja continuar lutando contra o Sr. R. Eu deveria ter imaginado ao ver a sua adorada casa de verão consumindo-se em chamas, que aquele foi um golpe genuinamente perfeito, Ricky, um movimento realmente suave e maravilhosamente inteligente. Queimar toda aquela felicidade juntamente com todas aquelas recordações, quer dizer, que outra mensagem poderia ter havido para nós? Vindo de um psicanalista, nada menos que isso. Não percebi aquele recado, nem de longe, mas eu apostaria que apenas a experiência lhe teria ensinado que o Sr. R. é um homem muito difícil de se vencer em qualquer disputa, especialmente naquelas que ele mesmo projetou. Você deveria ter ficado onde estava, Ricky, embaixo de qualquer pedra que tenha encontrado para se esconder. Ou talvez devesse fugir agora mesmo. Fugir e se esconder para sempre. Começar a cavar um buraco em algum lugar distante, bem longe, frio e escuro e continuar cavando. Porque eu suspeito que, desta vez, o Sr. R. vai precisar de provas mais consistentes de sua vitória. Provas muito conclusivas... Ele é um indivíduo muito meticoloso. Foi o que me disseram...

A voz de Virgílio desapareceu como se ela tivesse desligado o telefone abruptamente. Ele ouviu um chiado eletrônico e acessou a mensagem seguinte. Era Virgílio novamente.

— Então, Ricky, odiaria ver você repetir o resultado do nosso primeiro jogo, mas se é isso que precisa acontecer, bem, a escolha é sua. Qual é esse "novo jogo" a que se referiu e quais são as regras? Vou ler meu Voz do Village com mais cuidado a partir de hoje. E meu chefe está, bem, ansioso não seria exatamente a palavra, Ricky.

Impaciente como um cavalo de corridas, talvez. Então, Ricky, estamos esperando o tiro de largada.

Ricky desligou o telefone e disse em voz alta:

— Ele já foi dado.

Cães e raposas, pensou ele. Pense como uma raposa. Deixe uma trilha para saber onde eles estão, mas fique longe o suficiente para evitar ser capturado e pego. E então, pensou ele, conduza-os diretamente para o espinheiro.

De manhã Ricky pegou o metrô para o primeiro dos hotéis onde havia dado entrada, sem permanecer lá. Devolveu a chave do quarto para um funcionário arrumado e desinteressado, que estava lendo uma revista pornográfica chamada As Grandes Damas do Amor, por trás do balcão. O homem tinha um aspecto inegavelmente asqueroso, mal-arrumado, rosto esburacado e lábio marcado por uma cicatriz. Ricky pensou que aquele homem era a melhor opção para recepcionista daquele hotel. O homem pegou a chave sem dizer uma palavra, mais ou menos absorto com o conteúdo mostrado em cores vibrantes e explícitas nas páginas diante dele.

— Ei! — disse Ricky, atraindo um mínimo de atenção do funcionário. — Pode ser que um homem venha me procurar com um pacote.

O atendente fez que sim com a cabeça, mas sem se mostrar particularmente atento, preferindo obviamente olhar as criaturas provocantes da revista.

— Um pacote significa algo especial — insistiu Ricky.

— Certo — disse o homem. Aquela resposta era pouco mais do que ignorá-lo completamente.

Ricky sorriu. Ele não poderia ter antecipado uma conversa mais adequada para aquilo que pretendia fazer. Deu uma olhadela em volta, observando se estavam a sós na pobre e desmazelada recepção e, então, pôs a mão no bolso da jaqueta e, mantendo as mãos abaixo do balcão, tirou sua pistola semiautomática, engatilhou, fazendo um som bem característico.

O atendente olhou para cima abruptamente com os olhos ligeiramente arregalados. Ricky riu maldosamente para ele.

— Você conhece esse som, não é, seu imbecil?

O homem pousou as mãos na sua frente, contra o balcão. -Talvez agora eu tenha a sua atenção? — perguntou Ricky.

— Estou escutando — respondeu o homem.

Ricky considerou que o homem parecia ter experiência na arte de ser roubado ou ameaçado.

— Então, vamos começar de novo — disse Ricky. — Um homem com um pacote. Para mim. Ele fará perguntas, você vai dar a ele este número. Pegue essa caneta e escreva o número: 212-555-2798. É onde ele pode me encontrar. Entendeu?

— Entendi.

— Faça com que ele lhe dê uma nota de cinquenta — disse Ricky. — Ou uma de cem. Vale isso.

O homem pareceu aborrecido mas concordou.

— E se eu não estiver aqui? — perguntou ele. — Suponha que o cara da noite esteja aqui?

— Se você quiser a nota de cem, vai estar aqui — respondeu Ricky. Ele fez uma pausa e depois acrescentou: — Agora, é aqui que está a parte difícil. Se mais alguma pessoa perguntar algo, quero dizer, qualquer outra pessoa, certo?, qualquer outra pessoa que não esteja com um pacote, diga que você não sabe para onde eu fui, ou quem eu sou ou qualquer outra coisa. Nem uma palavra. De jeito nenhum. Entendido?

— Só falar para o cara com um pacote. Certo. O que há no pacote?

— Você não gostaria de saber. E você realmente não espera que eu conte para você.

Essa resposta pareceu suficiente.

— Suponha que eu não veja o pacote. Como eu vou saber que é o cara certo?

Ricky concordou com o raciocínio.

— Vou lhe dizer como. Você pergunta como ele conheceu o Sr. Lazarus e ele vai responder algo como: "Todos sabem que Lazarus levantou-se dos mortos no terceiro dia". Então você pode dar a ele o número, como eu disse. Se você fizer isso direito, talvez ganhe mais do que cem nessa jogada.

— No terceiro dia. Lazarus levantou-se dos mortos. Parece coisa da Bíblia.

— Talvez.

— Tudo bem. Entendido.

— Muito bem — disse Ricky, recolocando a arma no bolso, depois de soltar o cão, com um clique tão distintivo quanto o som do engatilhado, com o qual chamara a atenção do homem. — Fico feliz que tivemos essa pequena conversa. Agora sinto-me muito melhor sobre minha estada aqui — Ricky sorriu para o atendente e apontou para a revista pornográfica. — Não me deixe continuar a atrapalhar seus estudos — disse, enquanto se virava para partir.

Não haveria, logicamente, nenhum homem com nenhum pacote procurando por Ricky. Era alguém diferente que iria chegar ao hotel em breve, pensou ele. E, com toda certeza, o atendente daria todas as informações relevantes à pessoa que viesse procurar por ele, especialmente quando confrontado com a oferta de dinheiro ou por ameaças de dano físico, que Ricky tinha certeza de que o Sr. R., Merlin ou Virgílio, ou quem quer que fosse enviado, empregaria de cara. E depois que o homem, tivesse soltado as respostas que Ricky havia plantado, Rumpelstiltskin teria

algo para pensar a respeito. Um pacote que não existe. Contendo alguma informação igualmente inexistente, que seria entregue a uma pessoa que não existia. Ricky gostou daquilo. Dar a ele algo com o que se preocupar, e que era pura ficção.

Ele atravessou a cidade para dar entrada no próximo dos hotéis. A decoração desse hotel era muito semelhante ao primeiro, o que lhe trouxe confiança. Um recepcionista desatento e superficial estava sentado atrás de uma grande mesa de madeira toda riscada. Um quarto extremamente simples, deprimente e mal cuidado. Ele tinha passado por duas mulheres de minissaia, maquiagem brilhante, salto alto e meias rendadas pretas, indubitavelmente profissionais. Elas estavam paradas no corredor e olharam-no com uma ansiedade financeira, quando ele passou por elas. Ele sacudiu negativamente a cabeça quando uma delas lançou um olhar convidativo em sua direção. Ele ouviu uma delas dizer "Polícia..." e então partiram, o que o surpreendeu. Ele pensou que estava fazendo um bom trabalho, pelo menos visualmente, adaptando-se ao mundo em que havia penetrado. Mas talvez, Ricky pensou, fosse mais difícil abandonar o que se foi a vida toda do que ele pensava. Você usa aquilo que você é realmente, tanto por dentro como por fora.

Ele jogou-se na cama, sentindo as molas afundarem embaixo do corpo. As paredes eram finas e ele podia ouvir o desempenho de uma das mulheres através da parede de gesso, uma série de gemidos e ruídos, enquanto a cama era muito solicitada. Se não estivesse tão obstinado, poderia ter ficado bastante deprimido com os sons e cheiros, e um leve odor de urina infiltrando-se pelas passagens de ar. Mas o ambiente era justamente o que Ricky queria. Ele precisava que Rumpelstiltskin acreditasse que ele havia, de alguma forma, se familiarizado com o submundo, assim como o próprio Sr. R.

Havia um telefone ao lado da cama, e Ricky puxou-o para perto.

A primeira ligação que fez foi para o corretor que cuidava de seus modestos investimentos quando ainda estava vivo. Ele falou com a secretária.

— Em que posso ajudar?

— Bem — disse Ricky — meu nome é Diógenes... — Ele soletrou lentamente o nome grego para a mulher e disse: — Escreva isso — e então continuou: — eu represento o Sr. Frederick Lazarus que é o testamenteiro do falecido Dr. Frederick Starks. Por favor, saiba que as substanciais irregularidades relacionadas à situação financeira dele antes de sua desafortunada morte estão agora sob nossa investigação.

— Acredito que o nosso pessoal de segurança está investigando essa situação...

— Nós não estamos satisfeitos com isso. Gostaria que soubesse que poderemos enviar alguém aí para inspecionar esses registros e finalmente encontrar os fundos perdidos de modo que eles possam ser distribuídos aos verdadeiros

donos. Gostaria de acrescentar que há várias pessoas muito aborrecidas com o modo como isso está sendo tratado.

— Compreendo, mas quem... — a secretária ficou momentaneamente confusa, dissuadida pelo tom de voz frio e autoritário que Ricky empregava.

— O nome é Diógenes. Por favor, lembre-se disso. Entrarei em contato amanhã ou depois. Por favor, peça a seu chefe para reunir todos os registros relevantes de todas as transações, especialmente as transferências telefônicas e eletrônicas, de forma que não percamos muito tempo em nosso encontro. Eu não estarei acompanhado pelos detetives da Comissão de Valores Mobiliários nesta investigação inicial, mas isso pode tornar-se necessário no futuro. E uma questão de cooperação, compreende?

Ricky imaginou que as iniciais tão arrogantemente usadas como ameaça poderiam ter um impacto imediato e significativo. Nenhum corretor gosta de ouvir falar de investigadores da CVM.

— Acho que seria melhor você falar com... Ele interrompeu a secretária.

— Certamente. Quando ligar de volta, amanhã ou depois. Tenho um compromisso e algumas ligações para fazer sobre esse assunto, então, até logo. Obrigado.

Com isso, desligou o telefone com um malvado sentimento de satisfação crescendo no coração. Ele não achava que seu antigo corretor, um homem enfadonho, preocupado apenas com dinheiro, em ganhá-lo ou perdê-lo, iria reconhecer o nome do personagem que vagava pelo mundo antigo infrutiferamente buscando um homem honesto. Ricky conhecia alguém que instantaneamente entenderia.

Sua próxima ligação foi para o diretor da Sociedade de Psicanálise de Nova York. Ele havia encontrado o doutor apenas uma ou duas vezes no passado, naquele tipo de encontros médicos que havia tentado tão fortemente evitar, e achou que ele era um freudiano pedante e tremendamente vaidoso, acostumado a falar até mesmo com os colegas, usando grandes silêncios e pausas vazias. O homem era um psicanalista veterano de Nova York e havia tratado de várias pessoas famosas com as técnicas de divã e silêncio, e de alguma forma havia atribuído a todos esses tratamentos uma importância exagerada, como se o fato de ter no divã um ator vencedor do Oscar, um vencedor do Pulitzer ou um multimilionário fizesse dele o melhor dos terapeutas ou o melhor dos seres humanos. Ricky, que havia vivido e exercido sua profissão com isolamento e solidão até seu suicídio, não achava que houvesse a mais remota possibilidade de que esse homem pudesse reconhecer sua voz, e, portanto, nem sequer tentou alterá-la.

Ele esperou até que faltavam só nove minutos. Sabia que havia maior probabilidade de o médico atender seu próprio telefone no intervalo entre um

paciente e outro.

O telefone foi atendido no segundo toque. Uma voz desafinada, rouca e séria que dispensou até mesmo uma saudação, foi ouvida:

— Aqui é o Dr. Roth...

— Doutor — disse Ricky lentamente, — estou encantado em tê-lo encontrado. Aqui é o Sr. Diógenes. Eu represento o Sr. Frederick Lazaras, que é o testamenteiro do falecido Dr. Frederick Starks.

— Em que posso ajudá-lo? — interrompeu Roth. Ricky ficou quieto, silêncio que faria o doutor se sentir desconfortável, mais ou menos a mesma técnica que o homem estava, ele mesmo, acostumado a usar.

— Estamos interessados em saber exatamente como as queixas contra o falecido Dr. Starks foram resolvidas — disse Ricky, com uma agressividade que o surpreendeu.

— Queixas?

— Sim. As queixas. Como o senhor está ciente, pouco antes da morte dele, surgiram algumas acusações contra ele relacionadas a abuso sexual com uma paciente. Estamos interessados em saber como a investigação dessas acusações foi concluída.

— Eu não sei se há alguma decisão oficial — disse Roth rapidamente. — Certamente não da parte da Sociedade. Quando o Dr. Starks se matou, isso tornou as investigações adicionais sem sentido.

— Sério? — disse Ricky. — Ocorreu a você, ou a qualquer outra pessoa na instituição que você dirige, que talvez o suicídio tenha sido impulsionado pela injustiça e falsidade dessas acusações, em vez de ser uma simples admissão de sua culpa. Roth fez uma pausa.

— Logicamente que consideramos essa hipótese — respondeu ele. Lógico que sim, pensou Ricky. Mentiroso!

— Você ficaria surpreso, doutor, de saber que a jovem que fez aquela denúncia desapareceu em seguida?

— Como?

— Ela jamais retornou para a terapia com o médico em Boston ao qual ela contou a história toda.

— Curioso...

— E que esforços dele para localizá-la levaram ao perturbador fato de que a identidade dela, ou quem ela dizia ser, doutor, era falsa.

— Falsa?

— E mais tarde ainda se descobriu que as acusações dela eram parte de uma trama. O senhor sabia disso, doutor?

— Não, não, eu não... como eu disse, nós não retornamos a esse assunto

depois do suicídio...

— Em outras palavras, o senhor lavou as mãos a respeito do assunto.

— O assunto foi direcionado às autoridades competentes...

— Mas esse suicídio certamente livrou você e sua classe de publicidade negativa, não é?

— Não sei, bem, acho que sim, mas...

— Ocorreu-lhe que talvez os herdeiros do Dr. Starks queiram que a reputação dele seja restaurada? Que esta exoneração, mesmo após sua morte, pudesse ser importante para eles?

— Eu não pensei nisso.

— Você sabia que pode ser considerado responsável por essa morte? Essa afirmação provocou uma resposta previsível e enfurecida,

— De jeito nenhum! Nós não... Ricky interrompeu.

— Há muitos tipos de responsabilidades neste mundo além das legais, não é, doutor?

Ele gostou dessa pergunta. Ela vai até o âmago de um psicanalista. Ele podia imaginar o homem do outro lado da linha, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira. Talvez um pouco de suor formando-se em na testa ou descendo pelas axilas.

— É lógico que sim, mas...

— Mas ninguém na sua sociedade quis realmente saber a verdade, não é? Seria melhor se tudo simplesmente desaparecesse no mar junto com o Dr. Starks, correto?

— Acho que não devo responder mais nenhuma pergunta, Sr....

— E claro que não. Não neste momento. Talvez mais tarde. Mas é curioso, não é, doutor?

— O quê?

— Que a verdade seja muito mais forte do que a morte. Com esta afirmação Ricky desligou o telefone.

Deitou-se na cama, observando o teto branco e uma exposta lâmpada. Sentiu seu próprio suor embaixo dos braços, como se tivesse se exercitado naquela conversa, mas não era um suor de nervosismo, era um sentimento de satisfação e justiça. No quarto ao lado, haviam começado a se mexer novamente e, por um momento Ricky ouviu os inconfundíveis ritmos do sexo, achando-os divertidos e não de todo desagradáveis. Mais de uma pessoa tendo uma pequena distração trivial, pensou ele. Após um momento, levantou-se e procurou até achar um pequeno bloco de papel e uma caneta barata na gaveta da mesinha de cabeceira.

Escreveu os nomes e os números dos dois homens a quem havia acabado de telefonar. Abaixo deles, escreveu as palavras Dinheiro e Reputação. Ticou essas palavras e escreveu o nome do terceiro miserável hotel onde tinha feito uma reserva.

Abaixo do nome do hotel, escreveu a palavra Lar.

Então, amassou o papel e jogou-o em uma lixeira de metal. Duvidava que o quarto fosse limpo com regularidade e imaginou que havia uma boa chance de que quem viesse procurar por ele pudesse encontrar o papel. Além disso, eles certamente seriam espertos o suficiente para verificar os registros telefônicos daquele quarto que forneceria os números que ele havia acabado de discar. Associar os números às conversas não seria algo tão difícil.

O melhor jogo de se jogar, pensou ele, é o jogo que você nem percebe estar jogando.

CAPÍTULO 30

Ricky encontrou uma loja de artigos excedentes da Marinha em sua caminhada pela cidade, onde comprou alguns itens de que iria precisar para a próxima fase do jogo que tinha em mente: um pequeno pé-de-cabra, um cadeado barato de bicicleta, algumas luvas cirúrgicas, uma pequena lanterna, um rolo de fita adesiva cinza e o mais barato par de binóculos que eles tinham. Depois disso, comprou ainda um frasco de repelente, que pensou ser o maior veneno que jamais pusera no corpo. Era um conjunto estranho de objetos, mas, como não tinha certeza do que iria precisar, comprou a mais por garantia. No começo daquela tarde, ele retornou ao quarto e colocou esses itens juntamente com sua pistola e dois dos novos e recém-adquiridos telefones celulares em uma mochila. Ele usou o terceiro telefone celular para ligar para o próximo hotel em sua lista, aquele no qual ainda não tinha dado entrada. Ele deixou um recado urgente para Frederick Lazarus retornar a chamada o mais breve possível. Ele deu o número do celular para um recepcionista, e colocou esse telefone no bolso externo de sua mochila, após marcá-lo cuidadosamente com uma caneta. Quando chegou ao carro, pegou o telefone e ligou pela segunda vez para o hotel, falando ríspidamente e deixando uma outra mensagem urgente para si mesmo. Fez isso mais três vezes enquanto saía da cidade, em direção a Nova Jersey, mais estridente e insistindo para que o Sr. Lazarus retornasse a ligação imediatamente, pois ele tinha uma informação importante a transmitir.

Após a terceira ligação feita daquele telefone celular, ele parou no restaurante Joyce Kilmer, na estrada para Jersey. Foi até o banheiro masculino, lavou as mãos e deixou o telefone na beira da pia. Observou que vários adolescentes passaram por ele, quando ele saía do banheiro. Imaginou que provavelmente pegariam o telefone e começariam rapidamente a usá-lo, que era exatamente o que queria que acontecesse.

Era quase noite quando chegou a West Windsor. O tráfego tinha sido intenso ao longo da estrada, os carros alinhados, um atrás do outro, em alta velocidade, até que tudo diminuiu, e se transformou em um roncar de buzinas, vozes alteradas e uma lentidão superaquecida, por causa de um congestionamento, causado por um acidente próximo à saída 11. A curiosidade tornava o ritmo lento, enquanto os carros passavam por duas ambulâncias, meia dúzia de carros da polícia estadual, e carcaças retorcidas e fragmentadas pelo impacto de dois carros esporte. Ele viu um homem de camisa branca e gravata acocorado no acostamento, com a cabeça nas mãos, escondendo o rosto. Conforme Ricky passou, a primeira das ambulâncias partiu com a sirene gritando insistentemente, e Ricky viu um patrulheiro estadual

começar a examinar uma marca de derrapagem na rodovia. Um outro estava equilibrando sinalizadores sobre o asfalto, acenando para que as pessoas passassem, com uma expressão séria, austera e desaprovadora, como se a curiosidade, a mais humana das emoções, fosse de alguma forma despropositada ou inapropriada naquele momento, quando na realidade estava sendo meramente inconveniente para ele mesmo. Ricky pensou que um insight de analista, revelando a todos quem ele fora um dia, era como o olhar daquele patrulheiro.

Encontrou um restaurante à beira da estrada, não longe de Princeton, onde parou e matou um pouco de tempo comendo um sanduíche e batatas fritas feitas de verdade por uma pessoa e não por uma máquina. O dia se esticava com a claridade de junho e quando ele saiu havia ainda um pouco de tempo até que a escuridão chegasse. Ele dirigiu até o local das sepulturas onde estivera duas semanas antes. O velho zelador já havia ido embora, o que ele já esperava. Ficou satisfeito ao ver que a entrada do cemitério não estava trancada e levou o carro alugado para trás da pequena cabana branca de madeira e o deixou lá, mais ou menos escondido, sem chamar a atenção de qualquer pessoa que pudesse avistá-lo.

Antes de colocar a bolsa nos ombros, Ricky levou algum tempo passando o repelente e vestindo as luvas cirúrgicas. Isso não seria capaz de esconder seu cheiro, como sabia, mas ao menos ajudaria a disfarçar. A luz do sol estava começando a desaparecer, dando ao céu de Nova Jersey uma fraca tonalidade marrom acinzentada, como se as beiradas do mundo tivessem sido queimadas pelo calor da tarde. Ricky jogou a mochila nos ombros e com uma única olhada para a estrada deserta, começou a caminhar em direção ao canil onde sabia que encontraria a informação de que precisava. Ainda havia bastante calor subindo do asfalto negro, que chegou rapidamente a seus pulmões. Ele estava respirando com dificuldade, mas sabia que não era por causa do esforço da corrida.

Desviou-se da estrada, escondeu-se em baixo da copa das árvores, passando pela placa do canil e pela imagem do musculoso rottweiler. Então, afastou-se da entrada, indo em direção aos arbustos e plantas que escondiam o canil da estrada e cuidadosamente chegou mais perto da casa e dos cercados dos cães. Ainda escondido pela folhagem, ocultando-se nas primeiras sombras da noite que se aproximava, Ricky removeu os binóculos da mochila e examinou tudo em volta, dando uma olhada mais detalhada do que havia feito em sua primeira e problemática visita.

Seus olhos foram primeiro para o cercado ao lado da entrada principal, onde viu Brutus de pé, caminhando de um lado para o outro nervosamente. Ele farejou o repelente, pensou Ricky, e por trás dele, o meu cheiro. Mas ele não sabe ainda o que fazer com isso. Para o cachorro, as coisas ainda estavam na categoria de apenas fora do normal. Ele não se havia aproximado o suficiente para ser considerado uma

ameaça. Por um momento, ele invejou o mundo simples dos cães definido por cheiros, instintos e limitado pelas excentricidades das emoções.

Vasculhando com os binóculos, Ricky viu uma luz piscando no interior da casa. Ele observou cuidadosamente por uns dois minutos, e então, viu o inconfundível brilho de um aparelho de televisão preencher a sala próximo à entrada. O escritório do canil, um pouco à esquerda, permanecia escuro, e ele acreditava que estivesse trancado. Ele fez uma última inspeção visual e viu um grande refletor retangular, que acreditava ser acionado por movimento, perto da linha do telhado, cujo campo de alcance era a parte da frente da casa. Ricky colocou os binóculos na mochila e caminhou paralelo à casa, mantendo-se encostado nos arbustos, até que alcançou a extremidade da propriedade. Uma rápida corrida poderia colocá-lo em frente ao escritório do canil e talvez não desse tempo de acionar as luzes exteriores.

Não apenas Brutus estava agitado por sua presença. Alguns dos outros cães em seus cercados estavam andando de um lado para outro, cheirando o ar. Alguns deles latiram nervosamente uma ou duas vezes, perturbados e incertos com um cheiro que era novo.

Ricky sabia precisamente o que queria fazer e considerou que seu plano tinha suas vantagens. Se conseguiria executá-lo, não sabia. De uma coisa estava ciente, e era que até este ponto tinha apenas beirado a ilegalidade. Este era um passo diferente. Ricky estava ciente de um outro detalhe: para um homem que gostava de jogos, Rumpelstiltskin não seguia regras. Pelo menos nenhuma que fosse determinada por qualquer noção de moral com a qual ele estivesse familiarizado. Ricky sabia que mesmo que o Sr. R. ainda não tivesse percebido isso, ele estava prestes a penetrar um pouco mais fundo naquela arena.

Ele respirou profundamente. O velho Ricky jamais imaginaria estar nesta posição, pensou ele. O novo Ricky tinha um único e frio propósito. Suspirou e disse a si mesmo: "O que eu fui não é o que eu sou. E o que eu sou, ainda não é o que eu posso ser". Ele se perguntou se alguma vez já tinha sido qualquer coisa parecida com o que era ou do que estava prestes a se tornar. Aquela era uma questão complicada, ele disse a si mesmo e sorriu por dentro. E houve uma época em que ele poderia gastar horas, dias no divã, examinando-a. Agora, não mais. Ele espantou esses pensamentos.

Erguendo os olhos para o céu, ele viu que as últimas luzes do dia haviam finalmente se escondido, e que a escuridão estava prestes a cair. E a hora mais perturbadora do dia, pensou ele, e era perfeita para aquilo que estava para fazer.

Com isso em mente, Ricky tirou o pé-de-cabra e o cadeado de bicicleta da mochila e os colocou na mão direita, segurando-os com força. Então, recolocou a mochila nas costas, respirou fundo e saiu de trás dos arbustos, correndo rapidamente para a frente da construção.

Uma confusão de cães agitados instantaneamente atravessou as sombras crescentes. Uivos, ganidos, latidos e rosnados de todos os tipos e tamanhos cortaram o ar, ocultando os sons estalados que seus tênis faziam contra o cascalho da entrada. Ele sabia que todos os cães estavam correndo em seus pequenos cercados, dando voltas com a repentina excitação canina. Um mundo de marionetes convulsivas, cordas puxadas pela confusão.

Em poucos segundos, chegou em frente ao cercado de Brutus. O imenso cão parecia ser o único animal no canil com algum tipo de compostura, e era ameaçadora. Ele estava caminhando para a frente e para trás no chão de cimento, mas parou quando Ricky alcançou o portão. Por um segundo Brutus encarou Ricky, com a boca aberta rosnando e os dentes à mostra. Então, com velocidade surpreendente, o cão saltou, jogando todo seu peso contra a cerca que o mantinha preso. A força do ataque quase derrubou Ricky. Brutus recuou, agora espumando de raiva e novamente jogou-se contra a cerca de arame, os dentes batendo contra o metal.

Ricky movimentou-se rapidamente passando o cadeado de bicicleta pelas duas barras do portão do canil, afastando as mãos antes que o animal pudesse agarrar uma delas, apertando-o, girando a combinação do cadeado e largando-o. Brutus imediatamente arremessou-se contra a corrente preta de ferro emborrachada. "Dane-se", murmurou Ricky com um tom de voz zombeteiro. "Pelo menos assim você não vai a parte alguma". Depois se ergueu e pulou na direção do escritório do canil. Pensou que teria apenas alguns segundos antes que o dono do canil finalmente fosse ver qual o motivo da algazarra e barulho dos cães. Ricky presumiu que o homem poderia estar armado, mas não tinha certeza. Talvez a confiança de que Brutus estaria ao seu lado minimizasse a necessidade de portar armas.

Ele enfiou o pé-de-cabra no batente da porta e estourou o trinco com um estalo quando a madeira quebrou. Era antiga, estava um pouco empenada e quebrou com facilidade. Ricky imaginou que o dono do canil não teria muitos objetos de valor no escritório e também não imaginava que um ladrão enfrentaria Brutus. A porta se escancarou e Ricky entrou. Ele tirou a mochila das costas, guardou o pé-de-cabra e tirou sua pistola, engatilhando-a rapidamente.

Lá dentro havia uma ópera de inquietação canina. A algazarra preenchia o ar, tornando difícil pensar, mas isso deu a Ricky uma ideia. Acendendo a lanterna, ele correu pelo úmido e fedido corredor onde os cães estavam confinados, parando para abrir cada cercado enquanto passava.

Em poucos segundos Ricky estava cercado por uma confusão de saltos e latidos de filhotes. Alguns deles estavam apavorados, outros, radiantes. Eles estavam cheirando e uivando, confusos, mas cientes de sua liberdade. Havia cerca de três dúzias de cães, de todos os tipos e tamanhos, incertos a respeito do que

estaria acontecendo, mas apesar de tudo, mais ou menos determinados a participar. Ricky estava contando com esse raciocínio canino básico, que não entende realmente o que se passa, mas mesmo assim deseja fazer parte. As cheiradas e fungadas em volta e entre suas pernas fizeram com que ele sorrisse apesar do nervosismo proveniente daquilo que estava fazendo. Cercado por aquele bando de animais saltitantes, Ricky voltou ao escritório. Ele sacudia os braços e enxotava os animais, como um Moisés tremendamente impaciente no Mar Vermelho.

Ele viu a luz do refletor acender-se lá fora e ouviu uma porta batendo.

O dono do canil, pensou, finalmente havia sido alertado pela confusão, imaginando que diabos estaria acontecendo com todos os animais, ainda sem entender que poderia haver alguma ameaça envolvida. Ricky contou até dez, tempo suficiente para que o homem se aproximasse do cercado de Brutus. Ele ouviu um segundo barulho, acima do som dos cães: o homem estava tentando abrir o cercado do rottweiler. Um chacoalhar na corrente metálica e depois um palavrão, quando o homem percebeu que não conseguiria abrir a porta do cercado. Foi nesse momento que Ricky escancarou a porta do escritório.

— O.K., crianças, vocês estão livres — disse ele, sacudindo os braços. Quase três dúzias de cães escapuliram pela porta, correndo em direção à noite quente de Nova Jersey, com suas vozes unidas em uma confusa e feliz canção de liberdade.

Ricky ouviu o dono do canil xingar loucamente e então o próprio Ricky saiu na escuridão, permanecendo na sombra, fora do alcance do refletor.

O homem, atônito pelo tumulto causado pelos animais, fora derrubado pela onda de cachorros. Moveu-se com dificuldade, levantando-se parcialmente, procurando equilibrar-se. Ele tentava pegá-los enquanto eles pulavam nele, derrubando-o. Um rebuliço de emoções animais misturadas — alguns cães com medo, outros felizes, outros confusos, todos ignorando o que estava acontecendo, sabendo apenas que aquilo era completamente diferente da rotina normal da vida do canil, e ansiosos por tirar vantagem disso, não importa o que fosse. Ricky sorriu maliciosamente. Aquela desordem era bem eficiente.

Quando o dono do canil olhou para cima, o que viu logo atrás da massa saltitante, farejante e confusa de animais foi a pistola de Ricky apontada para seu rosto. Ele engasgou, afastando-se com surpresa, como se o buraco no fundo do cano da pistola fosse tão poderoso quanto aquela enxurrada de cães.

— Você está sozinho? — Ricky perguntou alto o bastante para superar o latido dos cachorros.

— Ah?

— Você está sozinho? Tem mais alguém na casa? O homem sacudiu a cabeça.

— Algum amigo de Brutus está na casa? Um irmão, mãe ou pai?

— Não, estou sozinho.

Ricky chegou a pistola mais para perto do homem, próximo o suficiente para que o pungente odor de aço, de óleo e talvez da morte pudesse encher suas narinas, sem que ele precisasse ter o nariz sensível de um cão para compreender o que poderia ocorrer.

— Convença-me de que está falando a verdade; é muito importante para que permaneça vivo — disse Ricky. Ele estava um pouco surpreso de como era fácil ameaçar alguém, mas não alimentava ilusões de que pudesse manter seu próprio blefe.

Por trás da cerca de aço, Brutus atingia um paroxismo de fúria. Ele continuava a arremessar-se contra a cerca, apertando os dentes contra o metal. A baba escorria pela boca e os ganidos ecoavam pelo ar. Ricky encarou o cão cuidadosamente. Devia ser uma coisa muito difícil, pensou Ricky, ser gerado e ensinado para um único propósito e, então, quando chega aquele momento em que todo o treinamento deveria ser utilizado, encontrar-se reprimido pela frustração de um portão fechado por um cadeado de bicicleta. O cão parecia quase subjugado pela impotência e Ricky pensou que aquilo era um pouco como a vida de alguns de seus ex-pacientes.

— Estou sozinho. Não há mais ninguém.

— Bom. Agora podemos ter uma conversa.

— Quem é você? — perguntou o homem. Levou um segundo para que Ricky se lembrasse de que havia usado um disfarce em sua primeira visita ao canil. Ele passou a mão no rosto.

Sou alguém que você deveria ter tratado melhor em nosso primeiro encontro, pensou Ricky, mas o que disse foi:

— Sou alguém que você provavelmente preferiria não conhecer — gesticulando simultaneamente com a pistola no rosto do homem.

Levou alguns segundos até que Ricky colocasse o dono do canil onde desejava, que era sentado no chão, as costas contra o portão do cercado de Brutus, as mãos em volta dos joelhos, onde Ricky podia vê-las. Os outros cães tinham medo de aproximar-se muito do furioso rottweiler. Naquele momento, alguns deles haviam desaparecido na escuridão e no campo, outros se haviam agrupado aos pés do dono do canil e outros, ainda, estavam saltitando livremente, brincando no caminho de cascalho.

— Ainda não sei quem é você — disse o homem. Ele estava espiando Ricky, tentando reconhecê-lo. A combinação das sombras e a mudança na aparência trabalhavam a favor de Ricky. — Que diabos está acontecendo? Eu não guardo dinheiro aqui, e ...

— Isto não é um assalto, a não ser que você considere que arrancar informações seja um roubo, o que costumo imaginar ser de alguma forma a mesma coisa — respondeu Ricky enigmaticamente.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não entendi — disse ele sem rodeios. — O que você quer de mim?

— Há pouco tempo, um detetive particular esteve aqui e fez algumas perguntas a você.

— Sim. E daí?

— Quero que aquelas perguntas sejam respondidas.

— Quem é você? — perguntou novamente o homem.

— Eu já lhe disse. Mas, por enquanto, tudo o que você realmente precisa saber é que eu sou um homem com uma arma, e você, não. E que o único meio que você tem para se defender está trancado por trás de uma cerca e que, pelo jeito, também está se sentindo realmente muito mal com isso.

O dono do canil concordou com a cabeça, mas pareceu, naqueles breves momentos, recuperar um tanto de confiança e uma certa quantidade de compostura.

— Você não parece o tipo capaz de usar essa coisa. Então, talvez eu não diga coisa nenhuma sobre o que você quer.

— Eu quero saber sobre o casal que morreu e que está enterrado lá, perto da estrada. E como você adquiriu este lugar. E, especialmente, sobre as três crianças que eles adotaram, que você disse que não haviam adotado. E gostaria de saber sobre a telefonada que você deu depois que meu amigo Lazarus veio visitá-lo outro dia. Para quem você ligou?

O homem sacudiu a cabeça.

— Vou lhe dizer uma coisa: fui pago para fazer aquela ligação. E fazia parte da minha obrigação manter o cara aqui, quem diabos ele fosse. Pena que ele partiu, eu teria ganhado um extra.

— De quem?

O homem sacudiu a cabeça.

— Isso não é da sua conta, senhor durão. Como disse antes, dane-se. Ricky apontou a pistola para o rosto do homem. O dono do canil sorriu.

— Eu já vi muitos caras que usariam uma coisa dessas e, amigo, aposto que você não é um deles. Havia um leve nervosismo em sua voz. Ricky sabia que o homem não estava completamente certo do que dissera.

A arma permaneceu firme na mão de Ricky. Ele abaixou o cano, colocando-o em um ponto entre os olhos do criador. Quanto mais ele se mantinha nessa posição, mais desconfortável o homem parecia, e Ricky pensou que não era sem motivo. Ele podia ver o suor na testa do homem. Mas, da mesma forma, pensou Ricky, quanto

mais demorasse mais dava chances ao homem para analisá-lo. Ele pensou que talvez ainda precisasse tornar-se um assassino, mas ainda não sabia se seria capaz de matar outra pessoa além de seu alvo inicial. Alguém simplesmente estranho e subalterno, ainda que irritante. Ricky considerou isso por um segundo e então sorriu friamente para o dono do canil. Há uma diferença perceptível, pensou Ricky, entre atirar no homem que arruinou sua vida, e atirar em alguma engrenagem daquela máquina.

— Sabe — disse lentamente — você está cem por cento correto. Eu não me encaixo muito nesse perfil. Está bem claro, para você, que eu não tenho muita experiência nesse assunto, não é?

— Sim — disse o homem. —, Está bem claro — ele mudou levemente de posição, como se estivesse relaxando.

— Talvez — disse Ricky com um tom especialmente neutro — eu devesse praticar um pouco mais.

— Como assim?

— Eu disse que talvez devesse praticar mais. Quero dizer, como vou saber se sou mesmo capaz de usar esta coisa em você, se não treinar antes com uma coisa um pouco menos importante? Talvez algo bem menos importante.

— Ainda não estou entendendo — disse o dono do canil.

— Lógico que entendeu — respondeu Ricky. — Você só não está se concentrando. O que estou falando é que não sou louco por animais.

Enquanto falava isso, ergueu levemente a pistola e tendo em mente todas as horas de prática exercitadas em New Hampshire, respirou lentamente, acalmou-se e apertou o gatilho uma única vez.

A arma deu um tranco na mão dele. Um barulho ecoou, cortando a escuridão.

Ricky achou que a bala tivesse atingido uma parte da cerca e ricocheteado. Ele não sabia se o rottweiler havia sido atingido ou não. O dono do canil parecia atônito, quase como se tivesse sido atingido, cobrindo uma orelha com as mãos, verificando se a bala o havia acertado na passagem.

A algazarra canina voltou a ser ouvida no quintal, um tipo de sirene de uivos, latidos e corridas para todos os lados. Brutus, o único animal confinado, compreendeu a ameaça que enfrentava e, mais uma vez, arremessou-se loucamente contra os elos da corrente que o impedia de sair.

— Acho que não acertei — disse Ricky friamente. — Droga! E pensar que atiro tão bem!

Ele apontou a pistola para o enlouquecido e furioso cão.

— Jesus Cristo! — finalmente o dono do canil gritou. Ricky sorriu novamente.

— Agora, não. Porque, ousei dizer, isso não tem nada a ver com religião. A questão mais importante é: você ama o seu cão?

— Cristo! — Espere! o dono do canil estava quase tão enlouquecido quanto os outros animais correndo pela entrada de carros. Ele ergueu a mão, como se estivesse fazendo Ricky parar.

Ricky o observou com a mesma curiosidade que teria por um inseto que suplicasse por sua vida antes de ser esmagado na palma da mão. Interessante, mas insignificante.

— Espere um segundo! — insistiu o homem.

— Você tem algo a dizer? — perguntou Ricky.

— Tenho. Droga! Baixe a arma.

— Estou esperando.

— Esse cão vale muita grana — disse o dono do canil. — Ele é o macho alfa e eu gastei horas, por Cristo, metade da minha maldita vida treinando-o. Ele é um maldito campeão e você vai atirar nele?

— Você não percebe que está me dando poucas alternativas? Eu podia atirar em você, mas assim não descobriria o que preciso saber, e se, por acaso, a polícia conseguisse me encontrar, bem, eu estaria em maus lençóis, mas você, mesmo assim, não ia lucrar muito com isso, estando morto. Por outro lado, bem, como já disse, não sou muito o que se pode considerar um amante dos animais. E quanto a Brutus, bem, para você ele pode representar o seu ganha-pão, e talvez até mais que isso, horas de tempo gasto, e talvez você até tenha por ele algum tipo de afeição. Mas para mim, ele é apenas um vira-latas furioso e babão, louco para mastigar a minha garganta, e o mundo será bem melhor sem ele. Então, dadas as alternativas, estou pensando que talvez seja hora do Brutus seguir seu caminho para o grande canil celestial.

O tom de voz de Ricky era cheio de deboche. Ele queria que o homem acreditasse que ele era tão cruel quanto parecia, o que não era difícil.

— Espere por um segundo — disse o dono do canil.

— Sabe — respondeu Ricky —, agora você tem de pensar nisto: vale a pena esconder algumas informações sacrificando a vida do cão? Você decide, imbecil. Mas decida-se logo, porque estou perdendo a paciência. Quero que se pergunte o seguinte: a quem devo ser leal? Ao cão, que tem sido minha companhia e meu ganha-pão por tantos anos... ou a uns estranhos que pagaram por meu silêncio? Faça sua escolha.

— Eu não sei quem são eles... — o homem começou a falar, fazendo com que Ricky mirasse no cachorro. Nessa hora ele segurou com as duas mãos.

— Tudo bem... vou contar o que sei.

— Seria esperto de sua parte. E Brutus provavelmente vai recompensar sua generosidade com devoção e dando-lhe várias crias de animais igualmente estúpidos e tremendamente selvagens.

— Eu não sei muita coisa... — disse o dono do canil.

— Começou mal — disse Ricky. — Desculpar-se antes mesmo de falar alguma coisa.

Então ele imediatamente disparou um segundo tiro na direção do animal furioso. Esse tiro acertou a casinha de madeira, do cachorro, no fundo do cercado. Brutus, uivava de raiva.

— Droga! Pare! Eu conto tudo!

— Então comece, por favor. Essa sessão já durou tempo suficiente. O homem ficou calado por alguns momentos, pensando no que iria dizer.

— Isso começa bem lá atrás — disse ele.

— Sei disso.

— Você está certo a respeito do velho casal a quem este lugar pertencia. Eu não sei exatamente qual era o esquema, mas eles adotaram aquelas três crianças só no papel. As crianças nunca estiveram aqui. Não sei exatamente para quem eles serviram de fachada, porque cheguei aqui depois que o velho casal havia morrido. Os dois morreram em um acidente de carro. Eu tinha tentado comprar este lugar um ano antes de eles morrerem. Depois que bateram o carro, recebi uma ligação de um homem que disse ser o testamenteiro deles, me perguntando se eu queria comprar a casa e o negócio. O preço, também, era inacreditável...

— Baixo ou alto?

— Eu estou aqui, não estou? Era baixíssimo. Era uma galinha morta, especialmente com toda a propriedade incluída. Um excelente negócio. Assinamos os papéis rapidamente.

— Com quem você tratou? Algum advogado?

— Sim. Assim que aceitei, um cara da cidade me procurou. Era um idiota que só tratava de pequenas causas e multas de trânsito. E só ficava repetindo que aquilo era uma pechincha. Mas ele manteve a boca fechada porque imagino que também estava sendo bem pago.

— Você sabe quem vendeu a propriedade?

— Eu só vi o nome uma vez. Acho que me lembro do advogado ter dito que era um parente do velho casal. Um primo. Muito distante. Não me lembro o nome, mais sei que era um doutor.

— Doutor?

— Isso mesmo. E também me disseram abertamente uma coisa...

— O quê?

— Se alguém, a qualquer momento a partir daquele dia ou nos anos subsequentes, viesse procurar informações sobre esse assunto ou sobre o velho casal, ou sobre as três crianças que ninguém jamais viu, eu deveria ligar para um número.

— Eles lhe deram um nome?

— Não, só um número em Manhattan. Então, seis ou sete anos depois, um homem me ligou, sem mais nem menos, me dizendo que o número para o qual eu deveria ligar havia mudado. Ele me deu um outro número, em Nova York. Perguntou se alguém algum dia viera me visitar. Eu disse que não. Ele disse ótimo. Me lembrou do acordo e disse que haveria um bônus se alguém me procurasse. Mas isso nunca aconteceu até que aquele cara, o Lazarus, apareceu, fez perguntas e eu o escorracei. Eu então fiz a ligação. Um homem atendeu o telefone. Pela voz, era um velho. Bem velho. Agradeceu pela informação. Talvez dois minutos depois, recebi uma outra ligação. Dessa vez de uma jovem mulher. Ela disse que estava me mandando algum dinheiro, como recompensa, e que se eu encontrasse Lazarus e o mantivesse aqui, haveria uma outra recompensa. Eu disse a ela que ele provavelmente estaria em algum dos três ou quatro hotéis da região. E foi isso o que aconteceu até que você apareceu. E eu ainda não sei quem diabos é você.

— Lazarus é meu irmão — disse Ricky calmamente.

Ele hesitou, pensando no que tinha ouvido, e finalmente perguntou:

— O número que você ligou, que número é esse? O homem despejou rapidamente os dez números.

— Muito obrigado — disse Ricky friamente. Ele não precisou anotar. Era um número que ele conhecia.

Fez um gesto com a pistola para que o homem se virasse de costas.

— Coloque as mãos atrás das costas — instruiu Ricky.

— Que é isso, cara. Eu contei tudo o que sabia. O que quer que esteja acontecendo eu não sou importante.

— Com certeza.

— Então, deixe-me ir.

— Vou precisar manter você preso por uns minutos. O tempo suficiente para partir antes que você se levante, ache alguma ferramenta e deixe o nosso amigo Brutus escapar. Acho que talvez ele gostasse de ficar um pouco sozinho comigo no escuro.

Isso fez com que o dono do canil sorrisse maliciosamente.

— Ele é o único cachorro que eu conheço que guarda rancor. Tudo bem. Faça o que você tem de fazer.

Ricky prendeu as mãos do homem com uma fita adesiva. Então ele se levantou.

— Você vai ligar para eles, não vai? O homem fez que sim com a cabeça.

— Se eu dissesse que não você ficaria furioso, porque ia saber que estou mentindo.

Ricky sorriu.

— Um pouco de percepção. Você está certo.

Ele ficou quieto pensando exatamente no que queria que o dono do canil dissesse. Rimas fluíram de sua imaginação.

— Certo, é isto que você precisa dizer a eles:

Lazarus ressuscitou, bem perto ele vai chegar. E subindo a montanha ele não mais está. Ele está aqui, aqui ele está. Em qualquer lugar ele pode se mostrar. O jogo está esquentando e perto ele está. Lazarus acredita que o jogo irá ganhar. Talvez você não tenha mais chance de o pegar, Mas é melhor o Voz desta semana checar.

— Isso parece um poema — disse o homem, enquanto deitava o estômago no pedrisco, tentando virar a cabeça para olhar para Ricky.

— É um tipo de poema, agora vou tomar a lição, repita o que falei.

— Eu não entendo — disse o homem após decorar o poema. O que está acontecendo?

— Você joga xadrez? — perguntou Ricky. O homem concordou.

— Não muito bem.

— Bem — disse Ricky —, agradeça por você ser apenas um peão. E por não precisar saber nada mais que um peão precisa saber. Porque qual o objetivo do xadrez?

— Capturar a rainha e matar o rei. Ricky sorriu.

— Quase. Foi bom conversar com você e o nosso Brutus ali. Posso dar um conselho?

— Qual?

— Faça sua ligação. Recite o poema. Saia e tente recolher todos os cães que fugiram. Isso vai lhe custar algum tempo. Então, amanhã, acorde e esqueça que isso aconteceu. Volte para sua vida e nunca mais pense novamente sobre nada disso.

O dono do canil movimentou-se desconfortavelmente, fazendo um som arrastado na entrada de pedriscos. Isso pode ser um pouco difícil.

— Talvez — disse Ricky —, mas o esforço pode valer a pena.

Ele se levantou deixando o homem no chão. Alguns dos outros cães haviam-se espalhado e assustaram-se quando ele se mexeu. Recolocando a pistola na mochila, Ricky segurou a lanterna e começou a correr. Quando se afastou de qualquer luz vinda da parte da frente do canil ele diminuiu o ritmo, seguindo para a estrada escura, em direção ao cemitério onde havia estacionado o carro. Seus pés faziam barulho batendo contra o piso da estrada e ele desligou a lanterna e correu no escuro. Era algo parecido com nadar em um mar agitado pela tempestade, pensou, desviando-se de ondas que o atingiam de todas as direções. Apesar da noite que o engolia, ele sentia-se iluminado por uma única e brilhante informação. O número do telefone. Naquele momento, parecia a Ricky que tudo o que havia acontecido, desde a entrega da primeira carta até aquele instante, fosse parte da mesma corrente

arrebatadora. Então, ele percebeu que talvez isso fosse muito mais longe. Meses e anos, lá atrás, no passado, em que alguém se informava a respeito dele e o envolvia, sem que ele tivesse consciência disso. Essa constatação deveria tê-lo arrasado, pensou, mas, em vez disso, sentiu uma estranha energia e um alívio igualmente estranho. Pensou que a compreensão de que estivera o tempo todo cercado por mentiras e que agora, repentinamente, tinha algo verdadeiro, era como um combustível que o impulsionava.

Ele tinha vários quilômetros para viajar naquela noite, pensou. Quilômetros de estrada e quilômetros de pensamentos, ambos desbravando seu passado e apontando para seu futuro. Acelerou, como um corredor de maratona que sente a linha de chegada próxima, além da vista, mas percebida pela dor dos pés e pernas, pela exaustão manifestando-se a cada tomada de fôlego.

CAPÍTULO 31

Passava um pouco da meia-noite quando Ricky chegou ao pedágio no lado oeste do rio Hudson, ao norte de Kingston, Nova York. Ele havia dirigido rapidamente, chegando ao limite do que podia para não irritar os patrulheiros do estado de Nova York. Aquele era, imaginou ele, um microcosmo de sua vida passada. Ele queria correr, mas não estava muito disposto a arriscar-se a voar. Imaginou que a personagem inventada de Frederick Lazarus poderia fazer o carro alugado correr centenas de quilômetros por hora, mas ele não podia se permitir tal coisa. Era como se os dois homens, Richard Lively, que se escondia, e Frederick Lazarus, que estava disposto a lutar, estivessem bem presentes naquela estrada. Percebeu que desde que tinha criado sua própria morte, havia-se equilibrado entre a incerteza de aceitar os riscos e a segurança de se esconder. Mas sabia que provavelmente não mais estaria tão invisível quanto antes acreditava estar. Imaginava que o homem que o estaria procurando provavelmente estaria logo atrás, e que todos os fios soltos das pistas haviam sido encontrados começando por New Hampshire, estrada abaixo até Nova York e de volta a New Jersey.

Mas ele sabia que também estava bem perto.

Aquela era a mais mortal das corridas. Um fantasma perseguindo um homem morto. Um homem morto perseguindo um fantasma.

Ele pagou o pedágio, o único carro cruzando a ponte naquela hora tardia. O coletor estava distraído com um exemplar da revista Playboy, olhando e não lendo, e quase não olhou para ele. A própria ponte é uma curiosidade da arquitetura, erguendo-se centenas de pés acima das águas escuras que formam o Hudson, iluminada por fios de luzes verde-amarelas de vapor de sódio, descendo ao encontro da terra do lado de Rhinebeck em uma área rural e escura, de forma que, olhando-se

à distância, ela parece com um colar brilhante suspenso em um pescoço cor de ébano, engolido pela escuridão. Aquele era um passeio perturbador, pensou Ricky, enquanto dirigia pela estrada que parecia desaparecer em direção a um buraco. Seus faróis formavam fracos cones de luz contra a noite à sua volta.

Ele encontrou um lugar para parar e pegou um dos dois telefones celulares restantes. Então, ligou para o número da recepção do último hotel com reserva para Frederick Lazarus. Aquele era um lugar vulgar, pobre e barato, o tipo de hotel que está apenas a um único e frágil passo acima dos que abrigavam as prostitutas e seus encontros. Ele imaginou que o recepcionista da noite não teria nada para fazer, caso ninguém tivesse sido baleado ou espancado naquela noite, o que Ricky sabia, era uma grande possibilidade.

— Excelsior Hotel, em que posso ser útil?

— Meu nome é Frederick Lazarus — disse Ricky. — Tenho uma reserva para esta noite, mas só vou chegar amanhã.

— Tudo bem — disse o homem, sorrindo um pouco ao pensar na reserva. — Haverá tantas vagas quanto antes. Não estamos exatamente lotados nesta estação turística.

Você pode verificar se alguém deixou recado para mim?

— Só um minuto... — disse o homem. Ricky ouviu quando o telefone foi apoiado no balcão. O homem voltou em poucos segundos:

— For Cristo! — disse ele. — Você deve ser bem popular. Há pelo menos três ou quatro recados.

— Leia para mim — disse Ricky. — E eu vou recompensá-lo quando chegar.

O homem leu as mensagens. Eram apenas aquelas que ele havia deixado para si mesmo, nada mais. Isso o deixou pensativo.

— Alguém esteve aí procurando por mim? Eu teria um compromisso com uma pessoa...

O recepcionista noturno hesitou novamente e, naquela hesitação, Ricky compreendeu o que queria. Antes que o recepcionista mentisse dizendo que não, Ricky lhe disse:

— Ela é maravilhosa, não é? O tipo que consegue o que quer, quando quer, sem sequer pedir, certo? Um pouco mais sofisticada do que as que você normalmente vê entrar por essa porta, não é?

O recepcionista tossiu.

— Ela está aí agora? — exigiu Ricky.

Depois de alguns segundos o recepcionista sussurrou:

— Não, ela saiu. Há pouco menos de uma hora, pouco depois de receber uma ligação no celular. Saiu bem rápido, ela e o cara que estava com ela. Eles passaram a noite toda vindo aqui atrás de você.

— O cara que estava com ela — perguntou Ricky — era rechonchudo e pálido, um pouco parecido com o garoto em quem você batia no primário?

— Exatamente — disse o recepcionista. Ele sorriu. — Esse é o cara. Descrição perfeita.

Olá, Merlin, pensou Ricky.

— Eles deixaram um número de telefone ou endereço?

— Não. Apenas disseram que voltariam e que não queriam que ninguém soubesse que eles haviam estado aqui. Que está havendo?

— São só negócios. Vou-lhe dizer uma coisa: se voltarem, você dá a eles este número de telefone... — Ricky deu o número do seu último telefone celular. — Mas faça com que eles soltem algum dinheiro por essa informação. Eles andam sempre recheados.

— Tudo bem. Eu devo dizer a eles que estará aqui amanhã?

— Sim. Pode dizer. E diga a eles que liguei para pegar minhas mensagens. Isso é tudo. Eles viram as minhas mensagens?

O homem hesitou novamente.

— Não — mentiu ele. — São particulares. Eu não mostraria a estranhos sem sua autorização.

Certamente, pensou Ricky. Não por um centavo a menos que cinquenta pratas. Ele estava contente porque o homem do hotel havia feito exatamente aquilo que ele esperava. Ele desligou o telefone e recostou-se no banco. Eles não terão certeza, pensou ele. Eles não saberão exatamente quem mais está procurando por Frederick Lazarus, ou o porquê, ou que ligação ele teria com o que estava acontecendo. Isso vai preocupá-los e tornará o próximo passo deles um pouco inseguro, o que era exatamente o que Ricky queria. Ele deu uma olhada no relógio. Tinha certeza de que o dono do canil havia finalmente se livrado das algemas de fita adesiva e depois de acalmar Brutus e recuperar o maior número de cães que pôde, finalmente havia feito a ligação. Assim, Ricky esperava que houvesse pelo menos uma luz acesa na casa para onde ele estava indo.

Assim como fizera mais cedo naquela mesma noite, Ricky deixou o carro alugado estacionado fora da estrada, fora da visão de qualquer pessoa que passasse por ali. Ele estava a uma boa distância do seu destino, mas pensou que durante a caminhada poderia pensar em seu plano. Ele sentiu um certo entusiasmo crescer dentro dele, como se finalmente estivesse aproximando-se das respostas para algumas de suas inúmeras perguntas. Mas isso era acompanhado por uma sensação de ultraje que poderia transformar-se em fúria caso ele não se esforçasse para contê-la. A traição, pensou ele, tem o poder de se tornar algo muito mais forte que o amor. Ele se sentiu enjoado e sabia que aquilo era causado pela decepção misturando-se livremente à fúria desenfreada.

Ricky, que fora outrora um homem introspectivo, checkou a arma que levava para assegurar-se de que ela estava completamente carregada, imaginando que não tinha nenhum outro plano real, a não ser o confronto, que é uma atitude que se define por si mesma, percebendo que se aproximava rapidamente de um daqueles momentos em que pensamentos e ações se misturam. Ele corria através da escuridão, seus tênis batendo no calçamento e produzindo um ruído que se mesclava aos sons característicos de uma noite no campo: gambás arrastando-se por trás dos arbustos e cigarras cantando. Ele desejou tornar-se parte do ar.

Enquanto corria, perguntou-se: você vai matar alguém esta noite? Ele não sabia a resposta.

Então perguntou: você está disposto a matar alguém esta noite?

A resposta para essa pergunta parecia muito mais fácil. Ele percebeu que uma grande parte dele estaria pronta para isso. Era a parte que ele havia construído aos poucos nos meses depois que sua vida havia sido arruinada. A parte que havia estudado todos os métodos de assassinato e destruição disponíveis na biblioteca local e desenvolvido a habilidade do tiro. A parte inventada.

Ele parou quando alcançou a entrada da casa. Lá dentro estava o telefone cujo número ele havia reconhecido. Por um momento, lembrou-se de quando estivera ali, havia quase um ano, cheio de expectativas e quase em pânico, esperando receber qualquer tipo de ajuda, desesperado por qualquer tipo de respostas. Eles estavam aqui, esperando por mim, pensou Ricky, ocultos pelas mentiras. Eu simplesmente não pude vê-los. Nunca, jamais lhe ocorrera que o homem que ele acreditava ter sido a pessoa que mais o ajudara na vida era, na verdade, o homem que havia tentado matá-lo.

Da entrada, ele viu, como esperava, uma única luz no estúdio.

Ele sabe que estou vindo, pensou Ricky. E Virgílio e Merlin, que devem tê-lo ajudado, ainda estão em Nova York. Mesmo se eles dirigissem muito rápido depois de ele haver telefonado, correndo pela cidade, ainda estariam a uma hora de distância. Ele deu um passo adiante ouvindo o som dos pés contra os pedriscos soltos da entrada. Talvez ele já saiba que estou aqui. Ricky deu uma olhada à sua volta tentando encontrar uma forma de entrar, mas não tinha certeza quanto à necessidade do elemento surpresa.

Assim, segurou a pistola com a mão direita e engatilhou-a. Ele soltou a trava de segurança e caminhou displicentemente até a porta da frente, como faria um vizinho amigável no meio de uma tarde de verão. Ele não bateu à porta, simplesmente girou a maçaneta. Como imaginou, a porta estava aberta.

Ele entrou. Uma voz veio do estúdio à sua direita.

— Aqui, Ricky.

Ele deu um passo à frente, erguendo a pistola, aprontando-se para atirar.

Então, penetrou na luz que saía pela porta.

— Olá, Ricky. Você tem sorte de ter sobrevivido.

— Olá, Dr. Lewis — respondeu Ricky. O velho estava de pé, atrás da mesa, com as mãos apoiadas no tampo, inclinado para a frente.

— Devo matar você agora ou daqui a pouco? — perguntou Ricky com um tom de voz frio, fazendo muito esforço para conter sua raiva.

O velho psicanalista sorriu.

— Talvez você fosse inocentado em alguns tribunais por atirar em mim. Mas você tem muitas perguntas e eu esperei muito nesta longa noite para responder o que posso. Afinal de contas, é isso o que fazemos, não é, Ricky? Responder perguntas.

— Talvez eu tenha feito isso no passado — respondeu Ricky. — Mas não faço mais.

Ele apontou a arma para o homem que havia sido seu mentor. O homem que o havia treinado. O Dr. Lewis pareceu um pouco surpreso.

— Você fez mesmo essa longa viagem só para me matar? — perguntou ele.

— Sim — disse Ricky, embora fosse uma mentira.

— Então, vá em frente — o velho doutor encarou Ricky intensamente.

— Rumpelstiltskin — disse Ricky. — O tempo todo era você. O doutor Lewis sacudiu a cabeça.

— Não, você está errado. Mas sou o homem que o criou. Ao menos em parte.

Ricky avançou entrando mais no escritório, mantendo as costas viradas para a parede. As mesmas estantes de livros alinhadas nas paredes. A mesma decoração. Por um segundo quase pôde imaginar que aquele ano não havia passado. Aquele era um lugar frio que parecia falar de uma personalidade neutra e opaca; não havia nada nas paredes nem na mesa que dissesse algo sobre o homem que ocupava o escritório. Não é preciso ter um diploma na parede para atestar-se a maldade de alguém. Ele ficou pensando como não tinha percebido isso antes. Ele fez sinal com a arma para que o velho se sentasse na poltrona de couro giratória.

O Dr. Lewis sentou-se, suspirando.

— Estou ficando velho e não tenho mais a energia que um dia já tive — disse ele sem rodeios.

— Por favor, mantenha as mãos onde eu possa vê-las — disse Ricky. O velho ergueu as mãos e depois apontou para a testa, tocando-a com o indicador.

— Não é o que está nas suas mãos que é realmente perigoso, Ricky. Você devia saber disso. No final, é o que está em nossas cabeças que é perigoso.

— Eu teria concordado com você em uma outra ocasião, doutor, mas agora tenho minhas dúvidas. E uma clara e entusiástica confiança nesse mecanismo, que, caso não saiba, é uma Ruger semiautomática, calibre .380. Ela atira com grande

velocidade, e usa balas de ponta oca. Há quinze balas no pente, qualquer uma delas pode remover uma boa porção do seu crânio, talvez até mesmo essa parte que acabou de apontar, matando-o rapidamente. E o senhor sabe o que é realmente intrigante sobre essa arma, doutor?

— O quê?

— Ela está nas mãos de um homem que já morreu uma vez. Que não existe mais nesta terra. Por que não considera as implicações desse evento existencial por alguns momentos?

O Dr. Lewis ficou parado, olhando a arma. Depois de um momento, sorriu.

— Ricky, o que você me diz é algo interessante. Mas eu o conheço. Conheço o seu interior. Você esteve em meu divã quatro vezes por semana por quase quatro anos. Cada medo, cada dúvida, cada esperança. Cada sonho, cada aspiração, cada ansiedade. Conheço você tanto quanto você mesmo, talvez até muito melhor, e sei que você não é um assassino, apesar de toda a sua postura. Você é apenas um homem profundamente perturbado que fez algumas escolhas péssimas na vida. Desconfio que homicídio seja mais uma.

Ricky balançou a cabeça.

— O homem que você conheceu como Frederick Starks esteve no seu divã. Mas agora ele está morto e enterrado e você não me conhece. Não o novo eu. Nem um pouco.

Então ele atirou.

O tiro ecoou pela pequena sala, ensurdecendo-o por um momento. A bala rasgou o ar acima da cabeça do Dr. Lewis, alojando-se numa estante bem atrás dele. Ricky viu um livro grosso de medicina perder a lombada quando foi atingido pelo tiro. Era um livro sobre doenças psicológicas, um detalhe que quase fez Ricky rir.

O Dr. Lewis empalideceu, cambaleou, virou rapidamente de um lado para outro e arfou alto.

Ele se recompôs cuidadosamente.

— Meu Deus! — soltou ele. Ricky viu algo nos olhos do homem, que não era precisamente medo, mas um sentimento de espanto, como se algo completamente inesperado tivesse acontecido. — Eu não pensei... — começou a falar.

Ricky o cortou com um pequeno movimento da pistola.

— Um cão me ensinou como fazer isso.

O Dr. Lewis virou-se ligeiramente em sua cadeira e inspecionou o local onde a bala havia penetrado. Ele explodiu algo parecido com uma risada, depois balançou a cabeça.

— Belo tiro, Ricky — disse lentamente. — Um tiro memorável. Mais perto da verdade do que da minha cabeça. Você deve manter em mente o que eu falar nos próximos momentos.

Ricky encarou o velho psicanalista.

— Pare de ser tão indireto — disse rapidamente. — Nós vamos falar sobre respostas. Impressionante como uma arma como esta ajuda a focalizar uma pessoa nas questões desejadas. Pense em todas aquelas horas com todos aqueles pacientes, incluindo a mim mesmo, doutor. Todas as mentiras e distrações e tangentes e mecanismos de ilusão e rodeios. Todo aquele tempo gasto em buscar a verdade. Quem imaginaria que as coisas poderiam ser descomplicadas tão rapidamente com um dispositivo como este? É um pouco como Alexandre e o nó górdio, não é, doutor?

O Dr. Lewis parecia ter recuperado a compostura. Rapidamente sua fisionomia alterou-se e agora ele olhava para Ricky com uma expressão penetrante e furiosa como se ainda estivesse no controle da situação. Ricky ignorou tudo que aquele olhar implicava e, então, do mesmo modo que fizera há quase um ano, colocou uma cadeira em frente à do velho doutor.

— Se não é você — Ricky perguntou friamente —, então, quem é Rumpelstiltskin?

— Você já sabe, não é?

— Me esclareça.

— O filho mais velho da sua antiga paciente. A mulher a quem você não ajudou.

— Isso eu já sei. Continue. Dr. Lewis deu de ombros.

— Meu filho adotivo.

— Isso eu descobri um pouco mais cedo, esta noite. E os dois outros?

— Os irmãos mais novos dele. Você os conhece como Merlin e Virgílio. Logicamente eles têm outros nomes.

— Também foram adotados?

— Sim. Pegamos os três. Primeiro temporariamente, por meio do estado de Nova York. Depois, fiz com que meus primos de Nova Jersey servissem de fachada na adoção. Foi estupidamente simples passar a perna na burocracia, que, como certamente você já aprendeu, estava pouco se lixando para o que ia acontecer de fato com as três crianças.

— Então, eles carregam seu nome? Você descartou o nome Tyson e deu a eles o seu próprio nome?

— Não — o velho sacudiu a cabeça. — Nada tão simples, Ricky. Eles não aparecem em nenhuma lista telefônica com o nome de Lewis. Foram completamente reinventados. Nomes diferentes para cada um deles. Diferentes identidades. Diferentes projetos de vida. Diferentes escolas. Diferentes educações e tratamentos. Mas irmãos de coração, que é o que importa. Disso você sabe.

— Por que isso? Por que elaborar um esquema para esconder o passado

deles? Por que você não...

— Minha esposa já estava doente e já tínhamos passado da idade aceitável para o estado. Meus primos eram convenientes. E por uma compensação financeira, mostraram-se dispostos a ajudar. Ajudar e esquecer.

— Com certeza — respondeu Ricky sarcasticamente. "E o pequeno acidente deles? Foi uma briga doméstica?

O Dr. Lewis sacudiu a cabeça. — Foi uma coincidência — disse ele. Ricky não sabia se acreditava naquilo. Ele não pôde evitar uma pequena cutucada:

— Freud diz que não existem acidentes. O Dr. Lewis concordou.

— É verdade. Mas há uma grande diferença entre desejar e agir.

— Sério? Acho que nisso você está errado. Mas não importa. Por que eles?

Por que essas três crianças?

O velho analista deu de ombros novamente.

— Presunção. Arrogância. Egocentrismo.

— Essas são apenas palavras, doutor.

— Sim, mas explicam muito. Diga-me, Ricky: um assassino... um assassino verdadeiramente sem remorsos, um psicopata sanguinário... essa pessoa, pode ser criada pelo ambiente? Ou eles nascem para isso, como um desajuste infinitesimal no conjunto genético? Que você acha, Ricky?

— Ambiente. É isso que nos ensinaram. Qualquer analista diria o mesmo. Apesar de os caras da genética possivelmente discordarem. Mas nós somos o produto de onde viemos, psicologicamente.

— Eu concordaria. Então, peguei uma criança — e seus dois irmãos —, que seria um rato de laboratório para o mal. Abandonado pelo pai biológico. Rejeitado pelos outros parentes. A quem jamais deu a menor parcela de estabilidade. Exposto a todos os tipos de perversidades sexuais. Espancado sem piedade por uma série de namorados sociopatas da sua mãe e que, finalmente, viu a própria mãe suicidar-se na pobreza e no desespero, incapaz de salvar a única pessoa em quem confiava na vida. Essa é uma fórmula completa para o mal, não concorda?

— Sim.

— E eu achei que poderia acolher essa criança e reverter todo esse quadro de erros. Preparei um sistema onde ele pudesse ser desligado de seu terrível passado. Então, pensei que poderia torná-lo um membro produtivo da sociedade. Essa foi a minha arrogância, Ricky.

— E você não conseguiu?

— Não. Mas, curiosamente, consegui despertar lealdade suficiente. E talvez até um estranho tipo de afeição. É algo terrível, apesar de ser fascinante, Ricky, ser amado e respeitado por um homem devotado à morte. E é isso que se vê em Rumpelstiltskin. Ele é um profissional. Um assassino convicto. Um assassino

equipado com a melhor educação que pode proporcionar. Harvard. Direito em Colômbia. Teve também um breve período no exército para obter um pequeno treinamento extra. Sabe qual o aspecto curioso de tudo isso, Ricky?

— Qual?

— O trabalho dele não é tão diferente do nosso. Pessoas vêm até ele com problemas. Elas pagam muito bem para obter soluções para esses problemas. O paciente que chega ao nosso divã está desesperado para se livrar de alguma aflição. Os clientes dele, também. Seus meios são apenas, bem, mais imediatos que os nossos. Mas muito menos íntimos.

Ricky pegou-se respirando com dificuldade. O Dr. Lewis balançou a cabeça.

— E sabe do que mais, Ricky, além de ser extremamente rico, sabe que outra qualidade ele tem?

— Qual?

— Ele é incansável.

O velho analista suspirou e acrescentou:

— Mas talvez você já tenha percebido isso. Como ele aguardou por anos, preparando-se, e então escolhendo e perseguindo cada pessoa que tivesse causado algum sofrimento à mãe e destruindo-as, assim como elas a destruíram.. Suponho que, de uma forma estranha, você poderia achar isso tocante. Amor de filho. O legado de uma mãe. Ele estava errado em fazer isso, Ricky? Punir todas aquelas pessoas que sistematicamente ou sem querer arruinaram a vida dela? Que a deixaram desamparada com três filhos pequenos no pior de todos os mundos? Não acho. Não, mesmo. Porque até mesmo os mais irritantes políticos falam sem parar sobre como vivemos em uma sociedade que foge da responsabilidade. A vingança não é meramente aceitar as dívidas de uma pessoa e dar a elas uma solução diferente? As pessoas que ele castigou verdadeiramente mereciam punição. Eles, assim como você, ignoraram alguém que implorava por ajuda. É isso o que está errado em nossa profissão, Ricky. Às vezes queremos explicar muito, quando a verdadeira resposta está num desses — o doutor apontou para a arma na mão de Ricky.

— Mas, por que eu? — Ricky disparou. — Eu não...

— Claro que você fez algo errado. Ela veio até você desesperada por ajuda e você estava tão envolvido com o rumo que sua carreira estava tomando que não prestou atenção e não deu a ela a assistência de que necessitava. Certamente, Ricky, um paciente que se mata quando está sob seus cuidados, mesmo que apenas por poucas sessões, bem, você não sente um certo remorso? Algum tipo de culpa? Você não mereceria pagar por isso? Por que você acha que obter vingança é de alguma forma uma responsabilidade menor do que qualquer outro ato humano?

Ricky não respondeu. Depois de um momento, perguntou: "Quando você

soube...".

— Da sua ligação com meu experimento adotivo? Quase no final do seu período de análise. Simplesmente decidi ver como isso caminharia com o passar dos anos.

Ricky podia sentir a raiva misturando-se à aflição dentro dele. Sua boca estava seca.

— E quando ele veio me procurar? Você poderia ter-me avisado.

— Trair meu filho adotivo em favor de um amigo paciente? E nem sequer era o meu paciente favorito...

Aquelas palavras atingiram Ricky como uma ferroada. Ele pôde perceber que o velho era tão mau quanto o filho que havia adotado. Talvez até pior.

— ... eu acho que alguém poderia considerar isso justo — o velho analista riu alto. — Mas você ainda não sabe nem a metade das coisas, Ricky.

— Qual é a metade que eu não sei?

— Acho que isso você vai ter de descobrir sozinho.

— E os outros dois?

— O homem que conhece como Merlin é mesmo um advogado, e um dos bons. A mulher que você conhece como Virgílio é uma atriz com uma bela carreira pela frente. Especialmente agora que estão atando quase que completamente os fios soltos de suas vidas. Eu acho, Ricky, que talvez você e eu sejamos os últimos fios remanescentes para eles três. A outra coisa que deveria saber, Ricky, é que eles realmente acreditam que foi o irmão mais velho deles, o homem que você conhece como Rumpelstiltskin, que salvou a vida deles, e não eu, apesar de eu haver contribuído para esta salvação. Não. Foi ele que os manteve juntos, que impediu que eles se desgarrassem, que insistiu que eles fossem para a escola e tirassem notas altas para obter sucesso na vida. Assim, Ricky, eles são, no mínimo, completamente dedicados a ele. Eles são completamente leais ao homem que vai matar você. Que matou você uma vez e que vai fazer isso novamente. Não é intrigante, do ponto de vista psiquiátrico, Ricky? Um homem sem escrúpulos que desperta devoção cega e total. Um psicopata que matará você tão certamente quanto você pisaria em um aranha que cruzasse seu caminho. Mas que é amado e que, por sua vez, também ama. Mas ama somente aqueles dois. Ninguém mais. Exceto, talvez a mim, um pouquinho, porque eu o resgatei e o ajudei. Assim, talvez, tenha conquistado um amor de lealdade. E importante que você tenha isso em mente, Ricky, porque você tem pouquíssimas chances de sobreviver à sua ligação com Rumpelstiltskin.

— Quem é ele? — perguntou Ricky. Cada palavra que o velho analista falava parecia escurecer o mundo à sua volta.

— Você quer o nome dele? O endereço? Do seu escritório?

— Sim — Ricky apontou a arma para o velho.

O Dr. Lewis sacudiu a cabeça.

— Exatamente como no conto de fadas, não é? O mensageiro da princesa vê por acaso o anão dançando em volta do fogo e revelando o seu nome. Ela não faz nada realmente inteligente, ou sábio, ou sofisticado. Ela apenas tem sorte e, quando ele vem com a terceira pergunta, ela sabe a resposta por pura sorte e assim sobrevive e fica com seu filho primogênito e vive feliz para sempre. Você acha que vai ser igual? A sorte que teve e que o conduziu até aqui, neste momento, sacudindo esta arma na cara de um velho fará com que você ganhe este jogo?

— Me diga o nome dele — disse Ricky calmamente, com a voz mais fria e maldosa que conseguia fazer. — Eu quero o nome dos três.

— O que faz você pensar que não os conhece?

— Estou cansado dos seus joguinhos — disse Ricky. O velho analista balançou a cabeça.

— É isso que a vida é. Um jogo após outro. E a morte é o maior jogo de todos.

Os dois homens se encararam.

— Eu fico pensando — disse o Dr. Lewis cuidadosamente erguendo os olhos por um momento, examinando o relógio de parede e falando pausadamente cada uma de suas palavras — quanto tempo você ainda tem.

— Tempo suficiente — respondeu Ricky.

— Sério? — respondeu o velho analista. — Tempo é algo elástico, não é? Momentos podem durar uma eternidade ou evaporar instantaneamente. O tempo é realmente uma função da nossa própria visão de mundo. Não é isso o que aprendemos na análise?

— Sim — disse Ricky. — É isso mesmo.

— E esta noite temos todos os tipos de incertezas a respeito do tempo, não é? Quero dizer, estamos aqui, sozinhos nesta casa. Mas por quanto tempo mais? Sabendo que você estava vindo para cá, você não acha que eu teria tomado o cuidado de pedir ajuda? Quanto tempo até ela chegar?

— Tempo suficiente.

— Ah, essa é uma aposta na qual eu não teria tanta confiança. O velho analista sorriu novamente. — Mas talvez possamos complicar um pouco mais.

— Como?

— Suponha que eu diga a você que em algum lugar nessa sala está a informação que você procura. Você a encontraria a tempo? Antes que o socorro chegue e me salve?

— Eu já lhe disse que estou cansado desses joguinhos.

— Está bem na sua frente. E você já chegou mais perto do que eu imaginava.

Há pistas suficientes.

— Eu não vou jogar.

— Bem, acho que você está errado. Acho que você terá de jogar um pouco mais, Ricky, porque esse jogo ainda não acabou — o Dr. Lewis ergueu abruptamente as duas mãos e disse: — Ricky, preciso tirar algo da gaveta da mesa. E algo que certamente vai mudar a maneira como esse jogo está sendo jogado. E algo que você vai querer ver. Posso?

Ricky apontou a pistola para a testa do Dr. Lewis e concordou.

— Abra.

O doutor sorriu novamente e, um sorriso maldoso, frio, que não tinha nada a ver com bom humor. Era o sorriso de um carrasco. Ele tirou um envelope da gaveta e o colocou na mesa à sua frente.

— Que é isso?

— Talvez, Ricky, seja a informação que veio buscar. Nomes. Endereços. Identidades.

— Me entregue.

O Dr. Lewis deu de ombros.

— Como queira... — disse ele. Ele empurrou o envelope e Ricky ansiosamente o agarrou. Ele estava lacrado e Ricky desviou os olhos do velho médico por um instante enquanto inspecionava a carta. Foi um erro e ele percebeu isso em seguida.

Ele ergueu os olhos e viu que o velho agora tinha um sorriso no rosto e um pequeno revólver calibre .38, cano curto, na mão direita.

— Não é tão grande quanto o seu, não é, Ricky? — o doutor riu alto. — Mas provavelmente tão eficiente quanto. Você percebe, acabou de cometer um erro que nenhuma dessas três pessoas com quem está envolvido cometeria. E certamente não o homem que você conhece como Rumplestiltskin. Ele jamais teria tirado os olhos de seu alvo. Nem por um segundo. Não importa o quanto ele conhecesse a pessoa que estivesse sob sua mira, jamais teria confiado nela o suficiente para afastar os olhos dela nem por um instante. Talvez isso sirva para mostrar como você tem pouquíssimas chances — os dois homens estavam se encarando por cima da mesa, com as armas apontadas um para o outro.

Ricky concentrou o olhar, sentindo o suor correr embaixo dos braços.

— Isso — sussurrou o Dr. Lewis — é uma fantasia analítica, não é? No sistema de transferência não queremos matar o analista, assim como queremos matar nossa mãe ou nosso pai, ou qualquer outra pessoa que simbolize tudo o que há de errado em nossas vidas? E o analista, por sua vez, não tem ele uma paixão assassina que também deseja explorar ao mesmo tempo?

Ricky não respondeu de início. Finalmente ele murmurou:

— A criança pode ter sido como um rato de laboratório para o mal, como você disse. Mas ela poderia ter sido tratada. Você podia ter feito isso, mas não quis, não é? Era mais intrigante observar o que aconteceria se você o deixasse emocionalmente desamparado, não é? E era muito mais fácil para você culpar todo o mal que há no mundo e ignorar sua própria maldade, não é?

O Dr. Lewis empalideceu levemente.

— Você sabia, não é? — continuou Ricky —, que você era tão psicótico quanto ele? Você queria um assassino e encontrou um, porque é isso o que você sempre quis ser: um assassino.

O velho franziu o cenho.

— Você sempre foi astuto, Ricky. Imagine o que poderia ter feito de sua vida se tivesse sido um pouco mais ambicioso. Um pouco mais sutil.

— Largue a arma, doutor. Você não pode atirar em mim — disse Ricky.

O Dr. Lewis manteve o revólver apontado para o rosto de Ricky, mas concordou.

— Eu realmente não preciso fazer isso, não é? — disse ele. — O homem que matou você uma vez, vai fazer isso novamente. E desta vez, ele não vai aceitar um anúncio de morte no jornal. Acho realmente que ele vai querer ver sua morte. Não acha?

— Não se eu tiver alguma coisa a dizer a respeito. E, uma vez que eu encontre as tais pistas a respeito de quem ele é, que você diz que estão aqui, talvez eu simplesmente desapareça novamente. Fiz isso uma vez e suspeito que possa evaporar pela segunda vez. Talvez Rumpelstiltskin precise conformar-se simplesmente com o que conseguiu da primeira vez que jogamos. Dr. Starks está morto e enterrado. Ele venceu aquele round. Mas eu vou em frente, posso me tornar quem eu quiser. Posso vencer fugindo. Me escondendo. Me mantendo vivo e anônimo. Isso não é estranho, doutor? Nós, que batalhamos tão arduamente para nos ajudar e ajudar nossos pacientes a confrontarem os demônios que os perseguem e atormentam, conseguimos na verdade nos manter vivos com a fuga. Nós ajudamos os pacientes a se tornarem alguma coisa, mas eu posso me tornar nada, e mesmo assim vencer. Uma ironia não acha?

O Dr. Lewis balançou a cabeça.

— Antecipei sua resposta — disse ele suavemente. — Imaginei que você conseguiria enxergar a resposta que acabou de me dar.

— Então — disse Ricky —, eu repito: largue sua arma lentamente e eu vou embora. Desde que a informação de que preciso esteja nesse envelope.

— De certa forma, está — disse o velho. Ele estava murmurando com um sorriso maldoso. — Mas eu ainda tenho uma ou duas perguntas para fazer a você, Ricky... se não se importa.

Ricky concordou.

— Eu já lhe falei do passado desse homem. E já falei muito mais do que você percebeu. E o que contei sobre o relacionamento dele comigo?

— Você falou de um tipo estranho de lealdade e amor. Um amor de psicopata.

— O amor de um assassino por outro. Muito intrigante, não é?

— Fascinante — disse Ricky bruscamente. — E se eu ainda fosse um analista, provavelmente ficaria intrigado e ansioso para investigar esse assunto. Mas não sou. Não mais.

— Ah, mas acho que você está enganado — Dr. Lewis disse. — Eu não acredito que alguém possa de coração deixar de ser um médico tão facilmente como você acha que pode fazer — o velho sacudiu a cabeça negativamente. Ele ainda não tinha tirado o dedo do gatilho do revólver, nem o tinha desviado do rosto de Ricky. — Acho que acabamos por esta noite, Ricky. Nossa última sessão. Nossa hora de cinquenta minutos. Talvez agora sua própria análise esteja completa. Mas a verdadeira pergunta que tenho para você é: se ele dedicou-se tanto para que você se matasse depois de haver falhado com a mãe dele, o que acontecerá quando ele achar que você me matou?

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Ricky.

O velho analista não respondeu. Em vez disso, em um único e rápido gesto ele levou o revólver até suas têmporas, sorriu como um maníaco e atirou.

CAPÍTULO 32

Ricky soltou um grito, de surpresa e choque. Sua voz pareceu misturar-se ao eco do projétil.

Ele jogou-se para trás na cadeira, quase como se a bala que havia explodido na cabeça do velho psicanalista tivesse se desviado e atingido seu peito. Quando a reverberação do projétil desapareceu no ar, Ricky estava de pé, ao lado da mesa, olhando para o homem em quem, outrora, havia confiado tão cegamente. O Dr. Lewis havia caído pesadamente para trás, levemente retorcido pelo impacto mortal recebido nas têmporas. Os olhos permaneciam abertos e agora estavam fixos com uma intensidade macabra. Uma mancha escarlate de sangue e massa encefálica havia tingido a estante e um sangue profundamente marrom gotejava da fenda aberta no rosto do médico, manchando-lhe a camisa. O revólver que havia disparado o tiro fatal deslizara de seus dedos e caíra no chão, tendo o peso amortecido pelo fino tapete persa. Ricky assustou-se quando o corpo do velho contorceu-se uma vez no momento em que os músculos aceitaram a morte.

Ele respirava com dificuldade. Aquela não era a primeira vez, pensou ele,

que presenciava uma morte. Quando trabalhava como interno, fazendo turnos no setor de medicina e na sala de emergências, mais de uma pessoa havia morrido em sua presença. Mas estavam sempre cercados de equipamentos médicos e equipes tentando salvar a vida e lutando contra a morte. Até mesmo quando sua esposa finalmente sucumbiu ao câncer, aquilo havia sido parte de um processo com o qual ele estava familiarizado. E havia um contexto, mesmo que terrível, para o que havia acontecido.

Isto era diferente. Era algo brutal. Era um assassinato especializado. Sentiu suas próprias mãos tremerem com a paralisia do velho. E lutou contra o sobrepujante instinto de entrar em pânico e correr.

Ricky tentou organizar os pensamentos. O escritório estava silencioso e ele podia ouvir a própria respiração pesada, como a de um homem no topo de uma montanha, aspirando o ar frio sem conseguir alívio. Parecia que cada tendão do seu corpo havia sido esticado ou enrijecido e apenas a fuga pudesse liberar essa tensão. Ele agarrou a ponta da mesa tentando recobrar o equilíbrio.

— Que você fez comigo, velho? — ele disse em voz alta. Sua voz pareceu inapropriada, como uma tossida no meio de uma solene cerimônia religiosa.

Então percebeu a resposta para a sua pergunta: ele tentou me matar. Uma bala que pode matar duas pessoas, porque a morte do velho médico provavelmente será mal recebida por aquelas três pessoas que não tinham a menor restrição na maneira de reagir. E eles iriam culpar Ricky, independentemente das evidências de suicídio encontradas.

Só que a coisa era ainda um pouco mais complicada. O Dr. Lewis quis fazer algo mais do que simplesmente matá-lo. Ele tinha a arma apontada para o rosto de Ricky e poderia facilmente ter puxado o gatilho, mesmo sabendo que Ricky atiraria de volta antes de morrer. O que o velho quis foi dotar a todas as pessoas envolvidas naquele jogo mortal com a depravação moral que se igualava à sua própria. Isso era muito mais importante do que simplesmente acabar com a vida de Ricky e com a própria. Ricky tentava respirar apesar da confusão de pensamentos que inundava sua mente. O tempo todo, pensou ele, tudo aquilo não dizia respeito apenas à morte, mas sim ao processo. Era sobre como a morte era alcançada.

Um jogo apropriado para um psicanalista ter criado.

Novamente aspirou o ar rarefeito do estúdio. Rumpelstiltskin pode ter sido o agente da vingança e o instigador, pensou Ricky. Mas o projeto do jogo foi do homem que estava morto à sua frente. Disso ele tinha certeza.

O que significa que quando ele estava falando de conhecimento, provavelmente estaria falando a verdade. Ou pelo menos estaria expondo uma versão pervertida e deformada da verdade.

Levou um ou dois segundos até que Ricky percebesse que ainda segurava o

envelope que seu antigo mentor entregara. Era difícil para Ricky conseguir tirar os olhos do corpo do velho. Era como se o suicídio fosse algo hipnótico. Mas afinal conseguiu. Abriu o envelope e tirou dele uma única folha de papel que leu rapidamente:

Ricky: A recompensa da maldade é a morte. Pense neste último momento como um preço que paguei por tudo que fiz de errado. A informação que você procura está bem na sua frente, mas será que você consegue encontrá-la? Não é isso que fazemos? Tentar descobrir o mistério que é óbvio? Encontrar as pistas que nos encaram diretamente e gritam para nós?

Eu me pergunto se você tem tempo suficiente e se é esperto o suficiente para ver aquilo que precisa ver. Eu duvido. Acho que é provável que você morra esta noite mais ou menos da mesma maneira que eu. Só que sua morte provavelmente será bem mais dolorosa do que a minha, porque sua culpa é muito menor do que a minha.

A carta não estava assinada.

Ricky inspirava um novo pânico a cada respiração.

Ele ergueu os olhos e começou a procurar pelo escritório. Um relógio de parede fazia um tique-taque discreto enquanto os segundos passavam e o som penetrava profundamente na consciência de Ricky. Ele tentou fazer as contas: quando teria o velho telefonado para Merlin e Virgílio, ou até mesmo para o próprio Rumpelstiltskin dizendo que Ricky estava a caminho de sua casa? Levava duas horas para ir da cidade à casa. Talvez menos. Ele teria alguns segundos? Minutos? Quinze minutos? Ele sabia que precisava sair dali, e distanciar-se da morte que estava sentada diante dele, no mínimo para organizar seus pensamentos e tentar decidir que atitude tomar, se é que havia alguma. Era como estar em um jogo de xadrez com um grande mestre, pensou repentinamente, movendo as peças ao acaso pelo tabuleiro, o tempo todo sabendo que o oponente pode ver dois, três, quatro ou até mais movimentos com antecedência.

Sua garganta estava seca e ele se sentiu excitado. Bem na minha frente, pensou ele.

Dando a volta cuidadosamente na mesa, tentando evitar tocar no corpo do analista, ele tentou alcançar a gaveta de cima da mesa e depois parou. Que estou deixando aqui? — pensou ele. Fios de cabelo? Digitais? DNA? Eu cometi um crime?

Então pensou: há dois tipos de crimes. O primeiro tipo traz consigo policiais e promotores públicos e o peso do estado exigindo que a justiça seja feita. O segundo atinge o coração das pessoas. As vezes os dois se misturam, como ele bem sabia. Mas muito do que havia acontecido dizia respeito ao segundo tipo, e era o juiz, o júri e o carrasco que estavam vindo em sua direção que realmente o

preocupavam.

Não havia dúvidas quanto a essas questões. Ele disse a si mesmo para ter confiança no simples fato de que o homem cujas digitais e substâncias corporais estavam sendo deixadas na sala de um homem morto também já estava morto, e que isso poderia dar a ele alguma proteção, pelo menos contra a polícia que provavelmente estaria ali a qualquer momento naquela noite. Ele colocou a mão na gaveta e abriu. Estava vazia.

Ele mexeu rapidamente em todas as outras gavetas. Elas também estavam vazias. O Dr. Lewis claramente tivera tempo para limpar tudo que havia sido acumulado ali. Ricky correu os dedos por baixo do tampo da mesa, imaginando que talvez alguma coisa estivesse escondida lá. Abaixou-se e procurou, mas não havia nada. Voltou, então, sua atenção para o homem morto. Respirando com dificuldade, enfiou os dedos nos bolsos do homem. Eles também estavam limpos. Não havia nada no corpo. Nada na mesa. Era como se o velho analista tivesse tomado providências para deixar seu mundo limpo. Ricky balançou a cabeça, concordando. Um psicanalista, melhor do que ninguém, pensou ele, sabe o que pode revelar o que somos. E nessa busca para revelar a identidade, ele sabe muito melhor que os outros como erradicar os sinais denunciadores da personalidade.

Novamente Ricky correu os olhos pelo escritório. Perguntou-se se haveria um cofre. Enquanto observava o relógio, teve uma ideia. O Dr. Lewis falou sobre tempo. Talvez fosse uma pista, pensou. E pulou até a parede e procurou algo atrás do relógio. Não havia nada.

Ele quis gritar de raiva. Tem de estar aqui, insistiu ele.

Ricky respirou fundo novamente. Talvez não haja nada aqui, pensou, e tudo que o velho queria que eu fizesse era estar exatamente aqui quando seu filho adotivo chegasse. Seria esse o jogo? Talvez quisesse que o fim fosse naquela noite. Ricky agarrou sua arma e correu em direção à porta.

Então sacudiu a cabeça. Não, aquela seria uma mentira muito simples, e as mentiras do Dr. Lewis eram muito mais complexas. Tem de haver algo aqui.

Ricky virou-se para as prateleiras de livros. Havia fileiras de livros de medicina e psicologia, coleções de Freud e Jung e alguns estudos modernos e experimentos clínicos em forma de livro. Livros sobre depressão, livros sobre ansiedade. Livros sobre sonhos. Dúzias de livros cheios de uma modesta porção do conhecimento acumulado a respeito das emoções humanas, incluindo o livro que abrigava a bala da arma de Ricky. Ele olhou para o título do livro Enciclopédia Distúrbios Psicológicos, só que o lógicos da última palavra havia sido destruído pelo tiro.

Ele deteve-se, observando.

Por que um psicanalista precisaria de um livro sobre distúrbios psicológicos?

Essa profissão lida quase que exclusivamente com emoções modestamente deslocadas. Não com as verdadeiramente negras e distorcidas. De todos os livros enfileirados nas prateleiras aquele era o único que estava levemente deslocado, apesar dessa ser uma diferença que só um analista poderia perceber.

O homem riu. Virou-se e viu onde a bala se havia alojado e riu e disse que aquilo era apropriado.

Ricky pulou até a estante e puxou o livro da prateleira. Era pesado e grosso, com capa preta e o título em dourado. Ele abriu o livro.

Escritas em vermelho logo abaixo do título estavam as palavras: Boa escolha, Ricky. Agora, será que consegue encontrar as referências certas?

Ele olhou para cima e ouviu o tique-taque do relógio. Não achava que teria tempo para responder isso naquele momento.

Ele deu um passo para trás afastando-se da estante, quase pronto para correr e, então, parou. Ele voltou e colocou cuidadosamente um outro livro de uma prateleira diferente no espaço aberto pelo livro que havia tirado, disfarçando aquela ausência.

Ricky deu mais uma rápida olhada à sua volta, mas não viu mais nada que chamasse sua atenção. Ele deu uma última olhada no corpo do velho analista que parecia ter ficado cinzento naqueles poucos minutos em que a morte estava com ele. Ele imaginou que deveria dizer algo ou até mesmo sentir alguma coisa, mas não tinha mais certeza do que poderia ser e, em vez disso, correu.

A profunda escuridão da noite cobriu-o enquanto fugia da casa de campo do Dr. Lewis. Em poucas passadas, estava bem longe da porta da frente e da luz que fluía do escritório, engolido pela escuridão do verão. Parado nas sombras escuras, Ricky rapidamente deu uma olhada para trás. Os sons inocentes da área rural tocavam sua conhecida canção de meio de noite, não havia nenhum som destoante que indicasse que uma morte violenta fazia parte daquele cenário. Por um segundo, ele parou e tentou compreender como cada peça de si mesmo havia sido sistematicamente apagada no último ano. Identidade é uma soma de experiências, mas Ricky teve a impressão de que sobrava muito pouco daquilo que ele acreditava ser ele mesmo. O que havia sobrado era sua infância. Sua vida adulta estava em frangalhos. Mas as duas metades de sua existência haviam sido tiradas dele sem possibilidade de qualquer acesso. Ele percebeu que esse pensamento o deixava em parte tonto, em parte com náuseas.

Ele virou-se e continuou a fugir.

Mantendo um ritmo de corrida confortável, os passos misturando-se aos sons da noite, Ricky voltava para seu carro. Estava carregando consigo a Enciclopédia dos Distúrbios Psicológicos em uma das mãos e a arma na outra. Ele havia percorrido apenas metade da distância quando ouviu o inconfundível som de um

veículo rapidamente vindo em sua direção. Ele viu o brilho de faróis surgindo em uma esquina distante, misturado ao som profundamente rouco de um potente motor acelerando.

Ele não hesitou. Soube imediatamente quem estava dirigindo naquela direção com tamanha pressa. Ricky jogou-se no chão e escondeu-se atrás de um grupo de árvores. Estava abaixado, mas ergueu a cabeça quando o grande Mercedes negro passou. Os pneus cantaram na esquina seguinte.

Quando se levantou, já estava correndo. Aquela era uma corrida de verdade. Os músculos reclamando, pulmões fervendo de esforço, movendo-se o mais rápido que podia pela noite. Fugir era tudo o que importava, e sua única preocupação. Com um ouvido atento atrás de si, para detectar o som denunciador do enorme carro, ele seguiu adiante. Disse a si mesmo para se distanciar. Eles não ficarão muito tempo na casa de campo, disse a si mesmo apressando a marcha. Eles ficariam apenas alguns momentos para examinar a morte no escritório e buscar evidências de que ele ainda estava ali. Ou por perto. Saberiam que tinham se passado apenas alguns momentos entre o suicídio e a chegada deles, e haviam de querer eliminar esse intervalo.

Em alguns minutos, alcançou o carro alugado. Procurou as chaves, deixando-as cair uma vez, mas pegando no chão, buscando ar com dificuldade. Pôs-se atrás do volante e deu partida. Cada instinto seu dizia para acelerar. Para escapar. Fugir. Mas ele lutou contra essa compulsão, tentando manter o controle sobre a situação.

Ricky forçou-se a pensar. Não posso fugir deles com este carro. Há dois caminhos de volta para Nova York, a estrada no lado oeste do Hudson e a Taconic Parkway, no lado leste. Eles têm cinquenta por cento de chance de escolher a opção certa e me ver no carro. A placa de New Hampshire na parte de trás do carro alugado é um sinal evidente de quem está no volante. Eles devem ter conseguido a descrição do veículo e o número da placa na agência de locação em Durham. Na verdade, ele achou que isso era muito provável.

Ele compreendeu que precisava fazer algo inesperado. Algo que desafiasse qualquer coisa que as três pessoas no carro pudessem antecipar.

Percebeu que suas mãos estavam tremendo enquanto decidia o que fazer. Ficou pensando se era mais fácil apostar com sua vida agora que já havia morrido uma vez.

Engatou a marcha à ré no carro e começou a dirigir lentamente em direção à casa do velho analista. Ele abaixou-se o máximo que pôde no banco do carro, sem ser óbvio. Forçou-se a manter o limite de velocidade, seguindo rumo norte pela antiga estrada quando a relativa segurança da cidade estava para o sul.

Ele estava chegando ao lugar onde acabara de vir quando viu as luzes dos faróis do Mercedes virarem-se para a estrada. Ouviu o som dos grandes pneus contra os pedriscos. Reduziu a marcha lentamente, pois não queria ficar diretamente

sob as luzes do grande carro, dando a eles tempo para fazer a volta e vir na direção dele, acelerando rapidamente. Ele tinha o farol alto ligado e quando a Mercedes se aproximou, apagou as luzes, como qualquer pessoa faria, e quando eles se aproximaram, piscou novamente, como qualquer motorista sinalizando com irritação a aproximação de um carro. Os dois veículos passaram um pelo outro, bem próximos, com os faróis altos ligados. Assim como Ricky sabia que estava momentaneamente cego, eles também estariam. Ele acelerou enquanto passava, desviando rapidamente em uma curva. Rápido demais, esperava, para que alguém no outro carro conseguisse ver a placa do carro.

Ele pegou a primeira saída lateral que encontrou, virando à direita, desligando imediatamente os faróis do carro. Fez o retorno no escuro, sendo iluminado apenas pela luz da Lua. Tentou lembrar-se de manter os pés longe do pedal do freio de forma que as luzes vermelhas não iluminassem a parte traseira do carro. Então esperou para ver se estava sendo seguido.

A estrada permanecia vazia. Ele esperou cinco e depois dez minutos. Tempo suficiente para os ocupantes do Mercedes decidirem por uma das rotas alternativas e acelerar o carrão a cem quilômetros por hora, tentando pegá-lo.

Ricky engatou novamente a marcha e continuou a dirigir rumo norte, quase sem rumo, por estradas secundárias e ruas. Ele não se dirigia a nenhum lugar em especial. Depois de quase uma hora, finalmente virou o carro em direção à cidade. Era tarde da noite e poucos outros veículos estavam à sua volta. Ricky dirigiu a uma velocidade constante, pensando como seu mundo havia-se tornado fechado e escuro, tentando descobrir uma forma de iluminá-lo novamente.

Chegou à cidade pouco antes do amanhecer. Nova York, naquela hora, parecia ser tomada por figuras cambiantes, enquanto a eletricidade das multidões noturnas, belas ou decrépitas, buscando aventura, dava lugar às multidões trabalhadoras. O mercado de peixe e os caminhões pareciam tomar conta do dia. A transição é perturbadora, produzida em ruas escorregadias e sob luzes de néon. E um momento perigoso da noite, pensou ele. Um momento em que inibições e restrições diminuem e o mundo parece disposto a se arriscar.

Ele voltou ao quarto alugado lutando contra a necessidade de jogar-se na cama e dormir. Respostas, disse a si mesmo. As respostas estavam no livro de psicologia, só precisava ler. A questão era onde?

A enciclopédia continha 779 páginas de texto e estava organizada em ordem alfabética. Ele folheou algumas páginas, mas inicialmente não achou nada que indicasse alguma coisa. Ainda assim, lendo o livro com atenção, como um monge em um antigo mosteiro, sabia que naquelas páginas estava o que precisava saber.

Ricky recostou-se para trás na cadeira, pegando uma caneta, batucando-a contra os dentes. Estou na direção certa, pensou ele. Mas além de examinar cada

página, não sabia o que fazer. Ele disse a si mesmo que precisava pensar como o homem que havia morrido há pouco, naquela mesma noite. Um jogo. Um desafio. Um quebra-cabeças.

Está tudo aqui, pensou Ricky. Dentro do livro de distúrbios psicológicos.

Que ele me disse? Virgílio é uma atriz. Merlin é um advogado. Rumpelstiltskin é um assassino profissional. Três profissões trabalhando juntas. Enquanto virava as páginas ao acaso, tentando pensar no problema que estava bem à sua frente, passou pelas poucas páginas referentes à letra V. Quase que por sorte, seus olhos captaram uma marca na página inicial dessa sessão, que começava na 559. Na parte superior, com a mesma caneta que o Dr. Lewis havia usado para escrever a dedicatória, havia a fração $1/3$, um terço.

Isso era tudo.

Ricky foi até a letra M. No mesmo local havia um outro par de números, só que escrito de forma diferente. Esses eram $1/4$, escrito um barra quatro. Na página de abertura da letra R, encontrou uma terceira fração, $2/5$. Dois barra cinco.

Ricky não tinha nenhuma dúvida de que aquelas eram as referências procuradas. Agora precisava decifrá-las.

Ricky inclinou-se para a frente na cadeira, balançando lentamente, para a frente e para trás, como se tentasse acalmar um estômago dolorido, movimentos que eram involuntários, enquanto se concentrava no problema que estava à sua frente. Aquele era um enigma de personalidade tão complexo quanto qualquer outro que já tinha visto em seus anos de analista. O homem que o havia conduzido a traçar o caminho em direção à sua própria personalidade, que havia sido seu guia naquela profissão e que havia fornecido os meios para a própria morte de Ricky, havia deixado uma última mensagem. Ricky sentiu-se como um antigo matemático chinês, trabalhando com seu ábaco, as pedras negras fazendo cliques enquanto eram lançadas de um lado para outro, os cálculos sendo feitos e depois descartados enquanto a equação crescia.

Perguntou-se: o que eu sei realmente?

Um quadro começou a se formar em sua imaginação, iniciando com Virgílio. O Dr. Lewis disse que ela era uma atriz, o que fazia sentido, pois ela estava sempre representando. A criança, filha da pobreza, a mais nova dos três, que havia saltado do quase nada para o muito com uma velocidade estonteante. Como isso poderia tê-la afetado? Ricky exigiu a resposta de si mesmo. Questões de identidade poderiam estar ocultas em seu inconsciente, sobre quem realmente ela era. Daí a escolha de uma profissão que exigia constantemente que se redefinisse o ego. Um camaleão, em que os papéis dominavam a verdade. Ricky aprovou com a cabeça. Um toque de agressividade também, e um nervosismo que mostrava amargura. Ele pensou sobre todos os fatores que teriam feito com que ela se tornasse quem era e sobre a

ansiedade que ela tivera ao representar um papel importante no drama que culminou na morte do doutor Starks.

Ricky ajeitou-se na cadeira. — Dê um palpite. — disse a si mesmo. Um palpite com base em seus conhecimentos.

Distúrbio de personalidade narcisista.

Ele foi até a letra N e procurou esse diagnóstico específico.

Seu pulso acelerou. Ele viu que o Dr. Lewis havia pintado várias letras no meio das palavras com um marcador de texto amarelo. Ricky pegou uma folha de papel e escreveu as letras. Então recostou-se na cadeira, observando o conjunto de letras. Não fazia sentido. Voltou para a definição da enciclopédia e lembrou-se do sinal de um terço. Dessa vez, escreveu as letras que estavam a três espaços das que haviam sido marcadas. Novamente, foi inútil.

Ele considerou novamente o dilema. Dessa vez ele olhou para as letras que estavam três palavras adiante. Mas antes de escrevê-las, pensou em um sobre três e seguiu para as letras que estavam três linhas abaixo.

Fazendo isso, obteve a palavra: A.

Continuou rapidamente, chegando à segunda palavra: AGÊNCIA.

Depois, usando o mesmo esquema, ele formou a palavra JONES.

Ricky levantou-se e caminhou para a mesa lateral onde, embaixo do telefone, estava uma lista telefônica de Nova York. Ele procurou na seção destinada a talentos teatrais e encontrou, no meio de uma lista de números, uma pequena propaganda e um telefone de contato “A Agência Jones”, uma agência teatral e de busca de talentos que revelava as estrelas promissoras do amanhã...

Achei um. Agora Merlin, o advogado.

Reviu mentalmente o homem: cabelo cuidadosamente penteado; ternos sem marcas, feitos sob medida. Até suas roupas esportes eram formais. Ricky pensou nas mãos do homem. As unhas estavam sempre tratadas. A criança do meio que sempre quis ter todas as coisas em ordem e que não tolerava a bagunça da vida desordenada de onde vinha. Devia odiar seu passado e adorar a segurança de seu pai adotivo, mesmo quando o velho analista começou a sistematicamente deformá-lo. Ele era o arranjador, o possibilitador, o homem que lidava com ameaças e dinheiro e que havia devassado a vida de Ricky com facilidade.

Dessa vez o diagnóstico veio com mais facilidade: transtorno obsessivo compulsivo.

Ele foi rapidamente para aquela seção da enciclopédia e encontrou uma série de letras marcadas. Usando o mesmo sistema de antes, descobriu uma palavra que o surpreendeu: ARNESON. Aquilo não era exatamente um amontoado de letras, nem era algo que ele reconhecesse.

Fez uma pausa, porque aquilo não parecia fazer sentido. Então persistiu e viu

que a próxima letra era um V.

Ricky retornou, verificou a pista, franziu as sobrancelhas e compreendeu o que havia descoberto. As letras remanescentes formavam a palavra FORTIER.

Era um caso jurídico.

Ele não estava certo se acharia Arneson versus Fortier, mas uma consulta por computador aos registros processuais provavelmente os encontraria.

Voltando para a enciclopédia, Ricky imaginou o homem que estaria no centro de tudo o que havia acontecido: Rumpelstiltskin. Ele foi até a letra P, que falava sobre os Psicopatas. Lá havia uma subseção para Assassinos.

E lá estava a série de letras marcadas que ele esperava encontrar. Usando o mesmo sistema, decifrou rapidamente as letras, escrevendo-as na folha de papel. Quando acabou, endireitou-se, suspirou profundamente. Então amassou o papel nas mãos, formando uma bola e jogando-a furiosamente no cesto de lixo.

Descobriu ali uma série de epítetos que apenas mascaravam aquilo que em parte ele já esperava.

A mensagem que ele descobriu foi a seguinte: ESSE NÃO.

Ricky não havia dormido muito, mas a adrenalina o energizava. Ele tomou banho, barbeou-se e vestiu-se com paletó e gravata. Uma ida na hora do almoço ao fórum e um simples agrado a um dos impacientes funcionários atrás do balcão lhe forneceram algumas informações sobre Arneson versus Fortier. Tratava-se de uma disputa civil no tribunal superior, com uma audiência preliminar marcada para a manhã seguinte. Conforme ele entendeu, as duas partes estavam discutindo sobre uma transação de bens imóveis que não havia sido feita a contento. Havia inúmeras reclamações e contrarreclamações e substanciais somas de dinheiro haviam sido desviadas e divididas entre dois prósperos empreendedores de Manhattan. O tipo de caso, Ricky imaginou, onde todos estariam furiosos, ricos e pouco dispostos a se comprometer, o que significava que todos poderiam acabar perdendo, exceto os advogados que estariam representando cada lado, que sairiam dali com uma bela soma de dinheiro. Aquilo era tão mundano e comum que Ricky quase sentiu um tipo de desprezo. Mas, um leve toque de maldade correndo em suas veias, Ricky sabia que no meio de toda aquela postura, alegações, ameaças mútuas e daquele punhado de advogados, encontraria Merlin.

Os autos do processo forneceram-lhe os nomes de todas as partes envolvidas. Nenhum se destacava. Mas um deles era o homem que ele procurava.

A audiência estava marcada para a manhã seguinte, mas Ricky voltou ao tribunal naquela tarde. Por alguns momentos, ficou parado do lado de fora do enorme prédio de pedras cinzentas, olhando para os degraus que levavam às colunas que marcavam a entrada. Imaginou que os arquitetos do prédio, dezenas de anos antes, haviam procurado dotar a justiça com uma certa estatura, uma espécie de

grandeza, mas depois de tudo o que havia acontecido a ele, Ricky considerou o conceito de justiça como algo realmente muito menor e menos nobre, o tipo de conceito que poderia caber em uma pequena caixa de papelão.

Ele entrou, caminhando pelos corredores, entre as salas de audiência, misturando-se ao fluxo de pessoas, reparando nos sistemas de elevadores e saídas de emergência. Ocorreu-lhe que poderia encontrar o juiz encarregado do caso Arneson versus Fortier e provavelmente descobrir quem seria Merlin simplesmente fornecendo a descrição à secretária do juiz. Mas ele compreendeu que esse simples ato poderia levantar suspeitas rapidamente. Alguém poderia lembrar-se disso mais tarde, depois que ele tivesse conseguido o que queria.

Ricky, neste momento pensando como Frederick Lazaras, queria que o que tinha em mente ocorresse no mais completo anonimato.

Ele viu algo que achou que poderia ajudá-lo: havia muitos tipos distintos caminhando pelo prédio do tribunal. Os sujeitos com ternos de três peças seriam claramente advogados com negócios a resolver naquele lugar. Depois, havia outros tipos, menos elegantes, mas ainda apresentáveis. Ricky os colocou em uma categoria que incluía a polícia, os jurados, os reclamantes, os acusados e funcionários do tribunal. Todas as pessoas que pareciam de certa forma ter uma razão para estar ali e uma compreensão sobre o papel que deveriam representar. E, depois, havia ainda uma terceira categoria, adjacente, que intrigava Ricky: os abutres. Sua esposa uma vez os havia descrito para ele, muito antes de ficar doente, e muito antes de sua vida tornar-se nada mais do que consultas médicas e remédios, dor e desespero. Eles eram os velhos aposentados e parasitas que achavam divertido assistir às audiências e aos advogados trabalhando. Eles agiam um pouco como os observadores de pássaros na floresta, indo de caso em caso, buscando testemunhos dramáticos, conflitos intrigantes, guardando lugar em salas de audiência onde casos de grande repercussão e publicidade estariam acontecendo. Em aparência, eram modestos, às vezes assemelhando só um pouco acima das pessoas que moravam nas ruas. Eles estavam apenas há um passo de distância do atendimento hospitalar para indigentes ou de um asilo, e usavam roupas de poliéster não importando o quão quente estivesse lá fora. Aquele era um grupo fácil de se infiltrar por alguns momentos, pensou Ricky.

Ele deixou o prédio do tribunal com um plano formado na mente. Pegou um táxi primeiro para Times Square, onde entrou em uma das diversas lojas onde qualquer um pode comprar uma edição falsa do New York Times com o nome de uma pessoa na capa. Então, mandou imprimir meia dúzia de cartões comerciais falsos. Depois, pegou um outro táxi que o levou até um prédio de escritórios de vidro e aço no East Side. Havia um guarda na entrada que lhe pediu uma assinatura, o que ele fez com um floreio, como Frederick Lazarus, listando sua profissão na

folha como sendo Produtor. O guarda entregou a ele um pequeno crachá com o número seis, que designava o andar para onde ele estava indo. O homem sequer olhou para a assinatura na folha depois que Ricky a devolveu para ele. Os seguranças, pensou Ricky, operam de acordo com percepções. Ele portou-se de determinada forma e encheu-se de uma tal confiança que evitou ser questionado pelo homem na porta. Aquele havia sido um pequeno desempenho, mas Virgílio certamente o apreciaria.

Uma atraente recepcionista o recebeu quando entrou no escritório da Agência Jones.

— Em que posso ser útil? — perguntou ela.

— Eu falei com alguém hoje cedo — mentiu Ricky — sobre um comercial que estamos desenvolvendo. Estamos procurando por alguns rostos jovens e alguns dos novos talentos disponíveis. Gostaria de dar uma olhada no seu portfólio...

A recepcionista pareceu um pouco desconfiada.

— Você lembra com quem falou?

— Não, lamento. Foi meu assistente quem fez a ligação — disse Ricky. A recepcionista concordou. — Mas talvez eu pudesse dar uma olhada nas fotografias, e depois você me ajudaria?

A jovem sorriu.

— Tudo bem — disse ela. Ela abaixou-se e pegou debaixo da mesa uma grande pasta de couro. — Estes são os clientes atuais — disse ela. — Se você encontrar alguém que lhe interesse, então eu posso indicar o agente que cuida dos contratos — ela apontou o sofá de couro no canto da sala. Ricky pegou o portfólio e começou a folheá-lo.

Virgílio era a sétima foto da pasta.

— Olá — murmurou Ricky, enquanto virava a página e via que o seu nome real, endereço, número de telefone e nome do agente estavam nas costas da folha juntamente com uma lista de desempenhos teatrais off-Broadway e propagandas. Ele escreveu tudo isso em uma folha de papel. Depois fez exatamente a mesma coisa com duas outras atrizes. Devolveu o portfólio à recepcionista, olhando para o relógio de pulso.

— Desculpe-me — disse ele — mas estou atrasado para um outro compromisso. Há algumas pessoas que parecem ter a aparência adequada, mas vamos precisar marcar um encontro pessoalmente antes de nos comprometermos com alguém.

— Com certeza — disse a jovem.

Ricky continuou a parecer aflito e apressado.

— Ouça, estou com um terrível problema de tempo. Talvez você pudesse telefonar para estas três atrizes e marcar as reuniões para mim? Vejamos, marque

com esta amanhã, na hora do almoço, ao meio-dia, no Vincent's, na East 82. E depois, com as outras duas, marque para as duas e quatro da tarde no mesmo local. Eu agradeceria se fizesse isso. Estamos sendo um pouco pressionados aqui, se é que você me entende...

A recepcionista pareceu confusa.

— Normalmente os agentes é que marcam cada encontro — disse ela relutantemente —, senhor...

— Eu compreendo — disse ele. — Mas só estou na cidade até amanhã, depois volto para Los Angeles. Lamento por estar sendo tão apressado em tudo isso...

— Vou ver o que posso fazer... mas qual é mesmo o seu nome?

— Meu nome é Ulysses — disse Ricky. — Sr. Richard Ulysses. E eu posso ser encontrado neste número...

Ele entregou um dos cartões falsos. Eles estavam adornados com o título: PENÉLOPE PRODUÇÕES. Agindo como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, ele pegou uma caneta da mesa, riscou um número falso de telefone da Califórnia, e escreveu por cima o número do seu último telefone celular. Ele se assegurou de ter riscado bem o número falso. Duvidava ainda que qualquer um dos agentes tivesse tido uma educação clássica.

— Veja o que pode fazer — disse ele. — Se houver algum problema, ligue para este número. Vamos lá, quebre o galho. Lembra-se de Lana Turner na farmácia? De qualquer forma, preciso ir. Tenho mais fotos para ver, se é que você entende. Há muitas atrizes por aí. Odiaria ver alguém perder uma boa oportunidade por ter perdido um almoço.

Com isso Ricky virou-se e saiu. Ele não estava certo de que sua atitude alegre e despreocupada funcionaria. Mas achava que sim.

CAPÍTULO 33

Antes de Ricky partir para o tribunal na manhã seguinte, ele confirmou o compromisso com o agente de Virgílio, assim como os encontros seguintes, com as outras atrizes, aos quais Ricky não tinha a menor intenção de ir. O homem havia feito algumas perguntas sobre os comerciais que Ricky, o produtor, pretendia fazer, e Ricky respondeu animadamente, mentindo elaborada mente sobre a colocação do produto no Extremo Leste e na Europa Oriental, e sobre os novos mercados que estavam abrindo-se nestas áreas, explicando a necessidade de rostos jovens para estabelecer o produto através da indústria da propaganda. Ricky pensou que estava se tornando adepto da arte de falar muito e dizer pouco e percebeu que esse é um dos mais eficientes tipos de mentiras que se podia praticar. Qualquer ceticismo que

o agente pudesse ter desapareceu rapidamente na trama das invenções de Ricky. Afinal de contas, o encontro poderia acabar em algo lucrativo do qual ele teria dez por cento ou poderia acabar em nada, o que não era pior do que sua situação atual. Ricky sabia que se Virgílio fosse uma atriz mais conhecida, ele poderia ter tido problemas. Mas ela ainda não era, o que possibilitou que ela tivesse tempo para arruinar a vida dele, e ele jogava facilmente e sem culpa com a ambição dela.

No quarto alugado, ele deixou sua arma com relutância. Ele sabia que não poderia arriscar-se a passar em um detector de metal no tribunal, mas já estava acostumado à segurança que a pistola lhe oferecia, embora ele ainda não soubesse se seria capaz de usá-la para o seu real propósito —, um momento que ele acreditava estar rapidamente se aproximando. Antes de partir, no entanto, olhou-se no espelho do banheiro. Estava adequadamente vestido, com paletó, gravata, camisa e calça sociais. Estava suficientemente bem vestido para deslizar com facilidade pelas multidões que entravam e saíam dos corredores do tribunal, o que, de uma forma estranha, oferecia o mesmo tipo de proteção que a arma, apesar de ser menos decisivo. Ele sabia precisamente o que deveria fazer, e compreendeu que tudo era uma questão de equilíbrio.

O limite para ele, segundo sua compreensão, entre matar, morrer e estar livre, era algo muito estreito.

Enquanto se olhava no espelho, lembrou de uma das primeiras conferências que assistiu sobre psiquiatria, em que o médico na escola de medicina explicava que não importava o quanto se conhece a respeito de comportamentos e emoções e o quão confiante uma pessoa está no diagnóstico e curso de ação que a neurose e a psicose criavam pois, no final das contas, ninguém jamais poderia prever com total certeza como uma pessoa iria reagir. Havia previsões, o conferencista explicava, e o mais comum era que as pessoas agissem conforme se esperava. Mas, às vezes, elas desafiavam as previsões, e isso acontecia o suficiente para fazer com que a profissão frequentemente se assemelhasse a um trabalho de adivinhação.

Ele ficou conjecturando se havia feito as suposições corretas naquela ocasião. Se tivesse acertado, ficaria livre. Senão, seria morto. Ricky observou sua imagem no espelho. Quem é você agora? Perguntou a si mesmo. Alguém ou ninguém?

Esses pensamentos fizeram com que ele sorrisse. Para seu espanto, sentiu um alívio quase divertido. Livre ou morto. Como diziam as placas do carro alugado em New Hampshire. Viver livre ou morrer. Isso finalmente fazia algum sentido para ele.

Seus pensamentos desviaram-se para as três pessoas que o haviam destruído. Os filhos do seu fracasso. Educados para odiar qualquer pessoa que tivesse deixado de ajudar.

— Agora conheço você — disse alto, imaginando Virgílio em sua mente. — E você, estou quase conhecendo — continuou pensando no perfil de Merlin.

Mas Rumpelstiltskin permanecia indefinido, com uma sombra em seus pensamentos. Aquele era o único medo que ainda tinha, compreendeu, mas era algo substancial.

Ricky balançou a cabeça para sua imagem no espelho. Hora de atuar, disse a si mesmo.

Havia uma grande farmácia na esquina, de uma grande cadeia, com fileiras de remédios para resfriados, xampus e pilhas. O que tinha em mente para Merlin naquela manhã era algo que tirou de um livro que havia lido sobre gângsteres na Filadélfia. Ele encontrou o que precisava na seção de brinquedos baratos. E encontrou o segundo elemento na área de materiais para escritório. Pagou com dinheiro e, depois de colocar esses itens no bolso do paletó, caminhou novamente para a rua e chamou um táxi.

Ele deslocou-se com facilidade pelo prédio do tribunal, como havia feito no dia anterior, aparentando ser um homem com um propósito muito diferente daquilo que realmente tinha em mente. Ele parou no banheiro do segundo andar, tirou do bolso os itens que havia comprado e preparou-os em alguns segundos. Matou um pouco de tempo antes de dirigir-se para a sala de audiência onde o homem que conhecia como Merlin estaria em audiência.

Como suspeitava, a sala não estava cheia. Alguns outros advogados passeavam pelas imediações esperando que suas audiências fossem iniciadas. Uma dúzia ou mais abutres ocupavam lugares numa área central da sombria arena, alguns deles cochilando, outros ouvindo tudo atentamente. Ricky passou calmamente pela porta, pelo guarda, e sentou-se atrás de um dos grupos dos velhos. Sentou-se bem quieto tentando ser o menos intrometido possível.

Havia uma meia dúzia de advogados e pleiteantes dentro do tribunal, sentados em imponentes mesas de carvalho diante da mesa do juiz. O espaço na frente das duas partes estava repleto de papéis e caixas de provas processuais. Eram todos homens e estavam atentos às reações do juiz às coisas que diziam. Não havia júri nessa fase preliminar, o que significava que tudo o que falassem era direcionado para a frente. Não havia também nenhuma necessidade de virarem-se e dirigirem-se à plateia, porque isso não teria nenhum impacto importante no processo. Consequentemente, nenhum dos homens prestava a menor atenção nas pessoas espalhadas pelas cadeiras atrás deles. Em vez disso, faziam anotações, verificavam citações de textos legais e ocupavam-se com a tarefa que tinham à mão, que era tentar ganhar algum dinheiro para seus clientes, mas especialmente para eles mesmos. Aquilo era um tipo de teatro, pensou Ricky, onde ninguém dava a mínima para nada do que acontecia na plateia, concentrando-se apenas no crítico teatral diante deles, usando toga negra. Ricky ajeitou-se no assento e permaneceu escondido e anônimo, que era exatamente o que queria.

Uma onda de agitação percorreu-lhe o corpo quando Merlin se levantou.

— O senhor tem alguma objeção, Sr. Thomas? — perguntou o juiz com severidade.

— Na verdade, sim — Merlin respondeu presunçosamente. Ricky olhou para a lista que havia feito com o nome de todos os

advogados envolvidos no caso. Mark Thomas, escritório no centro da cidade, estava entre eles.

— Qual é a objeção, então? — exigiu o juiz.

Ricky ouviu por alguns momentos. O tom de voz autossuficiente e presunçoso do advogado era o mesmo de que se lembrava dos encontros com ele. Merlin falava com a mesma confiança, não importa se aquilo que falava tinha algum fundamento na verdade ou na lei. Merlin era exatamente aquele homem que havia entrado tão desastrosamente na vida de Ricky.

Só que, agora, Ricky tinha um nome e um endereço.

E assim como havia ocorrido com Ricky, isso era como uma porta aberta para descobrir quem era Merlin.

Ele pensou novamente nas mãos do advogado, especialmente as unhas bem cuidadas. Então Ricky sorriu, porque na mesma imagem mental, notou a presença de um anel de casamento. Isso significava uma casa. Uma esposa. Talvez filhos. Todas as armadilhas da ascensão social de um jovem profissional urbano, caminhando agressivamente em direção ao sucesso.

Só que Merlin, o advogado, tinha alguns fantasmas no passado. Era irmão de um fantasma de primeira linha. Ricky ouviu o homem falar, pensando no complicado sistema de psicologia que se mostrava diante dele. Lidar com tudo aquilo poderia ser um desafio intrigante para o psicanalista que ele outrora fora. Lidar com tudo aquilo do ponto de vista do homem no qual ele fora forçado a se transformar, era uma questão significativamente mais simples. Ele pôs a mão no bolso e sentiu o brinquedo que havia colocado ali.

Em sua mesa, o juiz balançou a cabeça e começava a sugerir que o assunto continuasse na sessão da tarde. Essa foi a deixa para Ricky sair, o que fez calmamente.

Posicionou-se próximo à escada de emergência, de modo que pudesse ver os elevadores. Assim que avistou o grupo de advogados saindo da sala de audiências, mergulhou na escada. Demorou-se apenas o tempo suficiente para ver que Merlin carregava duas pastas estufadas e pesadas, certamente repletas de inúmeros documentos e papéis do tribunal. Pesadas demais para serem carregadas além do elevador mais próximo.

Ele desceu os degraus, de dois em dois, até o segundo andar. Havia várias pessoas esperando pelos elevadores para descer um único andar. Ricky juntou-se a

elas, mantendo a mão em volta do cabo do brinquedo que estava em seu bolso. Ele observou o dispositivo que mostra a localização do elevador e viu que ele estava parado no andar de cima. Então, começou a descer. De uma coisa Ricky sabia: Merlin não era o tipo de pessoa que iria para o fundo do elevador a fim de dar lugar para outras pessoas.

O elevador parou e as portas se abriram quase sem fazer barulho.

Ricky deu um passo, bem atrás das pessoas que entravam. Merlin estava bem no centro.

O advogado levantou o olhar e Ricky encarou-o.

Houve um momento de reconhecimento e Ricky viu um pânico momentâneo no rosto do advogado.

— Olá, Merlin — disse Ricky calmamente. — Agora eu sei quem você é.

No mesmo instante, retirou o brinquedo do bolso e levou-o ao peito do advogado. Era uma pistola de água no formato de uma Luger alemã da Segunda Guerra. Ele apertou o gatilho e um jato de tinta preta fluiu, atingindo Merlin no peito.

Antes que qualquer pessoa pudesse reagir, as portas se fecharam.

Ricky pulou para a escada. Ele não desceu porque sabia que não conseguiria ultrapassar o elevador. Em vez disso, subiu até o quinto andar e caminhou até o banheiro dos homens. Lá, jogou a pistola de água num cesto de lixo depois de limpá-la de qualquer digital, assim como faria com uma arma de verdade, e lavou as mãos. Esperou alguns momentos e saiu, caminhando pelos corredores em direção ao outro lado do tribunal. Como havia observado no dia anterior, havia mais elevadores, mais escadas e uma outra saída. Juntando-se a um outro grupo de advogados saídos de outras audiências, Ricky desceu. Como esperava, não havia sinal de Merlin no saguão em que entrou. Merlin não estava em posição de querer explicar muita coisa sobre a real natureza das manchas em sua camisa e seu terno.

Além disso, pensou Ricky, ele rapidamente vai perceber que a tinta que Ricky usou era impossível de ser retirada. Ele esperava ter arruinado algo mais do que uma camisa, um terno e uma gravata naquela manhã.

O restaurante que Ricky havia escolhido para o almoço com a ambiciosa atriz era o favorito de sua falecida esposa, apesar de duvidar que Virgílio percebesse essa ligação. Ele o escolhera por causa de uma importante característica: ele tinha uma grande janela de vidro que separava a calçada dos clientes. Ricky lembrava que a iluminação no restaurante dificultava a visão do que acontecia lá fora, mas não dificultava tanto a visão do que se passava lá dentro. E a arrumação das mesas era tal que era mais fácil ser visto do que ver. Era isso o que ele queria.

Esperou até que uns turistas, um grupo de homens e mulheres falando alemão usando camisas de cores gritantes e câmeras penduradas no pescoço, passasse pela

frente do restaurante. Ele simplesmente infiltrou-se no meio deles, mais ou menos da mesma forma que havia feito na corte judicial um pouco mais cedo. E bastante difícil, pensou ele, encontrar um rosto familiar no meio de um grupo de estranhos quando você não está esperando por isso. Enquanto o grupo de turistas passava diante do restaurante, ele rapidamente virou-se e viu Virgílio sentada, como ele esperava, em um canto do restaurante, aguardando ansiosamente. E sozinha.

Ele passou diante da janela e respirou fundo.

A ligação vai acontecer a qualquer momento, pensou Ricky. Merlin estava atrasado, como suspeitava que estaria. Ele precisaria de tempo para limpar-se e desculpar-se com os outros advogados, que estariam, todos eles, surpresos. Que desculpa ele teria dado? Um oponente decepcionado, derrotado em uma ação judicial? Os outros engoliriam isso. Ele teria convencido a todos de que não era necessário chamar a polícia, que ele entraria em contato com o advogado do louco com a pistola de tinta, talvez expedir um pedido de prisão. Mas poderia resolver isso sozinho. Os outros homens provavelmente concordariam e se ofereceriam para testemunhar a qualquer momento ou até mesmo para dar depoimento na polícia, caso fosse necessário. Mas levaria algum tempo até que ele se limpasse, porque sabia que, não importava como, precisava voltar ao tribunal naquela tarde. Quando Merlin finalmente fez sua primeira ligação, deve ter sido para alertar o irmão mais velho. Aquela seria uma conversa substancial, não simplesmente um relato do que havia acontecido, mas sim uma tentativa de compreender as implicações. Eles analisariam suas posições e começariam a considerar suas alternativas. Ao final, ainda incertos quanto ao que fariam, desligariam o telefone. Então, a próxima ligação poderia ser para Virgílio, mas Ricky havia impedido aquela ligação.

Ele sorriu, deu uma volta brusca e seguiu diretamente pela porta de entrada do restaurante, andando rapidamente. Havia uma recepcionista à sua frente, que olhou para ele e fez a inevitável pergunta, mas ele a dispensou, dizendo "A pessoa que vou encontrar já está aqui...", e atravessou rapidamente o restaurante.

Virgílio estava de costas e virou-se quando sentiu o movimento próximo.

— Olá — disse Ricky. — Lembra-se de mim? A surpresa ficou estampada no rosto dela.

— Porque — disse Ricky, escorregando para a cadeira — eu me lembro bem de você.

Virgílio não disse nada apesar de haver recuado na cadeira com a surpresa. Ela havia colocado seu book e um currículo na mesa para esperar o produtor. Agora, lenta e deliberadamente, pegou-os e colocou-os no chão.

— Acho que não vou precisar disso — disse ela. Ele observou duas coisas na resposta dela: a tentativa e a necessidade de recobrar a compostura. Eles ensinam essas coisas no curso de atuação, pensou Ricky, e agora mesmo ela está acessando

seu arquivo de comportamentos particulares, procurando por isso.

Antes que Ricky respondesse, um ruído disparou em sua bolsa. Um telefone celular. Ricky balançou a cabeça.

— Deve ser o seu irmão do meio, o advogado, ligando para avisar que eu já apareci na vida dele esta manhã. E em breve haverá uma outra ligação, muito em breve, do outro irmão, o mais velho, que ganha a vida matando. Porque ele também vai querer proteger você. Não atenda.

A mão de Virgílio ficou parada.

— Senão?

— Bem, você poderia se perguntar o seguinte "Quão desesperado Ricky está?" e depois a próxima e óbvia pergunta: "O que ele é capaz de fazer?".

Virgílio ignorou o telefone que acabou parando de tocar.

— O que Ricky é capaz de fazer? — perguntou ela. Ele sorriu.

— Ricky já morreu uma vez. Agora ele pode não ter nenhum motivo pelo qual queira viver. O que pode fazer com que morrer pela segunda vez seja algo muito menos doloroso e talvez até bem-vindo, não acha?

Ele olhou agressivamente para Virgílio intimidando-a com o olhar.

— Eu posso fazer qualquer coisa.

Virgílio mexeu-se desconfortavelmente. O tom de voz que Ricky usava era agressivo. Intransigente. Ele tinha em mente que sua atuação naquele dia deveria ser a de um homem completamente diferente daquele que fora tão facilmente manipulado e aterrorizado até cometer o suicídio um ano antes. E ele percebeu que isso não estava assim tão longe da verdade.

— E, então, fatos inesperados, instabilidade e também um leve toque maniaco. Combinação perigosa, não é? Uma mistura potencialmente volátil.

Ela concordou.

— Sim. É verdade — ela estava recobrando um pouco da sua atitude distante enquanto falava, o que ele já esperava que aconteceria. Virgílio, como ele sabia, era uma jovem muito centrada. — Mas você não vai atirar em mim aqui neste restaurante, não na frente de todas essas pessoas. Eu acho que não fará isso.

Ricky deu de ombros.

— Al Pacino fez isso. Em O Poderoso Chefão. Você assistiu com certeza. Qualquer pessoa que deseja ser um ator profissional assistiu. Ele sai do banheiro masculino com um revólver no bolso e atira no outro gângster e no policial corrupto bem na testa, e depois deixa o revólver cair no chão e sai. Lembra-se?

— Sim — disse ela com dificuldade. — Eu me lembro.

— Mas eu gosto muito deste restaurante. Antigamente, quando eu era Ricky, eu vinha aqui com alguém que amava, mas cuja presença jamais pude aproveitar de verdade. E por que eu arruinaria o delicioso almoço das outras pessoas? Além

disso, não preciso atirar em você aqui, Virgílio. Posso atirar em você em qualquer lugar, porque agora eu sei quem é você. Eu sei o seu nome, a agência para a qual trabalha e o seu endereço. Mas, mais importante ainda, eu sei quem você quer ser. Agora conheço suas ambições. E a partir disso posso ir além e descobrir os seus desejos. Suas necessidades. Você não acha que agora, que conheço sua identidade, sei onde e como encontrar você, eu posso deduzir o que bem quiser no futuro? Você pode mudar de endereço. Você pode até mesmo mudar seu nome, mas não pode mudar quem você é, nem aquilo que deseja ser. E esse é o problema, não é? Você está presa em uma armadilha assim como Ricky esteve. E o mesmo vale para seu irmão, Merlin, um detalhe que ele aprendeu esta manhã, de uma forma um tanto emporcalhada. Você jogou comigo uma vez, sabendo cada passo que eu daria e o porquê. Agora, eu vou jogar um novo jogo com você.

— Que jogo?

— É um jogo chamado "Como Posso Sobreviver?" É um jogo sobre vingança. Acho que você já conhece algumas das regras.

Virgílio empalideceu. Ela pegou um copo de água gelada e deu um longo gole, encarando Ricky.

— Ele vai encontrar você, Ricky — murmurou ela. — Ele vai encontrá-lo e matá-lo para me proteger, porque ele sempre fez isso.

Ricky inclinou-se para a frente, como faria um padre partilhando um segredo sujo de confessorário.

— Como qualquer outro irmão mais velho? Bem, ele pode tentar. Mas, veja bem, agora ele não sabe praticamente nada a respeito de quem eu me tornei. Vocês três ficaram cercando o Sr. Lazarus, achando que o tinham encurralado, quantas vezes... uma? Duas? Três vezes, talvez? Já pensaram que o perderam talvez por segundos na casa do único homem que cruzou nossos caminhos, na noite passada? Mas adivinhe só: Puf! Ele simplesmente vai desaparecer. A qualquer momento a partir de agora, porque ele já esgotou quase toda a utilidade que poderia ter nesta vida. Mas antes de ir, talvez ele queira saber tudo a seu respeito e a respeito de Merlin, e também a respeito do Sr. R. E juntando tudo, bem, Virgílio, acho que isso me torna um adversário muito perigoso.

Ele fez uma pausa e acrescentou:

— Quem quer eu seja hoje. Quem quer que eu possa me tornar amanhã.

Ricky recostou-se levemente, observando o efeito das palavras que havia acabado de dizer no rosto de Virgílio.

— O que foi mesmo que você me disse um dia, Virgílio? Sobre a escolha do seu nome? "Todos precisam de um guia no caminho para o inferno".

Ela deu um outro longo gole de água, concordando.

— Foi isso o que falei — respondeu suavemente. Ricky sorriu

maldosamente.

— Acho que você escolheu muito bem suas palavras — replicou ele. Então, ele levantou-se rapidamente, empurrando a cadeira.

— Adeus, Virgílio — disse, inclinando-se em direção à jovem. — Acho que não vai querer ver meu rosto de novo, porque essa talvez seja a última coisa que verá.

Sem esperar uma resposta, Ricky virou-se e caminhou rapidamente para fora do restaurante. Ele não precisou ver o tremor nas mãos e no queixo de Virgílio, para saber que essas reações provavelmente ocorreram. O medo é uma coisa estranha, pensou ele. Ele se manifesta de maneiras diversas. Mas nenhuma delas é tão poderosa quanto a lâmina que corta o coração e o estômago. Ou o que desencadeia na imaginação. Ele percebeu que, por uma razão ou outra, ele havia passado a maior parte de sua vida com medo de algumas coisas, uma sequência interminável de medos e dúvidas. Mas, agora, era ele quem espalhava o medo, e não estava muito certo se gostava daquela sensação. Ricky deixou que a multidão do meio-dia o absorvesse, enquanto partia para longe de Virgílio, deixando-a para trás, assim como havia feito com seu irmão, tentando compreender exatamente em que tipo de perigo eles realmente estavam metidos. Ricky cortava caminho rapidamente entre a multidão, esquivando-se dos corpos como um patinador em uma pista lotada, mas sua mente estava atenta a tudo. Ele tentava imaginar o homem que o havia perseguido e conduzido para a morte perfeita. Ricky se perguntava, como reagiria o psicopata quando soubesse que as únicas pessoas nesta terra por quem ele nutria algum amor haviam sido completamente ameaçadas?

Ricky caminhou rapidamente pela calçada e pensou: ele vai querer agir rápido. Vai querer resolver esse assunto imediatamente. Não vai querer se preparar ou planejar, como fez da outra vez. Agora ele vai deixar que a fúria cega domine completamente todos os seus instintos e todo o seu treinamento.

Mas o que era mais importante ainda: agora ele vai cometer algum erro.

CAPÍTULO 34

Normalmente, uma ou duas vezes a cada verão, nos anos e nas férias que agora pareciam tão distantes dele, quando sua vida seguia padrões normais e familiares, Ricky teria feito uma reserva com um dos antigos e particularmente exímios guias de pesca que trabalhavam nas águas do Cabo, procurando grandes faixas e cardumes de pintados. Não que Ricky se considerasse um excelente pescador, nem era do tipo que amava a vida ao ar livre. Mas o que apreciava era sair em um pequeno barco, de manhã bem cedo, quando a neblina ainda estava sobre o oceano negro-acinzentado, sentindo o frio úmido que desafiava os primeiros raios de luz do sol que surgiam no horizonte e olhando o guia pilotar o barquinho pelos canais, passando por barcos de areia, em direção aos pontos de pesca. O que ele mais apreciava era a sensação de que, em meio àquelas ondas em constante transformação, o guia sabia exatamente onde havia peixes, mesmo quando se escondiam nas cores sombrias das águas profundas. Lançar a isca em lugares tão frios, considerando tantas variáveis como maré, corrente, temperatura e luz e, então, encontrar o alvo, era uma coisa que Ricky, o psicanalista, admirava e constantemente achava fascinante.

Reunindo seus pensamentos no quarto pobre em Nova York, percebeu que havia embarcado num processo semelhante. A isca estava na água. Agora precisava afiar o anzol. Não acreditava que teria mais de uma oportunidade com Rumpelstiltskin.

Ocorreu-lhe que depois de haver confrontado o irmão e a irmã mais novos de Rumpelstiltskin, poderia, fugir, mas percebeu instantaneamente que isso era inútil. Pois passaria o resto da vida assustando-se com cada barulho diferente ouvido na escuridão, extremamente nervoso com qualquer ruído que escutasse às costas, temeroso com qualquer estranho que entrasse em seu raio de visão. Uma vida impossível, fugindo sempre de qualquer coisa ou qualquer pessoa desconhecida, com ele sempre aterrorizando cada passo que Ricky desse.

Ricky sabia, com toda a certeza, que precisava vencer Rumpelstiltskin nesta fase final. Era a única forma de recuperar o controle de qualquer espécie de vida que ele pretendesse levar.

Pensou que sabia como conseguir isso. Os primeiros elementos do esquema já haviam sido acionados. Ele podia imaginar facilmente a conversa que estaria acontecendo entre os irmãos enquanto ele estava sentado no quarto barato. Não seria uma conversa pelo telefone. Eles teriam de se encontrar, porque precisariam rever um ao outro para se assegurarem de que estavam a salvo. As vozes se alterariam. Poderia haver algumas lágrimas e uma certa raiva, talvez houvesse até algum insulto

e alguns palavrões. Tudo havia corrido bem para os três, executando uma vingança assassina contra todos os alvos óbvios do passado. Só com um deles eles haviam fracassado, e esse mesmo era agora a fonte daquela significativa ansiedade. Ele podia ouvir a frase "Você nos colocou nisso!" gritada pela sala em direção à figura enigmática que teria significado tanto para eles por tantos anos. Ricky pensou, com alguma satisfação, que poderia haver um certo pânico naquela acusação, porque tinha aberto uma pequena brecha nos laços que uniam aqueles três. Não importa o quão convincente fosse a necessidade de vingança, não importa quão inteligente fosse o plano contra Ricky e todos os outros alvos, havia um elemento que Rumplestiltskin não havia previsto: apesar da compulsão deles em ajudá-lo, os irmãos mais novos ainda tinham aspirações na vida. Queriam uma vida normal, a seu próprio modo: uma vida no palco e outra no tribunal, executando seus papéis com restrições visíveis. Rumplestiltskin era o único dentre eles disposto a viver fora de certos limites. Mas os dois outros não, e é por isso que eles se tornaram vulneráveis.

Foi essa a diferença que Ricky encontrou. E essa era, como bem sabia, a maior fraqueza deles.

Haveriam palavras ásperas entres eles, ele sabia. Por mais cruel e assassino que o jogo fosse, a verdadeira ação de empurrar, atirar e matar tinha sido deixada para apenas um deles. Arruinar uma reputação ou devassar contas bancárias eram serviços bem sujos. Mas não envolviam sangue. Havia uma partilha de maldades, e a pior parte fora deixada para apenas um deles.

Esses serviços estavam reservados ao Sr. R. Uma vez que ele havia suportado o impacto das surras e da crueldade enquanto eles cresciam, a verdadeira violência pertencia a ele. Os outros haviam apenas o ajudado, colhendo satisfação psicológica que a vingança fornece. A diferença entre ser um facilitador e um executor, Ricky pensou. Só que agora, eles perceberam que a cumplicidade deles voltava para mordê-los.

Eles achavam que estavam a salvo. Mas não estavam.

Ele sorriu por dentro. Não há nada mais devastador, Ricky constatou, do que a percepção de que agora você esteja sendo caçado, quando está tão acostumado a ser o caçador. E essa, ele esperava, era a armadilha que ele havia preparado, porque mesmo o psicopata iria fazer de tudo para recuperar a posição de superioridade tão natural a um predador. Ele seria levado a essa posição pela ameaça a Virgílio e Merlin. Os poucos traços de normalidade que o Sr. R. mantinha eram aqueles que o ligavam a seu irmão e sua irmã. Se ele, no seu mundo psicopatológico, tinha alguma conexão com a humanidade, esta vinha do relacionamento com seus irmãos. Ele ficaria desesperado para protegê-los. É muito simples, Ricky insistiu consigo mesmo. Faça o caçador pensar que está caçando, aproximando-se de sua presa, quando, na verdade, está sendo levado a uma emboscada.

Uma emboscada, Ricky pensou com uma certa ironia, que é definida pelo amor.

Ricky encontrou papel de rascunho e trabalhou por alguns momentos em um poema. Quando conseguiu a forma desejada, ligou para os classificados do Voz do Village. Mais uma vez, como antes, falou com um atendente do setor pessoal. Como das outras vezes, iniciou uma conversa tola, mas dessa vez teve o cuidado de fazer algumas perguntas ao atendente e passar algumas informações importantes:

— Ouça, se eu estiver fora da cidade, mesmo assim posso ligar e pegar as respostas?

— É claro — disse o atendente. — E só discar o código de acesso. Você pode ligar de qualquer parte.

— Ótimo — respondeu Ricky. — Sabe, tenho alguns negócios em Cape neste final de semana, então preciso ir para lá por uns dias, mas quero pegar minhas mensagens.

— Isso não será problema — disse o atendente.

— Espero que o clima esteja bom. A previsão do tempo falou em chuva. Você já foi a Cape Cod?

— Já fui a Provincetown — disse o atendente. — É a maior loucura lá, depois do feriado de 4 de julho.

— Não brinca! — disse Ricky. — Eu costumo ficar em Wellfleet. Ou pelo menos costumava. Tive de vender. Uma liquidação. Só estou indo para lá para organizar alguns outros assuntos e depois volto para a cidade e para o trabalho.

— Sei como é — disse o atendente. — Gostaria muito de ter um lugar em Cape.

— Cape é um lugar especial — disse Ricky cuidadosamente, enfatizando cada palavra. — Você só vai para lá no verão, talvez um pouco no outono ou na primavera, mas cada estação penetra em você de um modo bem particular. Cape torna-se um lar. Na verdade, mais do que um lar. E um lugar para começar e terminar. Quando morrer, é lá que quero ser enterrado.

— Eu fico só na vontade — disse o atendente com um pouco de inveja.

— Talvez algum dia — completou Ricky. Ele limpou a garganta para falar a mensagem. Ele pusera o modesto título: PROCURANDO O SR. R.

— Você não quer pôr o nome completo? — perguntou o atendente.

— Não — disse Ricky. — Sr. R. está bom — e começou a falar aquela que poderia ser a última rima que escreveria:

Ricky está aqui, Ricky está lá.

Em qualquer lugar ele pode estar.

Ricky talvez goste de perambular,

Ricky talvez volte para seu lar.

*Talvez Ricky tenha sido enterrado,
Mas provavelmente não pode ser encontrado.
Em algum lugar antigo, em algum lugar novo,
Ricky vai sempre enganar você de novo.
Sr. R. pode por todo lado procurar,
Mas jamais saberá,
Quando Ricky vai novamente retornar,
Como um adversário, e não um amigo, se mostrar,
Para a maldade carregar, para a morte entregar,
Pronto para o último sopro de alguém roubar.*

— Intenso — disse o atendente com um longo e lento assobio. — Você disse que isso é parte de um jogo?

— Sim — respondeu Ricky. — Mas não é o tipo de jogo que muitas pessoas gostariam de jogar.

O anúncio foi agendado para sair na sexta-feira seguinte, o que dava a Ricky pouco tempo. Ele sabia o que aconteceria: o jornal chegaria às bancas uma noite antes, e seria então que os três leriam a mensagem. Mas desta vez, não iriam responder pelo jornal. Será Merlin, pensou Ricky, usando seu tom de advogado, ríspido e exigente, e seus modos indiretamente ameaçadores. Merlin vai ligar para o supervisor de anúncios e abrir caminho pela hierarquia do jornal até encontrar o atendente que recebeu o poema por telefone. E ele o interrogará sobre o homem que telefonou. E o atendente se lembrará rapidamente da conversa sobre Cape. Talvez, pensou Ricky, o jovem se lembre até de ter ouvido que era lá que Ricky, queria ser enterrado. Um pequeno desejo, talvez, mas que irá atíçar Merlin. Depois de conseguir essas informações, ele as passará para o irmão. Um modesto ato de isolamento, para ter certeza, mas algo necessário. Então os três discutirão novamente. Os dois mais jovens têm estado apavorados, provavelmente mais do que estiveram quando eram crianças e foram abandonados pela mãe suicida que amavam. Eles dirão que desejam unir-se ao Sr. R. naquela caçada. E dirão que se sentem responsáveis pelo perigo e também culpados, pensou ele, por fazerem-no tomar conta deles mais uma vez. Mas não querem exatamente dizer isso, e o irmão mais velho tomará conhecimento disso. Este é um assassinato que ele vai querer cometer sozinho.

E, assim, Ricky pensou, sozinho é como ele agirá.

Sozinho e desejando acabar de uma vez por todas com aquilo que acreditava já ter terminado. Ele terá pressa em matar de novo.

Ricky desocupou o quarto de hotel, eliminando primeiro qualquer sinal de sua existência. Depois, antes de partir para a cidade, tomou uma série de providências. Encerrou suas contas bancárias em Nova York, e foi até o escritório

de um banco do Caribe. Lá ele abriu uma conta em nome de Richard Lively. Quando completou a transação, depositando uma modesta soma do que restava de seu dinheiro, saiu do banco e caminhou duas quadras pela Madison Avenue até o escritório do Crédit Suisse, diante do qual havia passado muitas vezes quando era apenas um mero nova-iorquino.

Um funcionário de baixo escalão mostrou-se mais que disposto a abrir uma nova conta para o Sr. Lively. Era simplesmente uma conta tradicional, mas tinha um interessante aspecto. Um dia, a cada ano, o banco deveria transferir noventa por cento dos fundos acumulados diretamente, por telefone, para o número da conta do banco do Caribe que Ricky havia fornecido. Eles deveriam deduzir as taxas do restante do dinheiro. A data para essa transferência foi escolhida com um certo tipo de cuidado aleatório. De início ele pensou em usar o seu aniversário, depois pensou em usar o aniversário da esposa. Depois pensou em usar o dia de sua morte forjada. Considerou ainda usar a data de nascimento de Richard Lively. Mas finalmente perguntou à funcionária encarregada da abertura da conta, uma adorável jovem que o havia tranquilizado quanto à total segurança e idoneidade do banco suíço, o dia do aniversário dela. Como ele desejava, aquela data não tinha nenhuma ligação com nenhuma outra data de que se lembrava. Era um dia no final de março. Ele gostava daquilo. Março é o mês que vê o fim do inverno e anuncia o início da primavera, no hemisfério norte apesar de estar cheio de falsas promessas e ventos enganosos. Um mês perturbador. Ele agradeceu à jovem e disse-lhe que aquele era o dia escolhido para as transferências.

Depois de finalizar seus negócios, Ricky retornou para o carro alugado. Ele não olhou nem uma vez para trás enquanto dirigia pelas ruas da cidade, para a Henry Hudson Parkway, em direção ao norte. Ele tinha muita coisa a fazer, pensou, e pouco tempo.

Ele devolveu o carro alugado e passou o resto do dia destruindo Frederick Lazarus. Cada título de associação, cartão de crédito, conta de telefone, qualquer coisa que dissesse respeito àquele personagem em particular foi cancelado, encerrado ou fechado. Foi ainda até a loja de armas onde havia aprendido a atirar, comprou uma caixa de balas e passou uma hora proveitosa dando tiros num alvo com a forma de uma silhueta negra de um homem que foi facilmente configurado em sua imaginação como o homem que ele sabia que iria persegui-lo em breve. Mais tarde, teve uma breve conversa com os donos da loja de armas deixando escapar que estava prestes a mudar-se dali por vários meses. O homem atrás do balcão deu de ombros, mas Ricky percebeu que absorveu a informação.

Com isso, Frederick Lazarus evaporou-se. Pelo menos nos papéis e documentos. Ele encerrou também os diversos relacionamentos que esse personagem havia criado. Quando terminou, Ricky pensou que tudo o que havia sobrado do

personagem que ele tinha criado eram algumas tendências assassinas absorvidas em seu interior. Pelo menos era isso o que ele ainda queria conservar.

Com Richard Lively a coisa era um pouco mais difícil, porque Richard Lively era um pouco mais humano. E era Richard Lively quem precisava sobreviver. Mas também teve de apagar sua vida em Durham, New Hampshire, sem chamar a atenção. Tinha de deixar tudo para trás, mas não podia mostrar que estava fazendo isso, caso alguém, algum dia, viesse fazer algumas perguntas e ligasse seu desaparecimento com aquele final de semana particular.

Ricky considerou esse dilema e pensou que a melhor forma de desaparecer era simplesmente aparentar o contrário. Fazer com que as pessoas acreditassem que sua ausência era apenas temporária. A conta bancária de Richard Lively permaneceu intacta, com o mínimo de dinheiro depositado. Ele não cancelou os cartões de crédito nem os títulos de associações e bibliotecas. Disse ao supervisor no departamento de manutenção da universidade que um problema familiar na costa oeste requeria sua presença durante as próximas quatro semanas. O chefe compreendeu e relutantemente disse a Ricky que não poderia prometer que o emprego esperaria por ele, mas que faria todo o possível para mantê-lo. Ricky teve uma conversa parecida com as proprietárias do quarto, explicando que não tinha certeza de quanto tempo ficaria ausente. Pagou um mês de aluguel adiantado. Elas já estavam acostumadas com suas idas e vindas e não disseram nada, apesar de Ricky suspeitar que a mais velha delas sabia que ele jamais voltaria, simplesmente pela maneira com que ela o encarou e pela maneira como absorveu aquilo que dissera. Ricky admirava essa característica. Uma característica de New Hampshire, pensou ele, de pessoas que aceitam diretamente aquilo que uma outra pessoa fala, apesar de abrigarem uma certa compreensão da verdade oculta por trás das palavras. Além disso, para ajudar a solidificar a ilusão de retorno, mesmo que ela não tivesse sido completamente acreditada, Ricky deixou ali tantas coisas quando pôde. Roupas, livros, um radinho de cabeceira, coisas simples que havia juntado enquanto reconstruía sua vida. Tudo o que levou consigo foram algumas mudas de roupa e sua arma. Ele imaginou que precisaria deixar para trás a evidência de que estivera ali e poderia retornar, mas nada que pudesse denunciar quem ele era ou para onde havia ido.

Enquanto caminhava pela rua, sentiu uma leve ponta de arrependimento. Pensou que se sobrevivesse àquele final de semana, o que representava uma chance de cinquenta por cento, jamais retornaria. Ele havia criado familiaridade com aquele pequeno mundo do qual havia participado e ficava triste por ter de partir. Mas reestruturou a emoção dentro de si, tentando transformá-la na força necessária para passar pelo que estava prestes a acontecer.

Ele pegou o ônibus do meio-dia para Boston, refazendo uma rota familiar.

Não ficou muito tempo no terminal de Boston, apenas o suficiente para imaginar se o verdadeiro Richard Lively ainda estaria vivo. Pensou como seria interessante ir até Charlestown para ver se conseguiria encontrar aquele homem em algum dos parques ou becos por onde Ricky o tinha seguido com tanta diligência. Ricky não teria nada a dizer ao homem, a não ser agradecer por ter-lhe oferecido um caminho para um futuro duvidoso. Independentemente disso, ele não tinha tempo. O ônibus, naquela tarde de sexta-feira, dirigia-se para Cape, e ele sentou-se nos fundos, a agitação fervendo dentro dele. Agora eles já devem ter lido o poema, pensou. E Merlin já deve ter interrogado o atendente dos anúncios.

Neste momento eles devem estar conversando. Ricky podia imaginar as palavras fluindo livremente. Mas sabia que não precisava ouvi-los, porque ele já sabia o que eles iriam fazer. Deu uma olhada no relógio.

Ele vai sair logo, Ricky, pensou. Vai dirigir como um louco, determinado a pôr um fim nessa história que tomou um rumo diferente daquilo que ele esperava.

Ricky sorriu. Viu a imensa vantagem que tinha. O mundo de Rumpelstiltskin era um mundo acostumado a conclusões. O de Ricky era o oposto. Um dos dogmas da psicanálise que mesmo que as sessões cheguem ao fim e a terapia diária termine, o processo nunca estará completo. O que a terapia fornece, na melhor das hipóteses, é uma nova forma de olhar para o que se é e permitir que uma nova definição da vida influencie as decisões que possam vir no futuro. Na melhor das hipóteses, então, o futuro não mais será assombrado pelo passado, e as escolhas feitas estarão livres das dívidas que cada um contrai durante seu crescimento.

Ele tinha a sensação de estar atingindo essa mesma condição de final sem fim.

Era o momento tanto de morrer como de continuar. E o que quer que fosse, seria definido nas próximas horas.

Ricky aceitou a frieza da situação e começou a observar a paisagem pela janela. Enquanto o ônibus seguia zumbindo para o cabo, Ricky notou que as árvores e arbustos pareciam diminuir de estatura. Era como se a vida naquele solo arenoso não muito distante do oceano fosse um pouco difícil, pois o crescimento era prejudicado pelos ventos marítimos no inverno.

Fora de Provincetown, Ricky viu um motel, próximo à Rota 6, que ainda não tinha acendido a placa anunciando "lotado", provavelmente devido à previsão de tempo instável. Ele pagou em dinheiro pelo final de semana a um recepcionista que recebeu o dinheiro de forma aborrecida e desinteressada, achando, pensou Ricky, que ele não era nada mais que um homem de negócios quarentão de Boston, finalmente cedendo às fantasias, vindo para a cidade de vida noturna agitada, em busca de alguns momentos de sexo e culpa. Ele não fez nada que desmentisse essa conclusão e até perguntou ao recepcionista onde ficavam os melhores clubes da

cidade. Aqueles lugares onde os homens solteiros iam procurar companhia. O homem lhe deu alguns nomes e isso foi tudo.

Ricky encontrou uma loja de produtos de camping e comprou mais repelente de insetos, uma lanterna potente e um poncho verde-oliva de tamanho bem grande. Comprou ainda um chapéu camuflado de aba larga, que era ridículo, mas tinha uma característica importantíssima: presa à aba, havia uma tela contra mosquitos, que podia ser desenrolada da cabeça até os ombros. Mais uma vez, a previsão do tempo para o final de semana ajudou: umidade, temporais, céu cinzento e temperatura quente. Um final de semana instável. Ricky disse ao homem no balcão que iria trabalhar com jardinagem, o que fez com que todas as compras fizessem sentido.

Ele saiu da loja e viu o que suspeitou ser o primeiro dos temporais formando-se a oeste. Ouviu um trovão distante e olhou para o céu acinzentado acima dele, que parecia anunciar a chegada da noite. Ele podia sentir o gosto da chuva na língua e correu para terminar seus preparativos.

O dia esticava-se com o pouco de luz que parecia lutar contra a impetuosidade do tempo que se formava em volta dele. Quando ele chegou à estrada que conduzia a sua antiga casa, o céu havia adquirido uma tonalidade marrom, quase estática. O ônibus que seguia pela Rota 6 deixou-o a alguns quilômetros de distância, e ele percorreu a distância correndo com facilidade, a mochila com as compras e a arma confortavelmente colocadas nas costas. Ricky lembrou-se de que havia percorrido aquela mesma rota, quase um ano antes, e pensou na dificuldade de respirar que havia sentido e na forma como o ar era expelido de seus pulmões por causa do pânico e do choque com o que havia feito e o que ainda iria fazer. Esta corrida era estranhamente diferente. Ele tinha uma sensação de força e, ao mesmo tempo, isolamento, com um toque de complacência, como se o lugar para onde estava se dirigindo não fosse mais o lugar onde havia deixado tantas recordações, mas um lugar que falava de mudanças. Cada passo do caminho era familiar e, ainda que surreal, como se estivesse em um outro plano de existência. Ele apressou o passo, contente por sentir-se muito mais forte do que da última vez em que fizera aquele percurso, torcendo para que nenhum antigo vizinho saísse de casa e desse de cara com o homem morto correndo em direção à casa incendiada.

Ricky teve sorte, pois a estrada estava deserta àquela hora do jantar. Ele dirigiu-se para a entrada da casa, reduzindo a velocidade da corrida e sendo imediatamente escondido pelas árvores e arbustos que cresciam rapidamente nos meses mais quentes. Não sabia exatamente o que esperar. Ocorreu-lhe que talvez algum parente tivesse se apossado da propriedade de Ricky, limpando a área ou até mesmo construindo uma nova casa. Sua carta suicida havia designado que a terra fosse doada para um grupo de conservação da natureza, mas ele suspeitava que quando os membros da família distante entendessem que um terreno no cabo era

algo que valia o esforço, entrariam logo com ações na justiça. Esse pensamento fez com que ele sorrisse, devido à ironia de que pessoas que ele mal conhecia estivessem brigando por sua herança, enquanto ele havia morrido pela primeira vez há alguns meses justamente para proteger uma delas do homem que Ricky acreditava estar vindo atrás dele naquela mesma noite.

Quando saiu de trás das árvores, viu exatamente o que esperava ver. Os restos ainda carbonizados da casa. Apesar do tempo decorrido, nada havia brotado, a terra ainda estava enegrecida, ao redor do esqueleto lúgubre da antiga casa de campo.

Ricky caminhou em direção ao que fora outrora a porta da frente, passando pelo local que um dia fora seu jardim. Ele entrou, movendo-se lentamente por entre as ruínas da casa. Mesmo depois de um ano, ainda podia sentir o cheiro de gasolina e madeira queimada, mas depois percebeu que nada mais era que sua mente pregando-lhe uma peça. Ouviu-se o rugir de um trovão ao longe que ele ignorou, movendo-se por ali o melhor que podia, deixando que a memória recolocasse as paredes, a mobília, a decoração e os tapetes. Quando todas essas recordações reconstruíram a antiga casa à sua volta, ele permitiu que sua memória recriasse os momentos que havia passado com a esposa, muito antes de ela adoecer e bem antes de sua força, a vitalidade e finalmente a vida, lhe serem roubadas, pela doença. Era tanto agradável quanto assustador para Ricky, caminhar entre aquelas ruínas. De um modo estranho, aquilo era tanto um retorno quanto uma partida, e ele se sentiu um pouco como se estivesse embarcando naquela noite em algo que poderia levá-lo a um lugar bem diferente e que finalmente estava pronto para dizer adeus a tudo o que o Dr. Frederick Starks havia sido e para dar as boas-vindas a qualquer pessoa que emergisse naquela noite que caía lentamente à sua volta.

O lugar que esperava encontrar aguardava por ele, diretamente ao lado da chaminé central que havia adornado a lareira na sala. Um pedaço do teto e grossas vigas de madeira haviam-se soltado, formando uma espécie de teto rebaixado, quase uma caverna. Ricky vestiu o poncho, colocou o chapéu contra insetos na cabeça e tirou a lanterna e a pistola semiautomática da mochila. Então, arrastou-se para dentro da escuridão das ruínas, escondendo-se e esperando pela noite, pela tempestade que se aproximava e pelo assassino que estava prestes a chegar.

Ele viu um certo humor naquilo: que ele havia feito? Tinha agido como um psicanalista. Ele havia provocado emoções eletrizantes e descontroladas na pessoa que queria ver. Até mesmo um psicopata era vulnerável, pensou Ricky, aos seus próprios desejos. Agora, assim como havia feito por tantos anos em sua profissão, estava esperando que seu último paciente entrasse pela porta, trazendo consigo toda a raiva, ódio e fúria, tudo direcionado a Ricky, o terapeuta.

Ele enfiou o dedo no gatilho da arma e soltou a trava de segurança. Aquela

sessão, no entanto, não tinha a intenção de ser tão benigna.

Ele recostou-se e avaliou cada som, memorizou cada sombra, enquanto dilatavam-se na escuridão à sua volta. A visibilidade ia ser um problema naquela noite. A lua estaria encoberta pelas nuvens. A luz das outras casas e da distante Provincetown iria empalidecer sob a chuva que chegava. Ricky esperava contar unicamente tanto com a certeza como com a incerteza: o local que havia selecionado para esperar era o mais familiar de sua vida. Isso poderia ser uma vantagem. E o mais importante era que contava com a incerteza de Rumpelstiltskin. Ele não saberia precisamente onde Ricky estaria. Ele era um homem acostumado a controlar o ambiente no qual agia, e aquela seria, Ricky esperava, a situação mais fora de controle que o Sr. R. já haveria enfrentado. Um mundo com o qual o assassino não estaria familiarizado. Um bom lugar para esperar por ele naquela noite.

Ricky estava plenamente confiante de que o assassino chegaria em breve, procurando por ele. Enquanto o homem dirigia, afastando-se de Nova York, entenderia que só haveria dois possíveis lugares para Ricky estar. A praia onde ele havia forjado seu afogamento e o lar que ele havia queimado. Ele virá à minha caça nesses dois lugares, porque independentemente do que tenha descoberto com o atendente do Voz do Village, ele não acreditaria que tenho outros negócios a tratar, a não ser aqueles relacionados à morte, nesta viagem a Cape. Ele saberá que tudo mais fora mera ilusão e diz que o verdadeiro jogo diz respeito apenas a um conjunto de lembranças enfrentando o outro conjunto.

CAPÍTULO 35

A chuva veio em pancadas na primeira parte da noite, caindo pesadamente com trovões e raios sobre o oceano nas horas iniciais de sua espera, antes de diminuir progressivamente e tornar-se um chuveiro constante e irritante. Durante a tempestade, a temperatura caiu cerca de seis graus, dando à escuridão uma friagem que parecia perversamente deslocada. Houve um pouco de vento, formando fortes correntes que arrastavam as pontas do seu poncho e faziam com que os restos de destroços carbonizados à sua volta rangessem desagradavelmente, como se, eles também, tivessem negócios importantes a resolver naquela noite. Ricky permaneceu escondido, como um caçador em uma emboscada, esperando que sua presa entrasse em seu raio de visão. Ele pensou em todas as horas que havia passado silencioso, atrás das cabeças de seus pacientes no divã, mal se mexendo, raramente falando, e achou engraçado que todo aquele tempo gasto em contemplação o tivesse preparado muito bem para a espera daquela noite.

Ricky movimentava-se apenas de vez em quando, unicamente para esticar e flexionar os músculos o suficiente para que eles não ficassem enrijecidos pela falta

de uso e estivessem disponíveis quando precisasse deles. Na maior parte do tempo, permanecia recostado, com o mosquiteiro na cabeça, o poncho espalhado sobre o corpo, mais parecendo uma massa disforme do que um ser humano. De onde estava escondido, conseguia ainda ver o campo aberto que conduzia os visitantes até sua casa, especialmente quando o céu era cortado por descargas de eletricidade. Ele estava em uma posição que lhe permitia avistar os raios de luz que penetravam nas copas das árvores vindos da estrada principal, e percebeu que podia ouvir o motor dos carros através da escuridão.

Tinha apenas um medo: que Rumpelstiltskin tivesse mais paciência do que ele.

Ricky duvidava disso, mas não tinha certeza. Afinal de contas, aquela criança havia cultivado o ódio por tantos anos e esperado tanto tempo antes de armar sua vingança, que era possível que agora, nesta etapa final, ele pudesse esperar a hora certa e simplesmente posicionar-se escondido atrás de alguma árvore fazendo mais ou menos a mesma coisa que Ricky fazia, que era esperar por algum movimento revelador antes de se aproximar. Esse era o jogo daquela noite. Mas ele achava que sua aposta estava bem garantida. Tudo o que havia feito tinha o intuito de provocar o Sr. R. Raiva, medo e exigem respostas. Um assassino profissional era um homem de ação. Um analista, não. Ricky acreditava haver criado uma situação onde suas próprias forças compensavam as de seu adversário. O seu próprio treinamento opunha-se ao do assassino. Ele vai fazer o primeiro movimento, insistiu Ricky. Tudo o que você sabe sobre comportamento diz que isso é verdade. No jogo de recordações e de morte ao qual os dois homens estavam presos, Ricky ocupava o terreno mais alto.

Aquilo era, pensou ele, a melhor coisa que poderia fazer.

Por volta das dez horas, o mundo à sua volta se havia transformado em uma arena escura, úmida e mofada. Ele tinha os sentidos atentos e sua mente estava alerta a todas as nuances da noite. Não tinha ouvido nenhum carro aproximando-se, nem visto luzes distantes por cerca de uma hora e a chuva parecia ter espantando todos os animais da noite para os seus abrigos, de forma que não se percebia nem mesmo o som de um gambá procurando alguma coisa para comer. Era naquele momento que seu coração e sua determinação poderiam falhar, que a dúvida poderia penetrar em sua imaginação, tentando persuadi-lo de que estava esperando inutilmente por alguém que não chegaria. Ele espantou essa sensação de sua mente, insistindo que a única coisa que sabia com certeza era que Rumpelstiltskin estava muito próximo e se aproximaria mais ainda se ele simplesmente perseverasse e esperasse. Desejava ter tido a ideia de trazer uma garrafa d'água, ou café, mas não tinha pensado nisso. Era difícil planejar um assassinato, pensou ele, e lembrar-se ao mesmo tempo do trivial.

Ele sacudia os dedos ocasionalmente e silenciosamente batia o indicador no gatilho. Em dado momento assustou-se com o voo de um morcego acima de sua cabeça; outra hora um par de cervos emergiu por alguns segundos das árvores. Ele só conseguiu ver o contorno vago de suas formas, até que eles se assustaram, deram meia-volta e fugiram com seus inconfundíveis saltos de balé.

Ricky continuou a esperar. O assassino deve ser um homem acostumado com a noite e que se sente confortável nela, pensou Ricky. A luz do dia compromete muito um assassino. Ela oferece uma visão mais apurada, mas também faz dele uma pessoa reconhecível. Ele pensou: eu conheço você Sr. R. Vai querer terminar tudo isso durante a noite. Você estará aqui muito em breve.

Cerca de trinta minutos depois que as luzes do último carro haviam passado à distância, escondidas pelas árvores, um cone de luz afastando-se constantemente, Ricky viu um outro carro aproximando-se na estrada. Este viajava um pouco mais devagar, quase hesitando. Uma certa indecisão, pela velocidade com que viajava.

A luz parou bem perto da entrada da propriedade, e depois acelerou novamente, desaparecendo na distância.

Ricky encolheu-se, enterrando-se mais profundamente no buraco que o escondia.

Alguém encontrou o que estava procurando, pensou ele, mas não quis demonstrar sua descoberta.

Ele continuou a esperar. Mais vinte minutos se passaram em completa escuridão, mas Ricky agora estava enrolado como uma serpente, esperando. A luz do seu relógio de pulso ajudava a avaliar o que estava acontecendo para lá da pouca visão que ele tinha. Cinco minutos, tempo suficiente para encontrar um lugar onde pudesse deixar o carro escondido. Dez minutos, tempo de voltar até a entrada da propriedade de Ricky. Mais cinco minutos para se infiltrar silenciosamente entre as árvores. Agora ele estaria na última fileira de árvores, pensou Ricky. Observando as ruínas da casa a uma distância segura. Ele encolheu-se na toca, puxando os pés para baixo do poncho.

Ricky envolvia seu coração com ondas de paciência. Ele podia sentir a adrenalina pulsando selvagemmente nos ouvidos e o seu pulso acelerando como o de um atleta, mas acalmava-se recitando silenciosamente algumas passagens de literatura. Dickens: "Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos". Uma passagem de Carnus: "Mamãe morreu hoje, ou talvez ontem". Esse trecho fez com que ele sorrisse apesar do terror que se escondia dentro dele. Uma passagem apropriada, pensou ele. Seus olhos vagavam para todos os lados, inspecionando a escuridão. Era um pouco como abrir os olhos embaixo d'água. As formas estavam em movimento, mas não eram reconhecíveis. Ele esperava imóvel, pois sabia que sua única chance era ver antes de ser visto.

A garoa finalmente tinha parado, deixando o mundo úmido e brilhante. A friagem que havia acompanhado o temporal acabara, e Ricky pôde sentir um calor denso e úmido tomar conta do mundo à sua volta.

Ele estava respirando lentamente, com medo de que o ruído da respiração pudesse ser ouvido a quilômetros de distância. Olhou para o céu e viu o contorno de uma nuvem, as ondulações cinzas contra o céu negro, movimentando-se rapidamente, como se estivesse sendo movida por algum remador invisível. Um pouco de luar atravessou um buraco entre as nuvens que estavam passando, descendo como um raio na noite escura. Ricky moveu os olhos da esquerda para a direita e viu uma sombra dar um passo para fora da linha das árvores.

Ricky fixou os olhos na figura que foi delineada apenas por um instante pela luz fraca, mais uma forma de escuridão, só que colorida com um negro um pouco mais intenso do que o da noite à sua volta. Nesse momento, viu a pessoa erguer alguma coisa até os olhos e lentamente girar o corpo, como um vigia no mastro de um navio, procurando por icebergs nas águas em frente.

Ricky encolheu-se mais ainda, empurrando as costas contras as ruínas. Mordeu forte os lábios, pois percebeu imediatamente o que era aquilo que estava vendo: um homem com binóculos de visão noturna.

Congelou-se naquela posição, percebendo que o estranho poncho e chapéu contra mosquitos eram sua grande defesa. No meio dos escombros carbonizados, ele aparentaria ser apenas mais uma forma retorcida. Como um camaleão que modifica sua cor dependendo da matiz das folhas que ocupa, Ricky permaneceu naquela posição, esperando que não houvesse nada aparente que pudesse apresentar sequer a menor sugestão de humanidade.

Subitamente a sombra se moveu.

Ricky prendeu a respiração. Não sabia se tinha sido localizado.

Precisou de toda energia mental que pôde reunir para manter-se naquela posição. O pânico alcançava os limites de sua imaginação gritando desesperadamente para que ele corresse enquanto ainda tinha alguma chance. Mas uma voz interior dizia que sua única chance de sobreviver era fazer exatamente o que estava fazendo. Depois de tudo o que havia acontecido, ele precisava trazer o homem, que se movia nas trevas na direção dele, ao alcance do seu braço. A sombra negra moveu-se obliquamente atravessando o campo de visão de Ricky. Movia-se com cuidado, devagar, mas não com medo, levemente encurvado, apresentando pouca silhueta, um predador experiente.

Ricky soltou um longo e lento suspiro. Ele não me viu.

A sombra alcançou o antigo jardim e Ricky viu o homem hesitar. Pôde ver que ele usava alguma coisa cobrindo o rosto e a cabeça, combinando com suas roupas escuras. A sombra mais parecia uma parte da noite do que uma pessoa.

Novamente, alguma coisa foi erguida e Ricky queimou de medo por dentro quando os binóculos passaram pelas ruínas do lugar onde havia sido tão feliz. Mas novamente, o poncho ocultou sua forma, fazendo dele parte dos escombros e o homem hesitou como se estivesse frustrado. Ele pôde ver a mão segurando o binóculo de visão noturna cair de lado, como se estivesse desistindo dos arredores.

A sombra aproximou-se mais agressivamente, parando naquilo que um dia fora a entrada, procurando nas ruínas. Então avançou, tropeçando de leve, e Ricky ouviu um xingamento abafado.

Ele sabe que eu devia estar aqui, pensou Ricky. Mas agora está em dúvida.

Ricky cerrou os dentes. Ele podia sentir uma descarga fria e assassina por dentro. Ele pensou: agora você não tem certeza. As coisas não estão como você esperava. E agora você está duvidando de você mesmo. Dúvida, frustração e toda a raiva nutrida por não ter-me matado quando eu facilitei tanto as coisas para você. Essa é uma combinação perigosa, porque ela está forçando você a fazer coisas que normalmente não faz. Você está abandonando as precauções a cada passo e a incerteza caminha com você, e agora, repentinamente, você está jogando esse jogo no meu campo. Porque agora, o Dr. Starks conhece você, e conhece tudo o que está em sua cabeça, porque tudo o que você está sentindo, toda a indecisão e confusão, são fatos corriqueiros na vida dele, não na sua. Você é um assassino cujo alvo não está claro e tudo isso por causa da situação que eu criei.

Ricky observou a sombra. Chegue mais perto, disse a si mesmo.

O homem deu um passo à frente, tropeçando levemente em um pedaço daquilo que um dia fora uma viga do telhado, tentando caminhar por uma sala que não conhecia.

Ele parou e chutou o detrito.

— Dr. Starks — sussurrou o homem, como um ator em um palco, um segredo a ser compartilhado. — Eu sei que está aqui.

A voz parecia o som de lâminas cegas arranhando a noite.

— Apareça, doutor. Chegou a hora do fim.

Ricky não se mexeu. Não respondeu. Sentia todos os seus músculos rijos, esticados. Mas Ricky não havia passado tantos anos atrás do divã ouvindo as mais provocativas e exigentes afirmações em silêncio para cair diante do convite que a sombra fazia.

— Onde está você, doutor? — continuou o homem, indo para frente e para trás. — Você não estava na praia, então deve estar aqui, porque é um homem de palavra. E foi aqui que disse que estaria.

O homem avançou, movendo-se de sombra em sombra. Tropeçou novamente, batendo o joelho contra o que antes fora o corrimão da escada. Ele xingou pela segunda vez e endireitou-se. Ricky pôde perceber confusão e irritação, misturados

com frustração na sacudida de ombros do homem.

O homem virou-se para a esquerda e para a direita mais uma vez, e suspirou.

Quando falou, foi alto e com resignação:

— Se não está aqui, doutor, onde diabos você está?

Com uma última sacudida de ombros, o homem finalmente voltou as costas para Ricky. E quando ele se virou, Ricky ergueu a mão, segurando a pistola semiautomática que ele escondia embaixo do poncho, erguendo-a como tinha aprendido na loja de armas em New Hampshire, segurando-a com as duas mãos e mantendo a mira alinhada no meio das costas de Rumpelstiltskin.

— Estou atrás de você — disse Ricky lentamente.

Nesse momento pareceu que o tempo realmente se havia descontrolado no mundo que cercava Ricky. Segundos que normalmente caminhavam em uma progressão ordenada para minutos pareciam esparramar-se como pétalas de flores atingidas por um vento forte. Ele permanecia congelado naquela posição com a arma apontada diretamente para as costas do assassino, com a respiração curta e difícil. Podia sentir ondas de eletricidade percorrendo suas veias e precisou de uma imensa quantidade de energia para manter-se calmo.

O homem à sua frente permanecia imóvel.

— Tenho uma arma — gritou Ricky com a voz rude de tensão. — Ela está apontada para as suas costas. É uma pistola semiautomática, calibre .380, carregada com balas de ponta oca, e se você se mexer, mesmo que só um pouquinho, vou atirar. Posso dar dois ou talvez três tiros antes que se vire e aponte sua arma para mim. Pelo menos um desses tiros vai acertar o alvo e provavelmente matar você. Mas você já sabe disso, não é? Porque está acostumado com essa arma e essa munição, e sabe do que elas são capazes, e já deve ter feito esses cálculos na sua cabeça, não é?

— Assim que ouvi sua voz, doutor — respondeu Rumpelstiltskin. O tom de sua voz era sereno e regular. Se estava surpreso, não se notava.

Então riu alto, acrescentando rapidamente: — E pensar que caminhei direto até sua mira. Ah, suponho que era inevitável. Você jogou bem, muito melhor do que eu esperava, e você mostrou recursos que eu não achava que possuía. Mas o nosso pequeno jogo está agora em seus movimentos finais, não é? — ele ficou quieto e depois disse: — Eu acho, Dr. Starks, que deveria atirar em mim agora. Pelas costas. Nesse momento você está em vantagem. Mas a cada segundo que passa, sua posição se enfraquece. Como profissional, acostumado a esse tipo de situação, recomendo que não desperdice a oportunidade que está tendo. Atire em mim agora, doutor. Enquanto ainda tem uma chance.

Ricky não respondeu.

O homem riu.

— Vamos, doutor. Canalize toda a sua raiva. Focalize com toda a sua fúria. Você deve unir essas coisas na cabeça, concentrá-las em um único ponto e apertar o gatilho sem culpa alguma. Faça isso agora, doutor, porque cada segundo que me deixa viver, é mais um segundo em que pode estar tirando sua própria vida.

Ricky mirou adiante, mas não atirou.

— Mantenha as mãos onde eu possa vê-las — exigiu ele. Rumpelstiltskin soltou outra risada.

— Que é isso? Aprendeu na TV? Em algum filme? Isso não funciona assim na vida real.

— Largue sua arma — insistiu Ricky.

O homem sacudiu lentamente a cabeça para um lado e para o outro.

— Não. Eu também não vou fazer isso. É um clichê, de qualquer forma. Sabe, se eu largar minha arma no chão, estarei desistindo de quaisquer opções que possa ter. Examine a situação, doutor: de acordo com o meu julgamento profissional, você já desperdiçou a sua chance. Eu sei o que está-se passando em sua cabeça. Sei que se fosse capaz de atirar, já teria feito isso. Mas matar um homem é um pouco mais difícil do que imagina, mesmo que seja alguém que lhe deu razões de sobra para ser morto. Doutor, o seu mundo é o da morte de fantasia. Um mundo com todos aqueles impulsos assassinos que ouviu por todos aqueles anos e que ajudou a neutralizar. Porque, para você, eles existem no reino da imaginação. Mas aqui, esta noite, não há nada mais à nossa volta do que a pura realidade. E neste momento, você está buscando forças para matar e aposto que não as está encontrando rapidamente. Eu, por outro lado, não preciso fazer muito esforço para encontrar essa força. Não me preocuparia nem um pouco com a questão moral de atirar em alguém pelas costas. Ou de frente, para ser sincero. O que importa é o resultado, como dizem, doutor. Contanto que se acerte o alvo, quem se importa? Então, não vou largar a minha arma no chão, nem agora, nem nunca. Em vez disso, ela vai ficar bem na minha mão, engatilhada e pronta. Vou me virar agora? Vai aproveitar a chance desse momento? Ou devo esperar um pouco?

Ricky novamente ficou em silêncio, com a mente fervilhando.

— Tem mais uma coisa que você precisa saber, doutor: se quiser ser um assassino bem-sucedido, não deve temer por sua própria pobre vida.

Ricky ouviu aquelas palavras disparadas na escuridão. Uma enorme sensação de desconforto apossou-se do seu coração.

— Eu conheço você — disse ele. — Conheço a sua voz.

— Sim, você conhece — respondeu Rumpelstiltskin, com um tom zombeteiro. — Você já a ouviu por bastante tempo.

De repente Ricky sentiu como se estivesse parado em uma superfície deslizante de gelo. A insegurança cresceu em sua voz. — Vire-se — disse ele.

Rumplestiltskin hesitou, sacudindo negativamente a cabeça.

— Você não quer me pedir isso, porque assim que eu me virar, quase toda a vantagem que tem será anulada. Eu verei sua exata posição e, acredite, doutor, uma vez que tiver localizado você, não vai demorar muito para matá-lo.

— Eu conheço você — repetiu Ricky, murmurando.

— É tão difícil assim? A voz é a mesma. A postura. Todas as inflexões e tons, nuances e maneirismos. Você deveria reconhecer todas essas características — disse Rumplestiltskin. — Afinal de contas, nós tivemos um relacionamento cinco, vezes por semana por quase um ano. E o processo psicanalítico não é mais ou menos a mesma coisa que isto? O doutor com o conhecimento, com o poder, e eu ousei dizer, com as armas, posicionado bem nas costas do pobre paciente que não pode ver o que está acontecendo, mas que tem apenas suas pobres e patéticas recordações para trabalhar. As coisas são assim tão diferentes para nós, doutor?

A garganta de Ricky estava completamente seca, mas ele ainda conseguiu pronunciar o nome.

— Zimmerman?

Rumplestiltskin riu novamente.

— Zimmerman está bem morto.

— Mas você é...

— Eu sou o homem que você conheceu como sendo Roger Zimmerman. Com a mãe inválida e o irmão que pouco se importava, e o emprego sem futuro e toda aquela raiva que nunca parecia se resolver, apesar de todo o blábláblá que enchia o seu consultório sem nenhuma vantagem. Esse é o Zimmerman que você conheceu, Dr. Starks. E é esse o Zimmerman que morreu.

Ricky estava atordoado. Ele se agarrava às mentiras.

— Mas o acidente no metrô...

— Foi lá, de fato, que Zimmerman, o verdadeiro Zimmerman, que também era quase suicida, morreu. Empurrado para a morte. Uma morte oportuna.

— Mas eu não...

Rumplestiltskin deu de ombros.

— Doutor, um homem vai até o seu consultório e diz ser Roger Zimmerman e que está sofrendo disso e daquilo e se apresenta como um paciente disposto a fazer análise e a pagar pelas consultas. Por acaso, você verifica se aquele homem é mesmo quem diz ser?

Ricky ficou silencioso.

— Acho que não. Porque se tivesse feito isso, descobriria que o verdadeiro Zimmerman era mais ou menos parecido com aquele que lhe apresentei. A única diferença é que ele não era a pessoa com a qual você se encontrava. Eu era. E quando chegou a hora de ele morrer, ele já havia me fornecido aquilo que eu queria.

Eu simplesmente peguei emprestadas sua vida e sua morte. Porque, precisava conhecer você. Precisava ver e estudar você. E precisava fazer isso da melhor maneira possível. Levou algum tempo, mas aprendi o que precisava. Lentamente, para ser honesto, mas, como você descobriu, posso ser um homem bem paciente.

— Quem é você? — perguntou Ricky.

— Você jamais saberá — respondeu o homem. — E apesar disso você já sabe. Você conhece meu passado. Sabe como cresci. Conhece meu irmão e minha irmã. Sabe muitas coisas a meu respeito, doutor. Mas jamais saberá realmente quem sou eu.

— Por que fez isso comigo? — perguntou Ricky. Rumpelstiltskin sacudiu a cabeça, como se estivesse atordoado com

a simples audácia da pergunta.

— Você já sabe a resposta. Seria assim tão irracional imaginar que uma criança visse tanto mal ser feito contra alguém que realmente amava, que visse aquela pessoa cair em um desespero tão profundo que tivesse de se matar para encontrar salvação, e então, quando essa criança alcançasse uma posição em que pudesse empreender uma vingança contra todas as pessoas que não quisesam ajudar, incluindo você mesmo, doutor, que não agarrasse essa oportunidade?

— A vingança não resolve nada — disse Ricky.

— Fala como alguém que nunca cedeu a seus impulsos — Rumpelstiltskin bufou. — Você está enganado, doutor. Como em muitas outras vezes. A vingança serve para lavar a alma e o coração. Ela está por aí desde que o primeiro homem das cavernas desceu de uma árvore e deu uma pancada na cabeça do irmão por causa de um insulto. Mas, sabendo tudo aquilo que você sabe, sobre o que aconteceu com a minha mãe e seus três filhos, por que você acha que as pessoas não nos devem nada, aquelas que não quisesam nos ajudar? Crianças que eram completamente inocentes, mas foram sumariamente descartadas, abandonadas e entregues à morte por tantas pessoas que, se bem soubessem, teriam mostrado o mínimo de compaixão ou empatia, ou até mesmo deixado fluir alguma humanidade de dentro de seus corações. Nós não merecíamos, depois de passar por tudo isso, receber algo em troca? Com toda certeza, essa é a pergunta mais provocativa.

Ele fez uma pausa ouvindo o silêncio de Ricky como resposta, e depois falou friamente:

— Sabe, doutor, a verdadeira questão entre nós, nesta noite não é o motivo pelo qual o persegui até a morte e, sim, por que não faria isso.

Novamente Ricky não respondeu.

— Você fica surpreso pelo fato de eu ter me tornado um assassino? Não era surpresa, mas Ricky não falou isso em voz alta.

O silêncio envolveu os dois homens por alguns momentos e, então, da mesma

forma como acontecia em seu consultório, com o divã e a tranquilidade, o homem quebrou aquela estranheza com mais uma pergunta.

— Deixe-me perguntar uma coisa, por que você acha que não mereceria morrer?

Ricky pôde sentir o sorriso no rosto do homem. Era um sorriso frio e desalmado.

— Todos merecem morrer por algum motivo. Ninguém é totalmente inocente, doutor. Nem você, nem eu. Ninguém.

Rumplestiltskin parecia um pouco trêmulo nesse momento. Ricky imaginava que podia ver os dedos do homem envolvendo o cabo de sua arma.

— Eu acho, Dr. Starks — disse o assassino com um tom decidido e frio que demonstrava o que se passava pela cabeça dele —, que, por mais interessante que esta nossa última sessão seja, e mesmo que você ache que ainda há muitas coisas a serem ditas, o tempo de conversar acabou. Agora é hora de alguém morrer. É muito provável que seja você.

Ricky olhou para a pistola e respirou fundo. Estava preso nos escombros, incapaz de se mover tanto para a direita quanto para a esquerda, a saída por trás também estava bloqueada, o conjunto de sua vida vivida e ainda por viver completamente perdido, tudo por causa de um simples ato de negligência quando ainda era jovem e devia de fato ter agido melhor, mas não o fez. Em um mundo de opções, ele não tinha nenhuma sobrando. Puxou para trás o cão da pistola, reunindo forças e canalizando seu desejo.

— Você se esqueceu de uma coisa — disse lentamente. — O Dr. Starks já está morto.

Então, atirou.

Foi como se o homem reagisse à mais sutil mudança na inflexão da voz de Ricky e tivesse reconhecido o primeiro tom rude na primeira palavra pronunciada, e, devido à prática, compreendesse a situação, de modo que agiu de modo incisivo e imediato, sem a menor hesitação. Quando Ricky engatilhou a arma, ele se jogou de lado, rolando, de modo que a primeira bala, que devia acertá-lo bem no meio das costas, rasgou selvagememente, o seu omoplata e a segunda penetrou no feixe de músculos de seu braço direito, produzindo um ruído de algo sendo rasgado, surdo, quando atingiu a carne, e estalado, quando pulverizou o osso.

Ricky atirou novamente mas de qualquer jeito, dessa vez, e a bala desapareceu na escuridão.

Rumplestiltskin contorcia-se, arfando de dor, uma onda de adrenalina superando a força dos golpes que o haviam atingido, tentando erguer sua arma com o braço dilacerado. Ele agarrou a arma com a mão esquerda, tentando mantê-la firme enquanto cambaleava sem equilíbrio. Ricky ficou imóvel, observando o cano da

pistola semiautomática erguer-se como a cabeça de uma cobra, disparando para cima e para baixo, seu único olho procurando por ele, o homem cambaleante, como se estivesse pisando na ponta de pedras soltas.

O som dos tiros era como um sonho, como se tudo estivesse acontecendo a outra pessoa, alguém muito distante e sem nenhuma ligação com ele. Mas o silvo da bala rasgando o ar logo acima de sua cabeça era real o suficiente e lançou Ricky de volta à ação. Um segundo tiro cortou o ar e ele pôde sentir o calor da bala passando pelo poncho pendurado em seus ombros. Ricky engoliu o ar, sentindo o gosto de pólvora e de fumaça, e olhou de novo para o cano de sua própria arma, lutando contra o choque elétrico do combate que ameaçava paralisar-lhe as mãos, e mirou no rosto de Rumplestiltskin enquanto o assassino despencava na sua frente.

O assassino parecia jogar-se para trás, tentando manter-se ereto, como se estivesse esperando o último e fatal tiro. Sua arma estava escorregando, pendendo de lado depois de seu último esforço, segura apenas pelas pontas dos dedos que não mais respondiam aos músculos destruídos e ensanguentados. Ele ergueu a mão boa até o rosto, como se tentasse desviar o próximo tiro.

Adrenalina, raiva, ódio e medo, a soma de tudo o que havia acontecido com ele juntou-se nesse exato momento, exigindo, insistindo e gritando ordens dentro dele e Ricky, descontrolado, pensou que finalmente, naquele exato momento, estava prestes a vencer.

Então, parou, pois percebeu, imediatamente, que não poderia fazer aquilo.

Rumplestiltskin empalidecera, o rosto branco como se iluminado pelo luar. O sangue, como jatos de tinta preta, escorria-lhe do braço e do peito. Ele tentou mais uma vez, debilmente, agarrar a arma e erguê-la, mas não conseguiu. Ele estava entrando em choque rapidamente, perdendo os movimentos e o controle da situação. Era como se o silêncio estabelecido entre os dois homens, conforme o eco dos tiros diminuía, fosse palpável, cobrindo cada movimento que eles faziam.

Ricky encarou o homem que um dia conhecera, sem contudo conhecer, como paciente e percebeu que Rumplestiltskin sangraria até a morte em um tempo relativamente curto. Ou sucumbiria ao choque. E só nos filmes, pensou Ricky, que um homem é atingido por um disparo de grande impacto, à queima-roupa, e ainda consegue sair dançando. As chances de Rumplestiltskin seriam definidas em poucos minutos, pensou ele.

Uma parte dele, que ele nunca ouvira antes, insistia para que simplesmente observasse o homem morrer.

Ele não fez isso. Fez um tremendo esforço para ficar de pé e deu um pulo em frente. Chutou a pistola do assassino para longe da mão dele, depois pegou sua própria pistola e guardou-a na mochila. Enquanto, Rumplestiltskin murmurava algo, lutando contra a inconsciência que anunciava sua morte, Ricky abaixou-se e agarrou

o adversário pelo peito. Esforçando-se por causa do peso, Ricky ergueu o assassino e reunindo toda força que pôde, colocou-o sobre os ombros, carregando-o. Ele endireitou-se lentamente, acostumando-se com o peso, um tanto atingido pela ironia, que parecia mais densa que o ar úmido à sua volta, e seguiu adiante por entre as ruínas, carregando o homem que queria sua morte para fora dos escombros da casa de campo.

O suor incomodava seus olhos e cada passo era um esforço brutal. Ele carregava algo que parecia muito maior do que qualquer coisa que Ricky tivesse levantado antes. Ele sentiu quando Rumpelstiltskin perdeu a consciência e ouviu sua respiração ficar mais ofegante e difícil, asmática conforme a morte se aproximava. Ricky sugava o ar úmido em grandes golfadas, para conseguir seguir adiante em passos firmes, cada um mais difícil que o anterior, cada um representando um desafio enorme. Ele disse a si mesmo que aquela era a única maneira de caminhar para a liberdade.

Ele parou ao lado da estrada. A noite envolvia os dois homens com o anonimato. Ele colocou Rumpelstiltskin no chão e passou as mãos pelas roupas do homem. Para seu alívio encontrou o que queria: um telefone celular.

A respiração de Rumpelstiltskin transformava-se em dolorosos espasmos entrecortados. Ricky suspeitava que o primeiro tiro havia-se fragmentado quando atingiu a escápula, e que aquele som borbulhante que conseguia ouvir era de um pulmão rompido. Ele estancou as feridas do homem o melhor que pôde e ligou para o número dos bombeiros de Wellfleet de que se lembrava tão bem.

— Nove-um-um. Emergência de Cape — disse uma voz entrecortada e prestativa.

— Ouça com atenção — disse Ricky com calma, fazendo uma pausa entre as palavras, pronunciando cada uma delas bem devagar.

— Vou falar apenas uma vez, portanto ouça com atenção. Houve um acidente com armas. A vítima está localizada na Old Beach Road, na entrada da antiga casa de férias do falecido Dr. Starks, a casa que foi queimada no ano passado. Ele está bem na entrada. A vítima tem feridas de vários tiros nas costas e na parte superior do braço direito e está em estado de choque. Ele vai morrer rapidamente se vocês não chegarem aqui dentro de alguns minutos. Você entendeu o que acabei de falar?

— Quem está falando?

— Você entendeu?

— Sim. Estou despachando o resgate agora. Old Beach Road. Quem está falando?

— Você conhece o local que eu falei?

— Sim. Mas preciso saber: quem é você?

Ricky pensou por um momento e depois respondeu:

— Ninguém é alguém de novo.

Ele desligou o telefone, pegou a arma e tirou as balas restantes do pente. Ele as jogou na direção das árvores o mais longe que pôde. Então, colocou a pistola no chão, perto do homem ferido. Tirou ainda a lanterna da mochila, ligou-a e colocou sobre o peito do assassino inconsciente. Ricky ergueu a cabeça e ouviu ao longe uma sirene. O quartel do corpo de bombeiros ficava a poucos quilômetros dali, na Rota 6. Não demoraria muito até que eles chegassem ao local. Ele imaginava que o percurso até o hospital levaria de quinze a vinte minutos. Ainda não sabia se os médicos da ambulância seriam capazes de estabilizar o quadro ou se a equipe de pronto-socorro conseguiria lidar com ferimentos de bala tão sérios. Nem sabia se uma equipe cirúrgica apropriada estaria à disposição. Olhou novamente para o assassino e não pôde dizer se o homem viveria além das próximas horas. Pode ser que sim. Pode ser que não. Pela primeira vez, em toda a sua vida, Ricky apreciou a incerteza.

O som da ambulância ficou mais forte e Ricky começou a correr, lentamente a princípio, mas ganhando velocidade aos poucos, até estabilizar a corrida, seus pés batendo na superfície da estrada num ritmo constante, permitindo que a escuridão da noite engolisse completamente sua presença até que tivesse desaparecido completamente de vista.

Como um fantasma, Ricky desapareceu.

CAPÍTULO 36

Nos arredores de Port-au-Prince.

Já se havia passado quase uma hora depois do amanhecer e Ricky assistia a uma pequena lagartixa verde movimentando-se rapidamente na parede, desafiando a gravidade a cada passo. Ele observava o minúsculo animal mover-se aos trancos, parando de vez em quando para inflar a bolsa alaranjada que tinha na garganta, antes de lançar-se à frente com força por mais alguns passos, e depois parar, girando a cabeça para a esquerda e para a direita, enquanto verificava se havia algum perigo. Ricky admirava e invejava a simplicidade maravilhosa da vida diária da lagartixa: encontrar algo para comer e evitar ser comida.

Acima dele, um velho ventilador de teto, marrom, de quatro pás, estalava ligeiramente a cada volta fazendo circular o ar quente e pesado do pequeno cômodo. Quando Ricky mexeu as pernas, girando-as para fora da cama, o som das molas do colchão igualou-se ao ruído das hélices do ventilador. Ele espreguiçou-se exageradamente, bocejando, passando a mão pelo cabelo ralo, agarrando o calção caqui descorado, que estava pendurado no pé da cama, procurando pelos óculos. Levantou-se e encheu uma bacia com a água de um jarro que estava em uma mesa

bamba de madeira. Jogou a água no rosto, deixando que o líquido descesse pelo peito, depois pegou uma esponja gasta e ensaboou-a com uma barra de sabão que estava sobre a mesa. Enfiou a esponja na água e lavou-se da melhor maneira possível.

O quarto que Ricky ocupava era praticamente um quadrado, quase sem decoração, com paredes de estuque que haviam sido de um branco vibrante, mas agora, com o passar dos anos, haviam adquirido uma cor semelhante à da sujeira que dominava a rua lá fora. Ele tinha poucas posses: um rádio que transmitia o treinamento de primavera dos canais das Forças Armadas e algumas roupas. Um calendário atual, mostrando uma jovem de seios nus com olhar sedutor, tinha aquele dia circulado em caneta preta. Estava pendurado num prego, perto de um crucifixo de madeira entalhado à mão, que ele suspeitava ter pertencido ao antigo ocupante do quarto, mas que ele não havia tirado, pois achou que rejeitar um ícone religioso em um país onde a religião era, de diversas maneiras misteriosas e conflitantes, tão importante para a maioria das pessoas, seria o mesmo que atrair para si má sorte. E até aquele momento, pensou ele, sua sorte havia sido, no geral, muito boa. Ele havia colocado duas prateleiras em uma parede. Elas estavam abarrotadas com um grande número de textos médicos bastante usados, além de alguns volumes novos. Os títulos desses livros iam dos mais práticos (Doenças Tropicais e Seus Tratamentos) até assuntos mais esotéricos (Estudos de Casos de Padrões de Doenças Mentais para Nações em Desenvolvimento). Ele tinha um caderno com uma capa que imitava couro e algumas canetas também, que usava para anotar observações e planos de tratamento que ele deixava em uma mesinha perto do laptop e da impressora. Acima da impressora, havia uma lista escrita à mão das lojas de venda de medicamentos a preço de custo na Flórida. Tinha ainda uma pequena mala de lona preta, do tamanho ideal para uma viagem de dois ou três dias, na qual havia colocado algumas roupas. Ricky olhou para o quarto e pensou que ele não era lá essas coisas, mas adequava-se ao seu temperamento e sua autoimagem, e apesar de achar que poderia facilmente mudar-se para um esconderijo melhor, não estava certo se faria isso, mesmo depois que cumprisse os propósitos que o ocupariam pelo resto da semana.

Ele foi até a janela e olhou para a rua. Estava a apenas meio quarteirão da clínica e já conseguia ver várias pessoas esperando do lado de fora. Havia uma pequena mercearia do outro lado da rua, e o proprietário e a esposa, duas pessoas inacreditavelmente gordas, de meia-idade, estavam colocando para fora algumas bancas de madeira com frutas e verduras frescas. Eles também estavam fazendo café e o cheiro chegou até ele mais ou menos no mesmo momento em que a esposa do proprietário virou-se e o viu parado na janela. Ela acenou com simpatia, sorrindo e apontando para o café no fogo, convidando Ricky a juntar-se a eles. Ele ergueu dois dedos para indicar que estaria lá em dois minutos, e ela voltou para o serviço. A rua

estava começando a ficar lotada de pessoas e Ricky suspeitava que aquele seria um dia bem tumultuado na clínica. O calor do começo de março era estranhamente forte, misturando-se ao cheiro distante de buganvílias, do mercado de frutas e de humanidade, a temperatura elevando-se tão rápido quanto o sol da manhã.

Ele olhou para as colinas, que alternavam um verde exuberante com uma aridez amarronzada. Elas se elevaram acima da cidade e ele disse a si mesmo que o Haiti era certamente um dos países mais intrigantes do planeta. Aquele era o lugar mais pobre que ele já tinha visto, mas, de certa forma, era o mais cheio de dignidade também. Ele sabia que quando descesse a rua em direção à clínica, provavelmente seria o único rosto branco em muitos quilômetros. Isso poderia tê-lo perturbado há algum tempo, no passado, mas não mais. Divertia-se em ser diferente e sabia que havia um estranho tipo de mistério que acompanhava cada passo seu.

O que ele mais apreciava era que, apesar do mistério, as pessoas nas ruas estavam dispostas a aceitar sua estranha presença sem nenhum questionamento. Ou, pelo menos, sem nenhum questionamento direto, o que, quando pensava nisso, parecia tanto uma lisonja quanto um compromisso, coisas com as quais ele estava querendo conviver.

Ele desceu do quarto e uniu-se ao proprietário da mercearia e sua esposa para tomar um café amargo e forte, denso e adoçado com açúcar mascavo. Comeu uma fatia de pão que havia sido feito naquela manhã e aproveitou a oportunidade para examinar o furúnculo purulento das costas do proprietário, que ele havia perfurado e drenado três dias antes. A ferida parecia estar sarando rapidamente e ele recomendou ao homem, um pouco em inglês, um pouco em francês, que ele mantivesse a ferida sempre bem limpa e que fizesse outro curativo naquele mesmo dia.

O proprietário concordou sorrindo, falou por alguns momentos sobre a má sorte do time de futebol local e pediu a Ricky que fosse assistir ao jogo na próxima semana. O time chamava-se Águias e arrebatava as paixões locais a cada campeonato, com resultados irregulares e notadamente negativos. O proprietário não aceitou que Ricky pagasse pelo café da manhã. Isso já havia virado rotina entre os dois homens. Ricky colocava a mão no bolso e o proprietário rejeitava qualquer coisa que saísse de lá. Como sempre, Ricky agradeceu a gentileza, prometendo ir ao jogo de futebol usando vermelho e verde, as cores dos Águias, e caminhou rapidamente para a clínica com o gosto forte do café ainda na boca.

As pessoas amontoavam-se na entrada, escondendo a placa escrita à mão com letras grandes, negras e pouco uniformes e vários erros de grafia:

DOUTOR DUMONDAIS CLINICA MÉDICA ESSCELENTE. DE 7 AS 7 HORAS COM CONSSULTA MARCADA. LIGAR 067-8975.

Ricky passou pela multidão, que abriu espaço para deixá-lo entrar. Mais de

um homem tocou a ponta do chapéu na direção dele. Ele reconheceu alguns rostos de alguns clientes mais regulares, e sorriu na direção deles. Os rostos respondiam rapidamente e ele ouviu mais de uma vez alguém sussurrar "Bonjour monsieur le docteur..." Ele apertou a mão de um velho, o alfaiate chamado Dupont, que havia feito para ele um terno de linho curtido, mais elegante do que qualquer coisa que Ricky poderia precisar, depois de conseguir para o velho remédios para a artrite que acometia seus dedos. Como suspeitava, o remédio fez maravilhas.

Quando entrou pela porta da clínica, viu a enfermeira do Dr. Dumondais, uma imponente mulher que parecia ser bastante grande tanto vertical quanto horizontalmente, mas que possuía uma inegável força no corpo e um bom conhecimento sobre remédios caseiros e curas vodu aplicáveis em um grande número de doenças tropicais.

— Bonjour, Hélène — disse Ricky. — Tout le monde est arrivé ce jour.

— Oh, sim, doutor, estaremos ocupados o dia todo.

Ricky balançou a cabeça. Ele praticava o francês da ilha com ela, e ela, por sua vez, praticava o inglês com ele, nutrindo a esperança, como ele sabia, de um dia juntar dinheiro suficiente no cofre que mantinha enterrado no quintal, para pagar a passagem no antigo barco de pesca do seu primo, arriscando-se pelo traiçoeiro estreito da Flórida, seguindo para Miami, onde poderia recomeçar a vida, lá onde, segundo fora informada com segurança, as ruas eram forradas de dinheiro.

— Não, não, Hélène, pas docteur. C'est monsieur Lively. Je ne suis plus un médecin...

— Certo, certo, Sr. Lively. Sei que o senhor já me disse isso várias vezes. Lamento ter esquecido mais uma vez...

Ela abriu um sorriso amplo, como se não entendesse bem o porquê daquilo, mas mesmo assim querendo participar da grande brincadeira de Ricky, que trouxe tanto conhecimento médico para a clínica, e ainda assim não queria ser chamado de doutor. Ricky acreditava que Hélène atribuía aquele comportamento aos estranhos e misteriosos costumes dos brancos e, assim como as outras pessoas que se amontoavam na porta da clínica, ela não dava a mínima em relação à forma como Ricky queria ser chamado.

— Le Docteur Dumondais, il est arrivé ce matin?

— Oh, sim, Monsieur Lively. Ele está no seu, ah, bureau.

— Consultório é a palavra certa...

— Sim, sim, j'oublie. Eu esqueço. Consultório. Sim. Ele está aqui. Il vous attend...

Ricky bateu à porta de madeira e entrou no consultório. Auguste Dumondais, um homem magro e pequeno, que usava óculos bifocais e tinha a cabeça raspada, estava lá dentro, atrás de sua gasta mesa de madeira, do outro lado da mesa de

exames. Ele estava vestindo seu jaleco branco e olhou para cima e sorriu quando Ricky entrou.

— Ah, Ricky, hoje teremos um dia bem atarefado, hein?

— Oui — respondeu Ricky. — Bien sur.

Mas, não é hoje o dia em que você vai nos deixar?

— Só para fazer uma breve visita ao lar. Menos de uma semana.

O doutor, que mais parecia um gnomo, concordou. Ricky viu uma leve dúvida em seus olhos. Auguste Dumondais não fez muitas perguntas quando Ricky chegou na porta da clínica há seis meses, oferecendo seus serviços pelo mais modesto dos salários. A clínica prosperou depois que Ricky foi acomodado em uma sala bem parecida com aquela onde eles estavam naquele momento, arrancando o Dr. Dumondais de sua pobreza autoimposta e permitindo que ele investisse em mais equipamentos e mais remédios. Mais tarde, os dois homens discutiram sobre a obtenção de uma máquina de raio X de segunda mão, em uma liquidação que Ricky havia descoberto. Ricky percebeu que o doutor estava com medo de que o acaso que havia trazido Ricky até sua porta também o levasse dali.

— Uma semana no máximo. Prometo. Auguste Dumondais sacudiu a cabeça.

— Não me prometa nada, Ricky. Você deve fazer o que quer que precise fazer, para o propósito que bem desejar. Quando voltar, continuaremos nosso trabalho — e ele sorriu como se quisesse mostrar que tinha tantas perguntas a fazer que era impossível encontrar uma com a qual começar.

Ricky concordou. Ele tirou seu caderno do bolso largo do calção.

— Há um caso... — disse lentamente. — O garotinho que vi na outra semana.

— Ah, sim — disse o doutor sorrindo. — Claro, eu me lembro. Suspeito que possa interessar a você, não é? Ele tem o que, cinco anos?

— É um pouco mais velho que isso — disse Ricky. — Tem seis. E na verdade, Auguste, você está certo. Esse caso me interessa muito. A criança ainda não falou uma única palavra, segundo a mãe.

— Foi isso que também compreendi. Intrigante, não é?

— Incomum. Realmente.

— E qual é seu diagnóstico?

Ricky conseguia imaginar a pequena criança, delgada como a maioria dos habitantes da ilha, levemente desnutrida, o que também era uma característica típica, apesar de não tão trágica. O garoto tinha um olhar furtivo quando sentou-se diante de Ricky, apavorado mesmo estando no colo da mãe. A mãe chorou amargamente, as lágrimas rolando pelo rosto escuro, quando Ricky fez algumas perguntas, porque a mãe considerava o garoto como o mais brilhante de seus sete filhos, sempre rápido para aprender, para ler e com números, mas ele nunca havia dito uma só palavra. Era

uma criança especial, pensava ela, na maioria das coisas. Ricky estava ciente de que a mulher tinha fama na comunidade de ter poderes mágicos, e que ganhava algum dinheiro extra vendendo poções e amuletos de amor que dizia serem capazes de espantar o mal. Assim, ele compreendeu que, para ela, trazer a criança para ver o estranho homem branco na clínica era uma enorme concessão, que revelava sua grande frustração com os remédios naturais e seu amor pelo menino.

— Não acredito que o problema seja orgânico — disse Ricky lentamente.

Auguste Dumondais fez uma careta.

— O problema da fala dele é...? A frase tornou-se uma pergunta.

— Uma reação histérica.

O pequeno médico negro esfregou o queixo, e passou a mão na careca brilhante de suor.

— Eu me lembro disso, só um pouco, dos meus estudos. Talvez seja isso. Por que acha que seria isso?

— A mãe pode ter passado por alguma tragédia. Quando era mais jovem. Havia sete crianças na família, mas agora só há cinco. Você conhece a história da família?

— Duas crianças morreram, sim. E o pai delas também. Foi um acidente, eu me lembro disso, durante uma grande tempestade. Sim, essa criança estava lá, disso eu me lembro. Essa pode ser a origem. Mas que tratamento podemos usar?

— Vou encontrar um tratamento depois de alguma pesquisa. Também teremos de persuadir a mãe. Não sei se isso será fácil.

— Vai ser muito caro para ela pagar?

— Não — disse Ricky. Ele percebeu que havia um certo intuito no pedido de Auguste Dumondais para que Ricky examinasse a criança, ao mesmo tempo que Ricky tinha planejado uma viagem para fora do país. Era um intuito transparente, mas era um bom intuito, assim mesmo. Ele suspeitava que teria feito mais ou menos a mesma coisa.

— Acho que não lhes custará nada trazer o menino para me ver depois que eu voltar. Mas preciso aprender muito mais coisas antes disso.

O Dr. Dumondais sorriu e concordou.

— Excelente — disse, enquanto pendurava o estetoscópio no pescoço, e depois entregou a Ricky um de seus jalecos brancos.

O dia passou rapidamente e foi tão atarefado que Ricky quase perdeu o voo para Miami. Um homem de negócios de meia-idade, chamado Richard Lively, viajando com um passaporte norte-americano com carimbos de alguns países caribenhos, passou pela alfândega dos Estados Unidos sem nenhum problema. Ele percebeu que não se encaixava em nenhum dos perfis criminosos óbvios, criados principalmente para identificar traficantes de drogas. Ricky considerou que era um

criminoso muito especial e que desafiava qualquer categorização. Tinha reserva no voo das oito da manhã, rumo norte, para La Guardia, então passou a noite no Holiday Inn do aeroporto. Ele tomou um banho longo e quente, e o considerou quase um luxo comparado às acomodações espartanas às quais estava acostumado. O ar-condicionado que desafiava o calor exterior e resfriava seu quarto era um deleite. Mas ele dormiu mal, acordando de vez em quando, virando-se na cama por uma hora antes de fechar os olhos, acordando depois por duas vezes, uma no meio de um sonho com o incêndio de sua casa de campo, e depois quando sonhou com o Haiti e o garoto que não podia falar. Ele ficou deitado na cama no escuro, um pouco surpreso que os lençóis fossem tão macios e o colchão tão fofo, ouvindo o murmúrio da máquina de gelo no hall e ocasionais sons de passos pelo corredor, amortecidos pelo carpete, mas não totalmente. Naquela quietude, recordou da última ligação que havia feito para Virgílio, quase nove meses antes.

Era meia-noite quando ele finalmente percorreu a distância até o quarto barato que ele ocupava nos subúrbios de Provicetown. Ele havia tido uma contraditória sensação de exaustão e energia, cansado pela longa caminhada, agitado com o pensamento de ter saído vivo daquela noite em que devia encontrar a morte. Ele havia se atirado na cama e ligado para o número do apartamento dela, em Manhattan.

Quando Virgílio atendeu o telefone no primeiro toque, ela disse apenas:

— Sim?

— Esta não é a voz que você esperava ouvir — disse ele.

Ela instantaneamente ficou quieta.

— O seu irmão, o advogado, está aí, não está? Sentado do outro lado da sala, esperando pela mesma ligação,

— Sim.

— Então, faça ele pegar a extensão para ouvir.

Alguns segundos depois Merlin também estava na linha.

— Ouça — explodiu o advogado com falsa indignação — você não faz ideia...

Ricky o interrompeu.

— Eu faço ideia de muitas coisas. Agora fique quieto e ouça, porque a vida de todos depende disso.

Merlin começou a falar alguma coisa, mas pôde sentir que Virgílio lançou um olhar em sua direção, calando-o.

— Primeiro, seu irmão. Neste momento ele está no hospital, em Cape Cod. Dependendo da habilidade deles, ele vai ficar lá ou será levado de avião para Boston para fazer uma cirurgia. A polícia vai fazer muitas perguntas a ele, caso sobreviva aos ferimentos, mas acho que terão dificuldade em compreender que

crime foi cometido esta noite, se é que houve algum. Eles farão perguntas a vocês também, mas acho que ele vai precisar tanto do apoio da irmã e do irmão que ama, como também da assistência de um advogado, caso sobreviva. Então, acho que a primeira tarefa de vocês é lidar com a situação dele.

Os dois permaneceram em silêncio.

— Certamente, cabe a vocês a decisão. Talvez deixem que ele cuide dessas coisas sozinho. Talvez não. A escolha é de vocês, e terão de viver com as consequências dessa decisão. Mas há alguns outros assuntos com os quais precisam lidar.

— Que assuntos? — perguntou ela com a voz distante, tentando não mostrar nenhuma emoção, mas Ricky percebeu que aquele tom era bastante revelador.

— Em primeiro lugar, o trivial: o dinheiro que roubaram da minha aposentadoria e das outras contas de investimento. Vocês devolverão aquela soma na conta número 01-00976-2, do banco Crédit Suisse. Anotem. Vocês devem fazer isso imediatamente...

— Ou? — Merlin perguntou.

Ricky sorriu.

— Acho que é sabido que um advogado jamais faz uma pergunta para a qual já não saiba a resposta. Então, devo admitir que já saiba a resposta".

Isso silenciou o advogado.

— Que mais? — perguntou Virgílio.

— Estamos agora em um novo jogo — disse Ricky. — Chama-se jogo da sobrevivência. E foi projetado para que todos nós joguemos. Simultaneamente.

Nem o irmão nem a irmã responderam.

— As regras são simples — disse Ricky.

— Quais são? — perguntou Virgílio suavemente.

Ricky sorriu por dentro.

— Quando tirei minhas últimas férias, eu cobrava dos meus pacientes entre \$75 e \$125 por hora de análise. Em média, via cada paciente quatro, às vezes cinco vezes por semana, em geral por quarenta e oito semanas ao ano. Vocês podem fazer os cálculos vocês mesmos.

— Sim — disse ela. — Estamos a par de sua vida profissional.

— Ótimo — disse Ricky rapidamente. — Então, é assim que o jogo da sobrevivência funciona: cada pessoa que vocês desejam que continue respirando entra na terapia. Comigo. Quem paga, vive. Quanto mais pessoas entrarem imediatamente na esfera da sua vida, mais vocês devem pagar, porque com isso estarão comprando a segurança delas.

— Que você quer dizer com "quanto mais pessoas"...? — Virgílio perguntou.

— Vou deixar que vocês definam isso — disse Ricky friamente.

— Se nós não fizermos como você manda? -Merlin perguntou rapidamente.

Ricky respondeu com uma rudeza completa e absoluta:

— Assim que o dinheiro parar de chegar, deduzirei que seu irmão se recuperou dos ferimentos e que está me caçando novamente. Assim, serei obrigado a começar a caçá-los também.

Ricky ficou calado e depois complementou:

— Ou alguém muito próximo a vocês. Uma esposa. Um filho. Um amante. Um parceiro. Alguém que ajuda a tornar a sua vida normal.

De novo, ficaram calados.

— Quanto vocês querem ter uma vida normal? — Ricky perguntou.

Eles não responderam a esta pergunta, apesar de ele já saber o que iriam dizer.

— É mais ou menos — Ricky continuou — a mesma escolha que um dia vocês me deram. Só que, desta vez, trata-se de equilíbrio. Vocês podem manter o equilíbrio entre vocês e eu. E vocês podem manter essa igualdade com a mais fácil e realmente menos importante das coisas: dinheiro. Então, perguntem a vocês mesmos: quanto vale a vida que quero viver?

Ricky tossiu, para dar-lhes um momento, e depois continuou.

— Essa é, de certa forma, a mesma pergunta que eu faria a alguém que me procurasse para fazer terapia.

Então, ele desligou o telefone.

O céu estava limpo sobre Nova York, e do seu lugar na janela ele pôde ver a Estátua da Liberdade e o Central Park, enquanto o avião deslizou sobre a cidade, aproximando-se de La Guardia. Ele tinha a estranha sensação de que não estava voltando para casa, e sim que estava visitando algum lugar de sonho, há muito tempo esquecido, como se alguém visse o imenso campo onde havia passado um inesquecível e infeliz verão quando criança, chorando no caminho por causa das longas férias impostas por algum parente.

Ricky queria andar logo. Tinha reserva para voltar a Miami no último voo daquela noite, e não tinha muito tempo. Havia uma fila no balcão de locação, e levou algum tempo para a liberação do carro reservado para o Sr. Lively. Ele usou a carteira de New Hampshire, que deveria expirar em seis meses, e imaginou que talvez fosse aconselhável mudar-se de forma fictícia para Miami, antes de retornar para as ilhas.

Levou cerca de noventa minutos em um trânsito leve até Greenwich, Connecticut, mas ele descobriu que as instruções obtidas pela Internet eram precisas até o último milímetro. Achou isso divertido, porque, pensou, a vida nunca é assim tão precisa.

Parou no centro da cidade, comprou uma garrafa de vinho bem caro em uma

loja gourmet. Então dirigiu-se a uma casa em uma rua que seria quase modesta, para os altos padrões de uma das comunidades mais ricas do país. As casas eram simplesmente ostentosas, não chegavam a ser obscenas. Aquelas que se encaixavam nesta segunda categoria ficavam algumas quadras adiante.

Ele estacionou ao lado da entrada, na frente de uma casa estilo Tudor. Havia uma piscina nos fundos e um grande carvalho na frente, prestes a florescer. O sol de meados de março não era muito forte, pensou ele, embora fosse uma leve promessa enquanto se infiltrava por entre os ramos prestes a florescer. Aquela era uma estação do ano estranhamente perturbadora, constatou.

Com a garrafa de vinho na mão, ele tocou a campainha. Não demorou muito para que uma jovem com pouco mais de trinta anos atendesse a porta. Ela usava jeans e um suéter preto de gola olímpica e tinha cabelos cor de areia puxados para trás, mostrando olhos marcados nos cantos, e algumas rugas, provavelmente provocadas pela exaustão, nos cantos da boca. Mas sua voz era suave e atraente, e ela falou, enquanto abria a porta, quase sussurrando. Antes que ele dissesse alguma coisa, ela fez:

— Shhh, por favor. Acabei de colocar os gêmeos para dormir... Ricky sorriu de volta.

— Eles devem dar muito trabalho — disse ele, agradavelmente.

— Você nem imagina — a jovem respondeu. Ela manteve a voz bem baixa.

— Bem, em que posso ajudar?

Ricky mostrou a garrafa de vinho.

— Você não se lembra de mim? — perguntou ele. Logicamente era uma mentira, pois eles jamais haviam se conhecido. — Foi na festa com sócios do seu marido, cerca de seis meses atrás?

A jovem olhou cuidadosamente para ele. Ele sabia que a resposta devia ser não, ela não se lembraria, mas ela era mais educada do que o marido, então ela respondeu:

— Claro, ah, Sr...

— É doutor — disse Ricky. — Mas você pode me chamar de Ricky. — Ele apertou a mão dela e entregou a garrafa de vinho. — O seu marido mereceu isso — disse Ricky. — Fizemos alguns negócios há cerca de um ano e eu gostaria de agradecer a ele e lembrá-lo dos bons resultados do caso.

Ela recebeu a garrafa, um pouco confusa.

— Bem, muito obrigada, Doutor...

— Ricky — disse ele. — Ele vai se lembrar.

Então ele virou-se e, com uma atitude despreocupada, caminhou de volta até o carro alugado. Ele tinha visto tudo o que precisava, aprendido tudo o que precisava. Merlin havia construído uma boa vida para sua família, uma vida que

prometia ser ainda melhor nos dias que viriam. Mas naquela noite, pelo menos, Merlin dormiria mal, depois de abrir o vinho. Ricky sabia que o gosto seria amargo. O medo faz isso.

Ele também pensou em visitar Virgílio, mas em vez disso, simplesmente mandou um florista entregar uma dúzia de lírios no estúdio do filme no qual ela havia conquistado um modesto mas importante papel, em uma rica produção de Hollywood. Aquele era um bom papel, ele constatou, um daqueles que se fosse bem feito, poderia conduzir a outros maiores e melhores no futuro, apesar de ele ter dúvidas de que ela, algum dia, pudesse representar um papel mais interessante do que o de Virgílio. Lírios brancos eram perfeitos. Geralmente as pessoas os mandam para um funeral com nota de condolências. Ele achava que ela sabia disso. Mandou as flores envoltas em laço de cetim preto e incluiu um cartão, que dizia simplesmente:

Ainda pensando em você.

Sem mais, Dr. S.

Ele havia se tornado um homem de poucas palavras.

FIM

Table of Contents

[FOLHA DE ROSTO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[PARTE 1](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[PARTE 2](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[PARTE 3](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)